FACTOS ASSOMBROSOS
NO ESPIRITUALISMO MODERNO

N. B. Wolfe, M.D.

Tradução: Amadeu António

FACTOS SURPREENDENTES

NO ESPIRITUALISMO MODERNO

N. B. WOLFE, M.D.

Tradução: Amadeu António

(In: Edições de 1874 e 1883)

«SUPPRESSIO VERI, SUGGESTIO FALSI.»

Segunda Edição

CHICAGO

CASA EDITORIAL RELIGIOSO-FILOSÓFICA

INTRODUÇÃO

Há muito pouca razão para escrever uma introdução a um livro. O hábito teve origem, sem dúvida, em formalistas fastidiosos, e seria bom honrar o costume «na violação». Para o leitor discriminador, que decidiu ler a obra, é uma afronta dizer: «Eu sou aquele que escreveu este volume, e, com receio de que possas ignorar ou não descobrir os seus méritos, apontá-los-ei para as tuas faculdades obtusas.»

Se o leitor espera que eu me entregue a tal «conversa fiada» tolo, pode bem descobrir o seu erro de imediato. Escrevi sem medo sobre factos rudes e agressivos, que atacam o Erro em lugares altos. Por este serviço, espero ser difamado. Mas que importa isso? O louvor e a censura alternam na vida dos homens; mas a Verdade não tem variabilidade nem sombra de mudança.

Tenho a honra de registar alguns fenómenos assombrosos e significativos que ocorrem no Espiritualismo Moderno, os quais, na minha opinião, anunciam o amanhecer de uma era nova e importante para o mundo. É por isso que lhes dou a proeminência que dou.

Que efeito este registo terá sobre a mente pública, pouco me preocupa. A Verdade tem um bom carácter e pode cuidar de si própria. As pessoas que entretêm opiniões que valem alguma coisa não se

separam delas facilmente; aquelas que não têm opiniões dificilmente serão influenciadas por algo que eu tenha escrito.

A multidão delega o seu pensamento no Papa infalível, no Pregador, no Político e na Imprensa. Elas não correm perigo de serem desencaminhadas por este livro. Os pastores têm interesse no seu rebanho e velarão para que nenhum se afaste do aprisco.

Os pastores serão os mais perturbados e farão o maior clamor de «lobo! lobo!». O malfeito tornou as suas consciências morbidamente sensíveis ao medo.

O crítico de livros dirá que muito do conteúdo deste volume poderia ter sido omitido com proveito. Não partilho desta opinião; caso contrário, o livro não seria o que é. Toda a verdade é valiosa para o mundo; e se eu suprimisse uma parte dela, seria eu menos do que um covarde moral, ou um bajulador de um sentimento público depravado e sempre mutável?

Como registador de factos, não tenho discrição senão declará-los de forma justa. O meu dever é arranjá-los para a inspeção clara do olho da mente. Se falhei nisso, lamento sinceramente a minha incompetência e serei servo de qualquer homem que me ensine melhor. Experimenta, meu mestre! Apresentemos toda a verdade que pudermos ao mundo; pois a tribulação do seu grande coração tem a sua fonte em visões pervertidas da vida.

Todo o esforço que fazemos para dissipar o erro dá um novo impulso ao gozo social e aumenta o stock agregado da felicidade humana.

Alguns homens têm opiniões pessoais; entre eles, eu. Estas expressei, sem reserva, ao longo deste volume. Não importa se o leitor gosta delas ou não. Não as imprimi para a sua aprovação, mas porque são convicções cristalizadas da minha mente. Queres que eu escreva uma coisa e pense outra? Queres que eu pregue aquilo que não ouso praticar? Torna-me escravo, mas não me ensines a ser vilão! Lacerai as minhas costas, mas não quebreis o meu espírito para a falsidade!

Eu sou o que sou! Todos os homens devem exprimir os seus pensamentos mais bravos na causa da Verdade.

Vi uma multidão de dez mil homens furiosos decididos a matar Wendell Phillips nas ruas de Boston. Era composta pelos filhos imaturos e podres daqueles malfeitores que tinham atacado Garrison vinte anos antes, e que mais tarde significaram a sua vontade de colocar um gancho de ferro nas mandíbulas de Theodore Parker. Queriam matar Phillips porque ele pronunciou que a Imprensa e o Púlpito eram os ecos servis da multidão, e ambos uma degradação e desgraça para a civilização da era.

Primeiro, tentaram suprimir o seu discurso destemido no Music Hall; mas, contorcendo-se sob a tortura das suas incisivas sátiras, correram uivando para as ruas, brandindo as suas armas de assassínio à luz do sol de um domingo de Verão. Aqui, também, o eloquente defensor da liberdade de expressão encontrou a «multidão do prefeito»; e quão nobremente ele vindicou o direito de todo o homem a ser ouvido na defesa da Verdade, é matéria de história.

A segurança pessoal já não é posta em risco ao falar e escrever a verdade. Quando a escravatura física foi abolida neste país, a condição mental de todos os homens, brancos e negros, melhorou. A Proclamação de Liberdade teve uma aplicação mais abrangente às necessidades humanas do que o Sr. Lincoln pretendia. Ele escreveu «mais sábio do que sabia», e instigou a raça a um passo em frente que nunca pode ser retrocedido.

Nem as multidões nem a opinião pública são agora consideradas como os expoentes das verdades eternas de Deus. A estaca, o laço e a roda já não intimidam os homens de falar a verdade. Os tempos mudaram, e os homens mudam com os tempos.

Não há muitos anos, uma obra deste carácter teria sido considerada herética — cuja pena, que o puro espírito de Michael Servetus, da sua sublime morada, declare. Mesmo agora, não é de modo algum certo que os «divinos helvéticos» se tenham tornado uma raça extinta. Eles existem no espírito de toda a seita, e, se não fossem impotentes em poder, prescreveriam a queima como remédio para toda a heresia ou infidelidade aos seus dogmas. Como está, contentam-se em consignar todos os dissidentes a assados póstumos.

N. B. W.

PREFÁCIO

ESTE livro contém um registo de fenómenos mentais e físicos presenciados pelo autor, para os quais se reivindica uma origem sobrenatural. Pode ser apropriadamente chamado um Diário da sua experiência pessoal durante vinte e cinco anos, enquanto investigava as várias fases do espiritualismo moderno.

Ao fazer as suas pesquisas neste departamento da ciência humana, ele não negligenciou nenhuma oportunidade justa para obter a informação mais fiável pertencente aos factos apresentados aos seus sentidos e apelando ao seu julgamento para endosso.

O seu objetivo tem sido determinar por testemunho indubitável se «ao morrer um homem ele poderá viver de novo», e, se assim for, lhe será possível tornar conhecido o facto da sua existência àqueles que habitam na terra?

Quando começou a prosseguir estas indagações, não tinha evidência fiável de que houvesse qualquer vida após a morte ter fixado o seu selo sobre a forma humana. Na sua opinião, toda a existência animal dependia da presença do «sopro animador», e na sua ausência o coração parava, a consciência era perdida, e o sol da vida punha-se num céu ateísta — uma noite sem raios e eterna.

Ele não era ignorante das garantias bíblicas e eclesiásticas da existência de uma vida após a morte; mas estas eram tão vagas, contraditórias ou fantasticamente declaradas, e a herança do seu Utopia sujeita a tantas contingências de «expiações vicárias» e «planos de salvação», que elas, em vez de removerem as suas dúvidas, confirmavam a sua descrença. Escritores e oradores havia em abundância, cada um defendendo algum «esquema» ou «plano» individual para assegurar os confortos da vida após a morte; no entanto, no seu zelo para ganhar os «potes de carne», negligenciaram apresentar a «prova palpável» de que uma vida após a morte realmente existia.

Por essa omissão, deixam uma pedra de tropeço no caminho de milhões. Em sensato acordo com um ateu alemão, pode ser perguntado: «Qual é a utilidade de falar sobre 'planos' e 'esquemas' para ganhar a vida após a morte, quando não há vida após a morte?»

Não se pode apanhar baleias num lago de moinho, porque não há nenhuma lá para ser apanhada. Há um velho adágio que diz: «Nunca cozinhes uma lagosta até a apanhares.»

Nenhuma mente viril pode acreditar sem evidência. A fé imaterial não criará factos materiais. O facto deve existir primeiro, então podes ter fé nele. É inútil tentar aterrorizar uma mente livre com a pena sacerdotal da descrença — «danação para a alma». Ela não será assustada para a admissão de uma mentira monstruosa. Na sua fúria, os sacerdotes podem amaldiçoar o homem que inabalavelmente se mantém pela retidão do seu próprio coração até que as suas gargantas rachem com profanidade; mas não podem queimar um cabelo da sua cabeça, e os maníacos sabem-no.

O anterior mostrará a condição escura da mente do autor quando começou a estudar o alfabeto da literatura espiritual, consistindo em «inclinações de mesa» e «batidas de espíritos». Tais manifestações eram de profundo interesse para ele até que os médicos de Buffalo e os sacerdotes de Rochester descobriram que as «inclinações e batidas» eram produzidas pelos dedos dos pés de dupla articulação das raparigas Fox. Pensava-se que esta exposição erudita dos impostores seria fatal para o Espiritualismo, e assim, após estenderem a sua forma e aspergirem água benta no seu rosto, «consignaram-no ao túmulo dos Capuletos», nunca mais para ser ressuscitado.

Nesta exibição de alta farsa e baixa comédia, vemos de que maneira a ciência e a religião saudaram as manifestações espirituais há vinte e cinco anos nas cidades de Buffalo e Rochester, Nova Iorque.

Se estes indivíduos tivessem sido competentes para interpretar corretamente «as inclinações e batidas» dos invisíveis, em vez de se entregarem a tal «conversa fiada» tola para agradar idiotas e acalmar os fantasmas, teriam dirigido aos seus semelhantes com candura e dito-lhes francamente, pelo bem da verdade, para investigar estas manifestações misteriosas de poder e inteligência com cuidado e paciência, porque se elas se originam com espíritos, como reivindicado, e declaram a veracidade da vida após a morte, nada pode impedir o seu reconhecimento final e aceitação universal.

A Verdade é um princípio positivo, que permeia e sustenta todos os fenómenos da natureza, e é ao mesmo tempo tanto o dom como a glória da alma humana. A mente, na perseguição da verdade, elevar-se-á a pináculos elevados de pensamento, e não encontrará lugar de repouso senão no seio das verdades eternas. Ela escala alturas empíreas para contar as estrelas, e não ficará satisfeita até que um conhecimento das leis que regulam os seus movimentos seja obtido; quando deixada sem entraves pelo medo, e não degradada pela ignorância e superstição, criará forças que farão a alma humana desenvolver-se em beleza e graça, e crescer em força intelectual e grandeza moral, até qualificada para tomar a sua posição naquele celestial Valhalla onde se realiza o senado dos deuses.

Como já insinuado, este livro contém um relato de fenómenos assombrosos e significativos que ocorreram na presença do autor. Na sua opinião, estas manifestações do mundo espiritual proclamam o amanhecer de uma nova era na história da raça humana, cuja importância para os melhores interesses dos homens ele não pretende estimar.

Enquanto fazia este registo, não parou para considerar a influência que pode exercer sobre as mentes dos homens. A Verdade tem um bom carácter para cuidar de si própria. Bastava-lhe saber que estava a lidar com factos, e o seu dever era simplesmente arranjar estes factos para a inspeção crítica do olho da mente. Se falhou em prestar este serviço bem, ninguém deplorará mais sinceramente a derrogação do que ele próprio; pois a tribulação do grande coração do mundo encontra a sua fonte em visões pervertidas da vida, e todo o esforço bem-sucedido para suplantar a ignorância com o conhecimento salva a humanidade da dor física e da angústia mental.

Ver-se-á ao longo do livro que o autor não hesitou em exprimir livremente as suas opiniões pessoais sempre que a ocasião parecia requerer. Fez isso sem vista a mendigar favor para os factos apresentados; nem se importa se o leitor gosta delas ou não. Escreveu-as porque são convicções cristalizadas da sua mente, e não faz esforço para disfarçá-las em superfluidade palavrosa.

Pede ao leitor ingénuo que discrimine entre as opiniões do autor sobre um facto e o facto em si. As primeiras são de pouco valor, porque

são pessoais, e podem ser desviadas da linha de prumo da retidão pelas comuns infirmidades da natureza do homem; mas as últimas são de interesse primordial para todos os homens, porque coexistem com todos os tempos, não procurando lugar nem aplauso, nem curvando-se em qualquer santuário humano. Devem ser esposadas com amor e servidas com reverência.

146 Smith

CINCINNATI Rua 11,

Julho, 1875

CAPÍTULO I

RECORDAÇÕES PESSOAIS DE FEITICEIRAS, BRUXAS E BRUXARIA

UMA crença no sobrenatural prospera melhor numa atmosfera de ignorância. É peculiar aos instintos infantis da nossa natureza, e nunca atinge um crescimento robusto e desenvolvimento quando os pulmões da nossa maturidade estão plenamente expandidos. Na verdade, não há poder numa tal crença; pois todas as falsidades tendem a degradar e enervar a alma.

As minhas recordações pessoais de bruxas e bruxaria devem, portanto, estar associadas à minha infância, ou instintos infantis, e não aos anos mais maduros da vida, quando a mente pensante é sustentada pelos seus juízos e mantida firmemente pelas suas convicções.

Lembro-me, quando criança, de ter a minha curiosidade excitada ao ver ferraduras de cavalo pregadas sobre as portas de várias casas na minha cidade natal, e a perplexidade da minha mente ao tentar descobrir o propósito para o qual estavam pregadas ali. A curiosidade numa criança só pode ser sustentada durante o período de adolescência mental; quando a mente começa a avivar-se com os seus novos poderes, exige conhecimento, como a flor que se desdobra exige luz e calor.

Assim, comecei a fazer perguntas a pessoas idosas em relação às ferraduras: para que eram colocadas; e quem as pregava ali? Não demorou muito até obter a informação desejada; pois quase toda a

gente a quem falava em relação a este assunto me dizia que eram colocadas ali para «manter as bruxas fora!».

«Manter as bruxas fora!», disse eu; «o que são bruxas? Para que querem mantê-las fora? Para que querem as bruxas entrar? O que farão se entrarem? Não podem entrar noutras casas que não têm ferraduras sobre as portas? Como é que as ferraduras as mantêm fora?» — e uma centena de outras perguntas a que a minha fantasia infantil dava origem.

As bruxas, informaram-me, podiam lançar feitiços sobre as pessoas; podiam fazer as pessoas adoecerem ou sararem, conforme se sentissem inclinadas; que podiam assumir qualquer forma que quisessem (às vezes entravam num gato preto, ou num cão preto); que viajavam pelo ar, montadas numa vassoura; e se alguém as ofendesse, tal ofensor elas certamente destruiriam.*

*Poderia haver uma exibição mais graciosa de ignorância e preconceito do que a encontrada no discurso frequentemente citado do Bispo Jewel, proferido na presença da Rainha Isabel, há mais de trezentos anos (1558): «Possa agradar à vossa graça entender que bruxas e feiticeiros, nestes últimos quatro anos, aumentaram maravilhosamente no reino de vossa graça. Os súbditos de vossa graça definham, até à morte; a sua cor desvanece; a sua carne apodrece; a sua fala fica entorpecida; os seus sentidos são privados. Rogo a Deus que nunca pratiquem mais do que sobre o súbdito.»

«Mas quem são as bruxas?», perguntava eu, resolvendo não me expor aos seus ressentimentos, se pudesse possivelmente evitar fazê-lo.

«Bruxas!», disse o velho Sam Wade para mim, enquanto nos sentávamos juntos num tronco atrás do celeiro de Sam Heise, enquanto ele atava a braçadeira de um malho com uma pele de enguia; «ora, a velha Bets Parks é uma bruxa! Não conheces a velha Bets Parks?».

«Ora, não!», disse eu; «onde vive ela, Sr. Wade?».

«Viver? Ora, ela vive naquela velha cabana de tábuas, lá nos comuns, perto de Malson's.»*

«É a mãe de Jake Pugh?», disse eu.

«Sim, é ela; ela é a bruxa. Nunca viste aquele buraco na bochecha dela?».

«Sim!», disse eu, com ansiedade; pois já começava a temer que ela pudesse estar por perto, a ouvir a nossa conversa.

«Bem, foi ali que ela foi atingida com uma bala de prata! Vês, não se pode matar bruxas com balas de chumbo. Colocas uma arma mesmo contra a cabeça delas, e disparas, e não as afetas. Elas só riem de ti através do fumo. Elas só podem ser mortas com balas de prata; e tens de obter a prata para fazer as balas da própria bruxa; então podes atingi-las.».

«Quem atirou na velha Sra. Parks?», indaguei.

«Ora, o Tio Joe Hinkle fez isso; mas não a matou — só a atingiu através da cara. Aquele buraco na bochecha dela é onde a bala de prata entrou; e nunca saiu!».

«Nunca saiu! Ora, o que aconteceu a ela?».

«Ó, ela engoliu-a. Vês, a velha Bets enfeitiçou um dos cavalos do Tio Joe, e ele caiu na estrada e morreu. Vês, no dia antes de o cavalo morrer, a velha Bets *(imagem da bruxa que o povo alimentava)* foi à casa do Tio Joe para comprar uma galinha; mas ela só queria enfeitiçar algo. O Tio Joe tinha medo dela; por isso vendeu-lhe uma galinha preta velha por um valor irrisório.

Assim, vês, quando o cavalo morreu, então ele soube de imediato que a velha Bets tinha enfeitiçado aquele cavalo; e o que fez o Tio Joe, senão fazer uma bala de prata *(que no folclore popular antigo era usada para desfazer encantos de magia),* e carregar a sua grande espingarda de patos com a bala? Ele foi ao celeiro e desenhou com giz uma imagem da velha Bets na porta do celeiro. Depois disse: 'Velha Bets Parks, vou atirar em ti, tua velha bruxa!' Então disparou, e atingiu-a na bochecha. Na manhã seguinte, a velha Bets tinha um grande buraco na bochecha; e está lá até hoje. Foi assim que ela ficou com o buraco na bochecha.»*

Esta história maravilhosa teve um efeito maravilhoso, e causou uma impressão duradoura na minha mente. Por mais cético que eu possa ter crescido com o desenvolvimento mental subsequente, nunca duvidei da sinceridade da crença do velho Sam no que disse, embora as

declarações fossem tão logicamente soltas nas juntas como uma cana flexível. Ainda assim, durante muito tempo, a minha fé na existência de bruxas não foi inteiramente destruída. As impressões precoces são difíceis de superar; parecem colar-se ao osso mesmo, e penetrar na medula da nossa mente.

Assim, quando li pela primeira vez a «História da Bruxaria da Nova Inglaterra» de Cotton Mather, as minhas simpatias foram alistadas para as vítimas que haviam caído sob o interdito da «arte negra», não para as «bruxas». Em plena simpatia com Sir Matthew Hale, pensei que o homem que não acreditava em bruxaria era «um saduceu obstinado, e deveria ser tornado feliz na sua descrença com um pouco de assado». Embora não fosse muito um estudante bíblico, ainda assim a história da mulher que tinha um espírito familiar, e que foi empregada por Saul para consultar o falecido Samuel acerca do resultado do seu confronto com os Filisteus, era autoridade suficiente para basear a minha crença, naquela época precoce.

Que maravilha, então, se na vida posterior, quando o assunto de bruxas ou bruxaria vinha ao meu conhecimento, eu aguçava os ouvidos para ouvir tudo o que era dito. E isto leva-me à minha primeira experiência com uma bruxa verdadeira, cujos pormenores declararei tão brevemente quanto possível, como vieram sob a minha observação pessoal:

Em 1844, era estudante de medicina em Ebensburg, Condado de Cambria, Pensilvânia. Esta cidade está localizada no cume de um dos montes ondulantes tão comuns na encosta ocidental dos Alleghanies, cerca de oito milhas a noroeste de Cresson, o famoso retiro de montanha para excursionistas de Verão, e moribundos hipocondríacos.

Uma manhã, antes de os cabeças sonolentas da cidade terem aberto os olhos, um velho galês robusto bem conhecido pelo nome de Lloyd, que vivia a cerca de três ou quatro milhas a oeste da aldeia, fez os passeios de tábuas rangerem com as suas pesadas botinas, enquanto seguia o seu caminho pela rua principal em busca de um magistrado. Sendo um madrugador, encontrei o valente velho agricultor, e dei-lhe um animado «bom-dia», antes de qualquer outro peão ter aparecido à vista. Ele indagou pela casa do Esquire Roberts, que eu lhe indiquei.

«Mas o que se passa, Sr. Lloyd, para que estejas à procura do Esquire Roberts tão cedo da manhã?», perguntei.

Aqui ele limpou o suor da testa, e pareceu um pouco confuso quanto a como responder.

Disse eu: «O excelentíssimo não se levantará por uma hora ainda; por isso terás de esperar um pouco.».

Ele sentou-se então numa caixa de loja, e, olhando-me fixamente na cara, disse:

«Acreditas em bruxas?».

«Certamente», disse eu, «embora nunca tenha visto senão uma.».

O seu olho iluminou-se, enquanto lhe contava sobre a velha negra, Betsy Parks; mas derivou muito pouco conforto da minha declaração de que elas possuíam um carácter ubíquo, e só podiam ser mortas ao serem atingidas com uma bala de prata da maneira já descrita.

Ele não queria matar Tom Evans, disse; mas queria que o esquire o metesse na prisão!

«O que fez Tom Evans, para que queiras metê-lo na prisão?», perguntei.

«Ele enfeitiçou a minha criança, e temo que a mate», disse o velho, com um suspiro de desespero.

«De que maneira, Sr. Lloyd, Tom Evans enfeitiçou a tua criança?», perguntei, em parte por curiosidade, admito, e em parte com o desejo de desiludir a sua mente do medo absurdo sob o qual laborava.

«Ó, de muitas maneiras», disse ele. «Ela fala e canta toda a noite; e quando se deita para dormir, ele arrasta as roupas da cama dela, e rasga o vestido dela, e ata-os em nós. Atira os pratos para ela à mesa, e quebra-os no chão.».

Isto, e muito mais, declarou o velho, sem manifestar qualquer sintoma de insanidade no seu olhar, maneira ou fala. Era um homem trabalhador, simples, sensato, mas iletrado. Tinha ido para os bosques com um braço forte, um coração corajoso e um machado pesado. Tinha aberto uma via para o sol brilhar sobre a terra e frutificar o seu seio.

Tinha construído a sua casa de troncos, e estava agora a criar uma família de crianças, para serem o seu conforto na velhice. Não tinha nem habilidade nem tempo para brincar, mas estava mortalmente sério quando preferiu a acusação de bruxaria contra o seu vizinho, Tom Evans.

Tom Evans era também um agricultor, com hábitos mais parecidos com os de Rip Van Winkle do que os de Lloyd. Ao contrário de Rip, no entanto, era bastante um estudante, e era o dono de um velho volume ilustrado sobre Astrologia, no qual uma cena de encantamento era representada, mostrando o encantador e o encantado a possuírem cornos, caudas e cascos fendidos. Havia uma semelhança notável na sua aparência geral. Numa ocasião, quando Lloyd fazia uma visita amigável ao seu vizinho, encontrou-o a ponderar sobre este livro, quando Evans, com os seus gracejos, exclamou: «Este livro ensina um homem a invocar o diabo. É a ciência da 'arte negra'!

Posso transformar qualquer homem num cavalo, se quiser, e montá-lo toda a noite através de pântanos e represas de moinho, como uma besta selvagem.». Isso foi suficiente para Lloyd. A imagem terrível foi impressa de forma demasiado vívida nas tábuas da sua imaginação sem brilho. Daí em diante, temia Evans, e evitava-o. Esta apresentação dos dois vizinhos «rústicos» deve bastar. O conhecimento aqui transmitido assistirá o leitor inteligente a formar conclusões mais racionais do que de outra forma poderia fazer.

O Exmo. Roberts ouviu a história de Lloyd, e ficou perplexo. Não havia estatuto sob o qual estivesse autorizado a prender um feiticeiro, que não tivesse sido revogado. Nem mesmo podia reclamar autoridade da lei inglesa; pois o ato de Henrique VIII, que adjudicava «toda a bruxaria e feitiçaria como crime, sem o benefício do clero», havia sido há muito removido dos livros de estatutos do Reino. Mas, lei ou não lei, Lloyd tinha decidido que Evans era um feiticeiro, e tinha, como alegava — infelizmente para si e para a família — prova demais de que estava a praticar a sua detestável «arte negra» numa das suas crianças; e portanto exigia um mandado para a sua prisão.

Ebensburg não é uma cidade grande, e não requereu muito tempo para que a história de Lloyd fosse conhecida por todo o homem, mulher e criança no lugar. Era curioso ver quão depressa as pessoas se

dividiram em partidários sobre este assunto de bruxaria; e não faltava zelo manifestado de nenhum lado da questão. Para satisfazer Lloyd, e aliviar o Exmo. Roberts de um dilema desagradável, um grupo de dez homens voluntariou-se para ir para casa com Lloyd, prometendo, se encontrassem a evidência de bruxaria, como representada, e a cumplicidade de Tom Evans com a mesma claramente estabelecida, prendê-lo, e metê-lo na prisão.

- As bruxas vivem sempre em cabanas, ou lugares decadentes, fora do caminho. Uma morada de uma Pitonisa é assim admiravelmente descrita por Spenser, na «Rainha das Fadas»:

«Ali, num vale sombrio e oco, ela encontrou Uma pequena cabana construída de paus e canas, De modo caseiro, e murada com torrões ao redor; Na qual uma bruxa morava, em vestes repugnantes E penúria voluntária, descuidada das suas necessidades. Assim escolhendo solitude para residir Longe de todos os vizinhos, para que os seus feitos diabólicos E artes infernais do povo pudesse esconder, E ferir ao longe desconhecido quem quer que invejasse.»

**O «buraco» na bochecha da velha negra era a cicatriz profunda de um velho abcesso.*

Esta proposição encontrou favor de imediato; assim, o Xerife Murray, George Zahm, Charles Litzinger, Alexander Cummings, John Blair, George Harncame, James M'Guire, Andrew Lewis, Edward Mills e eu próprio fomos o posse comitatus autoconstituído que se voluntariou no serviço. Lloyd foi para casa de imediato, e nós seguimo-lo algumas horas mais tarde no dia.

Quando chegámos à sua casa, encontrámo-lo num estado de espírito quase impotente de medo. Encontrou-nos à porta, e, a julgar pela sua maneira, parecia depreciar a notoriedade que havia dado a si próprio e à família. No entanto, manteve firmemente que as declarações que havia feito eram verdadeiras, e expressou a sua aprovação pela nossa vinda, pois agora podíamos «ver por nós próprios». Esse era o sentimento de todos os presentes — ver por nós próprios.

A casa era construída de troncos, sem reboco — dois quartos no rés do chão, e um piso de sótão, alcançado por uma escada. Neste sótão

dormiam as crianças mais velhas. Um dos quartos no rés do chão era usado para propósitos gerais da família, abrangendo cozinha, sala de jantar e sala de estar. Estava mobilado com uma mesa grande e rígida, duas ou três cadeiras, dois bancos, uma prateleira para pratos, e um canto junto à ombreira exterior da chaminé estava cheio de barris e tralha. O outro quarto continha uma cómoda simples, uma mesa, duas camas — uma cama de rodízios — e um número de fatos domingueiros pendurados em cabides fixados nos troncos da parede. Uma sela e uma brida também decoravam um dos cabides.

O inventário foi logo feito; e ao entrarmos na cozinha-sala de estar, «dez homens fortes», os juvenis abriram os olhos, com grande espanto nos rostos. Uma pequena conversa social depressa pôs toda a gente à vontade, quando estávamos preparados para testemunhar e prestar testemunho imparcial ao que quer que fosse apresentado. Claro que o nosso interesse se centrava na criança enfeitiçada, que era a mais velha e maior do grupo de seis crianças de cabelo loiro desgrenhado à nossa frente. Era uma rapariga robusta, de aspeto saudável, de doze anos, e grande para a sua idade. O seu cabelo, um tom mais escuro do que o das irmãs e irmãos mais novos, pendia solto sobre o pescoço, emaranhado e descuidado.

Havia uma expressão pensativa no seu rosto e nos grandes olhos escuros, nos quais se podia olhar como num poço de água clara, e imaginar qualquer coisa. Esta criança era muito amada pelos pais; a sua disposição, diziam eles, era doce, como os seus modos eram gentis. Estava no centro do grupo, encolhendo-se timidamente do nosso olhar inquisidor, bastante consciente de que era o objeto de supremo interesse para todos nós.

Depois de a nossa escrutínio ter sido satisfeito, as outras crianças foram chamadas para longe dela, e ela foi deixada sozinha. Estava descalça, e o seu vestido — um linho-lã caseiro — mal chegava aos seus tornozelos robustos. Tinha ultrapassado várias pregas, que haviam deixado marcas brilhantes de bainha no fundo da saia. Mal tivemos tempo para fazer estas observações, quando o primeiro sintoma de bruxaria fez a sua aparição. A cerca de seis pés da criança, num banco de madeira, estava um balde de patente cheio de água. Este começou a mostrar sintomas de inquietação, o balde balançando no seu fundo

quadrado. Depois de fazer dois ou três esforços para deslizar ao longo do banco, inclinou-se e caiu no chão, enviando o seu pequeno dilúvio aos nossos pés.

Este foi o início do problema. Claro que examinámos o banco de madeira e o balde, mas não descobrimos nada que suscitasse a menor suspeita de truque. Como o «Velho Rascunho» o balde foi propelido para o desempenho de tal proeza, intrigou as nossas inteligências. Não podíamos ver nada pelo qual a gravidade do balde pudesse ser perturbada — nenhuma desigualdade nas pernas do banco, nem depressão no chão; e no entanto, ali jazia o balde, e a água ainda parada em poças aos nossos pés!

A proeza foi bastante interessante para vários cavalheiros meio assustados; e a sua surpresa não diminuiu um pouco quando uma das cadeiras na sala fez primeiro uma vénia e depois um arranque de onde estava, em direção à criança, que estava a cerca de seis pés dela. Quando metade da distância havia sido percorrida, a cadeira parou, como se considerasse a propriedade do seu estranho comportamento, balançou algumas vezes nas pernas de trás, depois caiu no chão.

Presto um testemunho alegre ao facto de que a cadeira projetou este movimento pela sua própria vontade e acordo, sem qualquer ajuda, conselho ou encorajamento de qualquer ser visível na sala; e deve ser considerada sozinha responsável por quaisquer fraturas, contusões ou lesões nas pernas, costas ou pedestal, que possa ter sofrido.

O veredicto geral dos jurados reunidos foi que o diabo estava na cadeira; mas se no fundo, nas costas ou nas pernas, ou todos juntos, não podíamos decidir.

Esta manifestação diabólica pôs-nos a todos mais ou menos num «tremor sinistro», e começámos a olhar para a menina com algo como medo e tremor. A pobre criança encostou-se então à ombreira da chaminé, sobre a qual estava uma tábua servindo de cornija. Era uma prateleira sobre a qual todos os tipos de armadilhas haviam sido colocados. Alguns velhos livros galeses, um dos quais era uma Bíblia Sagrada, tomaram a noção de «levantar Caim», e fizeram um movimento percetível em direção ao meio do chão.

Conseguiram admiravelmente as suas intenções, se as antecipei corretamente — a Bíblia um pouco à frente, pois era a mais vivaz. Depois vieram vários pares de meias por cerzir, sem pernas carnais nelas; e foram rapidamente seguidos por uma velha lâmpada de bruxa, como uma luz aos seus pés. O valor daquela prateleira para propósitos de gestão doméstica nunca será estimado com precisão. Não havia fim, aparentemente, para as armadilhas que voavam daquele poleiro. Um castiçal japoneado arrancou, como se subitamente chutado na ponta, e aterrou desagradavelmente perto dos nossos pés.

Depois algumas panelas de lata, pratos de tarte, começaram uma expedição de raspagem, e não se podia dizer exatamente onde acertariam; por isso começámos a esquivar e baixar, e desviar e inclinar, como se prestássemos uma obediência mais respeitosa ao «Velho Nick» em pessoa. A ocasião estava cheia de interesse, e estávamos a passar um tempo feliz com isso. Uma velha roda de fiar, do tipo grande e trotante — que gira enquanto se corre para trás, e fia um novelo de fio num minuto ou mais — começou agora a fazer piruetas rodando no seu centro com uma velocidade que era «estonteante» de ver; e se a periferia tivesse partido pelo ímpeto, teria sido «estonteante» de sentir, por alguns de nós que estávamos na linha do seu movimento. Depois de espalhar o chão com os fragmentos de alguns pratos de jantar, o desempenho interrompeu-se, e os espetadores adiaram para o exterior da casa para consulta.

«Não bate o diabo?», disse um.

«É o diabo», disse outro; «e ele não pode bater-se a si próprio, pode?».

«Exatamente; mas e o velho Tom? Achas que ele anda a voar por aqui numa vassoura, um príncipe do poder do ar? Se é o Tom, não é o diabo! Se é o diabo, não é o Tom!», disse a lógica.

«Isso é um facto», disse o xerife. «Acho que é melhor não perturbarmos o velho Tom, se quisermos manter-nos fora de problemas.».

Bem aqui a nossa curta conferência foi interrompida pela aparição de Lloyd à porta, acenando-nos para entrar, pois a confusão havia recomeçado. Assim entrámos, e descobrimos desta vez que as

manifestações haviam sido transferidas da cozinha-sala de estar para o quarto contendo as camas. Ao entrarmos, a primeira coisa a prender a minha atenção foi a velha sela e brida penduradas no cabide. A brida veio chocalhando para o chão primeiro, com um ruído estridente; depois, logo a seguir, os estribos da velha sela começaram a tremer; as abas estenderam-se como as asas abertas de uma águia, e a sela, literalmente elevando-se como um enorme pássaro, varreu, com as suas asas de couro estendidas, do seu poleiro no alto do cabide para o meio do chão, bastante perto de onde a criança estava. Se o diabo estava sentado naquela sela, certamente recebeu algumas contusões na queda.

A seguir, a cama de rodízios começou a exibir sintomas de tribulação, ou uma fantasia de mostrar a sua agilidade aos nossos olhos atónitos. Primeiro fez um arranque para dentro do quarto, inteiramente livre da cama-mãe que a cobria, de uma maneira mais viva; mas como nada tinha a dizer, e não ofereceu explicação para a sua intromissão, nem desculpa pela sua rudeza, foi forçosamente empurrada de novo para debaixo da cama grande, a meio caminho. Neste momento, pareceu assumir os amuos — ou talvez seja melhor dizer, a disposição da mula — e não iria mais longe por compulsão. Isto pôs dois do nosso grupo no seu melhor, que empurraram com força suficiente naquela estrutura de cama para a terem enfiado através de portões adamantinos, embora guardados por querubins ou serafins; mas a cama de rodízios parecia imóvel.

Durante vários minutos o resultado foi incerto; era uma espécie de concurso «puxa-Dick, puxa-diabo», quando, enquanto os rapazes sopravam e recuperavam o «segundo fôlego», sem ajuda ou cumplicidade, a caminha foi direita para debaixo da grande, por si própria, tão naturalmente como um gatinho vai para debaixo da gata mãe! Tendo realizado esta proeza voluntariamente, este poder demonstrou a sua satisfação batendo no chão debaixo da cama, como se com um malho abafado.

Isto terminou o espetáculo de bruxa no dia da minha visita, e para todos os presentes a ocasião havia sido de estranho e absorvente interesse. A evidência de um poder existente, embora invisível aos nossos olhos naturais, bastante capaz de fazer mal, era aparente para

todos. A questão era agora seriamente discutida: O que poderia ser? Que objetivo poderia ser atingido ao importunar esta família de gente pobre, e assustá-los para fora das suas mentes? Alguns pensavam que a criança era uma bruxa! Outros simpatizavam com a crença de Lloyd, de que a sua criança era simplesmente a vítima da «arte negra» de Evans!

Mas então alegava-se que nenhum mal era feito à criança, salvo apenas um pouco de susto; e que as coisas que havíamos testemunhado pareciam agir por uma volição própria. Claro que nenhuma conclusão inteligente podia ser atingida. Quanto mais o assunto era discutido, mais opaco o tema inteiro parecia. Havia suficiente superstição, no entanto, no grupo para atribuir as coisas que havíamos testemunhado francamente à bruxaria; embora quando chamados a dar o raciocínio desta crença, nenhum pudesse ser dado. A atribuição era uma mera substituição de termos por diabo.

Mas não seria melhor não dar nome a este poder, até que o manto da ignorância seja levantado das nossas mentes, e possamos ver com visão mais clara a causa oculta? Uma crença no sobrenatural deixou de ser parte do meu código mental quando deixei de ser criança. «TODAS AS COISAS SÃO GOVERNADAS PELA LEI!» tem sido o axioma sobre o qual a minha mente tem repousado, com um sentido de inteira segurança, por muitos anos. Fora da lei, não pode haver nem ordem nem justiça — no céu, ou na terra, ou no inferno. O caos viria de novo, quando a lei deixasse de governar a matéria.

Os nossos sentidos estavam manifestamente em falha ao descobrir a lei que superava a inércia destes corpos. Mas perguntemo-nos com humildade: Quanto ou quão pouco do grande sistema de leis que governam a matéria compreendemos? A ignorância é sempre arrogante. Falo apenas por mim — não pretendia compreender a lei como se manifestava nesta ocasião. Ainda assim, não podia render a minha fé nos princípios eternos da natureza a qualquer medo servil ou superstição degradante.

Homens competentes prestaram testemunho concorrente à realidade das manifestações que havíamos testemunhado. Nelas a lei da inércia parecia ser suplantada; mas havia poder por trás da manifestação, e o poder não pode existir sem lei; e a lei é apenas o reflexo da inteligência perfeita. Há ainda oculto nos arcanos da

natureza forças ainda não reveladas ao sentido mortal? Há um poder que não compreendemos? Há um Deus que não compreendemos perfeitamente?

CAPÍTULO II

MANIFESTAÇÕES EM COLUMBIA, HARRISBURG E NO ARBUSTO DA RAINHA, CANADÁ

OS incidentes registados nas páginas precedentes tinham-se tornado praticamente uma circunstância esquecida, quando foram de novo revividos na minha memória por algumas manifestações singulares de caráter oculto, que ocorreram seis anos mais tarde na minha cidade natal, Columbia, Condado de Lancaster, Pensilvânia. Estes relatarei brevemente como vieram sob a minha observação pessoal. A título de prefácio, pode ser dito que, embora um homem possa não ter honra no seu próprio país, raramente acontece que não seja «bem conhecido» na vizinhança do seu local de nascimento. Às vezes isto é um pensamento agradável, e às vezes não o é. Muito depende da luz em que é visto, e do caráter daqueles que estimam o seu valor.

Foi algum tempo durante a parte inicial do Inverno de 1850 que li o primeiro relato inteligente dos «Batimentos de Rochester». A carta foi escrita por um correspondente do New York Tribune, que estava no local, e deu o que parecia ser um relato justo do que viu e ouviu em Hydesville, na residência da Viúva Fox e das suas filhas. Eu havia lido outros relatos destes maravilhosos «batimentos», mas pareciam ser desonestos, e falharam em impressionar-me como sendo verdadeiros. Mas esta carta no Tribune deu um relato graficamente minucioso e circunstancial da origem, progresso e caráter dos batimentos, que de imediato cativou a minha mente e alistou as minhas simpatias.

Recortei o artigo do jornal, e carreguei-o comigo várias semanas. Aconteceu que, uma noite, em companhia de várias senhoras e cavalheiros, na casa da minha Tia Odell, a conversa virou para os batimentos de Rochester, quando me lembrei da carta impressa do Tribune, que então tinha no bolso. Produzi-a, e li-a em voz alta; e enquanto o fazia, de alguma forma ou outra, estava a pensar nas cenas de bruxaria narradas no primeiro capítulo mais do que nas que estava a

ler. Parecia haver uma semelhança familiar entre algumas das cenas de bruxaria e algumas partes das manifestações de Hydesville, embora nada tenha dito sobre a minha descoberta a qualquer pessoa na altura.

Depois de ter concluído a minha leitura, uma das jovens senhoras presentes, uma filha talentosa do Governador Wolfe, que havia retornado recentemente para casa de uma visita que estivera a fazer aos seus amigos em Little York, deu um relato muito interessante de uma sessão de inclinação de mesa que havia testemunhado enquanto ausente. A mesa, disse ela, realmente moveu-se sobre o chão, sem que ninguém a tocasse. Esta declaração trouxe de imediato à mente a minha experiência de bruxaria de forma tão vívida, que atribuí ambas as manifestações a uma causa comum, fosse ela qual fosse. Assim, quando a proposição foi feita para formar um círculo, ali e então, à volta de uma mesa, para ver se não podíamos divertir-nos com ela,

eu de imediato dei o meu consentimento para juntar mãos, e ajudei a trazer uma mesa pesada, antiquada, sólida de mogno para o centro do quarto. Não estava sobre rodízios, e o peso não era inferior a cinquenta libras. À volta desta mesa foram colocadas sete ou oito cadeiras, e ocupadas por tantas pessoas. Primeiro juntámos mãos, e, após quinze ou vinte minutos, pousámo-las desconectadas sobre a mesa, com as palmas para baixo.

Muito em breve uma sensação desagradável nos braços foi queixada por vários; mas todos sentiam vontade de persistir até que a mesa se movesse. Desta forma, tínhamos estado sentados quase uma hora, conversando e falando sobre vários assuntos, tendo quase esquecido o objeto da nossa presença ali, quando, de repente, a mesa deu um movimento rápido para a esquerda, descrevendo cerca de um quarto de círculo; e tão rápido e inesperado foi a evolução, que deslizou de debaixo das nossas mãos.

É desnecessário dizer quanta excitação este movimento criou, e quanto interesse despertou. Após alguns minutos, todos nos sentámos à mesa novamente; e depressa se tornou aparente que, se desejássemos manter as mãos sobre o «mogno», seríamos compelidos a «locomover-nos» bastante vivos para acompanhar o ritmo do seu movimento voluntário.

Começou novamente repetindo os «espasmos súbitos» que tanto nos haviam surpreendido no início; mas a cada paroxismo sucessivo o movimento parecia aumentar em poder, até que um círculo completo havia sido descrito; então, como se ganhasse ímpeto pelo movimento, e reunisse nova força, rodaria duas ou três vezes da maneira mais rápida, fazendo com que todas as mãos passassem de um «trote vivo» para um «duplo-rápido». O exercício era um pouco excessivo para as senhoras. Algumas das menos robustas em pulmões desistiram por falta de fôlego; mas duas ou três permaneceram, comigo, para o enfrentar até ao fim.

A mesa começou agora a fazer movimentos laterais assim como circulares, e a deslizar sobre os tapetes quase tão suavemente como se estivesse sobre gelo. Aqui as senhoras desistiram, deixando o Sr. Craven e eu próprio sozinhos para acompanhar as suas peregrinações de uma sala de estar para a outra, talvez a uma distância de quarenta pés. O Sr. Craven depressa se tornou «um atrasado», quando, solitário e sozinho, mantive o meu passo ao lado do fugitivo importuno, com as mãos todo o tempo pousadas no topo.

A velocidade da mesa parecia estar a aumentar, ou talvez eu tivesse menos poder para acompanhar, quando, de repente, disparou através do quarto em direção à minha querida velha tia, que se sentava dobrando as mãos sobre o peito, espantada com o que via. Alarmada, subiu para um sofá, e suplicou-me que pusesse fim a esta brincadeira. Diante dela a mesa parou, e começou a inclinar-se, e balançou para trás e para diante várias vezes, enquanto as pontas dos meus dedos pousavam sobre ela. Retirei-as agora, e a mesa parou todo o movimento.

A evidência era conclusiva de que eu havia «feito a artimanha»; e que fora habilmente feito, todos concordaram. Tentei agora empurrar a mesa para o seu lugar, a cerca de dez pés de distância, mas não consegui movê-la. Pus toda a minha força nisso, mas sem melhor sucesso. Agarrei o topo, determinado a carregá-la para o seu lugar, mas não consegui levantar uma das extremidades. Cedeu graciosamente aos esforços unidos de duas jovens senhoras, que a ergueram para a sua posição apropriada no quarto.

Várias foram as especulações sobre o entretenimento da noite. Havia um pouco demais dele, para me darem todo o crédito, por isso as opiniões dividiram-se. Todos concederam que era um esplêndido divertimento de salão, e havia tantas pessoas que ouviram falar dele, que expressaram o desejo de terem estado lá. Tornou-se o falatório da cidade; e um interesse bastante novo foi tomado em mim como o «mágico» na ocasião. Nunca fui tanto falado como durante a discussão sobre o virar da mesa.

Recebi muitos «convites» para realizar círculos em lugares que nunca visitara, e com pessoas que mal conhecia. Ainda assim mantive o meu equilíbrio de mente e comportamento, e recusei. Honravam-me demais! Estava interessado, mas não estava disposto a fazer desporto desta coisa para ninguém. Um dos nossos clérigos da cidade, que tinha muita riqueza e respeitabilidade na sua congregação, veio ver-me. Tornou-se interessado, e consenti em passar uma noite com ele e alguns amigos à mesa. Reuniram-se; mas fui retido por compromissos profissionais, e não pude estar com eles. No entanto, a brincadeira prosseguiu sem Hamlet. Sentaram-se à mesa; e, observando as regras que dei, não foi mais de uma hora, assim me informaram, antes de começar a ficar «irrequieta», e «espernear para trás e para diante, como o velho Joe».

A mesa rodou, assim me disseram, tornando-o bastante animado para todas as mãos ao redor. Enquanto evoluía desta forma, o Rev. Sr. E. concluiu que o exercício era um pouco laborioso, por isso pensou em tomar um assento confortável sobre a mesa, e ter uma bela viagem. Mas não havia conforto nisso. Foi uma conceção mais infeliz; pois mal o seu pano clerical havia sido estendido sobre a mesa, do que esta deu um salto que o enviou voando pelo ar como uma bola de trapo. Aterrou com a cabeça no tapete da lareira, a cerca de dez pés de distância, com os calcanhares descrevendo o segmento de um arco no seu voo.

Passaram vários minutos antes de o emaranhado poder ser retirado do cabelo da sua reverência, de modo que pudesse ser feito entender a situação exata em que se encontrava, e como acontecera estar lá. Foi apenas por um momento que ficou desconcertado. «Isto era obra do diabo, pois nada menos irreverente trataria tão rudemente o pano.» Essa foi a sua conclusão, e assim a declarou; e «um sopro na sua trombeta valia mil homens». O que disse, a sua congregação ecoou.

Foi uma viragem inesperada nos assuntos. Pessoalmente, senti-me agravado; pois estava no zénite da popularidade, e desfrutava imensamente da piada — isto é, se pode ser chamada piada ser não só suspeitado, mas abertamente acusado, de ser o autor de todo este alvoroço. Ai de mim! Os meus honores desvaneceram num dia. O diabo suplantara-me, como eu suplantara o feiticeiro galês, na autoria deste poder excêntrico. Tinha provado os doces da apreciação pública, e agora a fruta saborosa transformava-se em cinzas na minha língua. É uma coisa curiosa observar as evoluções mentais da mente humana. Elas não são de modo algum uniformes em diferentes pessoas; variam amplamente.

O vosso pobre agricultor galês estúpido, quando vê as armadilhas domésticas voando pela sua humilde morada, como se subitamente dotadas de asas, pensa no seu vizinho que temia pela sua inteligência, e secretamente investe-o com um poder para fazer mal, que só poderia ser obtido do «leão rugidor» que tanto ouviu no seu sono. Mas há o vosso pregador — um homem bom, de coração doce! Veste-se tão bem, que é a admiração de toda a sua congregação! O seu andar é tão modesto, a sua conversa tão piedosa e elevadora, que, a seguir ao grande Espírito do universo, é tido em alta estima popular. Tocá-lo é tanto um sacrilégio como cuspir num ídolo de cabeça de madeira de um hindu!

Tudo o que é falso afeta a nossa virilidade. Uma mentira magoa. Pode não produzir dor física, mas sempre uma deformidade espiritual. O declamador e o aceitador da falsidade são igualmente feridos. A justiça é assaltada, o coração insultado, e o intelecto assassinado. O diabo não deve ser mais mentido do que o feiticeiro galês ou eu próprio. Uma mentira mostra a depravação tanto da cabeça como do coração que a concebeu ou proferiu, não importa contra quem possa ser dirigida.

Um passo havia sido dado, no entanto, na direção que levava a uma solução correta deste assunto. A inclinação de mesa já não era pensada como obra do homem, mas do diabo. Isto levou o espírito de investigação entre as forças imponderáveis, e despojou os fenómenos de toda a agência humana. Isso foi algo ganho — um passo importante; pois a ciência estava agora autorizada a intervir, e aplicar os seus testes cruciais para determinar que poder era esse que podia projetar um

homem pesado voando pelo ar como um balão de papel. Os cientistas raramente tomam qualquer stock no diabo. É um pobre investimento, dizem eles. Assim, independentemente do que o púlpito pudesse dizer, à sua maneira, a investigação prosseguiu. Nada podia ser evocado que desse muita luz sobre o assunto. As mesas continuavam a inclinar-se; e a ciência, pesada na balança, foi encontrada em falta. Nenhuma solução apropriada podia ser dada para a manifestação desta força estranha. Muitas teorias foram avançadas; mas, numa análise próxima, nenhuma foi encontrada sustentável.

A especulação era abundante. A imprensa veio em auxílio do púlpito; e enquanto estava truculentamente empenhada em disseminar teorias falsas e ideias diabólicas, uma nova manifestação foi dada à mesa. Até então, quando o desejo era expresso de que a mesa se movesse, obedecia. Agora ficava parada, e falava. A linguagem é a prolação de som; simplesmente, ondas sucessivas de ar que atingem o sensório como as ondas do oceano quebram na costa. A interpretação do som — o seu investimento com sentido — é puramente convencional. Podemos construir um sistema de leis para nos permitir dar uma expressão apropriada e uniforme a ele, mas fazemos o som significar exatamente o que é mais conveniente para nós.

Quando é concebido no cérebro do homem, e proferido pelos mandatos da sua vontade através da estrutura lingual, chamamo-lo fala. O sentido é assim vocalizado, e formas convencionais de grandes verdades são expressas e compreendidas. Tomando esta visão do assunto, a suposição de que o som significa fala não é de modo algum uma licença injustificada.

Neste sentido, a mesa começou a falar. Sons eram distintamente ouvidos, como se refletidos no nosso sentido, da superfície inferior do seu topo. O que podem significar, era a pergunta que me fiz, uma e outra vez. Alguém me havia dito que uma batida ou som significava não, e três batidas, sim; duas indicavam uma dúvida.

Esta era a chave tripla para destrancar o mistério que havia sido chamado bruxa, diabo e doutor.

A notícia jubilosa por toda a terra foi anunciada,

Que toda a mesa agora havia encontrado uma língua.

Comecei a questionar as batidas, e encontrei-as aptas nas suas respostas. Em companhia de outros, e quando sozinho, as batidas mostravam uma vontade de responder a perguntas em todos os momentos, quando solicitado. Certamente, as suas comunicações eram limitadas a significar «sim, sim, ou não, não»; mas mesmo estes simples monossílabos podem ser feitos para expressar muito. Disse-lhes: «Podeis bater dezasseis vezes?» E responderam: «Sim.» «Por favor, batei dezasseis vezes.» E assim fizeram, e depois pararam. Não lhes ordenei que parassem; mas por sua própria iniciativa pararam em dezasseis. «Podeis bater cem vezes?», perguntei; ao que «Sim» foi respondido. «Por favor, batei cem vezes.»

Foi feito com precisão, e fiz a contagem inaudivelmente. Perguntei: «Sois uma bruxa?» A resposta foi: «Não.» «Sois um diabo?» A mesma resposta foi dada. «Sois o Doutor Faustus?» Novamente, «Não» foi respondido. «Bem, mais uma vez, por favor respondei-me. Sois um pregador?» «Sim!» foi enfaticamente pronunciado, por batidas invulgarmente fortes. «Então vigiar-vos-ei de perto», disse eu. «Tendes algum odor de enxofre convosco?» «Nem um odor», foi significado. Fiquei um pouco intrigado; mas deixemos isso passar.

Depressa fui feito entender que, usando o alfabeto, certas letras seriam indicadas por batidas, que soletrariam nomes, palavras e frases. Assim comecei a chamar as letras; e quando chamei «C», uma batida interrompeu o meu progresso por algum tempo. Anotei «C», e recomecei a chamar o alfabeto. Quando cheguei à letra «h», outra batida foi ouvida. «Ch» juntei; e continuei a repetir este sistema, até que Charles Odell foi soletrado. Este era o nome de um tio, que havia morrido vários anos antes; e foi na casa da sua viúva onde a mesa realizou as cabriolas que já descrevi. À minha indagação, disse que havia operado com a mesa, e estava contente por poder deixar os seus amigos saberem que ainda vivia.

Até este momento, embora tivesse procurado diligentemente o conhecimento do facto aqui anunciado — nomeadamente, a existência de uma vida após a morte — não tinha evidência em que pudesse confiar, de que após a morte viveria de novo. Ouvindo as muitas teorias conflituosas dos homens — brotando de sistemas de religião, planos de salvação, envolvendo expiações vicárias, assassínio e paixão diabólica

— havia-me endurecido na crença de que nenhuma afirmação podia ser dada à pergunta: «Se um homem morrer, viverá de novo?» Não duvidava da existência de uma inteligência suprema, ocupando todo o espaço e impregnando toda a matéria — governando todas as coisas por leis imutáveis; mas que o homem tivesse uma vida individual após a morte, e que pudesse ser reconhecido pelos seus semelhantes na esfera do grande desconhecido, eram problemas de dúvida tão distrativa na minha mente, que há muito me havia instalado na convicção de que nenhuma solução satisfatória podia ser dada a eles enquanto habitássemos na terra.

Estas pequenas batidas, e esta comunicação de palavras breves, abalaram os fundamentos da minha crença. Tinham falado à minha mente duas grandes verdades sobre as quais a alma podia repousar; e, com o poder de um talismã, haviam aberto uma fonte de águas doces no meu ser. Demonstraram dois novos problemas ao mesmo tempo: a veracidade da vida após a morte; e o poder dos nossos amigos que haviam passado, como pensávamos para sempre, da nossa vista, para visitar de novo os «pálidos vislumbres da lua» — numa forma, pelo menos, que pudéssemos reconhecer a sua presença atual.

A importância desta descoberta será estimada de diversas maneiras por diferentes pessoas, de acordo com os seus temperamentos espirituais e necessidades. Há aqueles que colocam uma estimativa tão baixa no seu valor que, para eles, «uma papa de mingau» ou um copo de cerveja os enviaria para a chancela em eclipse. Há outros, no entanto, que saúdam o seu advento como o amanhecer de uma nova era, e neles veem e ouvem os arautos do bom tempo que virá, proclamando: «Paz na terra, e bem aos homens de boa vontade.» Mas aqui deixamos a especulação por agora.

Durante o Inverno de 1851, tive negócios privados que me chamaram a Harrisburg, a capital da Pensilvânia. Na altura da minha visita, a Legislatura estava em sessão; e para me encontrar convenientemente com vários membros desse corpo com quem tinha negócios, e que estavam hospedados na «Casa Goverly», fiz dessa o meu local de paragem. Esta casa era o lugar de encontro para um número de membros, que, todas as noites, vinham ali para conferenciar, «lançar tubos», ou ter «um bom tempo» em geral, como os nossos servidores

públicos melhor sabem. Simon Cameron tinha um machado para afiar naquele Inverno; e muitos dos honoráveis cavalheiros estavam cheios de meios e plenos de vinho, até que o seu machado foi afiado.

Havia aqueles, no entanto, que eram retos de coração, e que desfrutavam de uma piada pelo amor à diversão. Uma noite, um pequeno grupo deste caráter, talvez uma dúzia — entre os quais estava o Sr. Wells Coverly, o proprietário da casa — retirou-se para uma saleta privada para ouvir as «batidas de espíritos». O General Bartram Shaeffer, um senador do Condado de Lancaster, sendo um do grupo, convidou-me a juntar-me a eles, o que fiz. Era perto da meia-noite quando entrámos na saleta, e trancámos as portas para manter fora intrusos; pois muitos cavalheiros (?) estavam então nos seus copos, e mal em condição para entrevistar os vivos ou os mortos.

Mr. Coverly tomou uma posição no meio do chão, de pé; enquanto à sua volta, a uma distância de seis ou oito pés, se sentava o grupo que acabara de entrar, todos curiosos para ouvir as batidas. O Sr. Coverly disse: «Há aqui alguns espíritos que desejam bater? Se assim for, por favor sinalizai a vossa presença.» Antes de ter pronunciado a última palavra, uma sucessão rápida de pancadas debaixo do chão foi dada em voz alta. Esse foi o início; e pensei que não haveria fim para esta estranha entrevista. Foi mantida durante duas horas, durante as quais todos os tipos de perguntas foram feitas e respondidas, por todos os tipos de espíritos, que alegavam estar presentes.

Não se espera, eu sei, que eu entre em detalhes nesta matéria, mais do que declarar que o Sr. Coverly repetidamente afirmou que não tinha confederado nisto; e também, se não fossem batidas de espíritos, então não podia dizer o que era; que o ruído era ouvido à sua volta, não importava onde fosse; nem fazia qualquer diferença em relação ao tempo — dia ou noite — ainda assim eram ouvidos: na sua cama, na cabeceira, à sua mesa, no chão, no escritório, podia ouvi-los, embora às vezes mais distintamente do que outras. Os sons eram altos por vezes, mas sempre como se abafados — como se uma almofada interviesse entre a substância batente e o chão, ou onde quer que a concussão fosse ouvida.

O que quer que os outros pudessem pensar disso, o Sr. Coverly acreditava — senão não há dependência a ser colocada na palavra de

qualquer homem — que os sons que ouvimos eram produzidos por espíritos. Isto é tudo o que é necessário dizer sobre a sessão daquela noite. Nunca esperei registá-la da maneira como agora aparece ao leitor; e por isso só foi preservada na memória como uma experiência da qual a mente não se podia livrar.

A minha cadeia de testemunho seria incompleta se omitisse um elo que lhe pertence, na ordem cronológica, neste lugar.

Estava empenhado na prática da medicina no Inverno de 1853, e estava localizado na aldeia de St. Jacobs, Condado de Waterloo, Canadá Oeste. A minha volta estendia-se para o norte e oeste deste ponto até trinta milhas. O país era escassamente povoado, por emigrantes irlandeses e escoceses do Velho País, e era conhecido como o «Arbusto da Rainha», muito dele ainda não topografado, e grandes extensões dele ainda não reclamadas da propriedade dos animais selvagens que ainda se alimentavam e floresciam nele.

As topografias eram feitas tão depressa quanto o país se enchia. Para um dos novos municípios fui chamado para ver uma criança doente, pertencente ao Sr. Charles Burrows, que era o mercador pioneiro do município de Mornington. Era uma viagem de um dia inteiro para chegar à sua residência, e não menos para regressar a casa.

Esta foi a minha primeira visita a Mornington; e, apesar da generosa hospitalidade e da companhia afável do Sr. Burrows e da sua estimável esposa, sinceramente esperava que pudesse ser a minha última. Mas, ao ponto. Após o conforto da criança doente estar assegurado, e termos tomado o jantar, o Sr. Burrows, enquanto à mesa, perguntou-me se eu tinha tido alguma experiência em espiritualismo; ao que respondi perguntando-lhe se ele tinha tido — lembrando o conselho de Robbie ao seu jovem amigo, para

«Ainda guardar algo para si próprio Que mal conta a alguém.»

Ele foi livre para me contar de um sapateiro, que vivia apenas a quatro milhas de distância, seguindo a marca nas árvores, que era um médium de escrita.

«Um quê de escrita?», indaguei, não entendendo exatamente o seu significado, e pela primeira vez ouvindo a palavra nessa conexão, e com um sentido um tanto dúbio.

«Um médium de escrita», disse ele. «Os espíritos tomam posse do seu braço e mão, e escrevem páginas inteiras das coisas mais maravilhosas.»

Pareci incrédulo; se não, os meus sentimentos não se refletiam no meu rosto.

«Estás a gracejar?», disse eu.

«De modo nenhum! Estava a pensar em mandar chamá-lo para vir aqui, para te deixar ver ele escrever. Como gostarias? Podemos tê-lo aqui em duas horas. Ou estás demasiado cansado para ser curioso?»

«Ó não; manda chamá-lo. Vamos ter um momento com isso», disse eu. «Nunca ouvi falar de tal coisa, e estou curioso para ver a operação. Disseste que os espíritos escrevem controlando o seu braço e mão contra a sua própria vontade?»

«Exatamente; é o que fazem. Ele tem um barril cheio de manuscritos; e mantém papel e lápis no seu banco de sapateiro ao lado dele, para estar preparado para eles num instante. Pode estar empenhado a pregar uma sola de sapato, quando é subitamente tomado, e pega no lápis e papel. A sua tábua de colo serve de secretária ou mesa de escrita. Então escreverá uma página ou duas, ou mais, rapidamente, quando o poder o deixa, e ele retoma o seu trabalho. Não presta atenção aos manuscritos, mas atira-os para um velho baú. Está agora no seu segundo barril. Vi alguns destes manuscritos, e exibem um alcance de intelecto muito além de qualquer que eu tenha até agora descoberto no sapateiro.

Vou contar-te algo em confidência; mas 'não fales disso'. Ouviste, sem dúvida, que o meu moinho foi destruído pelo fogo, no Outono passado. Bem, sei que tenho inimigos; e a maneira como o fogo se originou levou-me a suspeitar que alguém que não me 'amava demais' pudesse possivelmente ter acidentalmente deixado cair alguns fósforos de lucifer num lugar perigoso. Bem, o sapateiro esteve aqui na semana passada, e fi-lo escrever para mim; e fiquei espantado ao receber uma carta de um velho amigo que estava morto há vários anos, informando-me de todos os pormenores da queima do meu moinho.

Referiu-se à circunstância que fez de certo homem o meu inimigo, que não tinha outra maneira de exprimir o seu ressentimento senão destruindo a minha propriedade.» Após dar-me ainda mais pormenores

em relação a esta transação, o Sr. Burrows perguntou-me o que pensava disso.

Claro que não tinha opinião a oferecer até ter encontrado o meu cordoeiro; assim, até às oito horas, passámos o tempo a intercambiar opiniões sobre este estranho assunto. O Sr. Burrows era um homem de educação, jovem, enérgico e empreendedor, sem tempo para desperdiçar em questões abstratas de qualquer tipo. Significava negócio. Escutei-o, portanto, com mais consideração do que faço quando abordado por um filósofo especulador.

Um pouco depois das oito horas, o sapateiro entrou — um homem de cabelo escuro, tez amarelada, de tamanho médio, cerca de trinta anos — magro e angular, como os sapateiros geralmente são. Os seus olhos eram baços, e indicavam uma falta daquele fogo inteligente que uma educação teria acendido numa chama. A sua fala era um índice do caráter do homem — lenta, arrastada, comum, sem vida magnética nela. Não estava acima da inteligência média das pessoas pobres do Velho País, e até faltava-lhe o proverbial engenho nativo do camponês irlandês. Estivera fora do Velho País apenas nove meses, desembarcara em Quebec, e seguira diretamente pelos lagos para o Arbusto da Rainha, onde agora o encontrava pela primeira vez.

Saltando todos os pormenores preliminares, o Sr. Burrows, a sua esposa, Crispim e eu próprio, sentámo-nos à mesa, e a escrita depressa começou. Era apenas um nome no início; mas isso era suficiente. A mão foi estranhamente movida ou controlada; e, por uma análise próxima do movimento, podia ver-se que a ação era involuntária. O nome escrito foi CHARLES ODELL.

Assombroso como uma aparição, os caracteres destacavam-se no papel. Afetei ignorância, e perguntei ao Sr. Burrows se reconhecia o nome como pertencente a algum dos seus amigos. Claro que não; nem o médium sapateiro. Disse eu:

«O apelido poderia ser irlandês. Conheceste alguém com o nome de Odell na Irlanda?»

O médium disse que não. Justo então a sua mão foi controlada novamente para escrever.

«Duvidas de mim? Fui eu que movi a mesa que assustou a tua tia. Charles Odell.»

A identificação era completa; mas, enquanto a oportunidade se apresentava, desejava endireitar um assunto torto. Disse eu:

«Tio Charles, esta é a terceira vez que te manifestas a mim: primeiro, na tua sala de estar, com a mesa; da próxima vez, batendo as letras do alfabeto no meu escritório; e agora anuncias-te por escrito. Lembras-te de me teres dito, da segunda vez, por batidas, que eras um pregador? Como devo entender-te? Mudaste de profissão?»

A resposta veio depressa: «Não te ensinei grandes verdades?»

«Certamente», disse eu; «mas—»

«O homem ou espírito que ensina uma verdade, prega-a. Não sou eu um pregador?»

«Ó sim; compreendo-te agora, e lembrar-me-ei da tua definição de pregar.»

A nossa sessão à mesa durou duas horas, durante as quais tanto como seis páginas de papel de carta de tamanho ordinário foram densamente escritas. A maior parte desta escrita pretendia ser feita por Charles Odell; e se não era, a inteligência indiciadora certamente sabia muito dos seus negócios privados e relações familiares; pois estes eram os tópicos escritos. Era impossível para mim pensar que houvesse qualquer conluio entre o Sr. Burrows e o celta; pois eu era pessoalmente pouco conhecido do primeiro, e, para o último, era um estranho absoluto. O assunto das comunicações só podia ter sido dado por alguém mais intimamente informado dos assuntos privados da família do meu tio.

Na manhã seguinte, parti para casa, revolvendo na minha mente as estranhas circunstâncias que haviam ocorrido na noite precedente; e resolvendo, se uma oportunidade se oferecesse, investigar este assunto mais a fundo.

CAPÍTULO III

INVESTIGAÇÃO CONTINUADA EM BOSTON, MASS. — MANSFIELD, O CARTEIRO DOS ESPÍRITOS, ETC.

POR vários anos após a minha experiência com o médium de escrita no Arbusto da Rainha, não tive oportunidade para investigar o assunto das «manifestações de espíritos» de uma maneira satisfatória. Os médiuns não eram «tão abundantes como amoras em Agosto»; e aqueles que eram conhecidos como «médiuns públicos», tanto o púlpito como a imprensa começaram a estigmatizá-los como fraudes, batoteiros, charlatães, e por outros epítetos oprobriosos, o que algo arrefeceu o meu zelo, e até diminuiu a minha confiança na genuinidade das manifestações que já havia testemunhado.

Uma e outra vez, recordei à mente todas as circunstâncias sob as quais haviam ocorrido, para determinar, se possível, algum ponto fraco no testemunho no qual pendurar uma suspeita ou dúvida; pois não tinha motivo para me enganar a mim próprio, e certamente não tinha desejo de enganar os outros. Infelizmente, também, para mim, na perseguição de conhecimento sobre este assunto, os médiuns acessíveis ao público viviam em partes remotas do país, que não podia alcançar sem incorrer em muita perda de tempo, e o que então considerava uma despesa inadequada de dinheiro. Assim circunstanciado, o meu interesse em todo o assunto começou a declinar, e sentia-me mais inclinado a recair na infidelidade da descrença, do que a prosseguir para assegurar uma demonstração da veracidade de uma vida após a morte.

Justo aqui a literatura do espiritualismo começou a prender a minha atenção; e li com espanto e o mais absorvente interesse a grande obra do Sr. Davis, «Revelações Divinas da Natureza, e uma Voz para a Humanidade». Neste compêndio histórico da origem do universo, encontrei tanto que era sublime no pensamento, grandioso no sentimento, e nobre na expressão, que deu uma diversão completa à minha mente, e envolveu todo o alcance das suas faculdades. Os seus outros volumes, «O Médico», «O Professor», «O Vidente», «O Reformador», «O Pensador», «O Cajado Mágico», seguiram na ordem da minha leitura, intercalados com «O Nascimento do Universo» de Ambler, «A Cura das Nações» de Linton, «Arcana da Natureza» e «Cenas

no Mundo dos Espíritos» de Tuttle; «Lírica da Idade de Ouro» e «Épica dos Céus Estrelados» de Harris, e muitas outras produções que eram alegadas ter uma origem espiritual.

Não é necessário indicar mais minuciosamente o curso da minha leitura, mais do que dizer que li a maioria dos livros, à medida que apareciam da imprensa, que desde então se tornaram obras padrão na literatura do espiritualismo.

Esta massa de leitura, em vez de satisfazer a minha mente, apenas aguçou o meu apetite por conhecimento pessoal de tais factos como eram falados por outros. Não podia construir a minha fé sobre a experiência de outros, mas queria factos para mim próprio — factos amplos, sólidos, como aqueles com que havia começado — sobre os quais repousar as minhas esperanças de uma vida após a morte. Diferentes homens leem e raciocinam de pontos de vista diferentes; as suas conclusões são dissimilares. Mas quando um facto é apresentado, como se atingido por uma bala, ficam mudos, e meditam sobre a lei produtora.

O meu desejo de ver por mim próprio as manifestações que outros haviam testemunhado e registado, crescia sobre mim dia a dia, até que finalmente resolvi satisfazer a minha curiosidade, a qualquer despesa que pudesse ser de tempo, trabalho ou dinheiro. Era uma importância sentida saber algo do destino que me aguardava. Na perseguição de tal informação, os homens haviam, em todas as idades, feito sacrifícios de tudo o que lhes era caro, até a vida em si, para que o «grande enigma» pudesse ser exposto. Nações haviam derramado os seus tesouros de dinheiro sobre o altar da investigação; guerras haviam sido travadas no mesmo espírito; e a terra havia sido avermelhada com o sangue de mártires na mesma causa.

Não podia, portanto, ser indiferente à única solução prática prometida para este grande problema da vida. Um conhecimento da vida após a morte parecia-me, no meu entendimento, um complemento necessário a tudo o que sabemos desta vida; pois permitir-nos-ia compreender as relações que os homens devem manter entre si e cumprir os seus deveres com um juízo mais claro e maior previsão. Algumas organizações espirituais podem sustentar-se pela fé; mas tais naturezas são de um crescimento doentio e sentimental, carecendo do

desenvolvimento de poder e força. Elas acolhem a piegas papa religiosa como uma criança acolhe o leite. Para construir o tecido cartilaginoso e o osso da virilidade, é preciso o alimento substancial dos factos.

Para erguer uma morada para toda a eternidade, o alicerce da vossa casa deve assentar em afloramentos de granito — factos sólidos! Aqui o homem pode construir com segurança até que a cúpula do seu pensamento se eleve aos céus.

Tinha lido o suficiente e chegara o momento de uma nova partida no caminho da investigação.

Boston parecia ser o centro de interesse no movimento espiritual. Aqui residiam vários médiuns públicos, cujos nomes começavam a ser conhecidos por aqueles que, vivendo em regiões remotas do país, se interessavam pelo tema. A imprensa secular falava do espiritualismo como uma «trapaça ianque», uma ideia de Boston e uma especulação lucrativa. Mas o tempo mostrou quão falsos eram os epítetos estigmatizantes da imprensa. Para eterno crédito dos ianques, diga-se que foram os primeiros a reconhecer este divino menino na manjedoura e tiveram a coragem de declarar as manifestações genuínas.

Entre os ianques me dirigi, para obter mais luz sobre o assunto. Desconfiado de enganos, visitei muitos médiuns e descobri já, sob o disfarce do espiritualismo, muito do que era apresentado como manifestação genuína mas que era pouco fiável. Havia uma classe de pessoas ansiosas por monopolizar os privilégios dos médiuns, que fingiam estar em transe por espíritos e que, nesse estado, proferiam o mais tolo e agramatical disparate que jamais agrediu o ouvido da credulidade.

Tudo o que tinham de fazer era fechar os olhos, contorcer-se um pouco e começar a verter uma mixórdia de coisas evasivas e indecisas de que o mais pobre diabo no mundo dos espíritos se envergonharia de assumir a autoria. Se estas pessoas não estavam iludidas consigo mesmas, eram inofensivas, pois certamente não enganavam nenhum homem com capacidade para distinguir a diferença entre uma galinha e uma serra manual. Eram o tipo mais baixo de ianques.

Mas, entre toda esta lavagem, havia alguns médiuns genuínos, cujo encontro era um prazer — senhoras e senhores de boa educação,

cultura, posição social e honorabilidade. Deste grupo selecionei um para me auxiliar nas minhas investigações. A minha atenção foi dirigida para ele pelo seguinte anúncio, que vi publicado no Banner of Light, que na altura, creio, era o único jornal espiritualista publicado nos Estados Unidos:

«SR. J. V. MANSFIELD.

Este distinto "Médium de Teste por Escrita" para responder a cartas seladas pode ser contactado em Chelsea, Massachusetts, Caixa Postal 90. A sua honorária é de três dólares e quatro selos de correio. As pessoas que desejem os seus serviços queiram, por favor, não escrever qualquer inscrição na carta que desejam que os espíritos respondam, mas selá-la de modo a que não possa ser aberta ou manipulada sem deteção. A resposta e a carta selada serão ambas prontamente enviadas ao remetente.»

Estando no local, não escrevi ao Sr. Mansfield, mas visitei-o na sua residência, quando não estava ocupado como médium, para combinar um exame sistemático da sua peculiar fase de mediunidade.

Ficou finalmente acordado que eu me tornaria residente na sua casa e, por esse período, membro da sua família. Este foi um passo importante para mim, pois dava-me facilidades para estudar o carácter do Sr. Mansfield quando ele estava mais exposto à crítica. Fiz isto por mim próprio e sem intenção de trair qualquer fraqueza que pudesse descobrir no seu carácter, a menos que considerasse o meu dever para com a sociedade em geral mais vinculativo do que a lei da hospitalidade, que me admitia à confiança e me proporcionava alimento e abrigo.

**O Sr. Mansfield está agora (1875), e está há vários anos, localizado no n.º 361 da Sixth Avenue, Nova Iorque, onde pode ser contactado.*

Se o Sr. Mansfield fosse um cidadão particular, eu não teria ido para a sua casa; mas, como não o era, era meu dever imperioso conhecer tudo o que pudesse sobre o seu carácter privado e público, para que pudesse formar um juízo mais claro quanto à fiabilidade das suas pretensões mediúnicas. Era de grande importância saber que tipo de homem tinha diante de mim — algo sobre os seus hábitos pessoais, a sua reputação de dizer a verdade. Estas descobertas no carácter de um homem fazem-

se melhor na sua própria casa. É aí, se em algum lugar, que um homem revela o seu verdadeiro eu; e, embora seja humilhante confessá-lo, é contudo, verdade que «um homem raramente é herói aos olhos do seu próprio criado de quarto».

A lição é que, quando conhecemos os homens intimamente, eles deixam de merecer o nosso respeito. Mas há exceções, e essas desafiam o escrutínio mais próximo e ganham importância à medida que a inspeção se intensifica. Entre estas coloco o Sr. Mansfield. Residente na sua casa, encontrei-o nas suas horas de relaxamento social — de robe e chinelos; nenhuma palavra estudada ou olhar afetado para disfarçar o homem real ou perturbar a harmonia das suas ações. Com ele partilhei o pão e «provei o sal», e, durante meses seguidos, fui para ele quase como a sombra para a substância.

Desta intimidade, reivindico falar do carácter deste homem com mais juízo e honestidade do que aqueles que nada sabem dele pessoalmente, mas que procuram denegrir a sua excelência e destruir o seu bom nome. Com ele em todas as condições de teste, observando-o de perto dia após dia durante meses — se tudo isto não me habilita a falar deste senhor com compreensão, então não se pode confiar no juízo humano.

E agora que testemunho se espera que eu ofereça a respeito deste homem? Falarei dele como o conheço. Vós que o conheceis melhor podeis criticar a minha opinião; mas vós que não o conheceis de todo, pelo amor de Deus, ponde a mão na boca e calai-vos. Mais vale ser um animal mudo do que um patife tagarela.

Anteciparei os desejos do leitor sincero e declararei com franqueza o que sei sobre este homem singularmente dotado e médium. Não se espera, naturalmente, que eu fale do seu carácter privado além de dizer que, se tivesse detetado algo em que pudesse basear a suspeita de que a sua mediunidade era um artifício humano e, de algum modo, indigna da grande causa a que se dedica, eu teria implacavelmente exposto a fraude e não teria abatido um iota da minha determinação em condenar o homem.

Creio que o Sr. Mansfield é um homem honesto; e que é um médium genuíno para que o mundo dos espíritos comunique com este, tenho provas amplas. Caber-me-á apresentar parte delas ao leitor. Apresentar

tudo encheria um volume. E é aqui o lugar apropriado para alertar os investigadores quando começam a examinar este tema das manifestações espirituais.

Não formem opinião demasiado cedo, nem tragam para a investigação do assunto preconceitos antagónicos. Quando descobrirem uma fraude, mantenham-se calados até terem a certeza de que é realmente uma fraude; então exponham-na. Se falarem dela cedo demais, podem expor-se a si próprios. Não quero ser entendido como desaconselhando uma crítica plena e justa, mas apenas exorto o hipercrítico a acrescentar a qualidade da prudência. Pode poupar-vos rubores e remorsos quando vos tornardes mais velhos e mais sábios. Guardai-vos escrupulosamente daquela crítica mesquinha que duvida sem motivo e condena sem prova.

Adiai o juízo até terem todo o testemunho diante de vós; depois peneirai-o cuidadosamente, para que possais encontrar o grão de verdade na palha do erro. Se a vossa mente está envenenada por malícia ou preconceito, não estais aptos para julgar. Será difícil para vós compreender isto. Exercitai os vossos juízos mais severos sobre a vossa própria capacidade de examinar este grande tema. Um funileiro bêbado, com saliva de tabaco a escorrer da boca e soluços no diafragma, quis explicar-me toda a matéria enquanto se encostava a um poste de iluminação em Cincinnati; disse que o podia fazer em cinco minutos. Assim «os tolos se lançam onde os anjos temem pisar».

É difícil fazer os homens compreenderem quão pouco sabem desta matéria.

Ver-se-á, pelo anúncio do Sr. Mansfield, que a sua especialidade é responder a cartas seladas. Daí ser conhecido em todo o lado como o carteiro dos espíritos. A sua correspondência é muito extensa, alcançando todas as partes dos Estados Unidos e das províncias britânicas. Chegam-lhe cartas, na verdade, de todos os quadrantes do globo e em todas as línguas que possuem estrutura gramatical.

É curioso observar o exterior das cartas que o Sr. Mansfield recebe. Na suposição de que ele seja um trapaceiro, os remetentes selam frequentemente as suas cartas com cola de Spalding, cobrem-nas com tinta ou verniz, untam-nas com cera, e já vi algumas costuradas à

máquina de costura, até que cada centímetro quadrado do envelope ficasse preso por linha. Algumas eram perfumadas, e outras não.

O Sr. Mansfield e eu alternávamos na ida ao correio buscar a correspondência, ele trazendo as minhas cartas e eu as dele. Por este arranjo, fui muitas vezes o primeiro a manejar as cartas enviadas ao «carteiro dos espíritos». A resposta a estas cartas interessava-me mais do que ao próprio Mansfield. Para ele era uma velha canção; significava trabalho, na maior parte dos casos ingrato, e completo esgotamento físico. Mas não para mim. Este poder desconhecido de responder a uma carta sem saber uma única palavra do seu conteúdo era uma novidade que muito me interessava.

As cartas que eu trazia ao Sr. Mansfield muito raramente saíam da minha vista antes de serem respondidas e devolvidas com a resposta aos seus autores. As pessoas para quem o Sr. Mansfield prestava este serviço exibiam, pelo modo como selavam as suas cartas, suspeita de fraude ou de que as cartas fossem abertas ou manipuladas. Não consegui fazer qualquer descoberta que tendesse, mesmo minimamente, a confirmar tais impressões, e certamente não me faltou oportunidade para detetar tal prática, se alguma tivesse sido tentada. Pode ser de interesse geral saber exatamente como o «carteiro dos espíritos» respondia a cartas seladas.

Sentado à sua mesa de escrita, eu colocava diante dele meia dúzia de cartas, com carimbos postais, talvez, de outros tantos estados diferentes da União. Os envelopes exteriores eram então removidos e deitados ao cesto dos papéis. Tinha agora diante de si meia dúzia de cartas firmemente seladas, sem marca ou inscrição que desse a mínima pista quanto aos autores ou ao nome do espírito endereçado.

Sobre estas passava agora, muito levemente, as pontas dos dedos, sobretudo da mão esquerda. Tocava-as tão delicadamente que se poderia imaginar que recolhia pó de ouro, grão a grão. Passava de uma para a outra até todas terem sido tocadas. Se não houvesse resposta, guardava-as numa gaveta e trancava-as. Meia hora ou mais depois, renovava o esforço para obter resposta às cartas. Estavam novamente diante dele e, como uma abelha que passa de flor em flor, as pontas dos seus dedos passavam de uma para a outra das cartas.

Virava-as, e sentia cada parte do envelope. A cola, a tinta ou a cera quase destruíam a condição magnética da carta; mas finalmente recolhia-a, quando a mão esquerda se fechava em espasmo. Esse era o sinal de sucesso. O espírito endereçado na carta, que exercia esta estranha influência na sua mão, estava presente e pronto a responder. As outras cartas eram então afastadas, e esta em particular permanecia diante do médium, com o indicador da mão esquerda a tocar-lhe. Tinha num lugar conveniente longas tiras de papel branco e um lápis, prontos para a emergência. Tudo estava agora preparado para escrever — o lápis repousando na mão direita.

O ponto de interesse estava agora no dedo da mão esquerda que tocava a carta. Este começava a bater na carta como o movimento de uma tecla telegráfica, produzindo sons irregulares semelhantes. Simultaneamente com este bater, a escrita começava com a mão direita e, sem interrupção, continuava até a comunicação estar concluída. Não havia pausa, depois de a influência começar, até à conclusão do trabalho. Vi até doze tiras de papel densamente escritas numa única sessão, embora três ou quatro fossem talvez a média razoável do comprimento da comunicação recebida. A escrita era executada muito rapidamente; e variava no estilo tanto quanto é comum entre os homens.

Quando a escrita estava concluída, a mão esquerda, que estivera todo o tempo fechada em espasmo, abria-se agora, e a influência desaparecia. Era só por alguns segundos; pois voltava novamente para escrever o endereço da pessoa a quem a carta devia ser enviada, no envelope. Feito isto, a carta e a resposta eram imediatamente colocadas no envelope endereçado e prontamente enviadas pelo correio. Todo o processo era profissional, ordenado e direto.

Observei esta operação de perto e vi-a repetida mil vezes. Se houvesse muitas cartas para responder, o Sr. Mansfield muito raramente dedicava tempo a ler o que escrevera; mas se tivesse um pouco de lazer, lia as comunicações cuidadosamente e parecia estudá-las com o interesse de um estudante. Vi-o durante uma hora seguida a tentar compreender o sentido exato de uma destas estranhas missivas, usando um «Webster não abreviado» para o ajudar a compreender a definição de palavras estranhas e desconhecidas para ele. Quando

nomes eram dados na comunicação, o facto era sempre de interesse mais do que comum para ele. Esses eram o que ele chamava os seus testes.

Enquanto lia uma carta, vi os seus olhos encherem-se de lágrimas, ao ler a história patética de um espírito, na qual talvez fosse comunicada pela primeira vez aos amigos na forma a notícia da sua transição. Lembro-me da carta de um jovem que, na excitação inicial, foi para a Califórnia buscar ouro. Era filho único e o sustento e apoio de uma mãe viúva. Tivera sucesso no seu objetivo e enviara a prova desse sucesso em quantias avultadas para o seu longínquo lar no Leste.

Os preparativos para a partida estavam concluídos e a última carta escrita à sua mãe que o aguardava ansiosamente. Dia após dia era esperado em casa. A pequena casa era mantida em ordem para lhe dar um agradável regresso; enquanto o coração de uma mãe extremosa estava quente de amor para o saudar. Ele não veio. A distância era longa, muito longa; devia ter sido retido; talvez tivesse mudado de ideias e voltado para as montanhas. Meses cansativos passaram, e ainda aquela mãe aguardava o regresso do seu filho varonil. Mas ele não veio.

Um dia, ela recebeu uma carta. Não estava na caligrafia familiar, mas a linguagem estava redigida nos mesmos termos afetuosos com que o seu filho costumava dirigir-se a ela. Era a história da sua morte, por febre, no istmo, com todos os pormenores que a acompanharam. Tinha esperado confortar a velhice dela e estar com ela nas horas finais da vida; mas não fora assim ordenado; e queria que a sua mãe se confortasse e se reconciliasse com a vontade do seu Pai Celestial, que tudo faz bem. Estava feliz e encontrá-la-ia primeiro quando ela entrasse no mundo dos espíritos, e levá-la-ia para um belo lar que estava a preparar para ela.

Uma narrativa como a acima descrita afetava-o até às lágrimas. Ele dizia: «Wolfe, eu daria qualquer coisa para ter a certeza de que a história desta comunicação é verdadeira!»

«Duvida dela, Sr. Mansfield?», perguntava eu.

«Ó não; não tenho motivo para duvidar. Nunca soube de uma declaração que viesse desta forma ser falsa; e contudo, esta coisa é tão

maravilhosa que não a consigo compreender de todo. Por vezes sinto que a minha vida é um sonho, e a minha existência um mito, e que não há nada de real ou substancial em tudo o que vemos. Ontem, aquele rapazinho escreveu à mãe tentando confortá-la na sua ausência. Para completar a sua identidade, recordou os pormenores da sua morte por afogamento; como tinha ido para o ribeiro banhar-se e, por acidente, caíra em água funda; como lutara para se salvar, mas não sentira dor ao render tranquilamente a vida.

Falou da descoberta do seu corpo; nomeou a pessoa que o encontrou; como a notícia da sua morte fizera a mãe desmaiar, estado em que o voltara a ver, e dos seus altos lamentos sobre o seu corpo sem vida; como ela beijara repetidamente os seus lábios e testa frios, exclamando «Ó meu filho, meu filho!». Depois, falou novamente de ela colocar o seu retrato sobre o seu coração sem pulso e encher o caixão em que o seu corpo repousava com flores. Era uma carta pungente e tem-me deixado triste desde que a enviei pelo correio.»

«Talvez seja um conforto para a mãe saber que o seu filho ainda vive e é capaz de regressar e velar por ela», disse eu.

«Isso é muito verdade», respondeu ele; «talvez esteja tudo certo, como o amigo Childs o exprima; e não devamos sentir-nos assim.»

Conheci o Sr. M. a ser subitamente influenciado para escrever; e, sem interrupção na conversa, sentava-se à mesa, quando uma longa carta era escrita. Digo influenciado para escrever. Isso reconhece-se por um ligeiro espasmo muscular do braço, que geralmente se manifesta quando cruza os braços sobre o peito, ou junta as mãos, ou as apoia nos joelhos. Estas posições formam o que os espíritos denominam um circuito eletromagnético, permitindo-lhes aproximar-se e influenciar o centro nervoso do seu sistema motor. Parece, nesses momentos, inadequado ao exercício da sua força de vontade sobre os nervos motores; mas as suas faculdades de pensamento são tão lúcidas como quando não está sob qualquer influência.

Vi o Blind Tom, com a mão direita a tocar, de modo muito hábil, uma peça de música difícil, enquanto, ao mesmo tempo, executava com a mão esquerda outra composição intrincada, em tempo diferente. Enquanto assim ocupado de modo diferente à direita e à esquerda,

cantava uma canção, diferente no tempo, cujo sentimento tinha de memorizar. Do mesmo modo, vi o Sr. Mansfield escrever duas comunicações ao mesmo instante, uma com a mão direita, a outra com a esquerda, e ambas em línguas de que não tinha conhecimento. Enquanto assim ocupado, conversava comigo sobre assuntos de negócios ou continuava a conversa iniciada antes de começar esta escrita dupla.

Pode assim ver-se que, enquanto o próprio Sr. M. falava de modo muito sensato, como os homens ordinariamente falam, ambos os seus braços direitos e esquerdos e mãos estavam também ocupados a falar. Numa ocasião, lembro-me distintamente, enquanto o Sr. M. escrevia com ambas as mãos, em duas línguas, disse-me: «Wolfe, conheceu um homem em Columbia chamado Jacobs?» Respondi afirmativamente; ao que ele continuou: «Ele está aqui; e quer que saiba que deixou o seu corpo esta manhã.» Este anúncio provou ser verdadeiro.

Mas o que mais nos interessa é a tríplice manifestação apresentada nessa ocasião: ambas as mãos ocupadas, não no mesmo assunto, mas cada uma a escrever de modo diferente, uma em letra inclinada para trás, a outra direita como habitualmente fazemos; a matéria escrita diferindo no carácter; a língua diferente: e contudo, enquanto os nossos próprios sentidos doem ao pensar nisso, um terceiro homem fala e anuncia um facto surpreendente que ocorrera, desde que nos sentáramos naquela sala, a várias centenas de milhas de distância. Que solução pode oferecer-se a esta tríplice manifestação de inteligência, poder e organização?

As comunicações assim recebidas, embora parecessem destinadas a mostrar que nenhum homem comum era capaz da sua produção espontânea, tinham na realidade um propósito diferente. As cartas eram frequentemente para pessoas por quem seriam consideradas «enviadas por Deus» e sobre temas do mais profundo interesse. Parecia-me que os espíritos estavam a fazer o melhor uso do tempo, com os meios limitados ao seu dispor — realmente utilizando os médiuns, como o telégrafo é mantido na sua capacidade máxima de trabalho quando os negócios são intensos.

Tais ocasiões eram raras, decerto; pois o médium não podia suportar tal drenagem sobre a sua organização nervo-vital sem sofrer de

completo esgotamento;* mas o facto de uma manifestação deste carácter poder ser feita oferece à mente um centro a partir do qual raciocinar que é da maior importância para a devida apreciação de todo este tema.

> **Lamento saber, através da imprensa, que o Sr. Mansfield se tornou vítima de paralisia. Que influência a sua mediunidade tenha tido na produção deste estado aflitivo só pode, naturalmente, ser conjeturado; contudo, inclino-me a crer que tal esgotamento nervoso a que está sujeito, quando excessivamente sobrecarregado com escrita, favorece o desenvolvimento de paralisia.*

Uma manhã, o Sr. M. e eu estávamos sentados no seu escritório, ocupados numa conversa sem qualquer relação com o acontecimento que agora vou relatar, quando, muito abruptamente, ele disse: «Sinto o Padre Pierpont! Ele está agora a entrar na cidade. Em breve estará aqui para me ver.»

«Refere-se ao Reverendo John Pierpont, o poeta e ministro unitarista?», disse eu.

«Sim. É um dos nobres homens feitos por Deus. Vai amá-lo muito.»

Falámos sobre o Sr. Pierpont durante algum tempo, quando a nossa conversa foi interrompida pela entrada de um cavalheiro que desejava que lhe respondessem a uma carta que tinha na sua posse. Ambos se retiraram para a sala de escrita e deixaram-me sozinho na sala de receção. Muito em breve, o criado abriu a porta e, sem anúncio, entrou um cavalheiro alto e delgado, com os modos mais corteses. O seu cabelo era branco como seda fiada, e o seu rosto era um brasão de inteligência e benevolência. A sua voz era tão musical como o primeiro balbuciar de uma criança à sua mãe idolatrada.

Estendendo a mão, com uma ligeira inclinação do corpo para a frente, disse:

«Bom dia, meu senhor. O meu nome é John Pierpont. A quem tenho o prazer de me dirigir?»

«O meu nome é Wolfe. Interesso-me pelo tema do espiritualismo e estou hospedado com o Sr. Mansfield para examinar as manifestações através da sua mediunidade», respondi eu.

«É altamente favorecido, meu senhor. A mediunidade do Sr. Mansfield é muito notável e apresenta à minha mente provas incontrovertíveis do poder espiritual. Está o Sr. Mansfield ocupado presentemente?»

«Sim, meu senhor; mas em breve estará livre para o receber. Foi avisado da sua vinda há uma hora. Disse então: "Sinto o Padre Pierpont; ele está agora a entrar na cidade; em breve estará aqui para me ver." Acaba de chegar de Medford?», perguntei, procurando confirmar a declaração do Sr. Mansfield ou refutá-la, conforme os factos.

«Não, não de Medford; mas de Nova Iorque. Há uma hora cheguei à estação Old Colony e daí vim diretamente aqui, para obter informações sobre o paradeiro de uma senhora médium que fui orientado a encontrar, mas de quem nunca ouvi uma palavra.»

«Talvez eu conheça a pessoa que procura; e possa dar-lhe as informações necessárias.»

«Talvez», continuou ele. «Tenho estado a visitar Nova Iorque; e ontem à noite assisti a um dos círculos da Sra. French. Ela foi controlada, imperfeitamente, pelo espírito da minha esposa, que disse: "Há uma senhora médium em Boston, chamada Plyde, através de quem me posso manifestar muito melhor do que através desta organização. Visite-a quando regressar a casa, e eu encontrá-lo-ei, meu querido, e falarei consigo sobre os nossos filhos e o nosso belo lar."»

«Conheço muito bem a Sra. Hyde», disse eu. «Vive na Portland Street, perto de Causeway, e creio que é uma médium de personificação muito boa.»

Aqui a nossa conversa foi interrompida pela entrada do Sr. Mansfield, que saudou o venerável poeta, profeta e filósofo com o calor de um filho amoroso. Após conversarem um pouco sobre Nova Iorque, médiuns espirituais e a premonição da sua aparição na cidade, o Sr. Pierpont partiu, para visitar a Sra. Hyde.

Visitou os nossos aposentos vários dias depois e deu uma descrição muito agradável e altamente artística do seu encontro com a sua querida esposa, tal como ela se manifestara através desta senhora médium. Falando da sua amada, como do seu filho, disse: «Não consigo pensar nela como morta!»

O meu objetivo, porém, nesta conversa, é chamar a atenção para esta fase da mediunidade.

O Sr. Pierpont visitou Boston, nesta ocasião, por instigação da sua esposa espiritual e partiu na mesma noite em que recebeu a sugestão. A sua visita era, portanto, inesperada para ele próprio e imprevista para os outros; e foi empreendida pelo entusiasmo desperto da sua própria alma. Nem o Sr. Mansfield nem qualquer dos seus amigos sabiam da vinda do «doce cantor», exceto do modo já descrito.

É pertinente aqui perguntar se o Sr. Mansfield pode manifestar este poder de discernimento consciente para todas as pessoas. Aprendi do próprio que não podia.

Era apenas para com aqueles com quem estava em termos dos mais íntimos e fraternais. Podia, porém, deste modo, sentir a aproximação de uma pessoa que lhe era repugnante ao seu subtil sentimento, de longe; e retraía-se da sua presença como a planta sensível ao toque da grosseria.

CAPÍTULO IV

TESTES PESSOAIS — ESCRITA DE DESENHOS — VISITANTES ESTRANHOS — A SENSIBILIDADE DO MÉDIUM

Não tardou muito até que descobrisse que os espíritos fora do corpo não diferem muito nas suas disposições daqueles que estão no corpo. Ilustremos esta proposição. O Sr. A., enquanto em vida, era um homem amante da verdade e benevolente, tinha um escrupuloso respeito pela sua palavra e, em todas as relações da vida, sustentava uma compostura de carácter sem censura.

Passa para o mundo dos espíritos; e, da sua nova esfera de ser, é convidado a regressar para nos contar a experiência que teve ao passar pela grande transição. Ao fazê-lo, não é provável que se afaste do seu hábito pré-espiritual de dizer a verdade. Pode confiar-se nele como dizendo exatamente o que acredita ser verdadeiro. No mundo dos espíritos tem muito a aprender que é novo e valioso, e também muito a desaprender que é velho e inútil. Tem de superar os erros da sua vida terrena e aprender as verdades da sua nova existência, antes de se tornar um professor competente para aqueles que o chamam a regressar. Virá, porém, e fará o seu melhor para aconselhar, instruir e

informar; mas é tão propenso a errar no juízo como aqueles que procura satisfazer. Deve, pois, ser razoado — ser enfrentado com as amenidades da controvérsia tais como distinguem o debate civil e esclarecido; e de modo algum é arrogante assumir que um mortal exibe frequentemente pensamento mais profundo e uma apreciação mais completa das reais realidades da vida espiritual do que aqueles que têm experiência real para contrapor ao argumento.

Assim, uma pessoa desinformada pode viajar de um distrito rural para uma grande cidade e encontrar-se perdida na multidão de peões com que se cruza e mistura nas suas artérias. Repete o motivo do seu passeio e faz as mesmas observações óticas, dia após dia, mês após mês, até que anos tenham passado. Finalmente regressa ao seu lar campestre e traz consigo a experiência pessoal que teve; apenas isso, e nada mais. Começa a falar das coisas que viu e sente que é competente para instruir aqueles que o ouvem. Descreve com poder rústico as coisas que mais atraíram a sua atenção.

O Sr. B., que nunca viajou além da fronteira da colina cercada de nuvens que vê da porta aberta da casa em que nasceu, pergunta ao Sr. A. algo sobre o que leu relativo à cidade. A. fica em branco. «Não o viu. Não acredita que a coisa em questão esteja na cidade, senão tê-la-ia visto.» Que absurdo! Se se entender que a informação está limitada ao que vemos, então realmente pouco se pode saber do grande reino da verdade que jaz além do escrutínio dos sentidos. É o cérebro que pensa, que possui conhecimento. Aquele que absorve o que vê, sente e ouve, e dá ao ser uma digestão saudável — aquele que abarca o todo — pode falar das partes da melhor forma.

Assim, quando iniciamos as nossas investigações da vida espiritual, devemos pensar que pouco se compreende da sua condição real e de modo algum fazer desse pouco conhecimento o limite fronteiriço do nosso pensamento. Temos capacidade para saber tudo; e quanto mais as nossas faculdades para adquirir conhecimento forem exercidas, maior crescerá a área da verdade à nossa apreensão.

Quando comecei a minha correspondência com habitantes do mundo dos espíritos, rendi uma crença implícita a tudo o que deles recebia, até me descobrir vítima de uma mente excessivamente crédula. Então virei-me rapidamente para o extremo austero do ceticismo e mantive uma

desconfiança gélida para com tudo o que via e ouvia. Ambas as condições mentais eram incompatíveis com uma apreciação justa dos factos quando apresentados; e assim me acomodei, afastando-me dos extremos da credulidade e do ceticismo, para esse meio-termo de bom senso através do qual peneiramos e filtramos as comunicações que recebemos dos nossos semelhantes, e apliquei esta regra ao intercâmbio que mantinha com aqueles que tinham «passado para a terra dos leais». Não tentemos substituir a natureza humana no pensamento, na palavra ou na ação, e então estaremos tão perto do certo quanto é proveitoso estar.

Neste espírito, iniciei a minha correspondência com os espíritos, através do Sr. Mansfield. Escrevia as minhas cartas de forma clara e com a menor ambiguidade de sentido de que era capaz. Escrevia àqueles de quem estava convicto de que honrariam a minha correspondência na forma e com a mesma familiaridade com que me dirigiria a um velho e íntimo amigo. Reservava o mínimo possível para mim próprio, agindo nisso tanto pelos impulsos da minha natureza como pelo conselho do bardo de Ayrshire:

«Sim, contai livremente a vossa história,
Quando com um amigo do peito.»

Nem sempre era conveniente para o Sr. M. dar atenção imediata às minhas cartas; mas isso não me impedia de escrever. Vivendo numa atmosfera de harmonia, num lugar onde os espíritos mantinham convívio noite e dia em torno do seu médium favorecido, quase sentia a presença dos meus amigos na vida espiritual, como Mansfield sentira a presença do Sr. Pierpont. Em tais momentos, sentava-me e escrevia uma carta livre, franca e familiar, colocava-a num envelope e aguardava uma oportunidade favorável para que fosse respondida.

Antes que isso pudesse ser feito, porém, escrevia outras cartas; e, desta maneira, cheguei a ter, numa ocasião, até vinte e cinco cartas, todas prontas, conforme a oportunidade permitisse, para a delicada manipulação do Sr. Mansfield. Estas levava-as comigo, cada uma encerrada num envelope cor de camurça sem inscrição. Como os envelopes eram uniformes em tamanho, forma e cor, não tinha neles marcas para distinguir uma da outra.

Quando surgia uma oportunidade — isto é, quando o médium não estava demasiado exausto pelo trabalho e não tinha outros compromissos —, colocava diante dele todo o meu lote de cartas, para verificar se algum dos vinte e cinco espíritos endereçados nas cartas estava presente e podia controlar para escrever. Nessas condições, era muito raro o esforço não obter resposta de um ou dois. Passava a mão sobre esta exibição epistolar e escolhia uma carta ao acaso, como já descrito, e procedia à sua resposta.

É digno de nota que nunca o soube falhar em obter com exatidão o nome da pessoa endereçada e, ou uma mensagem dessa pessoa, ou uma razão dada para não escrever. A resposta evidenciava sempre uma familiaridade perfeita com o assunto, circunstâncias, datas ou pessoas aludidas na minha carta, quando o espírito que ditava era o endereçado.

As suas respostas eram frequentemente do carácter mais espantoso. Não eram simplesmente pertinentes e diretas, mas nelas estavam muitas vezes incorporados o novo pensamento, o novo facto, novos nomes, novas circunstâncias, novas datas; e, quando digo novos, quero dizer que por nenhuma construção forçada da linguagem da minha carta se poderia obter tal informação como a que era frequentemente transmitida, mesmo que a minha carta tivesse sido abertamente submetida à inspeção de qualquer número de leitores duvidosos, cavilosos ou críticos.

Tomarei, sem razões especiais para o fazer, a seguinte carta, entre uma centena que recebi, para ilustrar esta curiosa proposição. A carta estava encerrada num envelope selado, entre outras vinte e cinco, e era indistinguível das restantes. Mas, para permitir ao leitor testar os seus poderes para dar uma resposta satisfatória, considere a carta aberta e diante dos seus olhos, e depois especule sobre ela quanto quiser. Aqui está ela:

Robert Speer, falecido de Cassville, Condado de Huntingdon, Pensilvânia, agora no Mundo dos Espíritos:

Caro Amigo, — Pode, por qualquer meio que empregue, satisfazer o meu espírito da sua presença pessoal e estabelecer a sua identidade individual além de uma dúvida razoável? Qualquer comunicação que dê

de tal carácter será, não preciso dizê-lo, gratificante e agradecidamente apreciada pelo seu amigo para sempre, N. B. Wolfe.

Agora, considere o leitor que esta era uma carta oculta e ocupava um lugar indiscriminado entre mais de uma vintena de outras cartas igualmente ambíguas agora diante do Sr. Mansfield. Não preciso explicar novamente o modo da sua seleção: como delicadamente toca as cartas com as pontas dos dedos, vira-as e solicita novamente a extremidade do fio atenuado que desvendará o mistério da morte e da vida após a morte.

Por fim, encontra a influência. Robert Speer ouviu o chamamento e responde ao meu pedido. Vem estabelecer a sua identidade pessoal — através de que dificuldades não posso dizer, a que sacrifícios não tenho meios de saber. Como há de começar? A situação é embaraçosa. Pode reavivar alguma história guardada no armazém da minha própria memória; mas isso não serve. Preciso de prova, fora da minha própria mente, da presença do meu amigo.

A mão do médium começa a mover-se sobre o papel branco. As marcas a lápis eram traçadas irregularmente e por nenhuma conjetura eu poderia adivinhar o significado de todo este rabisco. Mas pacientemente sentei-me e observei este estranho artifício; pois não duvidava de que era destinado como resposta ao meu pedido: Um cavalo começou a tomar forma; outro seguiu-o, embora na dianteira. Que poderia significar? Agora começava a parecer

«Um poderoso labirinto, mas não sem um plano.»

O lápis deslizava mais rapidamente do que nunca e, a cada traço, alguma linha de desenvolvimento era desvendada. Não preciso continuar a marcar o curioso traçado até ao fim. O desenho — pois era isso — ficou concluído em trinta minutos. Examinemos agora os pormenores desta composição produzida de modo único.

Acima dos «Jack's Narrows», no Vale do Juniata — um ponto antigamente conhecido como «Van Devender's Lock» —, tem-se uma vista tão bela de rio, vale e montanha como se pode encontrar em qualquer parte do continente. A paisagem é composta; o pastoral e o selvagem formam um quadro encantador para os sentidos extasiados. Deste ponto, vê-se Sideling Hill, estendendo-se para oeste até onde a

vista alcança, ou até o horizonte fechar abruptamente a visão. Este era o contorno geral do desenho.

Agora os pormenores. Ao longo da encosta da colina, uma estrada muito percorrida é claramente discernível do vale do rio. Os agricultores do Vale de Trough Creek, do qual Sideling Hill forma a fronteira sul, transportam os seus produtos por esta estrada até ao Canal da Pensilvânia, em Van Devender's, donde é embarcado para Filadélfia em barcos comuns de transporte de carga. No desenho temos a montanha, com uma carroça de quatro cavalos carregada a descer — a estrada, o vale, o rio e o canal, apresentados de forma fiel; um barco do canal, com dois cavalos atrelados em tandem; e um pequeno condutor travesso brandindo um chicote para espicaçar o cavalo da frente. No barco está pintado o nome «Thomas Jefferson». Nos sacos na carroça está impresso «R. Speer»!

«Agora, que significa toda esta descrição?», diz o leitor impaciente. Mas essa é a minha pergunta. Pergunto: «Que significa tudo isto?» Mostrei-vos a carta a que isto é resposta e agora desejo que decidais sobre a sua pertinência. Cassville fica no Condado de Huntingdon; isso é verdade. E esta paisagem está no Vale do Juniata e pode ser apreciada a partir do Van Devender's Lock. Mas lembrem-se, fui eu que vos contei tudo isto. Nada disto poderiam aprender da carta. Agora, que mais veem no desenho que seja uma resposta adequada à carta? Nada, absolutamente nada! Mas esqueço-me; não se espera que o vejam. Robert Speer foi chamado a dar-me um teste da sua presença pessoal e da sua identidade individual! Fê-lo? A única escrita discernível era esta breve frase:

«A mãe está aqui e comunicará.»

Ainda nenhuma pista para a interpretação correta do desenho; pelo contrário, todo o assunto é mais ambíguo do que antes.

Agora a minha interpretação deste escrito em desenho; o leitor poderá então compreendê-lo mais claramente do que presentemente.

Na minha juventude, estive ao serviço de Robert Speer. Ele vivia além da montanha descrita, no Vale de Trough Creek. Era o comerciante do vale e comprava o grão e outros produtos da quinta e da leitaria aos agricultores. Aqueles que podiam entregar os seus produtos no canal, o

barco Thomas Jefferson estava lá para os receber, até ficar carregado para a viagem. Viagens diárias de carroças de Cassville para o canal e de regresso eram feitas.

Sacos de grão marcados «R. Speer» geralmente ficavam direitos nas carroças, um esboço dos quais temos no desenho. Eu estava, como já referido, ao serviço do Sr. Speer e servia como vaqueiro, moço de loja e condutor de barco. Suspeito que o rapazinho naquele cavalo de trás, que agora está a tornar o da frente, «Old Mike», vivaz, fazendo-lhe cócegas no rabo com um chicote novo de seda, tem cerca de treze anos, com uma cabeleira desgrenhada da cor de casca de carvalho, o rosto sardento; e se vos responder civilmente quando interpelado, provavelmente dir-vos-á que o seu nome é Nep.

Mas, novamente o leitor impaciente exclama: «Que tem tudo isto a ver com a carta dirigida a Robert Speer?»

Pois então, que Deus tenha piedade de vós! Porque não respondestes à minha carta, com os olhos nela, antes que esta resposta fosse dada? Esta resposta ilustrada à minha carta, submeto, é tão adequada e pertinente como qualquer resposta poderia ser. Não havia sentido equívoco transmitido nesta réplica. Era tudo fiel à vida; e se a identidade pessoal e a presença individual de Robert Speer não estavam claramente manifestas, então sou bastante ingrato para perguntar: «Que carácter de testemunho pode estabelecer um facto?»

O bom senso do próprio leitor discernirá os pontos fortes neste teste de presença e identidade espiritual. Não foi avançada nenhuma teoria que explique tudo isto de forma tão satisfatória como aquela que admite a presença ou a agência de Robert Speer como um espírito individualizado.

A minha mente quanto a este último ponto estava clara e decidida, e não parecia haver necessidade de mais testemunho para confirmar as minhas convicções. Não obstante, a mão do médium foi novamente posta em movimento, em resposta a alguns comentários conjeturais referentes ao anúncio feito no desenho de que «a mãe comunicaria». Recordar-se-á que não fiz nenhuma alusão à «mãe». A minha mãe ainda estava na forma; e a mãe do Sr. Speer era-me pouco conhecida, e não havia razão para que ela tivesse desejo de me escrever uma carta. Ainda

assim, foi anunciada como estando presente e que escreveria. Essa era a minha compreensão da mensagem.

Como já referido, a mão do médium começou a agitar-se novamente; e enquanto o desenho ainda estava sob exame crítico, moveu-se com o lápis sobre o papel. O resultado deste controlo foi simplesmente uma cómoda ou bureau. Não havia evidência de habilidade exibida com que o mais iniciante no desenho não pudesse competir com sucesso; ainda assim, havia quatro gavetas no conjunto, sobre as quais estavam inscritos os seguintes nomes:

GEORGE.

WALTER.

NAPPY.

JOHN.

Por baixo disto estava escrito:

«Todos vós fostes filhos para mim e requeríeis os cuidados de uma mãe. Não me chamastes "mãe"?» Mãe Speer.

Se tivesse alguma dúvida na minha mente quanto à presença verídica e individualidade de Robert Speer, esta manifestação inesperada e não solicitada dissipou-as completamente. É necessário oferecer alguma explicação deste teste voluntário acima, para que o seu valor como tal possa ser melhor apreciado.

Intimei que, aos treze anos de idade, pela pressão da «fortuna de ferro», fui lançado aos meus próprios recursos no mundo. Não é necessário enumerar quais eram esses recursos. Era uma mera criança e pequeno para a minha idade. Tinha «fugido» de casa e contratara-me para «conduzir barco» para Robert Speer. O primeiro barco com que arrisquei a minha fortuna foi o velho Stephen Girard; mas ela não era um «capitão delicado» e revelou-se «não navegável» para o «furioso canal». O Capitão Querry e o Girard foram em breve substituídos pelo Capitão Miller e pelo Thomas Jefferson. Na transferência, fui deixado de fora e tirado do barco pelo Sr. Speer, que me admitiu na sua família. Aqui recebi a mesma educação e atenção dispensadas aos seus próprios filhos. A Mãe Speer era mãe para todos nós; e se discriminava no seu

amor entre nós, eu era demasiado jovem para o notar e demasiado satisfeito para apresentar queixa.

Que não havia parcialidade no seu grande coração maternal era suficientemente evidenciado pelos cuidados que dispensava a todas as nossas necessidades infantis. Nenhum de nós tinha ainda ultrapassado o período imprudente da vida, em que os acidentes às calças eram tanto frequentes como comuns — por vezes, posso acrescentar, fatais à sua compostura a posteriori. Mas, por mais terrível que fosse o acidente, um remendo ou um ponto podiam na maior parte das vezes repará-lo, se «tratado a tempo». Isso era sempre feito. Se restassem apenas dois botões, após uma dura contenda com um «lançador e atirador» mais hábil do que eu, em devido tempo a peça de roupa despojada encontraria o seu caminho para a «gaveta número três» — marcada no diagrama «Nappy» —, com todos os botões intactos para uso na manhã de domingo. Preciso de me desculpar por chamar «mãe» a esta grande e boa mulher?

George era o seu filho mais velho — aproximadamente da minha idade. Tinha, pelo direito de primogenitura, a primeira gaveta. Walter era o segundo filho, a quem foi dada a segunda gaveta. John era o terceiro filho; mas aqui surgiu a questão de saber se ele devia ter precedência sobre a minha idade. Ele era muito mais novo do que eu. Ficou finalmente decidido que a minha gaveta seria a terceira e a de John a quarta. Alegou-se que isso me faria sentir mais satisfeito e como um verdadeiro membro da família. Foi uma bela demonstração de delicado pensamento e sentimento, que recordo com prazer após ter dormido sobre ela quase quarenta anos. A bondade, quando toca o coração, é «uma coisa de beleza e uma alegria para sempre».

O leitor verá agora a pertinência do teste dado no desenho do bureau. Que junte este e o desenho do barco e do condutor, e depois diga candidamente se não é mais difícil descrer na presumida presença de Robert Speer e da Mãe Speer do que admitir a sua presença e a sua autoria das comunicações pictóricas que recebi.

Se estes fossem casos isolados, não apoiados por outro testemunho concorrente em favor da teoria espiritual, então poderíamos abandonar o terreno assumido e dizer que se praticara um engano; mas, pelo contrário, cada carta que submeti ao toque do Sr. Mansfield elicitava

factos e respostas não menos impressionantes e conclusivos do que os que citei. Ele respondeu por mim a mais de uma centena de cartas desta maneira; e aconteceu muito raramente que os espíritos comunicantes falhassem em dar as provas mais indubitáveis da sua completa identidade.

Vi o Sr. Mansfield responder a mais de mil cartas seladas, e em circunstâncias tais que suspeitar dele de manipulação dos selos ou de ter conhecimento pessoal do que era escrito pela sua mão é simplesmente um triste reflexo sobre a sanidade mental de alguém.

O cargo de carteiro dos espíritos (como o Sr. Mansfield tem sido chamado) é um lugar muito interessante para observadores externos. Pessoas vêm aí ou enviam buscar cartas, que pouco se suspeita terem qualquer correspondência com os «mortos». Muitos são homens viris, francos e abertamente declarados crentes no intercâmbio espiritual; mas outros têm medo, sabeis, que algo possa ser dito, sabeis; e não queriam, por nada deste mundo, que se soubesse, sabeis, que realmente acreditavam nesta coisa, sabeis!

Este tipo de tagarelice ouve-se todos os dias de pessoas que passam pela vida como fantasmas, desconhecidas e ignoradas. Desaparecem da existência, e a sua memória raramente sobrevive ao pagamento da conta do coveiro, que é sempre resmungada por ser demasiado alta — despesa excessiva para enterrar tal carcaça. Um dia, duas pessoas entraram no escritório do Sr. Mansfield, embrulhadas e encapuzadas como dois ladrões em visita profissional. Espessos véus negros cobriam o rosto da mulher; e o homem tinha o chapéu puxado sobre a testa até às sobrancelhas e um enorme cachecol à volta do rosto. Chilreou, numa voz disfarçada:

«É o senhor o carteiro dos espíritos?»

«Não!», disse eu, com uma voz como uma faca cortante: «qual é o vosso negócio com o carteiro dos espíritos?»

«Queremos obter uma carta dos espíritos», disse a mulher com voz afetada.

«Ó! Peço perdão! Pensei que eram ladrões e queriam roubar algo. O Sr. Mansfield está ocupado neste momento.»

Deixei-os livres para escolherem se ficavam ou iam. Preferiram ficar. Passado pouco tempo, o médium entrou na sala, quando de imediato penetrou os disfarces destas pobres pessoas tolas e disse:

«Sr. P., a vossa filha Minnie está ao vosso lado. Está a chorar porque vós e a mãe dela estão disfarçados. Diz que, se a amásseis tanto quanto pretendeis, não teríeis vergonha de buscar a sua presença com o rosto descoberto. Está tão agitada que não pode escrever-vos hoje.»

Estas pessoas livraram-se dos disfarces, e o homem revelou ser um conhecido clérigo em Boston, e a mulher a sua esposa. Revelaram-se pessoas muito afáveis, mas viviam em mortal temor da opinião pública. No dia seguinte, entraram na sala de receção com a segurança de pessoas bem-educadas e foram tratados com o respeito devido à sua honestidade, inteligência e posição, e receberam comunicações satisfatórias da sua filha e de outros membros da família no mundo dos espíritos.

Ao falar do Sr. Mansfield como «penetrando os seus disfarces», não pretendo sugerir que ele via através do material obstrutor como as pessoas ordinariamente veem pelo uso dos seus olhos naturais; mas, pelo contrário, são os sentidos claramente percetivos do espírito que tomam conhecimento dos factos em tais ocasiões e os expõem até ao osso. No caso em questão, o médium foi instantaneamente dotado de audição clara e visão clara; daí que ouvisse Minnie falar, bem como contemplasse a sua bela forma curvada de dor e vergonha na presença dos seus pais insensatos.

É desnecessário estender mais as minhas observações sobre este maravilhoso dom do Sr. Mansfield. Estudei as manifestações do seu poder durante vários meses e, nas melhores circunstâncias, cheguei a conclusões seguras e satisfatórias. O resultado final foi a convicção profunda na minha mente de que o mundo dos espíritos era tão real como o natural; que a vida era aí tão individualizada como aqui; e que a morte, como a sua gémea sono, era uma bela ordenança da natureza, nos amorosos braços da qual podíamos entregar o nosso espírito com tanta confiança como a criança fatigada se afunda em repouso no seio da mãe.

CAPÍTULO V

CUIDADO COM AS IMPOSTURAS —

MÉDIUNS POUCO FIÁVEIS NO TERRENO

NÃO há tema para o qual a mente investigadora possa ser convidada onde possa ser tão grotescamente enganada e tão grosseiramente ludibriada como aquele que pertence aos fenómenos do espiritualismo. Aquele que se propõe examiná-lo criticamente deve afiar o engenho e não ser excessivamente crédulo para acreditar, nem pronto a endossar como evangelho tudo o que vê e ouve. Sem pretender qualquer censura à causa, não se pode negar que a maioria dos chamados médiuns espirituais são ou impostores declarados ou tão pouco dignos de confiança nas suas pretensões que é sempre melhor estar de sobreaviso quando em contacto com eles.

A minha experiência com esta classe de pessoas tem sido variada e extensa; e pode ser prestar um bom serviço ao leitor, embora a tarefa seja tão desagradável como ingrata, amostrar os médiuns que, no meu juízo, têm dado ao espiritualismo mais descrédito do que todos os seus inimigos declarados. Ao fazer este trabalho, espero estar animado por uma caridade mais verdadeira do que aquela que desculpa o vício privado à custa do bem público.

Tenho agora diante dos olhos da mente um grande número de homens e mulheres que propriamente merecem censura. Destes só posso selecionar alguns, pois o meu espaço é limitado, para ilustrar o carácter desta mediunidade perniciosa. Eles, porém, como já referido, servirão de amostra para o todo.

Para todos os espiritualistas bem informados, o nome de L. Judd Pardee é bastante familiar. Era o que se chama um orador em transe e um ministro credenciado do novo evangelho do espiritualismo. Encontrei este cavalheiro no período inicial das minhas investigações do espiritualismo e formei por ele um caloroso apego pessoal, tendo grande estima pelos seus poderes mediúnicos. Por nascimento e educação, era da Carolina do Norte, embora nunca o tenha encontrado fora de Cincinnati, onde era bem conhecido dos espiritualistas, entre os quais tinha muitos amigos. Aqui o contratei para palestrar durante um mês e consegui para ele, primeiro, o Melodeon Hall e depois o

Mechanics' Institute. Na altura, servia como presidente da plataforma espiritual.

Pardee, na altura, tinha cerca de trinta e cinco anos, pessoalmente de estatura média, com uma estrutura física delicada, quase feminina, e voz. Em conversa comum, falava como uma rapariga que acabava de entrar na adolescência, não uma rapariga traquina, mas do tipo tímido que ainda é guiada pelas fitas do avental da mamã. Este homem possuía uma mente fina, subtil e analítica e, quando no estrado, uma voz de quase alcance websteriano, com a qual podia fazer ressoar ecos e eletrizar o ouvinte em todas as partes da maior sala.

Metafísico nato, parecia por vezes faltar-lhe lastro para o impedir de vogar a meio do ar, onde não estava no céu e contudo, se soltara da terra. Era um bom raciocinador e podia emocionar os corações de quantos o ouviam com deleite. Tinha o comando mais pronto da linguagem que jamais soube um homem possuir. Palavras e frases eram alinhadas como brinquedos e, no seu formoso desfile, quase se esquecia a sua missão. Escolhia-as mais pelo ritmo musical do que pelo significado; e contudo, eram sempre apropriadamente escolhidas e fortemente expressivas do sentido pretendido. Pardee era um conversador dos mais interessantes e tinha uma memória muito retentiva e complacente.

Quando aparecia na plataforma, o seu ar geral de rosto e forma era recatado. Os seus olhos azul-escuros mal se viam sob as longas pestanas pálidas. Cobria o rosto com a mão direita, enquanto se sentava por alguns minutos antes de falar, como os pregadores fazem ao entrar no púlpito. Olhai o homem de perto e vereis os seus ombros encolherem-se num tipo de espasmo, como se uma espiga de trigo lhe tivesse entrado pelas costas abaixo; e depois senta-se direito e passa a mão pela testa, primeiro para a direita, depois para a esquerda. Os seus olhos estão agora bem fechados e, após oscilar, por assim dizer, na extremidade da coluna vertebral por um ou dois momentos, inspira profundamente, quando se diz que está em transe. Por outras palavras, Pardee evacuou o seu corpo; e a implicação é que o espírito de Saul, Sócrates, Demóstenes ou o Nazareno tomou posse dele. Supõe-se que os ingénuos acreditem nisso.

Estando o médium em transe, tudo se cala num silêncio de morte, para que o primeiro som débil dos seus lábios inspirados possa ser ouvido. As suas palavras são suaves e baixas, como o ondular das águas ao longo de uma margem de prado, e musicais como o primeiro trinado de um pássaro primaveril. Gradualmente aumentam em poder e força, até que aquela forma frágil e delicada parece dilatar-se de vigor e investir-se de um manto de grandeza ou de um robe real. Cavalga, por assim dizer, num carro de chamas, levando cativos os espíritos que escutam a sua majestosa eloquência. Estende a mão, como um rei o seu cetro, e todos os corações reconhecem o domínio do homem.

Nenhuma pintura com palavras pode fazer justiça ao estilo de Pardee e à entrega do seu pensamento apaixonado. Tem de ser visto e ouvido para fixar a sua imagem para sempre na vossa memória. Mas aqui começa a nossa humilhação. Após a tempestade passar, este homem finge estar inconsciente do poder que exibiu. Após dominar uma multidão durante duas horas, ao capricho da sua vontade, pretende não saber nada do que fez. Fora com esta hipocrisia! Inconsciente, com efeito! Vede como uma declaração «simples e sem enfeites» de factos cora esta gritante falsidade!

No verão de 1864, Pardee estava a recuperar as suas energias esgotadas nas proximidades de Patriot, Indiana. Enquanto aí, preparou meia dúzia ou mais de palestras, que pretendia proferir durante a campanha de outono e inverno. Essas submeteu à minha inspeção de tempos a tempos, enquanto em curso de preparação, e solicitou para elas uma crítica livre e imparcial. Algumas das minhas sugestões foram aceites e incorporadas no corpo das palestras. Após a sua conclusão, pediu a minha assistência na obtenção de um lugar adequado para a sua entrega nesta cidade, durante a estação quente, pois as suas finanças estavam baixas. Fiz isso e anunciei o Greenwood Hall como o local, convidando a atenção do público para o banquete intelectual que lhes estava reservado; pois eu sabia precisamente o que prometia.

Poucos dias antes do tempo das palestras, Pardee veio para minha casa como meu hóspede. Ele e eu revimos novamente o manuscrito das suas palestras, tão criticamente quanto eu era capaz. Não reivindico qualquer mérito pelas sugestões que fiz; mas desejo simplesmente mostrar que as palestras foram cuidadosamente preparadas e

maduramente consideradas antes de serem proferidas. Agora, vede o que se segue.

Na ocasião da entrega da primeira palestra, sendo uma manhã de domingo, acompanhei Pardee até à sala e atuei como presidente da reunião. Na hora própria, fiz alguns comentários introdutórios e apresentei o orador ao seu público.

Eu, naturalmente, esperava que Pardee lesse a sua palestra ou falasse com o manuscrito diante de si. Não foi o caso. Tendo avançado para a posição do orador, sentou-se numa cadeira e depois passou pela farsa do transe, como já descrito. Falou então uma hora; e eu segui a palestra com a mais próxima atenção, pois estava familiarizado com cada parte dela. O meu objetivo era ver quão próximo do texto ele se mantinha. Foi escrupulosamente exato em cada palavra, tanto quanto a minha memória o atestava.

Tenho uma amiga que, quando deseja expressar a sua admiração por algo, exclama: «Não é adorável? Não é perfeitamente esplêndido?» Alguns adjetivos semelhantes encontrei-me a repetir no final do magistral discurso de Pardee. Fui o primeiro a apertar-lhe a mão e a felicitá-lo pelo seu belo esforço; o público aglomerou-se à sua volta para o mesmo propósito, animado por um sentimento similar de respeito e admiração pelo homem.

Entre aqueles que lhe apertaram a mão estava um velho espiritualista, que alegava ser vidente ou clarividente. Disse ao orador: «Pardee, sabe quem foi que falou através de si? Eu podia ver a sua forma, mas não distinguia o rosto.»

«Penso que foi o Nazareno», disse Pardee, «ou João Batista; ambos têm estado comigo muito ultimamente. As suas influências são muito semelhantes, e não consigo dizer qual deles falou.»

Pensei que ele estava a brincar a princípio; mas, após olhar-lhe diretamente nos olhos, não detetei qualquer leve evidência de humor neles. Estava em perfeita seriedade. Senti vontade de lhe perguntar: «Sabe com quem está a falar?» Mas estava impotente para falar ou agir. A impudência do indivíduo era tão sublime como a sua eloquência; e por ambas, até hoje, tenho uma profunda admiração. Era tão frio na prolação desta falsidade como uma «onda polar», e o seu rosto tão

imperturbável como o de um mentiroso negociante de cavalos. Merecia ser desmascarado; mas eu não o podia fazer. Era demasiado fraco para o esforço.

Mas por que expor Pardee e deixar os outros trinta mil privilegiados patifes irem em liberdade, que praticam as suas imposturas, todos os dias da semana, sobre um mundo crédulo? «Não», disse eu; «Pardee não é pior do que o resto deles, e tudo o que lhe censuro é que não seja melhor.» Um orador em transe deveria ser melhor do que um pregador ortodoxo; mas, ai!, temo que não o seja. Desejo que todos esses cavalheiros falassem a verdade, quando esta é ainda mais apropriada do que uma falsidade. Devemos certamente algo à dignidade da natureza humana, mesmo que percamos de vista completamente o autorrespeito.

É necessário dizer que tenho pouca confiança nas pretensões dos oradores em transe. Como classe, neste aspeto, não são fiáveis. Ouvi os melhores deles e raramente escutei as suas expressões sob o chamado afflatus *(inspiração)* divino que excedessem em pensamento os nascimentos mentais das suas condições normais.

Entre esta classe, poucas atingiram mais distinção pela sua eloquência do que a Sr.ª Emma Hardinge. Esta mulher tem grande poder no estrado; todos os que a ouviram admitirão isso. Mas é uma mulher de fina educação e cultura superior. Enquanto orador, tinha distinção antes de se tornar oradora na plataforma espiritual. Nas suas relações sociais, os seus poderes conversacionais são bastante iguais a qualquer dos seus esforços forenses. Então, por que fala com esse repulsivo transe de olhos arregalados? É uma farsa e deveria ser abolida.

E aí está também o Sr. Thomas Gales Forster, que persiste em fechar os olhos e sacudir-se para fora das suas «botas de sete léguas», para que o Dr. Dayton possa calçá-las e fazer um discurso na sua ausência. Ora, tudo isto é disparate; e já é mais do que tempo de que este costume tolo seja honrado na sua violação. O Sr. Forster não é apenas um homem de fina educação, mas está «bem lido» no sentido legítimo do termo; isto é, dá uma digestão pensada a tudo o que lê. A sua memória é maravilhosa e nunca falha em fornecer dados, quando necessários para elucidar um ponto ou fortificar um argumento. Não é um debatedor pronto, devido ao detestável hábito de falar com os

olhos fechados; mas é sempre maciço no argumento e sólido no facto. Como orador, é mais lógico do que Clay e pouco menos ponderoso e pesado do que Webster.

Os seus golpes são pesados e lentos, mas acertam sempre no assunto. Algo lento no seu hábito intelectual, requer uma ocasião para desenvolver a sua força. É familiar com os clássicos e leu as Escrituras com proveito, pois exibe em ocasiões adequadas um conhecimento íntimo dos Escritos Sagrados, tal que os mais eruditos comentadores poderiam aspirar a emular. No discurso, é tão prolífico em textos bíblicos como um jóquei o é em gíria de estábulo; mas porque há de fechar os olhos e mastigar tabaco quando cita a Bíblia é para mim um mistério tão grande como a pródiga assunção do falecido Pardee. Mas «a cada um o seu costume!»

Outra das oradoras capazes na plataforma harmónica, que caiu no tolo hábito do encantamento antes de consentir em proferir os seus próprios pensamentos corajosos nas suas próprias palavras corajosas, é a Sr.ª Lizzie Doten, uma das mulheres mais realizadas da Nova Inglaterra. Esta senhora é uma fina intuicionista e apreende as verdades mais subtis da Grande Harmonia com o poder de uma mente de mestre, tecendo-as numa coroa imarcescível de canção. A fibra do cérebro desta mulher é aparentada com a de Emerson e Holmes.

Cristaliza os seus pensamentos e profere-os com uma energia que os faz abrir caminho até à compreensão dos homens. Na sua poesia, incorpora as suas verdades mais elevadas. Então, se alguma vez, «solta as amarras da razão» para flutuar ao acaso ao longo do rio incandescente da sua inspiração. Então, como um cisne musical, canta enquanto flutua rio abaixo da harmonia e celebra o real e o ideal no seu verso nupcial.

Mas por que macular este quadro, Lizzie Doten, jogando ao «esconde-esconde» com os vossos auditores de olhos arregalados? Podeis escrever sentimento tão bom como o que falais, e o vosso próprio estilo e composição não são inferiores em fervor ou eloquência aos que são falsamente atribuídos ao lamentado Poe. Lembrai-vos de que a supressão de uma verdade é a sugestão de uma falsidade.

Não é necessário, espero, estender a lista de oradores em transe para mostrar a minha reprovação do hábito dos «olhos fechados». Quero olhar o meu educador nos olhos; então posso dizer se ele é honesto e sincero. É o órgão de uma linguagem que é sempre verídica.

Tenho agora de lidar com três ou quatro negligências de carácter menos digno do que aqueles que já apresentei ao leitor. Comandam atenção simplesmente porque se assumem como pastores de rebanhos espirituais e se agarram ao espiritualismo como cracas a um navio ou fungos a uma rocha.

O primeiro destes é um homem bem conhecido, perto e longe, como líder de um movimento que tem fundamento no egoísmo e na desonestidade. O Sr. John M. Speer será de imediato reconhecido como aquele de quem pretendo falar. É um espiritualista professo e um médium em transe para um trabalho específico. Este homem tem a astúcia e a manha de um índio na sua natureza, e eu confiaria tanto num Modoc ou num Kickapoo a minha reputação, a minha fortuna ou a minha vida como a este líder cigano. Quando este homem faz overturas, rejeitai-as como regra. Não vos quer bem.

John M. Speer é um enigma para a maioria das pessoas. Se não fosse médium em transe, não seria enigma para ninguém. Sob este disfarce, congemina e oculta os seus verdadeiros propósitos. Autodenominou-se missionário para a edificação de um novo governo; e, para atingir este objetivo, vagueia pelo país, na Europa e na América, para consagrar homens e mulheres a este novo trabalho. É geralmente acompanhado pela sua «segunda esposa», que atua como sua amanuense, e por dois ou três dos «fiéis», que desertaram dos seus lares para partilhar as suas fortunas com este velho infatuado.

Tinha ouvido muito desta partida infatuada, do seu movimento do Lar Unitário em Kiantone e dos seus vagabundeios por uma praia estrangeira, mas nunca os encontrei até que flutuaram até ao cais em Cincinnati, num barco chato; creio que em 1859. Era um espetáculo que valia a pena ver, pois ensinou-me uma lição que nunca esquecerei — este ajuntamento de reformadores do mundo, vivendo numa sensualidade de sujidade e familiaridade degradante, sem casa e sem lar. Que comentário sobre o seu movimento! Mas vejamos o trabalho que propõem realizar.

A forma de governo que Speer procura estabelecer difere de qualquer conhecida na terra, exceto se for em Utah, embora se alegue ter contrapartida no mundo dos espíritos. O seu executivo há de ser um teocrata, em quem se centra todo o poder social, civil e eclesiástico. John M. Speer é, naturalmente, *par excellence*, o Teocrata. Não é tudo; mas não é suficiente? O cheiro de queijo de Limburgo deveria satisfazer um estômago delicado. Melhor se deteta a sua qualidade por amostra.

O método de ganhar convertidos para este movimento de Speer é digno de nota. Alguns do seu grupo «marcam» o seu homem ou mulher, geralmente entre os espiritualistas do tipo louco. Gerencia-se uma entrevista entre a vítima para «consagração» e o teocrata. O objetivo não é declarado nem sugerido ao candidato. Tais pessoas geralmente têm meios ou algo mais que pode ser útil no novo trabalho — tudo o qual pertence ao teocrata, naturalmente, assim que admitis a sua autoridade. Combina-se encontrar no barco ou em alguma casa particular para passar a noite.

Satisfaz-se numa conversa livre e fluente sobre assuntos e coisas em geral, quando sois surpreendido por uma súbita reticência do grupo Speer. Todos olham reverentemente para o teocrata, que fechou os olhos, à la Pardee, e contorce a sua longa coluna vertebral como uma boa-constritora a preparar-se para atacar um bezerro. Naturalmente, a sua vítima senta-se quieta, embora espectadora interessada de toda esta farsa. Chega o momento para algo «aparecer», quando Speer começa a resmungar algo que só pode ser entendido por «Carrie», a sua segunda esposa.

Começais agora a perguntar-vos o que o «Velho Scratch» pretende. Carrie está a guardar cada palavra que cai dos seus lábios oraculares e põe-nas rapidamente em caracteres fonéticos. A luz da sala está sombria, e a voz do velho sepulcral. A solenidade da ocasião torna-se opressiva, e sentis que o túmulo dos Capuletos seria um lugar animado ao lado da presença desta velha mortalidade. O grande sumo sacerdote avança agora e, sem tanto como dizer «Com vossa licença, senhor», coloca a mão na vossa cabeça. É uma mão áspera e óssea, que vos percorre os calos como os dedos de uma múmia egípcia. Então ouvis algo como isto, falado em acentos confusos:

«Para esta grande obra te consagro, e o teu título será registado como "o projetor"! O teu mister será providenciar um lar para os membros errantes do Novo Convénio, mobiliá-lo confortavelmente e abastecê-lo bem com "boas vitualhas". Encontrarás uma casa na Arch Street, n.º 16, que servirá "muito bem" o propósito por agora, até que possas providenciar aposentos mais confortáveis. Escreve a comissão do projetor, Carrie; escreve-a, minha querida e devota segunda esposa, e mãe do meu filho, o embrião do "homem vindouro"; escreve-a e entrega-a ao doutor, e ele pagar-te-á dois dólares e sessenta e cinco cêntimos pela comissão, na entrega dos bens. Ámen.»

No final desta cerimonial vilanagem, «o teocrata» abriu os olhos, quando fui felicitado pelos vários membros do governo pela minha admissão na sua falange emasculada. Dei a substância da incumbência de Speer, embora não nas suas palavras exatas.

Até esse momento, eu, naturalmente, tratara toda a coisa como uma brincadeira; mas quando o pobre Sheldon veio no dia seguinte ver-me a respeito de fazer provisões para o grupo, comecei a compreender o verdadeiro carácter de John M. Speer. Sheldon estava quebrado de saúde — no último estágio de doença pulmonar — e, quando comecei a perceber como a sua natureza confiante fora abusada, indignei-me com o ultraje. O homem estava exausto — cuspindo a vida — e só precisava de um lugar de conforto para repousar e morrer. Ao olhar para os seus grandes olhos lustrosos, fundos nas órbitas, disse:

«Sheldon, quando os espíritos que controlam John M. Speer "projetarem" os meios necessários para providenciar um lar para o novo governo, poderei então pensar em tornar-me seu agente neste assunto; mas nem tu nem eu viveremos, espero, para ver esta extravagância de Speer assumir proporções maiores do que as que presentemente apresenta. Isto é uma cruel brincadeira contigo. Este homem separou a tua família, destruiu o teu lar e esbanjou os teus meios. Em breve te desertará, pois nada mais tens que excite a sua cupidez, e deixar-te-á quebrado de saúde, mortificado no espírito, um homem sem amigos, brinquedo da pobreza e vítima da penúria. Porque não vês o verdadeiro carácter deste homem? Em frases santas transaciona as suas vilanias e rouba a libré da corte do céu para servir os seus fins malignos.»

- Um carácter algo semelhante a este homem Speer encontra-se noutro espiritualista professo de orador em transe chamado Chauncey *****. Este indivíduo perambula pelo país como um vagabundo, aquartelando-se onde quer que encontre pessoas bastante tolas para o receberem. Assiste a todas as convenções e reuniões dos espiritualistas da América onde haja hipótese de um banquete grátis ou de uma oportunidade de se exibir, e sempre consegue fazer-se ouvir. Numa destas reuniões irresponsáveis, recentemente realizada em Cincinnati, da qual era membro autodesignado, visitou a minha casa para «pedinchar». Para me livrar do incómodo, dei-lhe dinheiro para pagar a conta do hotel por dois dias.

  Não obstante, conseguiu visitar-me com a maior regularidade à hora do jantar e do chá. Estando sentado à minha mesa na última vez que apareceu, foi-lhe permitido ficar na sala de estar até o jantar acabar. Não recebendo convite para jantar, retirou-se da casa enquanto estávamos à mesa e deixou no meu piano um chapéu velho, gasto pelo tempo e desbotado pelo suor, tão rascal como jamais ornou a cabeça sem graça de um vadio.

  Em seu lugar, levou um novo chapéu de seda de sete dólares, um dos melhores de David Baker, com todo o brilho da novidade e livre de mancha ou cheiro. O chapéu era-lhe grande demais por um número completo, para o que dobrou papel e colocou sob a fita interior. Pensei em punir o ladrão prendendo-o, mas o jornal «Religio», de Chicago, para quem *** é um favorito, teria levantado o grito de perseguição e excitado a simpatia dos seus leitores por aquele que estava a ser feito mártir pela causa do espiritualismo. Ó tempos! Ó costumes!

«Vês o instrumento que ele faria de mim? Esbanjaria os meus meios, como fez com os teus, e depois buscaria outras vítimas para roubar. Já é tempo de abandonares a presença deste velho mau homem!»

A minha admoestação chegou tarde demais para qualquer retratação do erro em que o moribundo caíra. A sua força corporal e mental partira, e estava tão impotente no poder de John M. Speer como uma criança nas garras de um gigante.

Quanto a mim, tomei um banho de sabão e lavei a cabeça para me livrar do vil contacto deste velho. Mas, ai!, pobre natureza humana! — há quem seja bastante fraco para pensar que as suas mãos possuem a virtude da consagração. Milhares e dezenas de milhares, se fui corretamente informado, submeteram-se à imposição destas mãos, como se fossem imaculadamente puras e não tão sórdidas como as de Iscariotes. Vi as suas comissões copiadas em pergaminho e belamente emolduradas, suspensas nas paredes de salas de estar confortavelmente mobiladas, nos Estados da Nova Inglaterra. Até quando farão os homens macacos de si próprios?

Não estou em sintonia com farsas, trapaceiros ou sicofantas. Servidores do tempo não encontrarão em mim qualquer apoio amigo. O espiritualismo apresenta-se à minha mente como a mais grandiosa revelação da verdade concedida aos tempos modernos. O seu advento constitui uma nova esperança e uma nova era para o mundo. Incorpora um pensamento religioso que acabará por permear as mentes de todos os homens e redimir o mundo do erro e do mal sob os quais tem sofrido há longo tempo. Milhões o defenderão, quando os seus ensinamentos e a sua autoridade forem melhor compreendidos. Impostores podem retardar o seu advento e manchar o seu belo nome; mas acabará por triunfar sobre todas as condições opostas e erguer-se-á perante a humanidade como a voz encarnada de Deus à raça humana.

Entre os notáveis expoentes do novo evangelho nos Estados Unidos, o Sr. E. V. Wilson ocupa uma posição pública proeminente. Sem formação escolar, é contudo, de bom senso prático e, como Warren Chase, um debatedor capaz da filosofia harmónica. Fisicamente, é um atleta e possui aquela coragem peculiar ao alto desenvolvimento muscular. Até aqui, tudo bem. Creio que não se classifica entre os oradores em transe, mas alega ser vidente e clariaudiente. No exercício destas últimas funções, tomo exceções ao homem como médium fiável.

É seu costume, após ou durante a entrega de uma palestra, fazer algum anúncio surpreendente do que vê e ouve que não é apreciável pelos sentidos comuns. Desta maneira, destacou-me em várias ocasiões como estando acompanhado por um espírito que diz: «O meu nome é ; fui teu companheiro e amigo quando eras secretário do Sr. Buchanan, na Casa Branca, em Washington. Tivemos muitos “bons momentos”

juntos.» O Sr. Wilson repetiu esta história duas vezes perante audiências públicas, e só posso dizer que é falsa. Numa ocasião, fiz escrita para o Sr. Buchanan, em Wheatland, mas apenas como amigo assistente, não como assalariado ou secretário pago. Numa conversa descontraída, contei isto a Wilson, algum tempo antes do seu primeiro anúncio público do facto; mas o indivíduo entendeu-o ao contrário e assim continua a tropeçar nisso.

Mas um testemunho ainda mais gritante da falta de fiabilidade da sua vidência foi deduzido pelo seu anúncio, perante uma audiência pública, do espírito de um homem que se supunha morto, mas que ainda não despira a sua mortalha carnal. Disse: «Vejo diante de mim o espírito de um homem que diz que o seu corpo está perto de Madison, Indiana, no Rio Ohio, e dá-me o nome de Professor Wm. Holt.»

«Tal como eu pensava!», exclamaram várias pessoas que conheciam o professor. «Pobre homem! Não parecia estar a dar-se bem e afogou-se.»

Para compreender o valor deste teste da vidência e dos poderes clariaudientes de Wilson, é necessário fazer alguma explicação. Pouco antes do anúncio surpreendente ser feito, o Professor Holt deixara Cincinnati de um modo peculiar a si próprio, sem avisar qualquer dos seus amigos do seu propósito. Durante várias semanas não se obteve palavra ou pista quanto ao seu paradeiro, e a apreensão dos seus amigos era de que se tivesse cansado da existência e deitara a vida fora no rio. Isto foi falado livremente na presença de Wilson e daí esta manifestação da sua vidência, etc.

Agora o desenlace de tudo isto. Cerca de seis semanas depois de a mente pública se ter acomodado na convicção de que o corpo de Holt nunca mais seria visto, exceto na sua condição revista como bagre ou búfalo, na nossa mesa de pequeno-almoço, eis senão quando! À maneira de Micawber, surge em St. Louis, vivaz como um grilo, sem uma escama ou cheiro de peixe nele. Mas que significa tudo isto? Simplesmente que a vidência de Wilson é uma fraude e a sua audição clara não é melhor. Quanto a saber se está iludido consigo mesmo ou engana desonestamente os outros, o leitor sincero terá de decidir por si. É óbvio para toda a mente inteligente, porém, que o espiritualismo é trazido a descrédito imerecido pela conduta de tais charlatães.

Uma forma mais suave e menos perniciosa de impostura é praticada pelos vossos médiuns impressionáveis, que pode, tão bem como não, ser ventilada neste lugar. O seguinte caso servirá de exemplo:

Quando residente na casa do Sr. Mansfield, uma do género impressionável partilhava a sua hospitalidade, como eu. Tinha vindo de longe — mesmo de Buffalo, Nova Iorque — e era uma senhora de educação, meios e boa posição social, gozando da estima pessoal do Presidente Fillmore e da sua família. Tudo isto, suporia alguém, deveria ter protegido a senhora da tolice da mediunidade impressionável, mas não o fez; assim, declarou, sem reservas, a posse de poderes maravilhosos nessa linha de atividade e veio em parte fazer uma visita social à família do Sr. Mansfield e em parte ilustrar a ele e a outros o seu extraordinário dom. A sua infatuação era completa.

Como não tinha confiança na coisa, mas sem duvidar da integridade da mulher, não tomei interesse no assunto. Evitei estudadamente falar no tema e esquivei-me a todos os comentários que levassem à sua discussão. Mas todas as precauções que pude usar não bastaram. Fui encurralado e compelido a fazer uma prova dos seus poderes. O modo foi algo semelhante ao de testar o Sr. Mansfield. Fui solicitado a escrever o meu pensamento e aguardar a resposta tal como viesse escrita pela mão do médium por impressão. O meu primeiro esforço foi o seguinte:

«Sr. Samuel Patch, — A massa está a subir. Se quiser alguma para fins de claraboia, remeta a sua encomenda através do médium ao seu mais cedo lazer, e obrigue, Seu, etc.»

Esta nota comercial clara encerrei num envelope cor de camurça e coloquei-a diante do médium impressionável. Não tardou que chegasse a impressão desejada, anunciada em rabiscos a lápis espalhados por uma página de papel almaço, e algo assim se lia:

«Caro Irmão, — Estás exatamente certo. As mesmas causas produzirão resultados uniformes. Não deixes o teu coração desfalecer, pois certamente hás de suceder. Persevera até ao fim. A Natureza é ilimitada nos seus recursos e nunca falha em suprir toda a demanda razoável. Tens de trabalhar para o grande resultado. Nada se atinge que valha a pena possuir sem trabalho. Não te desanimes. Todas as grandes

empresas são difíceis de realizar. Realização e impulso são irmãos gémeos. Estou contigo até ao fim.»

Havia uma «bondade» nesta comunicação que comandava o meu respeito; mas confesso que não via a sua pertinência à minha nota comercial clara e objetiva. Não havia alusão à massa, exceto onde se diz: «A Natureza é ilimitada nos seus recursos e nunca falha em suprir qualquer demanda razoável.» A massa pode ter sido aludida nos seus «recursos ilimitados», mas a construção não era satisfatória. Fiquei um tanto confuso e suponho que o médium foi impressionado a perguntar-me: «Como gostou?»

Esta pergunta foi um alívio para a minha mente; pois confesso uma grande perplexidade quanto ao que deveria dizer à mulher. Deu direção ao meu pensamento. Disse: «Senhora, isto é maravilhoso; há uma leve ambiguidade que gostaria de ver esclarecida. Quer tentar novamente, se eu escrever outra nota?»

«Certamente», disse ela, com um sorriso de satisfação; «é sempre um prazer escrever para os meus amigos. Devemos auxiliar-nos mutuamente na medida das nossas capacidades.»

«É muito amável. Serei breve, para que nem o seu tempo nem a sua força sejam indevidamente taxados. Tais esforços devem ser muito exaustivos sobre os seus recursos vitais.»

Escrevi apressadamente:

«Samuel, — Devo entender que obterá o seu fornecimento de massa para fins de claraboia dos recursos ilimitados da natureza, e não de mim? O coração desfalece-me, se o leio corretamente. Em vão me dizeis: "Realização e impulso são irmãos gémeos." Que tem isso a ver com massa? Sei muito bem que nada se atinge sem trabalho; mas, meu caro senhor, não tenho eu trabalhado? Desanimais-me. Não me podeis dar uma palavra de encorajamento encomendando algumas libras de massa de primeira para claraboia através deste médium? Seu, etc.»

Esta nota foi encerrada, como a primeira, num envelope cor de camurça e colocada diante do «médium». O lápis foi em breve agarrado e a mão influenciada nervosamente por um cérebro embriagado de chá a contorcer-se, traçar, saltar e rabiscar de modo dos mais

desconcertantes. Após algum esforço paciente, os hieróglifos foram decifrados para transmitir o seguinte:

«Caro Irmão, — Avante! Estás no caminho certo! Diante de ti jaz a estrada real para o conhecimento! O conhecimento é poder! A verdade é a alavanca de Arquimedes que levanta o mundo! Mantém-te firme e sê constante no teu propósito! Não duvides do sucesso! Trivialidades podem intervir, mas a vontade é omnipotente! A fé nela moverá montanhas! Aquilo que é mais valioso é o mais difícil de atingir.»

Em nenhum dos casos Samuel apôs o seu nome à resposta dada às minhas notas; mas isso não parecia ser de grande consequência, pois assegurou-me que eu estava «no caminho certo». Não estava. Evitou estudadamente fazer qualquer alusão à massa, porém; e era isso que me mistificava. «Negócios antes do prazer» é um máximo popular entre homens de «cabeça firme»; mas Samuel não parecia subscrever o dogma nesta instância. Agradeci ao médium pela atenção e expressei-me como bastante satisfeito com a sua mediunidade e os testes que recebera. Guardei as notas e respostas no bolso e nada mais disse na altura a ninguém.

Passados alguns dias, chegou aos meus ouvidos que o «médium» exultava com os belos testes que me dera e a satisfação que eu manifestara com a sua mediunidade. Ainda assim nada disse. Por fim, o Sr. Mansfield falou-me dos testes que a Sra. C. me dera. Era agora tempo de corrigir os erros em que estes relatos tinham levado várias pessoas bem-intencionadas. Fiz isso simplesmente mostrando ao Sr. Mansfield as minhas duas notas e as respostas que ela escrevera. Pensei que isso seria suficiente; mas quão tristemente me enganei!

Mansfield contou a brincadeira à esposa, que, com uma simpatia feminina pelo médium impressionável, a informou dos factos do caso. O médium exasperou-se e já não me chamou «caro irmão» — nem muito de qualquer coisa nessa linha. Andei direito durante vários dias, mas de nada serviu; o conflito era inevitável e irrompeu à mesa do pequeno-almoço. Eu estivera a ler o Herald of Progress e o Sr. Mansfield disse: «Algo de novo no Herald?»

«O Sr. Davis desmente ter dito, em qualquer tempo», respondi eu, «que havia trezentas pessoas em Buffalo que não têm alma. Um

correspondente pergunta-lhe se alguma vez fez tal declaração, e ele diz que nunca o fez.»

«O Sr. Davis disse-o, e não o deve negar. Eu ouvi-o», disse o nosso médium da massa, num tom que era tão puramente pessoal para mim como se me segurasse o nariz entre o polegar e o indicador.

Não podia escapar; os seus belos olhos tornaram-se brilhantes, não com luz de amor. Ainda assim, como Sam me dissera para «manter-me firme e ser constante no meu propósito», respondi: «Mas o Sr. Davis desmente ter dito algo do género que pudesse, construtiva ou doutro modo, ser feito implicar tal declaração.»

«O Sr. Davis não precisa de negar aquilo que pode ser provado», disse «massa», com uma acerbidade de modo que eu não testemunhara antes. «Ou ele diz uma falsidade, ou eu!»

Não pude resistir à oportunidade, e peço ao meu leitor que acredite que não foi com qualquer sentimento de exultação que triunfei sobre o meu inimigo caído. Foi o seu próprio «cavalo» indomado que a colocou à minha mercê. Esperei um momento, mas ela era demasiado orgulhosa para o pedir. Olhei com piedade para o médium caído, mas encontrei apenas desafio no seu olhar. Assim, como um *coup de grâce*, disse severa e deliberadamente: «Eu acredito no Sr. Davis!»

Isso resolveu o assunto do médium impressionável. Antes do meio-dia, ela recebeu uma impressão para ir para casa; e realmente penso que, se os espíritos alguma vez se empenham em tais passatempos, vieram em socorro da Sra. C. nesta ocasião.

Antes de me despedir de Boston e desta parte do meu tema, devo prestar as minhas homenagens à Sra. Nelly, um médium de personificação em transe, que tinha alguma celebridade local na altura em que eu buscava «mais luz» sobre o tema do espiritualismo.

Vivia numa parte elegante da cidade, em bom estilo, e a sua casa era frequentada por muitas pessoas que, como eu, se interessavam por tudo o que pertencia à nova religião. Encontrei Nelly uma bela jovem viúva de vários anos, loira, com olhos azuis cintilantes e uma boca cheia de dentes delicadamente formados, tão perolados quanto possível. Era de estatura média e já não uma rapariga de cintura delgada. Tagarela era ela, e cheia de deliciosa conversa leve.

O espírito controlador de Nelly era representado como sendo uma rapariga índia, cujo nome cristão era Shanan-doah. Era filha de Powhatan e cunhada do Capitão Smith, que tão longe esquecera a dignidade do seu sangue saxão e a odiosidade da miscigenação que casara com a sua irmã mais velha, Pocahontas. A este espírito chamavam Shanny, abreviadamente.

O seu hábito era ejetar Nelly da sua morada corporal e tomar posse do ninho ela própria. Depois, fazia travessuras à moda índia elevada. Guinchava e dançava e tagarelava índio magnificamente. Quando estava presente um homem realmente atraente, viril e casadouro, Shanny fazia-lhe a corte diretamente, do modo mais não aborígene. Estando Nelly ausente, podia tomar muitas liberdades com o seu arrendamento, às quais Nelly, creio, teria objetado, se estivesse presente e dona da situação. Mas, então, era só Shanny, sabeis; e ela era apenas uma pura e simples criança da natureza, e não queria dizer nada com isso.

Por vezes pensava poder ver um «demónio à espreita» no olho de Shanny, que se parecia tanto com o de Nelly, que a coincidência se tornava um estudo interessante. O desfecho de tudo isto foi que Shanny se apaixonou desesperadamente por um cavalheiro do nosso grupo, e ele por ela. Trocaram votos de constância e, naturalmente, casaram-se. Mas como, perguntareis, pode um espírito casar com um mortal?

Certamente! Vede, Shanny tomou posse do corpo de Nelly, após lhe servir um ato de despejo; e posse sendo «nove pontos na lei», Nelly ficou de fora ao frio. Tendo uma bela forma à sua disposição, na qual podia entreter os seus amigos como lhe aprouvesse, deixou de fazer de índia e tornou-se Sra. Nelly — mas esqueci-me — Sra. Shanny Jones, um patronímico bastante aristocrático como o de Sra. Capitão John Smith. Shanny está agradavelmente casada, e que mais quereis saber? Cumpriu a sua missão como médium em transe e depois desapareceu de vista.

O que mais precisamos de saber é frequentemente o que mais detestamos ouvir; mas aqueles que são feridos pela verdade deveriam lembrar-se do provérbio que diz: «Fiéis são as feridas de um amigo.»

CAPÍTULO VI

CLASSIFICAÇÃO DOS FENÓMENOS — SACERDÓCIO ESPIRITUAL — MORTE — O CORPO — SRA. MARY J. HOLLIS

OS fenómenos espirituais apresentam-se à minha mente sob duas cabeças características; a saber, físicos e mentais.

Nestes dois grandes divisões do tema, pode propriamente classificar-se toda a gama das manifestações espirituais. Sob a primeira cabeça colocamos o virar de mesas, os pancadas espirituais, a escrita espiritual, o desenho de imagens, o movimento de corpos inertes, as vozes espirituais e a materialização de cabeças, rostos, corpos, braços, mãos, vestuário, joias, flores, frutos, pinturas, a transformação da água, a dissipação da matéria e todos os outros fenómenos que reconhecemos pelo exercício legítimo dos nossos cinco sentidos.

Os fenómenos mentais abrangem aquela classe de manifestações que só podem ser exibidas através da estrutura mental do homem. Nesta divisão colocamos a psicometria,(1) a psicologia, a clarividência,(2) o transe, o sonambulismo, a exaltação magnética, os fantasmas, a simpatia, a impressionabilidade mental, a catalepsia, a histeria e o êxtase religioso.

1 Vide a obra de Denton, «The Soul of Things».

2 Esta é a nova palavra empregada pelo Sr. Davis como substituto de clarividência. Define-a na sua autobiografia — «The Magic Staff» — como «a clara produção da clarividência».

Não é nossa intenção, neste momento, falar mais particularmente destas variadas fases das manifestações espirituais, ou oferecer qualquer apelo especial pelo reconhecimento da genuinidade do seu carácter. Tal serviço deve ser desempenhado pelo estudante dos fenómenos mentais quando se encontrar face a face com os factos. Quando estes ocorrem, deve empenhar a sua própria lógica e fornecer a sua própria retórica ao formar a sua própria conclusão.

O objetivo da minha escrita é apresentar os factos tal como me ocorreram com toda a fidelidade de que sou capaz, deixando-os ao juízo do leitor pelos seus próprios méritos distintivos. Que o testemunho seja escrutinado, analisado e peneirado, até que a verdade seja

determinada. Um testemunho, para ser valioso, deve ter conhecimento a transmitir e competência para testemunhar. Toda a escória deve ser purgada do metal puro antes que o seu valor intrínseco possa ser determinado.

No departamento físico dos fenómenos espirituais, o curso da investigação é cercado de menos dificuldade do que no mental. Aqui os vossos sentidos testemunham os factos, após o que, se duvidardes do seu testemunho, podeis exercer as vossas faculdades de raciocínio para vos ajudar a chegar a outras conclusões. Mas quando se dá uma manifestação mental, não tendes poder para examinar a sua pretensão a origem espiritual senão através do médium da mente, que raramente age sem viés ou decide sem preconceito. Não vale a pena regatear a verdade de que, nestes dias de depravação política, fanatismo religiosa e perda de virtude pública, as crianças nascem com juízos pervertidos; ou, se não, a sua «coluna de verdadeira majestade» é deformada por vícios educacionais.

A razão pura é raramente exercida pelo homem, pois só pode ser desenvolvida quando condições harmónicas o cercam, tanto na sua vida antenatal como natural. Mas deficiente como o homem é na sua capacidade mental para raciocinar puramente sobre este tema oculto, pode contudo descobrir indicações superficiais de verdade subjacente que o encorajarão a «cavar mais fundo pelo tesouro escondido».

A organização mental do homem é demasiado imperfeitamente compreendida para que nos sentemos em juízo sóbrio e pronunciemos sobre as suas capacidades. Poucos homens têm qualquer conceção justa das sublimes possibilidades da natureza humana. Quando refletimos que todo o homem tem envolto em si a capacidade de reproduzir tudo o que jamais foi alcançado pela família humana, deveríamos pausar antes de decidir sobre a extensão do seu poder.

Daí, não estamos sujeitos a errar nos nossos juízos quando atribuímos fenómenos mentais a uma origem supersensória, que pode ser mostrada, a priori, como o produto legítimo de um cérebro sobreestimulado ou excitado? Sob tais influências, a mente pode ser surpreendida pela grandeza do seu poder, a ousadia das suas conceções e a proliferação dos seus pensamentos; mas devemos ter cuidado em como aceitamos esta desconcertante exibição de

capacidade latente da mente normal e atribuímos a sua ação ao impulso vivificado do toque do espírito.

«Um pouco de saber é coisa perigosa; Bebei fundo, ou não proveis a fonte pieriana. Um gole superficial embriaga o cérebro; Mas beber largamente torna-o sóbrio novamente.»

É evidente para o observador cuidadoso que os médiuns para fenómenos mentais frequentemente representam o que pode chamar-se influências mistas. Isto é, um espírito pode obter um controlo parcial ou poder para se manifestar através da organização do médium, enquanto o poder da vontade está apenas parcialmente adormecido. Quando tais condições existem, o espírito e o médium misturarão as suas ideias, e as comunicações serão frouxas e insatisfatórias. Esta é uma fase subdesenvolvida da mediunidade e nunca deve ser confiado nela. Na verdade, quanto mais pensamento dou a esta classe de manifestações mentais, e quanto mais vejo delas, menor confiança tenho na sua fiabilidade.

Ainda assim, de modo algum as denuncio como inteiramente não fiáveis. Não posso esquecer que a esta classe de médiuns pertenceu originalmente o Sr. Davis, quando a sua grande obra, à qual já chamei a atenção, foi dada ao mundo. Lembro-me também de que, enquanto em transe profundo, o mais grandioso poema do século XIX, «The Lyric of the Golden Age», foi dado à humanidade através da organização do Sr. T. L. Harris. Outros de distinção e valor quase iguais para o mundo poderiam ser citados, para mostrar a minha apreciação dos fenómenos mentais; mas quando reflito nas muitas miseráveis farsas que vi, simulando controlo espiritual, sou quase levado a exclamar contra todas elas.

Se não tivéssemos nada melhor do que fenómenos mentais para demonstrar o facto de que o mundo dos espíritos estava em comunicação com este, poderíamos satisfazer-nos com o testemunho que fornecem; mas como temos evidência mais direta, positiva e menos equívoca desta grande verdade fornecida pelos fenómenos físicos, não seria grande perda mesmo que os fenómenos mentais fossem completamente abandonados de vista.

Quando vemos uma cadeira mover-se sem uma força visível que altere a sua posição, devemos procurar descobrir a causa do seu movimento por todos os meios ao nosso alcance. Se falharmos em encontrar a fonte de onde o movimento é obtido através dos canais dos sentidos ou dos métodos habituais de raciocínio, então devemos empregar novos agentes na investigação do fenómeno. Não nos ilumina em nada dizer que «o diabo tem mão nisso»; tampouco melhora a nossa compreensão alegar que «a cadeira está enfeitiçada», ou que um «feiticeiro teceu um feitiço à sua volta».

Tais expedientes apenas revelam a pobreza da vossa mente e o esgotamento dos vossos recursos. Se quiserdes estabelecer uma reputação de capacidade e de honestidade, deveis enfrentar o caso com ideias claras. Só estas garantirão confiança e favor. Não fuja ao facto, pois ele sobreviverá a todas as vossas sofismas e triunfará no fim. A cadeira move-se! Explique a lei do movimento como quiserdes. Os factos são o fundamento de toda a filosofia. Que filosofia podeis oferecer para explicar este simples facto?

Embora ambas as fases das manifestações espirituais apresentem pretensões ao reconhecimento do seu carácter genuíno, sou livre de declarar que tenho mais confiança nos fenómenos físicos do que nos mentais. Os primeiros cristalizam-se em factos, os segundos difundem-se em fantasias. Um facto é uma verdade central já estabelecida. A filosofia de um facto pode ser corrompida nas especulações vertiginosas de um idealista errático.

Os homens fazem o seu próprio pensamento; o pensamento é o verdadeiro padrão da humanidade. O selo real da individualidade é aposto apenas no pensador. Quando ele fala, exerce um poder sobre a mente humana. Os seus pensamentos são forças organizadas, que impõem homenagem. A Natureza marca-o com nobreza. Emerson vive mil anos à frente da piedosa multidão que murmura um rosário ou balbucia respostas diante de um altar perfumado. Para ele, quão lamentável deve parecer a turba irrefletida que é atrelada pelos sacerdotes para puxar o pesado carro da seita!

Os fenomenalistas mentais já clamam por organização. Propõe-se uma nova seita de adoração, e invocam-se direitos charter para a sua proteção. Que os homens robustos estejam alerta e sejam lentos a

encorajar a organização de uma Igreja espiritualista. Esta proposta vem dos «gregos», aqueles que desejariam ser sumos sacerdotes na nova sinagoga, ou de incompetentes lamentáveis. Que significa organização senão a rendição da vossa virilidade nas mãos dos vossos dirigentes? Os homens não pensam da mesma forma. Por que deveriam agir da mesma forma? Fanáticos e dogmáticos formam sociedades, constroem igrejas e amaldiçoam o mundo. Homens e mulheres verídicos, honrados, nobres não pertencem a um clã. A verdade é tão livre como o ar, tão penetrante como a luz do sol.

O Espiritualismo não é uma religião no sentido partidário. É maior do que isso: é uma ciência. Sem igreja senão o universo, sem credo senão a verdade, sem oração formulada que o sustente, constrói-se como um poder para resgatar a humanidade do pecado da ignorância, do crime da falsa adoração.

Na sua essência, resistirá à admiração do mundo — são e vigoroso, quando os sistemas religiosos atuais, que constroem igrejas, tiverem sido esquecidos e os seus mais orgulhosos edifícios reduzidos a ruínas. Entregar esta ciência nas mãos de um astuto sacerdócio é trair os mais caros interesses da humanidade ao seu pior inimigo. O facto não se altera, a culpa não diminui, nem a enormidade do ato se atenua no mínimo, porque uma multidão de imbecis loucos ou fanáticos faça esta coisa degradante. A vox populi não é a vox dei.

Os sacerdotes espirituais não são mais dignos de confiança do que outros que, de modo ortodoxo, pretendem ser mestres espirituais. Fecham os olhos e, com uma autoridade de «assim diz o Senhor», arengam os seus discípulos. Se dizem coisas sábias ou tolas não vem ao caso; a objeção é ao privilégio especial que têm de falar sem contradição. Não se concede direito de replicar a uma falsidade do púlpito, por mais grosseiramente que o vosso juízo seja insultado. Afirma-se que o sacerdote é simplesmente um médium através de cuja organização fala um espírito regressado.

A sua assunção pode ser verdadeira ou falsa. Como havemos de determinar? Nem sequer podemos «provar o espírito», pois os privilégios da ordem vedam as vossas perguntas. Esse é o ponto de perigo. Colocam-vos um anzol na mandíbula para que ela não se abra. «Crê, ou serás condenado» é a linguagem do nosso pirata moral.

Cuidado com a organização! Mais valia amarrar o pescoço a uma pedra de moinho e lançá-lo ao mar, esperando nadar, do que sobrecarregar a vossa virilidade com um credo e esperar que ela viva. A consagração à Igreja é a morte do desenvolvimento da alma. Aceitai a bênção do sacerdote e tornais-vos escravo para toda a vida. O sacerdote espiritual, enquanto sob a influência de Jesus, Swedenborg ou Sócrates, exige a rendição do vosso juízo e a homenagem do vosso coração. Em breve fará idêntica exigência quando nenhuma influência semelhante seja reclamada. Este mal seguirá de perto os calcanhares da primeira absurdidade.

Certa vez ouvi os espíritos de Thomas Starr King e do Coronel Baker falar através da organização de uma mulher holandesa; pelo menos assim se afirmava, e era aceite por uma sala cheia de fenomenalistas mentais meio formados. O Coronel Baker estava a perorar quando entrei na sala, e, assim que terminou o seu discurso com um acentuado sotaque teutónico, Thomas Starr King tomou posse do guarda-roupa desta notável médium. Oh, como ele estava feliz no seu novo invólucro! Como se agitava naquela organização — fazia-o Thomas Starr King!

Disse que ele estava feliz? Não: não era essa a minha intenção! Como o estorninho enjaulado, parecia-me ouvi-lo exclamar: «Quero sair! Quero sair!» Era um vil aprisionamento para um espírito como o de Thomas Starr King. Tentou falar — contar-nos algo da vida além; mas a sua voz era fina, a sua linguagem baixa, grosseira e agramatical; e chamá-la banal seria simplesmente elogiá-la. Tão diferente de Thomas Starr King era este fonógrafo dialetal que o seu amigo mais próximo teria sido o último a reconhecer a sua presença.

Como os outros se sentiam ao ouvir este fenomenalista mental, não sei; mas eu saí do local com repugnância e com um sentimento de compaixão pelo homem ou mulher crédulos que pudessem acreditar, por um momento, que as frases desconexas e sem ponta que ouvíramos eram as sentenças axiomáticas do clássico King ou a dicção polida do eloquente Baker. Antes de perder toda a fé nos fenómenos mentais e na natureza humana, pus uma distância segura entre mim e a Dayton Street, onde ouvira aquela lamentável tolice.

É triste pensar quanta coisa deste género o Espiritualismo é obrigado a patrocinar. Está a diminuir, sei-o; e por isso somos sinceramente

gratos. Mas apressemos o «bom tempo que há de vir» por todos os meios que o fim justifique, para eliminar rapidamente e por completo este incómodo; pois, na melhor das hipóteses, «enquanto faz rir os vulgares, faz chorar os judiciosos». A surpresa é que a grande verdade da comunhão espiritual possa, sob tais exibições absurdas, conquistar o respeito pensante dos homens.

O Espiritualismo tem amigos sinceros em excesso para permitir que o bufão ou o charlatão lhe traga opróbrio imerecido sem repreensão. A sua missão é demasiado importante para a humanidade para consentir que se torne brinquedo do ignorante ou instrumento do vigarista. As suas verdades aproximarão todas as raças dos homens e unirão todos os povos da terra num laço fraterno de camaradagem. Propõe abolir planos de salvação dispendiosos e vistosos e, em seu lugar, estabelecer um intercâmbio livre entre o mundo natural e o mundo espiritual.

Sob a sua influência benigna, a ignorância, o fanatismo, a escravatura e o crime desaparecerão gradualmente. «Pensamento livre e investigação sem restrições» é o lema heráldico do seu poder. Credos que corroem com a morte as almas dos homens dissolver-se-ão na sua luz benigna, como a geada diante do sol da manhã. Uma causa assim, esperemos, nunca faltarão defensores.

Enquanto investigava fenómenos espirituais em Boston, começou a Rebelião do Sul e monopolizou tanto a atenção pública que fui obrigado a abandonar a prossecução do meu objetivo. Até essa altura, porém, as informações que adquirira sobre o tema do intercâmbio espiritual eram de tal natureza que me deram novas visões da vida e da morte, e aliviaram a mente de uma dolorosa incerteza quanto ao destino do espírito humano.

Não é conveniente, neste lugar, entrar mais minuciosamente nas minhas experiências mentais do que dizer que estudara o assunto em todos os seus aspetos práticos e estava bem convencido na minha mente de que a comunicação com o mundo espiritual estava devidamente estabelecida, e de que apenas um tempo comparativamente curto decorreria antes que a verdade fosse universalmente admitida. Com esta convicção na mente, dediquei-me aos negócios e, durante vários anos, mal fiz qualquer alusão ao tema do espiritualismo, a não ser que fosse introduzido por outros em conversa

casual. Mesmo então, disse pouco sobre ele, pois encontrei poucos que pudessem escutar complacentemente uma declaração franca dos factos, tais como eu os reunira nas minhas investigações em busca da verdade, e dos quais eles não tinham conhecimento ou experiência correspondente. «Não pode ser», disse o príncipe oriental, «que a água endureça, como dizes. Nenhum do meu povo ou eu próprio vimos alguma vez tal coisa.» Se o príncipe tivesse visitado Boston, como eu, teria descoberto que a sua lógica era falha.

Um evento ocorreu na nossa família, a 9 de janeiro de 1869, que trouxe novamente à proeminência da minha mente a lição prática do espiritualismo. Foi a passagem da minha mãe para o mundo espiritual. «Ela partiu tranquilamente durante a noite.» Essa foi a curta mas expressiva história que me contaram quando cheguei a casa, no dia seguinte ao ocorrido.

Ela vivera na forma quase setenta e seis anos, uma vida ativa e útil. Esse era tempo suficiente para ter maturado o seu espírito e desenvolvido as suas faculdades para o início de uma vida superior. A sua transição para o mundo espiritual era esperada naquela idade. Por isso o evento era natural e não deveria causar surpresa nem excitar qualquer pesar. Ela cumprira a medida da vida, e a lei da mudança envolvera-a nos seus braços amorosos.

O seu velho invólucro estava bem gasto, mas mesmo quando o «brilhante habitante» o abandonara, ainda era belo aos olhos e terno ao coração; pois recordava-nos tanto a mãe. As associações amorosas de toda a nossa vida agrupavam-se em torno daquela forma inanimada e, como em reconhecimento dos nossos pensamentos, ela exibia o selo de um sorriso no rosto.

A minha mãe não vivia com qualquer medo da morte. Desejava viver para ver os filhos instalados na vida; mas estava sempre preparada para o evento e serena na sua contemplação. Ela e eu tínhamos falado muitas vezes sobre o assunto, calmamente e sem reservas. Não era um tema mórbido para ela. Rodeava-se de deveres demasiado ativos; mas pensara maduramente na mudança inevitável e encontrara paz na sua alma. Disse-me na última vez que visitei a casa antes da sua morte: «Napoleon, não estarei aqui por muito tempo; a morte em breve interromperá o meu trabalho; a minha idade e as fraquezas corporais

dizem-mo; a minha vida foi atarefada e espero que útil para todos os que me rodeiam. Não será difícil morrer quando chegar a minha hora. Penso muito neste assunto, mais do que em anos anteriores.»

«O teu intelecto não dá ainda sinais expressivos de decrepitude, mãe; o que te faz pensar que em breve passarás para a vida superior?»

«À medida que envelheço», respondeu ela, «tenho novas sensações que, penso, são peculiares à idade. Quando o meu sono é leve, tenho visões de paisagens belas e de moradas agradáveis que nenhuma linguagem que eu possa usar descreverá adequadamente. Mas o mais estranho de tudo é que esses lugares estão povoados por aqueles que outrora conheci quando viviam na terra, mas que há muito passaram para o mundo espiritual.

Noutras ocasiões, quando estou só e mais calma, ouço vozes chamar o meu nome, e reconheço-as como pertencentes àqueles que há muito morreram. Foi apenas na semana passada, enquanto trabalhava entre as flores no jardim, que ouvi a tia Hannah [sua irmã no mundo espiritual] chamar distintamente: 'Polly! Polly!' e tão real foi que respondi em voz alta: 'O que desejas, Hannah?' No instante, esquecera-me de que a tua tia estava morta. Deve ter sido o espírito dela que chamou o meu nome!»

«Muito provavelmente», disse eu; «e foi o teu sentido interior de audição que ouviu o som. A isso chama-se clariaudiência, ou audição clara. O mesmo acontece com a visão. Quando as impressões se tornam ténues no órgão externo, devido à idade, frequentemente ocorre que a visão interior se desenvolve e toma conhecimento de coisas que o olho natural não pode ver. Conheces o velho negro Timothy que vem preparar lenha para nós: tem noventa e cinco anos e é um homem notável para a sua idade.

Quando esteve aqui da última vez, fiz-lhe algumas perguntas sobre este mesmo tema da «segunda visão» e da «segunda audição», e ele respondeu quase exatamente como tu. Sendo psicologizado com ideias religiosas, disse que via Jesus, Paulo e João Batista (Timothy acredita na água), e muitos outros dos bem-aventurados santos, na sua cabana todas as noites, e ouvia-os rezar e gritar, e passar um bom bocado em geral.

«Com as tuas faculdades interiores não estimuladas por êxtase religioso, vês John, Hannah, Peggy, Charles, Sam e Thomas, toda a família de irmãos e irmãs, habitantes do mundo espiritual, que aguardam a tua vinda para completar o círculo há tanto tempo quebrado. Aquilo a que desejo chamar a tua atenção é o facto fenomenal de que, à medida que envelheces e os sentidos naturais se tornam ténues, as faculdades espirituais se desdobram e varrem, com os seus poderosos alcances, fronteiras para além do escrutínio comum.»

Noutra ocasião, ao falar com a minha mãe, ela disse:

«Enquanto pudermos, ajudemo-nos uns aos outros a fazer o bem. Faz sempre o que pensas ser melhor para todos. O egoísmo destruirá a tua felicidade. Pensa nos outros e esquece-te de ti mesmo. Essa é a melhor religião que podes ter. Deus é o nosso Pai comum. Certamente quer que todos os seus filhos sejam felizes. Ama-os a todos por igual; a serpente e a pomba pertencem-lhe. Não tem favoritos, nem age por leis parciais, mas por leis gerais. Os injustos nunca são felizes. Cumpre o teu dever para com todos os homens; só então és verdadeiro contigo mesmo.»

Estes fragmentos de conversa com a minha mãe servirão para mostrar a qualidade do seu espírito, cujo invólucro nos reuníramos agora para contemplar pela última vez, antes que fosse enterrado para sempre fora da vista.

Os preparativos estavam completos, parentes e amigos enchiam a casa, e uma tristeza serena parecia impregnar a própria atmosfera da ocasião. As minhas irmãs estavam abatidas pela dor, e o lamento era intenso. A morte surpreendera a melhor de nós, e parecia não haver consolo.

Algo me disse ao ouvido: «Napoleon, fala!» Ouvi-o distintamente, e soava como a voz da minha mãe. Acreditando ser esse o seu desejo, levantei-me e disse:

«Não é minha intenção pronunciar um elogio à vida bem vivida da minha mãe. Isso já o tendes nos vossos corações, vós que a conhecestes melhor. Aproveitaremos a ocasião para proferir algumas reflexões sobre o tema da morte:

É costume investir a morte com um terrível sentimento de pavor ou terror. Honremos hoje esse costume pela sua quebra. Aqui, na presença da sua mais recente vítima, cujos restos mortais os meus olhos agora contemplam, e o objeto mais caro do meu coração, posso dizer com verdade que nenhum sentimento assim me obscurece o entendimento ou aterroriza a alma.

Pelo contrário, nesta hora, a morte parece-me bela e benéfica na sua missão. Não tememos aquilo que é natural; e é tão natural morrer como nascer, e um evento não é mais sinal de desagrado do Todo-Poderoso do que o outro. Considerada devidamente, a morte é realmente o complemento da vida, um segundo nascimento, através de cuja agência divina o espírito passa de um corpo rudimentar para um mais etéreo, e do plano terrestre da vida para um mais belo, desenvolvido e refinado.

Celebramos hoje tal evento com a nossa presença. A ocasião não deveria ser triste e, se a compreendêssemos corretamente, não o seria. Não fosse pela rutura dos laços sociais, pela separação rude dos fortes ligamentos do amor, a ocasião seria de felicitação e gratidão, mais do que de dor e desespero.»

• *O Sr. Davis, no primeiro volume da «Grande Harmonia», páginas 163-172, dá esta lúcida descrição do processo pelo qual o espírito, na morte, se separa do corpo material. É algo extensa para uma citação numa obra deste género, mas o interesse universal no tema da morte será justificação suficiente para lhe dar tanto destaque nestas páginas.*

«A morte é apenas uma porta que se abre para uma existência nova e mais perfeita. É um arco triunfal pelo qual o espírito imortal do homem passa no momento de deixar o mundo exterior para partir para um país mais elevado, mais sublime e mais magnífico. E não há, na verdade, nada mais doloroso ou repulsivo no processo natural de morrer (aquele que não é induzido por doença ou acidente) do que há ao adormecer num sono tranquilo, agradável e sem sonhos. A veracidade desta proposição é notavelmente ilustrada e confirmada pelas seguintes observações e investigação dos fenómenos fisiológicos e psicológicos da morte, que o meu espírito estava qualificado para fazer sobre a pessoa de uma doente no momento da dissolução física:

A paciente era uma mulher de cerca de sessenta anos. Quase oito meses antes da sua morte, visitou-me com o objetivo de receber um exame médico do seu sistema físico. Embora não sentisse sensações exceto uma mera fraqueza ou debilidade localizada no duodeno e uma queda do palato, descobri e percebi distintamente que ela morreria com uma doença cancerosa do estômago. Este exame foi feito cerca de oito meses antes da sua morte. Tendo acertado a certeza da sua rápida remoção da nossa terra, sem perceber o período exato da sua partida (pois não posso medir espiritualmente o tempo ou o espaço), resolvi interiormente estar presente e observar o desenvolvimento progressivo daquele fenómeno interessante mas temido.

Movido por esta resolução, mais tarde, arranjei alojamento na sua casa e oficiava como seu médico. Quando chegou a hora da sua morte, encontrava-me felizmente num estado de espírito adequado para induzir a condição superior; mas, antes de lançar o meu espírito nessa condição, procurei a posição mais conveniente e favorável, para que me fosse permitido fazer as observações sem ser notado nem perturbado. (Para uma explicação do que se entende por condição superior, e da natureza e carácter das minhas perceções espirituais, remeto o leitor para o departamento desta obra particularmente dedicado à filosofia da psicologia.) Assim situado e condicionado, prossegui para observar e investigar os misteriosos processos do morrer, e aprender o que é para um espírito humano individual passar pelas mudanças consequentes da morte física ou dissolução externa. Foram estes:

Vi que a organização física já não podia servir os diversos propósitos ou requisitos do princípio espiritual. Mas os vários órgãos internos do corpo pareciam resistir à retirada da alma animadora. O sistema muscular lutava para reter o elemento do movimento; o sistema vascular esforçava-se por reter o elemento da vida; o sistema nervoso empregava todos os seus poderes para reter o elemento da sensação; e o sistema cerebral labutava para reter o princípio da inteligência. O corpo e a alma, como dois amigos, resistiam fortemente às várias circunstâncias que tornavam imperativa e absoluta a sua separação eterna. Estes conflitos internos deram origem a manifestações que pareciam, aos sentidos materiais, as mais emocionantes e dolorosas, mas fiquei indizivelmente grato e deleitado quando percebi e compreendi o facto de que aquelas manifestações físicas eram indícios,

não de dor ou infelicidade, mas simplesmente de que o espírito estava a dissolver eternamente a sua parceria com o organismo material. Agora, a cabeça do corpo ficou subitamente envolta numa atmosfera fina, suave, jovial e luminosa, e instantaneamente vi o cérebro e o cerebelo expandirem as suas porções mais interiores. Vi-os descontinuar as suas funções galvânicas apropriadas, e depois vi que se tornavam altamente carregados com a eletricidade vital e o magnetismo vital que permeiam sistemas e estruturas subordinados. Ou seja, o cérebro, como um todo, declarou-se subitamente dez vezes mais positivo sobre as partes menores do corpo do que jamais fora durante o período de saúde. Este fenómeno precede invariavelmente a dissolução física.

Agora, o processo de morrer, ou da partida do espírito do corpo, começara plenamente. O cérebro começou a atrair os elementos de eletricidade, de magnetismo, de movimento, de vida e de sensação para os seus vários e numerosos departamentos. A cabeça tornou-se intensamente brilhante, e reparei particularmente que, na mesma proporção em que as extremidades do organismo ficavam escuras e frias, o cérebro aparecia luminoso e resplandecente. Agora, na atmosfera espiritual jovial que emanava e circundava a sua cabeça, vi os contornos indistintos da formação de outra cabeça. O leitor deve lembrar-se de que estes processos supersensoriais não são visíveis a ninguém exceto às perceções espirituais desdobradas; pois os olhos materiais só podem ver coisas materiais, e os olhos espirituais só podem ver coisas espirituais. Esta é uma lei da natureza. Esta nova cabeça desdobrou-se de forma cada vez mais distinta, e tornou-se tão indescritivelmente compacta e intensamente brilhante que eu não podia ver através dela nem fitá-la tão fixamente quanto desejava.

Enquanto esta cabeça espiritual estava a ser eliminada e organizada a partir de, e acima da, cabeça material, vi que a atmosfera aromal circundante, que emanara da cabeça material, estava em grande comoção; mas, à medida que a nova cabeça se tornava mais distinta e perfeita, esta atmosfera brilhante desaparecia gradualmente. Isto ensinou-me que aqueles elementos aromais que, no início da metamorfose, foram atraídos do sistema para o cérebro, e dali eliminados sob a forma de uma atmosfera, estavam indissoluvelmente unidos de acordo com o princípio divino de afinidade no universo que permeia e destina cada partícula de matéria, e desenvolveram a cabeça

espiritual que eu contemplava. Com indizível maravilha e com uma reverência celestial e inefável, contemplei os processos santos e harmoniosos que se desenrolavam diante de mim. Da mesma maneira idêntica em que a cabeça espiritual foi eliminada e organizada de forma inalterável, vi, desdobrando-se na sua ordem natural e progressiva, o desenvolvimento harmonioso do pescoço, dos ombros, do peito e de toda a organização espiritual. Parecia disto, mesmo até uma demonstração inequívoca, que as inumeráveis partículas do que poderia ser chamado matéria não particulada, que constituem o princípio espiritual do homem, estão constitucionalmente dotadas de certas afinidades eletivas, análogas a uma amizade imortal.

As tendências inatas que os elementos e essências da sua alma manifestaram ao unir-se e organizar-se foram as causas eficientes e eminentes que desdobraram e aperfeiçoaram a sua organização espiritual. Os defeitos e deformidades do seu corpo físico foram, no corpo espiritual que vi assim desenvolvido, quase completamente removidos. Por outras palavras, parecia que aquelas obstruções e influências hereditárias foram agora removidas, que originalmente impediram o pleno e adequado desenvolvimento da sua constituição física, e portanto, que a sua constituição espiritual, elevada acima dessas obstruções, pôde desdobrar-se e aperfeiçoar-se de acordo com as tendências universais de todas as coisas criadas. Enquanto esta formação espiritual se processava, que era perfeitamente visível às minhas perceções espirituais, o corpo material manifestava, à visão externa dos indivíduos que observavam no quarto, muitos sintomas de inquietação e dor; mas estas indicações eram totalmente enganadoras; eram inteiramente causadas pela partida das forças vitais ou espirituais das extremidades e vísceras para o cérebro, e dali para o organismo ascendente. O espírito ergueu-se em ângulo reto sobre a cabeça ou cérebro do corpo abandonado.

Mas imediatamente antes da dissolução final da relação que durante tantos anos subsistira entre os dois corpos espiritual e material, vi, pulsando energicamente entre os pés do corpo espiritual elevado e a cabeça do corpo físico prostrado, um brilhante fluxo ou corrente de eletricidade vital. Isto ensinou-me que o que habitualmente se chama morte é apenas um nascimento do espírito de um estado inferior para um superior; que um corpo e modo de existência inferiores são

trocados por um corpo superior e correspondentes dons e capacidades de felicidade. Aprendi que a correspondência entre o nascimento de uma criança neste mundo e o nascimento do espírito do corpo material para um mundo superior é absoluta e completa, até ao cordão umbilical, que era representado pelo fio de eletricidade vital que, durante alguns minutos, subsistiu entre e conectou os dois organismos. E aqui percebi o que nunca antes obtivera conhecimento: que uma pequena porção deste elemento elétrico vital regressava ao corpo abandonado, imediatamente após a separação do fio umbilical; e que essa porção do elemento que passava de volta para o organismo terrestre se difundia instantaneamente por toda a estrutura, impedindo assim a decomposição imediata.

Não é adequado que um corpo seja depositado na terra antes que a decomposição tenha positivamente começado; pois, se não houver evidências positivas de tal mudança estrutural, mesmo que pareça certamente ter partido, não é correto entregar o corpo à sepultura. O cordão vital umbilical de que falo é por vezes não cortado, mas esticado até ao mais fino meio possível de conexão simpática entre o corpo e o espírito. Este é invariavelmente o caso quando indivíduos aparentemente morrem e, após estarem ausentes por alguns dias ou horas, regressam, como de uma viagem pacífica, para relatar as suas experiências espirituais.

Tais fenómenos são modernamente chamados transes, catalepsia, sonambulismo e êxtases espirituais. Há muitas etapas diferentes, ou divisões e subdivisões, destes estados. Mas quando o espírito é detido no seu voo do corpo, e quando é mantido num estado transicional ou mediatorial por apenas algumas horas ou minutos, então a mente raramente retém uma recordação da sua experiência. Este estado de esquecimento parece, a um observador superficial, aniquilação, e esta suspensão ocasional da consciência, ou memória, é frequentemente usada como base para muitos argumentos contra a existência imortal da alma. É quando o espírito deixa inteiramente o corpo — retendo apenas a propriedade sobre ele através do meio do fio umbilical não cortado ou fio elétrico, como poderia ser chamado — que a alma pode abandonar o seu tenemento terrestre e interesses por muitas horas ou dias, e depois regressar à terra, carregada de memórias brilhantes e felizes.

Assim que o espírito, cuja hora de partida eu assim observei, se desengajou completamente do tenaz corpo físico, dirigi a minha atenção para os movimentos e emoções do primeiro; e vi-a começar a respirar as porções mais interiores ou espirituais da atmosfera terrestre circundante. A princípio parecia-lhe difícil respirar o novo meio; mas, em poucos segundos, inalava e exalava os elementos espirituais da natureza com facilidade e deleite. E agora vi que ela possuía proporções exteriores e físicas, idênticas em todos os pormenores possíveis — melhoradas e belas — às que caracterizavam a sua organização terrestre. Ou seja, possuía um coração, um estômago, um fígado, pulmões, etc., tal como o seu corpo natural possuía antes (não dela, mas) da sua morte.

Esta é uma verdade maravilhosa e consoladora. Mas vi que as melhorias operadas sobre e na sua organização espiritual não eram tão particulares e profundas que destruíssem ou transcendessem a sua personalidade; nem alteravam materialmente a sua aparência natural ou características terrestres. Tão semelhante ao seu antigo eu era ela que, se os seus amigos a tivessem contemplado (como eu fiz), certamente teriam exclamado — como frequentemente fazemos ao regresso súbito de um amigo ausente há muito, que nos deixa doente e regressa saudável — «Ora, como pareces bem! Como estás melhorada!» Tal era a natureza — embelezadora no seu alcance — das melhorias que nela foram operadas.

Vi-a continuar a conformar-se e a habituar-se aos novos elementos e sensações elevadoras que pertencem à vida interior. Não notei particularmente os funcionamentos e emoções do seu espírito recém-despertado e rapidamente desdobrado, exceto que me certifiquei de observar a sua tranquilidade filosófica ao longo de todo o processo, e a sua não participação com os diferentes membros da sua família no seu irrestrito lamento pela sua partida da terra, para se desdobrar em amor e sabedoria por esferas eternas. Ela compreendeu, num relance, que eles só podiam fitar a forma fria e sem vida que ela acabara de abandonar; e compreendeu prontamente o facto de que era devido à falta de verdadeiro conhecimento da parte deles que assim veementemente lamentavam a sua mera morte física.

O excesso de choro e lamentação de amigos e parentes sobre a forma externa de um falecido é principalmente causado pelo modo sensuoso e superficial pelo qual a maioria da humanidade vê o fenómeno da morte. Pois, com poucas exceções, a raça está assim condicionada e educada na terra; ainda não tendo crescido para perceções espirituais; ainda não tendo progredido até onde «tudo o que está escondido será revelado»; realizando, apenas através do meio dos sentidos naturais, a proximidade do amado; observando e compreendendo apenas os sinais e processos externos da dissolução física, supondo que esta contorção indica dor, e esta expressão indica angústia — digo, a raça está tão situada e educada que a morte do corpo (para a maioria dos habitantes da terra) é equivalente a uma aniquilação da personalidade do indivíduo.

Mas eu confortaria o observador superficial, e posso solenemente assegurar ao investigador da verdade, que, quando um indivíduo morre naturalmente, o espírito não sente dor; nem, se o corpo material for dissolvido por doença ou esmagado por uma avalanche temível, a individualidade do espírito é deformada ou, no mínimo grau, obscurecida. Se pudésseis desviar o vosso olhar natural do corpo sem vida que já não pode responder ao vosso olhar de amor, e se os vossos olhos espirituais fossem abertos, contemplaríeis, no meio de vós, uma forma, a mesma, mas mais bela e viva.

Daí que haja grande motivo para regozijo no nascimento do espírito deste mundo para a esfera interior da vida; sim, é muito mais razoável e apropriado chorar na maioria dos casamentos que ocorrem neste mundo do que lamentar quando o espírito imortal do homem escapa da sua forma terrestre para viver e desdobrar-se num país superior e melhor. Podeis vestir-vos com os trajes escuros do luto quando consignais no altar um coração a uma sepultura viva, ou quando acorrentais a alma a respirar numa atmosfera incompatível; mas vesti-vos com roupas de luz para honrar o nascimento do espírito numa vida superior.

O período necessário para realizar toda a mudança que vi não foi longe de duas horas e meia; mas isto não fornece regra quanto ao tempo requerido para cada espírito se elevar e reorganizar acima da cabeça da forma exterior. Sem mudar a minha posição ou perceções

espirituais, continuei a observar os movimentos do seu espírito recém-nascido. Assim que se habituou aos novos elementos que a rodeavam, desceu da sua posição elevada, que era imediatamente sobre o corpo, por um esforço da vontade, e passou diretamente pela porta do quarto de dormir, no qual jazera (na forma material) prostrada com doença durante várias semanas.

Sendo num mês de verão, as portas estavam todas abertas, e a sua saída da casa não encontrou obstruções. Vi-a passar pela sala adjacente, sair pela porta e pisar da casa para a atmosfera. Fiquei sobrecarregado de deleite e espanto quando, pela primeira vez, compreendi a verdade universal de que a organização espiritual pode pisar a atmosfera, que, enquanto na forma terrestre mais grosseira, respiramos — tão mais refinada é a constituição espiritual do homem. Ela caminhava na atmosfera com a mesma facilidade, e da mesma maneira, que nós pisamos a terra e subimos uma eminência.

Imediatamente após emergir da casa, foi acompanhada por dois espíritos amigos do país espiritual; e, após se reconhecerem e comungarem ternamente, os três, da maneira mais graciosa, começaram a ascender obliquamente através do invólucro etéreo do nosso globo. Caminhavam de forma tão natural e fraterna que eu mal podia compreender o facto de pisarem o ar. Pareciam estar a caminhar pelo lado de uma montanha gloriosa mas familiar. Continuei a fitá-los até que a distância os ocultou da minha vista, após o que regressei à minha condição externa e ordinária.

Oh, que contraste! Em vez de contemplar aquele belo e jovem e desdobrado espírito, via agora, em comum com os que me rodeavam, o organismo sem vida, frio e envolto da lagarta, que a borboleta jubilosa tão recentemente abandonara!»

A separação do espírito do corpo é um processo natural e belo da lei. Não há nada no ato que choque as nossas sensibilidades ou excite o nosso medo. Sejamos calmos agora, enquanto examinamos o corpo de um ser humano e averiguamos quão temorosa e maravilhosamente ele é feito.

Científica e criticamente falando, o corpo humano pode ser dito uma agregação de elementos, ou vapores químicos. Os seus propósitos já os

declarámos. Passamo-lo agora ao químico analítico, e ele deve dizer-nos de que é composto. Encontra nele mais elementos primários do que em qualquer outra massa de matéria de igual peso. Na verdade, todas as outras formas de matéria parecem apenas fornecer elementos para este. São mantidos juntos, temporariamente, por agentes cujo poder pode ser neutralizado pelo génio do laboratório.

Por que não havemos de olhar para este assunto como o químico? Não há verdade na sua ciência? Quem questionará princípios eternos senão o velhaco ou o tolo? A ignorância pode deplorar a enunciação de uma verdade fundamental, e a dor pode clamar em voz alta o seu lamento insensato sobre uma bela manifestação de uma lei natural, mas ambas são impotentes para mudar a ordem eterna das coisas. Por isso somos gratos.

O distinto erudito alemão, Liebig, o químico [desde então passado para o mundo espiritual], convidou a sua classe de estudantes para o seu laboratório para assistir à análise química, ou decomposição, de um corpo humano. Parando à porta, virou-se para os seus «trezentos» e disse: «Este templo é dedicado à ciência. Aqui procuramos descobrir as grandes verdades que estão envoltas na matéria. Se algum de vós hesitar na perseguição do conhecimento, tal como o crisol e o retorta desdobram, não entre aqui. Deus não quer serviço vacilante daqueles que O procuram. As Suas leis não são impossíveis de descobrir, se as procurarmos diligentemente.»

Diante dele, sobre a mesa, jazia um corpo humano. Este preparou-o para dissolver com químicos, e com condições de teste para assegurar o reconhecimento dos elementos que compunham a sua organização. O processo foi lento, o interesse intenso, mas o facto foi realizado. Reduziu cento e quarenta e cinco libras de matéria a uma condição elementar impalpável. Os gases flutuando no ar invisível foram inalados para os pulmões, os que eram necessários, pelos presentes, e o restante depositou-se na casa, ou escapou para os campos ou bosques, onde foram absorvidos pela respiração das flores, dos vegetais ou dos pulmões-folha das árvores da floresta.

Terminado o seu trabalho, disse: «Senhores, a matéria que viram dissolver não se perdeu em nenhum outro sentido senão para o olho natural. Ainda existe numa condição elementar e entrará em milhões de

novas organizações. Alguns de vós inalaram o oxigénio, as flores absorverão o hidrogénio e o carbono, e o grão que vedes ondular naquele campo alimentar-se-á dos seus gases libertados. O corpo que viram nunca poderá ser reorganizado; passou, e assim passarão todos os nossos corpos, pela química da sepultura.»

Não há apelo das decisões da ciência. A destrutibilidade do corpo humano para todo o sempre foi devidamente demonstrada. É tagarelice insensata falar da sua ressurreição. A dissolução física está provada — um *fait accompli*. De nada vale o que os homens possam dizer, fazer ou acreditar em contrário, o facto permanece inabalado. Um milhão de pessoas subdesenvolvidas não pode falsificar uma verdade nem dignificar uma mentira. Devemo-lo ao mundo, que este facto seja conhecido. Houve demasiada evasão, demasiada retórica plástica, exibida em tais ocasiões. Que a verdade seja dita, pela primeira vez, que, embora o corpo seja consignado ao esquecimento eterno, o espírito vive para sempre.

«Por que, então, honramos estas cinzas? Porque foi neste templo que o seu espírito habitou. Aqui deu a única expressão de si mesmo com que estávamos familiarizados. Neste tenemento o seu espírito desdobrou-se em sabedoria à medida que crescia em estatura e beleza. Deitar de lado este invólucro com o respeito devido é o terno ditame do afeto, e o único meio que nos resta de expressar os nossos sentimentos e apreço pelo seu valor. Ao olharmos para este rosto familiar, pensamos nas excelentes qualidades que o adornavam em vida. É difícil dissociá-las. Mas a luz apagou-se, a cor desvaneceu-se das faces, e os acentos de amor morreram para sempre nestes lábios imóveis. Ainda assim, tudo o que era essencialmente mãe vive. O amor nunca morre. O espírito é imortal.»

Estas observações recordaram a algumas pessoas que eu entretinha opiniões próprias; mas, exceto nesta ocasião, e naquela a que aludi antes, quando presidi à reunião de Pardee, não dera testemunho público, havia dez anos, das minhas convicções e adesão aos ensinamentos da Filosofia Harmónica. Na verdade, atingira aquela maturidade de idade em que os homens deixam de exibir perante o mundo, sem serem chamados, as convicções da sua mente, que moldam e regulam silenciosamente as ações da sua vida. Recaindo

novamente no agradável retiro do meu próprio lar, após a morte da minha mãe, a cortina caiu, como supus, sobre o ato final do drama atarefado da vida, e só me restava viver tranquilamente, envelhecendo com a maior graça que as circunstâncias permitissem.

Enganei-me. Talvez o desejo fosse pai do pensamento. Mas a 8 de fevereiro recebi uma carta da Sra. Annie Wood, residente em Louisville, Kentucky, na qual declarava que ela e a Sra. Mary J. Hollis tencionavam fazer uma visita a Cincinnati por um ou dois dias, numa expedição de «compras», e que me dariam o prazer da sua companhia como hóspedes durante a sua curta estadia. À maneira das senhoras, havia um pós-escrito na carta, que dizia o seguinte:

«P. S. — A Sra. Hollis é uma médium de trombeta. Presumo que tenha ouvido falar dela através dos jornais espirituais, pois as suas manifestações têm sido relatadas com bastante frequência no Banner of Light e no Religio-Philosophical Journal.»

A minha correspondente presumira demais. Nunca ouvira falar da Sra. Hollis até aquela data. O seu nome era-me agora anunciado pela primeira vez, e se ela tivesse sido uma embaixadora de Kamchatka não poderia ser uma estranha mais completa.

CAPÍTULO VII

CÍRCULOS ESCUROS — A SRA. HOLLIS EM TERROR — VISÕES EXTRAORDINÁRIAS — UMA NOVA TEORIA DA DOENÇA — UM «O QUE É ISTO?»

As senhoras arranjaram um programa ao seu gosto. Eu devia encontrá-las no cais na sexta-feira de manhã, à chegada do vapor General Lytle, e transportá-las para minha casa. Fariam as suas compras no mesmo dia — teriam sábado para matinée e passeio, e iriam à igreja pelas modas no domingo. Segunda-feira era o dia fixado para o regresso a Louisville.

Assim, encontrava-me no cais ao amanhecer com a minha carruagem, na sexta-feira, à espera do Lytle. Atrasou-se uma hora, devido ao gelo

flutuante. Por fim, o vapor chegou, e as senhoras — não estavam a bordo. Isso foi muito agradável.

Tinham mudado de ideias e tomado outro barco. Por este novo arranjo, chegaram à noite. Enquanto estávamos sentados à mesa de chá, a carruagem de aluguer parou com as nossas hóspedes.

«É imperdoável», disse a Sra. Wood; «mas vou contar-lhe exatamente como foi.»

Contou, para minha inteira satisfação. Ela é imensa a endireitar um programa torto. Tem «um dom» para isso; a maioria das senhoras tem.

«Esqueceu-se de apresentar —»

«Oh, peço perdão. Mary, este é o doutor.»

«Tudo bem, até onde vai; mas quem é Mary Annie?»

«Ora, a Sra. Hollis, pois claro. Não lhe escrevi que ela vinha?»

«Sim, escreveu. Sra. Hollis, é um prazer vê-la, e espero que tenha uma visita agradável. Tire os agasalhos e sente-se à mesa. O chá foi anunciado exatamente quando tocaram a campainha.»

Em poucos minutos, as senhoras estavam sociáveis, animadas como grilos e faladoras como crianças.

«É a sua primeira visita a Cincinnati?», disse eu, dirigindo-me à Sra. Hollis.

«Não, senhor. Já vivi nesta cidade e considero-a quase o meu lugar natal.»

«Oh, então não é uma estranha aqui.»

«Bem, suponho que a cidade mudou muito em quinze anos, de modo que ultrapassou o meu conhecimento até certo ponto; contudo, não sou inteiramente uma estranha em Cincinnati.»

«Os antigos marcos permanecem; ainda assim, encontrará muitas mudanças nesse tempo. É natural do Kentucky?»

«Não, senhor. Nasci em Indiana e tornei-me uma Hoosier por acidente.»

«Por acidente? É uma forma curiosa de falar de um evento natural.»

«Ora, na melhor das hipóteses, é apenas um acidente o lugar onde se nasce. Em 1837, aconteceu que a mãe residia temporariamente em Jeffersonville, e assim me tornei uma Hoosier. Se a minha mãe estivesse em Cincinnati, não teria eu sido uma Buckeye?»

«Certamente.»

Este curto colóquio introdutório mostrará que a Sra. Hollis não é uma sentimentalista afetada. Deve recordar-se que é mãe de quatro filhos, nenhum dos quais nasceu onde ela presentemente reside. Como será uma personagem proeminente na parte restante deste livro, este parece ser o lugar apropriado e adequado para a apresentar de forma mais geral ao leitor. Nasceu, como depois soube, a 24 de abril de 1837, em Jeffersonville, Indiana, de pais abastados e educados.

Foi a primogénita da família da mãe e casou-se, creio, no seu décimo sétimo ano. Na sua infância precoce, foi lenta a receber educação escolar; e foi um membro exemplar da Igreja Episcopal, até começar a ver espíritos e falar com eles. Quando isso ocorreu, perdeu gradualmente a fé na batina e na sobrepeliz, e deixou de ser uma adoradora elegante. Com uma reputação imaculada, tomou os votos de dedicar a sua vida ao serviço do mundo espiritual. Isso significa muito mais do que podemos encontrar espaço para registar neste lugar.

Quanto à sua aparência pessoal, aduzirei alguns esboços a pena, delineando o seu «rosto e forma», por mestres reconhecidos na arte gráfica.

O Coronel Don Piatt, o amplamente conhecido e capaz editor de The Capital, apresenta este retrato da senhora em questão:

«Fui apresentado à Sra. Hollis — bastante bonita, morena de olhos escuros, pesando cerca de cento e quarenta libras, e com cerca de trinta e cinco anos de idade. É pessoalmente atraente, sem pretensões e algo tímida.

Após as suas atrações pessoais, a característica principal que me impressionou foi a expressão extremamente franca e honesta do seu rosto. Um juiz da natureza humana afastaria toda a suspeita de fraude, após um bom olhar ao seu rosto bondoso e gentil.»

Outro distinto jornalista, F. B. Plimpton, Esq., editor principal no Cincinnati Commercial, que investigou fenómenos espirituais nas sessões da Sra. Hollis, e de que faz relatos capazes em cartas publicadas no Commercial e no Capital, escreve pessoalmente sobre a «médium»:

«A Sra. Hollis é de meia-idade, mas parece mais jovem do que é; de boa forma, algo robusta; tem olhos e cabelo negros lustrosos, e traços regulares e agradáveis. O seu modo é algo reservado, sempre modesto, como o de uma mulher culta e sensível, que, no entanto, esteve o suficiente em sociedade para adquirir uma fácil e graciosa autodomínio. Nesta ocasião, estava vestida com um robe matinal claro, de bom gosto mas simples.»

O Sr. Reed, editor-chefe do Cincinnati Gazette, viu na Sra. Hollis apenas «um rosto recatado e figura suave».

Outro escritor no Commercial disse dela:

«É uma mulher de bela aparência, morena, com uma bela cabeleira escura, olhos escuros e rosto belo.»

Esboços semelhantes poderiam ser multiplicados quase indefinidamente, mas o suficiente foi dado para fornecer ao leitor uma ideia geral do seu estilo. A gravura em aço fará o resto.

Como vi a Sra. Hollis pela primeira vez à minha mesa de chá, e no meu salão durante a noite, descobri que era uma mulher de inteligência acima da média, não tímida na fala, apta nas suas observações e rápida na réplica.

A noite passou-se agradavelmente, e na conversa não houve qualquer alusão ao espiritualismo ou qualquer referência à sua mediunidade. Se não tivesse sido previamente informado de que ela era espiritualista e médium, nenhum indício teria sido fornecido nesta ocasião para descobrir qualquer dos factos.

No dia seguinte (sábado), acompanhei as senhoras enquanto faziam as suas compras nas lojas elegantes da Fourth Street. Só após o jantar é que a Sra. Wood falou em realizar «um círculo escuro» à noite. Eu tinha preconceito contra «círculos escuros» e quase jurara nunca entrar noutro. Assistira a dois, em que os irmãos Davenport eram os médiuns, e não tinham fortalecido a minha crença na comunicação espiritual. É

certo que ouvira «Johnny King» falar muito claramente. A guitarra fora transportada pelo ar, dedilhando enquanto flutuava por todo o quarto.

O meu joelho fora tocado por uma mão espiritual, e o meu lenço fora atado alto no candelabro, exigindo o uso de uma escada para o recuperar; ainda assim, pensei que «algumas coisas podiam ser feitas tão bem como outras», e duvidei. Até certo ponto, partilhava as opiniões do Sr. Davis sobre círculos escuros,* e concluí que, se as manifestações espirituais da Sra. Hollis só podem ser produzidas num quarto escuro, a sua mediunidade, na melhor das hipóteses, não é melhor do que a dos charlatães mencionados num capítulo anterior.

Exceto para investigação científica — isto é, para testar a delicadeza e o poder maravilhoso dos espíritos sobre as coisas naturais — descobrir-se-á que os «círculos escuros» são inúteis e prejudiciais. Como meios de levar convicção à mente cética, as sessões sem luz resumem-se simplesmente a isto: as pessoas, por tais evidências, geralmente requerem repetição periódica de «factos» para impedir que a sua fé, envolvida na noite, definhe.

Para ser franco neste assunto, eu fora testemunha de tantas «manifestações» inúteis, que pretendiam ser produzidas diretamente pelos espíritos ou através da sua agência, que era o máximo que eu podia fazer para reter a fé nos factos reais que reunira após anos de incansável trabalho minucioso. A proposta de realizar um «círculo escuro» não era, portanto, inteiramente congenial ao meu modo de pensar, e só dei consentimento para nele participar para cumprir a perfeita lei da hospitalidade, agradando assim as minhas hóspedes.

«Certamente», disse eu, «teremos um círculo escuro, se a Sra. Hollis se sentir disposta.»

Uma simples inclinação da cabeça foi o único assentimento que ela deu.

Foi uma resposta ingénua à minha dúvida e colocou toda a responsabilidade de realizar o círculo ou não na minha própria escolha.

Eu esperava que, à hora da noite, a médium se encontrasse com uma «dor de cabeça angustiante», ou «tão fatigada que pedissem para a desculpar», ou que «estava demasiado nervosa para entrar no quarto escuro». Eu estava perfeitamente disposto a desculpá-la por qualquer

desses motivos, ou por qualquer outro que, na bondade do seu coração, ela pudesse pensar em alegar; mas, para meu total desconcerto, para não dizer em termos mais fortes, ela não ofereceu tal desculpa mesquinha, nem reclamou isenção por qualquer razão.

Estava prestes a desculpar-me de estar presente, alegando um compromisso anterior, mas encontrava-me em apuros para inventar um que não traísse a minha duplicidade. Não era membro de nenhuma «loja», «liga», «clube» ou «sociedade», coro ou reunião de oração; e nem sequer podia pretender ser membro solidário da Associação Cristã de Jovens Homens para a prevenção da crueldade contra os animais; e assim, em absoluto desespero, disse: «Certamente, teremos um círculo escuro, se a Sra. Hollis se sentir disposta!»

A justiça exige que eu declare que não tinha razão especial para esta relutância em entrar num círculo escuro. Era pelo princípio geral de que não tinha confiança em coisa alguma que pretendesse ser manifestação espiritual, encenada no escuro. O círculo escuro envolvia a mente em dúvida e mistério. Não podia oferecer prova convincente ao meu entendimento como a informação do olho. O ouvido é um bom repórter de factos, mas o olho é melhor. «Que comunhão tem a luz com as trevas», para que devamos ignorar o uso do mais importante dos cinco sentidos?

Eu deixara de ter qualquer interesse em manifestações espirituais depois de, como supunha, ter testemunhado toda a gama de fenómenos espirituais, dez, quinze, vinte anos antes. Não era congenial aos meus gostos percorrer novamente o velho terreno pisado, exceto para reviver antigas associações; e essas não tinham sido agradáveis no círculo escuro. Era esta a visão rabugenta que eu tinha da proposta da Sra. Wood.

Poderia ter omitido toda esta confissão de escrúpulos com inteira propriedade. Sei-o; mas entra na linha do meu dever registar todos os factos que tenham qualquer relação com as extraordinárias manifestações que é minha tarefa registar neste volume. Não me preocupa como possa aparecer pessoalmente ao leitor: estou aqui como testemunha para atestar a verdade. É tudo.

Foi apenas insinuado que os espíritos poderiam falar no círculo escuro. Nada se disse sobre o tempo que falariam, quão alto falaram, nem foram dados pormenores que pudessem adicionar interesse à ocasião. A trombeta também fora mencionada. Que papel teria no escuro? Não podia dizer, e era arriscado adivinhar. Decidi aguardar desenvolvimentos e, entretanto, escrutinar de perto todas as «manifestações» que surgissem em circunstâncias tão suspeitas.

Após o chá, as senhoras sentiam-se descansadas e revigoradas, e não se queixaram nem um pouco de «dor de cabeça» ou «fadiga». Assim, sob instruções, procedi a escurecer a sala drapejando as janelas. A sala escolhida por mim media cerca de dezasseis pés quadrados, no segundo andar do edifício dos fundos, imediatamente acima da sala de jantar.

Cinco pessoas adultas, incluindo as minhas duas hóspedes, entraram nesta sala cerca das oito horas da noite, quatro das quais tomaram assentos em frente da cadeira da Sra. Hollis, que foi colocada no meio do chão, dispostos em forma de semi-elipse. A trombeta foi colocada em pé, a meio caminho entre a médium e o círculo, e podia, por um impulso travesso da mente e uma inclinação do corpo, ser alcançada por qualquer um de nós. «Não gostei disso.»

A luz foi agora apagada, e certamente a antiga Noite nunca presidira com mais «majestade sem raios» sobre o Caos do que agora na nossa presença. Nenhum «raio compassivo» penetrava fresta, rachadura ou canto, para «iluminar ou alegrar». Houve uma «pausa terrível» de silêncio, até que a Sra. Wood começou a cantar «The Ever-green Hills», e eu desejei de coração estar sobre elas. Qualquer lugar menos ali, pensei; quando, como se captando a impressão da minha mente, a Sra. Hollis perguntou:

«Doutor, que tipo de lugar é este?»

«Muito opressivo e escuro, Sra. Hollis.»

«Não preciso que me digam isso; mas que tipo de sala é esta?»

«Uma sala quadrada, como viu; mas por que pergunta?»

«Porque está cheia de espíritos doentes.»

«Os espíritos adoecem?», perguntei eu.

«Suponho que sim, pois a sala está cheia deles.»

«De que se queixam, e como parecem?»

«Parecem ser só pele e osso. Tossem e escarram da maneira mais nauseabunda. Nunca vi nada assim antes.»

«Pode averiguar, Sra. Hollis, por que estes espíritos vêm aqui?»

«Não! Há um médico entre eles, que está a prescrever para o seu alívio. Estou impressionada a dizer que é francês. Aproximou-se de si várias vezes, e colocou as mãos sobre a sua cabeça e ao longo das suas costas, e depois nas partes correspondentes da pessoa doente. Quando faz isso, parece revivê-los, e eles parecem mais alegres e encorajados.»

«Não sente as mãos dele tocarem-no, Doutor?»

«Não. Não posso dizer que sim.»

«Ó céus! Ele vai colocar uma pessoa doente no meu colo. Não permitirei. Abra a porta, rápido; deixem-me sair! Não fico aqui mais um minuto. Tenho de sair deste lugar»; e, com um salto, a médium aterrorizada agarrou o trinco e abriu amplamente a porta.

Quando regressámos ao salão, o seu rosto exibia a expressão de medo, com a palidez da morte. Parecia quase petrificada pelo terror e, por alguns minutos, incapaz de proferir uma palavra. Quando se recompôs suficientemente, pediu desculpa pela sua «nervosidade», e depois perguntou: «Que tipo de sala é aquela? Está cheia de pessoas doentes, e parecem usá-la como hospital.»

«Oh, é a minha sala de consultas. É naquela sala que examino pessoas doentes. Sabe, Sra. Hollis, que sou um especialista médico e dedico a minha atenção exclusivamente ao tratamento de doenças torácicas?

- *«Em todas as eras do mundo», diz um grande escritor, «estas verdades [a imposição de mãos e as manifestações magnéticas] têm sido reconhecidas e aplicadas aos doentes e aos sofredores. Houve muitos indivíduos cujas constituições física e espiritual os qualificavam eminentemente para exercer uma poderosa influência sobre o corpo e a mente dos outros, até ao ponto de operar milagres e curar os coxos e os paralíticos.*

Mas enquanto os antigos empregavam a virtude intrínseca (ou magnetismo) na cura de doenças, infelizmente acreditavam que as doenças humanas eram causadas por espíritos malignos ou demónios, e embora Swedenborg considerasse esta superstição uma verdade, da qual o mundo naqueles dias tinha evidências múltiplas, ainda assim estou impressionado a considerá-la um grande obstáculo à manifestação de princípios puros e importantes. E penso que mesmo ainda os habitantes da terra estão demasiado sob o controlo da ignorância e da superstição para compreenderem as verdades superiores da ciência psicológica. É a ignorância e a falsa educação que levam a mente humana a fabricar um demónio pessoal e a construir-lhe uma morada ígnea de vastas dimensões.»

Não sabia disso? A Annie não lhe contou tudo sobre isso?», perguntei eu, inquisitivamente, para tentar obter uma pista sobre a verdadeira fonte da sua assustadora visão no escuro.

A Sra. Hollis respondeu: «Nunca ouvi falar da sua prática especial até este minuto. A Annie disse-me que era médico, mas nunca, creio, insinuou que a sua prática era especial no seu carácter.»

Eu estava incrédulo; e contudo havia tanta franqueza na sua declaração, e tão pouco motivo aparente para engano ou fraude no assunto, que fiquei perplexo; e assim fiz uma diversão na linha de pensamento perguntando: «E a trombeta? Esquecemo-la no susto. O que pretendia fazer com a trombeta, Sra. Hollis?»

«Os espíritos falam através da trombeta.»

«Entrançam-na quando fala através da trombeta?»

«Ó não! Eles usam a trombeta eles próprios.»

«Mas quer dizer que fala pelos espíritos através da trombeta, quando em transe?»

«Não quero dizer nada disso, senhor. É exatamente como digo: o espírito coloca a trombeta na boca e fala através dela, tal como o senhor faria.»

«Ora, nunca ouvi falar de tal coisa!»

«E porque não ouviu, parece duvidar da sua possibilidade.»

«Não: espero ter modéstia suficiente para não dizer o que é possível e o que não é. Pode ouvi-los falar distintamente?»

«Como me ouve agora.»

«E pode falar-lhes de volta? Pode manter uma conversa livre com eles?»

«Certamente. Por que não?»

«Não, não sei porquê; mas responder-me-ão?»

«Se lhes der uma oportunidade, e eles tiverem o poder e a inclinação para o fazer.»

«Aí está o busílis. Como saberei se têm o poder e a inclinação?»

«Da mesma maneira que faria idêntica descoberta ao falar com espíritos na forma.»

«Observam cerimónia — punctilio?»

«O senhor não observa?»

«Mas um espírito?»

«É apenas o homem ou mulher real fora da carne.»

«Sim: isso é verdade; mas por que falam através de uma trombeta, Sra. Hollis? Por que não, se possuem órgãos de fala, falam sem a trombeta?»

«Os espíritos dizem que a trombeta lhes permite concentrar o seu poder, focalizar as ondas do som. Sabe como isso é.»

«Tentam alguma vez falar sem usar a trombeta?»

«Sim: e alguns espíritos conseguem; mas o som é sempre muito fraco, em comparação com o que é quando falado através da trombeta. Há um espírito índio que pode ser ouvido, quando fala, em qualquer parte da casa, sem usar a trombeta.»

«Como acontece que ele pode falar tão alto e não usar a trombeta?»

«É um índio, e eles são encontrados, como regra geral, a ter mais poder de manifestação do que outros espíritos. Depois, novamente, está no mundo espiritual há tanto tempo que superou completamente

a maioria das enfermidades da sua vida natural; além disso, é quase um gigante em estatura e possui mais força do que a que encontramos ordinariamente entre os homens.»

«Não estava ciente de que tais distinções existiam no mundo espiritual.»

«Deu algum pensamento ao assunto?»

«Não dei, e essa é a causa da minha ignorância. Viu este índio, Sra. Hollis?»

«Mil vezes; está agora ao seu lado, tomando nota de tudo o que diz.»

«Gostaria de saber o que ele pensa.»

«Talvez não.»

«Bem, quero dizer que gostaria de ouvir um espírito falar sobre um assunto em que eu estivesse pessoalmente interessado. Discute alguma vez com eles? Ou limita-se a escutar o que dizem?»

«Eles falam exatamente como o senhor faria, observando todas as convenções da fala e as amenidades gerais pertencentes a uma conversa educada. Se os puder instruir de alguma forma, dar-lhe-ão tempo amplo para apresentar a sua informação. Como regra geral, porém, encontrará mais prazer em escutá-los do que em ouvir-se falar a si próprio. O índio é muito interessante para a maioria das pessoas.»

«Fala muitas vezes?»

«Sim: pertence ao grupo que me reclama como médium. Pode falar quando outros não conseguem. Ajuda outros a falar.»

«Continua a usar traje índio?»

«Sim: a cabeça adornada com penas, e um traje misto de mantas, peles e ornamentos.»

«A que tribo ou nação pertencia?»

«Era um chefe dos Cherokees, cujos terrenos de caça, na sua época, abrangiam os estados da Florida, Alabama, Geórgia e Mississippi.»

«O seu nome aparece na história?»

«Não sei. Dá-o como Skiwaukee.»

«Lamento, Sra. Hollis, não ter escolhido outra sala para o círculo escuro. Será tarde demais para tentar outra sala esta noite?»

«Como preferir», respondeu ela.

«Sim, vamos tentar», disse a Sra. Wood. «Vamos experimentar novamente noutra sala.»

Assim, fomos todos para um quarto de hóspedes e reformámos o círculo exatamente como estivera na sala de consultas. A trombeta estava no seu lugar, como no primeiro círculo.

As luzes tinham sido apagadas havia apenas alguns minutos, quando a Sra. Hollis disse: «Aquele médico francês seguiu-nos com o espírito doente! Se tentar aproximar-se de mim, saio da sala. Não sei o que pretende. Fala, mas não consigo entender o que diz.»

Esta declaração da senhora enérgica pareceu ter o efeito desejado. A presença do médico e do paciente deixou de ser mencionada.

Soube posteriormente, a respeito deste assunto, que as pessoas que morrem com doenças esgotantes continuam débeis durante algum tempo após entrarem no mundo espiritual, e que são frequentemente trazidas para a presença de pessoas saudáveis, das quais inalam ou absorvem elementos de saúde e força, pelos quais as suas energias desperdiçadas são restauradas. Esta operação parece exibir o valor do magnetismo humano para os espíritos tanto quanto para os mortais, como agente remedial.*

A filosofia deste tratamento é igualar as condições magnéticas. A doença é sobreposta por um excesso ou deficiência desta emanação nervo-vital dos nossos corpos. Os idosos roubam-na aos jovens, quando dormem juntos. Os doentes roubam-na aos saudáveis, quando sustentam relações semelhantes. O princípio em consideração é a base da fisiologia temperamental, que determina compatibilidades em todas as relações sociais. O toque e o poder de uma pessoa «sustentarão e acalmarão» como uma bênção. O de outra parecerá um vampiro e uma maldição.

É um pensamento novo para a minha mente, este fornecimento de saúde elemental para uso de espíritos doentes. Não poderá o médico espiritual por vezes tomar demais, e deixar-nos naquele estado de

exaustão peculiar às febres tifoides e de baixo condicionamento? Não poderá aquela grande classe de doenças, que se diz surgirem — de novo — no sistema humano, e para cuja origem os nossos mais capazes etiologistas são incapazes de explicar, ser rastreada até esta causa?

*«Cada alma humana», diz o Sr. Davis no Vol. I, página 286, da «Grande Harmonia», «está rodeada por uma atmosfera mais ou menos pura e influente. Esta atmosfera é uma emanação do indivíduo, tal como as flores exalam o seu perfume. Em consequência deste dom puro e inestimável, ou melhor, do resultado da organização, a alma pode e exercerá uma influência favorável ou desfavorável sobre indivíduos contíguos, mas sempre na proporção da sua aproximação ao estado recíproco de relações positivas e negativas.»

Não responda apressadamente, peço-lhe, mas pense seriamente na proposição. Pode haver mais nela do que à primeira vista parece.

Mas voltemos à sala do círculo. Após uma breve pausa na conversa, a Sra. Wood cantou novamente um verso de uma canção familiar, e no final ouvi distintamente uma sucessão de sons, como os que poderiam ser feitos com os lábios ao soprar na trombeta. Eram nítidos e explosivos, como soprar água através de uma palhinha. A Sra. Hollis e a Sra. Wood disseram que eram vozes espirituais, mas eu não consegui reconhecer palavras articuladas como elas pareciam fazer. Poderia estar tudo certo, e poderia estar tudo errado. Achei melhor suspender a minha opinião, pelo menos por algum tempo. Após várias tentativas deste tipo, ouvi realmente uma voz dizer num sussurro meio abafado: «Não podemos falar esta noite; as condições são muito más!»

«Ouviu isso, Doutor?», disse a Sra. Wood.

«Oh sim: ouvi isso! O que foi?»

«Ora, um espírito, seu pateta! Não ouviu dizer: 'As condições são muito más; não podemos falar esta noite'?»

«Ouvi; mas por que diz isso quando estava a falar o tempo todo?»

«Oh, mas é esperto! Não acredita que foi um espírito a falar de todo. Em breve sairá dessa presunção, meu rapaz», disse a Sra. Wood, com animação.

«Assim o espero; mas acho que faríamos melhor em acender o gás, se não podem falar mais. Bendita seja a luz! Que alívio após uma hora nas trevas — trevas absolutas!»

A trombeta fora ligeiramente deslocada do seu lugar, mais perto da médium; mas, exceto isso, nenhuma mudança ocorrera em qualquer dos arranjos da sala.

Bem, o que pensa disso?, perguntei a mim mesmo, assim que tive tempo de reunir os pensamentos. A melhor conclusão a que pude chegar foi que a Sra. Hollis poderia ser uma fenomenalista mental e, estando no escuro, eu não podia dizer se falava através da trombeta com os olhos abertos ou fechados, nem me fazia grande diferença qual dos casos. Como sessão espírita, fora um fracasso flagrante. Mesmo como fonte de entretenimento e diversão, de modo algum poderia ser interpretada como um sucesso. Não via nada nela, nem sequer a ponta de uma piada. Estava escuro demais. A situação oferecia, contudo, uma esplêndida oportunidade para indulgir em qualquer quantidade de riso silencioso. Essa era a vantagem do círculo escuro; apenas isso, e nada mais.

Mas e os espíritos?

Oh, aborreçam-se os espíritos! Não podiam falar naquela noite. Não os ouviu dizer que as condições eram demasiado más? É tudo o que sei sobre eles. Quem souber mais, que fale. Adiámos.

CAPÍTULO VIII

ESCRITA EM ARDÓSIA — COMUNICAÇÕES SURPREENDENTES — A MÃE ANUNCIA-SE NUM CÍRCULO ESCURO — JAMES NOLAN FALA POR ELA — UM TESTE NOTÁVEL POR SKIWAUKEE — COMO FUI BATIZADO

À mesa do pequeno-almoço na manhã seguinte, a Sra. Wood disse: «Não é engraçado, Doutor, que tenha visitantes vindos de tão longe, do reino dos céus, para serem tratados?»

«É uma ideia algo estranha.»

«Ideia?

Na melhor das hipóteses, o que mais é?»

«Olhe lá, meu velho amigo, o senhor costumava ter grande interesse no espiritualismo. Agora, quero saber se voltou as costas a ele?»

«Que tipo, Annie?»

«Já alguma vez! Que pergunta para fazer a uma senhora! 'Que tipo?'»

«Acertou em cheio!»

«Bem, agora, Mestre Nep, diga-me quantos tipos de espiritualismo conhece.»

«Dois!»

«Diga-os, como bom rapaz.»

«Sim, minha senhora; o verdadeiro e o falso.»

«O que quer dizer com isso? Explique-se claramente.»

«Com isso, quero dizer que as manifestações espirituais à luz são mais dignas de confiança do que as que ocorrem no escuro!»

«Não ouviu os espíritos falar ontem à noite?»

«Suspeito que sim!»

«Suspeita que sim! Ora, isso é fresco! Oh, vejo como é! Suspeita que ou a Sra. Hollis ou eu própria representámos os espíritos!»

«Annie!»

«Sim, suspeita; não negue.»

«Por que me quer embaraçar?»

«Disparates! Quero apenas dizer-lhe uma coisa: nunca esteve mais enganado na vida.»

«Enganado?»

«Sim, quando suspeita que tentámos abusar da sua boa natureza.»

«Como fala!»

«Não acredita que as manifestações de ontem à noite foram genuínas, e eu sei-o.»

«Disse eu isso?»

«Não em palavras, mas em tons, olhares, encolher de ombros e pantomimas.»

«Lê de perto.»

«Com precisão.»

«Bem, bem, agora que me desvendou, mudemos de assunto. Vamos ao St. Paul's hoje? Verá a igreja mais bela e os estilos mais recentes ao mesmo tempo.»

«Como vamos para casa amanhã, a Sra. Hollis dar-lhe-á hoje alguma escrita em ardósia, em vez de ir à igreja.»

«Alguma o quê?

«Escrita em ardósia!»

«Peço perdão; mas não a entendo.»

«Ora, não sabe que a Sra. Hollis é uma médium de escrita?»

«Não estava ciente disso. É uma médium de escrita, Sra. Hollis?»

«Parece que sim!»

«Só parece?»

«Disso deve ser o juiz. Tem uma ardósia?»

«Não serve papel tão bem?»

«Uma ardósia será melhor!»

Examinei-lhe o rosto de perto para encontrar o mais leve traço da infatuação da médium «de massa»; mas não o consegui discernir, se o tivesse. Os seus traços estavam em completo repouso e não revelavam tal fraqueza. Era uma aflição que eu teria escapado com prazer, se houvesse forma de recuo sem violar grosseiramente as convenções da hospitalidade. Pensei na sugestão por um ou dois minutos e lamentei mentalmente que a minha missão fosse tão desagradável. «Aqui», disse a mim mesmo, «está outra alucinação, e se tivesse sido apresentada em qualquer lugar menos na minha própria casa, eu a explodiria com prazer. Mas faz diferença quando aqueles que estão sob o teu teto devem ser repreendidos.

Têm direito à tua proteção enquanto forem teus hóspedes. Não importa que infirmidades pessoais os aflijam, a lei da hospitalidade exige que sejam tratados com ternura e tolerância. Ainda assim, há outra visão a tomar do assunto, tão legítima quanto a apresentada. O hóspede é recipiente de favor, e não só é infração à lei da hospitalidade, mas injusto, retribuir bondade com ingratidão e dano. Por que deveria esta tentativa ser feita para me enganar?» «Bem, vou condescender com a tua inclinação», pensei; «mas trar-te-á problemas. Se a tua escrita for tão fracassada quanto o teu círculo escuro, falarei dela como merece; nada mais de tolerância. Não me odiará por isso? A sua raiva contida dará um brilho flamejante àqueles olhos adoráveis», e quão impiedosamente sacrificará o meu «bom nome» aos seus ressentimentos. Se te expões à crítica, «Barkis está disposto», avança.»

«Escreve por impressão, Sra. Hollis, ou é controlada pelo espírito para escrever?», perguntei, com o intuito de «provocar fogo», para aprender exatamente a sua posição.

«Nem uma coisa nem outra», respondeu ela.

«Não estou familiarizado com outros métodos pelos quais os espíritos escrevem através de médiuns.»

«Não! Tem uma ligeira ideia errada da minha mediunidade.»

«Em que particular, Sra. Hollis?»

«Em supor que os espíritos usam a minha organização de maneira perceptível quando escrevem ou falam.»

«Quando escrevem ou —»

«Sim: não tenho nada a ver com isso; e contudo a minha presença parece ser necessária.»

«Não a entendo, Sra. Hollis. O que diz —»

«É uma verdade para quem a pode compreender, e uma extravagância para quem não pode.»

«Bem, mas não faz a escrita com a própria mão?»

«Deus me livre, não; os espíritos fazem a escrita.»

«Mas segura no lápis, não é?»

«Não toco no lápis.»

«Quem toca?»

«Se não forem os espíritos, não sei dizer.»

«Mas os espíritos não têm mãos?»

«Talvez escrevam com as asas.»

«Oh, isso é um absurdo.»

«Qual?»

«A sua sugestão de asas!»

«Oh, pensei que era a sua sugestão de espíritos sem braços. Para ser sério, como podem segurar num lápis e escrever, sem possuir e usar mãos?»

«Mas seguram no lápis e escrevem sem a sua assistência?»

«Já lhe disse que não toco no lápis. Tudo o que faço é segurar a ardósia debaixo da mesa enquanto a escrita se realiza.»

«Debaixo da mesa? Por que debaixo da mesa? Por que não colocar a ardósia em cima da mesa, onde possamos vê-la?»

«Temo não poder responder-lhe de maneira satisfatória, pois não compreendo realmente por que não pode ser feito. Aqueles que testemunham a escrita têm teorias diferentes quanto à forma como é produzida, mas todos concordam em atribuir a sua execução a uma inteligência independente de mim.»

«Mas qual é a sua teoria?»

«Tenho o hábito de primeiro exibir a manifestação; e depois oferecer nenhuma teoria, apenas o facto.»

«É sensata, Sra. Hollis. Essa é uma regra segura. 'A mulher mais inteligente da América' não poderia fazer melhor do que isso. Observe essa regra, e nunca terá problemas. A sua prudência é digna de elogio. As pessoas gostam de fazer as suas próprias descobertas. Primeiro dê o facto, depois a teoria. Agora, vejamos! Quer uma ardósia e um lápis; e o que mais?»

«Uma mesinha pequena, com tampo liso, e um xale para lançar por cima dela.»

‘‘E uma sala escura?», sugeri eu.

«Nem um pouco!»

«Numa sala iluminada?»

«Certamente.»

«Fico contente com isso. Gosto de ver as coisas. Servirá aquela pequena mesa de trabalho como mesa?»

«É a coisa certa. E traga aquele xale que está sobre o piano. Agora dê-me a ardósia e o lápis. Tudo bem. Aqui vão eles, para debaixo da mesa. Veja como seguro a ardósia. Apoia-se nos quatro dedos da minha mão direita, com o polegar a fazer a pressão firme no topo. Descobre que não há lugar para apoiar a ardósia, e que me é impossível manejar a ardósia e o lápis ambos de forma a executar qualquer escrita na primeira. Vê que me sento afastada da mesa, sem qualquer parte do meu corpo em contacto com ela ou debaixo dela, exceto a mão que segura a ardósia. Agora os arranjos ficarão completos assim que espalhar aquele xale de lã sobre a mesa. Deixe-o pender por todos os lados, até onde alcançar. A minha mão está debaixo da mesa, segurando a ardósia. Percebe que o meu pulso e braço estão expostos. Agora, se vir o mais leve movimento de qualquer deles, que lhe dê a menor suspeita de que sou eu quem faz a escrita, fale disso. Agora, o que espera?»

«Ficar aqui sentado até ao dia do juízo final, se tiver de esperar até que os espíritos escrevam nessa ardósia.»

«Assim o espero que não», foi a única resposta ao meu comentário descrente.

Passaram apenas alguns minutos até que ouvi algo, um ruído minúsculo, como o leve «roer de um ratinho». Provenha de debaixo da mesa, e chamei a atenção da Sra. Hollis para ele.

«Eles estão a escrever!», disse ela, com tanta compostura como se não fosse a coisa mais extraordinária de que eu alguma vez ouvira falar.

«Quem está a escrever?»

«Os espíritos», disse ela.

Havia luz plena na sala. Observei o pulso e o braço pertencentes à mão debaixo da mesa, e não havia o mais leve espasmo de um músculo ou tendão, que indicasse qualquer movimento dos dedos. Esta fricção continuou vários minutos, quando uma sucessão de pancadas, como se com a ponta do lápis na ardósia, significou a conclusão da escrita.

A ardósia foi agora retirada de debaixo da mesa e, sem a examinar particularmente, a Sra. Hollis entregou-ma, dizendo: «Julgo que a escrita é para si!»

A metade superior da ardósia estava coberta de escrita. As letras eram bem formadas, as palavras corretamente soletradas, e as frases gramaticalmente construídas. O leitor terá oportunidade de julgar os méritos da composição.

A escrita foi executada em linhas paralelas ao longo da ardósia, à mesma distância que linhas comuns pautadas em papel de carta vulgar. A parte da ardósia onde a escrita aparecia era a mais remota da mão da Sra. Hollis. Os dedos não poderiam alcançar a escrita por várias polegadas, e se a ardósia tivesse sido deslocada, a escrita teria sido feita de cabeça para baixo, ou ela teria de possuir poder para escrever em circunstâncias muito desfavoráveis desta maneira tão difícil. Um exame cuidadoso da situação permite-me dizer que era fisicamente impossível para a Sra. Hollis fazer a escrita.

Por mais perplexo que estivesse com a escrita, quando cheguei a ler a comunicação à parte da sua origem misteriosa, não fiquei pouco surpreendido ao encontrar o nome de uma irmã, há muito falecida, anexado a ela. Como a nota é de interesse geral, não se oferece desculpa por apresentá-la ao leitor. Era como se segue:

«Meu Caro Irmão, — Cada dia fornece algum novo testemunho para estabelecer a grande verdade de que a vida individual não termina quando a morte ocorre. A vida é uma lição progressiva que todos devem aprender; e a morte é apenas um evento que passa o indivíduo para um ‘grau’ superior de ser, quer esteja maturado e qualificado para promoção ou não. Isto é universalmente conhecido no mundo espiritual, e muitos no mundo natural já compreendem a mesma verdade. Um grupo de espíritos progredidos rodearam esta médium,

para ensinar esta lição gloriosa ao mundo. São maioritariamente franceses. Pretende-se que preste assistência nesta grande obra. A mãe e eu estamos muitas vezes consigo, e impressionamo-lo quando podemos. Emma Francis.»

«O doutor tem uma pulga na orelha?», disse a Sra. Wood, à sua maneira interrogativa. «O que é que lhe tirou a fala tão subitamente?»

«O que é isso?», foi o meu eco involuntário, como a única resposta que pude dar. «Isto é certamente o fenómeno mais estranho que encontrei em toda a minha experiência espiritualista. Aquele nome —»

«É o da sua irmã.»

«Como sabe?»

«Não sei; apenas adivinho. Caso contrário, por que lhe chamaria irmão?»

«Mas como veio parar ali?»

«O quê?»

«O nome!»

«Tal como a escrita veio!»

«Mas como veio a escrita? É isso que me perplexa.»

«Não consegue dizer?»

«Não perguntaria, se pudesse.»

«Consegue explicar como foi feito o falar ontem à noite?»

«É uma provocação?»

«Quer uma luta? Ha, ha, ha! Aqui está mais do que um moinho de vento para o meu galante Dom. O 'o que é isso'. Vê-o?»

«O que tem o falar a ver com a escrita, Annie?»

«Não pertencem ambos à mesma família misteriosa?»

«Dificilmente. Quando um espírito diz: 'Não posso falar', soa muito como um homem dizer: 'Agora estou morto!' Estamos à vontade para duvidar da veracidade de ambos.»

«Bah! Não lhe disseram que as condições eram demasiado más — que não podiam falar muito?»

«Muito?»

«Era isso que queriam dizer?»

«Por que não o disseram?»

«Por que não diz como a escrita é feita?»

«Ianque!»

«Holandesa!»

«Não consigo falar!»

«Conte lá!»

«Vamos, Annie, sejamos sérios.»

«De acordo! Como veio a escrita? Vamos, force o cérebro! Vamos saber tudo sobre isso!»

«Pela minha honra, não sei! Escreverão novamente?»

«Quem?»

«A coisa —»

«Não ouse chamar à sua irmã por tal nome oprobrioso! Não tem vergonha de empregar tal epíteto contra?»

«Bem, o espírito, então, se insiste!»

«É uma concessão mal-educada; mas é melhor do que coisa ou nada. Sra. Hollis, por favor segure novamente a ardósia para o 'Tio Nep'. Acho que ele está no banco dos ansiosos. Tem sido um grande apóstata, e outra conversão não lhe fará mal.»

«Certamente», disse a Sra. Hollis; «mas por favor lave primeiro a ardósia com água limpa.»

Assim fiz, e sequei-a bastante com a mão. Havia uma mancha escura na ardósia, causada por pirites de ferro, que servia como marca privada para identificá-la, se necessário. A ardósia era uma que eu usara na minha secretária durante vários anos. Entreguei-a à Sra. Hollis, que a recebeu com a mão direita. Coloquei então o bocadinho de lápis sobre

ela, quando ela colocou ambos debaixo da mesa. Após escrutinar a situação de perto, e satisfazer-me de que não se tentava nenhum truque, espalhei novamente o xale sobre o topo da mesa, deixando o pulso e o braço da médium plenamente expostos à vista numa boa luz. A ardósia era segura a cerca de cinco polegadas do topo da mesa, agarrada da maneira que indiquei, com o polegar em cima, os dedos por baixo.

Passaram apenas dois ou três minutos após completar a minha inspeção, quando o misterioso arranhar na ardósia começou novamente. Podia ouvi-lo distintamente, e continuou vários minutos. O som era irregular, exatamente como seria feito por uma pessoa a escrever com um lápis. Novamente o chuveiro de pequenas pancadas foi ouvido no final.

«Antes de retirar a mão, Sra. Hollis, permita-me olhar para a posição da ardósia.»

«Certamente», disse ela.

Levantei o xale da pequena mesa, e descobri que a ardósia estava segura na mesma posição, precisamente como quando coloquei o xale sobre a mesa. Nenhuma mudança percetível ocorrera, exceto que a ardósia estava quase coberta de escrita. A Sra. Hollis, sem ler a comunicação, entregou-ma. A escrita era numa letra grande, livre, ousada, contrastando fortemente com a letra feminina da nota de Emma Francis. Dizia quase o seguinte:

«Doutor, — A nossa médium não está em boa condição para dar manifestações. Ontem à noite quase falhámos, e hoje a sua condição é tal que quase tememos sobrecarregar a sua força. Esta noite dar-lhe-emos melhores manifestações no círculo escuro. A sua mãe tentará falar, mas pode não conseguir, pois nunca proferiu uma palavra humana desde que passou para o mundo espiritual. O seu tio, Charles Odell, também tentará falar. Thomas Eller e Jacob Tyler desejam que eu anuncie a sua presença. James Nolan.»

Quão misterioso é tudo isto! Não só a escrita, mas os factos anunciados. Não sei o que pensar disso. A minha mãe tentará falar, mas pode não conseguir! O tio Charles Odell também tentará falar! E, além disso, há os nomes dos meus dois cunhados anunciados! Como vieram

todos estes nomes para aquela ardósia? Se pela Sra. Hollis, como, em primeiro lugar, ouvira ela falar do nome da irmã Emma Francis? Ela passou para o mundo espiritual há quase quarenta anos — antes de a Sra. Hollis nascer — e era apenas uma criança quando o seu pequeno coração deixou de bater. Só me lembro do seu nome. É demais para acreditar, mesmo que a Sra. Hollis pudesse ter feito a escrita, que ela pudesse ter conhecido Emma Francis, Charles Odell, Thomas Eller e Jacob Tyler. E quem é James Nolan, que faz estes anúncios surpreendentes? O nome não me é familiar, e pode ser um homem de palha, ou um «invento», para desempenhar um papel estabelecido no programa.

E contudo, os meus próprios sentidos condenam a suposição antes que eu ouse anunciá-la. Incriminaria a Sra. Hollis e a Sra. Wood ambas. Vire para que lado virasse, encontrava um dilema. O meu juízo pronunciava-se contra fraude, e admitir a manifestação pelo que pretendia ser, abalaria fundamentos sobre os quais a sociedade e os governos repousavam. Pessoalmente, estava ansioso por sondar o mistério até às suas «profundidades mais profundas». Mas como proceder?

Ocorrera-me agora que James Nolan dissera: «A sua mãe tentará falar-lhe no círculo escuro.»

Isto deu-me nova esperança; pois um homem nunca esquece a voz da mãe mais do que ela esquece o filho. Se a minha mãe falar, será num sentido incerto nenhum. Não importa; tornem a sala escura como breu, reconhecerei a sua voz.

«Não é engraçado, Doutor, receber tais cartas sem pagar porte nelas?», disse a Sra. Wood, ao terminar de ler a carta na ardósia.

«Algo engraçado, se não fosse tão sério!»

«Sério?»

«Sim: ou quer deixar-me entrar na piada, e dizer-me como a coisa é feita?»

«Aí está outra vez a chamar à sua irmã uma coisa. Preferiria correr o risco de ser chamada uma senhora, do que ser considerada no sentido mais equívoco de uma coisa. Agora, pare com isso!»

«Então explique-me este assunto. O que é?»

«Isso é tão bom como qualquer outro nome, se tem medo de o chamar fenómenos espirituais. Chame-lhe um 'o que é isso', e mande chamar Barnum. Ora, olhe aqui, Sr. Soberside, se a sua irmã lhe está a escrever cartas do mundo espiritual, não pode ser tão jovial sobre a verdade que ela escreve como se escrevesse de Paris? Não é necessário chorar sobre isso, que eu veja.»

«Isso é verdade, Annie; mas quando falamos dos mortos não devemos satisfazer em leviandade.»

«Por que não, tanto como quando falamos dos vivos?»

«Porque —»

«O quê?»

«Bem, porque —»

«Exatamente. Sei o que pretende dizer. Não superou as suas superstições de infância sobre a morte; e tem medo de fantasmas!»

«Não!»

«Então por que não ser sempre verídico, quer fale dos vivos ou dos mortos?»

«Por que não?»

«Sim: por que não?»

«Falo a verdade de ambos!»

«Então sabe muito pouco, ou teria sido enforcado há muito tempo!»

«O que diz?»

«Disfarce como quiser, é demasiado cobarde para admitir a verdade do que acabou de testemunhar.»

«Cobarde! De quê?»

«Do sentimento público! Pode chamar a isso uma coisa, se quiser; pois é um tirano detestável, e não tem virtude nenhuma.»

«Mas, Annie, não é arrogância imperdoável erguer a sua opinião individual contra a majestade da multidão?»

«Sim, se sabe que está certo e é demasiado covarde para o dizer!»

«A sua coragem é bravata.»

«A sua prudência é medo.»

«O que quer dizer?»

«Conduzir esta convicção até si, que, diga o que disser, tem medo de admitir a verdade, não tanto porque abala a sua própria crença, como pelo medo que tem dos mexericos da Sra. Grundy.»

«Não me importo de ser abalado. Há algum mal nisso?»

«Isso é, se casou com uma mentira, quer permanecer com ela para sempre.»

«Ora, Annie!»

«Neppy!»

«Tornar-se-á odiosa!»

«A quem?»

«À Moda!»

«Exatamente. Ela é a ogra que assusta a sua pobre alma com flubdub, pesadelos e sonhos hediondos. Ela prescreve para a sua ninhada doente o que devem comer, beber e vestir; e, como se a sua escravatura não fosse suficientemente degradante, emascula a sua mente, e dita o que deve pensar.»

«Há alguma verdade no que diz, Annie, admito; mas por que quebrar a sua lança em tal momento?»

«Porque há necessidade de o fazer. Aqui está um fenómeno que, na sua importância para o mundo, nenhum homem pode ainda compreender devidamente. Contempla uma mudança radical no vasto império da mente. A sua missão é subversiva da ordem presente das coisas. Destruirá primeiro, depois reconstruirá, a condição social do mundo; e contudo não ousa olhar estes factos diretamente nos olhos.»

Admitindo que a origem espiritual dos fenómenos seja verdadeira, ainda assim não consigo antever resultados tão estupendos como os que prediz.

«Não pensou nisso.»

«Isso é verdade. E contudo deve admitir que tenho alguma experiência em assuntos espirituais.»

«Sei-o; mas nunca em algo como isto. Aqui o espírito, reelado com os elementos da carne, assume as condições da vida mortal, e pensa e age novamente como fazia antes de sacudir a sua pesada mortalha de argila. Ora, senhor, vê que a morte perdeu o seu aguilhão? A sepultura a sua vitória?»

Nunca consegui argumentar bem com uma mulher. Têm um elemento perverso que perturba o equilíbrio sereno da mente de um homem. Assim disse:

«Sra. Hollis, quem é James Nolan?»

«É um dos espíritos do grupo que se forma à minha volta para dar manifestações.»

«Tem um grupo de espíritos à sua volta! Lembro-me de que a irmã Emma disse que tinha um grupo de espíritos progredidos, principalmente franceses. Como é isso? Não é francesa, nem de ascendência francesa. É James Nolan francês?»

«Creio que não. Ele fala da sua história pessoal a quem a deseja, com inteira liberdade, e sem dúvida dar-lhe-á qualquer informação sobre si mesmo que tenha, se lha solicitar.»

A sessão de escrita e a conversa terminaram aqui.

Quando chegou a hora de realizar o segundo círculo escuro, reunimo-nos novamente na sala para ouvir o falar. Deveria antes dizer, o sussurro. Ainda mantinha o meu preconceito contra a escuridão; mas, ao entrar na sala, tinha uma vaga suspeita de que fora pouco caridoso nos meus juízos, se não absolutamente injusto, ao tratar o círculo escuro anterior como tratara. Propus-me expiar isso dando uma atenção mais franca e respeitosa a qualquer coisa que pudesse ocorrer na presente ocasião. Isso não era apenas devido às senhoras, mas de nenhuma outra forma se poderia formar um juízo fiável ou descobrir a verdade. O preconceito e o fanatismo são tão próximos no carácter e na infâmia, que não podemos ser cuidadosos demais ao entreter qualquer

deles, se quisermos escapar ao seu odor nocivo. Sejamos discriminadores e justos.

Após nos sentarmos novamente, como no primeiro círculo, as luzes foram apagadas, e a Sra. Wood foi chamada a fornecer a música, e com uma voz encantadora deu «The Old Folks at Home», e seguiu-a com «Home Again».

Esta questão de cantar ou preludiar as manifestações com música é algo misteriosa. Creio que quase todas as formas de adoração pagã ou cristã são acompanhadas de música. Pensa-se que é mais aceitável à Divindade dirigir-se-Lhe em notas aspiradas do que em sons vocais comuns. Mas no círculo escuro pensei que deveria fazer-se exceção, pois não era lugar para adoração pagã ou cristã. Aqui o estético era ignorado, e todas as faculdades da mente deviam manter-se bem despertas.

O efeito da música no sistema humano varia na sua expressão. Se os sons são harmoniosos, e o canto é uma melodia antiga e familiar, depressa nos encontramos em acorde, e ajudamos a cantarolar. Mesmo o animal, o fiel cão, quando a nota-chave do seu simpático é tocada, como com uma trompa de palheta pode ser, dá-nos o uivo encantador que tanto deleita os nossos ouvidos. Mas que os nossos amigos espirituais considerem a música uma condição essencial antes de orarem ou jubilarem, é, como disse, um mistério para mim. A conexão entre vento e adoração é um tema que um dia poderá ser mais plenamente ventilado.

Enquanto o canto prosseguia, ouvi algo passar pelo chão. Era como o passo delicado de um gato, a princípio; mas depressa se descobriu ser a trombeta. Os sons tornaram-se mais altos e mais altos, passando de um lado da sala para o outro com crescente celeridade, e aparentemente coinstantâneos, até que a trombeta batia e ressoava em todo o lado a menos de seis pés da médium, e a cerca de dois pés do círculo, fazendo quase um contínuo estrondo durante um ou dois minutos. Não valia a pena esquivar-se, pois poderia bater num poste no escuro; assim, após enxugar o suor da testa, sentei-me direito, perguntando a mim mesmo: «O que virá a seguir?»

Não fiquei muito tempo em suspense. Uma voz de criança repetiu rapidamente o nome «Fanny, Fanny, Fanny», não menos de vinte vezes. Depois, da mesma maneira, repetiu a palavra «mother». A voz era um sussurro agitado, que a Sra. Wood reconheceu instantaneamente como o do seu filhinho, havia vários anos no mundo espiritual. Explicou que «Fanny» era o nome de um spaniel de estimação, ao qual a criança era muito apegada, e um companheiro quase inseparável. A Sra. Wood encontrara frequentemente o seu filho espiritual no «círculo escuro», e ele nunca falhara em anunciar a sua presença desta maneira singular, chamando primeiro o nome do animal de estimação, e depois o da mãe. Após a sua excitação acalmar, falou de maneira infantil das coisas de que se lembrava na sua breve vida terrestre.

A voz pertencia claramente a uma criança. Eu sentava-me ao lado da Sra. Wood enquanto ela conduzia a conversa, e não havia afetação no interesse maternal que exibia. Consegui envolver a Sra. Hollis em conversa várias vezes, enquanto a Sra. Wood e o seu filho falavam; e não havia mais ninguém na sala que pudesse afetar tal papel de engano mesmo que a vida dependesse disso.

De repente, pelo menos quando não esperado, a voz disse: «Adeus, querida mamã, adeus!» Foi o último que ouvimos do pequeno «Lewie» durante a noite.

Não havia ventriloquia neste encontro. Ouvi a mãe impaciente fazer frequentemente perguntas ao filho antes que o seu tagarelar terminasse. Depois, novamente, antes que ela terminasse de falar, a criança começava a falar sobre algo que lhe ocorrera ao capricho de maior interesse para ele do que o que a mãe dizia. Desta forma, as suas conversas sobrepunham-se frequentemente uma à outra, de modo que era impossível uma pessoa praticar um engano neste assunto, por mais escura que a sala fosse.

Enquanto a Sra. Hollis, a Sra. Wood e eu falávamos sobre a criança, todos ouvimos, num sussurro distinto, as palavras: «Napoleon, Napoleon, meu filho!», repetidas bastante perto de mim, e imediatamente em frente da minha cadeira. O sotaque era instável, mas as palavras eram claramente articuladas, embora baixas e lentamente proferidas.

Não consegui reconhecer a voz da minha mãe naquele sussurro vacilante. Ainda assim disse: «És tu, mãe?»

«Deus te abençoe, meu querido filho! Estou aqui!», foi a resposta instantânea, embora, como as primeiras palavras proferidas, fossem ditas com uma deliberação embaraçosa, cada uma exigindo um esforço aspirado para pronunciar.

«Posso ser-te útil de alguma forma, mãe?», disse eu.

Passou um longo intervalo sem qualquer resposta à minha pergunta. Quando veio, foi numa voz estranha, mais alta, mais forte, as palavras mais distintamente articuladas e pronunciadas. Disse:

«A tua mãe ainda não aprendeu a falar. Foi assistida para anunciar a sua presença, mas não pode falar ela própria esta noite. Está muito ansiosa por falar contigo, mas não tem o poder. Falarei por ela, e entregarei as suas mensagens.»

«Quem és tu?»

«James Nolan! Não percas tempo comigo; fala com a tua mãe.»

«Muito bem. Tem a mãe algo a dizer-me?»

«Diz ao meu filho que estou feliz, e contente por ele se interessar nesta grande obra.»

«A que obra alude?»

«Estes novos factos em manifestações espirituais!»

«Se tudo isto for realmente o que pretende ser, tomarei de facto um novo interesse nos fenómenos espirituais. Mas como saberei, Sr. Nolan, que representa realmente a minha mãe nesta ocasião?»

«Prova o Espírito!»

«Muito bem; é exatamente isso que desejo fazer!» E também provarei o Sr. Nolan na difícil parte que consentiu desempenhar nisto.

«Tem a certeza absoluta de que é a minha mãe por quem fala, Sr. Nolan?»

«Não, senhor! Este espírito diz que é a tua mãe, e dá o seu nome como Mary Lockard Wolfe Jordan.»

«O nome está correto. Mas desejo que me dê uma identificação melhor do que simplesmente anunciar o seu nome. Pode por favor declarar a sua idade no momento da morte?»

«Se tivesse vivido até maio de 1873, a sua idade teria sido oitenta anos. Se tivesse vivido até maio no ano em que morreu, a sua idade teria sido setenta e seis anos; mas como a sua morte ocorreu em janeiro, a sua idade era setenta e cinco anos e oito meses quando deixou a forma.»*

«Creio que a informação que dá está correta; e, como é tão exata na sua declaração, pode a minha mãe por favor dizer se tem irmãos ou irmãs vivos ou mortos?»

«Diz que nenhum morreu; todos vivem.»

«Onde vivem?»

«No mundo espiritual!»

«Oh sim, compreendo!»

«Diz que estamos todos aqui, e o círculo familiar está novamente completo. Fui a última a vir. John, Peggy, Hannah, Sam, Thomas e Charles, todos me precederam. Não conheceste Sam, Thomas ou Charles. Eras demasiado jovem quando eles partiram.»

«Algum dos teus filhos está contigo?»

«Isabella e Emma Francis estão aqui. Partiram da terra na infância.»

«Podes nomear os teus filhos que ainda estão na forma, e pela ordem do seu nascimento?»

«Oh sim! Por que não? Ainda duvidas da minha presença?»

*Não reconheço quaisquer características da minha mãe neste método indireto de responder à minha pergunta. Ela usava sempre clareza na fala, e nunca falhava em ir diretamente ao ponto. Contudo, a informação, declarada de forma tão curiosa, é em todos os pormenores verdadeira.

«Não posso evitar! Estou no escuro! Se te pudesse ver por um instante, não mais perguntas seriam feitas. Espero que sejas paciente comigo. Esta é uma proclamação maravilhosa que estás a fazer ao

mundo, e não podemos ser demasiado críticos no exame do testemunho em que repousa.»

«Tens razão, meu filho; a investigação não pode prejudicar a verdade. Diz a Mary e Henry e Charles (como te digo a ti) e John e Caroline, que a morte não pode destruir o amor de uma mãe.»

«Fizeste-o com precisão. Mencionaste os nomes dos teus irmãos e irmãs e filhos, vivos e mortos, pela ordem dos seus nascimentos. Isso é um testemunho notável a favor da presença individual da minha mãe. Mas elucidei a informação pela pergunta direta. Podes, por tua própria escolha, dizer-me algo pelo qual eu possa ser mais positivamente convencido de que a minha mãe está presente, e está realmente a falar comigo?»

Não houve resposta à minha pergunta durante vários minutos, e a Sra. Hollis expressou a sua dúvida quanto a haver poder suficiente para falarem muito mais. Neste momento, um uivo selvagem e prolongado ou hoo-o-o! assustou todos no círculo. Era o «grande índio», Skiwaukee. A sua presença foi instantaneamente reconhecida pela Sra. Hollis e pela Sra. Wood, e depressa se tornou aparente que estavam nos termos mais familiares com ele. Penso que a sua voz poderia ser ouvida em todas as partes da minha casa. Não era áspera, mas preternaturalmente alta e longa. É isso que vos assusta, e vos faz pensar em tinta vermelha e no tomahawk.

Após falar à «médium» e à «squaw cantora» alguns minutos, fui formalmente apresentado a ele, e de imediato fui distinguido como «velho chefe». Ele toma esta liberdade com todos, para lhes dar o nome que mais lhe agrada. É chamado «Skiw» por aqueles que o conhecem bem, e na sua conversa fala bastante alto para ser ouvido distintamente. Ainda não dominou a gramática inglesa, e ocasionalmente faz observações muito engraçadas na sua mistura quaint de cherokee e Lindley Murray. Dirigindo-se a mim, disse:

«Velho chefe; quer teste?»

«Sim», disse eu. «Desejava que a minha mãe me desse um teste voluntário — declarar algo não pensado e não solicitado.»

«Velha squaw aqui!»

«Bem, pedes-lhe que me dê um teste voluntário, algo pelo qual eu possa ser positivamente assegurado da sua presença?»

«Velho chefe sabe como ganhou nome Nopol'on?»

«Não! Não posso dizer que sim! Penso que a minha mãe tinha admiração por Bonaparte, como as mães têm por Washington, e assim me deu o seu nome.»

«Eu conto! Velha squaw teve papoose. De manhã velha squaw católica, Sanna Faul [Rosanna M'Fall] vem ver velha squaw e papoose. Diz o que chama papoose. Velha squaw diz Noporon. Velha squaw católica fica muito zangada, vai para casa e chama cão Bonaparte.»*

*Não penso que esta anedota tenha sido mencionada na nossa família há quarenta anos, e é duvidoso que os meus irmãos e irmãs soubessem algo das circunstâncias detalhadas pelo índio. Eu era apenas uma criança quando ouvi a história pela última vez. Os factos principais são dados com fidelidade suficiente, mas pode adicionar-se uma pequena explicação. A Sra. Rosanna M'Fall era uma católica devota, e, a seguir a Belzebu, odiava o nome de Napoleão, que roubara a Igreja e compelira o seu chefe a dançar atendimento sobre ele. Por isso era odiado.

Em ocasiões particulares, como na «colheita», diz-se que todas as piadas são livres. Assim, na manhã após a tribulação da minha mãe sendo Natal, as mulheres vizinhas entraram para dizer uma boa palavra e ter o seu «crack» — Rosanna entre elas. Provocou a mãe a permitir-lhe nomear o rapaz, prometendo um presente, etc., mas não houve acordo. Essa prerrogativa manteve-a como pessoal, e, para se vingar da odiadora de Napoleão, disse que pensava seriamente em nomear o rapaz Napoleon Bonaparte. Isso foi como uma faísca num paiol de pólvora. Rosanna explodiu a sua ira contra o Pequeno Cabo, a mãe e eu, até se tornar uma questão de metal. Todo o caso começou numa piada, mas o grande nome ainda me agarra.

Para mostrar o seu desrespeito pelo nome, e para irritar a minha mãe, Rosanna arranjou um cão sarnento, e chamou-lhe «Bony». Este cão repreendia-o por causa do nome com os epítetos mais vis todos os dias no seu quintal traseiro, ao alcance do ouvido da mãe. O seu ressentimento contra o nome continuou vários anos; mas por fim

começou a dar-me rebuçados, e disse que esperava que eu não me tornasse tão grande canalha como o meu homónimo. A alusão de Skiwaukee a este cão é muito notável.

«Skiwaukee, deste-me uma prova surpreendente da presença de uma inteligência que, se não for a minha mãe, é certamente uma ligada à história da nossa família.»

Tomando tudo em conta, esta foi a sessão mais notável a que alguma vez assisti. É certo que o testemunho veio no escuro, dirigindo-se ao entendimento através dos ouvidos. Mas examine todo o curso da conversa, e o que poderia fortalecer a presunção da presença da minha mãe senão o sentido adicional da vista?

Não penso ser possível que qualquer pessoa na sala pudesse ter dado uma cadeia tão coerente e ininterrupta de evidência a favor da presença real da minha mãe. Quando revejo a sessão, fico espantado. Sem o pretender, prolongáramos a sessão até uma hora inoportuna. A Sra. Hollis queixou-se de se sentir muito exausta de forças; e, se não fosse pelo interesse despertado pelos testes assombrosos exibidos, todos teríamos estado em plena simpatia com os seus sentimentos, ou dormindo.

CAPÍTULO IX

UMA VISITA À SRA. HOLLIS — A SUA FAMÍLIA — UMA PREMONIÇÃO E PROFECIA — COMO SE TORNOU ESPIRITUALISTA — CÍRCULO ESCURO EM QUE UM ESPÍRITO CANTA UMA CANÇÃO ALEMÃ — MUITOS FALAM, E UM MOSTRA O SEU ROSTO

Na manhã seguinte, a Sra. Hollis e a Sra. Wood partiram para Louisville no barco. Tinha agora tempo livre para considerar calmamente os méritos das manifestações que ocorreram no «círculo escuro», e para determinar, na minha própria mente, que grau de credibilidade deveria atribuir-lhes.

Na conversa que tivera com James Nolan, afirmara-se que a minha mãe estava realmente presente e ditara a ele a informação que me comunicara. Era uma asserção ousada, e tornou-se necessário examiná-la criticamente, para descobrir se era verdadeira ou falsa.

Inclinava-me a pensar que uma investigação judiciosa revelaria o facto de que os chamados fenómenos espirituais poderiam todos ser rastreados até uma origem mundana. Nesta crença fui fortalecido pela circunstância de que nada fora comunicado exceto o que eu já sabia. Assumi que, se os espíritos podiam falar, diriam algo para nos entreter ou instruir — contar-nos-iam algo da sua vida espiritual, do mundo espiritual, em vez de remexerem no «velho armazém da memória», tirando do seu cesto de desperdícios fragmentos insignificantes de informação meio esquecida.

Como o «velho armazém» fora entrado e explorado era, para a minha mente, a parte mais interessante do problema apresentado para solução. A resposta a isso deveria ser em sentido nenhum incerto. Afirmava-se que o falar era feito pelos espíritos daqueles que conheciam os factos comunicados, e que era do seu próprio conhecimento pessoal, não do meu, que a informação era derivada.

Pode haver alguma verdade nesta declaração. Além disso, a nota de Emma Francis fizera um anúncio que não só me era desconhecido, mas era desagradável no seu carácter, e que rejeitei na altura como impertinentemente oficioso. Contudo, o falar fora feito no escuro — isso investia-o de um carácter duvidoso. É verdade que o ouvido relata tão fielmente as coisas que são ouvidas como o olho informa das coisas que são vistas; mas não atesta o olho mais verdadeiramente do que o ouvido? Esta proposição não nos deteremos a discutir mais do que registar o axioma trivial: «Pode acreditar no que ouve, mas o que vê é a própria verdade.»

Objetei contra admitir a pretensão de que espíritos desencarnados comunicavam os factos apresentados no círculo escuro, pela dupla razão de que a informação comunicada não só não era nova, mas poderia ter sido obtida de amigos pessoais, ou daqueles intimamente familiarizados com a história da minha família. Não fiz estas acusações, mas estas eram as reservas mentais em que me baseava; e até que fossem provadas insustentáveis com sucesso, não via por que deveria render o meu juízo admitindo a pretensão como verdadeira. Sei muito bem que isto parece uma suspeita sobre a integridade das minhas hóspedes, mas não mais do que a situação as colocava.

O meu estudo é a situação. Não tenho nada a ver com sentimento pessoal neste assunto. Per contra, sou livre de admitir que não podia descobrir qualquer propósito a ser facilitado no interesse das senhoras pela admissão ou rejeição destas manifestações; assim elas ficam sem qualquer acusação direta contra o seu «bom nome». Vou mais longe, e digo que, até onde pude julgar, era impossível para as senhoras terem feito o falar nas circunstâncias existentes. Se alguma tivesse tentado fazê-lo, eu teria detetado a imposição de imediato.

Nem poderiam ter empregado um cúmplice para o fazer sem a minha descoberta do facto. «Cego embora eu seja, não sou mudo!» Na minha própria casa não poderia ser enganado, e ninguém mais estava presente que o olho pudesse ver, mesmo à luz. Ainda assim, uma conversa inteligente foi mantida durante uma hora, não sobre assuntos importantes, admito, mas sobre temas de grande interesse pessoal para mim. Durante todo este tempo não houve esforço para introduzir assuntos novos, abstrusos ou complicados, ou para enganar por sofismas, ou disfarçar verdades em generalidades brilhantes.

Apenas tais assuntos foram discutidos com os quais eu estava mais familiarizado. Não havia hesitação na fala, e as palavras eram articuladas tão perto do meu ouvido que parecia sentir o hálito com que eram proferidas. Ainda assim soavam naturais. Isso novamente me deixou perplexo.

Enquanto lutava, admito, para encontrar uma solução natural para este problema do falar, deparei-me com a dificuldade ainda maior de explicar os fenómenos da escrita em ardósia. Esta foi executada, não no escuro, mas numa sala iluminada pelo sol, onde bons olhos poderiam ler a letra mais pequena ou enfiar a agulha mais fina.

Não é meu hábito recuar de toda a dificuldade que obstrui a minha passagem no caminho rugoso para o conhecimento; assim, quando descobri que não podia obter qualquer luz para o meu entendimento enquanto permanecesse à sombra dos fenómenos, decidi levar adiante a minha linha de investigação numa direção diferente. A experiência que tivera com o Sr. Mansfield ensinara-me esta lição: que, para valorizar devidamente os fenómenos espirituais, deve ter-se algum conhecimento do carácter privado do médium através de quem ocorrem. Trapaceiros não fazem bons médiuns.

Bom carácter, como bom sangue, mostrar-se-á. Tem mais valor neste negócio do que na pregação, ou na edição de um jornal. Cal pode ocultar as prostituições do púlpito e da imprensa; aliás, por vezes creio que o faz; mas o carácter de um bom médium espírita, um selecionado para representar as verdades superiores do mundo espiritual, deve ser irrepreensível.

Com este propósito em vista, visitei Louisville em agosto seguinte, para fazer arranjos com a Sra. Hollis para regressar novamente a Cincinnati numa data próxima, para que pudesse examinar este assunto mais tranquilamente na minha própria casa. Era uma empresa privada minha, pela qual estava perfeitamente disposto a pagar.

Encontrei-a em casa, no meio da sua família e amigos. Em Louisville, é bem conhecida e altamente estimada como uma senhora de gosto refinado e carácter irrepreensível. Fui apresentado aos diferentes membros da sua família, e encontrei-os inteligentes, interessantes e comunicativos.

A Sra. Kerns, a mãe da Sra. Hollis, é uma senhora venerável de instintos rápidos e benevolentes e inteligência superior. Com ela falei muito livremente, e estudei o carácter da sua filha do ponto de vista maternal dela.

Fui convidado a passar o dia e a noite com eles, o que me permitiu fazer exatamente as observações que desejava. Fui recebido com grande hospitalidade, e o lugar parecia caseiro.

Durante o dia, muitas pessoas chamaram por manifestações, principalmente por escrita em ardósia, que me foi permitido ver. Estas eram dadas na sala de estar aberta, à vista de pessoas que passavam no passeio ou viajavam nos elétricos. Não houve tentativa de ocultar qualquer coisa ligada a este negócio. Era uma transação franca e aberta. As pessoas que recebiam as comunicações eram estranhas à Sra. Hollis, nunca antes tinham visitado Louisville, e contudo deram amplo testemunho da genuinidade dos factos que eram comunicados naquela maravilhosa ardósia quando segura debaixo da mesa.

Observei essa gente a fitar-se uns aos outros, surpreendidos sempre que nomes eram dados de velhos amigos que haviam morrido há muito; e quando alguma circunstância quase esquecida era novamente

recordada pela qual a sua presença real poderia razoavelmente ser inferida. Lágrimas frequentemente embaciavam os seus olhos à medida que estas revelações surpreendentes apareciam na ardósia. Certamente, disse eu, isto não pode ser tudo afetado.

As pessoas são más, sei-o; mas pode tudo isto ser hipocrisia? Estas pessoas parecem demasiado honestas para derramar lágrimas para exibição teatral.

Ao longo do dia, observei o jogo de sentimentos excitados, paixão forte e fraca, nos rostos daqueles que se sentavam ao lado daquela pequena mesa. Era um estudo adequado para o lápis fácil de um Hogarth. Aqui a natureza humana tirava as suas máscaras, e, para aqueles que podiam compreender os seus sublimes mistérios, expunha o seu coração para inspeção.

Ao entardecer, os visitantes começaram a rarear; e quando o sol acabara de tocar o horizonte com a sua periferia flamejante, reluzindo, como parecia, como o olho não vendado de Deus, o último investigador infatuado passou pelo portão do quintal, e seguiu a sombra da sua cabeça para leste ao longo da Portland Avenue.

«Teve um dia atarefado, Sra. Hollis», disse eu, enquanto nos sentávamos na varanda, no crepúsculo da noite. «O senhor e a senhora que aqui estiveram por último pareciam pessoas de qualidade.»

«Um pregador e a sua esposa disfarçados!»

«Disfarçados?»

«Sim: os pregadores não são honestos na sua profissão; assim suspeitam de mim por ser desonesta na minha!»

«Não todos, espero.»

«Não: mas o que digo deles é verdade, como classe. Trazem consigo mau magnetismo e, por lei de associação, atraem espíritos subdesenvolvidos à sua volta. Estes comunicarão frequentemente coisas desagradáveis, pelas quais sou responsabilizada. Não admiro estas pessoas por isso.»

«Mas não deveria perder a paciência com os pregadores. São, sabe, tão influentes na formação do sentimento público; se converter um deles à crença no espiritualismo, pode impressionar uma multidão.»

«Não perco a paciência com ninguém. Penso, contudo, que a sua estimativa da influência dos pregadores na formação do sentimento público excede a verdade. Ainda tenho de encontrar o primeiro que tenha tido a coragem moral de fazer uma exibição justa ao público de tais testes como lhes foram dados à mesa de escrita ou no círculo escuro. Como classe, são demasiado covardes para falar do interesse que sentem no assunto, e, à maneira de Pedro, negarão ter visitado um médium antes de terem enxugado as lágrimas dos olhos que os seus amigos espirituais evocaram.

Moldam o sentimento público! Não, senhor: está enganado. São miseráveis impostores, e eles sabem-no. A multidão lidera-os pelo nariz, como faz aos editores: Podem representar as suas travessuras perante o alto céu, como palhaços pintados e remendados fazem perante os homens, mas que liderem ou moldem o sentimento público é uma concessão feita puramente por ignorância ou caridade.»

«Lamento ouvir este relatório dos pregadores. Pensava-os muito melhores do que representa.»

«São apenas atores, representando um papel no drama da vida, afetando virtudes que não sentem. Não são o que parecem, nem mais do que o burro na pele do leão.»

«Espero que os cidadãos privados sejam melhores do que pregadores e editores.»

«Não há grande diferença.

'A humanidade é muito fraca, E pouco digna de confiança; Se o eu abalar a balança vacilante, Raramente está bem ajustada.'

Simplesmente falta-lhes a oportunidade ou a coragem para serem mesquinhos. Coloquem-nos no caminho da tentação, e os mais robustos deles caem da graça. É o teu servo um cão, para fazer tal coisa?, perguntou Hazael, antigamente. Se estivesse familiarizado com pregadores, impressores e políticos dos tempos modernos, seria desnecessário fazer esta pergunta.»

«Estima muito mal a natureza humana, Sra. Hollis, e, menos que todos, o pregador, o impressor e o político.»

«Não mais do que merecem. Tenho oportunidades mais do que comuns para conhecer estas pessoas; e digo-lhe, se recebessem o que merecem, sofreriam bastante!»

«O que lhe fizeram?»

«Caluniaram-me! Fazem declarações falsas, e são descarados na sua tergiversação. Falando destes homens como classe, regozijam-se na falsidade. O pregador e o impressor deram curso a mentiras que são pouco menos do que infames; enquanto o poltrão de um político faz de «cachorrinho», e ladra enquanto eles mordem.»

«Mas, Sra. Hollis, não deveria queixar-se destas pessoas. Suponho que lhe pagam bastante bem pelo seu tempo.»

«É a suposição geral; e nisto faz-se-me grande injustiça. Sou representada como uma pessoa mercenária, e como exercendo a minha vocação pelos seus emolumentos. Nunca houve falsidade mais grosseira. Esta calúnia obteve circulação e credibilidade tão gerais, que o governo municipal de Louisville tornou punível, tanto por pesada multa como por prisão, que qualquer médium espírita praticasse a sua profissão, sem primeiro ter obtido o que todos consideravam uma licença municipal proscritiva. Esta foi a obra conjunta de pregadores de púlpito, políticos de taberna e impressores chefes. Oh, são um belo conjunto de saltimbancos para se colocarem no caminho da providência eterna de Deus! Demasiado covardes para sentir as correntes galantes nos seus pescoços, demasiado estúpidos para ler os sinais dos tempos, como estão escritos na testa da ciência moderna, serão consumidos como sarças na flamejante onda da Nova Era.»

«Mas não cobra nada pelos seus serviços?»

«Não cobro; e não ousaria, se quisesse. Os meus salões, como vê, estão cheios da manhã à noite. O espírito de curiosidade e investigação traz à minha casa todo o tipo de pessoas de todas as partes do país. As minhas portas estão abertas, e o meu tempo é colocado à disposição da multidão. Desta forma, a minha família é privada dos meus serviços, e as minhas despesas são aumentadas pelo emprego de ajuda adicional.

Contudo a multidão vem e vai sem ser lembrada dos factos que acabo de declarar.

Não cobro por este novo evangelho da vida; mas o tempo está a chegar em que / cobrarei. Os ministros são mimados e paparicados com salários exorbitantes por pregarem um evangelho livre (?) a portadores de bancos roxos, de má qualidade. Deverei eu ser morta à fome porque os anjos de Deus se anunciam na minha presença? Antigamente era o potro, a roda, a estaca, o feixe de lenha e a corda. Agora é a inanição. Oremos para que a vontade de Deus seja feita na terra como é no céu.»

«Mas ninguém lhe paga, Sra. Hollis?»

«Oh, ocasionalmente uma migalha, variando em valor de um tostão a um dólar, é deixada como caridade sobre a minha mesa; mas no agregado tais contribuições não pagariam a limpeza da casa e o desgaste dos meus tapetes.»*

«Não tem um 'negócio tão fácil' como eu imaginava, Sra. Hollis.»

«Cerca de tão 'fácil' como a camisa de Tom Hood.»

«Sentar-se à mesa tão constantemente deve exauri-la muito?»

«Sim: fico cansada. Só posso descansar mexendo-me, ou fazendo algo.»

«A sua mediunidade é um grande mistério, Sra. Hollis. Não desejo sobrecarregar nem a sua força nem a sua boa natureza; ainda assim, quando se sentir disposta a falar, e inclinada a satisfazer a minha curiosidade, nada me daria mais satisfação do que saber exatamente como se tornou espiritualista e médium espírita.»

«Oh, posso contar-lhe isso em poucos minutos, e bem posso fazê-lo agora como em qualquer outra altura.»

«Conte, por favor!»

*Fui informado, por amigos, que não era infrequente que pessoas bastante capazes de pagar visitassem a Sra. Hollis por manifestações, que, após monopolizarem o seu tempo durante várias horas, partissem sem sequer lhe retribuírem o pobre reconhecimento dos seus agradecimentos pelos sacrifícios que fizera. Urgi-a, portanto, a corrigir esta injustiça recusando

absolutamente dar o seu tempo como gratuidade a tais gado; e se o mundo espiritual estivesse insatisfeito com este arranjo, que selecionassem outro médium para fazer o seu trabalho. Não há um pregador no país que, nas suas circunstâncias, desse o seu tempo aos ricos (ou pobres) por nada. É literalmente «deitar pérolas aos porcos». Por que deveria ela fazê-lo?

«Quando era uma menina muito pequena, era considerada 'uma criança de cabeça sonolenta', e era tão lenta a compreender o valor do alfabeto, que ma e outros temiam que eu nunca superasse a dificuldade.»

«Isso é verdade», disse a Mãe Kerns, que tomara assento connosco na varanda, para ouvir a narrativa. «Isso é verdade. Pensei numa altura que Mary tinha amolecimento do cérebro.»

«De facto! Bem, já afastou todas essas apreensões agora, Mãe Kerns?»

«Oh sim: há muito!»

«Mas interrompemo-la, Sra. Hollis. Por favor continue a narrativa.»

«Sempre que tentava estudar, ou adormecia ou via um homem espectral ao meu lado.»

«Um fantasma?»

«Não sabia. Tinha muito medo dele, embora ele sempre me falasse com bondade. Quando me reconciliei com a sua presença, comecei a falar-lhe, até que ma frequentemente dizia: 'Filha, com quem estás a falar?' Quando lhe dizia quem era, tanto a ma como o pa diziam que era apenas um 'truque da imaginação'. Era tudo um erro. O homem era apenas uma invenção da mente, e eu não devia estar a tagarelar comigo mesma daquela maneira estúpida.»

«Claro, esforcei-me por obedecer aos meus pais; mas quando me retirava para o meu quarto à noite, e após despir-me para a cama, então via o meu quarto cheio de pessoas. Estas mantinham uma conversa geral; e eu ficava tão excitada e nervosa que chorava, e chamava a ma e o pa para virem ter comigo do quarto ao lado. Isso eles sempre faziam; e, após me acalmarem até dormir, como supunham, podia ouvi-los dizer: 'Aquela criança tem vermes; deve tomar um pouco de raiz-cor-de-

rosa e chá de sena.' Como a minha experiência era algo singular, gradualmente me convenci de que era muito visionária, e não devia falar sobre estes visitantes noturnos.»

Ainda assim, embora eu tivesse deixado de falar muito sobre eles durante vários anos, estas visões eram tão reais para a minha apreensão como a coisa mais tangível à minha vista ou ao meu toque. Muito raramente ia para a cama sem que elas ocorressem, e continuavam até que o sono e o esquecimento surpreendessem o meu cérebro excitado.

«O meu pai sofreu uma calamidade, que subitamente privou o nosso lar do seu chefe. Foi um choque severo para todos nós — tão inesperado e terrível.»

«Um dia estava a visitar o meu avô e, nessa ocasião, ele convidara o bispo da nossa Igreja (Episcopal) para jantar com ele. Durante a conversa à mesa, o bispo disse:

'Visitei as irmãs Fox, perto de Rochester, Nova Iorque, para ouvir os pancadas espirituais.'

'E encontrou-as como puras burlas, sem dúvida', foi a resposta do meu avô.

'Oh não', disse o bispo; 'há algo de misterioso nestas pancadas. Creio que são feitas por espíritos maus, ou talvez pelo maligno que enlaça a alma.'

A conversa prolongou-se até ao fim do banquete, e lembro-me de quão estranhamente interessada fiquei no que era dito. A minha conclusão foi que não queria nada com pancadas espirituais, pois eram produzidas pelo maligno que enlaça a alma.

***Assassinado por uma grande soma de dinheiro que trazia consigo, perto de Seymour, Indiana.*

«Dois anos após a conversa acima, estava a fazer uma visita à casa de um tio. Uma noite, vários dos meus primos reuniram-se à volta de uma mesa na sala de estar, e começaram a sua diversão pedindo aos espíritos que dessem pancadas para eles. Não tomei parte nisso, e prestei pouca atenção ao entretenimento, até que um dos meus primos disse: 'Mollie, vem cá; o teu pai soletrou o seu nome.'

Fiquei tão chocada com este uso irreverente do nome do meu pai, que senti um arrepio frio percorrer-me como se tivesse a verdadeira febre cromwelliana. Foi apenas por um momento, contudo; pois depressa, timidamente, por curiosidade, juntei-me ao círculo à volta da mesa. O nome do meu pai foi novamente soletrado, letra a letra, até ficar completo diante do meu olhar espantado. Pensei nisso durante vários dias, e tão intensamente que, virasse para onde virasse, podia ver claramente o seu rosto diante de mim. Por vezes era claro e distinto, como quando o vira em vida; outras vezes era sombrio e obscuro.

«Ao ver o meu pai como o fazia, e ao falar do facto ao nosso ministro, com a esperança de obter alguma informação sobre a sua condição presente, fiquei atónita ao ouvir que ele morrera nos seus pecados, sem o benefício do clero, e que agora estava à mercê de Deus quanto a ser salvo ou perdido.»

Oh, quão desventurada me tornei ao pensar no destino iminente do meu bom pai, para bem ou para mal, através de toda a eternidade, Deus detinha a decisão no seu poder caprichoso quanto a se o meu pai seria salvo ou perdido. Era zombaria falar de misericórdia com tal ruína iminente, tal desventura sempre presente. «Não acreditarei nisso», disse eu. Venha o bem ou o mal ao meu pai, partilharei o seu destino.

«Havia momentos em que orava fervorosamente por uma mudança de coração, e havia instantes em que sentia ser uma grande pecadora; mas que o meu bom pai fosse perdido, era para mim um pensamento de agonia.

«Enquanto estava sentada com os meus filhos, uma noite, a meditar sobre tempos passados, o meu filho mais velho perguntou: 'Mãe, acredita em tudo o que o nosso ministro diz?'

A pergunta apanhou-me de surpresa, e antes que pudesse guardar a minha resposta, disse: 'Não, meu filho; ele conta mentiras tão bem como os outros homens!'

A criança ficou espantada — não pelo que eu disse, mas pela veemência do meu modo, e pela ênfase das minhas palavras. Ao encontrar o olhar do seu olho iluminado de amor, quase comecei a repreender-me por esta infidelidade. E no entanto, sentia que apenas falara a verdade.

«Nessa altura o meu marido estava no exército, e a minha condição era tal que prejudicava sensivelmente a minha saúde. Definhava numa declinação pulmonar, e a minha morte precoce não era o evento mais improvável que poderia ocorrer a qualquer momento.

«Uma noite, enquanto jazia na cama, incapaz de dormir, acendi uma luz na mesa, e comecei a ler, como era meu hábito, do nosso Livro de Oração. Mal começara, quando ouvi distintamente uma voz grave a recitar, da maneira mais impressionante, o serviço fúnebre episcopal. Isto repetiu-o vezes sem conta, das nove horas da noite até às quatro da manhã.

«Não podia enganar-me no que ouvia; e as repetições eram feitas tão frequentemente, que chamei a minha mãe para perguntar se ela também não as ouvia. Não podia descansar satisfeita até que revistássemos a casa em busca da pessoa que, desta maneira misteriosa, perturbara a nossa paz.

«No quarto dia após ouvir isto pela primeira vez, a minha irmã mais nova foi subitamente tomada por doença, e, após apenas duas horas de enfermidade, morreu. O mesmo serviço fúnebre que eu ouvira tão misteriosamente foi agora repetido sobre o seu corpo sem vida.

«Seria isto um juízo de Deus pela minha infidelidade — a luz do nosso lar extinta numa hora? E no serviço fúnebre que ouvira, deveria encontrar os murmúrios descontentes de uma Divindade impaciente e irada? Pereça o pensamento para sempre! Não acreditarei na mentira!

«Quebrada na saúde, e doente na alma, o nosso médico de família foi chamado para prescrever o meu alívio. O seu olho rápido depressa descobriu que a minha era uma doença da mente, e não do corpo. Disse:

'Não se aflija com ansiedade sobre o seu pai ou irmã, Sra. Hollis. Gostaria que fosse tão feliz como eles são. E não há boa razão para que não seja.'

'Assim o espero. Mas nunca será neste mundo; e temo que não o seja no próximo.'

'A sua depressão surge de visões pervertidas da vida e da morte. Um pouco de conhecimento neste assunto, fora dos dogmas da sua Igreja,

faria muito para aliviar a sua mente das suas apreensões dolorosas. Tenho uma carta em casa, na minha secretária, que foi escrita pelo Dr. Franklin há mais de cem anos, que lhe enviarei para ler. Foi escrita a uma jovem senhora em Filadélfia, que perdera um parente querido, como a senhora, e que, sem dúvida, foi uma fonte de grande consolo para ela.'*

'Oh, Doutor! Pode acreditar em algo tão absurdo?'

'Absurdo? Ora, Sra. Hollis, alguns dos homens mais pensantes, eruditos e científicos vivos são firmes crentes nesta mesma Filosofia Harmónica; e há um grande número de pessoas que olham para o assunto de forma tão séria, que consideram o seu tratamento com ridículo ou gracejo como pessoalmente ofensivo.'

'Mas nunca ouvi que o espiritualismo fosse útil a alguém. O nosso bispo disse que as pancadas espirituais eram produzidas pelo maligno que enlaça a alma.'

'O vosso bispo fala mais como um louco do que como um homem. Para mim, o espiritualismo não só é uma realidade, mas uma das verdades mais grandiosas que alguma vez foram dadas a conhecer à humanidade. Trouxe paz e consolação a muitos corações sofredores, e alegrou muitos leitos de morte. Abriu os portais do mundo futuro, e colocou-nos face a face com os habitantes do grande além, e ensinou-nos que há um Deus omnipresente, impessoal, que é o Pai de todos os espíritos, e que amá-Lo e adorá-Lo é o dever mais elevado do homem na terra.

**Aludindo a cadeiras de liteira, então em uso elegante.*

'É o espiritualismo uma religião, Doutor?'

'Sim: mas não um credo. É a religião da ciência, que está acima de reprovação e não pode ser injuriada. Apoia-se nos fenómenos reconhecidos das leis naturais.'

'Tem pregadores?'

'Certamente! A terra, as montanhas, as rochas, o mar, as estrelas, e o firmamento bravamente arqueado, todos excitam a maravilha, admiração e reverência do homem. Pregam-lhe nas suas horas de solidão, e estão sempre presentes com ele nos seus passeios. Estes não trazem a marca da arte humana, mas falam de um poder infinitamente

superior e mais nobre do que o homem. O ar que respiramos sussurra de um Deus todo-penetrante, e estas são as suas obras. Por que deveria uma grande religião hesitar em explicar estas obras do grande Criador do púlpito, ou chamar a ciência disposta em sua ajuda? Não seria mais sábio disseminar tratados que incorporem as simples verdades da natureza, em vez das ficções efeminadas das Associações Cristãs de Jovens Homens?

Os sermões que o Criador escreveu nas pedras, e os hinos que canta nos riachos correntes, são mais potentes para o bem do que toda a cantilena hipócrita dos vermes do púlpito, ou toda a mímica dignificada de cardeais ou pontífices de vestes escarlates. Se a religião for uma realidade séria, deve exemplificar-se nas obras de Deus. De nenhuma outra forma podemos compreendê-Lo ou aproximar-nos Dele. Toda a sabedoria dos mortais é apenas a mais pura tolice, se não derivada dos ensinamentos da Natureza.'

'Mas não vejo o que tudo isto tem a ver com «pancadas espirituais», Doutor. Pensaria que nenhuma pessoa respeitável teria algo a ver com elas.'

Após olhar-me fixamente no rosto durante meio minuto, disse: 'Sra. Hollis, sabe do que está a falar? O que tem a respeitabilidade a ver com este assunto?'

'Oh, peço perdão, Doutor. Não era a si que me referia.'

'Claro que não, e seria muito difícil saber exatamente a quem ou o que queria referir-se. Agora, perdoar-lhe-ei a ofensa com uma condição; que é que vá comigo amanhã à noite a um médium espírita, para ver e ouvir por si mesma o que os espíritos fazem e dizem.'

A esta proposta consenti, pois não desejava ter a má vontade do doutor; mas mal ele saiu da casa, comecei a arrepender-me da minha promessa arrojada.

Enquanto nesta indecisão de espírito, e ainda a repreender-me pela minha indiscrição, a campainha da porta tocou, à qual prestei imediata atenção. Encontrei um homem idoso de cabelos grisalhos de pé na varanda, que disse meio apologeticamente:

‘Minha senhora, tenho um filho no exército que serve no regimento em que o seu marido comanda. Não tenho notícias dele há várias semanas. Suponho que os correios tenham sido interrompidos pelo inimigo. Venho saber se recebeu alguma informação sobre os movimentos do regimento ultimamente, ou alguma notícia especial dos rapazes que interesse os que ficámos em casa?’

Após fazer resposta adequada, e escrutinar o rosto ansioso do velho, ele estava prestes a virar-se para partir, quando olhou-me no rosto, e disse:

‘Vejo que tem uma irmã no mundo espiritual, e ela deseja falar consigo. Manda-me dizer-lhe que, em menos de três meses, verá o rosto de Sallie; e em menos de cinco anos, tornar-se-á uma médium espírita pública, dando as provas mais notáveis através da sua mediunidade que o mundo ainda teve da verdade do intercâmbio espiritual.’

Meu Deus! exclamei eu, o que significa tudo isto? Terão os espiritualistas conspirado contra mim? E não tenho proteção contra os insultos destas pessoas? Sentei-me à mesa com raiva, e escrevi uma nota ao doutor, na qual declinei positivamente sair de casa na noite marcada para encontrar o médium. Chamei o meu irmão, e dei-lhe a nota com instruções sobre onde levá-la. Ao fazê-lo, uma completa revolução nos meus sentimentos ocorreu; e, embora não muito dada a esta fraqueza, desabei em lágrimas.

Não enviei a nota. Assim, na noite em questão, o doutor, o meu irmão e eu partimos para visitar o médium. Era pouco depois do anoitecer. Ainda assim tomara a precaução de ocultar o meu rosto atrás de dois véus, temendo ver alguém que me reconhecesse a entrar na casa de um espiritualista. Mas chegámos em segurança à porta, que foi prontamente aberta ao nosso toque, admitindo-nos num salão elegantemente mobilado e bem iluminado. Aqui encontrámos um cavalheiro alemão idoso, a quem o irmão e eu fomos apresentados. Com a mais cortês polidez, disse: ‘A minha esposa em breve estará aqui.’

Já não estava embaraçada, mas sentia-me perfeitamente à vontade, e nunca mais feliz na vida até que a esposa do cavalheiro entrou na sala,

quando pensei nela como médium espírita, e tornei-me novamente temerosa do seu poder extraordinário. Era uma mulher alta, bela, com os modos mais elegantes, e uma voz gentil e cativante. Tinha um rapaz no exército azul; assim depressa nos aproximámos uma da outra, e sentámo-nos à mesa.

Aqui ela entrou em transe. Era a primeira pessoa que eu vira nesta condição. Com os olhos fechados, e um sorriso agradável a brincar no seu rosto, disse:

«Sis, minha querida, o velho disse-te a verdade. Verás o rosto de Sallie em menos de três meses, e em menos de cinco anos tornar-te-ás uma médium espírita notável para dar testes ao público. És um instrumento selecionado para fazer grande obra, e serás gradualmente preparada para a missão. Não, minha querida, frustres os propósitos do mundo espiritual, mas mantém o teu coração livre de engano e a tua cabeça livre de preconceito. Senta-te a uma mesa com a tua mãe durante uma hora, noite sim noite não, com as tuas mãos apoiadas no tampo, e em menos de três meses estarás bem convencida da nossa presença. Adeus! preciosa, adeus!»

Esta comunicação foi dita ser do meu pai; mas, como parte dela era uma cópia exata daquela que eu tinha recebido do velho, e ao qual se fazia alusão, recebi-a com algum ceticismo. Ainda assim, decidi acatar o pedido, pois não via qualquer mal nisso.

«Após o meu regresso a casa, informei a mãe do que tinha acontecido e, contrariamente ao que esperava, ela aprovou que nos sentássemos à mesa, como solicitado. Fizemo-lo regularmente e, quase desde o início, recebemos, como sinais da presença dos espíritos, «chuvas de pancadas» quase todas as vezes que nos sentávamos. Após duas ou três semanas de experiência no círculo luminoso, foi-nos pedido, através do alfabeto, que escurecêssemos a sala e nos sentássemos no escuro.

Assim fizemos, e logo na segunda sessão no escuro vi uma luz do tamanho aproximado de uma mão de tamanho médio, de forma oval, como quando as palmas de duas mãos são colocadas juntas, com os dedos estendidos. Esta flutuou pela sala durante vários minutos e passou por cima da minha cabeça três vezes, tornando-se mais clara e maior à medida que o fazia, até que parou subitamente a poucos

centímetros do meu rosto. Começou então gradualmente a abrir-se, como uma flor desabrocha as suas pétalas, quando no centro dela o rosto da minha irmã Sallie se revelou perfeitamente, mais brilhante e belo do que nunca me tinha parecido em vida. «Graças a Deus!», exclamei; «a Sallie e o pai ainda vivem.» A visão desapareceu pouco depois.»

«Como desapareceu, Sra. Hollis?», perguntei.

«Pareceu recuar e esbater-se, como um pássaro que voa à noite, até se perder de vista.

As predições feitas pelo velho e pela senhora alemã verificaram-se de modo singular. Em menos de três meses, vi o rosto da minha irmã; e, contra todos os meus pensamentos e desejos, tornei-me médium espírita pública em menos de cinco anos.»

«Isso tornou-se uma fonte de grande prazer para si?»

«Sim: tirou-me o medo da morte; mas trouxe-me o opróbrio dos amigos e a calúnia dos inimigos.»

«Mas não precisa de se importar com isso.»

«Non é agradável ser chamada por maus nomes; ser apontada na imprensa como impostora ou louca; ser abandonada pelos amigos e evitada como se tivesse uma lepra; ser-lhe dito que trará a ruína sobre si própria e a desonra sobre a sua família. Seria menos do que mulher se não sentisse agudamente esta injustiça. E o que fiz para merecer tudo isto? Simplesmente que descobri aos meus pés uma joia de raro valor, que foi pisada na lama durante séculos, e que eu apanhei. Por isso tenho de sofrer toda esta indignidade, embora a sua posse enriqueça o mundo. Oh, sim! Importo-me; mas fiz votos ao mundo dos espíritos — e hei de cumpri-los também — de que, venha o que vier, defenderei firmemente a verdade tal como a percebo.»

Foi mais ou menos este o teor da conversa que tive com a Sra. Hollis a respeito da sua mediunidade. Ela revelou certamente algumas das qualidades de que são feitos os heróis morais; e não duvido de que, em condições de teste, a sua coragem e resolução para «sofrer e ser forte» desafiariam o respeito e a admiração de todas as pessoas que não fossem elas próprias cobardes por instinto e canalhas vis por natureza.

Tendo-me convencido da integridade do carácter da médium, entrei naquela noite no círculo escuro com menos suspeitas na mente do que em qualquer ocasião anterior. O círculo era composto por vizinhos e por um ou dois membros da família da Sra. Hollis. Entre os primeiros estavam o Dr. Hugh Preissler, a esposa dele e o filho Julius. A mãe da Sra. Hollis também estava presente.

O círculo realizou-se na sala da frente e, para o preparar, não foi necessária outra preparação além de simplesmente fechar as persianas das janelas e as portas que comunicavam com o corredor. A luz foi então apagada e, passado apenas um breve espaço de tempo, uma voz espírita, dirigindo-se ao Dr. Preissler em bom alemão, disse:

«Wie geht's, Hugo, mein lieber Sohn?»

«Mutter, wie geht es dir? Ich freue mich sehr dich zu sehen», respondeu o doutor.

«Willst du mit mir singen?», disse novamente a voz.

«Ja, Mutter, was wollen wir singen?», respondeu o Dr. Preissler.

«Der Kukuk», disse o espírito.

Então o doutor, que trouxera a sua guitarra e é um excelente executante, começou a dedilhar em tons baixos uma melodia simples mas muito bela de balada.

Após ter sido tocada uma sinfonia, uma voz, dita ser a da mãe do Dr. Preissler, cantou de modo muito comovente a seguinte canção alemã, com uma voz audível e estranhamente doce e clara.

Uma ou duas vezes a voz vacilou um pouco, altura em que o doutor ajudou, fazendo soar uma ou duas notas, o que pareceu dar-lhe renovada confiança no seu poder. Após este solo espírita ter sido cantado, a Sra. Preissler cantou várias canções alemãs, nas quais dois ou três espíritos participaram, executando as diferentes partes da música com discernimento e precisão. O Dr. Preissler informa-me que o «Kukuk» era uma balada de berço que a mãe lhe cantava quando era criança, e que ela passou para o mundo dos espíritos em 1832.

Assim que o canto terminou, Jimmy Nolan saudou todas as pessoas do círculo e chamou-as pelos nomes. A mim disse:

«Boa noite, Doutor! Estou contente por vê-lo! Veio de longe para se convencer, e espero que não pare até estar completamente convencido. Posso ser-lhe útil em alguma coisa?»

«Pode. A minha mãe está presente?»

«Está; mas não pode falar.»

«Fala por ela?»

«Sim, por um curto espaço de tempo. Há muitos espíritos aqui que querem falar; por isso, o seu tempo é breve.»

«Não tenho nada a perguntar. Ela tem alguma coisa a dizer?»

«Diz que tem sido muito bondoso para — — —, e abençoa-o por isso. Diz: não venda a casa. Ele não terá lar se o fizer.»

«Mas não é melhor vender a casa do que encorajar a continuação da sua fraqueza?»

«Oh, não: não venda a casa.»

«Mas vendê-la-ei, a menos que me convença de que não é o melhor a fazer.»

«O que fará o pobre rapaz?»

«Tem de se reformar e beber menos.»

«Mas devia ser caridoso, meu filho.»

«É caridade, mãe, encorajar a sua degradação? Não vê que, quanto mais meios tiver, mais se entregará ao seu infeliz hábito? Deploro a sua condição tanto como a mãe; mas não é mais sábio aplicar o remédio do que acariciar a doença?»

«A sua mãe diz que tem razão; mas é muito duro.»

«Para o transgressor, é; mas não é o melhor?»

Foi esta a substância da conversa que tive com a minha mãe. Foi curta e sobre um assunto desagradável, no qual foi introduzido o nome de alguém que é objeto da mais profunda piedade para a sua família e amigos. Esta familiaridade com assuntos familiares é uma das características mais impressionantes do comunicativo Nolan. Ele parece saber tudo sobre os assuntos pessoais de cada um. Disse em seguida:

«O marechal Ney e a imperatriz Josefina estão aqui! Pertencem ao seu bando.»

«Não sabia que tinha um bando.»

«É bastante desculpável por não saber.»

«Assim o espero. A ignorância não devia ser uma ofensa!»

«Não é; mas é um crime!»

«Um crime! Em que aspeto?»

«Em tudo o que vos causa sofrimento. A ignorância é o diabo que destrói a vossa felicidade e vos torna incapazes dos prazeres mais elevados da vida.»

«Mas acha que devemos ser punidos por não saber uma coisa?»

«O que eu penso não tem grande importância na questão. O que é, é o que nos deve interessar.»

«Bem, mas devia haver perdão para erros cometidos por ignorância.»

«Isso seria pedir, como prémio à ignorância, a suspensão das leis naturais.»

«Como?»

«Ora, por não compreender a lei da gravitação, suspenderia a sua ação, para que não magoasse alguém que caminhasse sobre um precipício. A doença é a penalidade pela violação das leis da saúde, tal como a dor da queda é uma consequência e penalidade por desrespeitar a lei da gravitação.»

«Mas, James Nolan, Deus não nos aflige por vezes com doença como marca do seu desagrado?»

«Sempre! A lei física é o tribunal perante o qual Ele julga os santos perversos e os pecadores piedosos.»

«E não faz distinção nos seus julgamentos de punições e graça?»

«Certamente! Mas, na sua chancelaria, os vereditos dos homens são frequentemente invertidos, e são tomadas decisões finais de justiça.»

«Sempre a favor do santo?»

«Antes sempre contra o pecador, que por vezes é um santo convencional.»

«O santo torna-se pecador se desobedecer?»

«Certamente! Porquê não?»

«Mas, James Nolan, temos aqui muitos santos afligidos por enfermidades corporais, que são «pacientes e longânimes», como o homem de Uz.»

«Job tinha escrófula e herdou a doença dos pais mal casados. O pai dele não era santo. A condição de Job é testemunho suficiente para provar esse facto.»

«As suas opiniões são um tanto irreverentes.»

«Tolice! São verdadeiras?»

«Mas, James—»

«Não se choque, Doutor; aguenta isso.»

«Mas os outros, sabe, podem—»

«Que se cuidem. Não lhes fará mal. Conheço bastante bem esta casa e, ao dizer frequentemente a verdade, protejo-os das penalidades do erro.»

«Oh, muito bem; se é um concerto livre, podemos todos cantar.»

«Cante à vontade!»

«Não parece ter grande reverência pelas boas pessoas, James!»

«Tenho grande reverência pelas boas pessoas!»

«Mas fala irreverentemente das chagas de Job. Não era ele um homem de Deus?»

«Sabe o que é uma chaga, Doutor! Vem quer da depravação quer da pobreza do sangue.»

«Mas fala de Job como se ele fosse apenas um homem comum.»

«Não: era incomumente chaguento!»

«Mas Job lamentava-se muito.»

«Tinha muitos motivos!»

«Era fiel a Deus!»

«Mas não às suas leis!»

«Como sabe isso?»

«As suas chagas!»

«Isso faz dele um pecador?»

«Elas apenas proclamam o pecado.»

«Boa saúde e pureza de sangue é o seu padrão de santidade. A sua religião é física.»

«Sim, e não. A boa saúde é algo valioso. É a recompensa da obediência perfeita às leis naturais. Um homem de boa saúde está muito mais próximo do padrão de perfeição do que um homem de má saúde. A santidade é um produto da imaginação, tão aéreo e subtil como os belos fantasmas, silfos e gnomos dos místicos rosacruzes.»

«Mas a boa saúde é apenas uma condição física, que o animal goza tanto como o homem.»

«E isso é razão para o homem não a gozar? Acha que é demasiado boa para as criaturas de Deus? Cuidado com o que diz contra São Porco, ou ouvirá um guincho na bolsa. Que vergonha, Doutor, pela sua conceção pueril da bondade de Deus. Deixe-me dizer-lhe algo que talvez já saiba.

O propósito da vida humana é amadurecer um ser espiritual. Para esse fim, é necessária uma organização física perfeita. Se tal não puder ser obtida, o espírito perfeito não poderá desabrochar. O homem perfeito deve ter tido um pai e uma mãe perfeitos, herdando sabedoria bem como perfeição física.»

Aqui James Nolan deixou-me com os meus pensamentos, enquanto falava com diferentes membros do círculo, com a mesma liberdade com que se dirigira a mim. É certamente uma maravilha para todo o homem que o ouve. Fala rápida e incisivamente sobre todos os assuntos apresentados, e não comete erros, retratações ou modificações nas suas observações.

Após ele ter terminado, e outros espíritos terem falado, houve um breve intervalo de silêncio, quando subitamente surgiram, como pequenos foguetes ou pirilampos, da proximidade da cabeça da Sra. Hollis, vários luzes espíritas. Estas flutuaram em belas linhas curvilíneas pela sala, passando por vezes muito perto dos nossos rostos, e com movimento rápido. Gradualmente diminuíram a velocidade, até que uma destas luzes, maior do que as restantes, parou por alguns segundos em frente do meu rosto. Enquanto a minha atenção estava fixa no corpo luminoso, descobri que era segurada por dedinhos minúsculos; e, quase ao mesmo tempo, apareceu por trás da luz o rosto completo de uma criança. O objeto pôde ser visto distintamente, embora apenas por alguns segundos.

Várias outras pessoas no círculo foram igualmente favorecidas.

A luz não emitia qualquer radiação e apresentava mais as propriedades do fósforo ou do «fogo-fátuo» do que do calor e da combustão — uma luz pálida, azulada.

A sessão durou cerca de duas horas e forneceu-me muito alimento para reflexão.

CAPÍTULO X

OS COMPROMISSOS DA SRA. HOLLIS — ESCRITA NA MESA — UMA COMUNICAÇÃO EM FRANCÊS AO AUTOR — ESCRITA AO AR LIVRE — SPRING GROVE — MÃOS ESPÍRITAS A MANUSEAR DINHEIRO — TRÊS MÃOS DEBAIXO DA MESA

A mente torna-se particularmente interessada quando começa a investigar as verdades ocultas dos fenómenos espíritas. O desejo de mais informação sobre o assunto é insaciável, o apetite torna-se aguçado e intenso, o prazer mais requintado, e o desejo mais impaciente. «Tenho de saber mais disto» é a resolução expressa ou não expressa de todo o homem inteligente que procura explorar os mistérios das manifestações espíritas.

Estimulado por sentimentos desta natureza, combinei com a Sra. Hollis dispor de tanto do seu tempo quanto me permitisse examinar cuidadosamente, e nas circunstâncias mais favoráveis, os extraordinários fenómenos que ocorriam na sua presença. Por este

privilégio, concordei em pagar-lhe mais do que ela recebia do público pelo tempo despendido. Ao fazer este acordo, guiei-me pelo princípio de que «o que vale a pena fazer, vale a pena fazer bem». Razoei que, se estes fenómenos são verdadeiros, o conhecimento dos factos será uma compensação ampla por todo o tempo e dinheiro que dedicar à sua investigação. Se são falsos, quanto mais cedo eu tiver a certeza disso, melhor para mim.

Para me proporcionar maiores facilidades para levar a cabo o meu propósito, a Sra. Hollis consentiu em visitar a minha casa durante esse período, onde as manifestações poderiam ser escrutinadas mais criticamente do que na casa de um estranho. A sua única condição foi um quarto tranquilo, com o mínimo de intrusão possível do público, e também que não fosse mantida demasiado constantemente ocupada, pois a sua saúde tinha ficado um pouco debilitada pelo excesso de confinamento nas salas de círculo. Naturalmente, em tudo aquiesci aos seus desejos.

O meu primeiro compromisso foi por duas semanas. Ela iniciou-o a 15 de setembro de 1871, terminando-o a 1 de outubro seguinte, altura em que regressou a Louisville. Permaneceu em casa até 1 de novembro, quando começou o seu segundo compromisso, por seis semanas, estendendo-se até 12 de dezembro. Depois disto, fez uma visita a Nova Orleães, onde passou o inverno, e, no regresso, iniciou o seu terceiro compromisso, por cinco semanas, a 25 de abril de 1872, terminando-o a 1 de junho seguinte.

O quarto compromisso foi por sete semanas, começando a 20 de agosto e estendendo-se até ao final de setembro. Um mês depois, iniciou um compromisso de quatro semanas, sendo o quinto da série, e, após cumpri-lo, foi para o sul, passando os meses de inverno em Memphis e Nova Orleães. Regressou a casa na primavera, quando fiz o meu sexto e último compromisso com ela, por seis semanas, começando a 15 de março de 1873 e terminando a 1 de maio. Verificar-se-á que dispus do seu tempo:

No primeiro compromisso, ... duas semanas.

« segundo compromisso, ... seis semanas.

« terceiro compromisso, ... cinco semanas.

« quarto compromisso, ... sete semanas.

« quinto compromisso, ... quatro semanas.

« sexto compromisso, ... seis semanas.

Somando, durante os dois anos, trinta semanas, ou mais de vinte e cinco por cento de todo o seu tempo, para examinar ou testemunhar os fenómenos registados nas páginas seguintes. É justo afirmar que o testemunho que ofereço foi obtido nas circunstâncias mais favoráveis e após uma investigação paciente, meticulosa e perseverante. Não deixei por tentar nenhum meio razoável para descobrir a verdade no fundo deste grande prodígio.

E é justo que se diga que, se não consegui o meu propósito, o fracasso não se deve à falta de diligência ou de boa vontade da minha parte. Pode haver quem tenha teorizado mais sobre os fenómenos do que eu; mas uma maçã é uma maçã! O tolo e o filósofo podem atestar igualmente, e com igual credibilidade, esse «facto».

Mas, agora que estou prestes a começar um registo de incidentes maravilhosos que, por se oporem a erros populares, suscitarão grande quantidade de críticas hostis, sinto-me algo confuso quanto à melhor forma de os organizar, para que sejam apresentados de modo mais compacto e claro à mente do leitor. O meu desejo é fazer uma declaração completa e imparcial do que vi, ouvi e senti, com o mínimo de ambiguidade possível. Ao fazê-lo, já é evidente para mim, após um exame cuidadoso das minhas notas e memorandos, que não poderei apresentar mais do que um décimo da matéria em mãos sem ultrapassar os limites prescritos para a minha escrita. Tenho, portanto, de me limitar a fenómenos representativos, nos quais

«apenas uma parte se vê, e não o todo.»

Que isso seja tido em conta.

Quando a Sra. Hollis veio pela primeira vez para minha casa, estava com saúde frágil, causada, como ela disse, por se sentar demasiado constantemente nas salas de círculo. Julguei, por isso, melhor adiar a realização de sessões por alguns dias, até que, com repouso, recuperasse as forças. Não era minha intenção examinar este assunto apressadamente — levar as investigações avante num impulso de

excitação que me deixasse a debater-me na praia da especulação, quando a onda de factos tivesse recuado debaixo de mim.

Desejava avançar devagar, familiarizar-me com as condições e conhecer melhor a tendência da mente da médium. Pois mantenho ainda a convicção pouco em voga de que, se o carácter mental de uma médium for pouco fiável, as manifestações que ocorrem na sua presença serão, em alguma medida, tingidas pela mesma característica. Portanto, nunca dissocio completamente o carácter pessoal dos fenómenos espíritas. Ambos merecem estudo — a «Cila e Caríbdis» entre as quais se encontra o justo meio da verdade. Um instrumento perfeito produzirá harmonia perfeita.

Em poucos dias, tornou-se evidente que os passeios de carruagem, de manhã e à tarde, pelas colinas de Walnut, pelos encantadores recantos de Avondale e ao longo das imperiais estradas da incomparável Clifton, tinham um efeito extremamente benéfico sobre a saúde da médium. Para a sua força esgotada, era a «vis medicatrix naturae», e ela anunciou em breve estar suficientemente bem para começar o trabalho.

Em resposta ao meu pedido de informações, a Sra. Hollis informou-me que, após sentar-se à mesa durante duas ou três horas, segurando a lousa, ou no escuro por período semelhante, ficava tão débil pela perda de força que frequentemente mal conseguia chegar ao quarto antes de ser tomada por prostração completa. Desde então, vi-a tão exausta por se sentar que desmaiou da cadeira; e isso, também, enquanto os espíritos davam as manifestações mais assombrosas.

Frequentes alusões têm sido feitas a este estado da Sra. Hollis; e, por aqueles que são mais ignorantes de todo o assunto da mediunidade, parece fornecer um tema fértil para suspeitas pessoais, sátira estúpida e gracejos abortados. Indivíduos de mente confusa podem troçar e lamuriar-se de uma verdade que não compreendem. Tal como uma traça pode bater as asas pintadas contra uma rocha; mas e depois?

A explicação é que, quando os espíritos escrevem na lousa, ou falam no círculo escuro, ou materializam a sua presença no gabinete, têm sempre de recorrer à médium para obter um fornecimento completo de magnetismo vitalizado, que utilizam para dar a manifestação. Com isto

quer dizer-se o elemento da força — o princípio vital que a médium possui. É possível que os espíritos façam um pedido fatal aos recursos vitais da médium e, pelas observações que fiz sobre a brevidade da vida mediúnica, não tenho a certeza de que isso não aconteça frequentemente.

Falo deste facto mais particularmente agora porque terei de me referir a ele muitas vezes nas descrições de sessões futuras; e também para que o leitor ingenuamente possa compreender o que quero dizer quando afirmo: «A médium ficou exausta;» «As suas forças falharam;» «Queixou-se de se sentir doente;» «O seu poder esgotou-se;» ou «Ficou tão fraca que a manifestação parou.»

Pessoas pusilânimes, nas suas conceções doentias, troçaram destas expressões e comentaram-nas como se fossem admissões de culpa meio ocultada. Naturalmente, o disparate de tais idiotas apenas mostra quanto «ansiavam por corvos». A sua natureza moral está envenenada pela desonestidade, e o seu estado mental mal se distingue da ignorância animal. Na verdade, a sua capacidade para crítica esclarecida pode ser medida pela mais pequena parte decimal de um cubo intelectual. Homens e mulheres bem informados procurarão descobrir e explicar a lei; mas charlatães tagarelas do púlpito e da imprensa difamam aqueles que abraçam e desposam princípios eternos.

As misteriosas manifestações que testemunhei na presença da Sra. Hollis podem ser classificadas em três formas de expressão; e é meu propósito falar delas sob estes vários cabeçalhos, para que sejam mais claramente compreendidas pelo leitor. A primeira é a escrita misteriosa à luz; a segunda é a conversa misteriosa no escuro; e a terceira é a materialização misteriosa de rostos, formas, mãos, flores, etc., no escuro, mas que são exibidas à luz.

Testemunhei todas estas formas de expressão numa única hora; mas também vi tanta diversidade de manifestações que, se tentasse escrever sobre elas pela ordem em que ocorreram, seria uma tarefa interminável e menos instrutiva do que se os fenómenos fossem classificados sob cabeçalhos apropriados. Proponho, portanto, registar primeiro as maravilhas da escrita misteriosa; depois, as que ocorreram no círculo escuro; após o que farei um relatório fiel das materializações.

Quando a Sra. Hollis começou a sua escrita, ou manifestações à mesa, nos meus salões, pedi-lhe que usasse lousas e lápis diferentes, que eu lhe forneceria de tempos a tempos. Já descrevi o método de segurar a lousa e a cautela com que examinei a mesa, para me certificar de que era fisicamente impossível para ela fazer a escrita. Em todos os experimentos anunciados no futuro, deve tomar-se como garantido que todas estas precauções foram observadas antes de as manifestações serem dadas.

A mesa de escrita tem um interesse peculiar e fascinante. Senta-se ao lado dela, ou em frente da Sra. Hollis, e, enquanto conversa com ela, ouve o atrito do lápis na lousa. Move-se rapidamente ou devagar, fazendo traços longos altos e traços curtos baixos. É algo curioso para pensar; mas pode adivinhar quem está a escrever? Tente, pela diversão! Veja quão perto chega da verdade. Pode mencionar os nomes de uma vintena de amigos que passaram para o mundo dos espíritos, aqueles que seriam suscetíveis de lhe escrever se pudessem. Agora, faça a sua adivinha! Não é nenhum daqueles que mencionou; e não consegue pensar em qualquer outra pessoa que seria suscetível de lhe escrever, mesmo que tivesse a oportunidade de o fazer. Tenha paciência! A escrita cessará em breve, então poderemos ver quem pensou em nós. Aí estão as «pancadas» que indicam a completude da mensagem. «Ah, quem é este?» «Isaac! Isaac Pusey:» assim é! O meu velho amigo Isaac! Bem, o que diz ele? Vejamos:

«Amigo Wolfe, — Esta é a segunda vez que te escrevo desde que deixei a forma. Como estás tu? Isaac Pusey.»

Bem, não é espantoso! Quem teria pensado que ele escreveria?

«Quem é Isaac Pusey?», perguntou a Sra. Hollis, ao ler a breve nota na lousa.

«É um velho amigo meu. Diz que já me escreveu uma vez antes. Acho que isso é um erro!»

Ao dizer isto, ouviu-se uma pancada forte debaixo da mesa, que indicava uma resposta negativa aos meus comentários. Perguntei à Sra. Hollis se se lembrava do nome; mas ela não conseguia recordá-lo. Disse:

«Amigo Isaac, quando me escreveste antes? Por favor, responde na lousa!»

A lousa foi segurada debaixo da mesa, quando rapidamente foi escrito o seguinte:

«Através de Mansfield, em 1860. Tu relataste-o no jornal de Davis.»

Consultei o Herald of Progress e verifiquei que a sua afirmação era correta, a minha conjetura falsa, e anunciei o facto. Ele escreveu imediatamente:

«A minha memória é melhor do que a tua. Tu achas difícil lembrar; nós achamos difícil esquecer.»

Reconheci este nome. Pertencia a um «amigo», um velho companheiro com quem passei muitas horas agradáveis da minha juventude. Era «nativo e senhor do solar», no condado de Chester, Pensilvânia. Isso explicará a sua linguagem simples. Mas não sei se esta escrita foi executada por Isaac Pusey. Bem, isso é-me indiferente. Interesso-me mais em saber como a escrita foi feita. Esse é o ponto curioso em torno do qual giram as minhas especulações. Pode ou não ter sido Isaac Pusey quem escreveu; mas, se não foi ele, quem foi? Essa é uma pergunta fundamental. Não se fez sozinha.

Vou tentar Isaac novamente. «Podes, por favor, dizer-me algo sobre Columbia, pelo qual eu possa saber mais positivamente que és tu quem escreve?»

A lousa foi segurada como antes; e, enquanto esperava uma resposta direta à minha pergunta, quando a lousa foi retirada, a seguinte linha era tudo o que estava escrito nela:

«Como estás, tio?»

O escritor era evidentemente uma pessoa diferente; por isso disse: «Quem é este?»

«George M. Booth», foi rapidamente escrito.

«Fico contente por estares aqui, George. Tens algo a dizer?»

«Diz à mãe que estive aqui!»

«Direi! Mais alguma coisa?»

«E à Mary!»

«Muito bem. Mais o quê?»

«Estou feliz!»

«O que mais?»

«O pai está aqui, e os restantes!»

«O que queres dizer com "os restantes"?»

«Nunca pensei que fosse assim! A avó, Jacob Tyler, tia Betsy, tio John Lockard, Charles Odell, tia Hannah, Nathaniel, Elizabeth e Amanda.»

«Dá-lhes o meu amor. Pode algum deles escrever?»

«Adeus, tio; é tudo!»

O colóquio precedente teve lugar numa tarde, ao pôr do sol. A Sra. Hollis tinha saído para um passeio e acabara de regressar. Antes de tirar os agasalhos, pedi-lhe que segurasse a lousa, para ver se vinha alguma escrita. O acima exposto foi o resultado.

Foi, naturalmente, uma surpresa. Os factos do caso são estes: tenho um sobrinho no mundo dos espíritos chamado George M. Booth. A mãe dele é minha irmã. Mary é o nome da esposa dele. Os nomes escritos na lousa pertenciam a parentes, todos no mundo dos espíritos. Agora, quanto a saber se George M. Booth, o meu sobrinho, escreveu a comunicação que transcrevi da lousa e relatei fielmente acima, não posso, claro, afirmar. Pode ter sido outro George M. Booth ou alguém a representá-lo. Só sei que não foi a Sra. Hollis quem fez a escrita, e esse facto é suficiente para o meu propósito. Se o leitor insistir em saber como foi feito e quem o fez, terá de fornecer as suas próprias explicações.

Há muito pouco em qualquer das comunicações que mereça um segundo pensamento. A importância de ambas reside no facto de fornecerem testemunho para provar que os canais de comunicação foram abertos entre o mundo natural e o mundo dos espíritos. Esse é o ponto de interesse para mim.

O simples facto de um espírito poder comunicar-se de todo desta maneira é de importância para o mundo. Implica que um milhão de espíritos pode fazer o mesmo, através da mesma lei geral.

Para obter os melhores testes quando me sentava à mesa, muito raramente expressava ou alimentava qualquer desejo de que um espírito particular comunicasse. Tinha razões para crer que, «quando a minha mente estava decidida» a ouvir de um espírito particular, quer eles tivessem ou não o poder de comunicar, era mais frequentemente dececionado do que satisfeito. Estar na melhor condição é estar passivo; deixar vir o que vier, recebê-lo tranquilamente e com a maior gratidão possível. Se perturbar a passividade da médium, certamente estragará a excelência da sua comunicação. Tal como um lago calmo, refletindo todos os objetos com inteira fidelidade, deve ser o estado da mente dela. A menor agitação da água plácida destruirá a imagem ou refleti-la-á em formas grotescas.

«Puff! Não quero ouvir de ti! Quero ouvir do querido Charley!»

Esta receção fria a um espírito que, talvez, estava a preparar as condições para «Charley» escrever, estragava todo o arranjo, e o idiota petulante ficava dececionado. O meu hábito era permanecer neutro e permitir que qualquer espírito escrevesse que tivesse o poder. Dar-lhes as boas-vindas, encorajamento e, se necessário, conselho.

Seguindo esta política, obtive sempre manifestações fiáveis. As condições tornavam-se tão harmonizadas que, por vezes, não era necessário que a Sra. Hollis segurasse a lousa de todo, bastando simplesmente colocar as mãos no topo da mesa, enquanto eu segurava a lousa debaixo. A escrita, nessas ocasiões, vinha do mesmo modo que se ela própria a tivesse segurado. Esse era o triunfo da harmonia sobre a discórdia e a chave que abria a porta exterior ao mistério da mediunidade. Se tivesse alimentado qualquer suspeita injusta, até esse momento, de que a Sra. Hollis tivesse sido, em qualquer sentido culpável, a autora da escrita na lousa, a receção da seguinte comunicação em francês, enquanto eu próprio segurava a lousa debaixo da mesa, removeu completamente qualquer sombra de tal dúvida da minha mente.

Disse: «Sra. Hollis, como experiência, permita-me segurar a lousa debaixo da mesa, enquanto simplesmente coloca as mãos no topo, à plena vista.»

«Não acho que consigam escrever», respondeu ela; «mas fá-lo-ei.»

Após limpar bem a lousa, sentando-me em frente da Sra. Hollis à mesa, com as duas mãos dela deitadas no topo, a minha mão esquerda repousando sobre elas e com a mão direita segurando a lousa debaixo da mesa, em poucos segundos senti que era tocada, depois acariciada; e finalmente senti uma pressão na lousa e ouvi o atrito do lápis a deslizar sobre a sua superfície. Falei disso, receio que com alguma excitação; pois era uma sensação nova e uma experiência nova para mim. Ao retirar a lousa, fiquei espantado ao encontrar o seguinte escrito nela, em bons caracteres legíveis:

«Je veux trouver homme que est honnete voudrez-vous concerez-vous bien ce que je vous dis.» Ney.

O que significava? Nem a Sra. Hollis nem eu próprio estávamos aptos a traduzir a escrita. Por isso, copiei-a apressadamente e posso ter cometido alguns erros ao fazê-lo. A escrita era um pouco estranha e pode ter sido feita de forma incorreta. Lamento agora que não tenha sido possível obter um fac-símile exato da comunicação. Teria sido muito mais preciso e satisfatório para o leitor do que a transcrição que fiz dela. Poderia ter evitado uma crítica tão inútil como a seguinte — inútil, pois não atinge o objetivo pretendido ao apresentá-la ao público. O crítico diz:

«Por que razão o espírito de Ney escreveria francês imperfeito ou agramatical quando desencarnado, a menos que, quando encarnado, não soubesse escrever de outra forma? Não existe tal verbo em francês como "concerer". Provavelmente quer-se dizer o verbo "considérer". E, se escrevesse "Je veux trouver homme", certamente nenhum francês omitiria o artigo — os artigos indefinidos em francês precedem todos os substantivos; nem um francês deixaria de repetir o "je" na segunda frase, pois julgo que o que se pretende dizer é isto: "Je veux un homme à trouver qu'est honnête. Je voudrez-vous à considérez-vous bien ce que je à vous dis?"»

A partir destes erros gramaticais na comunicação, o crítico proclama que tudo não passa de uma impostura.

Devemos, então, inferir que não seria impostura se a gramática tivesse sido perfeita na construção da frase? Ele diz-nos «o que se pretende dizer», mas falha redondamente em dizer-nos quem o

pretendeu. Pouco me importa a gramática ou o francês; pois ambos são insignificantes quando se considera o facto maior: como surgiu a escrita na lousa. A admissão de que a escrita é francesa é suficiente para o meu propósito; pois não pretendo afirmar que foi o marechal Ney quem o fez, nem digo que não foi. O leitor tem liberdade para formar a sua própria opinião sobre o assunto. Pode ter sido outro Ney. Se o amigo Isaac Pusey tivesse comunicado em francês, eu teria declarado o escritor um impostor; mas a escrita permaneceria o mesmo facto misterioso a explicar. Ney ou não Ney, expliquem a escrita. Que vos importa Hécuba, ou vós a Hécuba? Não ataquem um fantasma quando têm um facto à vossa frente.

Comecei em breve a compreender que coisas ainda mais maravilhosas estavam reservadas do que as que até então tinham sido exibidas. A escrita na lousa não se limitaria à mesa; o poder acompanhava a Sra. Hollis onde quer que ela estivesse e podia ser utilizado nas circunstâncias aparentemente mais desfavoráveis. Assim, nos nossos passeios ao fim da tarde, levava frequentemente comigo uma lousa e um lápis e, como teste, numa certa tarde, enquanto atravessávamos o rio Ohio no barco-ferry de Ludlow, a Sra. Hollis colocou a lousa no colo e cobriu-a com o pano de linho que pertencia à carruagem.

Segurou-a então com uma mão por cima do pano e, com a outra, ergueu o tecido de modo a formar uma espécie de dossel por baixo. No meio da multidão, da confusão, do barulho e do estrépito no barco, Skiwaukee escreveu várias comunicações, comentando o seu «grande passeio de canoa». Abaixo de Bromley, na margem do Kentucky do rio Ohio, há um agrupamento de acácias.

Ali, debaixo do pano de linho, durante uma hora de cada vez, os espíritos escreveram muitas comunicações enquanto a Sra. Hollis segurava a lousa. Tudo o que era necessário era simplesmente lançar o pano sobre um arbusto de cardos ou um pau vertical, de modo a formar uma pequena câmara de ar por baixo, e colocar lá dentro a lousa e o lápis. Se a médium se sentasse perto do local, com a mão apoiada no exterior do tecido, era suficiente; a escrita ocorria.

Numa tarde de domingo, com a Sra. Hollis e membros da minha casa, dirigi-me de carruagem a Spring Grove. Enquanto as senhoras

passeavam pelos relvados e liam inscrições monumentais, amarrei os cavalos e lancei a manta da carruagem sobre uma pequena lápide de uma sepultura. Por baixo coloquei uma lousa e um lápis e chamei então a Sra. Hollis para vir sentar-se perto. Assim fez ela, e quase instantaneamente ouviu-se um riscar na lousa.

Quando foi anunciado que estava terminado, a lousa foi retirada e encontrada coberta de caracteres escritos. Era novamente o «velho Ski» a exibir a sua peculiar arte caligráfica. Tem um punho terrível para escrever; ainda assim, conseguimos decifrar claramente a seguinte mensagem edificante:

«Muito grande diversão! Escrever no grande ossário! Muitos ossos; nenhum espírito aqui! Espíritos não ligam a ossos! Espíritos não vêm aqui; não ligam ao grande alarido sobre ossos! Assim!»

Aqui está outra oportunidade para o nosso crítico rabugento exibir o seu talento ao detetar a linguagem defeituosa do índio. Claro que o leitor inteligente compreenderá que o objetivo que tenho ao introduzir esta comunicação é mostrar que uma inteligência independente da Sra. Hollis fez a escrita. Antes de deixarmos o local, foram recebidas mais de vinte comunicações curtas desta maneira, supostamente de seis espíritos diferentes; uma delas, de uma criança chamada «Grace», recordou-me que eu lhe comprara um pequeno carrinho de passeio quando ela ainda era uma «pequena coisa que mal andava», há menos de vinte anos.

Noutra ocasião, enquanto conduzia pelo campo com a Sra. Hollis, parei em frente da casa de um cavalheiro e chamei-o para junto da minha carruagem. Enquanto conversava com ele sobre assuntos de negócios, a lousa que repousava no colo da Sra. Hollis, coberta pelo pano de linho, atraiu a atenção do cavalheiro pelos sons habituais de escrita. Claro que tive de explicar, o que apenas arrancou do homem espantado um sorriso de incredulidade.

Deu a entender que eu lhe pregava uma partida, até que a lousa foi mostrada, altura em que, para seu completo espanto, leu uma mensagem afetuosa, assinada com o nome completo de uma filha que estava no mundo dos espíritos há mais de vinte anos. «Que maravilha!»,

exclamou o pai surpreendido, com a voz quase sufocada pela emoção e os olhos marejados de lágrimas.

Numa tarde, conduzi a carruagem até ao topo da grande colina mesmo a leste do «Brighton», para oferecer à Sra. Hollis uma bela vista do vale de Mill Creek, da cidade e de um pôr do sol magnífico. Enquanto estávamos nesse monte, o «velho Ski», com um seixo, escreveu numa rocha plana, ao lado da qual a Sra. Hollis se sentava, a seguinte mensagem: «Eu ir casa! Médium com fome!»

Este «novo mandamento» era tão perentório, e a razão para lhe obedecer tão urgente, que não hesitámos na «cerimónia de partir», mas fomo-nos imediatamente.

Tudo isto tende a mostrar que nunca estamos sós, embora a nossa companhia possa não ser visível ao sentido mortal. Foi este pensamento que inspirou a Sra. Sigourney a escrever: «Nunca deixo um mendigo sair da minha porta sem auxílio, por medo de ofender o belo anjo que guiou os seus passos até lá.»

Geralmente, após regressarmos de um passeio, ao crepúsculo da tarde, a Sra. Hollis sentava-se para escrever na pequena mesa. O poder de escrever parecia ser maior nessa altura do que em qualquer outra do dia. Pensei que poderia dever-se à condição revigorada da médium após um passeio; mas depois disseram-me que, quando os raios solares se retiram da terra, o poder espírita aumenta. Daí a necessidade de escuridão absoluta como condição para os espíritos falarem. Se isto é verdade ou não, não é meu propósito discutir; desejo apenas registar o facto e, em conexão com ele, certos fenómenos que julgo valer a pena mencionar.

«Ney» era um visitante frequente à mesa e escreveu muitas notas curtas, às quais não dei particular importância. Numa ocasião, ocorreu-me pedir-lhe algo sobre as perspetivas políticas dos governos europeus e que me dissesse o que pensava dos assuntos tal como os via do seu ponto de vista. Isto foi em 1871, altura em que as suas opiniões foram substancialmente as seguintes:

«Está escrito no destino de todas todas as nações que todos os homens e mulheres sejam iguais perante a lei. […] Estes princípios

serão ultimamente estabelecidos nas leis fundamentais de todos os governos.

A Espanha deixará de existir como monarquia. O seu fim está próximo.

A Itália lutará e triunfará sobre as intrigas do Papa e dos jesuítas.

Francisco José receberá outro castigo. A Casa de Habsburgo deixará de governar a Áustria.

Será necessária uma avalanche para esmagar as hostes de padres tirânicos que agora governam a França. Napoleão nunca regressará, nem a República se manterá.

O domínio da Igreja está a engolir todo o tipo de sentimentos liberais nos Estados Unidos. A tirania vem do fanatismo. […] Uma guerra eclesiástica é iminente. Já a sua asa escura se estende sobre a vossa terra. Está tão próxima que quase podeis sentir o bafo quente dos seus canhões e ouvir o tambor a chamar recrutas.»

Numa manhã, foi escrito por Ney que, ao crepúsculo da tarde, mãos espíritas seriam projetadas de debaixo da mesa. Foi um anúncio surpreendente e suscitou grande interesse. A tarde foi aguardada com impaciência. Quando chegou a hora indicada, a Sra. Hollis sentou-se, como habitualmente, perto da mesa. Os diferentes membros da minha família escolheram então posições no chão favoráveis para ver as mãos. Passados apenas cerca de vinte minutos após começarmos a observar, a orla do pano começou a tremer na extremidade da mesa.

Muito em breve, as pontas de quatro dedos foram vistas indistintamente, mesmo abaixo das borlas do xaile. Retiraram-se rapidamente e, após vários minutos, regressaram, expondo mais da mão à vista. De facto, todos os dedos foram claramente visíveis desta vez, a cerca de quinze polegadas do chão. Estas apareceram repetidamente, até que uma mão completa foi claramente vista. Esta exibição repetiu-se várias vezes, quando duas mãos foram distintamente visíveis ao mesmo tempo.

Foi maravilhoso e suscitou grande surpresa entre os membros da minha casa. Todos vimos a mesma coisa ao mesmo tempo e durante tempo suficiente para nos certificarmos do que víamos.

Dobrei então uma nova nota de dez dólares ao meio, no sentido do comprimento, e segurei-a mesmo abaixo da borda do pano, até que as mãos apareceram e a agarraram. Foi levada até à lousa segura pela Sra. Hollis, onde foi amachucada com ruído seco e crepitou bastante ao ser manuseada. Foi depois deixada cair no chão. Segurei em seguida a minha carteira perto da borda do pano, quando foi imediatamente agarrada e levada para a lousa.

A minha faca também foi levada; e muito em breve seguida pelo meu pente e pelo molho de chaves. Estes foram agitados na lousa durante vários minutos e depois atirados para o chão da sala, um a um, exceto a carteira. Esta foi retida e aberta. O rolo de notas foi retirado dela e, com tanta destreza e habilidade como um caixa de banco poderia exibir, as notas foram lançadas em todas as direções pelo chão, de debaixo da borda da cobertura da mesa.

Recolhi-as e, segurando-as na mão, pedi aos espíritos que pegassem novamente nas notas e as recolocassem na carteira. Fizeram-no rapidamente, atirando depois a carteira para o chão, com o dinheiro todo bem dobrado e colocado no bolso próprio, não esquecendo de a fechar com o fecho.

Não faltava qualquer dinheiro; e, «por esse mesmo sinal», nestes tempos degenerados, chamo-lhes espíritos honestos.

Após estes experimentos terem terminado, a escrita foi retomada, e os espíritos pareciam estar em grande regozijo pelo seu sucesso. Confesso que a minha curiosidade foi despertada, e decidi ver mais desta coisa. Coloquei-me, por isso, numa posição no chão que me permitia comandar uma vista da posição da lousa, tal como era segura pela Sra. Hollis debaixo da mesa. Ao erguer ligeiramente a cobertura, consegui fazê-lo.

Esperei até que a escrita começasse e, assim que estava bem encaminhada, lancei um olhar justo à situação. Foi um olhar proibido, um movimento de flanco no domínio dos espíritos, pelo qual fui subsequentemente repreendido. O meu objetivo, contudo, foi alcançado.

Vi a mão da Sra. Hollis a segurar a lousa e uma mão bem formada a mover-se sobre o topo dela, como se estivesse a escrever. Havia outras

duas, não tão distintamente formadas, debaixo da lousa, mas precisas em todos os contornos anatómicos da mão humana. As mãos não eram iguais em tamanho ou forma. Aquela que pensei estar a ser usada para escrever era notavelmente uma mão grande, masculina, com dedos grossos e pesados. As duas debaixo da lousa eram delgadas, mais delicadamente organizadas e de tamanhos diferentes. Todas estas mãos pareciam terminar na articulação do pulso, onde se perdiam numa aura nebulosa e enevoada.

O desejo de olhar foi satisfeito, mas veio então o problema perplexo de descobrir a quem pertenciam estas mãos. Não estavam ligadas à Sra. Hollis por qualquer conexão visível e, tanto quanto podia julgar, flutuavam e agiam sem a sua volição ou controlo.

Falei desta experiência estranha ou singular a várias pessoas de espírito sóbrio, que nunca, até então, tinham exibido dúvidas sobre a integridade de qualquer declaração que me soubessem ter feito. Também não duvidaram da minha integridade nisto; mas, para saírem de um dificuldade de modo fácil, alegam que fui enganado; as mãos eram uma ilusão. Estava perfeitamente disposto a aceitar esta afirmação de boa mente; mas e quanto às mãos que pegaram na minha carteira, faca, etc., como já descrito? Quatro pessoas além de mim atestam este facto.

Todos testemunharam a mesma coisa. Admitindo o seu poder num caso, por que duvidar no segundo? Não sou tão velho que alguma das minhas faculdades esteja prejudicada, nem tão jovem que formasse um juízo baseado em algo que não o testemunho mais credível. Posso ser atormentado por dúvidas, mas não permitirei que o meu juízo seja influenciado pela paixão. Estou apenas a prestar testemunho de um facto que sei ser verdadeiro.

Havia três mãos visíveis debaixo da mesa nas posições que descrevi, além da mão pertencente à Sra. Hollis, com a qual segurava a lousa. Estas estavam todas à vista ao mesmo tempo. Diferiam em tamanho e forma. Tive tempo suficiente para fazer essa observação, embora tenham desvanecido da minha vista enquanto as contemplava. Se tivessem sido mãos compostas de carne e sangue, não poderiam ter desvanecido assim da minha visão. O testemunho dos meus olhos nunca foi posto em causa. O mesmo sentido que reconheceu a mão

natural da Sra. Hollis testemunhou a presença das três mãos efémeras. Se era capaz de atestar a verdade num caso, por que não no outro? Digam, se quiserem, que fui iludido opticamente; mas, então, tenho de insistir que não são juízes competentes.

«O que difere mais, dizeis vós, do que coroa e cogula?

Eu vos direi, amigo — um homem sábio e um tolo!»

Mas um valente cético disse-me: «E tudo isto para quê? Suponhamos que admito que viu o que diz ter visto — três mãos debaixo da mesa sem pertencermos a braços visíveis — a que ascende tudo isso? Fica mais sábio ou melhor por isso?»

São perguntas impertinentes. Não se relacionam com a matéria em questão. O meu objetivo é simplesmente testemunhar a verdade. Um facto é uma verdade organizada e tão indestrutível como o tempo. Cada facto que descobrimos é um tesouro para o mundo. Os factos são a base de toda a filosofia e os grandes mestres da raça humana.

Pode argumentar-se que fui bastante minucioso ao falar destas mãos. É verdade. Pretendi ser criticamente exato. Quando descobrimos um facto, temos de ter a certeza absoluta de que é um «facto»!

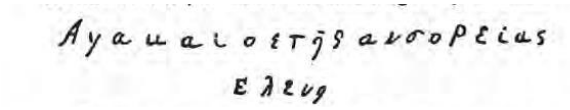
CAPÍTULO XI

ESPÍRITOS A ESCREVER EM PAPEL — ESCRITA EM FRANCÊS E ESPANHOL — CARTAS DE JIM NOLAN E NEY — PREVISÃO DA REENCARNAÇÃO DE NAPOLEÃO — SEIS CARTAS DE JOSEFINA — UM CALUNIADOR DESMASCARADO POR SKIWAUKEE

Muitas comunicações foram escritas na lousa que não eram de todo inteligíveis, por estarem em línguas que eu não compreendia. As que estavam em inglês, claro que tinha um sincero desejo de reter, pelo interesse geral que pareciam possuir. Muitas delas transcrevi, e a algumas referi-me nas páginas anteriores. À maior parte, contudo, dei apenas uma leitura casual e depois apaguei-as. Fazia-o, porém, sempre com alguns escrúpulos. Ocorreu-me por fim que não havia razão para que os espíritos não escrevessem tão facilmente em papel como numa lousa. Se conseguisse reter a sua própria escrita, um duplo interesse se ligaria ao que dissessem. Copiar uma comunicação e lê-la na tua própria caligrafia familiar destrói o seu frescor, a sua novidade; o perfume da

originalidade desaparece. Além disso, quão mais interessado ficaria o curioso em ler uma carta que nunca tivesse sido escrita por mãos mortais! O próprio pensamento de segurar na mão uma carta que tivesse sido traçada por dedos espíritas, vista por olhos espíritas e concebida por um cérebro espírita era mais do que interessante; era fascinante.

Fixei uma folha de papel na lousa e coloquei sobre ela um pequeno lápis de grafite. Passados poucos minutos após a Sra. Hollis a colocar debaixo da mesa, a escrita começou. O experimento foi um sucesso, embora eu tenha ficado ligeiramente «obnubilado» nas minhas faculdades pela primeira comunicação, da qual o seguinte é um fac-símile:



Tanto estava garantido. Para melhor conservação desta ideia, construí, a partir de uma folha de lata espessa, uma armação ou moldura que mantinha, numa posição fixa, várias folhas de papel. Esta moldura foi feita simplesmente virando uma borda de meia polegada numa extremidade e em dois lados da chapa de lata, o que formava uma ranhura ou encaixe. Nessas ranhuras encaixei o papel, por vezes até vinte meias-folhas de papel comercial grande.

Com estas facilidades adicionais para os assuntos, os espíritos trabalharam com vontade. Pareciam satisfeitos com o sucesso em escrever cartas literais aos amigos na forma. Desta maneira, escreveram várias bastante longas aos amigos que viviam em diferentes locais, com o pedido de que eu as entregasse pessoalmente ou as enviasse pelo correio. Fiz isto durante algum tempo, mas depressa descobri que era uma tarefa ingrata a que me tinha comprometido, e, consequentemente, parei com o negócio de «passageiros gratuitos». Nada como fazer as pessoas pagarem pelo que recebem. Isso aguçou maravilhosamente a sua apreciação.

Era admitido que muitas destas cartas apresentavam uma grande semelhança caligráfica com as escritas pelos supostos autores enquanto na forma. Outras, porém, não exibiam o menor traço de semelhança. Isto era especialmente verdadeiro quanto às dos que

comunicavam pela primeira vez. Pareciam não possuir o jeito de escrever bem no início; mas, com a prática, melhoravam gradualmente, até que não só atingiam a sua antiga habilidade, como até superavam em estilo a caligrafia da sua vida terrena.

Ao investigar este assunto através do Sr. Mansfield, notei a grande variedade de estilos na escrita dele, o que satisfez a minha mente de que diferentes espíritos a controlavam em momentos diferentes. Ainda assim, um grande número das suas comunicações era dado numa forma de caligrafia fortemente marcada e individualizada. Falei um dia ao Sr. Mansfield sobre isto, quando fui rapidamente informado pelo seu controlo (o general Seth Cushman, um tio, creio, de Charlotte, a distinta tragédia,) de que poucos espíritos tinham a capacidade de escrever; e, em todos os casos em que não podiam, ele atuava como seu amanuense. Tenho razões para crer esta afirmação inteiramente exata, pois é confirmada por um exemplo que entrou no âmbito do meu conhecimento pessoal.

Tenho no mundo dos espíritos uma velha «tiazinha» que recebeu a sua educação numa época em que as escolas não eram tão comuns como agora. Sendo informada de que a linha de comunicação estava aberta, teve uma forte vontade de me deixar cair uma carta do país dos espíritos. Como a cabeça e a mão dela não estavam em boas relações recíprocas uma com a outra, a cabeça ditou a carta, à qual a mão simplesmente subscreveu a sua marca X. O amanuense protestou, mas ela disse, no bom estilo de Jack Bunsby:

«Não te preocupes; escreve tu o meu nome. O ‘Apoleon há de reconhecê-lo muito bem.» E reconheci, abençoado seja o seu bom coração!

Independentemente do interesse ligado a estas cartas, por emanarem daqueles que fomos ensinados a considerar como mortos, muitas delas merecem consideração pelo mérito intrínseco que exibem no pensamento e na expressão. É meu propósito transcrever algumas delas para edificação do leitor. Selecionarei apenas as que possuem um interesse público.

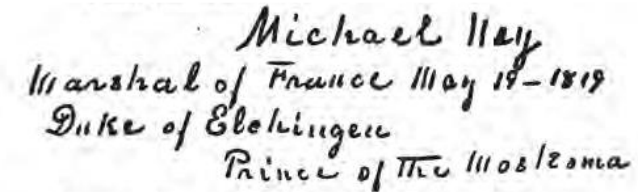
Uma das primeiras cartas que recebi na lousa de papel pretendia ser escrita pelo marechal Ney. Evidentemente, destinava-se a ser uma

resposta a um comentário feito por um cavalheiro que disse que não depositava qualquer confiança no espiritualismo, a menos que se pudesse mostrar que ele tinha feito algum bem ao mundo. Foi no dia seguinte, enquanto estava sentado com a Sra. Hollis, que recebi a seguinte comunicação:

«Meu Amigo, — O tempo escreve a sua marca em todas as coisas. Mudamos por uma ordenação sábia e bela. A terra enjoar-nos-ia se fosse eterna. A primavera da nossa existência é um tempo alegre, mas quem não gostaria de gozar a glória estival da vida? Perguntou-se: 'Que bem pode fazer o espiritualismo?' Não precisas de informação sobre este assunto; mas, para aqueles que precisam, respondo: Ele remove o véu escuro que durante tanto tempo cobriu a vossa terra. Saber-vos imortais é mais do que tudo o resto. Dá a certeza de que os vossos amigos ainda vivem.

«Por que razão as pessoas rejeitariam uma doutrina que vos diz que os vossos amigos ainda se interessam por vós, que amam com o mesmo amor? Remove todo o temor da morte. Tirou todos os espinhos e cardos do vale escuro de que os vossos pregadores tanto vos falam. Trouxe todos os vossos amigos para perto de vós; na verdade, trouxe todo o bem, e nenhum mal. As lições que vos ensinou foram do carácter moral mais puro. Para mim, parece estranho que até um pagão a rejeite.

«Sou o teu amigo,



Se alguma dúvida tenha existido até agora quanto à identidade do particular «Ney» que escreve tão frequentemente à mesa e fala no círculo escuro, a assinatura precedente, que é um fac-símile da que foi aposta à carta, resolverá a questão de forma eficaz quanto a quem se refere, pelo menos. A crítica ao francês de Ney pode estar certa, mas esta composição em inglês representará um conhecimento mais exato das regras da gramática.

Com alguma escrita de carácter pessoal a intervir, receberam-se os seguintes versos, que se diz estarem escritos na antiga língua

castelhana. Como não tenho conhecimento de espanhol, fornecerei a escrita original como cópia ao tipógrafo, a partir da qual ele a «compõe» em tipo. Se houver alguma imprecisão na composição, o tipógrafo deve ser responsabilizado por elas, a menos que tenha seguido fielmente a cópia. Nem sequer posso tentar pontuar esta composição; e, sem conhecimento da língua, é difícil saber se as letras que formam as palavras estão corretamente dadas ou não, pois tanto consoantes como vogais são quase indistinguíveis. Assim, i, e, o, a, n, u parecem-se tanto como as ovelhas no «rebanho» de Elisio.

«JUEVES, Diciembre,

Tras su manada Elisio lamentando Mil reces este verso repetia Ay quien se viera cual se vio algun dia Vime yo tan señor de mi fortuna Tan libre de dolor tan prosperado Que no temi jamas mudanza alguna De aquel primero y venturoso estado Yo todo mi ventura se ha trocado No soy ni yo sere quien ser solia Ay quien se viera coral se vio algun dia Ragu cuenta sobre mi

MARTINEZ DE IRUJO.»

Claro que fiquei muito curioso por saber do que se tratava tudo isto e, após grande esforço, consegui encontrar, entre os meus amigos mais prezados, um que me pudesse dar uma tradução literal da estrofe. Aqui está ela:

«Quinta-feira, Dezembro.

Após o seu rebanho, Elisio lamentava-se, Mil vezes este verso repetia: — Quem voltará a ver-se como um dia se viu? Eu vi-me senhor da minha fortuna, Livre de dor e tão próspero Que nunca temi qualquer mudança Daquele primeiro e venturoso estado. Mas agora toda a minha sorte se mudou;

Não sou agora, nem nunca serei, o que outrora fui. Ai! Quem se verá como um dia se viu? Conta comigo.

MARTINEZ DE IRUJO.»

Ora, a que ascende tudo isto? Bem, a não muito; especialmente para aqueles que não se interessam pelas desgraças de Elisio. Parece ter sido escrito por alguém que, em vida, se erguia no vertiginoso cume da riqueza, rodeado por todos os luxos que um gosto caprichoso pudesse

desejar; e, por um meio ou outro, a roda da fortuna girou (e a velha coisa rangente está sempre a girar), quando Elisio foi para o fundo. Pode ter começado a especular na bolsa, ou tornado um devasso ou jogador de ações, ou negociante de papel dourado, ou envolvido no negócio do petróleo — quem sabe? Não importa o quê. Falhou e, como um covarde (se não era um velho pecador), lamuria-se e desanima como se a posse da riqueza não fizesse, noventa vezes em cem, de seus escravos cobardes canalhas, idiotas ou impotentes.

Nesta exibição de si mesmo, é bastante aparente que tudo o que lhe falta é a mesquinha capacidade de um ladrão citadino ou de um empreiteiro chefe, para lhe permitir «ver-se como outrora fora». E o que fora ele senão um desprezível, cabeça-oca, narciso enfeitado de margaridas, lamuriento e rico falador? Com certeza, poderia ter sido um opulento ocupante de banco na igreja, cuja presença dourada inspirava o padre, enquanto, em sono, sonhava o seu tempo agradável, —

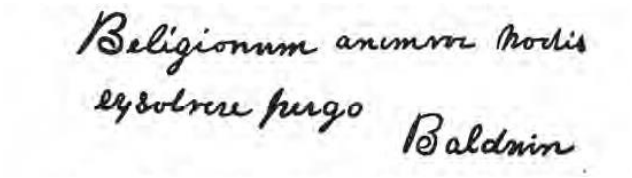
«Livre de dor, e tão próspero Que» nunca temeu qualquer mudança Daquele primeiro e feliz estado.»

A morte parece tê-lo abanado, e ele imagina que caiu, quando na verdade apenas encontrou o seu nível. Perdeu, com efeito, a pintura, como um pavão pode perder a cauda. Isso apenas põe fim ao seu pavoneio; pois,

«Pigmeus são pigmeus ainda, embora empoleirados nos Alpes, E pirâmides são pirâmides nos vales.»

Mas o meu objetivo ao chamar a atenção para esta escrita é simplesmente mostrar que nem a Sra. Hollis nem eu próprio devemos ser responsabilizados pela sua aparição no papel. O hipercrítico, sei-o bem, atribuirá o seu surgimento à ação circuita da glândula epífise, influenciando os cérebros inconscientes da sua própria cabeça de porco; mas tais opiniões nunca ascendem a muito, exceto junto de idiotas inconscientes.

Numa ocasião subsequente, foi dada a seguinte linha, sem qualquer motivo aparente, a menos que fosse para demonstrar que tinham escolhido o homem mais incapaz sobre quem pregar as suas partidas.



Desta maneira, os espíritos comunicavam em grego, hebraico, italiano, sueco, celta e árabe, até que um perfeito labirinto de raízes e derivações enchia o papel. Claro que desencorajei toda esta tolice desprezível e ameacei confusão se a palhaçada não fosse imediatamente interrompida. Não tinha intenção de desperdiçar tempo com rabiscos tão inúteis.

Muito em breve, a minha oposição aos testes de línguas — pois era isso que pretendiam ser — começou a dar frutos. Foram dadas várias comunicações boas e legíveis, em inglês correto, sobre assuntos interessantes. A seguinte foi dirigida à Sra. Hollis:

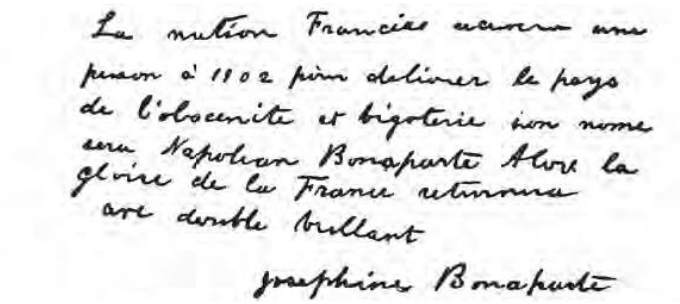
«Cara Médium, — A primavera do espiritualismo acaba de despontar no mundo. As suas prímulas e margaridas estão apenas a espreitar pelo solo frio de um inverno ortodoxo que se desvanece rapidamente. As flores fragrantes do verão, em toda a sua beleza, em breve estarão aqui para completar a transformação. Mantém-te firme, médium; proteger-te-emos com todo o nosso poder. Estás rodeada por uma hoste de espíritos poderosos. Escolhemos-te para um grande propósito — uma missão de que uma rainha se orgulharia de cumprir. Serás honrada acima das mulheres. Mantém-te firme e acredita no teu amigo, James Nolan.»

Se Jim Nolan é insincero nesta nota, é a primeira vez que o descubro a sê-lo. E no entanto, o anúncio de «uma missão de que uma rainha se orgulharia de cumprir» beira um tanto o extravagante, admito-o. Mas vejamos o que esta mulher já alcançou e depois digam, se puderem, onde terminará a sua «missão».

Foi anunciado que Josefina Bonaparte pertencia ao meu bando de espíritos. Por esta informação sou primariamente devedor a Jim Nolan. Desde o seu anúncio do facto, recebi muitas cartas que pretendem ser escritas por ela. Algumas foram escritas a meu pedido para uso público; outras foram dadas voluntariamente. Não apus datas a estas cartas; por isso, não as apresentarei por ordem cronológica. Isto, porém, não tem consequência, pois não há ligação nos assuntos separados discutidos.

Não obstante, há alguma excelência literária exibida nas suas composições — não é para tal propósito que as apresento. É simplesmente para fornecer prova cumulativa de que o intercâmbio espírita está estabelecido entre os dois mundos, com o interesse adicional de aprender quais são as opiniões de uma mulher como Josefina Bonaparte desde a sua trasladação para a Terra do Verão.

Prefaciarei estas cartas em inglês apresentando uma nota autógrafa em fac-símile, que será lida com intenso interesse, pelo menos por aqueles dos seus compatriotas que esperam e acreditam no segundo advento, ou reencarnação, de Napoleão Bonaparte:


La nation Francias aurera une
personne à 1902 pour delivrer le pays
de l'obscenité et bigoterie son nome
sera Napoleon Bonaparte Alors la
gloire de la France retournera
avec double brillant
Josephine Bonaparte

A seguinte tradução desta notável nota foi feita por alguém bastante qualificado para o serviço:

(TRADUÇÃO.)

«A nação francesa receberá uma pessoa em 1902, que livrará o país da obscenidade e do fanatismo. O seu nome será Napoleão Bonaparte. Então a glória da França regressará com brilho duplicado.

Josefina Bonaparte.»

Não tem qualquer consequência pública o que eu acredito acerca desta predição. É inquestionavelmente importante para a nação francesa, se se verificar ser verdadeira. Esse é o ponto de interesse para um francês. O interesse que lhe atribuo consiste simplesmente no facto fenomenal que apresenta.

Havia uma circunstância extraordinária ligada à receção desta nota, que me impressionou na altura com espanto. Enquanto a Sra. Hollis segurava a lousa de papel para a comunicação, houve uma feu de joie de pancadas espíritas em várias partes da sala. Isto era extraordinário; e, enquanto eu especulava quanto ao objetivo desta grande exibição de poder, a Sra. Hollis chamou a minha atenção para a ação de uma

cadeira, que se encontrava numa parte remota da sala. Esta foi vista a equilibrar-se nas suas duas pernas traseiras, balançando para diante e para trás durante cerca de um minuto, descrevendo com as costas da cadeira um quarto de um círculo aéreo. Começou então a mover-se em direção à mesa onde estávamos sentados, avançando uma perna de cada vez, até que metade da distância foi superada. Pôs então todas as pernas no chão e deslizou sobre a alcatifa até à mesa, onde retomou a condição equilibrada e oscilante nas duas pernas traseiras, que manteve durante cerca de dois minutos, quando caiu pesadamente para trás.

Ao fazê-lo, as pancadas foram altas e tão rápidas que só as pode descrever dizendo que vinham em chuvadas. No mesmo instante em que a cadeira que se move por si mesma fez a sua demonstração, a nota profética de Josefina estava a ser escrita debaixo da mesa. Foi subsequentemente afirmado por Ney que a demonstração foi feita por um bando de espíritos franceses, para expressar a sua gratificação pelo sucesso em anunciar à França e ao mundo a reencarnação do seu amado chefe.

O leitor pode tomar esta declaração pelo que valer. Eu apenas registo o facto.

Havia outro facto curioso em ligação com esta sessão matinal, pelo qual não ofereço qualquer desculpa por o registar. Foi este: Quando a Sra. Hollis se levantou da mesa para descer para a sala do pequeno-almoço, a cadeira que tinha excitado tanta atenção ofereceu voluntariamente um movimento peripatético para a acompanhar. Partiu do centro da sala e deslizou aos solavancos até à porta que comunicava com o corredor das escadas. Aqui, os dedos das suas pernas enredaram-se na tira da alcatifa e pararam-na. Em poucos segundos, foi erguida por um poder invisível por cima da tira para o corredor, onde caiu no chão, altura em que a Sra. Hollis fugiu consternada escadas abaixo perante esta exibição invulgar.

Ao apresentar as cartas seguintes, como já afirmado, não tenho outro motivo além de aumentar a presunção em favor da sua autenticidade espírita. Ainda assim, seria pura afetação dizer que eram desprovidas de interesse para o leitor inteligente:

(CARTAS DE JOSEFINA BONAPARTE, N° I)

"Meu caro amigo, - A lembrança do passado acomete-me esta manhã, e quase me subjuga com o seu poder. A voz do meu marido ouço eu a ecoar pela nação, e a terra treme sob o pesado rolo de artilharia e os passos dos seus soldados. Eu vejo sua forma viril e sinto todo o orgulho e alegria de ser esposa de Napoleão, os brados do meu povo assemelham-se a uma música distante - Vive la France!

"Mas agora, ai! Vem-me aquela angústia do coração, quando vemos os sacrifícios que devem ser feitos para o bem da terra. O meu amado deve ser arrancado, e o solo receber o batismo do melhor sangue do povo. (NT: Josefina faleceu em 1814, e Napoleão somente em 1821) Tudo isso passa diante de mim. Mais alguns dias sombrios e cansativos, quando o anjo da morte me libertou, e gentilmente me levou para casa, para a tranquila terra do Verão. Aqui, com o meu amado, o meu adorado, eu descansei um pouco...

"Napoleão me surpreendeu dizendo: "Minha querida, não tenho descanso! O povo da França está a chamar-me! Vem comigo!

"No começo senti que queria ficar na terra dos espíritos, mas agora todos as chamas da ambição que enchem a alma do meu querido Napoleão varrem a minha. Eu junto-me a ele neste grande trabalho, e conheço somente o sentimento," Avante, avante. Não vou descansar até que a França esteja livre! Josefina."

A carta seguinte apresenta um quadro da «vida doméstica» na terra dos espíritos, que requer apenas um pequeno exercício da imaginação para se tornar real. A presença de aves, frutos, flores, pinturas e livros rodeia o lugar com uma atmosfera de confortos domésticos, bastante agradável de contemplar. A reencarnação e a missão de Napoleão são distintamente pronunciadas. «Mas será apenas um sonho?»

(CARTAS DE JOSEFINA, N° II)

"Meu caro amigo, - Esta manhã, quando deixei o meu lar espiritual, estava cheio de música e lindas flores. Oh, que contraste apresenta a Terra! Eu sempre desejei puder tirar o véu material dos vossos olhos, e deixar que vejam o meu lar para minha casa como ele é. E agora lembrem-se que para vós será um lugar de descanso quando vocês chegarem ao mundo espiritual. Nós temos na terra dos espíritos tudo o

que vocês têm na vida: pássaros, frutas, flores, pinturas, livros e tudo o mais que possa encantar o gosto ou melhorar o entendimento: aqui tudo é lindo, tudo é harmonia e paz.

"Quando eu volto à Terra, ai! Que desgraça eu vejo! E, no entanto, com tudo isso, eu me sinto feliz e contente esta manhã. Será por você ter decidido visitar a França?"

"Eu estive lá na semana passada, e, ai como o meu coração dói com a infeliz condição do meu povo; e quanto eles precisam da presença do meu marido! Vocês percebem como o governo está inquieto e como as pessoas sofrem? Ah, nós conhecemos as necessidades deles, e o braço forte do meu marido estão as pessoas de França à procura para as libertarem.

"Quando você visitar o meu país, você descobrirá que aguardam um libertador; e agora eu digo-lhes que o meu marido cumprirá essa missão. Com a sua reencarnação eu sonho dia e noite. O seu sucesso é o alicerce de todo o meu futuro. Nas suas mãos será colocado o bem-estar do seu povo — a glória da França e o coração de Josefina."

Contemplo fazer uma viagem pela Europa na próxima estação e disse a Josefina que certamente visitaria os locais históricos de França com mais do que o interesse comum, especialmente aqueles com os quais ela própria e Napoleão estavam identificados.

Após ter decidido escrever este livro e verificando que o meu propósito encontrava a aprovação dos espíritos comunicantes, pedi a Josefina que escrevesse uma ou duas cartas especialmente para as suas páginas.

Desejava isto porque pensava que o público se interessaria por qualquer coisa que ela pudesse comunicar respeito da vida após a morte e das condições do mundo dos espíritos. A este pedido, ela escreveu a seguinte resposta:

(CARTAS DE JOSEFINA, N° III)

"Meu caro amigo, - Pede-me para escrever algo para o livro. Farei o melhor que puder. Eu nunca escrevi muito quando estive na Terra, nem me realizei nesse particular desde que minha vida espiritual começou. De facto, escrevi-lhe mais a si do que em toda a minha restante

correspondência, pelo que poderá avaliar a extensão que a minha escrita teve; eu fornecerei algumas ideias para o seu livro. Precisa organizá-las e prepará-las com uma linguagem apresentável aos olhos do público.

"Deseja que eu não expresse a minha gratidão pela gentileza que você me concedeu. Bem que poderia pedir igualmente ao oceano para silenciar o ruído que faz." Qual será a música da alma, se não a gratidão? O grandioso oceano antigo sente-a, e corre com as suas ondas alegres sobre a costa. Essa é a sua vida, a sua gratidão, a sua alegria. Em seguida virá o vento, a cantar por entre as vossas árvores, e a correr descontroladamente, com prazer, por cima de seus telhados das casas. O, essa é a gratidão que manifesta para com o poder que lhe confere movimento! As flores que vocês cultivam vêm a sorrir com as suas lindas cores, e perfumadas com a sua alegria, para lhes contar a mesma história da sua gratidão. Todos pagam pelo trabalho que vocês fazem por eles. E agora a escrita de palavras e os atos são as únicas expressões que posso usar da minha gratidão, e, como sou uma mulher francesa, preciso dar vazão à minha alma, tão cheia de gratidão. Eu vou manter a minha paz, mas devo dizer-lhe como por vezes me sinto grata...

"Muitas vezes perguntam aqueles que entretêm ideias imperfeitas da vida espiritual: 'Vocês dizem-nos que as vossas casas são tão bonitas, mas então por que as deixam para vir a este vale de sombras?' Para esses, a resposta que dou é que não pude descansar em sossego e esplendor quando tantos corações me chamam de volta à *Terra. Estou magneticamente ligada à Terra e não consigo libertar-me até que a compaixão me abandone o coração e todo anelo humano seja cortado.*

"As almas de todos os homens e mulheres estão a clamar por conhecimento. O vosso povo está faminto da verdade, como só o mundo espiritual pode suprir.

Você acha que eu poderia futilmente cruzar os meus braços, como os remos cruzados de um barco e deixar que as ondas do acaso levarem-me de um lado para outro? Eu tenho uma missão mais nobre que isso. Eu vim do meu belo lar para repetir a história que vivo além da Terra - de que eu sou a mesma Josefina Bonaparte, a mesma pessoa que eu fui na Terra; para lhes dizer que, além do túmulo, há muitos rostos brilhantes

e formas adoráveis que vêm ao nosso encontro de mãos estendidas quando chegamos à vida imortal; para lhes dizer que a morte é um anjo lindo, que os despe das vossas vestes sujas, e os veste das belas vestes do espírito, como a Primavera tira a máscara de ferro do Inverno e cobre a terra de luz do sol e flores brilhantes.

"Lembre-se, meu amigo, em todas as suas provações terrenas há à vossa espera uma coroa de raios de sol sobre as ondas do tempo. Quando você vier, você não será um escravo de vontades na colmeia da progressão. Logo o caminho para a Terra será um caminho conhecido...

"O crescimento do espiritualismo é muito maior do que se supõe. As suas verdades estão a cair entre o povo, silenciosamente, como a neve sobre a Terra. Uma manhã destas você vai acordar e achar que está com uma veste branca, e mal sabe de onde veio. Dia e noite, os vossos amigos espirituais estão a desgastar os baluartes da ignorância e da superstição. Estão a incutir ideias nobres e puras da vida onde antes tudo havia sido escuridão e miséria.

"Não desejamos estabelecer nenhuma nova Igreja. O mundo espiritual não favorecerá qualquer organização que não seja fundada na liberdade individual e na verdade universal. Deus dá a sua luz do sol a todos. Deixem que lhes penetrem as almas e vivifiquem as belas flores do espírito. Vocês sabem bem que o espiritualismo não se destina a fundar nenhuma nova seita nem estabelecer nenhum novo credo. Vocês podem agradecer ao mundo espiritual para todo o progresso que você conseguem no conhecimento e no pensamento liberal. O poder está exaurido. Eu não consigo mais escrever.

Josefina."

A carta seguinte parece ter sido escrita para expor a inconsistência dos crentes no espiritualismo bíblico, que rejeitam manifestações semelhantes nos tempos modernos:

(CARTAS DE JOSEFINA, N° IV)

"Meu caro amigo, - O intercurso espiritual é chamado de 'A Nova Revelação' e ainda assim existiu em todas as eras do mundo que tiveram lugar na história humana. Nos antiguidade, os espíritos eram recebidos pelos habitantes da Terra como convidados honrados, mas hoje eles são rejeitados como demónios ou como emissários do 'Mal'.

"O que responderá por essa grande revolução nas mentes dos homens? Terá a sabedoria dos dias modernos descoberto que tudo o que antigamente era bom é para a modernidade mau? Ou terão as leis que entram na constituição da natureza mudado, de modo que invertem hoje a ordem das coisas que antes estabeleciam? Os eruditos modernos dizem-nos que as leis da natureza nunca mudam. Então, por que não poderão os espíritos retornar hoje e conversar com os presentes vivos, como fizeram nos dias de Moisés e dos profetas? Ou terá Deus sido tão parcial para com a Idade das Trevas que permitiu que os seus embaixadores visitassem apenas aqueles que eram ignorantes dos factos que a ciência moderna revela?

Os que morrem hoje não passam para a mesma terra espiritual que aqueles que morreram séculos atrás? E se assim for, será o seu amor menor pelos que deixam na Terra do que o dos antigos Judeus, que voltaram para comungar com os seus amigos e parentes? Ah, não. As leis de causa e efeito são imutáveis. Se um espírito vive, todos vivem. A lei que desenvolve o crescimento de uma criança é universal na sua operação. Duvidar disso vocês poderão; mas o facto irá confrontá-los para sempre. Não cheguem as vossas vestes céticas demasiado, ou vocês perderão a deselegância da forma. A vossa melhor capacidade critica diz-lhes que a doutrina da imortalidade é verídica, senão qual a razão desses anseios, desse sentimento de insatisfação, esse desassossego da mente? Mantenham-se firmes! A verdade irá arrancar-lhes todo o erro da alma.

"Receio ter deixado de lhe despertar o interesse esta manhã, mas tal como eu tenho, eu dou. Permaneço sua verdadeira amiga,

Josefina."

A seguinte pode ser considerada uma interessante carta de negócios. Abre uma fresta que, se não revela especificamente os propósitos do mundo dos espíritos, sugere claramente o carácter da sua grande empresa. Os espíritos aplaudem o discernimento entre os seus trabalhadores e confiaram à Sra. Hollis uma das suas missões mais importantes:

(CARTAS DE JOSEFINA, N° V)

"Meu caro amigo - Quando entrei no mundo espiritual fiquei espantada quando os espíritos me revelaram a grandeza do trabalho que haviam empreendido realizar. Para realizar com sucesso os seus propósitos, antigas instituições da Terra — muitas delas com séculos — tiveram que ser varrida; e, ao fazerem isso, o fundamento das coisas pareceu romper-se, e a própria natureza entrou em convulsão.

Mas as escamas logo me caíram dos olhos e eu comecei a ver que tudo isso era pelo melhor. O grande Criador colocou-nos os pés em lugares firmes e estabeleceu os nossos passos para sempre. Agora sei que o alicerce sobre o qual nos encontramos é rocha, e nenhuma onda poderá varrê-lo.

"Todo movimento do mundo espiritual é feito de acordo com o sistema de leis de Deus. Todos eles serão bem sucedidos no devido tempo, assim que os instrumentos apropriados forem empregados para os resolver. Esses estão agora a ser selecionados e postos em prática. Por toda a Terra, homens e mulheres estão empenhados em fazer o trabalho organizado por superintendentes invisíveis e não reconhecidos. Nós não duvidamos que a nossa vitória virá. Tudo o que queremos é trabalhadores; homens e mulheres inteligentes que possuam esse dom inestimável - energia, determinação invencível, com um propósito fixo. Essa qualidade realizará qualquer coisa que desejarmos - arrebatará a vitória das próprias mandíbulas do desespero.

"Mas poucos estão qualificados para fazer o nosso trabalho. O nosso melhor trabalho está reservado para uma classe de trabalhadores que ainda não existe. A nossa médium estará em primeiro lugar entre nossos grandes agentes, e a ela confiamos uma das nossas missões mais importantes. Muitos são os que demonstram zelo pela causa do espiritualismo mas que lhe causam mais mal do que bem. Ainda assim servem para agitar as águas barrentas, para libertar os odores ofensivos da lama da sociedade. Mas mesmo aqui a brilhante luz do sol da verdade finalmente penetrará, e esses lugares impuros tornar-se-ão puros.

"O nosso bando está-lhe grato a si por proteger o nosso meio da invasão da multidão irrefletida. Estamos gratos pela discriminação e

pela energia evidenciados em excluir de nossos círculos a presença daqueles que são incompatíveis com as condições em que trabalhamos. Para esses bons serviços, todos nós agradecemos.

Josefina."

Como «detetive policial», o espiritualismo promete ocupar um lugar elevado. Jim Nolan afirmou muitas vezes que um criminoso pode ser trazido à presença da Sra. Hollis, em companhia de vinte pessoas inocentes, e que ela, com os olhos vendados, designará o malfeitor simplesmente tocando-lhe na mão. O conhecimento deste facto será um «consolo frio» para aqueles que pensam poder depredar a vida, o carácter e a propriedade sem deteção nem punição. Mas, mais ainda, tenho razões para crer que o mundo dos espíritos pode revelar o nome de uma pessoa que tenha sido culpada de uma contravenção ou crime, se julgarem melhor fazê-lo. Ilustrarei isto citando um caso concreto.

Na manhã seguinte ao início do quarto compromisso da Sra. Hollis na minha casa, ela recebeu uma carta de casa que, ao ser aberta, se verificou conter uma carta anónima incluída, que tinha sido escrita em Cincinnati e enviada pelo correio para ela em Louisville. Abriu-a à mesa do pequeno-almoço e, após lê-la cuidadosamente, passou-ma, dizendo simplesmente: «Isso há de interessá-lo, Doutor!» A carta era exclusivamente sobre mim. Era do carácter pessoal mais escandaloso, lidando com difamação da mais recklessly licenciosa. Após lê-la, perdi o apetite para o pequeno-almoço e fiquei furiosamente irritado.

Nunca refuto mentiras, nem as temo. Há algo mais do que engenho político na declaração sombria de Ben Butler de que «nunca desfrutou da vida até perder o carácter». A reputação devia ser capaz de cuidar de si própria e, quando tem de ser vigiada e guardada a toda a hora do dia, para que não faça algo muito mau, o custo de a manter imaculada é realmente mais do que vale a pena. Mas esta carta irritou-me — não por causa das acusações que fazia, mas porque foi escrita por um assassino cobarde que se escondia em emboscada.

Qualquer homem está sujeito a ser apunhalado pelas costas, e é pura fanfarronice dizer que não teme o estilete. A sociedade está cheia de thugs, que devem sempre ser temidos; especialmente aqueles que controlam uma imprensa depravada. A arma deles é silenciosa, mas

fatal. Estrangulam-no sob o disfarce de fraternidade cristã. Oh, seria melhor ser acompanhado por um pirata do oceano ou um assassino da meia-noite! Mas o meu assunto agora é revelar como os espíritos ajudaram a arrastar um destes miseráveis cobardes do seu esconderijo para a luz aberta do dia.

Como não conseguia saber quem me tinha caluniado, sentia-me irritado e inquieto. Isto era invulgar; pois as mentiras ordinarily são de curta vida, e eu deixo-as morrer. A Sra. Hollis, vendo-me aborrecido, sugeriu que consultássemos os espíritos sobre a autoria da carta escandalosa. Assim fizemos, e o «velho Skiwaukee» pôs-se ao trabalho prontamente. Tinha descoberto tudo sobre a carta e o seu autor; e, após transmitir toda a informação que tinha e revelar o nome do escritor, completou a sua declaração declarando ser da sua opinião que «aquele velho cão era o maldito velho marisco! Assim é!»

Como já não tinha dúvidas, senti-me à vontade. Tal canalha não poderia prejudicar a reputação de ninguém, independentemente do que escrevesse, exceto ocultando o seu odioso nome. Foi isso que fez. Sabia que era impotente para fazer mal se fosse desmascarado; por isso, tornou-se um copperhead de carácter ku-klux. Decidi contornar este velho caluniador, independentemente do caminho que tomasse.

A Sra. Hollis e eu concordámos em polir a «concha» deste velho «trilobite». Disse: «Ele tem-se entregue a estes truques sujos há muito tempo, e será um bom serviço levá-lo à ruína. Agora, vamos remover cuidadosamente desta carta os nossos nomes, onde quer que apareçam. Cortemo-los, para que não haja qualquer pista da pessoa que a enviou. Vamos agora rasgar a carta em pedacinhos, não deixando nenhum grande o suficiente para escrever uma monossílaba. Coloquem estes num envelope.

Agora escreve neste pedaço de papel o que eu ditar: «Canalha! Todo o mundo dos espíritos sabe da tua vilania! O vingador está no teu encalço, e não lhe podes escapar! Faz as pazes!» Pronto, assim serve; sem assinatura; mete-o no envelope, com os pedacinhos da própria carta dele. Quando os receber, saberá o que significa, se os «frangos» lhe pertencem. Ficará mais do que surpreendido por terem «voltado para o poleiro». Agora endereça o envelope para esta morada; aí está, no diretório. Muito bem.»

Nessa mesma tarde, «Skiwaukee» relatou progressos; disse que a carta tinha sido recebida, «que aquele velho rato estava doente»; e disse: «O que fará ele? O que fará ele? Eu insisto para que venha ver o velho chefe. Disse que vem de manhã.»

De facto, o doentio velho canalha veio à minha porta na manhã seguinte, e eu recebi-o. Estava muito excitado e disse que tinha recebido uma carta singular de mim, sobre a qual queria explicações. «Como sabe que veio de mim?», disse eu. Respondeu que descobrira o meu nome em alguns dos pedaços de papel incluídos. Então agarrei-o pela garganta e sacudi-o. Dei-lhe então a minha promessa de que, no futuro, se não tomasse mais cuidado em ocultar as suas mentiras, especialmente aquelas que sentia ser seu dever escrever sobre mim, eu lhe espremeria os «daylights» fora. Foi este caso, e outra mentira «de sangue frio» que Murat Halstead publicou no Cincinnati Commercial, mais ou menos na mesma altura, a respeito de uma sessão espírita realizada na minha casa, que induziram a escrita do seguinte:

(CARTAS DE JOSEFINA, N° VI)

Meu caro amigo, saúdo-o de novo, como fiel obreiro no campo da colheita dos princípios e da verdade. Ao que você escreveu, os cães poderão latir, mas irá atingir as consciências dos homens que pensam As carinhosas mensagens que trazemos habitarão nos seus corações e os levarão, quais estandartes ostentados, por todas as terras.

"As pessoas costumam dizer: 'Por que Napoleão não diz algo digno de si?' Diga a esses que "a grandeza de um homem não é medida pelo número nem pelo tamanho dos seus discursos." As capacidades *executivas* do meu marido não tinham paralelo na realização humana. Aquelas pessoas que pensam em rebaixar o nosso trabalho, consideram-no sem o seu anfitrião. As serpentes que picam no escuro não podem penetrar no ferro com as suas presas envenenadas.

O seu próprio veneno retornará às suas almas covardes e as destruirá. Vocês que tentam frustrar-nos, cuidado com o modo como dão o passo; porque será o sinal da vossa passagem para o nada. Quando o mundo dos espíritos é despertado, nunca infunde até que o erro seja corrigido.

"Não temos tempo para fazer promessas inúteis. Quando o rosto do meu marido reluz em alguém, isso significa trabalho. Ele voltará a aparecer na França com poder, e a entusiasmar os corações de milhões com a resolução de libertar a nossa bela nação da degradação e obscenidade sacerdotal."

"Observamos o progresso do livro com grande interesse. Ele tem um tom de verdade agressivo e destemido, que irá exigira a atenção e o respeito dos seus leitores. Ele irá ser amargamente atacado; mas não tenha medo.

"Estamos do seu lado, amado amigo. Adeus!

"Josefina"

CAPÍTULO XII

VÁRIAS CARTAS DE JOSEFINA — DECLARAÇÃO EXTRAORDINÁRIA DO MARECHAL NEY RESPEITANTE AO PAI DE LUÍS NAPOLEÃO

Mais algumas cartas de Josefina não deixarão de interessar o leitor pensativo. A sétima da série atrairá atenção especial, porque discute uma questão de interesse absorvente para a maioria das pessoas pensantes. Enfrenta diretamente os dogmas do sectarismo e, no espírito da verdadeira caridade católica, afirma claramente que a doutrina de separar os entes queridos no mundo dos espíritos é uma calúnia ao carácter divino:

(CARTAS DE JOSEFINA, N° VII)

"Amigos da Terra - o tempo voa! Muitos anos se passaram desde que saí da minha forma terrena, para me tornar uma habitante nos domínios da verdade e do amor. Grandes mudanças se operaram desde então nos assuntos dos homens, mas as leis que governam a matéria permanecem sem variação ou sombra de mudança.

"Quão poucos entre vós compreendem as grandes verdades que se acham estão envoltas no vosso ser, ou o destino glorificado que os aguarda! Presos à Terra por paixões egoístas, toda

a vossa melhor natureza se encontra adormecida e receio que assim permaneça assim até que a morte os transforme com o seu toque carinhoso, e lhes abra ao olhar arrebatado dea alma o portal floreado

do mundo espiritual. Para fora desse estupor vocês precisam ser incitados. A vida tem as suas lições práticas, que vocês precisam aprender. Os propósitos do ser devem ser entendidos, se vocês desejarem realizar inteligentemente a grande missão da existência. A lei da criação é movimento; a sua manifestação, progresso. O trabalho desembaraça a alma e permite-lhe manifestar expressões superiores do seu caráter divino. Está escrito em todas as coisas que o trabalho é progressão; a ociosidade é ferrugem e retrocesso.

"Amigos, o progresso que vocês conseguem na Terra servir-lhes-á de um auxílio quando entrarem no mundo espiritual. Desviem a vossa mente o máximo possível de todos os erros da corrosão. Permaneçam firme na pura atmosfera da verdade e do princípio divino. Uma das primeiras lições que vocês aprendem ao entrar na vida espiritual é que o conhecimento é um poder que não pode perecer. A natureza não desperdiça nada; uma força criada viverá para sempre; todo conhecimento adquirido pelo homem na Terra lhes será de proveito após a morte do vosso corpo físico.

"A Igreja condena à eterna separação os espíritos que se amaram na Terra, e faz deles exilados da alegria e da paz para sempre. Essa terrível pena está ligada a algum erro cometido na vida terrena - à desobediência de alguma lei da natureza, À inibição de algum mandamento. Vocês podem ter tropeçado no caminho, e enquanto estiverem a cambalear sob o peso dos vossos erros, e dos males da desorientação, os vossos companheiros mais favorecidos podem ter avançado além de vós. Mas vocês não deverão ficar separados para sempre.

Vocês superarão todos os erros da vida terrena no mundo espiritual. Vocês não cometeram nenhum erro fatal, nenhum erro que o tempo não venha a corrigir. O abismo da separação será de novo fechado e mais uma vez vocês se irão juntar aos vossos amigos, iguais a eles em pureza, comparar-se a eles em sabedoria e ser seus companheiros no amor. Estes são os grandes ensinamentos do espiritualismo moderno. A morte não os furta aos vossos entes queridos. Eles esperam por vós no limiar das suas casas resplandecentes, e quando vocês entrarem no espírito, eles irão guiá-los ao longo de caminhos floridos para as suas

residências sublimes. Essa será a recompensa das vossas virtudes e dos triunfos do vosso sofrimento.

"Ah, queridos amigos, temos o privilégio de saber que essas reuniões não serão frustradas. Aqui não há acidentes, não há erros; a lei governa a todos. Deem atenção às vozes espirituais; elas hão de ensinar-lhes lições boas e puras, e trazer-lhes alegria aos corações.

"As pequenas batidas trazem-lhes mensagens dos vossos entes queridos; mas vós receai-los, ou não creem neles, dizeis que eles estão abaixo da dignidade de espíritos glorificados. Não lhes pregarão elas com mais eloquência sobre a vida após a morte do que todos os oradores de púlpito na vossa Terra? Elas asseguram-lhes que vocês continuam a existir além do túmulo. Ah, fé vocês têm, mas não conhecimento. Ah, a fé é uma forma morta — um ídolo de barro, lindo, mas enganador! Quais mariposas a brincar num dia de Verão, homens e mulheres, num vertiginoso tropel de moda, seguem-na. Cegos em si mesmo, onde irá levá-los, senão para as esferas do vício, do crime e da discórdia? O poder falha.

Josefina."

De carácter algo semelhante à anterior é a carta seguinte, cuja leitura cuidadosa mostrará que os dogmas ensinados por teólogos presos a credos não gozam de grande favor no mundo dos espíritos. Aprendemos, ao entrar na vida espírita, que temos de abandonar muitos preconceitos que nos demos especial trabalho para adquirir nesta. Entre o «lixo» mais inútil atirado fora por ser prejudicial ao progresso espiritual, e que juncará a estrada que conduz ao Templo da Verdade, estarão catecismos, sobrepelizes, crucifixos, cálices, velas bentas, pratos de hóstias e poças de água benta. Estes ficarão espalhados, em amarga zombaria do nosso medo e ignorância, ao longo de todo o nosso caminho:

(CARTAS DE JOSEFINA, N° VIII)

"Meu caro amigo, - O mundo inteiro está a tentar explicar o mistério dos fenómenos espirituais, mas, ainda assim, com um sucesso indiferente. Um certo número de homens ditos eruditos avançou teorias que tendem a demostrar apenas a pobreza dos seus recursos e o pobre material do qual os grandes homens são por vezes moldados.

Aqueles que não reivindicam qualquer erudição, pensam, em muitos casos, com maior clareza claramente sobre este assunto do que os sábios.

“Deve ser entendido que as manifestações do poder do espírito, que agora estão a surgir no vosso planeta, são o resultado legítimo de séculos de trabalho árduo no mundo espiritual. O objetivo é estabelecer, entre os povos da Terra, liberdade social, política e religiosa. Ser frustrado neste projeto por uma teocracia estreita e ignorante é uma exigência que não deve ser tolerada futuramente. O caminho do progresso deve ser desobstruído. O mato e o lixo devem ser removidos; a obra de redimir o mundo da ignorância e da superstição deve seguir em frente; e todos os que se opuserem à conclusão disso serão levados a desaparecer da vista.

"O mundo sofreu demasiado tempo de ignorância. O destino do homem passará a ser melhor entendido. Aqueles que enganaram a multidão com os seus medos e construíram templos

com base no tributo "do Dinar a Pedro" procurarão abrigo das paixões enlouquecidas de uma humanidade indignada neles. A natureza humana pode suportar muito e resignar-se; mas há um limite para as virtudes mais sublimes.

"O espiritualismo ensinou mais verdade ao homem, com respeito à sua existência pós-morte, nos últimos vinte e cinco anos, do que foi derramado sobre o mundo nos quinhentos precedentes. Educou as pessoas a pensar sem medo; e o pensamento é o princípio da vida do grande centro da inteligência. Ele despertou os impulsos mais subtis da alma para a ação, à medida que o sol e o orvalho despertam para a vida as belas florações da Terra.

"As Igrejas tentaram impedir o seu progresso lançando a sua sombra escura sobre o seu caminho resplandecente, mas em vão. Os homens se tornaram semelhantes ao divino e agora pensam pela própria cabeça. O que matará a planta tão logo a ponto de a excluir da luz do sol? Se ela vive, é apenas para manter uma existência fraca e doentia. O mesmo se aplica ao homem, quando vocês lhe negam a liberdade da razão e a luz do sol da verdade. Ele exibe os acentos inexperientes do bebé, o passo vacilante do inválido, o olhar vago do demente. Dia a dia são-lhes

incutidos os dogmas dos credos da Igreja. É-lhes ordenado que creiam, até que a razão vacile até ao seu centro, e a existência se torne um vazio sem propósito e a vida uma maldição viva.

"Nestas moradas escuras de ignorância e superstição está agora a luz espiritual a fluir, e o medo a ser banido das mentes dos homens. Permaneçam firmes, nobres trabalhadores na forma! Por trás da cortina do tempo há uma enorme recompensa para vós que fazem a vossa parte devidamente. Josefina."

Na receção da carta anterior, perguntei por que o mundo espiritual não desenvolveu bons médiuns nas Igrejas, onde poderiam, à semelhança do dinheiro de Oakes Ames, dar o seu melhor; ao que foi dada a seguinte resposta:

"Em volta de cada um forma-se um grupo de espíritos e, uma vez na Igreja, a influência magnética dos membros da congregação estende-se a envolver o médium. Isso forma uma cadeia que retém os espíritos e os vincula às suas antigas doutrinas e dogmas. Essa é a razão pela qual nenhum bom médium pode frequentar uma Igreja ortodoxa, e continuar médium. Essa é a causa de tantos fracassos. Josefina."

Estas cartas de Josefina eram frequentemente sugeridas por conversas que eu mantinha com a Sra. Hollis, ou com outros na sua presença. Enquanto um assunto estava a ser discutido, pancadas na mesa indicavam que os espíritos tinham algo a dizer sobre a questão em debate. A Sra. Hollis segurava então a lousa debaixo da mesa, onde eles escreviam livremente as suas opiniões. Desta forma, verifiquei que, o que quer que fosse dito, era ouvido e compreendido pelos espíritos. Um dia estávamos a discutir o tema do regresso de Napoleão a França, com a Sra. Hollis a ter fé implícita na predição de Josefina, e eu a hesitar na minha lealdade a tal doutrina. A lousa foi pedida, e a seguinte foi prontamente dada:

(CARTAS DE JOSEFINA, N° IX)

"Meu caro amigo, - Trabalhamos em círculos. O mais alto concede ao mais baixo. Assim, da esfera luminosa da sabedoria vem muitas das orientações que eu lhes delego a vós da parte de espíritos que há muito deixaram a Terra.

"Nunca lhe ocorreu a ideia de que, aqueles grandiosos surgimentos do gênio que sempre deixaram o mundo surpreendido, eram apenas a reencarnação de uma mente brilhante que havia vivido antes? Pense nisso.

"Estamos a trabalhar muito para libertar esta primeira esfera de muitos erros que sufocam as verdades mais elevadas. Dependemos dos trabalhadores que ainda se encontram na forma para nos ajudar. Ajudar a arrancar os grilhões da escravidão do credo da alma humana" e a despertar para o pensamento ativo milhões de adormecidos da Igreja não é uma missão ignóbil. Não temos tempo a desperdiçar.

Josefina."

A carta seguinte é algo pessoal; mas nela revela-se o carácter desinteressado da autora, de tal modo que será lida com satisfação por essa razão. Contém também outros pontos de interesse, que não escaparão ao olhar do leitor observador:

(CARTAS DE JOSEFINA, N° X)

"Meu caro amigo, - Todos os rios correm para o oceano. Assim é com o homem, que é sempre impelido por uma grande lei da sua natureza, para a esfera da vida imortal. Alguns passam sem pensar, outros com indiferença, e outros ainda com uma abordagem de pavor para com o destino que os aguarda. O que queremos fazer é refinar-lhe a fibra grosseira e colocar-lhes sabedoria no cérebro irrefletido, o que exibirá os atributos mais nobres das suas almas.

"Todas as pessoas precisam de um enxerto. O velho terreno fica empobrecido. A memória precisa viver, mas não queremos que essa memória seja obscurecida. É agradável, quando as pessoas chegam à vida espiritual, ter a recordação de algo bom.

"Nós não nos precipitamos para este trabalho sem pensar. De facto, nunca fazemos nada sem primeiro considerarmos devidamente. Há alguns espíritos, como os mortais, que dirão ou farão qualquer coisa para agradar. Essa classe causa um grande dano; mas não pode ser ajudada. A mesma lei que abre um caminho para o retorno permite que um milhão faça o mesmo. Agora, se tiver reparado atentamente nas nossas comunicações, você terá observado que muitas vezes nós orientamos a nossa médium e levámo-la a fazer coisas muito

desagradáveis, de modo a quase suspender-lhe a respiração na hora. Dessa forma, fazemos o nosso dever, quer seja agradável ou não. Não desejamos causar sofrimento mental nem físico, mas se ocorrerem de forma incidental no cumprimento do nosso dever, não hesitaremos em infligir ambos. O que fazemos é pelo bem que possa resultar da nossa ação. Lembre-se, eu abri mão do meu amado marido para que a França pudesse ter um herdeiro ao trono. Ah, senhor, nenhum coração de mulher sofreu mais do que o meu ante tal sacrifício. Agora vejo que foi pelo melhor, mas na altura não consegui pensar deste modo. Assim, trabalhe com um coração alegre e uma cabeça sábia. Tudo irá ficar bem. Todo o mundo espiritual será seu amigo e colaborador na causa da justiça, da liberdade de pensamento e da verdade.

Josefina."

Uma das sessões de gabinete mais notáveis, que será doravante registada mais minuciosamente, foi aquela em que vários espíritos franceses se materializaram e apresentaram os seus rostos na abertura da porta do gabinete. Ao fazê-lo, os seus nomes eram primeiro anunciados audivelmente. Quando o belo rosto de Hortense Bonaparte foi apresentado, disse aos presentes no círculo: «Essa é a mãe de Luís Napoleão, mas não observo nas imagens do filho qualquer semelhança com a mãe.»

Ao retirar-se da luz, o robusto braço do marechal Ney foi projetado para a sala e, pegando no lápis da lousa, escreveu nela:

«As condições em que a criança foi gerada não eram harmoniosas; por isso, não se parece com nenhum dos pais.»

Respondi audivelmente: «O casamento de Hortense não foi um casamento por amor?»

«Ela amava mais o imperador», escreveu ele.

«Ainda assim, o seu afeto platónico por Napoleão afetaria a organização da criança?», perguntei.

«Napoleão», respondeu Ney, «não era muito dado a sentimentalismos. A sua relação com Hortense era mais do que platónica.»

«Mas a criança nasceu dentro do casamento?», insisti.

«Oh, sim: e assim nasceram milhares; mas é uma criança sábia a que conhece o pai.»

«Como li há pouco tempo a Vida de Josefina, recordo-me de que ela fala de Hortense a acusá-la de ser excessivamente zelosa ao promover um casamento que a separaria da companhia do imperador. Suponho que Josefina tinha algum motivo para desejar o casamento da filha?»

«Isso foi unkind e injusto da parte de Hortense para com Josefina. A mãe teria feito qualquer sacrifício pela França e pelo imperador. O seu casamento com Luís foi um assunto diplomático. Foi arranjado pelo próprio imperador e apenas urgido por Josefina por essa razão», escreveu Ney.

«A relação que insinua ter existido entre Napoleão e Hortense era pré-marital, claro?»

«Pré e pós. O momento a que me refiro especificamente foi na geração de Luís.»

«Quer dizer que o primeiro imperador foi o pai do terceiro?»

«Tanto como o foi do segundo.»

«Isto não é geralmente compreendido ou acreditado. Nunca ouvi esta afirmação antes, nem a vi alguma vez impressa. Não creio que muitos suspeitem do que acabou de dizer: embora, claro, não saiba o que as pessoas pensam; mas há tão pouca semelhança pessoal entre o primeiro e o terceiro imperador, e os seus hábitos de pensamento e ação são tão dissemelhantes, que a sua afirmação parece verosímil face aos factos e pode ser justamente questionada.»

«Tem a certeza absoluta de que compreende plenamente a lei da geração?»

«Certamente que não! Pelo contrário, tenho a certeza absoluta de que não a compreendo. A única ideia que tenho sobre o assunto é que a ciência fisiológica devia provar verdadeiro o máximo da ciência física; isto é, que «causas semelhantes produzirão efeitos semelhantes». Não gera o semelhante o semelhante?»

«Sim: mas isso implica a necessidade de harmonia espiritual completa e adaptação perfeita na relação geradora.»

«Agora obscurece toda a matéria. Se envolver os temas de temperamentos, afinidades, conjugalidades e as outras nebulosidades ao considerar esta questão, tenho de pedir licença para ficar quieto e receber qualquer afirmação que faça, sem mais interrupções ou comentários.»

«Faça como melhor lhe aprouver. A lei da procriação só se pode expressar perfeitamente quando as condições são reciprocamente harmoniosas. O imperador não poderia dar uma expressão perfeita de si próprio se não houvesse uma recetividade correspondente. O germe do terceiro imperador esteve mais cercado de perigos para a vida e os membros do que o audacioso líder de Lodi ou o coroado vencedor de Austerlitz.»

«Tomando esta visão do assunto, Marechal, a geração de uma criança à semelhança do pai é uma rara avis, e esperar que seja um tipo perfeito de ambos os pais é — bem, tirar o primeiro prémio num grande esquema de lotaria.»

«É apto nas suas conclusões. Compreende agora como o terceiro imperador pode ser filho do primeiro sem possuir nem as características mentais nem físicas do pai.»

«Posso compreender isso muito bem; mas o facto permanece de que Luís Napoleão nasceu dentro do casamento, e não há testemunho registado que invalide a pretensão de Luís, o irmão do primeiro imperador e marido de Hortense, de ser o pai do atual imperador exilado de França.»

Neste ponto, Ney começou uma declaração oral das intimidades de Napoleão e Hortense das mais extraordinárias, na qual nomeou circunstâncias, lugares, pessoas, dando datas historicamente corretas, tudo tendendo a provar verdadeiras as suas declarações. Foi a declaração circunstancial mais plausível que alguma vez ouvi. Estava a proceder a esclarecer alguma parte obscura do testemunho, quando uma voz audível no gabinete disse: «Pare, Ney, já disse o suficiente.»

Com isto, esta notável revelação chegou ao fim.

Tudo isto é dado como introdução à comunicação seguinte, que foi recebida na manhã seguinte:

(CARTAS DE JOSEFINA, N° XI)

"Meu caro amigo - Cada dia traz à luz algum mistério oculto do passado. Ontem à noite você ficou bastante surpreendido com as revelações feitas a respeito da minha filha. O que lhe foi revelado é verídico e bem conhecido do mundo espiritual.

"Quando há compatibilidade total de temperamentos e um amor interior, essas relações são boas; mas, se isso não existir, então essa intimidade não deve ser mantida, em resultado do que, as organizações sofrerão de desarmonia e discórdia. O espírito, por mais altamente desenvolvido que seja, não se pode expressar por meio de uma matriz imperfeita. Aqueles que são assim incorretamente gerados podem lutar e contorcer-se sob as suas condições de infelicidade, mas eles sempre sofrerão, na forma, as penalidades das leis violadas da relação conjugal.

Assim, neste caso, a minha filha amava Napoleão; mas não se gerou aquela *adaptação* mútua para uma perfeita expressão da lei da procriação. Daí que o Louis não seja um sucesso total. As flores bebem no orvalho e na luz do sol e tornam-se mais bonitas e encantadoras. Assim deviam o amor da alma e a simpatia do coração ser atraídos. Se o Imperador tivesse sido para a Hortênsia como o sol é para as flores, a sua descendência teria sido tudo o que se desejava, e a necessidade de outro Napoleão nascer na França ser evitada. A médium está exausta.

Josefina."

Na noite que seguinte a esta sessão foi formado um círculo às escuras pelo jornalista Sr. Plimpton, Benjamin E. Hopkins, A Srª. Lucy Chandler, Henry Mosler e a esposa, a Srª. Charlotte Miller, a Miss Emma Ringgold e o Sr. William Ringgold. A noite foi muito opressiva, e a manifestação débil e insatisfatória. Tornou-se-me claro que, para ajudar os espíritos a comunicar, se devia formar círculos compostos de famílias. Quando assim constituídos, uma dúzia de indivíduos receberá individualmente mais testemunhos satisfatórios da presença dos seus amigos do que dois poderão, que sejam completamente estranhos um para o outro. É dito que se eleva da harmonia da esfera familiar para uma condição homogénea, que os espíritos podem penetrar e de que podem fazer uso.

Os espíritos muita vez repreenderam-me por não respeitar uma maior discrição na formação dos círculos às escuras. Numa ocasião, tiveram tal dificuldade em falar, que a Josefina escreveu, na manhã seguinte, o seguinte comentário na sessão:

(CARTAS DE JOSEFINA, N° XII)

Meu caro amigo, tentarei novamente dar-lhe algumas ideias que iluminem a humanidade. A única religião que salvará o mundo dos seus pecados, e o elevará da degradação em que se encontra, deve encontrar o seu caminho para o coração dos homens através da filtragem do processo do raciocínio humano. A ciência e a filosofia serão suas criadas e leis eternas e verdades imutáveis os seus evangelhos.

"No fundo da alma, há um desejo intenso por saber algo sobre a vida futura do homem — por saber se ele é imortal ou não. As igrejas foram fundadas para satisfazer esses desejos, mas a sua especulação é insatisfatória. A declamação prolixa não alimentará a alma. Só pode subsistir no pão da vida, que deve ser fermentado com conhecimento. Para uma mãe que perdeu o seu filho, que conforto receberá ela dos ensinamentos da Igreja? O seu coração dói mais quando lhe é dito que tirar-lhe o seu querido é a vontade de Deus. O criminoso afunda sob uma carga de leis que nunca entendeu, e nesse extremo da ignorância é-lhe ordenado que se arrependa, e que deposite os seus pecados em Cristo, se ele quiser ser perfeitamente feliz.

Homem nenhum nascido com o instinto comum da justiça na sua alma, alguma vez acreditou nessa história. Ele pode dizer o que mais lhe agradar; no fundo do seu espírito, ele não aceitará tal doutrina. Ele espera que ela seja verdade; mas isso não responderá pelo facto. Ah, que seja entendido que, quando o mundo espiritual se abrir para à vossa visão, vocês aprenderão que uma eternidade é curta demais para perder a memória de uma lei da natureza violada; que a escuridão sempre pairará em torno do pecado, até que o espírito se torne puro e iluminado. Todo pecado deve ser expiado pelo pecador. A reparação é o único arrependimento aceitável, diz a lei. O pecado e o sofrimento andam de mãos dadas. até que o espírito se torne puro e iluminado. Todo pecado deve ser expiado pelo pecador. A compensação é o único arrependimento aceitável, diz a lei. O pecado e o sofrimento andam de mãos dadas.

"Quantos estão famintos de luz e conhecimento, e, no entanto, quão poucos os que têm coragem moral para compreender a verdade quando lhes é apresentada! Eles começam com receio quando vem pelas palavras simples de uma mãe 'Ainda vivo e amo-te.' Uma vez na forma, essas terão sido palavras bem-vindas que lhes terão nutrido o coração, e inspirado a alma com amor. Por que deveriam elas sê-lo menos agora? Deixar de lado o físico não lhes muda o caráter. Ah, não, meus queridos amigos: os vossos entes queridos ainda são humanos, e possuem o mesmo amor que lhes encheu as almas quando estavam convosco na forma.

A morte não os furtou a uma única faculdade. O seu amor tornou-se mais intenso, e eles desejam que vocês ouçam as suas vozes. Ah, meus queridos amigos, vocês estão a jogar fora as oportunidades de ouro quando nos rejeitam. Deixem que lhes falemos sobre as nossas casas brilhantes para onde vocês um dia virão, e a partir das quais poderão retornar à Terra, se desejarem conversar com os vossos entes queridos novamente.

Ouçam e tratem-nos com a comum cortesia. Isso é tudo o que pedimos. O mundo espiritual dar-lhes-á o conhecimento que vocês não possuem. Ele é o salvador que vocês têm aguardado há tanto tempo.

"Meu querido amigo, como me sinto grata a si pela sua gentileza! Aceite o meu amor e devoção.

Josefina Bonaparte."

CAPÍTULO XIII

TELEGRAFIA ESPÍRITA — MENSAGENS DE FRANK STEVENS ESCRITAS EM CARACTERES TELEGRÁFICOS — NOLAN DESCREVE TELEGRAFOS ESPÍRITAS — IDEIAS INSPIRACIONAIS — CONSTRUÇÃO DE PONTES — ROEBLING COMO MÉDIUM

No segundo compromisso da Sra. Hollis, por volta de meados de novembro de 1871, no final de um círculo escuro realizado na sala traseira do terceiro andar da minha residência, ouviram-se os primeiros sons de telegrafia espírita. Fiz uma nota minuciosa do acontecimento no momento em que ocorreu, da qual extraio o seguinte:

«As manifestações habituais tinham cessado, quando o espírito de um telegrafista começou a escrever por «pancadas». Não havia uma única pessoa na sala que soubesse «ler por som»; por isso, qualquer que fosse o conteúdo da comunicação, não foi compreendido. O experimento continuou durante um quarto de hora, com as «pancadas» a variar tal como as ouvi quando a chave de um aparelho era manipulada por um operador regular na transmissão de mensagens. Registo este acontecimento com a convicção de que os espíritos pretendem empregar este meio para comunicar com os seus amigos na forma.»

Após esta manifestação ter terminado, e antes de as condições do círculo serem alteradas, disse a Jimmy Nolan: «O que significa tudo isto?»

«Foi um experimento de telegrafia», foi a sua resposta.

«Por quem?», perguntei.

«Um espírito entrou no círculo com permissão do nosso bando. Trouxe um aparelho telegráfico, no qual operou. Não deu o seu nome nem falou enquanto permaneceu.»

«Se soubesse que ele vinha, teria contratado os serviços de um «leitor por som» para receber as suas mensagens.»

«Isto, pelo que entendo, foi apenas um experimento, que será repetido doravante.»

«Foi um sucesso?»

«Não sei. O operador pareceu satisfeito, mas não disse nada.»

Foi mais ou menos esta a substância da conversa que tive com o Sr. Nolan na altura; prometeu, no entanto, manter-me informado se algo importante fosse revelado nessa direção.

Comecei a refletir sobre este novo método de comunicação com o mundo dos espíritos e imaginei que, se pudesse ser realizado, o seu sucesso marcaria uma nova e importante era na história do homem. As minhas noções eram, claro, cruas e vagas, quase «sem forma e vazias»; ainda assim, para a minha compreensão, estas «pancadas»

prenunciavam uma nova revelação da lei divina que, na sua operação, exerceria uma influência elevadora sobre o destino da raça humana.

Quando o cabo atlântico foi submerso pela primeira vez, sentiu-se grande ansiedade pelo sucesso do experimento. Os homens olhavam uns para os outros ansiosamente, como se o Great Eastern contivesse os seus tesouros pessoais. O sucesso da empresa foi sentido como importante para todos; e só depois de o pulso elétrico do Velho Mundo pulsar pelo coração do Novo é que a dolorosa suspense foi quebrada e o povo gritou de alegria.

Os nomes de Field e Morse tornaram-se imortais como os seus espíritos. Os seus intelectos divinos tinham lutado com as forças imponderáveis e conquistado outra vitória sobre a ignorância, o fanatismo e a superstição, mais potente para o bem e propósitos elevadores da família humana do que todas as platitudes piedosas dos púlpitos que soaram desde o reinado de César. Que os seus nomes e fama sejam consagrados na gratidão para sempre!

Do outro lado do grande oceano da Vida, há mentes grandiosamente espiritualizadas a resolver problemas mais intrincados, para a elevação da família humana, do que quaisquer conhecidos pelos mortais. Tendo demonstrado a atualidade da vida após a morte, procuram agora abrir comunicação entre os dois mundos, que permitirá aos nossos entes queridos, mortos, falar novamente. Mais do que isso, procuram colocar o povo do nosso planeta em comunicação espiritual com aqueles que habitam os incompreensíveis sistemas de sóis, luas e estrelas, que cintilam como as mais diminutas nebulosas no seio não mapeado do espaço. Quando conseguirem isto, a nossa pobre terra gemebunda abanará para sempre o seu hediondo pesadelo de sacerdócio, e o domínio real nunca mais a amaldiçoará.

A publicidade que dei a estas pancadas telegráficas atraiu a atenção de um cavalheiro em Cincinnati, um operador consumado que há muito estava ligado ao negócio telegráfico. Numa entrevista com ele, sugeriu a conveniência de colocar um aparelho telegráfico no círculo escuro, para os espíritos operarem. Fiz isto, mas eles não conseguiam usar a chave mais do que para dar um «chamamento». Os espíritos disseram que era necessário formar uma bateria e ensinar um operador antes de se poder declarar sucesso. A minha sugestão foi ganhar tempo, mas

persistir até completar. Antes de se fazer qualquer progresso com o novo experimento, o compromisso da Sra. Hollis terminou, e ela regressou a Louisville. Pouco depois, enviei-lhe um aparelho, com o pedido de que continuasse os experimentos e me relatasse de tempos a tempos o progresso realizado. Escrevi também a James Nolan que havia um telegrafista no mundo dos espíritos chamado Frank Stevens, que talvez ajudasse a levar avante o trabalho em curso. Stevens era bem conhecido em Cincinnati como especialista telegráfico e homem de energia incansável. O seu nome foi sugerido por alguém que o conhecia bem.

Os experimentos continuaram quase um ano sem dar grande satisfação. Só a 30 de outubro de 1872 é que Nolan escreveu: «Levar-nos-á algum tempo pôr esta coisa a funcionar. Não te sintas desanimado. Acho que conseguiremos; e, se o fizermos, certamente revolucionará todo o sistema de telegrafia.»

Não tinha qualquer pensamento de me desanimar; por isso, escrevi em resposta: «Estou forte e saudável, com o meu «primeiro fôlego». Avança, Jim, mesmo que leve outro ano! Não me escrevas disparates desses! O sucesso compensará tudo! Paciência e perseverança vencerão! Pede ao Stevens que te ajude!»

A 6 de novembro, exatamente uma semana após Jim ter escrito, Josefina escreveu-me o seguinte:

«Meu Caro Amigo, — Estamos muito desejosos de que esta nova manifestação seja dada através da nossa médium e faremos fortes esforços para obter resultados perfeitos. Estamos a tentar pôr o nosso aparelho em ordem. Se conseguirmos, será uma das grandes sensações do dia, pois com ele traremos algumas ideias novas à terra a respeito de telegrafia.

«Ontem fui ter com Franklin e Morse e falei-lhes sobre o assunto. Eles juntar-se-ão ao trabalho e estão otimistas quanto ao sucesso.»

A 12 de novembro, exatamente um ano após o início destes experimentos, a Sra. Hollis escreveu:

«Enquanto segurava a armação de papel debaixo da mesa, esta manhã, recebi estes pontos. Podes pedir a alguém que te diga o seu

significado, se tiverem algum. Ia deitá-los ao cesto dos papéis, mas Jim insistiu que os enviasse para ti:

Em breve encontrei um intérprete para «estes pontos» e coloquei nas suas mãos o papel em que estavam escritos. Enquanto ele escrutinava os caracteres, observei atentamente o seu rosto, para nele ler o significado deste mistério. Senti-me seguro, antes de ele falar, de que «estes pontos» eram inteligíveis, e a minha ansiedade diminuiu. Ainda assim, estava curioso por saber o que significavam. Sem dizer uma palavra, escreveu com o lápis no fundo do papel:

«Faremos o nosso melhor para vos dar telegrafia. Pode levar tempo, como todas as coisas.

F. STEVENS.»

«É tudo», disse ele, devolvendo-me o papel.

«Bem, isso é suficiente», pensei. Era exatamente o que eu queria. Esta escrita era um sucesso! Mas decidi aguardar novos desenvolvimentos. No dia seguinte à receção de «estes pontos», a Sra. Hollis escreveu novamente:

«O aparelho funciona bem sem as minhas mãos estarem perto dele, mas se funciona de forma inteligível ou não, não sei. Venha ver o que acha disto. É certamente muito maravilhoso.»

Assim, arranjei para visitar Louisville a 17 de novembro e, na tarde desse dia, procurei «entrevistar» os espíritos sobre o tema de estabelecer comunicação telegráfica entre os dois mundos. Verificou-se que não era uma boa altura para «entrevistas», pois não só se recusaram a dar-me uma pancada na chave, como, por uma reticência provocadora, ignoraram completamente o assunto. Vários amigos espíritas escreveram cartas de carácter pessoal; mas não eram exatamente o que eu queria. Não fizeram qualquer alusão ao assunto que mais me interessava.

«Negócios são negócios», comentei na manhã seguinte, ao voltarmos a sentar-nos à mesa, «e desejo que os espíritos façam o melhor uso do

tempo, pois estou com o tempo limitado.» Passados apenas alguns minutos após este suave lembrete, os seguintes caracteres foram traçados numa folha comercial e atirados de debaixo da mesa:

Sou informado, por um cavalheiro bem qualificado para saber, que há poucos erros neste telegrama e que os caracteres são feitos com precisão. A este cavalheiro devo a seguinte tradução da comunicação:

«AO POVO.

«Estou a tentar aperfeiçoar a telegrafia. Será apenas um dos incontáveis passos de um desenvolvimento sem fim, que começou muito atrás no passado e se estenderá pela infinidade do tempo futuro. Primeiro dar-vos-emos pancadas, depois virão as longas mensagens de certeza de que há vida além desta terra. Que outra doutrina é tão razoável? Tão lógica? Tão consoladora? Tão encorajadora? Que outra pode oferecer incentivos tão poderosos à atividade? Estamos a afastar o material que cobriu os rostos dos mortos. Estamos a trazer uma atmosfera mais pura, fazendo com que o olhar voltado dos mortais contemple a luz. Estamos a romper as nuvens de ignorância e superstição que tanto tempo obscureceram a sua visão.

«A telegrafia acrescentará outro elo à poderosa cadeia. Ficarei contente por fazer tudo o que estiver ao alcance de um imortal para ajudar.

FRANK STEVENS.»

Passados poucos minutos após receber o endereço acima, outra comunicação, em caracteres telegráficos, foi atirada de debaixo da mesa, da qual a seguinte é uma tradução:

«Meu Amigo W., — Fico contente por poder, em tão curto espaço de tempo, dar estes sinais. Não deixarei nada por tentar para aperfeiçoar este trabalho. Muitos espíritos comigo pensam que será uma realização grandiosa e gloriosa. Os meus amigos que me conheceram na terra atestarão alegremente que eu era um homem de energia, e posso assegurar-te que não perdi nada dela ao deixar de lado o físico. Nunca conheci a palavra «fracasso» na terra. Não a conheço agora. Estou feliz e comunicarei frequentemente contigo. Adeus! Frank Stevens.»

«18 de novembro de 1872.»

Estas duas comunicações foram escritas num espaço de tempo não superior a dez minutos, em papel, com excelentes caracteres, numa sala iluminada, enquanto a Sra. Hollis falava livremente do seu planeado viagem para o sul, para passar os meses de inverno. Fiz esta declaração a um jovem — um telegrafista — que não é muito modesto na estimativa da sua própria capacidade, quando ele procedeu a esclarecer-me sobre como estas coisas poderiam ser feitas pela pessoa que segurava a lousa. Claro que ouvi até ele terminar, quando propus pagar-lhe um salário de um ano, não superior a cinco mil dólares, se me conseguisse duas comunicações tão bem escritas, de igual comprimento, no mesmo espaço de tempo e exatamente nas mesmas circunstâncias.

A proposta foi feita para recompensar a sua incomum modéstia. Faço agora uma oferta semelhante a qualquer telegrafista nos Estados Unidos ou na Europa, e modificá-la-ei de modo a que o montante seja dez mil dólares, desde que haja uma penalização de cem dólares por cada falha que acompanhe o esforço. Acho que é uma boa oportunidade para qualquer homem de capacidade fazer uma pequena fortuna, se tiver apenas confiança e modéstia suficientes para tentar o experimento.

O interesse suscitado pela receção destas comunicações telegráficas levou-me a procurar uma entrevista com Jim Nolan sobre o assunto; por isso, a sala foi escurecida e, passados poucos minutos, ele disse:

«Doutor, tem a escrita?»

«Sim: mas alguma vez ascenderá a algo?»

«Certamente! Porquê não? O tempo não está muito distante em que a comunicação telegráfica entre os dois mundos estará tão estabelecida como agora entre Louisville e Cincinnati.»

«Acha realmente isso?»

«Não recebeu duas comunicações, escritas em caracteres telegráficos, há uma hora?»

«Recebi; mas—»

«Isso devia convencê-lo de que há espíritos aqui que sabem manusear um aparelho telegráfico.»

«Isso é muito verdade. Mas segue-se que podem estabelecer condições pelas quais o aparelho possa ser operado? As comunicações que recebi foram escritas em papel, em caracteres telegráficos, admito; mas poderiam ser dadas através de um aparelho?»

«Doutor, não é mais difícil telegrafar uma palavra do que escrevê-la. Em ambos os casos, requer prática. O que é necessário aqui é um bando de eletricistas para sustentar o espírito comunicante enquanto ele manipula a chave do aparelho.»

«Conseguirão organizar tal bando?»

«Com certeza que sim.»

«Serão capazes de dispensar médiuns humanos então?»

«Oh, não; não podemos fazer nada sem magnetismo humano. Não podemos formar uma mão para trabalhar a chave sem ele.»

«Será necessário, então, manter um médium perto, para fornecer o elemento com que materializam a mão espírita que manipula a chave?»

«É exatamente isso!»

«Diz-se, Jim, que todas as invenções, todas as descobertas que fazemos na ciência, são comuns convosco no mundo dos espíritos. É verdade?»

«Quase. Temo-las mais perfeitas do que vós.»

«Tinham o telégrafo elétrico no mundo dos espíritos antes de ser descoberto por Morse?»

«Sim: e à medida que encontramos médiuns melhores do que Morse, damos as nossas melhorias. A ele foi dado tanto do princípio quanto podia usar para construir a sua máquina. Foi um médium da nossa vontade até esse ponto. Outros receberam informação adicional, e uma maior aquisição de conhecimento permitirá que façais melhorias ainda maiores.»

«Percebo, então, que transmitis as vossas ideias ou informação por parcelas? Podem melhorar o nosso atual sistema de telegrafia? Ou têm algo melhor no mundo dos espíritos?»

«O barão Swedenborg revelou uma grande verdade ao mundo nas suas revelações da lei da correspondência.»

«Entendo por isto que tudo o que existe na terra tem o seu correspondente no mundo dos espíritos.»

«Se transpores a tua proposição, serás mais exato.»

«Oh, queres que eu diga que tudo o que existe no mundo dos espíritos encontra a sua correspondência aqui?»

«Estás a aproximar-te da exatidão. Deixa-me afirmar: Tudo o que possuís existe connosco mais perfeito do que convosco.»

«Têm algo mais perfeito do que fios metálicos para conduzir correntes elétricas?»

«Sim: temos correntes elétricas sem os fios. Estas são tão apreciáveis aos nossos olhos como os vossos condutores metálicos, e a bateria que nos permite transmitir os nossos pensamentos é simplesmente o poder da vontade. Não só enviamos pensamentos, como vamos nós próprios mais rápido do que podeis conceber. Os vossos condutores metálicos são simplesmente os canais através dos quais fluem as correntes elétricas. Vemos estas correntes no fio como vós vedes o fio. Podemos ultrapassá-las, como a luz se move mais rápido do que o som.»

«Entendo, então, que fazeis esta distinção entre os nossos fios e a sua correspondência no mundo dos espíritos. Sobre os primeiros são transmitidas apenas correntes elétricas, enquanto sobre os vossos vibram correntes eletromagnéticas. Agora, estou um pouco confuso ao apreender esta distinção. Soa-me como «tweedle-dum e tweedle-dee».»

«Não posso evitar isso! Com a ajuda da eletricidade e de Puck, dizeis que podeis pôr uma cinta à volta do mundo em vinte minutos; com o uso das nossas correntes eletromagnéticas e poder da vontade, posso fazer a viagem eu próprio em metade do tempo.»

«És rápido como o relâmpago, Jim. Não temos uso para tal celeridade. Mas, diz-me, achas que estas correntes eletromagnéticas alguma vez substituirão os fios metálicos que temos em uso?»

«O tempo está próximo em que, com um aparelho melhorado, estas correntes celestiais serão utilizadas para benefício do mundo, e não só transmitirão mensagens de cidade para cidade, como se tornarão canais para a transmissão de pensamento entre o mundo natural e o mundo dos espíritos.»

«Estás a deixar-me um pouco confuso neste assunto. Deixa-me pensar um pouco. Esta doutrina da correspondência é um pouco nova. Suportará uma aplicação geral?»

«Certamente! Isto é, tudo o que possuís existe connosco mais perfeito do que convosco.»

«Despojais-nos, então, de todo o poder criativo e fazeis de nós meros imitadores.»

«Não exatamente! É apenas quando entrais em competição com o mundo dos espíritos que vos ultrapassamos. O homem na forma não criou nada valioso para o mundo que não exista aqui. Modelais as nossas ideias o melhor que podeis.»

«Jim, viste a grande ponte suspensa que atravessa o rio Ohio em Cincinnati?»

«Oh, sim; e atravessei-a frequentemente com a minha médium e contigo.»

«Bem, não é isso bastante credível como realização humana? Admitirás que, ao cérebro do Sr. Roebling, devemos este nobre monumento do seu génio?»

«Sabes o que é um cérebro, Doutor?»

«Vi um cérebro!»

«De um homem?»

«De muitos homens, e de cavalos também!»

«Bem, o cérebro de um cavalo e o cérebro de um homem, em substância, variam pouco.»

«Estás a cavilar, Jim. Sabes muito bem que eu queria dizer a mente do Sr. Roebling, não o seu cérebro material!»

«Um princípio intangível, que existe independentemente da matéria e se expressa tão inteligentemente através do cérebro de um pássaro como através do cérebro de um homem. Aceitarei a tua substituição de mente pelo cérebro material, mas desejo fazer-te algumas perguntas que nos podem ajudar a considerar esta construção de pontes sob uma luz um pouco mais clara. Primeiro: Que relação sustenta a mente com a matéria? Segundo: Existe a mente independentemente da matéria? E, terceiro: É a mente tão individualizada que podemos dizer enfaticamente que foi a mente do Sr. Roebling que originou a ponte?»

«É mais fácil fazer perguntas perplexas do que respondê-las. Receio que, em vez de simplificar a questão da ponte, a estejas a tornar mais intrincada. Ainda assim, respondo em termos gerais que mente e matéria, se não idênticas, estão pelo menos tão intimamente relacionadas que a destruição de uma envolve a perda da outra. Isto é, não penso que existam independentemente uma da outra; tornam-se, portanto, unidas, «carne de uma carne e osso de um osso».»

«É uma doutrina monstruosa a que professas acreditar. Examinemo-la. O Sr. Roebling, como o conheceste, já não existe. A sua mente, inseparavelmente casada com a matéria, foi enterrada com o seu cérebro e corpo. Isso significa aniquilação, de acordo com as leis infalíveis da química. O corpo desorganiza-se e deixa de existir numa condição tangível. A tua lógica obriga a mente a partilhar o destino do corpo.»

«Jim, chegaste a uma conclusão repugnante aos meus sentimentos. Todos os instintos da minha natureza recuam ao pensamento da aniquilação. Percebo agora que estive a alimentar um preconceito — uma noção não digerida — que, como uma bolha de sabão iridescente, colapsa ao ser tocada. Torna claro ao meu entendimento o conhecimento que possuis sobre este tema da mente e a sua relação com a matéria. Escutarei mais e falarei menos.»

«A morte é o ato de divórcio da mente do corpo. O corpo perece; isto é, a sua forma resolve-se em condições elementais. Essencialmente, é indestrutível, mas a mente que impregna o corpo é eterna em duração.

Na terra, a mente reveste-se de matéria; no mundo elemental, reveste-se de espírito. Na sua condição mais pura, a mente é inteligência suprema; mas, quando expressa através da matéria, a sua sabedoria é menos perfeita do que quando fala através de uma forma espírita. Ver-se-á assim que há duas condições ou formas através das quais a Mente Suprema se expressa. Primeiro: A terra, ou forma material composta de elementos solidificados chamados matéria. Segundo: A forma espiritual que é realmente matéria na sua condição mais sublimada ou tornada discreta.

Esta última forma permite a expressão das verdades mais elevadas e transmite-as às formas mais grosseiras, que se movem no plano elemental da vida. Daí que as ideias do mundo natural originem no mundo dos espíritos, e as verdades do mundo dos espíritos emanem da Mente Suprema. Organizações perfeitas são desdobradas para a expressão do pensamento mais puro. Organizações defeituosas — ai! O mundo está cheio delas — não podem apreender as verdades mais elevadas da vida espírita.

«Ilustrarei o meu pensamento com o caso em questão. A ponte suspensa é apenas uma expressão atual de uma ideia — o tangível do intangível; o pensamento imaterial materializado. O pensamento era espiritual e encontrou expressão através do cérebro de Roebling, como os sons são refletidos pelo seio dos ventos. Assim, ele torna-se apenas o médium do pensamento, não o originador — o inspirado, não a inspiração. A história está cheia das grandiosas realizações de homens e mulheres que foram apenas médiuns para os nascimentos de ideias espirituais.

O mundo natural, percebes agora, é uma necessidade do mundo espiritual. Completa o circuito da vida em desdobramento e progresso. Através da matéria, assim, o mundo dos espíritos proclama as suas verdades mais grandiosas. Todos os homens são médiuns, para ser subalterno a algum propósito especial; mas poucos há que possuam tal harmonia fina nas suas naturezas, que as verdades mais elevadas possam, através deles, encontrar expressão. De tais foi Haydn, cuja alma vibrava com harmonias espirituais, que encontraram expressão no seu imortal ‘Oratório’. A visão espiritual de Rafael abriu-se sobre o doce rosto da ‘Madona e Menino’, antes de os fixar com pigmentos

duradouros na tela resplandecente. Fídias contemplou a sua 'Némesis' e o seu majestoso 'Júpiter Olímpico', como jaziam sonhando nos blocos informes de mármore, antes de um golpe de cinzel ser dado ou um som de martelo ser ouvido, moldando-os com dignidade e expressão. Shakespeare captou a inspiração das verdades eternas e marchou-as em procissão imortal ao longo das linhas do seu verso imortal. Oh, meu caro amigo, há um mundo de beleza que o olho natural não vê! É um mundo de melodia que o ouvido natural não ouve. É povoado por inteligências que poucos compreendem. É a fonte da vida natural, fornecendo-vos tudo o que é verdadeiro e belo e bom.»

«Agora, Jim, pára com esta rapsódia. Não duvido de que tenhas dito a verdade; mas começámos a falar de coisas materiais, e aqui me arrastaste para o nada aéreo, para os reinos da especulação intangível. Por favor, responde-me a esta pergunta prática: Poderia esta ponte ter sido construída sem o cérebro do Sr. Roebling para superintender a sua construção? Agora, mantém-te no ponto de forma direta, sem desvios.»

«Já afirmei que a substância cerebral é, essencialmente, a mesma no homem e no animal. Queres dizer a mente a fluir através da organização material de Roebling? A mente é impessoal.»

«Bem, se isso te agrada mais, responde!»

«Não: não aquela ponte em particular. Seria impossível encontrar outra organização precisamente como a do Sr. Roebling, através da qual a mente pudesse expressar-se tão exatamente. A ponte incorporou as verdades mais elevadas que o Sr. Roebling era capaz de receber na altura. Mas, um ano depois, tornou-se recetor de um novo influxo de ideias, que lhe descobriu erros que teriam sido corrigidos na construção de outra ponte. O homem está eternamente a desdobrar as suas faculdades, colocando-se assim em relação mais íntima com o mundo causativo. O Sr. Roebling que construiu a ponte em Cincinnati não era o mesmo cavalheiro que construiu a ponte sobre o rio Niagara.

As organizações através das quais a mente se desenvolve mudam dia a dia. A mente de Webster, quase divina como era, fluindo através de uma organização diferente, poderia ser insípida, sem vigor e comum. Ou poderia, em condições mais favoráveis, exibir-se com tal grandeza e força que todas as suas realizações anteriores seriam ananicadas em

comparação. A mente exibirá a sua qualidade sempre que um médium for encontrado, quer seja através do cérebro de um Webster ou de um «Blind Tom».

«Não há duas coisas exatamente iguais no universo. Todas as organizações da matéria são individualizadas. Essa é a razão pela qual a ponte suspensa não poderia ter sido construída por ninguém além da mente do Sr. Roebling. Receio que a distinção que faço entre cérebro e mente — ou, melhor dito, mente e matéria — seja um pouco obscura.»

«Não: a tua distinção está bem feita; ainda assim, não posso render a minha teoria do cérebro à tua teoria da mente sem mais ilustrações. Na organização do cérebro, não há algum centro de movimento onde o pensamento é gerado, onde há uma ação galvânica das glândulas cerebrais pela qual todas as tuas ideias espirituais podem ser explicadas?»

«Se houver tal organização atuante na qual uma fonte de inteligência flui espontaneamente na estrutura do cérebro humano, devias apontá-la, caso contrário serás acusado de insinceridade por seguires uma fantasia tortuosa, em vez da orientação de um facto. O escritor francês, Descartes, avançou a ideia de que a glândula pineal, que é uma pequena substância cinzenta macia de forma cónica, situada mesmo acima dos quadrigémeos, era a sede da alma e o centro da mente. É nesta pequena glândula — não maior do que uma ervilha gorda — que nasce o grande poder criativo (da construção de pontes). As suas minúsculas câmaras tornam-se as galerias de imagens de todas as ideias que ilustras na matéria. Todo o pensamento, toda a paixão, todo o impulso, toda a ação, brota deste centro comum. Achas que Descartes era um filósofo, Doutor? Mas poupa o fôlego, pois ele apresentou a melhor teoria para a origem material das ideias que até agora foi tentada. É o único argumento demonstrado que até agora foi empreendido.»

«Como não sou seguidor de Descartes, posso falar da sua hipótese da glândula pineal com inteira liberdade. Parece-me absurda.»

«E no entanto, não mais absurda do que falar de uma «mudança de coração»; o que trinta mil ou mais padres pagos fazem por toda a vossa terra, todos os dias e noites do ano.»

«Receio que sejas irreverente, Jim. Tens tão pouco respeito pelo pano.»

«Receio-o também. Tenho pouca reverência ou respeito por homens ou pano, quando impedem o influxo da verdade ao entendimento do mundo. É bom para todos nós que esta teoria da «glândula pineal» não seja verdadeira, caso contrário o velho «infalível» falador concentraria todas as suas maldições oficiais numa palavra, e chamar-lhe-ia relâmpago, com o qual as pineais seriam massacradas num instante, ou amaldiçoadas como «chatas e triviais».»

«Bem, deixemos as glândulas pineais e voltemos à ponte. Receio não te compreender exatamente. Suponhamos que admito que a ideia da ponte foi importada por Roebling através da alfândega do seu cérebro: agora que a temos numa expressão materializada, não a assegurámos para todo o sempre?»

«Um prisioneiro farias mal! Não: asseguraste apenas a sombra da ideia. A ideia em si é indestrutível.»

«Mas a ponte —»

«É uma mera sombra!»

«Cem mil toneladas de granito e ferro?»

«Sim, cem mil milhões. As ideias são eternas, mas a matéria não tem forma permanente. Há forças recíprocas sempre em ação a construir novas e a destruir velhas formas. As crianças vêm, e os homens vão. Assim o granito e o ferro. A destruição da tua ponte é apenas uma questão de tempo, que, medido pela eternidade, é apenas meio balanço no pêndulo do relógio do universo.»

«E estas forças destruirão o meu corpo?»

«E se o fizerem?»

«Mas eu—»

«Viverás, como a ideia da ponte, para sempre! O teu corpo não é mais do que uma cristalização de elementos em torno da forma do teu espírito. Não pode pensar! Não és tu, tal como não é o teu velho casaco!»

«Mas a tua lógica aniquila o meu corpo; e isso é tudo o que sei de mim próprio.»

«És de lamentar! Estás assustado com o pensamento de ter o teu corpo aniquilado. Como te impressiona a aniquilação de duas cidades? Duas expiraram recentemente em chamas*. Esperas que sejam reorganizadas como eram antes de os seus elementos serem libertados pelo fogo?»

**Aqui se alude aos incêndios destrutivos de Boston e Chicago.*

«Mas, Jim, há uma diferença no material de construção de uma cidade e o material de um corpo humano?»

«Corpos humanos foram queimados com as cidades. O fogo discriminou na sua destruição?»

«Não!»

«Claro que não! Os mesmos elementos encontram-se no material de construção para casas que se encontram no material de construção para corpos. Cal na pedra, cal no osso. Quando a química descobre um elemento, chama-o pelo nome e não diz que pertence exclusivamente a uma vaca ou a um cão ou a um homem cabeçudo; diz?»

«O corpo de um cavalo, entendo-te dizer, é composto dos mesmos elementos que o corpo de um homem? Que diferença há, então, entre um cavalo e um homem?»

«A mente! E isso apenas em quantidade, não em qualidade.

**Aqui se alude aos incêndios destrutivos de Boston e Chicago.*

O bom senso de cavalo puro-sangue compara-se favoravelmente com o «senso de arbusto» do camponês inculto.»

«Jim, deste várias voltas ao «celeiro de Robin Hood» e puseste-me em suor. Podes, por favor, dizer-me exatamente, e em poucas palavras, ao que estás a apontar?»

«Não estultifiques o assunto com «jargão». Não vês que todas as minhas ilustrações provam que as ideias têm uma origem espiritual; que são forças organizadas, procurando expressão material para beneficiar o mundo; que te encontram a ti, não tu a elas? Assim, a ponte ideal

encontrou um médium para dar a melhor expressão de si através da organização de Roebling. O telégrafo encontrou um em Morse. O vapor implorou a Fulton que o utilizasse para benefício do homem. A máquina de costura espírita não poderia encontrar melhor médium na altura do que Howe. E verdades impessoais verteram as suas inspirações nos cérebros recetivos de todos os homens que viveram no mundo desde a manhã de Brama até ao meio-dia alto de Walt Whitman.»

«Entendo, então, que invertes a ordem aceite das coisas. Todas as nossas grandes descobertas, alegas, são apenas inspirações do mundo dos espíritos; que o homem nada cria, exceto na medida em que é atuado por inteligência exterior a si próprio; que nem sequer descobre a lei, mas a lei o descobre a ele?»

«A tua afirmação está quase correta.»

«Receio que este tipo de espiritualismo encontre poucos defensores?»

«Isso não faz diferença no estatuto da verdade. A multidão não pensa. Segue o líder do maior barulho. A «voz calma e pequena» nunca é ouvida pela ralé barulhenta. Não me fales da manada não pensante. Um pensador claro e corajoso, através do qual o senado dos céus entrega as suas grandiosas verdades ao mundo, vale mais para a humanidade do que um milhão de toupeiras e morcegos cegos, fanáticos e presos a credos, que tagarelam e riem dos seus credos, dos seus berloques e das suas esplêndidas igrejas.»

«Serias crucificado, Jim, por proferires tais sentimentos, se vivesses em Cincinnati.»

«Sei isso muito bem; mas a verdade viveria sem mim. E no entanto Cincinnati não é pior do que Boston, Baltimore ou Filadélfia. Todas as cidades são compostas por cambistas, especuladores de ações, penhoristas, fatores, vendedores e bebedores de cerveja lager, talhantes, fabricantes de sabão, negociantes de tabaco, lojistas, vendedores ambulantes e bebedores de vinho elegantes. Que apreciação podem as verdades espirituais receber de tais mãos? Tais pessoas acreditam nas mercadorias que manuseiam. Não têm estômagos para alimentar, costas para vestir; e respeitabilidade para manter?

«Mas, Jim, não são felizes?»

«Oh, sim: é verdade, e pena é que seja verdade, que é mais feliz quem tem mais carne e sangue, os tendões mais fortes e o estômago mais robusto. Mas e ele como espírito?»

«Não sei!»

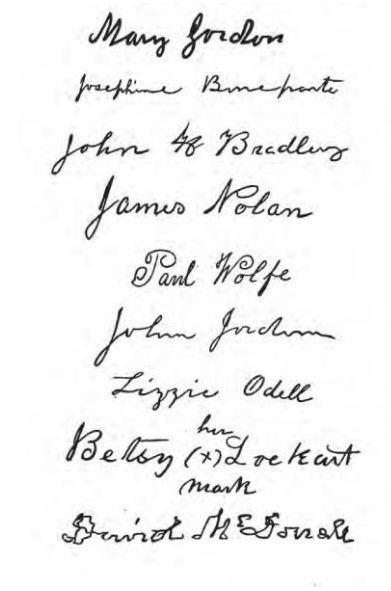
«Pensa um pouco! Adeus!»

CAPÍTULO XIV

UMA HOSTE DE ESPÍRITOS — DUAS CARTAS PRIVADAS — CORONEL PIATT MISTIFICADO — UMA VISÃO SINGULAR — AUTÓGRAFO DE MAOMÉ — JOSEFINA EXPLICA — NEY E NOLAN PARA SEREM VISTOS

Na manhã seguinte à notável entrevista registada no último capítulo, propus-me partir para casa; mas, antes de começar, desejei dizer «adeus» àqueles espíritos que sentiam interesse pelos meus movimentos. Para este propósito, a Sra. Hollis segurou novamente a lousa; e passados apenas alguns minutos, da armação, uma folha de papel caiu no chão; depois outra, e outra, a intervalos de três a cinco minutos. Estas estavam cobertas de assinaturas escritas, na sua maioria os nomes de espíritos que em diferentes ocasiões tinham escrito ou falado comigo.

Não deram mensagens, mas desta maneira simplesmente anunciaram a sua presença. Mandei gravar uma destas páginas como espécime, pensando que a caligrafia variada poderia interessar até o leitor mais casual. Há quatro J maiúsculos que parecem ter sido todos escritos pela mesma pena; mas quem é ele? No entanto, o J maiúsculo no nome de Mary Jordan é o mais dissimilar possível dos outros. Exceto Josefina Bonaparte, John H. Bradley, James Nolan e Daniel M'Dowell, os restantes são assinaturas de parentes:



Enquanto examinávamos estas folhas de autógrafos no topo da mesa, ouviam-se quase continuamente pancadas debaixo dela, que entendemos ser um chamamento para a lousa. A Sra. Hollis segurou-a como antes e, passados não mais de cinco minutos, foi escrita uma carta que pretendia ser da esposa de um congressista chamado Goforth, residente em ou perto de Lafayette, Indiana. Não havia nada na carta que pudesse ser do menor interesse para o público, e menciono apenas o facto porque ocorreu precisamente da maneira indicada. Enviei a carta ao M. C., a pedido da autora, mas não soube se alguma vez lhe chegou às mãos ou não. Na altura, não tinha conhecimento da existência de tal indivíduo, mas desde então fui informado de que uma pessoa desse nome realmente tinha habitação e nome na vizinhança de Lafayette. Ai da honra congressional!

«Parece ser uma boa manhã para os espíritos, Sra. Hollis», disse eu. «Veja se há outros que desejem dizer algo.» Novamente a lousa foi colocada debaixo da mesa e novamente conseguimos capturar outra carta. Desta vez, a comunicação era para o coronel Donn Piatt, Washington City, D. C., e, tal como a precedente, era também de carácter privado. A carta era acompanhada por um pedido semelhante, de que fosse enviada para o endereço indicado. Claro que obedeci às instruções e, a seu tempo, recebi o reconhecimento do coronel pelo mesmo.

O seguinte excerto da carta do coronel Piatt contém as opiniões excecionáveis que entretém quanto à origem espírita destas

misteriosas comunicações. E no entanto, não parece estar mais satisfeito com a sua própria teoria de «subtis caracterizações» do que com os factos surpreendentes que o encaram na cara e «não desaparecem ao seu mando». Escreve ele:

«Quanto a mim, Doutor, tudo o que posso dizer é que estou perplexo sem estar convencido. Sei que a médium não tem nada a ver com as manifestações além de fornecer o poder, seja ele qual for; mas preciso ainda de outras e melhores provas para me convencer de que a inteligência provém dos espíritos dos defuntos. Quanto mais me esforço por convencer o meu entendimento, mais insatisfatório se torna. Por exemplo, a carta que tenho diante de mim não é a voz de ——. Os nomes mencionados após os factos referidos são surpreendentes; mas faltam aquelas subtis caracterizações que convencem 'logo que vistas'.»

As partes em itálico do acima mostram muito claramente que a posição do coronel Piatt é semelhante à de muitos outros que tiveram de lidar com fenómenos mentais. Ele desejaria que os nossos amigos falassem, escrevessem e pensassem exatamente como faziam antes de deixar a terra. Parece, porém, que, nas vicissitudes a que os espíritos estão expostos para obter poder de manifestar a sua presença, comprometem de algum modo as suas características individuais pelas quais eram conhecidos «logo que vistos».

Jim Nolan disse muitas vezes que, quando os espíritos regressam para comunicar com os seus amigos, logo que assumem as condições que lhes permitem manifestar-se, são influenciados ou limitados na sua expressão pelas condições mentais e temperamentais daqueles que constituem a esfera magnética em que trabalham. Por esse tempo, dependem inteiramente dessas pessoas para o seu poder de falar, escrever ou pensar, tal como um músico depende do instrumento através do qual dá expressão à sua harmonia interior.

Se o coronel tivesse estado presente ele próprio, pela introdução de um novo elemento, todo o carácter da comunicação que recebeu poderia, e provavelmente teria, sido inteiramente alterado, e fornecidas aquelas «subtis caracterizações» que agora faltam. Experimentamos um fenómeno semelhante no nosso intercâmbio com as pessoas. Há aquelas na presença das quais quase sufocamos para encontrar

palavras que transmitam os nossos pensamentos mais familiares de modo inteligível. Outras tornam-se uma fonte de inspiração para nós e, pelo seu auxílio inconsciente, crescemos eloquentes, elegantes e elevados nos nossos pensamentos, expressão e ação. Oradores públicos especialmente observaram esta diferença nas suas audiências. O efeito é óbvio, mas a causa obscura. À vista de todas as circunstâncias, a minha surpresa não é que os espíritos sejam capazes de individualizar tão pouco, mas tanto.

Esperamos demais e pensamos de menos nós próprios. Eles fazem o seu melhor para manifestar; fazemo-lo nós para compreender? Não poderá o nosso padrão intelectual de crítica ser falho? Somos tão claros na nossa apreensão que vemos todo o efeito na sua relação correta com a causa produtora? «Vejo dois objetos», diz o órgão ótico mal formado. Não posso ver um, diz o cego. Ambos estão certos errados.

«Vai, mais sábio tu, e, na tua escala de senso, Pesa a tua opinião contra a Providência; Chama imperfeição ao que imaginas tal; Diz aqui ele dá demasiado pouco, ali demais.

Apesar do orgulho, apesar do erro da razão, Uma verdade é clara, o que quer que seja, é direito.»

Ao escrutinar atentamente as ideias nas comunicações, por mais imperfeita que seja a sua expressão verbal, somos sempre capazes de discriminar entre uma inteligência desenvolvida e não desenvolvida. O pensamento cultivado exibirá algo da sua qualidade ou refinamento, por mais que seja restringido ou modificado pelas condições através das quais se expressa. Na carta ao coronel Piatt ocorre esta frase: «Oh, Donn, acredito que aqueles foram os nossos dias mais felizes. Era o pão branco da vida.» Não sei como esse parágrafo soará a outros ouvidos, mas a mim impressiona-me como sendo tão refinado no pensamento e tão requintado no sentimento, que apenas uma inteligência altamente cultivada poderia dar tal expressão.

Mas se os espíritos cujos nomes estavam apostos a estas cartas realmente as comunicaram ou não, não é parte do meu propósito discutir. Vieram da maneira indicada e, como nem a Sra. Hollis nem eu fizemos a escrita, interessar-me-ia muito saber exatamente quem o fez e como foi feito.

Mas não foi tudo o que ocorreu. Enquanto a Sra. Hollis e eu falávamos sobre as cartas acabadas de receber, ela pareceu esquecer a nossa conversa e perder todo o conhecimento do que a rodeava. Olhando-a no rosto, parecia estar a sonhar, com os olhos bem abertos — uma expressão ausente, introspetiva, que me impressionou com uma sensação de apatia ou vazio. Suspeitei que uma visão tinha irrompido nos seus sentidos normais, pois já a vira nesta condição antes. Fiquei quieto por alguns minutos, quando ela disse:

«Vejo uma extensa planície, um país baixo, plano e de aparência singular, amplamente espalhado. Parece ser um deserto interminável, sem verdura. Não há arbusto, nem moita, nem árvore, nem qualquer sintoma de vida vegetal, até onde a vista alcança, exceto ao longo das margens de um rio turvo, que se estende pelo centro desta planície lamacenta.

O curso de água parece estagnado e cheio de répteis hediondos, que fustigam as suas águas sujas em ondas bojudas. As margens de ambos os lados são orladas de árvores sem folhas, dos ramos das quais pendem longos fios de musgo em decomposição, descendo até à borda da água. Os monstros no rio emitem um som dos mais hediondos e lastimáveis, enquanto se debatem e fustigam furiosamente as águas em agitação descontrolada.

«Há um homem solitário de pé perto da margem do rio. É grande, musculoso e de forma agradável. Usa um turbante enrolado à volta da cabeça e está coberto por um manto escarlate que chega ao chão. Abre-o, revelando o traje de um turco. Pendurada no cinto à volta da cintura está uma larga cimitarra curva, ou espada, que reluz ao sol. Sobre a testa usa um ornamento brilhante em forma de crescente, que cintila como fogo. A barba é branca e flui até à cintura. A tez é oliva, e os olhos grandes e intensamente brilhantes.

«Agora aponta para o céu com a mão direita, e agora para a terra. Fala veementemente; mas não consigo compreender o que diz. Agora despe-se de toda a roupa e atira-a para o rio feio entre os monstros. Eles disputam-na e rasgam-na em pedaços. Estendendo as duas mãos, diz: 'Reinos sobem e caem; nações vêm e vão; mas Alá reina para sempre. As suas verdades são eternas. As suas leis são imutáveis. O seu

olho nunca dorme, e as suas mãos nunca estão ociosas. Venho ajudar na sua grande obra e neste dia dedico-me ao seu serviço!'»

«Que estranho isto é!», disse a Sra. Hollis, ao parecer recordar-se como de um devaneio. «O que significa tudo isto?»

«Esteve a sonhar», disse eu, «e tornou-se um pouco rapsódica.»

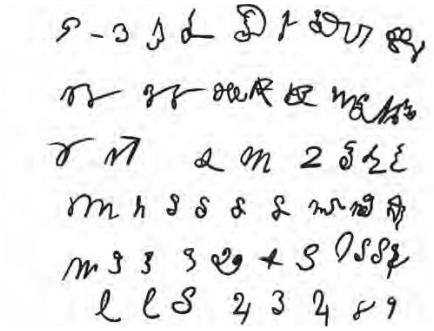
«Não: não estive a sonhar», disse ela; «mas o que vos contei, isso vi. Não suponho que ascenda a algo; mas o que acha disto?»

«Pela topografia do país que descreve, julgo que o rio se chama 'Estige'. Aqueles 'répteis hediondos' rugiram-vos como pregadores, ou babaram-vos como editores idiotas, quando mentem sobre espiritualistas e espiritualismo?»

«Está apenas a brincar!»

«Não sou bom em adivinhação. A sua visão é muito singular e tem, sem dúvida, um significado especial e importante, se soubéssemos apenas como traduzi-la ou interpretá-la. Talvez os espíritos nos digam o que significa. Peça-lhes, por favor.»

A Sra. Hollis segurou novamente a lousa e, ao fazê-lo, disse: «Sinto cheiro a sândalo e especiarias odoríferas. Não sente o perfume quase sufocante?» Aqui começou a tossir como quem está asfixiado por falta de ar, quando as pancadas indicaram que a comunicação estava terminada. A seguinte mensagem edificante foi então encontrada, escrita no papel, da qual aqui se apresenta um fac-símile:



«Bem, não vejo em tudo isto senão confusão ainda mais confusa. Podem os espíritos, por favor, declarar o que significa esta visão e estes caracteres?»

Em resposta a este pedido, Josefina escreveu a seguinte carta:

«Meu Caro Amigo, — A visão que te foi descrita tem uma correspondência atual no mundo dos espíritos. É um tipo da condição do mundo sob os ensinamentos de uma religião pagã, e o espírito descrito é Maomé. Os seus escritos continuam a exercer uma influência controladora sobre as mentes de milhões dos seus adoradores morenos. Ele contempla o erro dos seus ensinamentos e os efeitos degradantes que exercem sobre as vidas dos seus seguidores, e veio renunciá-los.

Agora renega o seu culto pagão e alista-se na grande obra de abrir comunicação entre os dois mundos. Deu o seu juramento de lealdade à causa e selou-o com os seus cifres reais. Recebe-o com dignidade. É uma grande aquisição para a causa pela qual todos laboramos e exerce uma influência controladora sobre milhões de espíritos que continuam a reverenciá-lo no mundo dos espíritos.

Josefina.»

É a minha vez de perguntar: «O que significa tudo isto?» Assumindo que a declaração de Josefina seja verdadeira, que propósito será servido por esta visão com as suas circunstâncias correlacionadas? Se se destina a ser uma brincadeira, o ponto é obscuro. Contudo, não é da minha incumbência explicar tudo o que vejo e ouço; mas é da minha incumbência registar factos tal como ocorrem, para que outros cogitem. Ainda assim, isto não é mais um mistério do que a receção das cartas para o coronel Piatt e centenas de outros, que chegam da mesma maneira.

O marechal Ney escreveu então que tentaria materializar toda a sua forma no gabinete, quando visitasse novamente Cincinnati com a médium, e mostrar-se-ia com a porta aberta.

Jim Nolan também escreveu que seria capaz de falar comigo à luz, para que eu o pudesse ver durante a conversa.

Com estas promessas, a sessão terminou, e regressei a casa.

Aqui concluirei esta fase de inteligência manifestada, que, por falta de um nome melhor para expressar o seu carácter, chamo «espírita». Se houver exceções a isto, renunciarei à minha assunção, desde que seja oferecida uma designação melhor. «Manifestações do Diabo» foi sugerido, por um clérigo da persuasão presbiteriana, como substituto;

mas, ao pesar ambos — o pregador e o diabo — na balança, encontram-se equilibrados. Dai às manifestações o nome que quiserdes, mas que seja razoável. O assunto requer clareza de linguagem. Homens e mulheres sensatos exigem-no.

Na ordem prescrita para a minha escrita, registarei em seguida os fenómenos que testemunhei nos «círculos escuros». Ao fazê-lo, devo seguir o mesmo curso que segui com a escrita espírita; isto é, apresentar os factos, sem aderir estritamente à relação cronológica que sustentam entre si.

É de menor interesse para o leitor geral saber o momento exato em que uma coisa ocorreu, do que saber que realmente ocorreu, e como ocorreu. A diferença de tempo entre domingo e sábado não tem grande consequência. Estou a colocar em registo fenómenos que ocorreram exatamente da maneira relatada. Muitos testemunhos poderiam atestar estes acontecimentos se quisessem; mas, como não o farão voluntariamente, fá-lo-ão sob compulsão. Um grande número das testemunhas que chamarei a depor tem a coragem moral para o fazer voluntariamente e dizer abertamente, sem rodeios, o que sabem sobre fenómenos espirituais. Cobardes morais serão tratados como tais; e serão conhecidos pelo seu lamuriar.

CAPÍTULO XV

O CÍRCULO ESCURO — CARÁCTER REVELADO — ESPÍRITOS A CANTAR — PALMAS — UM APERTO — TÁTICAS DE SKIWAUKEE — EM FÚRIA — FAZ FLUTUAR A CAIXA DE MÚSICA — SRA. HOLLIS LEVITADA DUAS VEZES — CLARIVIDÊNCIA — ELOQUÊNCIA DE JIM NOLAN

Já descrevi, na página 125, a maneira de formar um círculo escuro. Consiste simplesmente em três ou quatro senhoras e cavalheiros entrarem numa sala agradável, da qual a luz é excluída, com a Sra. Hollis, para testemunhar fenómenos espíritas. Essa é uma declaração justa das premissas. Não há nada de extraordinário nisto que excite suspeitas; e, se não fossem as manifestações que ocorrem quando a Sra. Hollis está presente, a circunstância não seria digna de menção especial.

Sentar-se no escuro, na expectativa momentânea de que algo extraordinário ocorrerá, tem tendência a tornar a audição muito aguda.

Todo o som, por mais trivial que seja, parece ser ouvido distintamente, no meio do silêncio profundo e da escuridão. Nenhum movimento pode ser feito para mudar a posição dos pés ou do corpo sem que o facto seja conhecido pelo sentido agora alerta. Para testar este sentido naqueles que estão na sala escura, em várias ocasiões estendi a mão para a frente e movi-a silenciosamente de um lado para o outro. Não havia ruído, mas simplesmente ondas suaves do ar, e no entanto isto era apreciável e excitava inquérito.

Uma pequena experiência no círculo escuro permitir-vos-á julgar com grande precisão o carácter da vossa companhia, pelo tom da sua voz. É notável como aprendemos a sentir quase os seus próprios pensamentos, quando no escuro. A escuridão não oferece facilidades para ocultação. Se desejasse compreender o verdadeiro carácter de um homem ou mulher, poderia obter toda a informação necessária mais prontamente por uma conversa com eles numa sala escura do que numa iluminada. Tornou-se, de facto, quase uma convicção fixa na minha mente, que não podemos apreciar plenamente o valor do nosso amigo até o entrevistarmos no círculo escuro. Aqui ele trai a qualidade da sua humanidade, não tanto no que diz, mas na maneira ou tom indescritível que emprega ao falar.

Se «afeta uma virtude», ou um estilo de falar não natural para ele, poderia muito bem proclamá-lo em tantas palavras, para escapar à crítica mais dura que a sua duplicidade invoca. No círculo escuro, observei que pessoas muito exigentes no seu gosto para vestuário estão tristemente em desconto. Os seus berloques falham em desviar a atenção do ouvinte do falante e, não obstante a riqueza de adorno corporal, há uma pobreza na sua expressão, que «os torna (parecem) pobres de facto». «Os dispendiosos ornamentos e artifícios estudadas da fala» não têm eloquência na presença das hostes espíritas. Deve soar o som de verdadeiro metal em cada palavra e acento, ou a liga falsa ou a moeda espúria é de imediato detetada.

Como as pessoas se enganam tristemente, quando entram numa sala escura com a intenção de praticar engano! Um jovem, para ser esperto, combinou com os seus companheiros antes de entrar no círculo, que seria conhecido como Jones. Quando pronunciou o seu nome assumido no escuro, era evidente que uma mentira tinha sido dita; e, poucos

minutos depois, os espíritos revelaram o seu verdadeiro nome e recusaram dar qualquer outro teste.

Os espíritos falam melhor na presença de pessoas inteligentes. Tal como os homens, não podem exibir os seus poderes de retórica ou elocução na presença de «paus», independentemente de quão elegantemente vestidos possam estar. O círculo escuro descobre muito em breve todas essas pessoas. Servem muito bem para compor audiências elegantes para oradores pavões como Gough, onde exclamam, quando ele atira as abas do casaco: «Que belo! Que delicioso! Que entretido ele é!» Digo que tais pessoas deviam manter-se fora do círculo escuro. Não podem apreciar a filosofia de Nolan, ou as utterance estólidas e matter-of-fact do «Velho Ski», que se eleva à sublimidade do desprezo quando os chama «papooses»?

Na maioria dos modos populares de culto, os serviços começam com música. Nos nossos locais de culto mais elegantes, isto é um «serviço contratado» e é pago como qualquer outro entretenimento. Música requintada comanda o melhor preço. Os preços pagos são graduados pela qualidade da voz. Riqueza, volume, pureza, abrangência são as qualidades desejadas de som para tornar o culto mais impressionante. Os felizes possuidores de tais dons comandam bons salários — são dotações estáveis e não pagas com relutância. Cantores nasais não estão em requisição.

Um órgão com tubos grandes vale mais, no culto devoto, do que uma congregação inteira de pobres guinchadores. A única coisa que espanta os nossos devotos piedosos é que o Senhor preste qualquer atenção a estes cantores nasais, quando poderia ser melhor entretido com o delicioso tocar operático do Sr. Morgan. «Podemos», dizem eles, «dar-lhe 'Opera Bouffe' na nossa catedral, a um dólar por cabeça, o que é certamente muito mais edificante do que ouvir cem pobres diabos arrastando pelas narinas:

«Vinde, pecadores, pobres e necessitados, Fracos e feridos, doentes e doloridos!»

Que lhe importam essa classe de pessoas? Nunca nos associamos com eles; e se o Senhor não elevar o seu gosto e for um pouco mais

seletivo quanto à companhia que mantém, não precisa de vir à nossa igreja. Podemos muito bem passar sem ele!»

Como ia a dizer, antes de os espíritos começarem a manifestar-se na sala escura, como regra geral, pedem ao círculo que cante, ou que alguém toque flauta, guitarra ou harpa. Por que fazem este pedido, não compreendo muito claramente. Jim Nolan diz que é porque as vibrações elétricas do som excitam uma descarga mais livre de magnetismo da médium; e que a música também tem tendência a misturar as esferas magnéticas dos indivíduos que compõem os círculos. Ambas, afirma ele, são valiosos adjuvantes ao poder para dar boas manifestações.

Sendo a música «sagrada» um aparelho necessário do culto, e não sendo capaz de suprir a terrível demanda sobre a minha limitada capacidade, investi cem dólares numa grande caixa de música alemã de tom doce. Era exatamente a coisa — música boa e elegante, que atrairia São Pedro do seu posto, se ele fosse musicalmente inclinado. Serviu o propósito e deu satisfação aos espíritos.

Mas agora começam as manifestações. Durante o canto, várias vozes espíritas juntar-se-ão ao concerto, que podem ser facilmente distinguidas pelo volume de som, pela clareza, pureza e precisão de articulação. Cantarão contralto, ária e baixo, por vezes sem qualquer auxílio humano. Preferem, no entanto, ser auxiliados com canto ou toque por alguém no círculo. Sem outra pessoa na sala além da médium e de mim, ouvi a vocalização dos espíritos durante meia hora e, embora «não acostumado ao humor derretedor», estes «coristas celestiais» comoveram-me com as suas doces vozes, como nem Lind, Parepa ou Nilsson poderiam fazer.

O cientista, porém, não toma mais interesse neste fenómeno do que no «cacarejar de uma galinha», e está pronto a pronunciá-lo todo farsa. Mas não tão depressa, meu Sir Oracle! Quero que reveles, exatamente aqui, como essa música foi feita e por quem. Receio que não faças estas descobertas com a ajuda do teu esquadro, compasso, balanças e cadinhos. Eletricidade e magnetismo iludem o alcance das cifras. Não podes definir amor com matemática. Não podes embrulhar toda a criação em problemas formulados. Vós, senhores de subtração e divisão, multiplicação e adição — pergunto-vos novamente e ordeno-

vos que respondais. Quem canta? Se alguém entretiver o pensamento de que é a Sra. Hollis, ela, se os vossos maus modos insistirem, envolver-vos-á em conversa enquanto a música também é ouvida. Estes melodistas cantam por vezes mais docemente do que metodistas num banquete de amor.

Numa ocasião, o juiz W. J. Berry e o capitão Edward Air, de Newport, Ky., e eu, sentámo-nos juntos duas horas, num destes concertos espíritas, durante as quais o capitão Air, que é um ótimo vocalista, cantou não menos de vinte canções de teste, «velhas e novas», em cada uma das quais os espíritos se juntaram, frequentemente levando a ária e fornecendo as palavras esquecidas quando a memória do capitão falhava.

Este canto é uma característica no círculo escuro; e é tão real, tão vivo, que é muito difícil no pensamento dissociá-lo da vocalização humana. Se todas as facilidades não fossem oferecidas para provar a ausência de auxílio humano na sua produção, seria muito difícil acreditar na origem espírita deste fenómeno agradável e instrutivo.

A próxima manifestação do círculo escuro que notarei é a presença de luzes espíritas. Estas, como regra geral, aparecem na vizinhança da cabeça da médium; e variam em tamanho do de um pirilampo ao de uma mão de homem. As luzes pequenas, como minúsculos foguetes, voam em linha reta, de três a seis pés, quando tomam um curso curvilíneo e expiram em diferentes partes da sala. Vi até dez destes pequenos meteoros a brilhar ao mesmo instante, embora nunca mais do que um dos grandes de cada vez.

A luz grande faz a sua aparição numa névoa de aparência nebulosa, tornando-se a cada momento mais luminosa até ficar de uma cor laranja brilhante. As luzes flutuam lentamente pela sala, principalmente em frente do círculo. Estes fogos de artifício espíritas são raramente dados, pela razão de que são muito debilitantes para a médium. Algumas pessoas afirmam ver rostos espíritas nestas luzes; mas, exceto o único caso testemunhado no círculo que assisti em Louisville, não tenho conhecimento pessoal de tais factos.

Igualmente notável com o canto e as luzes, como ocorrendo no círculo escuro, são as manifestações de poder que só podem ser

exibidas numa forma materializada do espírito. Durante o canto, ou antes ou depois dele, os espíritos tocar-vos-ão na mão, pegar-vos-ão no braço, dar-vos-ão palmadinhas na cabeça ou no joelho, e baterão palmas tão alto que podeis ouvi-los na sala adjacente. Ocorreu uma vez, exatamente ao apagar a luz, no início do círculo, que o meu braço foi agarrado com tal «aperto» que as impressões dos enormes dedos musculosos do «velho Ski» ficaram equimosados sob a cutícula durante uma semana depois.

Mais geralmente, observei, ao fim da música, os espíritos bateriam palmas, se fizessem qualquer demonstração. Muitas pessoas viram Blind Tom, o pianista negro, e recordarão, ao fim de cada atuação, como jubilantemente bate palmas. Este bater de palmas espírita é análogo — pelo menos assim me parece — ao de Tom. Ouvi até meia dúzia ou mais espíritos baterem palmas rapidamente ao mesmo instante, em diferentes partes da sala.

Milhões de pessoas ouviram as pancadas espíritas; mas não tantas as ouviram no «círculo escuro».

São aqui um artigo bastante diferente do pequeno som débil tão frequentemente ouvido à mesa de um círculo familiar. Um caqui verde e uma pera madura não poderiam ser mais dessemelhantes. Aqui as pancadas têm volume, força, poder. Assustam-vos, quando feitas perto da vossa cabeça ou calcanhares, como o estrondo de um martelo de forja a bater perto de vós no escuro; não sabeis se alguns dos golpes se destinam a esmagar-vos o cérebro. Isso faz-vos sentir decididamente desconfortáveis.

É assim que o «Skiwaukee» tira o engomado aos presunçosos. Ouvi tais pessoas gritar piedosamente para não serem magoadas. Após o velho selvagem ter assustado a sua vítima quase até à loucura, acalmava a sua agitação, com a ternura da voz de uma mulher, assegurando-lhe que «não magoa o papoose!» (bebé.) Nunca soube que o «velho Ski» empreendesse um trabalho deste tipo sem conseguir pôr a sua vítima em bom comportamento pelo resto da tarde. Por vezes, colocava uma trombeta de cana desconfortavelmente perto do ouvido do cavalheiro ou senhora de mau comportamento e dava-lhe um sopro súbito que quase «fendia os ouvidos dos groundlings» *(pessoas sem cultura)!*

«Um sopro no seu corno de caça Poderia pôr mil homens em marcha!»

Como piedosamente imploravam para serem deixados em paz! Ski dizia-lhes então bondosamente que sabia que eram cobardes; que homens corajosos eram sempre homens de senso e sabiam comportar-se quando vinham falar com os espíritos.

Muitas pessoas beneficiaram com as lições ensinadas pelo «velho Ski» e não o esquecerão facilmente. Fred Douglass disse, quando ocorreu a defecção de Henry Ward Beecher do partido abolicionista e ele aderiu à política de Andrew Johnson, «Se tivesse Beecher numa plantação, e ele fosse o meu negro, e eu o seu mestre, poderia, com um bom chicote flexível, fazê-lo mudar de novo as opiniões em vinte minutos.» Acredito em Douglass; e o «velho Ski» também. Se as pancadas falharem em interessar-vos, não adormeçais; pois «Ski» tem a trombeta. É muito provável que perturbe o vosso «sono», tocando gentilmente no vosso bump de veneração.

Não pretende magoar-vos, mas simplesmente deixar-vos saber que é frenologista por vezes; e quando falha em encontrar o inchaço da polidez no vosso crânio, faz um com a ponta grossa da «trombeta», sabeis! Mas, para que não se entretenha uma impressão errada de «Skiwaukee», declaro-o «o mais gentil selvagem»; e, em tudo o que pertence à qualidade da verdadeira humanidade, os elementos estão tão misturados nele que nos honramos a nós próprios quando o chamamos irmão!

Uma pequena criança espírita, «Anna Hancock», sobrinha do major-general W. S. Hancock, Exército dos Estados Unidos, cortou, moldou e fez, num círculo escuro, uma bela roseta, a partir de material que foi levado para a sala escura para o propósito; e, após a sua conclusão, pregou-a cuidadosamente na lapela do meu casaco, tocando frequentemente no meu rosto com os seus dedinhos delicados enquanto o fazia. Ao fazer esta roseta, foi necessário enfiar uma agulha com seda e coser o tecido numa sala de breu escuro. Esta criança posteriormente fez um bonito boneco de materiais colocados na sala, que excitou a admiração e maravilha de muitas senhoras. Fez também uma regalia de rosetas e pendurou-as ao meu pescoço. Tendo apenas seis anos, incluindo tanto a sua vida natural como espírita, perguntei-lhe

quem lhe ensinara a fazer estas coisas, quando respondeu: «Miss Josefina e avó»; querendo dizer Josefina Bonaparte e a minha própria mãe. Pensou agradar-me chamando ao seu boneco "Neppy". Já insinuei que o sentido do toque por vezes deixa a impressão de dedos espíritas no vosso braço, o que é suficiente para levar convicção ao entendimento de algumas pessoas, de que têm poder incomum dessa maneira.

Levar a trombeta pela sala é mero brinquedo de criança para eles. Não ascende a nada como realização, especialmente quando comparado ao feito de levar a caixa de música, que fizeram frequentemente. Pesa vinte e três libras e oito onças. «Ski» pega nesta caixa e fá-la flutuar pela sala com maravilhosa rapidez, frequentemente uma distância de vinte pés quase tão rápido como piscar os olhos. Isto é sempre feito enquanto a música toca, o que serve para guiar a mente até à localização da caixa. É bastante interessante ouvir os tons transitivos desta orquestra flutuante. Numa ocasião, a música parou enquanto a caixa estava em trânsito, e a maravilha era onde seria encontrada quando a luz fosse introduzida.

Foi encontrada meio debaixo da minha cadeira e entre os meus pés. A sala estava, claro, de breu escuro. Noutra ocasião, tínhamos falhado em lançar um cobertor vermelho sobre a cadeira da médium. Este cobertor o velho chefe reclamava como sua propriedade pessoal, e a sua ausência ofendeu grandemente «Ski», que ainda retém o seu amor e admiração por um «artigo vermelho». Disse que lhe dava força, poder para falar e agir; além disso, era grato aos seus sentimentos. Amava o cobertor vermelho. Não havia desculpa para não o colocar no seu lugar habitual, apenas descuido. Isto pô-lo de mau humor, e uma fúria foi a consequência. Na sala havia uma cómoda e um roupeiro, ambos cheios de lençóis, fronhas, roupa fora de estação, toalhas de mesa e outras coisas guardadas.

Começou uma caçada ao seu cobertor. Começou a revistar a cómoda pela gaveta de cima e terminou pela de baixo. As coisas voaram pela sala como pombos assustados, aqui e ali e em todo o lado, até as gavetas ficarem vazias. Foi depois ao roupeiro e deu-lhe uma revista como nunca tivera antes, e dificilmente terá novamente. Por fim, quase no fundo da prateleira, foi encontrado o artigo tão prezado — o

cobertor vermelho. O sucesso da busca foi pronunciado com um grunhido gutural: «Got 'em!» Não foi alto, mas profundo. «Ski» estava furioso — furioso como uma «lebre de março» — e não era para ser tratado levianamente dessa maneira. Quando a luz foi trazida, a sala foi encontrada coberta com o conteúdo das gavetas e do roupeiro; e, o que esqueci até agora, o mobiliário de um lavatório ocupava um lugar proeminente no meio do chão.

Deram-nos uma esplêndida exibição do seu poder e ira; embora, creio, não fosse esse o motivo atuante. «Ski» ainda não usará asas por algum tempo. Mas a manifestação de poder mais maravilhosa no círculo escuro está ainda por notar. Havia cinco pessoas na sala, incluindo a médium. As condições eram invulgarmente boas. Não tinha havido sessão pública há vários dias. A médium estava repousada. A sessão que estou prestes a notar foi assistida apenas pelos vários membros da minha família.

Assim que a sala foi escurecida, «os pássaros começaram a cantar!» Nunca ouvi tal canto — as muitas vozes a misturarem-se em perfeita harmonia, claras, altas, musicais e encantadoras. Era um banquete de amor de melodia celestial, que todos nós desfrutámos até ao limite da nossa capacidade de apreciação. Este encantador concerto continuou cerca de vinte minutos, sem auxílio de voz humana, até que subitamente cessou, e a Sra. Hollis pareceu estar rodeada por uma multidão de vozes espíritas, falando rápido, confusamente e em surdina. Não conseguia compreender o que estava a ser dito; nem a Sra. Hollis, que se alarmou e perguntou-me o que pretendiam fazer. Acalmei os seus medos, com garantias de que, o que quer que fizessem, nenhum mal lhe adviria — que mantivesse a calma e não oferecesse resistência à sua vontade. O que se seguiu, copiarei do meu caderno de notas:

«Uma voz espírita começou a cantar uma parte do serviço episcopal e depois improvisou uma rapsódia que era indescritivelmente doce e bela. Esta manifestação musical continuou cerca de dez minutos, durante os quais comentámos livremente a qualidade da voz. O canto mal tinha cessado, quando se ouviu um som indescritível, semelhante ao que faz um bando de pássaros assustados, e, ao mesmo tempo, a Sra. Hollis, assustada, foi ouvida por cima das nossas cabeças, flutuando ao longo

do teto da sala! Implorava piedosamente que a deixassem descer! «Não me deixem cair! Por favor, não me magoem! Oh, deixem-me descer! Por favor, deixem-me descer!» Este voo aéreo continuou apenas um minuto, durante o qual ordenei-lhe que batesse palmas contra o teto e marcasse a parede com o lápis que tinha na mão; tudo o que fez. Mal tocou na alcatifa, saltou para a frente para os braços de uma das senhoras, suplicando-nos que não permitíssemos que os espíritos a levassem novamente para cima. Várias tentativas deste tipo tinham sido feitas anteriormente, mas nunca com tanto sucesso. Sempre a assustava, não obstante. sentir-se segura de que nenhum mal lhe aconteceria. Ordinariamente era uma mulher corajosa, mas esta levitação desnervava-a.

«Não posso dizer, Sra. Hollis», disse eu, «que objetivo têm em levitá-la desta maneira; ainda assim, sinto-me seguro de que não a magoarão.» Ao dizer isto, Jim Nolan falou numa voz mais do que habitualmente simpática, dizendo:

«Ora, Doutor, não poderíamos ser induzidos a magoar a nossa médium. Ela é para nós tão preciosa como o teu olho para ti, sempre objeto da nossa mais profunda simpatia e mais terna cuidado. O que poderíamos fazer sem ela? Se a perdêssemos, não a poderíamos substituir entre um milhão de mulheres!»

«Mas, Jim, qual é a utilidade desta manifestação? Se é apenas passatempo, pedis-lhe que faça sacrifício demais pelo vosso prazer.»

«Procuramos mostrar o nosso poder e, por esse meio, convencer da nossa presença. Poderíamos fazê-la flutuar como uma pena, se estivesse em transe. Mas a isso ela objeta; e preferimos fazê-la flutuar enquanto está na plena posse das suas faculdades. Se submetesse aos nossos desejos, em seis semanas poderíamos levá-la sobre as cabeças de uma audiência à boa luz, para ser vista por todos, enquanto mantinha conversa com os espetadores. Oh, não! Não lhe faremos mal, nem permitiremos que mal lhe aconteça. Guiamos os seus passos e guardamo-los do perigo. Conhecemos todos os seus desejos e procuramos, quando apropriado, satisfazê-los.»

«Mas, Jim, por que a deixais sofrer tanto com terror, quando a levantais? Um perigo imaginado causa tanto sofrimento mental como

um perigo real. A imaginação pode matar ou curar, conforme o seu poder seja dirigido.»

«Não é de apreensão de dano pessoal que os seus terrores surgem, mas da peculiar condição da sua mente, após privar o seu sistema físico da sua relação magnética com o cérebro. Nesta condição desmagnetizada do corpo, o poder da vontade torna-se suspensa, quando as faculdades da alma, alarmadas e desordenadas, se erguem como num sonho hediondo. Queremos gradualmente superar esta condição; então seremos capazes de a levantar e fazer flutuar à vontade.»

«Mas porquê», interpus eu, «perturbais esta relação magnética do cérebro com o corpo, quando as consequências de o fazer claramente frustrarão os vossos esforços e angustiarão a médium?»

«Não podemos ter sucesso sem fazer isto! Além disso, a angústia não é real», respondeu ele; «o pânico é desagradável, mas passa assim que a relação magnética do cérebro com o corpo é restabelecida. Ao intercetar esta relação magnética, o corpo torna-se mais otimista e, se completamente quebrada, as forças espirituais expressar-se-iam com tal poder que o seu avoirdupois *(peso bruto)* seria quase destruído. Tomaria 'asas e voaria'.»

«Queres dizer asas literais, como as dos querubins de Rafael?»

«Oh, não! Apenas desejo simbolizar a celeridade da ação espírita, quando não atrelada ao serviço do magnetismo humano.»

Antes da conclusão da sessão, a Sra. Hollis foi novamente levantada até ao teto e flutuou pela sala. Fez marcas a lápis em diferentes partes do estuque, indicando a direção dos seus movimentos aéreos. Quando a luz foi restaurada, o lápis e a mão direita estavam cobertos de pó de cal, assim como a manga do seu vestido.

Embora o nome «círculo escuro» transmita a ideia de total obscuridade à vista, esta impressão é errónea, como muitos podem testemunhar. A Sra. Hollis, na sala escura, não só vê as pessoas que compõem o círculo, mas também os espíritos que se manifestam, que descreve com precisão e chama pelos nomes. Este poder de clarividência é um dos estudos mais interessantes em toda a gama de fenómenos espíritas e excita a nossa admiração mais quando lhe

dedicamos mais pensamento. Mas poucos tentaram explicar esta maravilhosa visão clara. Tenho a minha teoria e expô-la-ei brevemente.

Na construção anatómica do olho humano, duas câmaras são necessárias para aperfeiçoar a lei visual. Estas são conhecidas pelos anatomistas e ótica como câmaras anterior e posterior, ou frontal e traseira. Estão cheias de humores aquoso, cristalino e vítreo, através dos quais são transmitidas imagens sobre as membranas, que servem como espelhos para as refletir sobre o sensório. Estas chamam-se esclerótica, coroide e retina.

Os usos destes vários órgãos são: primeiro, refletir imagens ao longo do trato ótico até ao sensório; e, segundo, excluir raios solares, por um processo de filtragem, de entrar na galeria de imagens da alma. Por mais paradoxal que pareça, somos, no entanto, devedores à escuridão por todo o prazer que recebemos através do sentido da vista. Darei uma ilustração familiar desta proposição.

A câmara escura é modelada à semelhança da estrutura do olho humano. Tem as suas câmaras anterior e posterior; também lentes, para corresponder aos humores do olho. A câmara posterior, em ambos os casos, é escura. Sobre a parede traseira da câmara traseira do olho está espalhada uma secreção de cor escura, através da qual são tecidas as fibras quase invisíveis do nervo ótico. Isto encontra a sua correspondência na placa sensibilizada do fotógrafo. Não é necessário traçar estritamente a analogia de estrutura mais além; por isso, apresentaremos os detalhes mais interessantes dos fenómenos.

Os artistas atenuam a luz enquanto uma imagem está a ser tirada. Assim, a banda circular de músculos que forma a pupila do olho contrai-se e atenua a luz na primeira lente, para que seja quase ou inteiramente perdida na segunda, deixando o fundo preto. Daí que a escuridão seja uma condição absoluta da visão. Raios solares caindo numa linha vertical direta sobre a retina sensibilizada do olho destruiriam a sua qualidade e paralisá-la-iam para sempre. A ação do sol sobre toda a estrutura do olho é diminuir em vez de aumentar o seu poder.

O inverso desta proposição é igualmente verdadeiro. Na ausência de raios solares, as túnicas do olho tornam-se tão altamente sensibilizadas que desenvolvem uma condição luminosa mais perfeita do que podem à

luz do dia. Assim, a sala escura torna-se para o olho o que o tubo escuro do microscópio se torna para a vista, um poder de aumento que revela os maravilhosos fenómenos de milhões de criaturas numa gota de orvalho. O telescópio, de maneira semelhante, com as suas lentes e câmara escura, auxilia o olho a penetrar espaço tão remoto que o poder adicionado faz doer os sentidos. Telescopar a terra, e do fundo de um poço podeis ver estrelas ao alto meio-dia do dia.

Sentar-se numa sala escura várias horas todos os dias, durante um ano, os humores e anexos do olho tornam-se tão sensíveis à luz que a sua sensibilidade se torna dolorosamente aguda. Mas sentar-se numa sala escura apenas uma hora, uma ou duas vezes por semana, durante seis meses, e qual será o efeito na estrutura ótica? O testemunho daqueles que pacientemente se submeteram a tal disciplina é no sentido de que a escuridão torna primeiro todo o sistema nervoso excitável, e o efeito é bastante doloroso. Mas após algum tempo, o sistema torna-se tranquilo, quando o cérebro começa a idealizar muito vividamente.

Entre «sonhar e acordar», a sala torna-se luminosa, os contornos dos móveis, e por fim o rosto do «velho relógio», podem ser vistos distintamente. Perseverai nos banhos de escuridão, e não só a sala escura se tornará luminosa, mas, sob o escrutínio da nova visão, a forma humana torna-se transparente como vidro, com a ação de cada órgão na sua complexa estrutura distintamente apreciada. O cérebro, coração, artérias e glândulas são vistos, brilhantes com chamas de vida, e mais belos do que esplendores aurorais. Mas agora «a maravilha das maravilhas» é revelada! O espaço intangível, incompreensível, torna-se povoado de formas vivas. Mantende a calma, e os rostos de velhos amigos serão vistos, e as suas vozes novamente ouvidas. Assim o sentido espiritual de ouvir e ver se desdobra, e assim um poder latente que pouco pensávamos pertencer-nos é revelado. Mas voltemos aos fenómenos da sala escura.

Podeis testar os poderes clarividentes do «velho Ski» ou de Jim Nolan — mas especialmente do primeiro — segurando na mão, num círculo escuro, qualquer artigo que desejeis, e pedindo-lhe que o nomeie. Fá-lo-á, se estiver de todo familiarizado com o seu nome ou uso, provando assim conclusivamente que, na total ausência de luz, o poder de visão

permanece bom. Uma senhora, que pensou agradar «Ski», prometeu presenteá-lo com uma bela pena vermelha, designando uma pluma de avestruz como o presente. «Ski» ficou muito contente e recordou-lha várias vezes, durante a tarde, a promessa que fizera. Esqueceu-se completamente disso quando visitou novamente o círculo escuro, mas «Ski» não. Foi severamente repreendida pela sua negligência, o velho chefe dizendo: «Em squaw lie!» Pleiteou esquecimento, mas prometeu não esquecer novamente. Trouxe a pena na visita seguinte, mas não fez alusão ao facto, nem mesmo após entrar na sala escura. Colocou agora silenciosamente a pena no cabelo e, enquanto o fazia, «Ski» deu um grito: «Em squaw bring em! em nice squaw!»

Mas, ai da reputação de curta duração da squaw! Quando «Ski» deu uma inspeção mais próxima ao artigo, descobriu uma fraude e sentiu-se indignado com o engano. Rejeitou desdenhosamente o presente, dizendo: «Squaw bring em old chicken-feather! Don't want em old chicken-feather! old chicken-feather squaw!» Fizera uma discriminação inteligente entre uma pluma de avestruz e uma belíssima pena de galinha da sua cor vermelho-vivo favorita, no escuro, para surpresa e divertimento de todos os presentes. Mas notai o sentimento que exibiu! Dizer-vos-á também a hora exata pelo vosso relógio ou, como afirmado, nomeará qualquer artigo de vestuário ou toilette a que chamardes a sua atenção, na atmosfera mais negra.

O marechal Ney escreveu-me à mesa que, se eu me sentasse numa sala escura com a médium, durante três ou quatro manhãs, pensava que seria capaz de desenhar uma imagem, enquanto eu segurava as mãos da médium. Claro que consenti; e, obtendo o papel e lápis necessários, a Sra. Hollis e eu tomámos posição ao lado de uma mesa na sala escura, sobre a qual jaziam os artigos, eu tomando as suas mãos nas minhas. A sessão continuou meia hora ou mais, mas sem outro resultado além de alguns traços dispersos.

Três tentativas foram dadas em três manhãs consecutivas, mas com muito pouco melhor sucesso. Na quarta manhã, tínhamos retomado a nossa posição habitual há poucos minutos, quando pudemos ouvir distintamente os lápis a moverem-se rapidamente sobre o papel. Meia hora após a luz ter sido apagada, foi dado o sinal de que a sessão estava encerrada. A sala foi novamente iluminada, quando se verificou que a

imagem acompanhante tinha sido desenhada durante o tempo em que estivemos sentados no escuro. (Veja a página seguinte.) Como obra de arte, esta imagem não tem mérito algum. Se simboliza alguma ideia oculta, é-me bastante sem valor. Dizem-me que alguns dos emblemas pertencem à Maçonaria. Não tenho conhecimento disto — não sou maçon, e creio que a Sra. Hollis não o é — mas a imagem é interessante quando vista como produção espírita e como executada numa sala escura.

Mas as conversas espíritas são as características mais interessantes dos círculos escuros. Já falei delas e relatei entrevistas que tive com a minha mãe, Jim Nolan, Josefina, marechal Ney e outros. O leitor, porém, pode querer informação mais exata quanto à sua ocorrência.

Quando pessoas visitam pela primeira vez a sala escura, especialmente se houver influências fortes a antagonizar o seu poder, os espíritos são incapazes de falar por algum tempo. Aqueles que pertencem ao bando da Sra. Hollis podem falar livremente quase desde o momento em que o canto cessa; mas os vossos próprios amigos requerem mais tempo para dominar a situação. Que dificuldades têm de superar antes de poderem manifestar-se, já insinuei; mas este assunto, estou bem convencido, é pouco compreendido. O espírito de uma pessoa que morreu com uma doença prolongada, em quem a força gradualmente se esgotou antes da morte, observei, exibe uma voz tão

débil que quase é indistinta. As vítimas de ftise pulmonar experimentam a mesma fraqueza e dificuldade em falar que tinham antes de passar para o mundo dos espíritos. Ouvi-os tossir, para remover o que me parecia secreções das vias aéreas, para que pudessem falar mais distintamente.

Eles aludem frequentemente a esta incapacidade e deploram a falta de força com sincero pesar. Às minhas perguntas, respondem que só sentem as fraquezas da vida corporal quando entram na sala do círculo; e isso apenas no início das suas visitas.

O aumento gradual da capacidade de falar é bastante notável à medida que aparecem de vez em quando. Habituam-se à situação e, como velhos profissionais no ofício, conseguem «seguir a linha» sem cometer erros.

Os espíritos que formam o grupo que controla o círculo da Sr.ª Hollis falam, naturalmente, sem qualquer impedimento, em voz alta e distinta. Jim Nolan falou comigo durante duas horas sem apresentar o mínimo sinal de fadiga ou esgotamento. Ele nunca se cansa; a sua resistência sustê-lo-ia durante um mês, se o médium pudesse fornecer o poder necessário. Jim Nolan fala suficientemente alto para ser ouvido com clareza em todas as partes do maior salão público da cidade de Cincinnati e, quando digo que poderia entreter todos os pensadores que coubessem nesse salão com as suas grandiosas ideias e raciocínio compacto, limito-me a repetir um facto bem conhecido por centenas das melhores mentes do nosso país, que ficaram maravilhadas com o esplendor e a rapidez do seu pensamento, a profundidade da sua lógica e a grandeza da sua eloquência.

CAPÍTULO XVI

GABINETE PARA OS ESPÍRITOS — EXCITAÇÃO NO HADES — FENÓMENOS MARAVILHOSOS — ROSTO, MÃO E VOZ DA MINHA MÃE — ROSTO DA IMPERATRIZ JOSEFINA — FLORES ESPIRITUAIS — ESPÍRITO TOCA HARPA — MARECHAL NEY DE UNIFORME, MATERIALIZADO

As extraordinárias manifestações que vou relatar começaram no dia 25 de maio de 1872. A data aproximava-se do fim do terceiro contrato da Sr.ª Hollis. Falei várias vezes com a Sr.ª Hollis sobre a construção de um gabinete — algo semelhante ao utilizado pelos irmãos Davenport nas suas exibições públicas —, apenas como experiência; mas ela parecia pensar que os resultados seriam uma desilusão dispendiosa. Por isso, aconselhou contra isso. Nolan e Ney tinham opiniões semelhantes; e Josefina deu um conselho tímido — sem se comprometer nem a favor nem contra a experiência. Não me restava alternativa senão recuar ou avançar, e eu não podia recuar.

Assim, transmiti a minha ideia de um gabinete ao Sr. John H. Brown, um mecânico bem conhecido na Third Street, perto da Central Avenue, com a ordem de o materializar o mais rapidamente possível. Ele fê-lo para minha satisfação, trouxe-o para minha casa e colocou-o na sala do centro, no segundo andar da minha residência traseira.

O gabinete é razoavelmente representado por qualquer roupeiro comum de tamanho normal, com seis pés de altura, cinco pés de largura e dois pés de profundidade. A parte traseira e as duas laterais eram tábuas de pinho de uma polegada, aplainadas na fábrica, com encaixes de macho e fêmea. A frente tinha apenas uma porta, com três pés e meio de largura; em comprimento, toda a altura do gabinete. No centro da porta, a cerca de quatro pés e meio do chão, foi cortado um buraco em forma de diamante, com cerca de oito polegadas no diâmetro maior.

Esta abertura era coberta no interior por um pedaço grosso de tecido fixado na parte superior e deixado pendurado livremente sobre a abertura, e vários centímetros abaixo dela, de maneira a excluir eficazmente a luz do interior do gabinete. No gabinete foi colocada uma

cadeira para a Sr.ª Hollis. Isto completa os acessórios desta estrutura tão falada.

A Sr.ª Hollis entrou nesta pequena sala escura — pois é apenas isso que ela realmente é — no dia 25 de maio de 1872, pela primeira vez, na presença de mim próprio e de duas senhoras da minha família. Fechei a porta, e ela trancou-a por dentro com um botão de madeira. A sua exclamação foi: «Que escuridão!» Após estar sentada alguns minutos, pediu-me que cantasse. Comecei a entoar o «Old Folks at Home»:

«Lá longe, no rio Swanee.»

Mas antes que avançasse muito, houve um autêntico alarido de plantação no gabinete, o que me convenceu de que os «velhos» não estavam «em casa», mas que os jovens estavam a divertir-se à grande na sua ausência. A minha primeira impressão foi que a Sr.ª Hollis enlouquecera; e o impulso de arrancar a porta, para a libertar do seu manicómio, foi muito forte. No meio do tumulto, porém, conseguia ouvi-la falar; por isso, refreei o meu zelo em demolir até ter mais provas da necessidade disso.

O facto é que esperava ver aquele gabinete desmoronar-se; pois foi batido, socado e sacudido, com um clamor e confusão de ruídos, provenientes de todas as partes, que era assustador e terrível ouvir. Não poderiam estar menos de meia dúzia de espíritos a trabalhar arduamente naquele gabinete, durante minutos; e, no entanto, nem metade desse número caberia lá dentro, se estivessem em forma corporal.

O alarido continuou cerca de vinte minutos, quando ocorreu uma acalmia, e a Sr.ª Hollis saiu. Sob o escrutínio mais atento, não consegui detetar o mínimo sinal de excitação no seu rosto, nem qualquer indício de que tivesse estado a trabalhar. Parecia antes lânguida e com o rosto pálido.

«Já alguma vez ouviu tal confusão!», disse ela; «o gabinete estava cheio de espíritos, e eles estavam loucos de excitação!»

«Conseguia vê-los com clareza?», perguntei.

«Não: eram mais como sombras. Só conseguia vislumbrá-los ocasionalmente.»

«O Ski estava entre eles?»

«Sim: estava ao meu lado e disse-me para não ter medo, que não seria magoada.»

«E não teve medo, Sr.ª Hollis? Foi quase aterrorizador. Pensei que o gabinete seria demolido à sua volta.»

«No início, tive medo de que me magoassem; mas a garantia do velho chefe tranquilizou-me de que tudo estava bem.»

«Voltará a entrar?»

«Se o desejar.»

«Claro que sim; mas espero que os espíritos sejam menos violentos nas suas demonstrações. Eles 'ultrapassaram Bannegar'.»

A Sr.ª Hollis entrou novamente no gabinete, e a porta foi fechada. Assegurei-lhe que o gabinete era um lugar agradável para se sentar e totalmente livre de perigo. «Está tudo bem; seja apenas alegre; seja feliz, se puder; adeus!», disse eu, ao fechar a porta. Esperava, naturalmente, uma repetição da primeira sessão; mas passaram quinze minutos sem o mínimo sinal de qualquer ocorrência percetível pelos nossos sentidos. Estava prestes a começar o «Last Rose of Summer», quando um ruído no gabinete começou a atrair a minha atenção. Este aumentou gradualmente, até parecer que dois ou três carpinteiros estavam a lixar o interior do gabinete.

Isto continuou cerca de cinco minutos, quando houve um leve movimento no tecido que cobria a abertura na porta, que aumentou, até que finalmente foi afastado, e uma grande mão morena foi projetada através dela. Permaneceu visível cerca de vinte segundos. Chamei a Sr.ª Hollis tanto para confirmar a sua posição como para perguntar se via a mão. Ela respondeu do seu lugar: «Só consigo ver uma névoa à volta da abertura. Ouço os espíritos a falar, mas não consigo ver nenhum.»

A mão não era como a da Sr.ª Hollis; e enquanto especulava sobre quem poderia ser o seu dono, foi retirada, e duas pequenas mãos, como as que poderiam pertencer a uma criança de dois ou três anos, foram rapidamente apresentadas. Enquanto olhava para estas, uma terceira mão — a mesma grande mão morena — apareceu pela segunda vez e

parecia pairar acima delas, «velando e protegendo» estes seres indefesos. Isto concluiu a primeira das sessões de gabinete da Sr.ª Hollis. Realizou-se à noite.

Na manhã seguinte, voltámos a visitar a sala do gabinete, trazendo a caixa de música. Coloquei-a numa pequena mesa e pus a tocar. Foi uma decidida melhoria em relação ao meu canto, e assim pareceu aos espíritos; pois a Sr.ª Hollis mal entrara no gabinete há alguns minutos, quando eles começaram a tocar um acompanhamento de tambor abafado nas tábuas, o ruído soando como se fosse feito por baquetas envolvidas. Depois de terem parado, ouviu-se durante alguns segundos um ruído peculiar, agudo e explosivo, como quando se sacode violentamente uma toalha de mesa.

Então, de repente, um metro e meio de tapete de Bruxelas, que fora colocado no chão do gabinete, enrolado apertadamente, foi disparado rapidamente através da abertura para o meio da sala. Devo ter mencionado antes que, quando a Sr.ª Hollis entrou no gabinete, coloquei com ela uma pequena corneta de lata, uma harmónica e um ramo de flores. Estes foram ejectados em rápida sucessão após o tapete. Perguntando-me o que viria a seguir, a cortina foi subitamente afastada, e através da abertura foi projetado para a sala o longo e musculoso braço nu de um homem. Era de comprimento total, com a articulação do ombro exposta à vista.

A mão, quando apareceu pela primeira vez, estava fechada, mas abriu e fechou várias vezes; e, ao fazê-lo, via-se os músculos aumentarem e diminuírem no antebraço. O cotovelo articulava livremente, fletindo e estendendo com aparente facilidade; e o braço balançava à volta, alcançando o topo do gabinete. Pelo desenvolvimento daquele braço, julguei que pertenceria a um homem de não menos de seis pés de altura. Observei-o de perto e não estava a mais de seis pés de distância. Quando este braço foi retirado, a Sr.ª Hollis saiu do gabinete para se recompor.

Tal como no dia anterior, parecia esgotada da sua vitalidade; o rosto estava pálido e queixava-se de languidez. Em resposta às minhas perguntas, disse que só conseguia ver uma atmosfera nebulosa à volta da abertura do gabinete, quando o tecido era afastado; e, embora ouvisse distintamente os espíritos a falar, não conseguia discerni-los.

Posteriormente, pedi a Jim Nolan que me explicasse o estado do médium quando estava no gabinete, o que ele fez, nos seguintes termos: «O médium», disse ele, «tem horror a ser colocado em transe; por isso, permitimos que todas as suas faculdades permaneçam inalteradas, exceto a visão. Influenciamos o nervo ótico durante esse tempo, de modo que nenhuma impressão do olho é transmitida ao sensorium. Examine as pupilas dos olhos dela assim que sair do gabinete; verificará que estão preternaturalmente dilatadas e morbidamente sensíveis.»

«Por que fazem esta discriminação contra ou a favor (qual?) do nervo ótico?»

«É necessário que o médium esteja perfeitamente calmo enquanto materializamos os braços e as mãos. Se pudesse ver, não manteria esta condição passiva. A música tende para a tranquilidade; é por isso que a desejamos.»

Observando a destreza do braço, da mão e dos dedos que eram projetados através da abertura, ocorreu-me que poderia haver inteligência suficiente a guiá-los para escrever uma carta. Até então, toda a escrita espírita fora feita no escuro. Aqui, agora, estava a mão e o braço expostos — poderiam escrever à luz? Em breve o saberia. Obtive um grande suporte de nogueira e fixei-o no exterior da porta do gabinete, de modo que o topo ficasse a uma ou duas polegadas abaixo da abertura. Sobre ele coloquei uma lousa e um lápis e, assim que o arranjo ficou completo, a Sr.ª Hollis entrou no gabinete.

Pus a caixa de música a tocar e mal retomara o meu lugar, quando o mesmo braço musculoso que tínhamos visto anteriormente foi projetado, em comprimento total, para a sala. Não houve ruído desta vez no gabinete antes da materialização. «A ordem reina em Varsóvia!», pensei. O braço varria agora quase toda a frente do gabinete com o seu alcance. Os dedos corriam ao longo da pequena cornija, como se manipulassem as teclas de um piano, e continuaram a vaguear dessa maneira durante um minuto e meio, quando pegaram no lápis e começaram a escrever com a maior compostura, como se fosse uma ocupação comum. Enquanto a escrita prosseguia à plena vista, chamei a Sr.ª Hollis, que respondeu da sua parte remota do gabinete. Ela não

sabia o que estava a ser feito e reiterou a sua declaração anterior de que só conseguia ver a atmosfera fumada na abertura.

Após dois minutos, a escrita estava concluída, quando peguei na lousa do suporte e encontrei a seguinte comunicação:

«Deus o abençoe, meu companheiro de trabalho na causa da liberdade e da verdade. Saúdo-o neste dia: 'Bem feito, servo bom e fiel!' Continue a trabalhar; a sua recompensa será grande! Quando o mundo perguntar 'Quem é o seu controlo?', diga-lhes as palavras que disse a Dumas há longos anos: 'Sou a retaguarda do Grande Exército'; pois assim é realmente. Somos uma hoste, e receberá a cruz de honra. A minha voz nunca se ergueu para o Grande Exército de França, para o animar à vitória, como o faz para si! Continue a trabalhar! Seja firme! O senhor é a vanguarda desse exército, e eu a retaguarda. Ele não pode falhar.

Seu, em verdade e honra,

Michael Ney.»

Era, sem dúvida, uma comunicação singular, mas excessivamente pessoal para o meu gosto. Não conseguia entender por que razão eu seria designado para tal distinção e não tinha consciência de merecer de todo a condecoração prometida. Estava, no entanto, muito interessado no facto de o mundo espírita poder assim comunicar com o mundo natural; e fiquei particularmente satisfeito com o sucesso da experiência e por ser o primeiro a testemunhar este fenómeno surpreendente.

Transcrevi a mensagem e voltei a colocar a lousa para novos desenvolvimentos. Enquanto colocava o lápis na lousa, a menos de trinta centímetros do meu rosto, três mãos foram apresentadas na abertura. Observei-as com curiosidade e de perto; eram mãos estranhas, pertencentes a adultos; e numa delas usava-se um grande anel de ouro liso, no dedo ao lado do mindinho da mão esquerda. A luz era suficiente para me permitir examinar a textura da pele. Permaneceram em exposição cerca de meio minuto e depois foram retiradas. Mal retomara o meu lugar, quando o grande braço apareceu novamente e escreveu:

«Não podemos fazer mais esta manhã; o nosso médium está exausto! Tentaremos mostrar-lhe um rosto amanhã.»

«Muito bem», disse eu, «ver-me-á amanhã em Filipos! Cumpra o seu compromisso, e eu cumprirei o meu.»

Pontual à hora marcada, o nosso pequeno círculo reuniu-se na sala do gabinete. Assim que a música começou, a Sr.ª Hollis entrou no gabinete; quando a porta foi fechada, mãos foram exibidas na abertura. Julguei que foram materializadas até dez, em outros tantos minutos, algumas das quais foram projetadas para a sala, mas pelo menos metade retirou-se após apenas uma breve exposição à luz. Foram primeiro individuais; depois duas, três e, finalmente, cinco mãos foram finamente materializadas ao mesmo tempo, quatro das quais pertenciam a crianças. Estas estavam todas abertas, com as palmas viradas para a frente. A quinta mão era grande e movia-se sobre as pontas dos dedos das crianças, tocando-as suavemente, como conjecturei, para lhes transmitir força.

A Sr.ª Hollis queixou-se de esgotamento e fez uma pausa de meia hora. Tão interessado estava em observar as manifestações que, quando ela voltou a entrar no gabinete, esqueci-me de pôr a música a tocar, facto de que fui lembrado por um espírito que disse, distintamente, na abertura: «Ponha a música a tocar!» A mesa onde estava a caixa de música não ficava a mais de dois pés do gabinete. Procegi a dar-lhe corda e estava precisamente a virar-me para retomar o meu lugar no círculo, o que implicava enfrentar a abertura. Ao fazê-lo, vi o rosto da minha mãe na abertura da porta do gabinete!

«Mas, mãe», exclamei, «é possível!»

Fixei o olhar nela durante vinte segundos, durante os quais ela sorriu, inclinou a cabeça e pronunciou o meu nome. A cortina balançou então entre o seu rosto e o meu. Todos na sala viram e ouviram o mesmo que eu. Não estava a mais de dois pés do gabinete e da abertura.

Não sou dado a ilusões e raramente sonho quando durmo, muito menos quando estou acordado. Sou um homem muito calmo e sereno em emergências, e nunca o fui mais do que nesta ocasião. Todas as pessoas no círculo viram este rosto; mas só eu o reconheci. Era o rosto da minha mãe. Ela reconheceu-me e chamou-me pelo meu nome

próprio. Para ter a certeza absoluta, disse: «Mãe, por favor, materialize a sua mão esquerda e apresente-a na abertura!»

Em muito pouco tempo, uma mão esquerda apareceu na abertura, com o indicador dobrado na articulação do meio. A minha mãe tinha exatamente um dedo assim na mão esquerda. Quando era criança, sofrera uma queimadura que contraiu o tendão e fixou permanentemente o indicador da mão esquerda naquela posição. Não precisava desta prova adicional da identidade da minha mãe; mas, como veio, foi «uma confirmação forte como a Sagrada Escritura».

Não é necessário dizer nada sobre as minhas sensações nesta ocasião. O leitor só está interessado no facto puro e simples, e é isso que dou. Fiquei contente por voltar a ver o rosto da minha mãe; e falo disso agora simplesmente para vindicar a integridade dos meus sentidos. Àqueles que me acusam de dar excessiva prominência a esta manifestação, só tenho a dizer o seguinte: respeito o meu próprio juízo em todas as ocasiões, importando-me pouco com os aplausos dos homens, menos com as suas críticas e menos ainda com a sua censura.

Após a materialização do rosto e da mão da minha mãe, a Sr.ª Hollis saiu para a sala e permaneceu meia hora. Estava muito interessada nas manifestações e lamentava não poder vê-las como nós. Quando regressou ao gabinete, coloquei com ela um ramo de flores e uma harmónica. A porta mal fora fechada, quando o longo braço de Ney saiu para a sala e começou a passear em frente do gabinete. Continuou a fazê-lo durante vários minutos, quando escreveu na lousa: «Josefina saudá-lo-á esta manhã!»

Mal tinha o seu grande e musculoso braço sido retirado, quando um braço e uma mão mais femininos e belos foram projetados. O braço estava coberto por uma manga de tule ou ilusão, desde acima do cotovelo até ao pulso. Aqui, o delicado tecido era preso por uma fita, atada com uma estreita fita de cor cereja pálida. Para além desta prega, cobrindo parcialmente a mão, havia um pequeno folho formado pela extremidade da manga. A mão era delgada e simetricamente formada — dois dos dedos estavam ornamentados com anéis com pedras preciosas. Um lenço espírita, parecendo gaze, foi segurado e graciosamente agitado várias vezes num arco de cerca de trinta centímetros ou quarenta e cinco centímetros. A mão retirou-se então e,

em poucos segundos, reapareceu, segurando as flores que eu colocara no gabinete. Estas foram posteriormente distribuídas por essa mão entre os membros do círculo, como recordações da ocasião. Quando a última flor fora dada, a mão espírita pegou no lápis e escreveu:

«Meu caro amigo, — Há muito que gostaria de lhe dizer a respeito da reencarnação do meu amado marido. Escrever-lhe-ei mais detalhadamente quando o médium tiver descansado. Estas materializações são muito exaustivas para ela. Tentarei mostrar o meu rosto antes de o médium partir para casa. O senhor ajuda-nos muito, pelo que todo o nosso grupo está grato. Estimá-lo-emos sempre como nosso bom amigo. Josefina.»

No final desta escrita, avancei para retirar a lousa e, ao fazê-lo, a mão de Ney saiu e bateu-me no braço e no dorso da minha mão quase carinhosamente.

Estava prestes a retomar o meu lugar e tinha-me afastado metade da distância entre o gabinete e as cadeiras, quando a cortina que cobria a abertura foi posta de lado e o contorno indistinto de um rosto se apresentou. Era bastante vago e afastado da abertura; mas gradualmente aproximou-se da frente e tornou-se cada vez mais brilhante, até que todos os traços foram distintamente delineados e a cor da pele e dos olhos foram discerníveis.

O rosto tinha uma expressão pensativa, e os grandes olhos escuros pareciam tristes. O cabelo estava preso em cachos, enfeitado com fios de pérolas e cravejado de brilhantes. Era Josefina, cumprindo tão rapidamente a promessa que fizera. Só conseguiu manter a sua melhor materialização durante alguns segundos, quando pareceu recuar da frente para o fundo do gabinete, desvanecendo-se, desvanecendo-se, desvanecendo-se, na mais completa escuridão.

Após um intervalo de alguns minutos, a sua mão apareceu através da abertura, segurando uma flor fantasmagórica. Permaneceu alguns segundos, depois retirou-se, sendo rapidamente substituída por outra, e outra ainda. Estas «exóticas celestiais» foram claramente apresentadas, mas não puderam ser identificadas.

Mas poucos minutos tinham passado, quando apareceu na abertura a parte inferior do rosto de um homem, claramente visível dos olhos para

baixo até ao queixo, que estava coberto por uma barba espessa. Uma harmónica foi levada à boca, e as notas soaram várias vezes, embora não se tentasse nenhuma melodia. Estas podiam ser distintamente ouvidas nas salas adjacentes. Foi posteriormente declarado que Jim Nolan era o harpista.

Após este concerto único terminar e o tecido ter caído sobre a abertura durante alguns minutos, a porta do gabinete foi subitamente aberta, quando, para meu total espanto, vi, com toda a clareza possível, por um instante, a forma de um homem de pé ao lado da Sr.ª Hollis. A sua cabeça estava descoberta — grande e de rosto cheio e redondo. Usava um uniforme militar, com decorações em forma de medalhão no peito do casaco. Só o pude ver durante um segundo, e estava numa linha de observação que obstruía a vista dos outros no círculo. Quando a luz incidiu sobre ele, dissolveu-se no ar, como se dissolve

«O floco de neve no rio; Um momento branco, depois perdido para sempre.»

CAPÍTULO XVII

UM NOVO GABINETE E UM NOVO PROGRAMA — CHARLES REEMELIN — PURCELL E MANSFIELD — CORRY — PAIS QUE RECONHECEM FILHOS — FILHOS QUE RECONHECEM PAIS — VELHOS AMIGOS — O TESTEMUNHO DE CIDADÃOS BEM CONHECIDOS — ESCRITA — ESPÍRITOS A CONVERSAR ATRAVÉS DA ABERTURA — F. B. PLIMPTON COMO INVESTIGADOR — O SEU RELATÓRIO COMPETENTE

As sessões de gabinete registadas no último capítulo puseram fim ao terceiro contrato da Sr.ª Hollis em Cincinnati. Na manhã seguinte, ela partiu para casa. Escrevi então uma declaração das manifestações que tinham ocorrido na sua presença e publiquei-a no Cincinnati Commercial. O meu objetivo era dirigir a atenção pública para o assunto e, se possível, suscitar um interesse mais geral pelo caráter maravilhoso dos fenómenos espíritas. Nisto, só tive sucesso parcial.

O editor-chefe do Commercial descobriu muito rapidamente que não era amigo nem do espiritualismo nem da investigação dos seus fenómenos. Era o senhor da situação, e com uma fantasia tão caprichosa como se governasse um império.

Nessas circunstâncias, «a discrição é a melhor parte do valor»; por isso, a minha melhor política era «não dizer nada enquanto o maldito palhaço divagar». Dêem-lhe espaço, e ele e o seu corpo de correspondentes choramingas em breve se descredibilizarão. E assim foi. Mencionar o espiritualismo na presença de certas pessoas é como exibir um pano vermelho diante de um touro bravo, ou atirar água a um animal com tendências hidrofóbicas; eles enfurecem-se — enfurecem-se muito.

Na verdade, sofrem de cólicas duodenais e espasmos epigástricos do cérebro. «Por que isto é assim», não consigo explicar exatamente! É um problema tão perplexo para mim como os próprios fenómenos espíritas. Só noto o facto porque é um facto. Essas pessoas são geralmente fugitivos de manicómios ou internos de igrejas pagãs, nas quais as formas mais suaves de insanidade são popularmente manifestadas como devoção.

Tanto tinha sido impresso que era igualmente «tolo e falso» a respeito das manifestações espíritas que eu registara publicamente, que julguei necessário fazer a Sr.ª Hollis regressar novamente à cidade. Fi-lo para me permitir citar outros testemunhos dos factos quando chegasse o momento de fazer o meu relatório final, que agora decidira apresentar nesta forma. O seu quarto contrato começou no dia 20 de agosto.

Como eu tinha desfeito o meu gabinete anterior, foi necessário construir outro; mas desta vez orientei o Sr. Brown a erguer uma divisória de tábuas fechada no fundo da sala do gabinete, a quatro pés da parede norte. No centro desta divisória foi pendurada uma porta de ripas que abria para a sala; e no centro da porta foi feita uma abertura circular, com doze polegadas de diâmetro, a quatro pés e meio do chão. Esta era coberta com tecido preto pendurado no interior, para tornar a câmara perfeitamente escura.

Quando concluído, as dimensões interiores deste gabinete eram dez pés de comprimento, sete pés de altura e quatro pés de profundidade. A porta fechava-se por dentro com um botão de madeira. Sob a abertura, no exterior, o suporte foi ajustado para segurar a lousa. Este era o novo gabinete.

Assim que ficou concluído, a Sr.ª Hollis entrou para as manifestações. Apenas os membros da minha família estavam presentes; entre estes, um rapaz de quinze anos, que nunca tinha estado num círculo espírita e que chegara recentemente à cidade. Várias mãos foram apresentadas na abertura no decurso de quinze minutos, quando, após uma pausa de dez minutos, o rosto da minha mãe apareceu. Não disse nada enquanto a materialização ocorria, nem a reconheci até que o rapaz referido exclamou: «Olhe, tio; veja, ali está a avó!» Este rapaz fora criado pela minha mãe e era perfeitamente capaz de identificar o seu rosto familiar.

O espírito pareceu satisfeito com a presença e o reconhecimento de Tom, pois sorriu e pronunciou o seu nome em tons tão audíveis que todos os presentes o puderam ouvir. Permaneceu na abertura durante dois minutos. Vários outros rostos, além de um número de mãos e braços, foram mostrados, quando a sessão chegou ao fim. Era evidente que o poder de manifestar aumentara em vez de diminuir no novo gabinete.

Decidi, portanto, imediatamente convidar um número de pessoas representativas para testemunhar as manifestações e examinar as condições em que eram produzidas, com o entendimento de que essas pessoas fariam uma declaração escrita justa do que vissem e ouvissem, com as suas próprias assinaturas, para uso público.

O convite foi dado no Commercial de 30 de agosto de 1872, do qual o seguinte é aproximadamente o conteúdo:

FENÓMENOS ESPÍRITAS EM CINCINNATI

A QUEM POSSA INTERESSAR

Senhor Editor do Commercial:

O senhor publicou recentemente vários artigos, sob a assinatura de «Nep.», relativos a fenómenos espíritas, que atraíram atenção. As declarações contidas nesses artigos eram de caráter tão extraordinário que suscitaram muita crítica hostil por parte do senhor e dos correspondentes.

Proponho-me agora oferecer a um número limitado de homens e mulheres inteligentes a oportunidade de testemunhar manifestações semelhantes na minha residência, com a condição de que, com as suas

próprias assinaturas, façam uma declaração escrita do que veem e ouvem relativo ao mesmo, para uso público.

Para facilitar este objetivo, proponho formar vários círculos compostos por três pessoas cada, e dar de quatro a seis sessões a cada círculo, todos sujeitos às regras que regem a formação de círculos, que são conhecidas por estabelecer as melhores condições para manifestações espíritas.

Para entrar nestes círculos, não haverá discriminação entre judeus e gentios, pagãos e cristãos, editores e pregadores, mas homens e mulheres representativos de todas as classes serão bem-vindos, «sem dinheiro e sem preço».

Para estimular os hesitantes a envolverem-se nesta boa obra, prometo que numa sala iluminada será realizada a presença dos nossos supostos amigos mortos, que escreverão, falarão e MOSTRARÃO OS SEUS ROSTOS DE MODO A SEREM RECONHECIDOS.

Se estas manifestações forem fraudes, agora é um momento muito propício para «golpeá-las, do quadril à coxa!» Não será feita qualquer tentativa para as proteger do escrutínio mais rigoroso.

Este convite trouxe cartas em resposta de cerca de duzentos homens e mulheres representativos (?), todos dispostos a vir e ver estas coisas maravilhosas. A Cidade Rainha pode orgulhar-se bem das suas joias! Não pensava que a colheita fosse tão abundante. Alguns deles assinavam com um X; e outros (E. A. entre eles) reclamavam ser tais porque rabiscavam ocasionalmente para um jornal.

«Oh, se algum poder nos desse o dom De nos vermos como os outros nos veem! Livrar-nos-ia de muitos erros E de noções tolas.»

Descobri o meu erro. A minha intenção era atrair a atenção de homens como o Sr. John B. Purcell, o Sr. Max Lillienthal, o Sr. Edward Purcell, o Sr. Thomas Vickers, o Sr. Charles Reemelin, o Sr. E. D. Mansfield, o Sr. F. B. Plimpton, o Sr. Granville Moody, o Sr. Wm. M. Corry, e um ou dois outros que realmente ocupavam posições que comandavam o respeito e a confiança de um número limitado dos seus concidadãos. Para a maioria destes senhores, eu era pessoalmente desconhecido; e quando falei da minha intenção de os visitar para o fim indicado, asseguraram-me que seria recusado por todos eles. Não

conseguia ver por que razão deveria ser assim; pois a verdade não busca nem lugar nem aplauso, não se curva perante nenhum santuário humano, mas apenas pede uma audiência. Quando os homens negam isto, manifestam abertamente o seu próprio erro e escrevem a sua própria condenação.

Após uma inspeção cuidadosa da minha lista de homens representativos, encontrei tão pouca homogeneidade de caráter entre eles que abandonei a ideia de os reunir num círculo comum. A melhor coisa a fazer a seguir era selecionar três ou quatro e tratá-los da melhor forma possível.

Descobri, no meu contacto com pessoas que tinham adotado credos eclesiásticos para orientação em assuntos espirituais, que ou tinham medo de investigar fenómenos espíritas ou estavam prontas a condená-los zelosamente sem os examinar de todo. Comecei, portanto, as minhas operações com o Sr. Charles Reemelin, que, segundo entendia, não estava de todo preso a dogmas ou acorrentado a credos. Dirigi-me de carro à sua residência, perto de Dent, e encontrei-o a supervisionar a colheita de uvas na sua vinha.

Após me apresentar, expus o objetivo da minha visita da forma mais breve e justa possível. O Sr. Reemelin não é homem para ser tratado com leviandade; e está claramente escrito em todo o seu rosto que entretém opiniões decididas, sejam quais forem. Disse: «De que serve falar em ver espíritos, quando não há espíritos para ver? Não se pode ver uma coisa que não existe. Uma mulher disse-me que esperava encontrar o marido no céu, e eu respondi: 'Minha senhora, não quereria olhar para ele depois de apodrecido; quando o fôlego deixa o corpo, é o fim do homem.'»

«Mas, Sr. Reemelin», disse eu, «aquilo que o senhor diz que não pode ser, é! Venha ver. O senhor limita a possibilidade às operações da sua própria mente. O impossível para o senhor pode ser o possível para outros; todos ainda somos estudantes e temos muito a aprender. Gostaria que visse estas manifestações e soubesse o que pensa delas depois. As suas opiniões antes de as ver não têm valor. Depois de as ter visto, aquilo que possa dizer terá alguma influência sobre outros homens.»

«Isto tudo é um truque, uma espécie de prestidigitação, montada com um propósito. Ouvi uma história de fantasmas na Alemanha—»

«Sr. Reemelin», interrompi, «permita-me apresentá-lo à Sr.ª Hollis, o médium espírita. Fale com ela sobre o truque.»

O Sr. Reemelin mudou de assunto e falou com a Sr.ª Hollis sobre as suas uvas, a sua família e alguns amigos com quem ela por acaso tinha conhecimento. Deixámo-lo ao pôr do sol.

Esta entrevista com o grande livre-pensador Charles Reemelin convenceu-me de que «o orgulho da opinião» torna um homem tão intolerante fanático como se não tivesse opinião nenhuma. Se não está rapidamente a fossilizar-se, é porque não consegui envolver a sua mente com o pensamento mais grandioso que foi dado ao mundo.

«Temo que os seus homens representativos todos o decepcionem», disse a Sr.ª Hollis, enquanto regressávamos de carro da nossa visita infrutífera ao sábio de Dent. «Dificilmente conseguirá um círculo que lhe agrade.»

«Abandonei a ideia de um círculo. Se conseguirmos apenas um ou dois para começar, avançaremos. Tentarei a seguir o Sr. W. M. Corry. Foi membro da Legislatura, quando era mais honroso sê-lo do que atualmente; e, como jornalista independente, conquistou uma reputação nacional. O Coronel Piatt diz que é o pensador mais corajoso da América e também o melhor orador de salão. Pelo que ouvi, a impressão na minha mente é que é materialista nas suas crenças; mas espero que não seja tão fanático como o Sr. Reemelin.»

«A sua ideia original, penso eu, é impraticável», disse a Sr.ª Hollis; «se conseguisse que todos os seus homens representativos viessem juntos num único círculo, haveria tanto antagonismo pessoal, temo, que os espíritos não poderiam manifestar-se. A harmonia é uma condição essencial.»

«Não há tanto antagonismo pessoal como pensa. Se Purcell e Mansfield, que têm aproximadamente a mesma idade, fossem colocados, como Selkirk, numa ilha solitária, onde o som de sinos de igreja nunca fosse ouvido, quanto tempo julga que o seu antagonismo pessoal se manteria?»

«Até ficarem com fome!»

«Exatamente! O bispo esqueceria o seu dogma infalível e engoliria marmota à sexta-feira; enquanto Mansfield em breve o consideraria um dos eleitos e seria tão fraterno como Tam O'Shanter com Souter Johnnie, quando estavam 'bêbados durante semanas juntos'. São os seus credos diabólicos que os desunem e 'quebram a união social da natureza'.»

«Será sempre assim!»

«Não, não será! A natureza desenvolverá homens demasiado grandes para se sentarem em bancos de igreja e demasiado nobres para serem acorrentados por credos. Para estes, a porta para o mundo espírita estará aberta, e o temor e o mistério da morte serão removidos. Esses homens vivem agora, e o seu número aumenta dia a dia.»

«Realizaremos um círculo esta noite?», perguntou a Sr.ª Hollis, ao mudar habilmente de direção à conversa.

«Sim: esqueci-me de lhe dizer que convidei alguns amigos para casa esta noite; e suponho que já lá estejam a esta hora.»

Eram oito horas quando chegámos a casa, onde encontramos à nossa espera o Sr. W. W. Ward, a Sr.ª Roseanna C. Ward e o Sr. Geo. W. Skaats. Com estes e vários membros da minha família, visitámos em breve a sala do gabinete, e a Sr.ª Hollis entrou no compartimento escuro.

Foram apenas alguns minutos após a porta ter sido fechada, quando uma grande mão musculosa se apresentou na abertura, que a princípio parecia sombria, mas gradualmente se tornou tão substancial como uma de carne e osso. Permaneceu um minuto ou mais e foi então retirada. Muito em breve, a cabeça e o rosto da minha mãe, com todos os detalhes do seu penteado bem delineados, apareceram na abertura da porta e permaneceram dois minutos.

Após se inclinar, retirou-se e foi logo seguida pela materialização da cabeça e do rosto de uma jovem mulher que não tinha aparecido antes. A Sr.ª Ward reconheceu instantaneamente o espírito como Anna Clemfort e falou-lhe. A resposta e os reconhecimentos foram feitos inclinando a cabeça e batendo fortemente no interior do gabinete.

A própria Sr.ª Ward é uma excelente clarividente e já vira frequentemente, no seu estado suprassensível, o espírito da Sr.ta Clemfort, parecendo exatamente como se apresentara na abertura. Ao retirar-se este espírito, outro rosto e cabeça de uma bela mulher apareceram e inclinaram-se para a Sr.ª Ward. Era alguém que lhe servira de dama de honor muitos anos antes. A Sr.ª Ward chamou-a pelo nome; em resposta, ela sorriu, inclinou a cabeça e bateu, como o espírito anterior fizera.

Não tardou muito até que a abertura fosse novamente preenchida pela cabeça e pelo rosto de uma senhora, evidentemente da Sociedade dos Amigos, pois usava uma touca simples. A materialização foi boa durante meio minuto, durante o qual o espírito foi reconhecido como Sr.ª Rachel Fisher pelo Sr. Skaats, à cuja família, durante a sua vida natural, ela era bastante conhecida.

Foi apenas pouco tempo depois de ela se ter retirado, quando a cabeça e o rosto do Sr. Thomas Eller, o pai do meu sobrinho, apareceram na abertura da porta. Todas estas foram apresentadas com boa luz e, como eram fortemente individualizadas, não podiam ser confundidas.

Uma mão foi agora projetada para a sala e escreveu na lousa:

«Não desejamos sobrecarregar mais a força do médium esta noite. Boa noite! Ney.»

Isto concluiu a sessão.

Quando a Sr.ª Hollis saiu do gabinete, o seu pulso era de sessenta, o rosto pálido, as mãos frias, e falou de uma sensação geral de languidez. À inspeção superficial, era a pessoa menos excitada na sala.

A próxima sessão que mencionarei realizou-se na noite de 3 de setembro. Foi assistida pela Sr.ª Angeline Madison, pelo Dr. A. J. Hazelwood e pelo Sr. G. W. Skaats, e por dois membros da minha família. Cinco minutos após a Sr.ª Hollis entrar no gabinete, mãos de vários tamanhos começaram a aparecer na abertura; algumas foram projetadas para a sala, mas a maioria apareceu apenas na abertura, dentro do gabinete. Esta exibição continuou durante um quarto de hora. Seguindo-se a esta demonstração digital, veio a cabeça e o rosto de uma doce menina, que foi imediatamente reconhecida pela Sr.ª

Madison como sendo a sua própria filha. A materialização foi muito boa e durou um minuto. O coração da mãe encheu-se de alegria ao encontrar novamente a sua querida. Seguindo-se de perto, veio o belo rosto de outra criança angélica, radiante de luz de amor e sorrisos. O Sr. Skaats reconheceu-a imediatamente como a sua filhinha.

Não faz parte da minha tarefa pregar, mas posso permitir-me dizer que estar presente quando estes visitantes angélicos regressam para mostrar os seus rostos luminosos e assegurar aos pais que há vida para além da tumba é um privilégio dos mais requintados. Não invejo a cabeça ou o coração do homem que pode perguntar: «De que vale tudo isto?»

Como se fosse uma guardiã das meninas, o rosto maternal da Sr.ª Rachel Fisher apareceu quase imediatamente após a última se ter retirado. Foi instantaneamente reconhecida pela Sr.ª Madison e pelo Sr. Skaats, a quem inclinou a cabeça várias vezes em sinal de satisfação. Ao afastar-se da luz, o rosto de um velho e conhecido cidadão apareceu, que foi imediatamente reconhecido pela Sr.ª Madison, pelo Sr. Skaats e pelo Dr. Hazelwood como sendo o do Sr. R. A. Madison. Era mais conhecido dos antigos cidadãos de Cincinnati como «'Squire Madison». A Sr.ª Madison era sua sobrinha. O Dr. Hazelwood, seu neto, e o Sr. Skaats, seu parente por casamento. A materialização foi boa, e a luz suficiente para distinguir todos os traços do seu rosto. Não foram apresentados mais rostos durante a noite, mas uma mão peculiar foi projetada para a sala e escreveu na lousa:

«Andrew, cuidado com seguir os passos de —! O copo de vinho é fatal!»

A esta mensagem não foi assinado nenhum nome; mas a mão foi reconhecida, e tanto a mensagem como a mão indicavam suficientemente a identidade do autor.

Ouviu-se agora a voz de uma criança no gabinete, dirigindo-se à Sr.ª Madison como mãe. A conversa que se seguiu revelou em breve o facto de que os vivos e os chamados mortos estavam novamente em comunhão um com o outro, separados apenas pela espessura do tecido. A entrevista durou cerca de vinte minutos; e quando terminou, a sessão encerrou-se.

Na manhã do dia 5, fui agradavelmente surpreendido por uma visita do Sr. F. B. Plimpton, cuja atenção fora atraída pela publicação do meu anúncio no Commercial. O Sr. Plimpton é bem conhecido como escritor editorial no Commercial, no seu departamento literário e científico, onde são requeridos conhecimentos eruditos e científicos para preencher bem a posição. Nunca tinha encontrado este senhor até ele se apresentar à minha porta e, até onde me recordo, nunca o tinha visto antes. Disse ele:

«Bom dia, senhor. É o Dr. Wolfe?»

«É esse o meu nome, senhor. Qual é o seu?»

«Plimpton.»

«Do Commercial?»

«Represento o Commercial como repórter esta manhã, e estou aqui para testemunhar os fenómenos, cuja descrição o senhor publicou como ocorrendo na presença da Sr.ª Mary J. Hollis.»

«É bem-vindo. Oferecer-lhe-ei todas as facilidades ao meu alcance para levar a cabo a sua investigação destes estranhos acontecimentos. Estou tão ansioso por conhecer a verdade destas maravilhosas manifestações como o senhor próprio. Não se apresse em fazer o seu relatório ou em formar conclusões. Examine de perto, pacientemente e perseverantemente; e em qualquer momento, se pensar que posso ser-lhe útil, disponha dos meus serviços. Venha quando quiser, tão frequentemente quanto lhe aprouver, e fique pelo tempo curto ou longo que a sua conveniência permitir; será bem-vindo.»

Apresentei então o Sr. Plimpton à Sr.ª Hollis; e quanto ao que se seguiu nos cinco dias subsequentes pode ser conhecido lendo o relatório que ele publicou no Commercial, que aqui se anexa.

A TERRA DE FRONTEIRA

UMA EXPERIÊNCIA COM OS ESPÍRITOS

Era condição da sessão, à qual fui convidado a assistir na casa do Dr. N. B. Wolfe, n.º 146 da Smith Street, que eu fizesse um relatório fiel do que visse e ouvisse, ou — se melhor agradar ao leitor — do que parecesse ver e ouvir; o que, se algo, foi falhado, e o que, se algo, foi bem-sucedido. A Sr.ª Mary J. Hollis, de Louisville, Kentucky, um médium em desenvolvimento não profissional, mas notável pelo caráter extraordinário das manifestações feitas através dela, era hóspede temporária do Dr. Wolfe.

O propósito deste escrito é cumprir essa condição. É apropriado, no entanto, dizer desde o início que os termos e a fraseologia espíritas serão usados pelo escritor simplesmente como convenientes, e acrescentar, pessoalmente, que na qualidade de repórter regista apenas os fenómenos testemunhados, indiferente quanto a ajudarem ou prejudicarem a causa do espiritualismo. Nessa qualidade, não tem teorias a avançar, opiniões a declarar, conclusões a publicar. Tem apenas um dever a cumprir: «relatar os procedimentos», como faria, se destacado, os de uma convenção, reunião de massas ou qualquer assunto público.

I

ESCRITA NA LOUSA

A primeira sessão teve lugar no dia 5 de setembro e começou às nove horas da manhã.

Fui conduzido a uma sala no segundo andar da casa. Estava mobilada como tais salas habitualmente são. A janela, virada a sul, tinha persianas de ripas interiores, através das quais o sol da manhã entrava alegremente, tornando a sala «luminosa e como um lírio em flor». Esta condição permaneceu inalterada durante toda a sessão.

Uma leve mesa de toucador de nogueira, sem gavetas ou compartimentos — um simples topo oblongo de madeira, sobre suportes delgados — foi trazida de um aposento adjacente e colocada no centro da sala. Um xaile de lã verde e preto axadrezado foi lançado sobre ela, e uma manta leve de carruagem axadrezada foi espalhada

sobre o xaile, caindo até ao chão em todos os lados da mesa. Sobre a mesa foi colocada uma lousa escolar de seis por dez polegadas, que foi cuidadosamente limpa com esponja, e um pedaço de lápis de meia polegada de comprimento, afiado tão pequeno que era difícil manejá-lo, e quase impossível escrever uma palavra legível com ele.

Estes arranjos completados por mim próprio, e novamente examinados em detalhe e no geral, para detetar qualquer truque mecânico, se houvesse algum escondido na mesa, a Sr.ª Hollis entrou na sala e sentou-se à direita e a cerca de dezoito polegadas da mesa. O Dr. Wolfe estava à esquerda, e a não menos de três pés de distância. A minha própria posição era na extremidade frontal a ambos, de modo que todos os movimentos podiam ser observados.

Tomando a lousa, na qual estava o pedaço de lápis, na mão direita, e erguendo a cobertura da mesa com a esquerda, a Sr.ª Hollis projetou a lousa e a mão até ao pulso sob a mesa, deixando as vestes cair à volta dela. Em nenhum momento mudou de posição, nem qualquer parte do seu vestido ou pessoa, exceto as mãos, quando usadas para projetar ou retirar a lousa, entrou em contacto com a mesa ou a sua cobertura.

Passaram alguns minutos, durante os quais foi mantida uma animada conversa sobre assuntos sociais. Houve tempo para fazer observações pessoais sobre o médium. A Sr.ª Hollis é de meia-idade, mas parece mais jovem do que é; de boa figura; algo robusta; tem olhos e cabelo negros lustrosos, e traços regulares e agradáveis. O seu modo é algo reservado, sempre modesto — o de uma mulher culta e sensível, que, no entanto, esteve suficientemente em sociedade para adquirir uma fácil e graciosa autodomínio. Nesta ocasião, vestia um robe matinal leve, elegantemente mas simplesmente guarnecido.

No meio da conversa, ouviu-se um som de riscar, como de um lápis passado sobre uma lousa. Observei atentamente, durante esta e as escritas subsequentes, a porção do pulso do médium exposta entre o punho da manga e a mesa, mas não detetei qualquer movimento dos músculos; pelo contrário, tinham assumido uma fixidez ou rigidez que vem de suportar um peso numa posição durante algum tempo.

Subitamente o som cessou; o lápis caiu com um clique e rolou sobre a lousa como se tivesse sido erguido alguns centímetros e deixado cair

sobre ela. Este era o sinal, em cada caso, de que a comunicação estava concluída.

A primeira escrita provou ser apenas uma assinatura, escrita numa letra irregular e corrida, na qual o nosso apelido era soletrado foneticamente «Plymton», quase a sua antiga forma inglesa. John tentou comunicar repetidamente, mas com sucesso desanimador. James Plympton veio a seguir, e «Elizabeth Plimpton, de Farmington» (depois de se sugerir a John que agora soletrávamos o nome de forma diferente), mas nenhum deles conseguiu ir mais longe. Foram possivelmente repelidos pela garantia de que todos me eram desconhecidos.

Quando a lousa foi retirada a seguir, estava escrito nela: «Sou Willie Potter, filho do Dr. Potter. Conhece-me?» Foi dito a Willie que não tinha a honra do seu conhecimento. Em resposta, escreveu, e com alguma rapidez: «Estava sempre com o meu pai na carruagem, e pensava que toda a gente me conhecia.»

A pergunta foi então feita oralmente: «Está alguém que eu conheça consigo?»

«Sim», foi a resposta por escrito; «a sua tia Mary, e ela diz que —»

Aqui o lápis caiu. Seguiu-se uma série de respostas confusas, como se os espíritos estivessem consideravelmente «confusos» quanto à identidade. Por exemplo, escrevi uma pergunta num lado da lousa e, virando-a, entreguei-a à Sr.ª Hollis, que a passou sob a mesa. A resposta foi: «Sim, meu filho», o que era totalmente irrelevante. Como, novamente, «Emily está agora comigo.»

A seguinte comunicação inteligível foi recebida a seguir:

«Os seus amigos estão aqui, mas não conseguem escrever.

M. D. Potter.»

Este espécime da chamada escrita espírita preservei para comparação. Pareceu no momento que havia uma semelhança entre a assinatura e a do Sr. Potter, como me recordava dela. Uma comparação subsequente, no entanto, mostrou uma diferença material. Em vida, o Sr. Potter nunca variava a forma de escrever o seu nome. Para aqueles familiarizados com ela, era tão instantaneamente reconhecida como a

do Sr. Spinner, nas notas do tesouro dos Estados Unidos. Escrevia uma letra deliberada, decidida, clara, firme, própria de negócios, e muito característica do próprio homem. A maiúscula «M», na escrita da lousa, era construída de forma radicalmente diferente. Ele nunca a escrevia assim. O «D» tinha alguma semelhança geral. O «P» e o «r» final no nome próprio eram diferentes dos dele.

Pode ser que o lápis (que, como mostrarei, é tomado entre os dedos do que se chama uma mão «materializada») fosse demasiado pequeno para manipulação e modificasse a escrita. Isto foi sugerido por outra experiência. A ponta de um lápis foi partida, e a ponta novamente partida; a parte menor e quase infinitesimal foi colocada numa folha de papel branco e posta sob a mesa. Algumas palavras, sem importância, mas supostamente escritas pelo Sr. Potter, foram escritas, mas a escrita era tão laboriosa como a de um escolar que acabasse de dominar os seus traços; mostrando que o instrumento empregado pela mão espírita modifica a escrita como o faria se fosse segurado por uma mão de carne e osso.

Veio a seguir um pedido para que eu estivesse no gabinete na manhã seguinte, às onze horas, e depois isto:

«Queremos parar toda a manipulação agora.

John Plymton.»

A sessão terminou.

Era notável que a escrita — por exemplo, a de John — fosse consistentemente característica, do início ao fim, e cada uma distinta da outra. Nada de interesse humano concebível foi transmitido, e no único caso em que era possível traçar uma semelhança de escrita, a experiência foi um fracasso. A soletração fonética de um nome não era credível para um espírito de inteligência. Que não houvesse fraude mecânica ou prestidigitação ambidestra na escrita na lousa, disso estava eu inteiramente satisfeito. Aqueles que procuram resolver o mistério devem dar-lhe uma investigação paciente. Denunciá-lo como truque, engano intencional e charlatanice é simplesmente exibir uma densa ignorância ou um preconceito desagradável. Fui assim minuciosamente particular por causa do que se segue.

II

O GABINETE — MATERIALIZAÇÃO

O gabinete, como é chamado, fica no segundo andar de um edifício de tijolos, na parte traseira da casa de habitação. Está numa pequena sala do meio, entre o que pareciam ser dois consultórios, com portas que abriam para cada um, e transoms acima delas que admitiam luz suficiente para ler letra grossa ou para ver cor local. Um tapete no chão, uma estante de livros, três ou quatro cadeiras, uma pequena mesa, sobre a qual estava uma caixa de música suíça, constituíam a mobília. O gabinete estava do lado da parede da sala.

Um espaço, do tamanho de um roupeiro comum, fora separado por uma divisória, do teto ao chão. A porta que abria para ele era peculiar apenas por ter uma abertura cortada um pouco acima da cabeça de um homem. Esta abertura era redonda e talvez com doze ou quinze polegadas de diâmetro. Uma cortina de tecido escuro, pendurada no interior da porta quando fechada, excluía a luz do gabinete. Alguns centímetros abaixo da abertura, e no exterior da porta quando fechada, havia uma prateleira simples de madeira, sobre a qual eram colocadas uma lousa e um pequeno lápis.

Examinei cuidadosamente este dispositivo, sondando a parede. A parede de tijolos do edifício formava um lado, as divisórias de tábuas o lado oposto e as extremidades. Com exceção de uma tira de tapete no chão e de uma cadeira de madeira, estava absolutamente vazio. Não havia um prego ou buraco de prego visível, nem era possível que houvesse alçapões ou aberturas escondidas, portas, painéis ou outros dispositivos de pantomima nele.

A palma da mão direita da Sr.ª Hollis foi profundamente marcada, na minha presença, com cortiça queimada. Ao eu sair do gabinete, ela entrou, fechando a porta atrás de si. Mal tive tempo de atravessar o chão e sentar-me ao lado do Dr. Wolfe, que dera corda e pusera a caixa de música a tocar, quando uma mão aberta apareceu na abertura, com a palma virada para nós; moveu-se duas vezes lentamente da direita para a esquerda e desapareceu.

Outras mãos seguiram com demonstrações semelhantes. Pouco depois, outra apresentou-se, palma aberta virada para nós, depois

virando-se lentamente para baixo, apalpou sobre a lousa na prateleira abaixo e, encontrando o lápis, começou a escrever, segurando-o entre o polegar e o indicador. A escrita ocupou um minuto inteiro, e a mão foi visível por mais outro. Erguendo o lápis alguns centímetros, deixou-o cair na lousa, produzindo o mesmo som rolante que eu ouvira durante a sessão de escrita na lousa. Novamente exibindo a palma aberta, a mão foi retirada. As mensagens pretendiam ser de uma irmã, há muito doente, que morreu há alguns anos, e estavam redigidas em frases de afeto como as que ela frequentemente usava em vida.

Passou algum tempo agora. A caixa de música continuou a tocar. O olho, habituado à meia-luz da sala, captava facilmente todos os objetos. A cor local do papel na parede, as figuras no tapete e a sua textura eram facilmente percebidas. Fui informado de que os espíritos preferiam esta luz suavizada para a materialização no gabinete. Parecendo o tempo tedioso, o Dr. Wolfe disse que os espíritos estavam ocupados a materializar um rosto. Pouco depois, uma aparição — a princípio indistinta, depois mais brilhante e definida — apareceu na abertura. Era um rosto feminino; mas não era conhecido nem pelo doutor nem por mim. Perguntado se era um dos meus amigos; acenou com a cabeça em resposta e retirou-se.

Novamente passou algum tempo, e outro rosto apareceu, mas tão ténue que só conseguimos distinguir os contornos de um rosto de homem. «Têm de fazer melhor do que isso», disse eu, «se querem ser reconhecidos.» Foram feitas mais duas tentativas, a última tão bem-sucedida que exclamei involuntariamente: «Potter!» e instantaneamente uma série de pancadas secas, enquanto o rosto ainda era visível, soou ao longo da divisória. Quando o rosto desapareceu, as pancadas foram rapidamente repetidas com intensa ênfase. O rosto era de tamanho natural, tinha a testa compacta e cheia, o cabelo penteado para trás da maneira como o Sr. Potter o usava. A mistura de grisalho no cabelo e nas suíças era visível. O Dr. Wolfe não o reconheceu até o nome ser mencionado. Esta manifestação durou três minutos.

Pouco depois apareceu outro rosto. «Quem é esse?», disse o Dr. Wolfe. «É uma mulher, usando uma touca», acrescentou. Pensei em todas as avós e tias que conhecera. Parecia haver grande dificuldade na materialização deste rosto. Três ou quatro vezes apareceu, mas foi dito

que não podia ser distinguido. Novamente avançou. O que o doutor confundira com uma touca era o cabelo, penteado para baixo sobre uma testa muito alta e puxado claramente sobre as orelhas. Os grandes olhos azuis serenos, o oval do rosto, o queixo retraído, a expressão lânguida à volta da boca, a cor clara do cabelo eram características inconfundíveis do rosto de uma irmã doente que morreu há dez anos no norte de Ohio, que nunca esteve em Cincinnati, e da qual não existe nenhuma imagem, exceto um velho daguerreótipo desbotado, tirado, talvez, há dezasseis anos. O modo peculiar de usar o cabelo devia-se a uma doença prolongada; era arranjado da forma mais pronta que uma doente podia fazer com conforto para si própria.

A seguir apareceu o rosto de uma mulher, reconhecido pelo Dr. Wolfe como Lizzie Odell — um rosto bonito e cheio, com uma profusão de caracóis negros, e uma fita cor de cereja amarrada através da testa na borda do cabelo, e correndo para trás sobre as orelhas. Lizzie sorriu, acenou duas vezes com a cabeça e passou adiante.

Uma mão apareceu novamente, pegou no lápis e escreveu. Era uma comunicação supostamente da minha irmã. Duas outras mensagens foram escritas pela mesma mão. Da última vez que apareceu, após escrever e deixar cair o lápis, foi subitamente projetada no ar, alto acima e à frente da abertura na porta, exibindo o antebraço nu até ao cotovelo, e tão nitidamente claro e tangível que o modelado e as veias do braço eram distintamente vistos.

Foi tão inesperado que confesso ter ficado estupefato. Estava preparado para ver mãos e rostos, mas isto foi uma sensação. Balançando para um lado e para o outro durante o espaço de trinta segundos, foi retirada. Uma pancada na parede indicou o fim da sessão. A Sr.ª Hollis saiu. A mancha preta na palma da sua mão direita estava inalterada. Em todos os casos, a mão direita fora mostrada, com a palma aberta, para nos mostrar que não estava marcada. O gabinete estava como aparecera antes da sessão.

Tive tempo abundante para observar estas aparições. A mão e o braço não poderiam ter sido os da Sr.ª Hollis. Os dedos eram longos e delicados, o braço bem formado, mas esguio; a textura era a de uma loira, o que a Sr.ª Hollis não é, e o modelado era o de um braço de

rapariga em vez de mulher. Foram mostradas mãos muito mais pequenas do que as do médium.

De modo algum poderiam ter sido dela, e havia nelas o que me pareceu uma suavidade filamentosa, tão distinguível de uma mão viva como, para o olho, o contorno de uma montanha distante coberta de neve é distinguível das nuvens fofas e iluminadas pelo sol que a rodeiam e através das fendas das quais o cume nevado se revela. Pareceu-me também que havia um esforço constante, especialmente no caso dos rostos, para manter o estado de materialização, como se a tendência fosse dissolver-se e «derreter no ar rarefeito». Nos momentos em que a materialização era mais perfeita, havia um brilho curioso no rosto, que não destruía, mas antes realçava, o efeito da cor local no cabelo, nos olhos e na pele.

Esforcei-me assim por declarar claramente o que vi, ou supus ver, e por dar ao leitor uma ideia tão clara e inteligível dos fenómenos quanto me é possível transmitir.

III

O CÍRCULO ESCURO — UM ESPÍRITO ENTREVISTADO

Há três formas de manifestação através deste médium: escrita na lousa, materialização de formas e vocalização. A última, e considerada a mais difícil, ocorre numa sala da qual toda a luz é absolutamente excluída.

O círculo escuro foi marcado para a noite do mesmo dia. Realizou-se num quarto de dormir no terceiro andar da casa de habitação. Cobertores de cama foram pregados sobre as duas janelas. Quatro cadeiras foram colocadas contra a parede, entre uma cama, sobre a qual estava estendido um mosquiteiro, e um roupeiro que continha vestidos de senhora. Sobre a cómoda estava a caixa de música. Um trompete comum de lata estava junto à porta; uma cadeira foi colocada no centro da sala. O Dr. Wolfe, eu próprio e duas senhoras ocupámos as cadeiras junto à parede, e o médium a que estava no centro da sala, a cerca de oito pés de nós.

A noite estava intensamente quente para a estação, e esta sala sob o telhado, da qual o ar bem como a luz estavam excluídos, era opressivamente abafada. Os leques, com que todos estavam providos,

eram mantidos em agitação incessante. Conseguia ouvir o do médium sempre que, durante a sessão, havia um momento de silêncio.

A caixa de música foi dada corda pelo Dr. Wolfe e posta a tocar, e as luzes foram apagadas. Foi mantida uma conversa entre a Sr.ª Hollis e todos nós enquanto aguardávamos alguma manifestação. Em breve, houve pancadas e batidas no chão em várias partes da sala, por vezes desagradavelmente perto, sugerindo a conveniência de cuidar dos calos sensíveis. Cessaram, e agora ouviam-se vozes na sala a cantar trechos das árias de ópera que a caixa de música tocava, e com um tom e ritmo notavelmente bons. Não eram as vozes das pessoas ao meu redor, eu sabia. Não vinham da direção da cadeira da Sr.ª Hollis, e pareciam proceder de uma fonte muito mais alta do que a sua cabeça, e flutuar pela sala. Era um canto sem palavras, a menos que fosse usada uma língua desconhecida para nós.

Tendo a caixa de música esgotado a corda, houve um intervalo de silêncio, e em breve ouviu-se um esforço vocal rouco para falar, mas não claro para o meu ouvido. Depois, ouviu-se uma voz infantil, que o Dr. Wolfe reconheceu como a de uma criança que morrera aos seis anos. A seu pedido, ela cantou um verso da canção «I want to be an angel», em companhia dele. Era inconfundivelmente uma voz de criança, no seu poder vocal e alcance limitados, tom e sotaque imaturos e articulação das palavras, e muito perto de nós.

Novamente, a voz rouca, como de um homem a falar através de um trompete, foi ouvida. Anunciou a presença de James Nolan. Foi descrito como materializado, falando através do trompete, que segurava na sua mão materializada, e como visível para o médium, que também descreveu vários espíritos de pé junto a nós. Este senhor comunicativo, após uma apresentação aos estranhos do grupo e um familiar «Como está esta noite?» ao Dr. Wolfe e ao médium, empreendeu explicar alguns dos mistérios da manifestação espírita. Durante o espaço de uma hora, foi bastante insistentemente questionado por todos nós, juntando-se o médium não infrequentemente à discussão com ele. Não estava em posição para tomar notas, como o leitor facilmente imaginará, e tenho de confiar na memória para um esboço da conversa.

Foi-lhe perguntado por que era necessário escurecer a sala daquela maneira.

Disse ele: «Já reparou num raio de sol que passa através das ripas de uma persiana e cheio de finas partículas de pó. Pois bem, assim a atmosfera está impregnada de eletricidade. A luz aumenta a sua atividade e torna difícil, quase impossível, para nós controlá-la. Esta força, na sua forma refinada, rodeia o corpo humano e passa em correntes sobre ele. É menos ativa na escuridão, e por isso adormecem mais facilmente num quarto escuro do que num iluminado. Parece-lhe razoável?» Admitiu-se que era pelo menos plausível.

A conversa continuou longamente; mas não tentarei relatá-la em detalhe. Foram indagadas as condições do mundo espírita. É sempre luminoso lá? Sim. Tomam conhecimento do que acontece na Terra? Sim: todos os homens e mulheres são acompanhados pelos seus próprios amigos espíritas, que veem os seus atos bons e maus, tentam impressioná-los com impuls microscopy* bons, procurando elevá-los; sentem pena deles quando falham em controlá-los e regozijam-se quando o seu progresso é em direção àquilo que é bom, puro e belo. Então sentem como nós sentimos — têm emoções, paixões, alegrias, tristezas? Sim: mas não temos doença, nem morte. E têm volição e o poder de passar de lugar para lugar? Sim: com a rapidez do pensamento.

* *(Impulse acoustic microscopy), uma técnica avançada que usa pulsos ultrassônicos (ondas de som de alta frequência)*

A questão da responsabilidade moral foi levantada por uma senhora do grupo, decorrendo de algum comentário de Nolan sobre temperamentos e disposições herdados. Nolan sustentou que tudo o que é, é certo, citando as palavras de Pope, e praticamente negou a responsabilidade moral pelo que é feito no corpo. Foi bastante incisivamente interrogado sobre este ponto e disse muito que tem formado matéria de especulação, raciocínio e analogia entre homens pensantes, no qual não entrarei.

Deu um relato interessante de si próprio. Nasceu, disse, no condado de Harrison, Indiana; foi para Gosport; alistou-se no Quinquagésimo Quarto de Indiana (creio que foi isso que disse); serviu três anos; esteve com o General Pope na Ilha N.º 10, e foi com Sherman na sua famosa marcha; foi acometido de febre tifoide algures perto de Atlanta; foi enviado de volta para Nashville e morreu na Maxwell House, então

usada como hospital; esteve insensível alguns dias antes de morrer; viu o seu corpo espiritual deixar o físico, mas ainda parecia inconsciente da mudança até que dois ou três dos seus camaradas, que tinham partido antes, vieram ao seu lado e disseram: «Bem, Jim, vieste para cá»; ao que ele respondeu: «Meu Deus! Estou morto, então?», ao que eles responderam que sim.

Um incidente desta conversa não devo omitir. Perguntou-me se eu não convidara um diácono presbiteriano para estar presente aquela noite. Não me lembrava de nenhum. «Não pediu a um homem chamado Reed para vir?» Lembrei-me então de ter encontrado por acaso o Sr. Reed, do Gazette, naquele dia, na Fountain Square, e de lhe ter dito que ia a uma sessão essa noite, convidando-o, de forma jocosa, a acompanhar-me, ao que recebera uma resposta igualmente jocosa. Jim possivelmente confundira o «homem verdadeiramente bom» do Gazette com o seu parceiro perverso.

A pergunta de Nolan surpreendeu-me, pois o incidente passara completamente da minha mente. Não o mencionara a ninguém, fosse o que fosse que o Sr. Reed tivesse feito.

No final da conversa com Nolan, ouvi uma voz não muito acima de um sussurro, aparentemente a menos de um pé do meu ouvido. Anunciou a presença da minha irmã. A minha mãe, disse ela, e uma tia muito querida (cujo nome deu, e um nome que só poderia ser conhecido por uma pessoa na sala além de mim, e essa uma completa estranha para o médium, o Dr. Wolfe e a outra senhora) estavam presentes, mas não podiam falar. Não usou o trompete e articulava com dificuldade e em tom tão baixo que era necessário escutar atentamente para captar as suas palavras.

O calor na sala tornara-se a essa altura sufocante e, para alívio de todas as partes, encarnadas e desencarnadas, a sessão chegou ao fim.

Tudo o que Nolan dissera acerca da vida espírita, das leis e condições de manifestação, das dificuldades a superar, das subtilezas do médium que empregam — chamado por ele eletricidade refinada, por muitos magnetismo animal, por outros força ódica —, dos caracteres positivo e negativo desta força, do poder da mente sobre a mente no corpo, e do espírito sobre a mente em certas condições simpáticas favoráveis, era-

me familiar de investigações feitas há mais de vinte anos, e abandonadas após me satisfazer das assunções do mesmerismo e da clarividência.

Este negócio de círculo escuro é o menos satisfatório dos três modos de manifestação. Tem-se de depender apenas do sentido da audição. Há oportunidade razoável para truques e engano intencional. No entanto, se o que ouvi nesta sessão foi ventriloquia, não hesito em dizer que a Sr.ª Hollis é a ventríloqua mais extraordinária do mundo, e dotada de tantas vozes como o Orador Puff. Tem capacidade não só para dirigir a sua voz a todas as partes de uma sala, para a avançar e recuar, mas para falar na sua voz natural ao mesmo momento em que fala ventrilocamente, não só articulando palavras diferentes ao mesmo momento, mas construindo frases diferentes e transmitindo ideias inteiramente distintas sobre assuntos totalmente irrelevantes entre si.

O leitor pode tirar as suas próprias conclusões. Pode pronunciar este chamado espiritualismo ilusão, truque, prestidigitação, jogo de mãos, obra do diabo ou dos seus demónios; é-me matéria de total indiferença o que ele pense, ou quanto acredite ou desacredite desta declaração. Nunca tendo sido perturbado por sonhos, premonições, ilusões, monições proféticas, aparições, fantasmas ou outras evidências de indigestão ou nervos desordenados eu próprio, não acredito ter subitamente caído numa condição em que não possa creditar a evidência razoável dos meus próprios sentidos quanto ao que vejo e ouço. Mas como estes fenómenos ocorrem, não é tarefa de um repórter explicar, se pudesse, enquanto empregado nessa qualidade. O meu dever está cumprido, e as condições satisfeitas.

«E então vai fazer um relatório desta coisa?», disse um amigo.

«E por que não?»

«E pretende publicar a declaração?»

«E ainda, por que não?»

«E subscrever o seu nome?»

«E mais uma vez, por que não?»

«Mas que bem virá disso?»

«Não sei; não tenho nada a ver com consequências.»

«Mas será ridicularizado e escarnecido.»

«Muito bem; sou apenas um repórter de coisas que ocorreram. Nisto, como questão de boa-fé, e garantia de que não procuro sobrecarregar a incredulidade, ou praticar sobre o amor popular pelo maravilhoso, não hesito em atestá-lo da melhor forma que um homem que respeita a sua reputação de veracidade pode dar.»

Como ato de boa-fé para com o leitor, afasto-me da impessoalidade que deveria caracterizar o jornalismo, nesta única instância, e subscrevo-me respeitosamente,

F. B. PLIMPTON

CAPÍTULO XVIII

PLIMPTON — CORRY — SESSÕES PRIVADAS — RECONHECIMENTO DE AMIGOS — FLORES ESPÍRITAS — BUCHANAN LÊ E FALA AUDIVELMENTE — UM ESPÍRITO IMPRIME A SUA MÃO EM FARINHA — SOBRE CONDIÇÕES — «UMA APOSTA» — GEO. D. PRENTICE — CORONEL PIATT — TRANSFORMAÇÃO — ESPÍRITOS ILUMINADOS

O relatório do Sr. Plimpton foi lido com espanto por aqueles que anteriormente tinham tratado todo o assunto com ridículo. Foi copiado em vários jornais e despertou interesse geral pelo tema dos fenómenos espíritas. Era o testemunho voluntário de alguém que falara e escrevera eficazmente contra o espiritualismo.

A sua missão era perseguir, quando começou a investigar — punir a Sr.ª Hollis e a mim próprio por ousarmos convidar o público a examinar as manifestações. O facto era bastante patente de que a hostilidade do Sr. Plimpton ao espiritualismo ascendia a uma perseguição daqueles que nele acreditavam, e a sua mudança foi quase tão súbita e inesperada como a do infatuado Saulo que caiu no caminho.

Após a publicação do seu artigo, a Sr.ª Hollis e eu convidámos o Sr. Corry a examinar os fenómenos, que agora começavam a desafiar tanta atenção pública. O Sr. Corry é um homem calmo e deliberado, com muito pouca «especulação nos olhos» ou na conversa. Ainda assim, não é fanático e, neste particular, é diferente de Reemelin. É um progressista, mas move-se lentamente. «Seja paciente!» é o axioma em

torno do qual gira todo o seu sistema de filosofia. Parece mover-se apenas sob compulsão, se o seu entendimento não for claro. A natureza nunca destinou este homem para líder — embora seja um pensador corajoso. Pode planear bem uma luta, mas perderá a batalha por movimento tardio.

O Sr. Corry consentiu juntar-se ao Sr. Plimpton na investigação adicional dos fenómenos espíritas, na presença da Sr.ª Hollis; e enquanto estes dois senhores prosseguem as suas pesquisas, registarei os resultados de algumas sessões dadas a outros cidadãos bem conhecidos.

No dia 12 de setembro, o Sr. Charles Graham, a Sr.ª Mary Graham e o seu filho «Freddie» entraram na sala do gabinete para testemunhar manifestações. O interior do gabinete foi primeiro cuidadosamente examinado, e depois a mão direita da Sr.ª Hollis foi enegrecida com cortiça queimada antes de ela entrar. A porta mal fora fechada sobre ela, quando uma grande mão e braço agarraram o lápis e escreveram na lousa:

«Dar-vos-emos manifestações invulgarmente boas esta noite! Um grande número de espíritos aparecerá!»

No final desta escrita, o lápis caiu, e a mão foi mantida aberta, com a palma virada para a frente, para inspeção. Era uma mão direita limpa, quase transparente, sem qualquer traço de cortiça queimada visível. Não poderia desejar um teste mais conclusivo para provar a materialização de uma mão espírita. Certamente não passaram mais de dez segundos após a porta ter sido fechada, quando a mão limpa apareceu.

Apenas meio minuto após a escrita, uma cabeça e um rosto de senhora brilhantemente iluminados foram vistos com tanta clareza na abertura, que a cor dos olhos e do cabelo podia ser facilmente distinguida. O seu cabelo castanho-escuro estava penteado à Pompadour, com uma fita cor de cereja. Era o doce rosto da minha prima, Lizzie Odell, que já tinha aparecido várias vezes antes. Quando deixou a abertura, o rosto maduro de uma mulher apareceu, que a Sr.ª Graham reconheceu como sendo da sua irmã, Sr.ª Elizabeth Parker. O espírito inclinou-se e retirou-se. Muito em breve, a cortina foi

novamente afastada, para mostrar o rosto e a cabeça de Robert Graham, um robusto homem idoso, que foi imediatamente reconhecido pelo seu filho Charles. Esta materialização durou dois minutos, durante os quais pai e filho se saudaram com palavras e inclinações. A minha mãe apareceu a seguir, mas apenas por alguns segundos, embora fosse uma boa materialização, quando foi rapidamente seguida pela cabeça e pelo rosto de uma jovem rapariga, que foi imediatamente reconhecida pelo Sr. e Sr.ª Graham como uma filha há muito sepultada. Seguindo-se ao desvanecimento deste rosto, foram apresentadas duas mãos e braços de bebé, parcialmente projetados através da abertura.

Estes mal tinham sido retirados, quando o rosto familiar mas doce de Katie Kerns, a irmã do médium, veio plenamente à vista e manteve uma boa materialização durante quatro minutos. O rosto seguinte apresentado foi um fortemente individualizado, que a Sr.ª Graham reconheceu instantaneamente como sendo da sua meia-irmã, Sr.ª Celia Rix, dizendo, ao fazê-lo: «Não há possibilidade de enganar nesse rosto!» Imediatamente após ela se ter retirado, o rosto de Washington avançou para a luz e permaneceu um minuto. Mal se retirara, quando o longo e musculoso braço de Ney foi projetado através da abertura, segurando na mão uma pintura ou retrato espírita de Napoleão Bonaparte.

Foi-me permitido inspecioná-lo de perto. Não sou crítico de arte e sei pouco além do facto de que, quando uma pintura, seja retrato ou paisagem, me agrada, digo-o. Este quadro de Napoleão agradou-me. Estava colorido de forma formosa — os tons de pele eram suaves, naturais e semelhantes à vida. Inspecionei-o de perto durante minutos antes de ser retirado. Numa ocasião subsequente, este retrato foi apresentado, quando o examinei com uma vela de estearina acesa, que segurei a não mais de seis polegadas dele.

O rosto de uma mulher idosa seguiu-se à retirada do retrato, que a Sr.ª Graham reconheceu como sendo da sua mãe. A luz era boa, e a materialização apresentada de forma impecável. Seguindo-se a esta, veio o rosto brilhante e sorridente da pequena Anna Hancock; depois, o de uma rapariga negra, chamada Caroline, que fora uma criada dedicada ao médium. A sua cor era a de uma mulata. Mal se retirara, quando o rosto e a cabeça de Josefina Bonaparte apareceram, o seu cabelo escuro estranhamente arranjado com fios de pérolas. Permaneceu

perfeitamente materializada durante quatro minutos. Após ela se ter retirado, o Sr. Buchanan e o Sr. Douglas apresentaram-se várias vezes na abertura. Foram rapidamente seguidos pelo rosto de uma senhora, que o Sr. Graham declarou ser da sua cunhada, «Jessie». Este espírito permaneceu três minutos na abertura e acenou várias vezes com a cabeça ao Sr. Graham.

Jim Nolan falou agora na abertura, agradecendo-nos as condições que tinham permitido tantas boas materializações. Tinham excedido todos os esforços anteriores em número e completude de detalhes. Projetou então o seu braço para a sala, agitando um lenço espírita durante vários minutos. Isto encerrou a sessão.

Este círculo distinguiu-se pelo número de materializações que tiveram lugar, não menos de dezasseis, seis das quais eram amigos reconhecidos do Sr. Graham e da sua esposa.

As mesmas pessoas, com o Sr. J. A. Tyler, de Newport, Ky., formaram um círculo, uma semana depois. A Sr.ª Hollis estava no gabinete apenas um ou dois minutos, quando uma mão com joias apareceu, segurando uma flor, que parecia uma camélia ou japónica. A luz era suficiente para uma inspeção das mais críticas; ainda assim, aproveitei o privilégio de a examinar com uma vela. Permaneceu perfeita durante um minuto, quando começou a desvanecer-se. Coloquei então a minha mão à frente da luz, projetando a sua sombra sobre a flor, o que lhe permitiu reviver um pouco; pelo menos, a sombra deteria o seu declínio.

Mas para a renovação completa da sua forma e beleza, foi retirada para o interior do gabinete; em breve apareceria novamente com aspeto fresco e perfeita. Este processo de renovação foi repetido vezes, e da última vez foram adicionadas folhas verdes ao caule sobre o qual a flor estava sustentada. A minha atenção durante esta exibição foi dividida aproximadamente de igual modo entre a flor e o belo braço e mão do espírito que a sustentava. Ambos foram inspecionados de perto, e ambos reclamaram uma parte igual de admiração.

A materialização seguinte foi um nenúfar, tão perfeito no seu tamanho, forma e partes constituintes, que quase julguei sentir o seu perfume. Examinei esta flor com o mesmo cuidado que a primeira, e tive tempo amplo para me satisfazer de que o material de que era

formada não era o mesmo que encontramos na flor natural. Esta exibição floral foi encerrada por Josefina agitando um lenço espírita, como se aplaudisse a si própria o sucesso das manifestações.

Mal o lenço fora retirado, quando um rosto apareceu na abertura, que o Sr. Graham identificou como Betsy Parker. Seguiram-se, a intervalos de alguns minutos cada, a apresentação de Lizzie Odell, uma senhora não reconhecida, um menino pequeno e a Sr.ª Sarah Rix; esta última espírito foi imediatamente reconhecida pela sua filha, a Sr.ª Graham. Seguindo-se de perto na ordem do tempo, dois rostos de crianças apareceram, que os seus pais, o Sr. e a Sr.ª Graham, reconheceram como Walter e Emma.

Pela primeira vez foi agora apresentada uma materialização perfeita e completa da cabeça e do rosto de Elwood Fisher. Este espírito fizera várias tentativas para se mostrar ao seu amigo Sr. Corry, mas nunca com inteiro sucesso. A ansiedade do Sr. Corry, penso eu, era a causa do seu fracasso. Materializou-se agora com boa luz e manteve a sua forma durante um minuto e meio. Este rosto de Elwood Fisher é notável, evidenciando poder e vontade de grau invulgar. Tem uma cabeça imensa e uma testa ponderosa, muito semelhante à de Webster; e no entanto, o rosto recordou-me mais o de John C. Breckenridge.

Após Elwood Fisher se ter retirado, vários rostos apareceram, que foram reconhecidos como espíritos que já se tinham manifestado antes; e quando apareceu o de uma senhora, e acenou ao Sr. Tyler, ela respondeu ao nome de Sarah Parish. Depois dela, a esposa do Sr. Tyler veio à abertura e permaneceu tempo suficiente para um reconhecimento completo. Posteriormente, escreveu uma carta ao marido, sobre assuntos privados, que lhe deu muita satisfação.

Seguindo-se a este espírito, muito em breve, veio o Sr. Buchanan. Manteve a sua materialização de forma tão longa e firme, que tive tempo de ir buscar uma carta autógrafa, emoldurada e pendurada na sala este. Entreguei-lha e perguntei se se lembrava de a ter escrito. Recebeu-a da minha mão e retirou-se cerca de meio minuto. Quando reapareceu, a vista do seu rosto mudara de frente completa para perfil. Segurava a carta diante dele, como se lesse. Passou talvez um minuto, quando se retirou e quase instantaneamente reapareceu, de frente completa, entregando-me a carta. Ao fazê-lo, disse, audivelmente:

«Lembro-me muito bem dela, Wolfe; é uma carta de apresentação a Forney!»

Esta manifestação do Sr. Buchanan deterá a mente investigadora pelo seu interesse e significado mais do que comuns. Notar-se-á que duas vistas do seu rosto foram apresentadas; e no entanto, não poderia rodar a cabeça, para o fazer, na luz. Vi os espíritos mudarem de posição durante a sua aparição, mas não para se virarem. À acusação de que estes rostos são planos, estas materializações do Sr. Buchanan são refutação suficiente. A carta foi evidentemente lida pelo Sr. Buchanan, pois anunciou audivelmente o seu caráter. A materialização foi uma das melhores que vi, e, com uma exceção, o falar tão bom como qualquer que ouvi.

Após o Sr. Buchanan se retirar, o Sr. Douglas, a Sr.ª Jessie Graham, o Sr. Robert Graham, David Wolfe e Catherine Holliday apareceram, em série. Este último espírito identificou-se ao Sr. Tyler como sendo de Natchez, Miss. Ele recordou-a bem, após ela se referir a circunstâncias corroborantes. Isto encerrou a exibição de rostos para a noite. O resto do tempo foi consumido pela escrita de mensagens, na lousa, ao Sr. Tyler e ao Sr. Graham.

A sessão foi notável — dezoito espíritos tendo-se materializado, além das flores, mãos, braços e escrita. Durou duas horas e deixou a Sr.ª Hollis muito exausta.

O dia 14 de setembro foi reservado para o Sr. Corry e o Sr. Plimpton realizarem um círculo escuro; mas como o Sr. Corry não apareceu, decidiu-se mudar o programa para a noite e ter um círculo de gabinete, com o Sr. Plimpton e toda a minha família presentes. A noite estava bastante inclemente; por isso, esperávamos manifestações apenas indiferentes.

Não passaram cinco minutos após a Sr.ª Hollis ter sido fechada, quando as mãos espíritas começaram a aparecer na abertura. Estas variavam em tamanho; uma, especialmente, era notavelmente grande. Era a do Marechal Ney e parecia possuir mais poder do que qualquer das outras. Perguntei se poderia deixar a sua impressão num prato de farinha, se eu colocasse um no suporte. A resposta, por pancadas, foi: «Sim.» Enchi um prato oblongo de bife com farinha e coloquei-o diante

da abertura, de lado. Esta posição não era favorável para receber uma boa impressão.

A mão espírita mudou a posição do prato e começou uma espécie de manipulação magnética sobre a superfície da farinha, que durou vários minutos. Retirou-se então para um banho escuro, mas em poucos momentos apareceu novamente e pousou no prato, até que a mão e os dedos ficassem enterrados na farinha. Permaneceu ali meio minuto, quando se ergueu, cuidadosamente, para uma posição vertical, expondo toda a superfície da palma da mão à vista. Estava espessamente coberta com a farinha aderente, não pó, mas espalhada de forma espessa, como se a mão tivesse sido primeiro molhada. A farinha começou a escorrer, começando pelas pontas dos dedos e gastando-se em direção à base da mão.

O caráter notável desta manifestação era que os dedos e a mão se gastavam à medida que a farinha caía, da mesma forma que se tivessem sido formados de neve e derretessem sob o calor de um sol de meio-dia. No final da sessão, não havia uma mão no círculo que pudesse preencher a matriz bem preservada na farinha; e a mão da Sr.ª Hollis mal conseguia preencher mais de metade. Pedi à Sr.ª Hollis que deixasse a impressão da sua mão num prato de farinha, e as duas compararam-se aproximadamente tão bem como um chinelo de senhora e um sapato grosseiro de irlandês.

Seguindo-se a esta experiência, Lizzie Odell apareceu, com o cabelo muito elegantemente preso com a habitual fita clara cor de cereja, e, após sorrir e inclinar-se, retirou-se, para dar lugar ao doce mas pensativo rosto de Mary Plimpton. Havia uma luz brilhante à volta da sua cabeça, que a princípio foi confundida com renda; uma inspeção mais atenta, no entanto, descobriu que era uma auréola espírita. Só conseguiu materializar-se cerca de trinta segundos.

Neste contexto, parece ser um bom momento e lugar para dizer algo sobre o tema das condições do gabinete e da escrita. Tenho observado que qualquer excitação mental ou emocional entre os membros de um círculo tem tendência para perturbar ou destruir as condições através das quais os espíritos se manifestam. No caso de Elwood Fisher, ele nunca, em todos os seus esforços, conseguiu materializar-se completamente na presença do Sr. Corry; mas na presença da minha

família, ou na presença do Sr. Vickers e de outros, materializou-se bem. Será porque o Sr. Corry deseja vê-lo que ele não o consegue fazer? Podemos ver o efeito da vontade de um homem positivo sobre outro que lhe é magneticamente negativo, mas não compreendemos exatamente como isso acontece. Neste caso, a vontade de ajudar parece produzir o efeito oposto ao pretendido, incapacitando em vez de auxiliar os esforços dos espíritos.

Estou perfeitamente ciente de quanta incredulidade esta afirmação pode suscitar na mente de um leitor inexperiente; mas o facto permanece e acabará por obrigar-nos a reconhecê-lo. Poucas pessoas têm uma apreciação adequada da delicadeza das condições através das quais as manifestações são dadas. Estas podem ser tão perturbadas pelas circunstâncias e causas mais insignificantes e aparentemente inconsequentes que os espíritos já não conseguem manifestar-se através delas, tal como não o poderiam fazer num matadouro ou numa destilaria.

Ouvi os espíritos ordenarem perentoriamente à Sra. Hollis que lavasse todo o pó de pérola do rosto, quando ela tivera a tolice de «embranquecer-se» para receber visitas, alegando que não podiam dar manifestações enquanto a pele dela estivesse coberta com tal porcaria. Também lhe é exigido que mantenha o cabelo solto, completamente livre de óleo ou de qualquer tipo de perfume. Os odores de algumas flores são odiosos para as condições; e um lenço impregnado com extrato de doninha ou de frangipani sufocará tanto os espíritos que estes se tornam completamente incapazes de se manifestar.

Um linimento de cânfora e clorofórmio aplicado a um tornozelo torcido de manhã tornará a médium inadequada para manifestações à noite. Uma gota de sumo de cebola ou um toque de asafétida na moldura da lousa impedirá os espíritos de escrever. Do mesmo modo, a presença de algumas pessoas com magnetismos repulsivos e mentes discordantes tornará a médium totalmente inadequada para os usos delicados do mundo espiritual.

Os espíritos recusam-se terminantemente a manifestar-se na presença de pessoas embriagadas e detestam o odor do tabaco. Pode agora compreender-se por que razão os espíritos se manifestam muito melhor na presença de algumas pessoas do que na de outras; e também

por que a experiência de um homem pode não corroborar a de outro. As oportunidades podem ser semelhantes, mas as condições são tão variadas como os temperamentos. Segue-se que, mental e fisiologicamente, os homens podem estar constituídos de tal modo que o mundo espiritual não se pode revelar a eles. Evidentemente, não podem evitar a sua infeliz condição mais do que o leopardo pode evitar as suas manchas ou o etíope a sua pele.

A natureza, através de leis fisiológicas violadas, imprime o selo da incapacidade em algumas organizações, de modo que podem ser compassivamente chamados «aleijados» e tratados como tal quando tentam lidar com assuntos espirituais. Uma monstruosidade deste tipo, para tornar a sua deformidade ainda mais ostensiva, quis apostar quinhentos dólares em como os espíritos não conseguiriam manifestar-se na sua presença! Acho que é uma aposta segura; e o indivíduo, com tanta certeza, sabe que ganharia como se estivesse a jogar com dados viciados.

Mas voltando ao ponto da digressão. Mary Plimpton tinha saído da abertura há apenas alguns minutos quando os seguintes espíritos apareceram, pela ordem de nomeação: M. D. Potter, James Buchanan, Stephen A. Douglas, Sra. D. P. e filho, Anna Hancock, Sarah Powers, Josephine Bonaparte, «Caroline» e George Washington. Havia o espírito de uma senhora de cabelos claros que não pôde ser reconhecida e que não deu nenhum nome. Josephine apresentou o mesmo retrato de Napoleão que já tínhamos visto antes, o qual, disse ela, era uma materialização extremamente difícil de realizar. Sarah Powers usava uma bela flor vermelha no cabelo, do lado esquerdo.

O resto da noite foi ocupado pelos espíritos a escreverem mensagens para os seus amigos. Destas, a seguinte parece ser a única que possui algum interesse público:

«Venho da terra luminosa da paz para vos saudar, meus amigos! Para além do alcance dos olhos mortais, encontrei um mundo de beleza maravilhosa. Ali já não sou um homem sofredor, mas um espírito glorificado. Tudo está bem comigo.

GEORGE D. PRENTICE.»

Pediu-se ao Sr. Prentice que descrevesse os seus sentimentos ao morrer — se estava consciente ou não. Em resposta, escreveu:

«Quando as sombras da morte me cobriam, a minha respiração, pouco a pouco, esmorecia. Os fantasmas do destino reuniam-se densos e rápidos à minha volta. Senti-me, como um pássaro enlacado, impotente para deter o meu destino — a aproximação do mensageiro temido. Como servo indigno da Sua vontade, roguei a misericórdia de Deus; levai-me daqui; seja feita para sempre a Vossa vontade.»

Logo que a mensagem anterior foi transcrita, perguntou-se ao Sr. Prentice se desejava dizer mais alguma coisa, ao que ele escreveu rapidamente:

«Adeus, meus amigos. Em breve caminhareis comigo pela ampla estrada da progressão. Não temais o mergulho do remo que vos transporta sobre o rio da morte, pois ele traz-vos à terra da paz. GEORGE D. PRENTICE.»

Assim terminou uma sessão muito interessante, que durou duas horas. Pretendia-se realizar um círculo escuro durante a noite; mas, como já referido, não aparecendo o Sr. Corry, substituiu-se pelo entretenimento do gabinete. O Sr. Plimpton e o Sr. Corry tinham-se agora tornado profundamente interessados nos fenómenos que dia após dia testemunhavam e eram regulares e constantes na sua assistência, dividindo o seu tempo de forma aproximadamente igual entre a escrita, o círculo escuro e as manifestações do gabinete.

Não marquei sessões com o público que interferissem de alguma forma com as suas investigações. O meu desejo era proporcionar-lhes todas as facilidades para examinarem as instalações e ajudá-los a descobrir os meios exatos que a Sra. Hollis empregava para produzir estes maravilhosos «truques».

Uma noite, sem anunciarem a intenção, estes senhores introduziram o CORONEL DONN PIATT, o conhecido escritor e satírico, como investigador. Pedi ao CORONEL PIATT que se juntasse ao grupo de homens representativos e submetesse o assunto a uma análise minuciosa; ao que ele consentiu. Foi apresentado à Sra. Hollis, que ficou tão agitada que quase desesperei do sucesso do círculo naquela noite. A reputação do coronel como satírico era um grande espantalho para ela.

Este trio — Plimpton, Corry e Piatt — formava um círculo capaz para investigar os fenómenos e descobrir fraude, se alguma existisse. Nenhum destes senhores nutria opiniões favoráveis ao espiritualismo, mas antes um sentimento de hostilidade, acreditando, como milhares fazem, que todo o assunto era um sistema astuciosamente concebido de engano. Como o seu propósito era examinar os fenómenos para uso público, com esse fim tomando atas daquilo que ocorria na sua presença, submeterei oportunamente as suas declarações pessoais, em vez das minhas, respeitantes aos resultados da sua investigação.

Relatarei aqui os acontecimentos de uma sessão que a minha família e o Sr. Plimpton testemunharam, algumas noites depois da realização do círculo acabado de referir. A Sra. Hollis estava encerrada há apenas alguns minutos quando um objeto estranho foi projetado cerca de quinze centímetros através da abertura do gabinete para dentro da sala. Após uma inspeção cuidadosa, verificou-se ser o cotovelo de um braço fletido. Permaneceu nessa posição cerca de um minuto, altura em que todo o braço foi subitamente estendido para dentro da sala.

O braço era simetricamente formado e quase transparente; de um delicado tom rosado e completamente nu. Permaneceu quatro minutos antes de ser retirado e, então, apenas para reaparecer, após alguns segundos, coberto por uma manga de tule branco ou ilusão. Este permaneceu em exposição um minuto, quando, presto!, o braço retirou-se e reapareceu, em poucos segundos, vestido com um rico tecido de seda preta por cima do primeiro, o branco sobressaindo dois ou três centímetros debaixo dele na mão. Deram-se agora diferentes posições ao braço e à mão que, aos olhos de um artista, teriam sido consideradas refinadamente graciosas.

A manifestação continuou três minutos, altura em que o braço foi retirado e rapidamente reapareceu, vestido com um robe de seda verde, ajustando-se mais estreitamente do que a manga preta, e na mão segurava um lenço fantasmagórico, que foi agitado, como «uma bandeira de beleza», meia dúzia de vezes diante dos nossos olhos espantados. Outra transformação, sucedendo rapidamente à última, foi a substituição por renda preta dos anteriores materiais da manga; o lenço ainda sendo retido na mão. Muito em breve o braço foi despojado de toda a cobertura e, como no início, estendido para dentro da sala. A

mão abria e fechava rapidamente, formando um «punho terrível» para uma mulher. Se William Horace Lingard tivesse sido mulher e estivesse no mundo espiritual, eu teria atribuído este entretenimento de transformações ao seu génio; mas como ele não é nem mulher nem «morto», tanto quanto sei, a não ser em transgressões e pecados, o espetáculo era um pouco misterioso.

Apenas alguns minutos depois, a mesma mão graciosa segurava pelo caule uma bela flor branca e pura, de forma estranha, assemelhando-se em tamanho e forma a um «pardal da primavera com as asas estendidas». As folhas pareciam vibrar com vida e quase julguei ouvir o zumbido do seu pequeno movimento no ar imóvel. A nossa inspeção desta «joia» continuou cerca de três minutos.

A materialização seguinte foi um lírio espiritual. Este foi muito admirado, pois é sempre uma beleza graciosa; e nesta ocasião todas as partes da sua estrutura foram perfeitamente apresentadas. Seguiu-se um ramo de violetas e uma glória-da-manhã roxa. Estes foram seguidos por uma flor cor-de-rosa delicada, assemelhando-se na forma à flor da trepadeira-da-virgínia. Todas estas foram bem materializadas e estranhamente belas. A flor seguinte apresentada foi uma rosa, cerca do dobro do tamanho da nossa jacqueminot — incolor e fantasmagórica. A última flor individual apresentada foi um enorme nenúfar, que preenchia toda a abertura do gabinete. Foi a representação mais imponente do reino floral exibida durante a noite.

Seguiu-se uma jarra cheia de flores. Esta era segurada na mão esquerda do espírito, enquanto, com a direita, as flores eram colhidas uma a uma, apresentadas à nossa vista para inspeção e novamente recolocadas. Foi uma cerimónia muito interessante de presenciar.

Como final apropriado para este entretenimento, a pequena Anna Hancock mostrou primeiro o seu rosto sorridente, depois as suas pequenas mãos cheias de botões de rosa. Esta exibição floral foi seguida pela materialização de vários rostos, entre os quais os de Anna P., Katie Kerns, a minha mãe e a minha irmã Emma Francis — as duas últimas ao mesmo instante. Quando apareceram, ambas estavam de perfil — a mãe mais próxima da abertura. Aquilo que considerei notável nestas materializações foi que o rosto da irmã era o mais brilhantemente iluminado, embora o mais afastado da luz na sala.

Posteriormente informaram-me que o poder de iluminar varia tanto como os temperamentos na forma. Todos os espíritos podem materializar-se, mas nem todos podem iluminar. Era um pensamento novo.

A minha mãe falou duas vezes enquanto estava na abertura, pronunciando distintamente primeiro o meu nome, depois o do meu sobrinho.

Depois de se retirarem, Mary Plimpton deu uma materialização prolongada e bela, acenando frequentemente ao irmão, mas incapaz de falar. Depois dela, apareceram o Sr. Potter, do Commercial, e Lizzie Odell; o que encerrou a sessão. A Sra. Hollis foi então libertada após um confinamento de duas horas na sua prisão; e ao sair, não pude deixar de a escrutinar atentamente para discernir, se possível, onde e como ela ocultava na sua pessoa as muitas flores e os delicados tecidos que tinham sido tão elegantemente apresentados através da abertura.

O tempo estava quente e a Sra. Hollis usava um vestido fino; nem sequer um «almofadão» ou «pannier» recheado, onde tais artigos como os que tínhamos visto pudessem ter sido guardados. Empreguei uma detetive — companheira de quarto da médium — para descobrir o esconderijo dos seus «acessórios» e prometi, como recompensa pelo seu sucesso, uma «seda de Antuérpia»; mas nem isso trouxe uma resposta satisfatória. A resposta foi que, a menos que ela os engolisse, não havia outro lugar astucioso de ocultação.

CAPÍTULO XIX

RELATÓRIO DO CORONEL PIATT — SURPREENDIDO E DESCONCERTADO — A VERDADE DESPONTA NA SUA MENTE — NÃO TEM MEDO DE O RECONHECER

O CORONEL DONN PIATT foi o segundo membro do círculo representativo a apresentar um relatório ao público. Começou a sua investigação dos fenómenos espirituais, tal como o Sr. Plimpton o fizera, com a convicção de que a Sra. Hollis era uma impostora, de que eu era seu cúmplice e de que as manifestações espirituais eram fraudes. O anúncio de que ele faria exemplos terríveis da Sra. Hollis e de mim mesmo, caso descobrisse cumplicidade entre nós, não me assustou minimamente. Eu sabia perfeitamente que não havia fraude e que

preferiria ajudar a expor truques do que auxiliar a ocultá-los. Se algum homem me condenasse com base em mera suspeita, eu denunciá-lo-ia como caluniador. Sendo igual a qualquer bom cidadão, por que razão não deveria ressentir-me de afrontas intencionais ou submeter-me a insultos por presumir investigar as alegações do espiritualismo moderno, mais do que o faria por exercer o mesmo direito ao escolher uma religião?

Convidei à investigação para que o público pudesse obter, através de homens representativos, informações fiáveis respeitantes aos factos do espiritualismo moderno. Para a prossecução deste objetivo, o Coronel Piatt dedicou oito dias, consagrando sete horas diárias ao estudo dos seus fenómenos. O tempo não foi suficiente para testemunhar um décimo daquilo que eu vi; mas ele não podia dispensar mais. Viu, contudo, o suficiente para absolver publicamente a médium de fraude; e quanto ao seu humor e gracejos, diz ele: «Tudo isso termina quando a tampa de um caixão é levantada de um rosto amado; e, após muitos anos de longa dor, os traços bem recordados regressam até nós.»

Segue-se a declaração publicada do Coronel Piatt, datada de Cincinnati, 25 de setembro de 1872:

ENTRE OS ESPÍRITOS

Eu estava sentado na sala de redação do Commercial, conversando com um dos seus versáteis editores, que atende pelo nome de Plimpton e que deveria ser conhecido em todo o país como um dos nossos jornalistas mais realizados, e que é conhecido por um amplo círculo de amigos como o melhor tipo de companheiro, quando entrou William M. Corry, antigo do Commoner e das Resoluções do Kentucky, e agora, para todo o sempre, o conversador mais brilhante que alguma vez foi dotado de fôlego, e imediatamente iniciou uma conversa sobre uma mensagem que recebera na noite anterior do seu avô, falecido há muito tempo e bastante esquecido. Esta mensagem, pelo visto, veio sob a forma de um conselho, orientando William a abandonar o Commoner e a dedicar-se aos tijolos. Era certamente bom senso e mostrava que a cabeça do avô era equilibrada, se não brilhante. Pensei que os senhores estavam a brincar e contribui com a minha pequena piada em conformidade.

Sempre houve algo extremamente absurdo para mim no negócio espiritual. Na melhor das hipóteses, parecia uma revelação por buraco de rato e um ataque indecoroso à mobília. Conheci as pequenas Fox em tempos antigos, quando eram bastante bonitas, gorduchas como perdizes e tão cheias de vitalidade animal como alegavam estar de espíritos. Através destas meninas, costumávamos entrevistar São Paulo e Júlio César. Ambos eram representados para mim como homens pequenos, com cabeças calvas e narizes aduncos. Júlio tinha uma barriga considerável, que suponho ter vindo da sua ambição ilimitada; pelo menos, foi o que a Rainha Catarina disse do Cardeal Wolsey.

Descobri, contudo, em breve, que os meus dois amigos estavam a falar a sério e não num estado de espírito propício a brincadeiras. Continuaram a contar-me, um após o outro, as coisas maravilhosas que tinham testemunhado na casa de um Dr. Wolfe, na Smith Street, na presença de uma médium chamada Sra. Hollis, de Louisville, Kentucky. Fiquei, naturalmente, interessado; e, quando convidado a acompanhá-los naquela noite a uma sessão na casa do referido Wolfe, sob a direção da referida médium feminina, aceitei de bom grado.

Às oito horas, estávamos na casa do doutor, uma encantadora residência na Smith Street, mesmo fora da Fourth. Fui apresentado à Sra. Hollis, uma morena bastante atraente, de olhos escuros, pesando cerca de sessenta e três quilos e com uns trinta e cinco ou quarenta anos de idade. Tal como as pequenas Fox, ela é pessoalmente atraente; mas, ao contrário das minhas antigas médiuns, achei-a tranquila e modesta, e até algo tímida. Além das suas atrações pessoais, a característica principal que me impressionou foi a expressão extremamente franca e honesta do seu rosto. Um juiz da natureza humana afastaria toda a suspeita de fraude após um bom olhar ao seu semblante bondoso e gentil.

Fomos de imediato conduzidos através de uma longa varanda até ao edifício traseiro, onde, entre a biblioteca e o laboratório, o doutor erigira para a Sra. Hollis o que era chamado o gabinete. Consistia numa divisória atravessada numa das extremidades da pequena sala, no centro da qual havia uma porta e, no centro da porta, uma abertura circular de trinta centímetros de diâmetro e a cerca de um metro e vinte do chão. Esta abertura estava coberta com tecido preto, enquanto do

lado de fora se encontrava uma lousa com um pequeno lápis de ardósia em cima. O doutor fez-nos examinar as paredes e o chão para nos certificarmos de que não havia maquinaria alguma, enquanto no interior do gabinete não havia nada além de uma cadeira comum. Para este gabinete entrou a Sra. Hollis; mas, antes de o fazer, o doutor enegreceu a palma da sua mão direita. A porta foi fechada, trancada do lado de fora, e sentámo-nos então ao som do tilintar de uma grande caixa de música que continha tanto música como uma lata a cobrir um inseto enlouquecido. A luz do gás brilhava de forma ténue das salas adjacentes de ambos os lados, e ficámos a observar aquele ponto escuro na porta, como três terriers a olhar para um buraco de rato. Em cerca de dez minutos, apareceu uma mão delicada e branca, que parecia oscilar e tremeluzir diante de nós e depois desaparecer.

Ao descer, parecia fundir-se na escuridão. Logo a mão regressou e desapareceu novamente como antes. À terceira ou quarta vez, pareceu tornar-se mais firme, estendeu-se, agarrou o lápis e escreveu algo com fácil rapidez. Depois abriu-se para mostrar a palma branca e desapareceu. O doutor agarrou a lousa e todos nos precipitámos para a outra sala para ler esta mensagem do mundo espiritual. Dizia, em resumo, que alguma figura belicosa sentia certeza de que poderia vencer alguém uma segunda vez. Pensei que a mensagem era dirigida a mim e assim o disse, com a opinião ao fantasma de que isso não poderia ser feito; mas acabou por se revelar que fora dirigida ao Sr. Corry, de um venerável defunto que, nas eras remotas de Cincinnati, surrara o avô dele (de William) e, não querendo apertar mãos sobre o abismo sangrento, estava preparado para lutar novamente.

Esta mensagem, tal como as subsequentes, correspondia ao meu sentido do absurdo, e aborreci bastante os meus amigos com a minha leviandade. Após recebermos quatro ou cinco mensagens, apareceu na abertura uma bola luminosa, muito ténue, que se tornou mais clara, transformou-se numa cabeça, com os traços claramente definidos, e, por um segundo, olhou para nós da abertura. O Sr. Plimpton disse-me que aquela era a sua irmã Mary, morta havia alguns anos, e que era muito impressionante na semelhança. Depois disto, veio uma mensagem dirigida a mim, supostamente vinda de um primo falecido há algum tempo no Condado de Boone, Kentucky. Depois veio outro rosto, aparecendo e desaparecendo como o anterior. A seguir, vimos o

falecido Presidente dos Estados Unidos, James Buchanan, que era tão parecido com a litografia comum da cabeça do velho Funcionário Público que o meu sentido de humor se tornou mais forte do que nunca. Pensei que, se James Buchanan, morto havia muitos anos, só tivesse chegado até à Smith Street, em Cincinnati, era tão lento no espírito como costumava ser na carne.

Parece, no entanto, que o Dr. Wolfe fora, em tempos, o secretário particular do solene velho pump e, ao longo da vida, bastante íntimo dele; por isso, a sua aparição não era tão extraordinária como seria de outro modo. Tivemos então o prazer de ver Stephen A. Douglas. Suponho que Stephen veio porque Buchanan veio, e as minhas dúvidas ultrapassaram a minha diversão quando vi que a reverência que cada um fez em resposta ao «boa noite» do Dr. Wolfe era precisamente aquela que viria de um desenho a crayon num cartão se a extremidade superior fosse inclinada subitamente para a frente.

Eu decidira que todo o assunto era uma fraude engenhosa e inocente, quando a aparição luminosa na abertura se transformou numa cabeça que tanto me chocou que, por um segundo, o meu coração pareceu parar de bater. Fiquei tão surpreendido que, por um instante, fiquei atordoado, e o meu primeiro sentimento foi de indignação pelo que me pareceu uma ultrajante falta de respeito. Isto não estava, porém, bem definido, e no momento em que pude refletir, o facto impôs-se à minha mente de que provavelmente me enganara a mim mesmo.

A minha vista está bastante enfraquecida pelo uso excessivo, e só captara um vislumbre daquilo que tanto me assustara. Era um assunto demasiado sagrado para ser tratado com leviandade, e decidi investigar o caso de perto e, se descobrisse alguma fraude no negócio, fazer um exemplo de pelo menos uma médium.

O rosto apareceu apenas mais uma vez depois disso, e então mais indistinto do que antes; por isso, nada me foi dado sobre o qual pudesse resolver a minha dúvida. Tive, contudo, o suficiente para me convencer de que havia algo mais nisto do que geralmente se atribui a tais manifestações.

Para dizer a verdade honesta, eu fora gradualmente caindo naquele infeliz estado de crença, tão comum nesta era materialista, de que não possuíamos nada em termos de vida espiritual que pudesse ser administrado após a morte. Isto fora-me incutido à força, por ter sido atingido na cabeça, quando descobri, por experiência real, que, ao deixar o físico de funcionar, aquela parte de mim que pensa, quer e recorda deixava também de existir, e tudo ficava em branco até o sangue voltar a circular e o motor material se pôr novamente em movimento.

Durante milhares e milhares de anos, aquele queixo da morte foi atado, e o guardanapo dobrado sobre a boca, para nunca mais ser removido por qualquer mensagem do mundo além. Assim, tal como os teólogos mais eminentes do nosso tempo, chegara à desagradável convicção de que tudo o que havia era aquilo que podíamos sentir, provar, ouvir, cheirar e ver. E, no entanto, através deste buraco de rato vinham factos que pretendiam ser autênticos, abalando as minhas opiniões assentadas e deixando-me completamente à deriva neste assunto.

É um erro comum rejeitarmos uma verdade porque ela não nos chega de maneira digna e imponente. Todos os milagres de Cristo falharam em superar a incredulidade dos judeus, que provinha do facto melancólico de o Messias ter vindo de Nazaré e ter nascido numa manjedoura. Newton obteve a ideia de uma grande lei da queda de uma maçã, enquanto Franklin, com a sua pipa, identificou o relâmpago. E assim, esta revelação surpreendente de uma grande verdade é tão provável que surja quando menos esperada, de forma obscura, como outras o fizeram antes.

Com este espírito de ceticismo, e sem crença em coisa alguma, nem sequer em mim próprio, iniciei esta investigação. Não pretendo entrar nos detalhes dela, pois outros estão a trabalhar neles; mas posso dizer, em resumo, que, ao fim de uma semana em que dediquei diariamente de cinco a oito horas à investigação, fui forçado a concluir que, se não estivera em intercâmbio com os mortos, pelo menos estivera em comunicação com uma inteligência misteriosa, exterior à humanidade sujeita às leis da carne.

A Sra. Hollis deu-me, por exemplo, uma sessão só para mim, na qual eu devia receber comunicações por escrito. Dirigi-me à casa às dez horas da manhã e, em plena luz do dia, sentámo-nos os dois junto a uma pequena mesa de chá, sobre a qual a médium lançou uma cobertura de lã, e, entregando-me a lousa, pediu-me que formulasse qualquer pergunta, mentalmente ou por escrito. Fiz a primeira. Ela colocou a lousa debaixo da mesa e, enquanto conversava sobre outros assuntos, segurava-a ali com a mão direita. Por meio de um espelho que estava pendurado casualmente de tal modo que eu podia ver toda a sua pessoa, notei que a mão esquerda repousava no colo dela.

Em poucos minutos, ouvi o lápis cair sobre a lousa e, ao trazê-la para fora, eis que encontrei escrita nela uma resposta à minha pergunta. Isto continuou durante duas horas e meia, tempo em que formulei quarenta e uma perguntas e recebi o mesmo número de respostas. Em alguns aspetos, estas não eram satisfatórias; ou seja, eu não conseguia perceber que a pessoa que pretendia estar em comunicação comigo enviaria precisamente tais mensagens. Eram respostas, e eram razoáveis, mas nas respostas eu não sentia a origem indicada. Havia uma peculiaridade que me impressionou e até me irritou um pouco. Todas as perguntas que fazia eram testes, enquanto quase todas as respostas eram uma evasão ao teste. E, no entanto, enquanto isto decorria, de forma bastante inesperada e, evidentemente, não solicitada, eram dadas as provas mais conclusivas.

Ocorreu uma circunstância que me espantou, por ser tão inesperada. Eu escrevera uma mensagem na lousa que não queria que a médium visse; por isso, virei-a para baixo, colocando o lápis no lado superior. Nesta posição, ela colocou-a debaixo da mesa. Ouvimos o lápis cair imediatamente e, ao trazer a lousa para fora, não encontramos escrita alguma. Ao virá-la, porém, debaixo da minha interrogação escrita estava a resposta. O espírito escrevera-a no lado inferior; e a médium informou-me de um facto que imediatamente pus à prova — que a escrita continuaria no lado superior, com a lousa pressionada contra a parte de baixo da mesa.

As manifestações mais impressionantes ocorreram no escuro, quando as vozes dos espíritos se tornaram audíveis para nós. O espírito cujo rosto eu vira — e, a propósito, isto repetira-se para mim até não

poder haver dúvida quanto à semelhança, pelo menos, se não quanto à identidade; pois eu obtivera um poderoso óculo de ópera que me revelava até a cor dos olhos e do cabelo — este espírito sussurrou-me longas mensagens que podiam ser ouvidas por outros, facto que me livrou da dúvida de se a minha imaginação não me teria enganado. Mas a manifestação mais impressionante e conclusiva foi num diálogo entre o Sr. Corry e o seu antigo amigo, Elwood Fisher. Isto foi introduzido pela médium a perguntar se alguém conhecia Elwood Fisher, dando uma descrição da sua aparência pessoal. O Sr. Corry disse que ficaria contente por comunicar com o amigo, mas pediu alguma prova de que era mesmo com Elwood Fisher que conversava. Elwood, o Amigo, começou então:

«Lembras-te da pequena loja na Fifth Street?»

«Sim, muito bem», respondeu Corry.

«Lembras-te da primeira vez que me viste lá, sentado no balcão?»

«Muito distintamente.»

«Lembras-te de me levares ao teu pai, que expressou aprovação por mim?»

«Lembro-me de tudo.»

«Lembras-te do Papá Bassett, com a sua longa trança e camisas de folhos?»

«Lembro; e não pensava nele há trinta anos.»

E este tipo de conversa continuou, pareceu-me, durante quase uma hora — esta conversa dos dois amigos sobre os acontecimentos das suas vidas, na qual o que vinha da terra dos espíritos procurava convencer o outro da sua identidade e conseguiu, sem dúvida.

Enquanto isto decorria, a Sra. Hollis informou-me que um cavalheiro bastante robusto estava a examinar o meu braço, recentemente torcido numa roda de carruagem, que se apresentava como cirurgião e se chamava Jesse Judkins. Descreveu-o como um cavalheiro alegre, apreciador de gracejos. Pobre Jesse! Nenhuma palavra mais verdadeira foi alguma vez dita. Após estas comunicações sussurradas, que nos asseguraram que se tornariam mais fortes e distintas, tivemos uma

conversa com Jimmy Nolan. Jimmy falou diretamente, muito parecido com um homem a falar através de um corno, o que não duvido que estivesse a fazer, pois havia um corno de lata na sala; e, tendo decidido que a médium era honesta, esta voz estranha e oca, falando-nos de forma familiar, com à-vontade e fluência, produzia um efeito muito estranho. Não pude deixar de perguntar a Jimmy, contudo, se Greeley ia ser o nosso próximo Presidente.

«Isso não posso responder, senhor; e o senhor sabe tanto sobre isso como eu. Só posso dizer que ele parece ter uma excelente oportunidade.»

Gostaria de poder escrever mais longamente sobre este assunto interessante, mas descubro que, desde que tentei, me retraio da tarefa. Não me envergonho, como muitos, das minhas experiências, nem tenho medo de afirmar as minhas convicções; mas, infelizmente para o meu testemunho, a prova veio até mim numa forma demasiado sagrada para uso comum. O Dr. Wolfe convidara esta senhora para a sua casa, após o que entendo ter sido uma experiência algo infeliz como médium, em Cincinnati, com o propósito de uma investigação calma e cuidadosa do espiritualismo em geral, e do poder e honestidade desta senhora em particular.

De todos os homens proeminentes convidados na cidade, apenas dois puderam ser encontrados com interesse suficiente no assunto para o examinar e relatar os resultados da sua investigação. Aconteceu, acidentalmente, que eu formei um terceiro. Uno-me de coração ao relatório que diz que a médium está acima de qualquer suspeita, e posso acrescentar a minha convicção de que a inteligência com a qual comunicámos estava além, se não acima, das experiências da humanidade material. D. P.

Este relatório do Coronel Piatt foi amplamente circulado pela imprensa do país e comentado de diversas formas — nem sempre com elogios. Entre os jornalistas que não o leram com sentimentos complacentes, pode destacar-se o editor do Cincinnati Commercial. Este homem exibiu tanto zelo como ignorância na sua denúncia dos fenómenos espirituais e das suas pretensões à confiança pública, que o Coronel Piatt julgou necessário repreender o «bruto» com a publicação do seguinte cartão:

MANIFESTAÇÕES NA CASA DO DR. WOLFE

Ao Editor do Commercial:

Parece absurdo que alguém exiba sentimentos numa discussão sobre a realidade ou a patranha das manifestações na casa do Dr. Wolfe. Mas esta ira ou indignação é natural, quando se reflete que questionar as conclusões de alguém, após uma investigação cuidadosa, é atacar a sua inteligência da maneira mais agravante. A parte duvidosa diz, em tantas palavras: «Aqui está um precioso asno; ele acredita que um espetáculo de Punch-and-Judy é uma manifestação dos espíritos!» Esta agravante não é aliviada quando a parte que faz o ataque confessa que não olhou para o assunto; ou, começando a investigar, se satisfaz com o primeiro olhar que revela, sem dúvida, a superficial patranha que enganou os outros tolos.

Admito imediatamente que nas preparações e nos arredores há muito que excita suspeita, e as revelações por buraco de rato provocam o sentido de humor de alguém. Mas tudo isso termina quando a tampa de um caixão é levantada de um rosto amado e, após muitos anos de longa dor, os traços bem recordados regressam até nós.

Agora, neste estado de factos, o ridículo torna-se insulto; pois, se a coisa for uma fraude, não há punição suficientemente severa ou degradante para os perpetradores do ultraje. Se, pelo contrário, houver alguma verdade na manifestação, uma pessoa de mente reta verá que atacá-la com escárnio e riso é pisar, como um bruto, aquilo que se considera sagrado.

Sou, por temperamento e formação intelectual, um cético. Dotado de um apurado sentido de humor, sou dado ao gracejo. Fui arrancado de ambos pelo que vi e ouvi neste chamado espetáculo de Punch-and-Judy e, após oito dias de investigação cuidadosa, fui levado à conclusão de que, quer os espíritos dos mortos tivessem aparecido, falado e escrito para mim ou não, a médium, Sra. Hollis, não tinha absolutamente nada a ver com o assunto, além de estar presente nas manifestações. Qual era a prova que me levou a esta conclusão é exclusivamente da minha conta. Não poderia, mesmo que quisesse, impô-la ao público. Mas, como nunca reconheci uma verdade que tivesse medo de afirmar, ou me retraí da defesa de uma conduta, ou de uma criatura, por receio do

ridículo, asseguro-lhe que qualquer tentativa de explicar estas coisas estranhas com uma acusação de fraude e conluio é uma injustiça para com uma mulher inofensiva e modesta; e uma recusa em investigar o que se considera de importância suficiente para imprimir colunas sobre o tema é uma injustiça para connosco próprios.

Tudo o que desejo dizer, porém, pode ser resumido numa frase. Não estou satisfeito por ter visto os rostos, ouvido as vozes e lido as mensagens escritas dos mortos; mas sei — pois seria um milagre se fosse de outro modo — que as manifestações não foram resultado de qualquer fraude, intenção ou mesmo esforço por parte da médium. D. P.

CINCINNATI, 6 de outubro de 1872

CAPÍTULO XX

CONVERSA EXTRAORDINÁRIA COM JIM NOLAN, À LUZ — UM NÚMERO DE DISTINTOS ESPÍRITOS FRANCESES — CHAMANDO CIDADÃOS DISTINTOS PARA TESTEMUNHAREM — PAIS RECONHECENDO FILHOS — OS MORTOS FALAM E ESCREVEM NOVAMENTE

JIM NOLAN disse, em várias ocasiões, que seria capaz, antes do término do compromisso, de falar comigo durante vinte minutos, enquanto permanecia diante da abertura, com o rosto totalmente à vista. Ainda assim, certa manhã, quando escreveu na lousa que desejava que eu fosse à sala do gabinete para esse fim, confesso que fiquei um pouco surpreendido. Disse que a médium estava em excelente condição e que eu não deveria informá-la da sua intenção. Não contei, evidentemente, à médium o verdadeiro propósito de realizar a sessão do gabinete naquela manhã, mas tive dificuldade em conter-me para não o fazer.

Este silêncio imposto, verifiquei posteriormente, destinava-se a manter a médium passiva. Se ela tivesse sido informada da intenção dele, a sua ansiedade ou agitação teria sido suficiente para frustrar o propósito, dissipando o poder que ele empregava. A Sra. Hollis tem muito a aprender e uma grande dose de disciplina a receber antes que,

por iniciativa própria, estabeleça condições através das quais os espíritos possam manifestar-se da melhor forma. Tanto Nolan como «Ski» me escreveram muitas vezes para fazer certas coisas sem permitir que a médium soubesse o seu objetivo até depois de realizado. Em seu crédito, porém, deve dizer-se que ela raramente se opõe aos desejos deles, quando a sua obediência não a incomoda demais.

Como a maioria das pessoas, a Sra. Hollis, quando lhe ordenam que faça algo, quer saber o motivo em vista antes de obedecer implicitamente — afirmando que já não é criança e não consentirá em ser tratada como tal. Ainda assim, é a mulher mais paciente e passivamente obediente aos desejos dos espíritos que conheci. A palavra deles é lei, mas ela exige a razão da lei; rendendo uma submissão inteligente, mas não se entregando a uma fé irrazoável. «Caminho com os olhos abertos», disse ela, «e não me deixarei guiar.»

Como pedido, acompanhei a Sra. Hollis à sala do gabinete e, ao empurrar a porta depois de ela ter entrado no gabinete, uma voz falou distintamente: «Pare aí!» Era a voz de Jim Nolan, eu sabia; pois ouvira-a cem vezes. Obedeci à ordem, ficando a cerca de sessenta centímetros em frente da abertura, sobre a qual fixei o olhar. Passaram cerca de cinco minutos antes que o tecido fosse posto de lado, quando, bem ao fundo da câmara escura, se tornou discernível o contorno da cabeça de um homem.

Aproximou-se lentamente da luz, até ser vista claramente, embora lhe faltasse a auréola espiritual para a iluminar, como vi em muitos. A luz, contudo, era suficiente para distinguir a cor dos olhos e do cabelo. A pele do rosto era bronzeada pelo sol e escura, enquanto a barba era castanho-escura e farta. Da minha posição, poderia ter-lhe «puxado o nariz» se ele fosse um espírito mentiroso, e tê-lo-ia feito se detetasse fraude nele. Olhei fixamente nos seus olhos durante um minuto, ao que ele se defendeu do meu olhar agressivo cobrindo-os com a mão.

Parecia perplexo ou confuso e, de maneira hesitante e gaguejante no início, disse:

«Vê-me, Doutor?»

«Certamente que sim», respondi; «vejo-o muito bem.»

«Pareço uma máscara?»

«Não muito! Pareço mais um homem.»

«Sinto-me assim neste momento.»

«Espero que seja uma experiência confortável», disse eu.

«Não é; sinto novamente a minha velha febre.»

«Refere-se à febre com que morreu?»

«Sim: a velha febre do hospital.»

«E vai matá-lo novamente?», perguntei.

«Não: mas faz-me sentir muito desconfortável; e, quando me retirar, serei, em certa medida, tão inválido na vida espiritual como era quando entrei nela vindo do hospital.»

«Está a falar melhor. Diga-me, por favor: todos os espíritos, quando regressam, assumem as condições da doença com que morreram?»

«Na maior parte dos casos, sim. Se permanecerem materializados por muito tempo, sim; mas se for apenas por curto período, então não sofrem com os seus antigos males.»

«Isso explica a diferença no poder de materialização exibido por diferentes espíritos?»

«Em parte. Alguns espíritos não conseguem materializar-se de todo, apesar de todas as instruções e ajuda que lhes possamos dar. Outros são tímidos e incapazes sem auxílio; e outros, novamente, materializam-se sem embaraço ou esforço. As condições que rodeiam a médium têm muito a ver com influenciar o poder de materialização e com manter a organização.»

«Por que razão alguns espíritos falam e outros não?»

«Falar requer uma condição completamente passiva — um poder que poucos atingem. Talvez nunca antes um espírito tenha conseguido falar tanto tempo à luz como eu nesta ocasião. Estou a ficar doente e devo retirar-me em breve.»

«Isto é realmente maravilhoso! — os vivos e os mortos trocando novamente ideias. Quem acreditará nisto quando eu fizer o meu relatório?»

«Nem os tolos nem os fanáticos!»

«E temo que muitos que se ofenderiam por serem assim classificados serão incrédulos.»

«Isso perturba-o?»

«Não muito; mas não é agradável ter a integridade de alguém questionada pelo mundo.»

«Lembra-se da história que contei a Vickers?»

«Não: qual era?»

«Uma fábula alemã sobre um homem, um rapaz e um burro.»

«Acho que me recordo agora. Era no sentido de que um homem que procurava agradar a toda a gente acabava por não agradar a ninguém. Em vez de montar o burro, o burro montava-o.»

«Mantenha isso em mente. Tem o sumo da coisa. Seja fiel a si próprio, não poderá então ser falso a ninguém. Devo agora deixá-lo. Há um número de espíritos distintos aqui, que se materializarão depois de a médium descansar um pouco. Adeus.»

Após deixar de falar, Jim Nolan permaneceu na abertura, acariciou a barba com a mão direita várias vezes, fez um esforço para assobiar, «piscou o olho de forma muito maliciosa» três ou quatro vezes, abriu e fechou a boca duas vezes, exibindo língua e dentes, e depois desapareceu. Esta notável entrevista durou vinte minutos.

A Sra. Hollis saiu agora do gabinete, em busca de ar fresco e recuperação, após ter proporcionado a manifestação espiritual mais notável que até então encontrei registada na literatura do espiritualismo. O tempo foi exatamente vinte minutos desde o início da materialização até ao seu desvanecimento. A voz, no início, como já referido, era lenta, hesitante e fraca, mas uma melhoria gradual em todos estes aspetos sobreveio. Ele estava no seu melhor vocalização quando eu disse: «Está a falar melhor», e declinou rapidamente após responder: «Nem os tolos nem os fanáticos.»

O SR. THOMAS WICKERSHAM, de Memphis, Tenn., um cavalheiro de fino temperamento poético, após uma entrevista com Jim Nolan, apostrofa-o assim:

«O ANJO, JIMMY NOLAN.

Deus te abençoe, Jimmy Nolan, e abençoe a tua banda espiritual!

A minha alma saúda-te, anjo, um hóspede da Terra do Verão.

Ouço as vozes espirituais; sussurram-me ao ouvido;

Sei que sou imortal; as almas partidas estão aqui.

A tua vinda, Jimmy Nolan, é maravilhosa para mim;

A minha fervorosa oração foi atendida, a minha alma está livre da dúvida;

Não pensava, na minha fraqueza e desespero crescente,

Que Deus enviaria um anjo em resposta à minha oração.

A tua presença, Jimmy Nolan, como mensageiro da verdade,

É fulgente com a glória de uma juventude imortal;

Inunda de luz aquele rio — a fronteira do país invisível —

Flui através do portal secreto, ordena aos mortais que deixem de lamentar.

Em admiração, Jimmy Nolan, aqui confesso a minha alma

Diante de um poder invisível, de controlo místico.

Quem acreditará neste marvelo — que eu, com respiração mortal,

Tenha falado contigo, imortal, para além da porta da morte?

Em mistério, Jimmy Nolan, assim começou a nossa amizade;

Embora não seja teu Irmão Maçom, sou teu irmão homem;

Na fé, nas obras, no culto, no amor e na oração santa,

«Encontramo-nos no nível, separamo-nos no esquadro.»

No dever e na bondade trabalhamos e labutamos sempre —

Não com essa emulação que busca o espólio do vencedor;

Mas com altas aspirações, em irmandade comum —

A nossa grande recompensa pela ação, a alegria de fazer o bem.

Reconhecemos esse culto místico que os antigos conheciam,

À beira do sagrado Ganges, em eras há muito passadas;

Esse adorar em espírito, com almas em doce acorde,

Quando nos sentamos em silêncio para esperar pelo Senhor.

Não sabemos pela nossa sabedoria o que é esse poder maravilhoso

Que torna cada amante alheio ao passar das horas.

Ele enche e rege todas as criaturas na terra e no céu acima;

Por isso o discípulo amado escreveu: «Deus é amor.»

Não no templo apinhado, não onde o sacerdote assiste,

Mas do nosso quarto secreto, a nossa fervorosa oração ascende.

E a oração assim expirada em secreto, como incenso sobe;

A alegria enche os anjos expectantes; os seus corações oram pelas nossas almas.

Ó, que esse Espírito Santo, ouvido no canto do pássaro selvagem;

Ouvido na voz das águas que, jorrando, espumam ao longo;

Ouvido nas vozes angélicas, que nunca cessam a sua música —

Se torne uma luz para nos animar, para pairar sempre à nossa volta!»

Antes de a Sra. Hollis entrar novamente no gabinete, vários membros da minha família entraram na sala para testemunhar o resto das manifestações. Assim que a porta foi fechada, a mão do Marechal Ney foi projetada do gabinete e, agarrando o lápis, escreveu na lousa:

«1. J. Napoleão.

2. Cardeal Richelieu.
3. Josephine.
4. Hortense.
5. Maria Antoinette.
6. Charlotte Corday.
7. Madame Lafayette.

8. Talleyrand.
9. Murat.
10. Rousseau.
11. Madame De Staël.
12.

«Estes espíritos aparecerão pela ordem em que estão numerados.

NEY.»

Mal tive tempo de tomar nota do acima exposto e recolocar a lousa no suporte, quando o tecido na abertura foi levantado e apareceu um rosto pleno e bem iluminado de Napoleão. Foi, evidentemente, reconhecido de imediato; e após meio minuto falou distintamente: «Vive la France! Vive la France!» Tendo dito isto com um rosto radiante, os traços bem conhecidos do imperador desvaneceram-se gradualmente.

O tecido não caiu novamente sobre a abertura antes de o grande cardeal aparecer exatamente no local onde o imperador se retirara — a cabeça grande, angular e quase quadrada, com largura invulgar entre os olhos; uma touca de veludo preto ajustada, com uma franja de cabelo grisalho por baixo; os olhos grandes e proeminentes; e a boca larga, com os lábios comprimidos. Usava uma barba plena e fina, com vários centímetros de comprimento. Tinha ao pescoço uma corrente, à qual estava preso um crucifixo.

N.° 3. Um belo rosto oval, com grandes olhos escuros, nariz proeminente, boca e queixo pequenos; cabelo preso com fios de pérolas; e uma coroa, cintilante com brilhantes, usada na cabeça. O pescoço e o peito estavam quase literalmente cobertos com fios de pérolas, do centro dos quais pendia um medalhão com a efígie de Napoleão. Estava ricamente engastado em brilhantes ou pedras preciosas.

Seguiu-se a Josephine a sua filha Hortense; o cabelo mais claro do que o da mãe, arranjado em caracóis curtos, com traços muito semelhantes aos da mãe; também usando uma efígie de Napoleão num colar de brilhantes. Como estava finamente materializada, disse aos

presentes: «Aquela é Hortense, a mãe do atual Imperador de França. Não observo que as fotografias do filho tenham alguma semelhança com a mãe.» Se o leitor consultar a página 275, verá o que estes simples comentários provocaram.

N.º 5 apareceu, após o longo colóquio com Ney, com cabeça e pescoço bem desenvolvidos; cabelo muito preto, penteado liso e junto ao rosto. Sem ornamentos.

N.º 6 parecia uma pessoa doente, em posição reclinada, muito consumida pela doença; o rosto afilado e encolhido, e muito pálido, com os olhos fechados. Os lábios pareciam incolores; usava uma faixa branca à volta da cabeça, que, segundo Ney disse posteriormente, fora colocada a pedido da infeliz mulher, poucos minutos antes da sua decapitação, para evitar que o seu belo cabelo se sujasse de sangue.

N.º 7 era um rosto simples e republicano, mas finamente materializado e cheio de vida. O rosto era oval como o de Josephine, mas mais grosseiro. O peito era uma maravilha de beleza, bem visível, com o vestido decotado. Usava um medalhão com a efígie de Napoleão num colar, maior do que os usados por Josephine ou Hortense.

N.º 8 tinha um rosto de aparência singular, com um nariz de falcão, uma curva agressiva na ponta, assemelhando-se fortemente ao nariz do falecido William H. Seward. O cabelo era grisalho e cinzento. A expressão geral do rosto era «astuta», manhosa; o que não me agradou.

A materialização do n.º 9 era fina; mas o estilo das decorações do vestuário e o cabelo encaracolado seriam mais adequados a um príncipe de fatinhos do que a um príncipe de homens. Os cantos da boca deste indivíduo estavam franzidos da maneira mais desdenhosa, embora o rosto parecesse a própria imagem do repouso. Eu chamá-lo-ia um pavão de combate, que usava as suas decorações para exibição festiva, mas as deixava de lado quando entrava em luta.

As outras materializações não foram distintas, pois a médium se queixou de exaustão e pediu para ser dispensada.

Perguntar-se-á agora: «Acredita realmente que os rostos apresentados na abertura pertenciam às pessoas cujos nomes foram anunciados em ligação com eles?» Para ser franco com o leitor, devo dizer que a pergunta é impertinente. O que eu acredito ou deixo de

acreditar não deveria afetar a minha declaração neste assunto. Limito-me a registar o que vi e ouvi. Os espíritos que mencionei apareceram pela ordem que indiquei e da maneira descrita. Se houver alguma dúvida quanto à sua identidade, ignore-a e interesse-se pela proposição maior: «Como apareceram eles ali, afinal?» Não eram autômatos manipulados pela Sra. Hollis. Disso eu estava bem convencido.

Não sou facilmente enganado. Pelo menos, estava todo o tempo atento à presença de fraude. Não houve nenhuma neste caso: afirmo-o arriscando a minha reputação. A conversa com o Marechal Ney foi, para dizer o mínimo, uma revelação das mais maravilhosas! Será possível que a Sra. Hollis consiga fazer tudo, saber tudo e ocultar-se tão bem que desafie a deteção nas suas fraudes? Chamarei outras testemunhas ao estrado. Eu posso estar enganado, mas certamente nem todos podem estar.

A 4 de setembro, a Sra. Augusta Stone, a Sra. Jennie Paul e a Sra. Apoline Smith tiveram uma sessão de gabinete com a Sra. Hollis. Ela entrou no gabinete e, poucos minutos depois, o espírito de uma jovem materializou-se e apareceu na abertura. A Sra. Stone e a Sra. Paul exclamaram, quase ao mesmo instante: «Lizzie Donaldson!» Seguiu-se este espírito uma senhora idosa com um toucado peculiar, que foi reconhecida sem dificuldade como a mãe de Lizzie Donaldson — a Sra. Paul, a Sra. Stone e a Sra. Smith atestaram todas o reconhecimento. Quem veio a seguir? Ora, a Sr.ta Amelia Drewer, de Stockbridge, Massachusetts. Como sabemos? A Sra. Smith assim o disse.

Vários outros espíritos foram apresentados, mas não reconhecidos.

As testemunhas seguintes tiveram uma sessão de gabinete a 7 de setembro. São o Sr. D. H. Hale e o seu filho, Clinton B. Hale, de Indiana.

Estes cavalheiros estavam na sala do gabinete há apenas alguns minutos quando uma jovem, dando o nome de Melvina, apareceu na abertura, e o Sr. Hale reconheceu-a como sua filha. O jovem reclamou-a como sua irmã. Daniel Hale, um tio do Sr. Hale, apareceu e escreveu uma mensagem característica, dizendo: «Estou aqui, graças a Deus!» O Sr. Hale diz que reconheceu o tio. Uma menina pequena apareceu e deu o nome de Emma Beam. Tinha apenas cinco anos, era filha adotiva do

Sr. Hale. Ele diz que era ela. Uma jovem apareceu depois desta criança e escreveu:

«Caro Sr. Hale: como foi bondoso para comigo!

JENNIE BILLINGS.»

O Sr. Hale chorou ao reconhecer este rosto como pertencente a alguém a quem ajudara na sua pobreza.

Com o conhecimento de que as nossas boas ações são assim recordadas, a crença neste tipo de espiritualismo não tornará as pessoas pouco caridosas. A filha Melvina escreveu então uma carta privada ao pai e ao irmão; e, após vários outros rostos não reconhecidos se terem retirado, a sessão terminou.

O Sr. Robert Mitchell, a Sra. Robert Mitchell e o Sr. Stephen H. Burton tiveram uma sessão de gabinete com a Sra. Hollis a 9 de setembro. Apareceram bastantes espíritos, flores foram materializadas e braços e mãos apresentados. Entre os espíritos, o General Joseph Wright, de Indiana, e a Sra. Harriet Mitchell foram reconhecidos.

A Sra. Maria J. Lemon e a Sra. L. A. Chandler marcaram uma sessão de gabinete com a Sra. Hollis para o dia 10 de setembro. A abertura depressa se tornou interessante com o rosto de Mary L. Andrews, que era bastante familiar à Sra. Chandler. A irmã da Sra. Lemon, Lizzie Tucker, apareceu então, trazendo consigo Mary Fairchilds, a filha da Sra. Lemon. O rosto seguinte apresentado era familiar à Sra. Chandler, que o chamou Adeline Durant.

O dia 12 de setembro foi reservado para uma sessão de gabinete para o Sr. W. G. Morris, a Sra. Matilda Withers e a Sra. Mary J. Ball, de Covington, Kentucky.

A estas pessoas apareceram vários espíritos, dando os nomes de parentes com exatidão, mas não foram reconhecidos. Entre eles um rapaz, que escreveu:

«Avó: vou mostrar-te esta noite uma imagem melhor de mim do que aquela velha fotografia desbotada.

[Assinado,] CHARLEY.»

O neto veio, mas não foi reconhecido.

O nome e as circunstâncias foram dados corretamente.

A única sessão em que não houve reconhecimento.

«Ninguém tão cego como aquele que não quer ver.»

As testemunhas seguintes são o SR. RUFUS SLOCOMB e a sua esposa. Vieram para uma entrevista de gabinete a 17 de setembro. Foram dadas quinze boas materializações na presença destas testemunhas; entre elas, a filha deles, CELIA, um rapaz e CLARA RESOR TAYLOR foram distinguidos muito facilmente. Celia escreveu várias mensagens de caráter privado aos pais, além de exibir uma variedade de flores.

A 19 de setembro, o Sr. Samuel R. Bates e esposa e o Sr. Edward C. Urner tiveram uma sessão de gabinete com a Sra. Hollis. Foram dadas onze materializações muito boas, entre as quais foram rapidamente distinguidas a Sra. Elizabeth Bates (por um retrato), a Sra. Lilly Gaylord, a Sr.ta Catherine Urner e o Sr. Philip Grandin. Este último espírito escreveu à filha, Sra. Bates:

«Não chores, minha querida filha; estou muito feliz!»

A Sra. Elizabeth Bates apareceu quatro vezes na abertura. Escreveu:

«Samuel, não te lembras de mim. Eras um bebé quando parti da terra!»

A seguinte comunicação foi escrita ao Sr. Urner:

«MEU FILHO, fiz cinco tentativas para mostrar o meu rosto, mas não consegui. Dá o meu melhor amor à tua mãe. Estou sempre perto dela. George e Catherine estão comigo. Estou muito feliz. Esta é a minha primeira escrita. Conseguirei fazer melhor daqui a algum tempo. Vejo-te todos os dias. BENJAMIN URNER.»

Uma sessão foi marcada pelo Sr. Joseph Abrams, Sra. Zerlina Cahn, Sra. Fannie Hellman e Sr.tas Louisa e Jennie Cahn, para 20 de setembro.

Na presença destas testemunhas, dez espíritos foram materializados e apresentados, além de mãos, flores e lenços. Entre os espíritos estavam JULIET LEWIS, SRA. JULIET BLOOM, SRA. CAHN, SARAH DREYFOOS, ANNA ABRAMS e ISADORE DREYFOOS. Estes foram reconhecidos pelas testemunhas. A Sra. Cahn escreveu à filha, Sra.

Hellman: «Das águas escuras da dor brotará a alegria!» Anna Abrams escreveu uma nota ao pai.

No dia seguinte, 21 de setembro, o Sr. William Sumner, Sr. S. Harvey, Sr. Sidney Omohundro e Sr. J. C. Moore visitaram a sala do gabinete e viram na abertura dez rostos espirituais, entre os quais uma irmã do Sr. Harvey e o seu filho pequeno «Joey»; a Sra. Samuel Shock, de Columbia, Pennsylvania, e J. Moore. Os três primeiros foram reconhecidos. Foram também apresentados mãos, braços, flores e lenços espirituais durante a hora e meia que permaneceram na sala.

A 22 de setembro, foi dada uma sessão de gabinete ao General Rees E. Price, Sra. Price, Sr. Rees Price, Sr. John Price, Sra. Mary M'Duffie, Sr.ta Estelle Matson e Sr. Rees M'Duffie. Na presença deles, doze espíritos apareceram na abertura; entre os quais James Price, Juiz Matson, Sr.ta Sallie Price, Annie Price, Avó M'Duffie, Mary Whipple e «Tio John». Estes foram reconhecidos e alguns deles escreveram mensagens aos seus amigos. Houve também uma bela exibição de flores espirituais, braços, mãos e lenços.

O Capitão James Drouillard e a Sra. Florence Drouillard, de Cumberland Furnace, Tenn., e a Sr.ta Marie Drouillard, de Gallipolis, O., tiveram uma sessão a 29 de setembro, na qual oito espíritos apareceram na abertura. Entre estes, a mãe da Sra. Drouillard, Tio Chambers, Emma Robb e Sadie Drouillard foram reconhecidos. O General M'Pherson, um amigo pessoal e camarada de armas, foi também reconhecido pelo Capitão Drouillard. Jacob Hornberger escreveu o seu nome, que foi reconhecido, e depois Charles Campbell escreveu:

«A minha esposa, filho e eu fomos mortos no acidente ferroviário perto de Nashville, quando a ponte cedeu.»

O nome e as circunstâncias foram reconhecidos.

A mãe da Sra. Drouillard escreveu a uma velha criada: «Querida velha cozinheira, Deus te abençoe!» Depois disto, foi escrita a seguinte mensagem, e o autor identificado:

«MINHA QUERIDA FLORENCE — Estou muitas vezes contigo. O Jimmy está tão contente por teres vindo para aqui. Ó, querida filha! Os

nossos entes queridos estão todos aqui; temos uma bela casa e estamos tão felizes por to poder dizer.

A tua devotada

TIA KIT.»

Outra mensagem foi a seguinte:

«QUERIDA PRIMA FLORENCE — Diz à minha querida esposa que estou feliz. Tentei tanto escrever aos meus amigos, mas estava tão frio que não consegui. Os papéis foram encontrados perto de mim. JIMMY.»

Foi explicado, a propósito da última mensagem, que esta pessoa morreu congelada e que tentara escrever algo pelo qual o seu corpo pudesse ser identificado quando descoberto, e a sua família informada do seu destino.

Após projetar várias mãos, braços e flores, a sessão terminou.

No dia seguinte, a Sra. Robert Mitchell e a Sr.ta Lizzie Couden visitaram a sala do gabinete e testemunharam os rostos materializados de dezoito espíritos. Entre os seus amigos e conhecidos, apareceram Edith Couden, Sra. White, Sra. D. P., Henry Chase Couden, William Craig, James Craig, Governador Joseph Wright, de Indiana, e Capitão Pogue, de Madison, Ind. Braços, mãos, lenços e flores foram também exibidos na abertura.

O Sr. J. W. Hardman, de Louisville, Kentucky, teve a materialização de gabinete mais abundante que foi dada. Havia vinte e seis rostos bem distinguidos, em boa luz, além de vários braços, drapejamentos, joias, flores e lenços. Reconheceu um número de amigos e conhecidos.

O Rev. Thomas Vickers começou a sua investigação dos fenómenos na sala do gabinete a 2 de outubro, mas já estivera anteriormente no círculo escuro e também à mesa de escrita. Como ele próprio fará o seu relatório, a próxima, e última, sessão de gabinete que registarei foi realizada a 5 de outubro.

Este círculo era composto pelo Sr. F. B. Plimpton, Hon. Fisher Ames, Ministro dos EUA em São Domingos, Sr.ta Maggie Baker, Sra. M'Kee, Sr. Andrew De Ford, Sr. John Price e três membros da minha família. Apareceram bastantes espíritos; mas eram na maioria aqueles que já se

tinham materializado antes; entre eles, Elwood Fisher, James Buchanan, Stephen A. Douglas, Katie Kerns, a minha mãe, Lizzie Odell, Mary Plimpton e M. D. Potter. Os espíritos reconhecidos foram Sallie Price, Emma De Ford e Sra. Helen M. Willet. Outros vieram à abertura, mas o seu reconhecimento não foi tão pronunciado. Houve também belas materializações de braços, mãos, lenços e flores, tornando a ocasião interessante.

Por agora, encerro as minhas citações de testemunhas, mas continuarei o testemunho no capítulo seguinte.

CAPÍTULO XXI

ENTREVISTA NOTÁVEL — ELWOOD FISHER IDENTIFICA-SE AO SR. CORRY — JIM NOLAN É REPORTADO FONETICAMENTE POR BENN PITTMAN — A QUESTÃO DO CASAMENTO DO PONTO DE VISTA ESPIRITUAL — AS OPINIÕES DE NOLAN SOBRE UMA VARIEDADE DE ASSUNTOS — «INDICADOR DE PENSAMENTO»

Muitas vezes me ocorreu, enquanto escutava as conversas dos espíritos no círculo escuro, que, se pudessem ser reportadas foneticamente e impressas, o público lê-las-ia com interesse.

Perguntei ao Sr. Benn Pittman se conseguiria reportar um discurso de olhos fechados, ou um que fosse proferido numa sala tão escura que não pudesse ver a mão diante do rosto. Ele disse que sim, pelo menos estava disposto a tentar a experiência. Contratei-o, pois, para reportar o discurso de Jimmy Nolan no círculo escuro e convidei Plimpton e Corry para atuarem como interlocutores.

Era uma situação difícil em que se encontrava. Mal é necessário dizer que o Sr. Pittman tem reputação em todo o país como um dos membros mais bem-sucedida da sua profissão. Ainda assim, para dominar a situação única em que foi colocado — ou seja, não só escrever no escuro, mas reportar com exatidão o discurso de um espírito —, era necessário um equilíbrio nervoso que poucos possuem. Mas, considerando todas as desvantagens da situação, com a ajuda da Sra. Pittman, fez um relatório exato.

À hora marcada, todas as pessoas nomeadas estavam presentes e, com a Sra. Hollis, entraram na sala. Antes de apagar a luz, a sala foi cuidadosamente examinada e não se encontrou nenhum cúmplice oculto. A porta foi então trancada; e, após o Sr. Pittman arranjar os seus utensílios de escrita, sentando-se ao lado do Sr. Plimpton, eu ao lado dele e o Sr. Corry ao meu lado, a luz foi apagada. O Sr. Pittman fez um relatório fidelíssimo do que se seguiu, que aqui se anexa:

UM RELATO DE SESSÃO NO ESCURO

pag 385 da edição 1874

Uma entrevista com o espírito de Elwood Fisher e James Nolan, por parte de William Corry, F. Plimpton e o Dr Wolfe, realizada em 1875.

Após alguns minutos de conversa desordenada o Sr. Carry disse: "Vê alguns espíritos, Sra. Hollis?"

Sra. Hollis: "Vejo, mas não de forma muito distinta. Vejo uma luz estranha ao redor da sua cabeça."

Pergunta: "Que aspecto tem?"

Sra. Hollis: "Tem o aspecto de uma atmosfera iluminada." (Escuta-se batimentos com a corneta no chão.)

Pergunta: "Desejam que cantemos?" (Escutam-se várias batidas rápidas). O Sr. Plimpton canta Oft in the Stilly Night e é acompanhado por vós feminina, supostamente da Sra. Hollie, que é interrogada se era dela.

Sra. Hollis: "Eu nunca canto; não sou capaz de acompanhar um cântico!"

Dr. William: "Eu nunca ouvia a Sra. Hollis a cantar nem a entoar um cântico, desde que passou a ter intimidade com a minha família."

Sr. Plimpton: "Vós bancos e encostas de Bonnie Doon," com acompanhamento de voz feminina, que disseram ser voz de espírito."

Sra Hollis: "Há um espírito de pé junto ao Sr. Corry, que apresentam os nomes dos seus filhos William, George, David, Anna e John. Foi um sócio de McGregor in the Lock. Não consigo obter mais nada. Vejo o

nome de Joshua Langdon. Sr. Corry, vejo o nome Barnet, e um pé pequeno. Que quererá isso dizer?"

C: "Não consegue obter as iniciais dele?"

Sra. Hollis: "São-me fornecidas as iniciais de G. e W."

C: "G. W. Barnett ficou célebre por ter o pé mais pequeno na cidade."

Sra. Hollis: "Vejo um velho muito encurvado com roupas muito gastas; parece estar em estado de aflição. Apresenta o nome de John Clingman."

C: "Eu conheci-o muito bem. Foi chapeleiro."

Sra. Hollis: "Ele diz que sim; a sua filha Eliza ainda vive na sua casa. Ele não consegue dizer onde o seu filho para. Não pensei que viesse, Jim." (Dito em voz baixa)

Jim Nolan: "Eu só permaneci atrás para dar oportunidade aos mais velhos. Como está Sr. Corry?"

C: "Estou muito bem, obrigado, senhor!"

Espírito: "Como está Sr. Plimpton?"

P: "Estou óptimo; fico contente por ter vindo, Jimmy."

Espírito: "Obrigado, senhor! Como está, doutor?"

Dr.: "Estou excelente, Jim! Espero que venhamos a passar um bom bocado esta manhã."

Espírito: "Espero que sim! Como está a médium?"

Sra. Hollis: "Hoje não me sinto muito bem."

Espírito: "Lamento saber disso, mas não lhe posso valer."

P: "Jimmy, temos aqui o Sr. Pittman para relatar a conversa que tiver. Ficaremos encantados por ouvir qualquer coisa que tiver a dizer."

Espírito: "O melhor é que indiquem o assunto sobre o qual desejam obter informação, Sr. Plimpton. É evidente que tem preferência."

P: "Numa conversa anterior disse que quando a morte ocorre, são-nos fornecidos corpos espirituais. Poder-nos-á dizer alguma coisa sobre esses corpos espirituais?"

Espírito: “Eu não disse que lhe são fornecidos corpos espirituais. Vocês têm-nos convosco a toda a hora. O vosso corpo espiritual reside no vosso corpo natural e tem a mesma forma e é apenas um pouco menor em tamanho. O corpo natural assemelha-se a uma velha veste sobre ele. Quando o põem de lado, o espírito sai qual flor que tenha brotado recentemente! Encontra-se então livre, senhor, de todos os defeitos físicos.”

P: “qual será a primeira coisa de que se tem consciência após o espírito ser liberto do corpo?”

Espírito: “Eu senti como que ter saído de um velho par de botas. Eu não tive consciência de estar morto. Pensei que tinha sacudido uma velha veste. Jamais sonhara estar morto, até os meus colegas mo dizerem.”

Pergunta: “Há quanto tempo se encontra no mundo do espírito?”

Espírito: “Há cerca de seis anos.”

Pergunta: “Onde foi que faleceu?”

Espírito: “No hospital, em Nashville, Tennessee.”

Pergunta: “Nesse caso terá sido um soldado?”

Espírito: “Fui: Alistei-me na companhia K Cinquenta e nove dos voluntários do Indiana, e servi até à minha morte. Estive na rendição de Vicksburg.”

Pergunta: “Como foi que chegou a Nashville?”

Espírito: “Eu estive com Sherman na marcha que empreendeu até ao mar. No rio de Etowah adoeci com febre tifóide, e daí fui enviado de volta para Nashville. A Maxwell House era então um hospital, e eu morri lá.”

Pergunta: “Que sensações teve ao morrer?

Espírito: “Eu senti como que adormecer. Podemos recordar qualquer pensamento que tenhamos tido antes de adormecermos; mas ao adormecermos, esquecemos tudo. Assim também ocorre com a passagem para a morte. A minha mente tinha estado muito ativa. Pensei em cada incidente e circunstância da minha vida. Podia ouvir e

ver tudo quanto sucedia que estivesse em relação comigo. Lembrei-me de piadas, diversão e de brincadeiras, e gostei como quando pela primeira vez as escutei à volta da fogueira do acampamento. Tínhamos um Holandês na nossa companhia que sempre tratava das coisas. Ele não permitia que se desperdiçasse nada. Num dia de verão, em Junho, tivemos uma marcha difícil através dos pântanos, no Mississípi, e os 'rapazes animaram-se," ou seja, atiraram com tudo quanto podiam dispensar. A linha de marcha ficou literalmente espalhada com cobertores, botas, bonés, cantis e outras coisas. Diversos vagões de bens valiosos foram desse modo desperdiçados.

O Holandês tentou carregar com tudo quanto pode encontrar, mas ele encontrou em demasia. A pilha sobre as suas costas não parou de crescer até assomar os contornos de uma albarda sobre um elefante. Ele andou atordoado sob essa carga durante diversas horas, a soar e a suspirar. Ele viu a lâmina brilhante de um machado num sítio fora do caminho. Não conseguindo resistir à tentação, encaminhou-se na sua direção, exclamando: 'Tenho que apanhar aquele machado!" Ao se inclinar na sua direção caiu, e quase ficou destroçado ao descobrir que tinha que deixar o machado e as coisas que tinha carregado durante milhas. Tornou-se no mote da rapaziada, que não parou mais de repetir: 'Tenho que apanhar aquele rebelde!"

Pergunta: "Será possível que pudesse estar a pensar nessa anedota enquanto morria?"

Espírito: "Foi antes de eu falecer. Como já afirmei, para mim, a morte assemelhou-se a um adormecer. Quando adormecem não estão conscientes, nem se lembram da hora exata em que adormeceram. O relógio bate as dez, isso é a última coisa de que se recordam. Quando bate as onze já não se lembram. Lembrei-me da anedota — de uma centena delas — mas voltei-me para adormecer com uma pessoa cansada."

Pergunta: "Quando despertou, como foi que a sua nova condição o impressionou?"

Espírito: "Senti como se tivesse eclodido de um sono, de uma bagunça desnorteada. Não me senti adoentado; o que me surpreendeu mais. *Passou-me pela ideia uma vaga suspeição de algo ter acontecido,*

mas não consegui apurar exatamente o quê. O meu corpo encontrava-se no alpendre, e eu reconheci-o. O que me pareceu estranho. Ao olhar ao redor, vi três dos meus velhos companheiros que tinham sido mortos nas trincheiras antes de Vicksburg. Eu enterrara-os; mas ali estavam eles. Olhei para eles espantado, e eles para mim. Um deles disse-me: 'Olá, Jim! Estás de volta?'

'De volta!' disse-lhes eu; 'de volta onde?'

'Ora, aqui, ao mundo do espírito certamente. É um lugar formidável, meu velho.'

"Aquilo foi demais. Quase em agonia eu exclamei: 'Meus Deus! Eu não estou morto!'

'Não, não estás morto, Jim, mas encontras-te no mundo do espírito. Se ainda tiveres alguma dúvida em relação a isso, olha para o teu velho corpo.'

"O meu corpo ali estava, sem dúvida: e em menos de uma hora vi-o a ser carregado do lugar onde o deixara, para uma prancha que o fez deslizar para um vagão mais abaixo Acompanhei-o até à sepultura, como o único espectador interessado no funeral. Voltei ao hospital e vi o cirurgião, as enfermeiras, e os alpendres no quarto.

"Foi há uns dias que fui para o mundo do espírito. Fui à minha mãe, neste mundo, primeiro. Permaneci com ela até ter recebido as notícias da minha morte. Aí senti uma singular ânsia de descanso. Pareceu-me caminhar pela atmosfera, ou melhor navegar através dela, como um pássaro de asas estendidas. Não consigo dizer quanto tempo me levou, mas creio que em cinco minutos me foi dito que me encontrava a cem quilómetros acima da terra. Está a compreender-me Sr. Pittman?"

Pergunta: "Qual foi a sua primeira experiência nesse mundo?"

Espírito: "Eu ia justamente contar que os meus amigos soldados nunca me abandonaram, por estranho que lhes possa parecer a vós, durante o tempo em desde que eu morri até au ir para o mundo do espírito. Jamais vi alguns parentes, apenas os meus amigos soldados, embora tivesse diversas irmãs e irmãos e avós na terra do espírito. Parecia-me estar a pisar terra autêntica. Veio ao meu encontro uma velha senhora, a dizer-me: 'Jimmy, vieste para casa.' Olhei uma e outra

vez para o rosto dela e a seguir disse: 'Ah, avó, é a senhora?' 'Sou, meu caro,' disse ela. A seguir caminhei com ela sobre um solo real onde podia ver flores e árvores, e notei pássaros nos ramos; ouvi-os cantar. Caminhamos uma certa distância, até chegarmos a uma habitação. Eu entrei. Ela disse-me que agora precisava repousar. Deitei-me na espreguiçadeira, ou sofá, e dormi durante horas. Desde a minha morte e o meu regresso à minha mãe, não recordava me recordava de dormir, até esse instante."

Pergunta: "Essa casa ter-lhe-á parecido como as nossas casas?"

Espírito: "Sim, senhor. A mim, pareceu-me igualmente tangível, tanto quanto as vossas casas o são para vós. Mas pareceu-me ter pilares em vez de paredes, e a luz entrava direto na casa. Era perfeitamente branca. Tinha flores e vinhas entrelaçadas ao seu redor; havia instrumentos musicais; livros, mesas, e muitas outras coisas."

Pergunta: "Era muito alta?"

Espírito: "Era de uma andar apelas, mas temos casas com cinco e seis andares."

Pergunta: "As casas já se encontram feitas, ou vocês constroem-nas?"

Espírito: "Alguns constroem-nas, e outros recebem-nas já acabadas. Eu nunca construí uma casa, mas cheguei a fazer planos para a sua construção. No mundo do espírito nós podemos criar tudo quanto o nosso espírito deseje de belo."

Pergunta: "Em que medida as nossas aspirações poderão ser satisfeitas?"

Espírito: "Toda a aspiração santa e cara à nossa alma será realizada ao máximo, e toda a beleza que desejarmos criar neste mundo, criá-la-emos no mundo do espírito; por essa porção de nós viver e crescer para sempre."

Pergunta: "Bom, volte à experiência do sono nessa casa."

Espírito: "Depois de acordar, vi-me rodeado de alguns vinte ou trinta amigos, alguns dos quais jamais tinha visto a quem coloquei a pergunta 'Estarei no céu?', a que me responderam que 'Eu me encontrava na

terra dos espíritos.' Então eu disse, 'suponho que posso repousar para sempre.' A essa altura passou um sorriso pelo rosto deles. Fiquei intrigado por um momento ou dois, quando um se adiantou e disse 'Se ficasses a repousar para sempre não poderias ir além daquilo que és. A terra dos espíritos não é lugar para braços cruzados; aguarda-te um trabalho maior do que alguma vez sonaste.' Imediatamente após a minha morte decidi-me a, caso fosse possível, regressar e convencer o mundo quanto à pós-vida, por eu ter sido um materialista, e não ter acreditado em pós-vida nenhum."

Pergunta: "Tomou essa resolução após a morte, ou antes?"

Espírito: "Imediatamente a seguir, senhor, ao permanecer na Maxwell House, a olhar para o meu corpo."

Pergunta: "Bom, quanto a esses amigos espirituais — seriam eles crescidos em estatura, conforme nós crescidos aqui?"

Espírito: "As crianças crescem; as crianças atingem a maturidade no tamanho

Pergunta: "Mas vocês crescem?"

Espírito: "Bem, não senhor; não no aspeto pessoal."

Pergunta: "Terá visto os espíritos de alguns homens de nota, no mundo do espírito; digamos, Miguel Ângelo, Shakespeare ou Swedenborg?"

Espírito: "Eu vi Shakespeare."

Pergunta: "Pelos seus padrões, quão velho lhe terá ele parecido?"

Espírito: "Cerca de vinte e sete."

Pergunta: "Terão os corpos dos espíritos uma anatomia espiritual?"

Espírito: "Têm, senhor; se perguntar a um homem que tenha perdido um membro, ele dir-lhe-á que ainda o sente. A porção física desse membro foi-se, porém, não a porção espiritual. Ele dir-lhes-á que na realidade sente frio no pé; e os médicos dir-lhes-ão que isso é somente os nervos que lhes estão a transmitir essa sensação, mas que isso é um erro. Se vocês fossem clarividentes, veriam o membro em falta tão perfeito quanto o outro."

Pergunta: “Será utilizado da mesma forma, caso o membro seja extraído?”

Espírito: “É; ele move-se junto com o outro pé. Não existe qualquer deformidade, do nosso ponto de vista. Presumo, senhor, que todos os espíritos nascem com idêntica capacidade. Agora, meus senhores, tenho que explicar. Vejam, por exemplo, o caso de um idiota; vocês dirão que esse espírito terá nascido com dotes inferiores. Eu digo que não! Possui uma organização enferma que não consegue funcionar na perfeição, razão porque mostra uma expressão de imperfeição. Estão a entender-me? Sabem, cavalheiros, que se tiverem uma peça da maquinaria a funcionar mal, ela fará um mau trabalho. O mesmo se passa com maquinaria do cérebro humano; caso esteja imperfeita, dará uma impressão errada.”

Pergunta: “Gostava de perguntar sobre as oportunidades de cultura mental que teve após ter deixado o corpo. Que terá aprendido no mundo do espírito que não conhecesse quando aqui esteve?”

Espírito: “Bem, senhor, não lhes poderia contar tudo.”

Pergunta: “Diga-nos uma das coisas que tenha aprendido.”

Espírito: “Fiquei a saber que sou imortal.”

Pergunta: “Alguma vez tinha suspeitado disso aqui?”

Espírito: “Não, senhor, nunca. Costumava pensar que acreditaria nisso quando o visse.”

Pergunta: “Poderá dizer-nos alguma coisa mais que tenha aprendido desde que deixou este mundo?”

Espírito: “Eu tinha vinte e dois anos quando passei deste mundo, e tudo quanto lhes contei esta manhã foi o que cheguei a saber desde que o deixei.”

Pergunta: “Bom, mas regresse à sua vida espiritual, e diga-nos como, antes de mais, chegou a descobrir esta médium, e como é que opera através dela. Poderia explicar-nos o processo, de modo a podermos compreendê-lo?”

Espírito: “Tentarei, senhor; mas será uma questão bastante difícil. Querem saber quando a descobri pela primeira vez. Bem, conheci o

marido dela no exército; e, como visitei os homens todos do meu regimento, fui até ele, e descobri uma maravilhosa atração pela casa dela. Permaneci semanas por lá, e procurei assumir manifestações. Ela viu-as, mas não lhes prestou nenhuma atenção em particular. Descobri que podia obter partículas do corpo dela com que podia materializar uma mão, e depois dela se retirar, podia pousar essa mão sobre a sua cabeça de modo que ela pudesse senti-la. Essa foi a primeira coisa. Depois de descobrir que podia materializar a minha mão, pensei que poderia materializar todo o corpo; e vim a poder materializar os órgãos da fala, quando a sala estivesse escura depois do anoitecer, de modo a poder sussurrar: Coisa que consegui, e com que muito assustei a minha família."

Pergunta: "Por que é que vocês exigem escuridão?"

Espírito: "Todos os espíritos e médiuns lhes dirão que a escuridão é negativa e que a luz é positiva. Vocês hão de reparar que um raio de luz que entre num aposento escuro por uma fenda; o aposento parecerá estar cheio de poeira. Bem, senhor, esse movimento é a eletricidade e a vida existente na atmosfera. A luz mantem isso em movimento, e numa luz dessas não podemos fazer nada. Mas quando o aposento estiver às escuras, e houver silêncio, podemos reunir essas partículas, e moldar mãos e corpos."

Pergunta: "Nesse caso, precisarão dessas partículas elétricas?"

Espírito: Precisamos, senhor; a atmosfera está repleta de vida, tal como a água."

Pergunta: "Nesse caso, em que sentido será necessário, se conseguem reunir essas partículas da atmosfera, precisem de um médium?"

Espírito: "Bem, senhor, porque será que o açúcar não refinado precisa ser refinado para ficar branco? Ele chega a essa condição passando por um meio; assim nós passamos a eletricidade que reunimos da atmosfera, pelo nosso médium, e refinámo-la. Então torna-se no magnetismo humano."

Pergunta: "O magnetismo não passará de eletricidade refinada?"

Espírito: "É isso, senhor; sim."

Pergunta: "E quando é filtrada, chamam-lhe magnetismo?"

Espírito: "Sim, senhor."

Pergunta: "E temos que permanecer no que é chamado esfera magnética dela, quando falam ou se materializam?"

Espírito: "Sim, senhor; E eu não me posso afastar disso."

Pergunta: "Se conseguisse, materializar-se-ia?"

Espírito: "Não conseguiria falar, senhor."

Pergunta: "Por quanto tempo consegue falar?"

Espírito: "Por tanto quanto a médium puder fornecer o elemento de materialização. Esse é o meu poder — tal como o vapor move a maquinaria."

Pergunta: "Alguma vez será capaz de falar num ambiente iluminado?"

Espírito: "Muito recentemente, com o rosto claramente visível na abertura da cabine, falei com o Dr. Wolfe durante vinte minutos. O doutor poderá confirmar esse facto."

Dr. Wolfe: "Falou, sim, e mantivemos uma conversa interessante."

Pergunta: "Porque não conseguirão falar comigo tão bem como com o doutor?"

Espírito: "Nós podíamos, se nos fornecesse o elemento magnético que ele fornece."

Pergunta: Quanto se estenderá essa esfera magnética do corpo da médium?"

Espírito: "Varia. Por vezes não mais do que sessenta centímetros; outras vezes estende-se até três metros, de acordo com a condição da sua saúde."

Pergunta: "Encontrar-se-á você agora num segmento dessa esfera?"

Espírito: "Esta manhã ela não se encontra em muito boa condição, para manifestações. Encontro-me apenas a uma curta distância dela."

Pergunta: Será que outros espíritos o assistem na materialização?"

Espírito: " Assistem; nós entreajudámos- nos."

Pergunta: "Conseguirá ver-nos quando se encontra numa condição não materializada?"

Espírito: "Conseguimos: melhor, senhor, do que consigo quando estou materializado. Enquanto espírito materializado, não consigo ver mais do que um clarividente."

Pergunta: Numa condição de não materialização, estará este aposento escuro para si?"

Espírito: "Não, senhor."

Pergunta: "Há mais uma pergunta que quero fazer. Vejo nestas manifestações, que requer a assistência de música. De que forma terá a música algum efeito ou influência?"

Espírito: "Realmente não nos traz qualquer bem. Apenas concentra os pensamentos das partes presentes, e torna-as mais passivas."

Pergunta: Nesse caso, se pudessem obter harmonia sem a música, poderiam manifestar-se igualmente bem?"

Espírito: "Podíamos, senhor: por vezes temos música que não é muito agradável, mas ainda assim tende a harmonizar as esferas dos círculos."

Pergunta: "Terá uma consciência mais clara do Grande Criador do que nós?"

Espírito: "Ah, não, senhor: nós não cremos num Deus coroado, num rei. Uma coisa que estava para dizer ao cavalheiro: presumo que saiba que todos compõem o vosso próprio Deus, sim? Tenho frequentemente referido que um Deus sincero é o trabalho mais nobre do homem!"

Pergunta: Quer dizer, cada um de nós cria um ideal, que nós imaginamos ou pensamos ser Deus?"

Espírito: "Sim, senhor."

Pergunta: "E quando mais elevada for a conceção que fizermos d'Ele, mais próximo nos chegaremos possivelmente d'Ele?"

Espírito: "É isso, senhor!"

Pergunta: "Esse Criador manifestar-se-vos-á por alguma forma especial, de que tenham consciência, no mundo do espírito?"

Espírito: "Ah, não, senhor; somente na medida em que estivermos conscientes."

Pergunta: "Numa noite destas, observou que existem esferas além ou superiores à nossa. Que é que nos divide dessas esferas?"

Espírito: "Condições!"

Pergunta: "Como será que as condições distinguem essas esferas?"

Espírito: "Bom, Sr. Plimpton, vou-lhe colocar uma questão: Encontra-se na rua com um bêbado, miserável, mau, desgraçado; que é que o divide desse indivíduo senão a sua condição?"

Pergunta: "Compreendo, sem dúvida; mas não está a entender bem onde eu estava a tentar a querer chegar. Disse que quando entrou no mundo do espírito, ele distava cerca de cem quilómetros da superfície da Terra; depois entrou no que é um mundo real para si, com montanhas e vales, e todos os incidentes da realidade. Aquilo que quero saber é, se aqueles espíritos que partem de vós, e que retornam a vós, e lhes dizem aquilo que viram e experimentaram — se também irão para uma esfera completamente diferente, um mundo criado de novo para eles."

Espírito: "Vão: vocês têm um mundo, e passam da vossa condição para a nossa tal como nós nos preparamos para passar para um mundo além da nossa terra do espírito; ou seja, de uma condição para outra mais elevada ainda."

Pergunta: "Isso prosseguirá indefinidamente?"

Espírito: "Bem, senhor, é-me dito que não existe fim para a progressão: mas os homens na sua infância não conseguem deixar de atribuir um término a todas as coisas."

Pergunta: "Se os espíritos se preocupam tanto com o bem-estar das pessoas, porque será que homens domo Howard, Wesley e Swedenborg, ou homens cujas vidas inteiras foram dedicadas à instrução e à elevação dos seus companheiros, vêm até nós e nos dão p benefício da sua experiência espiritual?"

Espírito: "Eles tentam-no; mas, não se verificará qualquer mudança para melhor até que as condições mudem elas próprias, e até que as leis e sistemas por que sois governados sejam eliminados.

Pergunta: "Que lei, em especial, será eliminada?"

Espírito: "A lei do vosso casamento."

Pergunta: "Quando virá ela a ser alterada?"

Espírito: "Não temos qualquer perspetiva a apresentar de momento."

Pergunta: "Será alguma mudança desejável?"

Espírito: "Ah, é sim, senhor; vou dizer o seguinte: o vosso casamento convencional é fonte de todo o mal."

Pergunta: "Mas as pessoas não deverão casar?"

Espírito: "Devem, mas não sem se conhecerem, e antes de estarem juntos para a vida."

Pergunta: "Dê-nos uma ideia com respeito a isso."

Espírito: "Dificilmente lhes poderei dar uma ideia do que penso; mas sou de opinião que, se um homem e uma mulher casarem, que não sejam adequados um para o outro, quanto mais cedo se separarem melhor. Deixem que lhes ilustre o que quero dizer: Um jovem enamora-se por uma jovem que foi criada nu luxo; e eles casam-se. Ele está determinado a tornar-se um grande homem, caso a riqueza o torne nisso, ou se, na ambição que tiver para atingir esse objetivo, todo bom sentimento que tiver no íntimo for esmagado.

Estão casados há um escasso ano, antes de chegarem a apurar uma coisa — que se encontram separados no afecto milhas, embora vivem sob o mesmo teto. Em breve a esposa destituída de amor fica dececionada. Precisa roubar do homem aquilo de que realmente precisa. Depois de ele se ter retirado, e ido dormir, ela perscrutará os bolsos dele por uma moeda ou um dólar, para comprar alguma coisa de que necessite.

Eles vivem juntos ano após ano, mas no seu íntimo ele sente que, se não houvesse lei que a culpasse por isso, ela tira ria a própria vida, para se livrar daquele que positivamente odeia. Ela cria uma família. Eu

pergunto-lhes o seguinte: não imaginam que os ladrões e os assassinos sejam o resultado desse tipo de casamento? Creio que na atualidade requeiram lei; mas não estou a referir-me às mais baixas condições, mas às mais elevadas.

Observei muita vez o mundo, e constatei a infelicidade resultante dos casamentos destituídos de harmonia, e quase cheguei à conclusão de que é pecaminoso permanecer nessas condições. Poderá, porventura, surpreendê-los, mas acho que as pessoas deveriam viver juntas por uma ano, de forma a conhecerem-se uma ao outro antes de casarem.

Gostaria da saber, cavalheiro, quantos homens haverá nesta cidade, que na presença de uma jovem se comportem conforme ele lhes parece; e quantas senhoras haverão que se apresentem perante os cavalheiros como fazem na presença umas das outras. Culpam-nos por frequentemente causarmos danos do mundo do espírito, que responda pela separação dos homens das suas mulheres; mas só descobrimos que esses danos não são o que provoca isso."

Pergunta: "Na terra do espírito, vocês comunicam uns com os outros numa língua que seja articulada como a nossa aqui?"

Espírito: "Comunicamos; Seria uma coisa desagradável viver num mundo que não tivesse sons."

Pergunta: "Se morreu sem conhecimento do Francês ou da língua Alemã, poderia obter conhecimento de qualquer uma delas, no mundo do espírito?"

Espírito: "Podia, por impressão."

Pergunta: "Nesse caso, tornar-se-ia difícil abrigar qualquer segredo."

Espírito: "Não existem segredos. Vou-lhes dizer algo que está para vir, e que irá pôr cobro a todo crime. Os dois mundos encontram-se sempre juntos um ao outro. Sabem, meus senhores, as pessoas têm receio que os seus atos sejam conhecidos. Muita vez têm medo de agir, mas se soubessem que os seus atos são vistos e conhecidos, procurariam agir de modo diferente da forma que atualmente agem; e aí não existiriam criminosos. Consequentemente, não haveria deceção entre aqueles que estivessem para se casar; e se não existissem senão casamentos harmoniosos, isso produziria crianças harmoniosas.

Ora bem, vou-lhes colocar uma questão. Se um de vocês se visse tentado a roubar, não olhariam para uma lado e para o outro da rua antes, a ver se alguém os veria, antes de cometerem esse ato?

E se soubessem que tinham os olhos postos em vós, vocês cometeriam tal coisa? É precisamente tão natural evitar o olhar quanto é viver. Estão a ver, se vocês tivessem uma verdadeira consciência de que um amigo estivesse a vosso lado em espírito, não evitariam, ou não se sentiriam contidos de fazer muita coisa que agora praticam? Deixem que lhes pergunte, se soubessem que o olhar da vossa mãe estava de olhos postos em vós vocês fariam alguma coisa que a afligisse?"

Sr, P: "Certamente eu agiria como uma influência cautelosa."

Espírito: "Vou-lhe dizer uma coisa. A minha médium recebe impressões. Poderão trazer-lhe cinco criminosos e cinco homens honestos à presença, e vendar-lhe os olhos, e deixar que cada um lhe pegue na mão, que se ele não detetar quais sejam os homens bons e quais sejam os maus, eu nunca mais voltarei aqui para falar convosco. As pessoas jamais têm um pensamento com respeito a ela que ela não capte de imediato."

Sr P: "Eu quero colocar-lhe uma questão de natureza um pouco pessoal. A minha mãe falou-me, e não me resta a menor dúvida de que tenha sido a voz dela , mas nunca cheguei a ver-lhe o rosto. Bom, acha que a poderia ajudar a manifestar-se?"

Espírito: "Não sei, senhor. Tentá-lo-ei, antes da minha médium voltar para casa."

Pergunta: "Terá alguma invenção ou instrumentos no mundo do espírito que nós não tenhamos?"

Espírito: "Todas as invenções que vocês têm vieram do mundo do espírito. Declarei isso ao Dr. Wolfe, ao lhe falar do telégrafo elétrico e da grande ponte (NT: Algo que se prendia com o uso da telegrafia, então em desenvolvimento, para contacto com o mundo do espírito). Temos um instrumento já pronto a ser dado ao mundo, tão logo um médium adequado seja descoberto para o rececionar. É chamado "INDICADOR DE PENSAMENTOS"."

Pergunta: "Como é que atua?"

Espírito: "Indica o pensamento num instante."

Pergunta: "Fá-lo-á por meio de símbolos, tal como letras?"

Espírito: "Fá-lo por meio de caracteres. O instrumento de que falo virá a ser usado na Terra daqui a uns sessenta anos. Vocês não vivereis para o ver; mas lembrem-se daquilo que lhes disse."

Pergunta: "Como é que esse instrumento funciona?"

Espírito: "Ele indica o pensamento no papel tão rápido como se feito por meio da eletricidade — tão rápido quanto nós pensamos."

Pergunta: "Farão tais registos no mundo do espírito atualmente?"

Espírito: "Muitos dos nossos melhores escritos são dados desse modo."

A esta altura da entrevista a Sra Hollis queixou-se de exaustão, e Nolan, após nos agradecer pela paciência demonstrada, silenciou. A sessão terminou.

CAPÍTULO XXII

FENÓMENOS ESPIRITUAIS VISTOS PELO HON. WM. M. CORRY — ESCRITA, CONVERSA E MATERIALIZAÇÃO ESPIRITUAL — UM GRUPO DE ANTIGOS CIDADÃOS VEM PARA A FRENTE — ELWOOD FISHER ENTREVISTADO — MOSTRA PARTE DO SEU ROSTO — MANIFESTAÇÕES ESPANTOSAS

O RELATÓRIO do Hon. William M. Corry merece atenção especial, pois ele é amplamente conhecido em todo o país. Este é o terceiro relatório da série, dado por homens representativos, e traz no seu rosto a ingenuidade característica pela qual o seu autor se distingue. Sem mais introduções, segue-se o seu relatório:

MANIFESTAÇÕES ESPIRITUAIS

DECLARAÇÃO DE W. M. CORRY SOBRE A SUA EXPERIÊNCIA.

PRIMEIRA SESSÃO

FUI à casa do Dr. Wolfe, n.º 146 da Smith Street, a seu pedido, em setembro passado, para uma sessão espiritual, havendo muita discussão sobre o assunto na cidade.

Eram dez horas da manhã quando a Sra. Hollis se sentou ao lado da pequena mesa, com um pano leve em cima, no centro da sala, e eu sentei-me perto dela, na extremidade da mesa. Havia luz suficiente para ver os objetos distintamente e para tomar notas. Ela segurava uma pequena lousa, com um pedacinho de lápis em cima, na mão, debaixo da mesa. Todo o braço, acima do pulso, estava visível, e a outra mão pendia ao lado dela. Conversou sobre temas comuns comigo, enquanto nesta posição, durante dez minutos, quando ouvi o lápis cair na lousa. Ela produziu imediatamente a lousa, e nela não havia nada além de uma marca parecida com a letra V; o lápis estava lá, e pedi ao espírito que fizera a marca que me escrevesse uma mensagem.

Após alguns minutos de demora, veio o seguinte, que foi a minha primeira comunicação. Estava em duas linhas, assim:

«John Corry.

William.»

Escrevi então: «Descreva-se, para que eu o possa identificar.»

A resposta foi dada: «William Corry, seu pai. Estou aqui.»

Isso levou pelo menos cinco minutos.

Escrevi novamente: «Escreva, por favor, uma frase sobre qualquer coisa que deseje dizer.»

Passaram mais cinco minutos, quando veio esta resposta: «Respeito a sua firmeza em manter-se fiel ao seu partido.»

A palavra firme estava sublinhada.

Incentivado por esta alusão à política, pois eu acabara de suspender o meu jornal semanal democrata, o Commoner, fiz esta pergunta: «Deveria o Commoner continuar?»

Em cerca de três minutos, a resposta foi: «Não, receio que não.»

Não sendo a resposta positiva, repeti a pergunta, assim: «Deveria o Commoner prosseguir?»

Em mais três minutos, a resposta foi dada: «Deixe o Commoner. Faça tijolos.»

A escrita não era clara, e eu disse: «Escreva mais legível, por favor. Por que razão deveria o Commoner parar?»

Após o intervalo habitual, a resposta foi: «Faça tijolos, William.»

Esta foi o fim da conversa, naquela altura, com o que pretendia ser o espírito do meu pai. É apropriado explicar a injunção sobre fazer tijolos, dizendo que eu estou no negócio de fabrico de tijolos prensados, sob a patente de George C. Bovey, por maquinaria a vapor, e que, há vários anos, lhe tenho dedicado atenção, pensamento, tempo e dinheiro. Esta é a primeira encorajamento que recebi de qualquer lado; os vivos parecem ter um santo horror às máquinas de tijolos. Posso acrescentar, contudo, que, se os mortos também fossem contra mim, ainda levaria algum tempo antes de desistir, tal é a minha confiança na invenção e nos meus associados. Faço esta declaração para mostrar que a minha própria mente tem estado cheia do assunto do fabrico de tijolos, o que alguns podem pensar que explica a injunção paternal.

A sessão continuou. A mensagem seguinte foi de outro espírito, que escreveu: «Lembra-se de Joseph Gest?»

Perguntei: «É você Joseph Gest, o antigo agrimensor da cidade?»

A resposta pronta foi: «Sim.»

Perguntei novamente: «Por que pergunta?»

A resposta veio: «Ele quer a filha Clarissa.»

Perguntei: «O que quer dela? Escrever-lhe-á?»

Nenhuma resposta.

Continuei: «O que tem a dizer?»

A resposta foi: «Quero que lhe digas que estou aqui.»

Perguntei: «Tem alguma coisa a dizer-lhe?»

Em um par de minutos, veio isto: «Diz a Clarissa que a minha esposa e o pai dela, Dr. John M., estão aqui.»

Não conseguia decifrar o nome do doutor; toda a mensagem estava mal escrita, e o nome, embora estivesse na lousa, não era legível. Pedi que o nome fosse escrito mais claro e apaguei a mensagem. Em um minuto ou assim, a lousa foi produzida, com a palavra «Moore», em caracteres muito claros.

Perguntei então: «O que mais quer, e quem é você?»

Em dois minutos, a resposta foi: «Sou Joseph Gest.»

Perguntei então: «O que tem a dizer?»

A resposta foi: «Conheces Erasmus?»

Respondi: «Sim: tem algo particular a dizer sobre Erasmus, ou sobre a sua esposa? Ela morreu.»

No intervalo habitual, a resposta foi: «Sim, não. Diz a Clarissa que a minha esposa e o doutor estão comigo.»

Continuei: «E sobre Erasmus? Disse-lhe que o conhecia.»

Após três minutos, a resposta veio: «Ele deve cuidar de si próprio.»

Perguntei então: «O que quer dizer com isso?»

A isto, não houve resposta. O Sr. Joseph Gest foi agrimensor da cidade durante muitos anos e morreu aqui, não há muito tempo, em idade avançada. Ele e a família eram quakers e usavam a linguagem simples na conversa. Clarissa e Erasmus são dois dos seus filhos; e, ao perguntar ao último, ele disse-me, o que eu nunca soubera antes, que o nome do avô era Dr. John Moore.

Em poucos minutos mais, ouviu-se o ruído da escrita na lousa e, quando mostrada, estava escrito bastante ao longo dela, numa letra ousada, o nome de «Lafayette Neville».

Perguntei: «O que tem a dizer?»

A resposta foi: «Fico contente por vê-lo, William.»

Perguntei: «Como posso servi-lo? Ficarei contente por o fazer. Quer enviar alguma mensagem à sua viúva?»

A resposta foi: «Diz apenas a Caroline que estou feliz.»

«Alguma outra mensagem?», perguntei.

Nenhuma resposta. Eu conhecia bem o Sr. Neville; e Caroline é o nome da viúva dele.

A seguir, houve uma escrita ilegível. Eu disse: «Escreva isso novamente.»

A resposta foi: «Você tem a casa do Dr. Curtis.»

Perguntei: «E daí? E o que quer dizer?»

A resposta veio: «Não tem» — ilegível.

Pedi que a palavra ilegível fosse escrita mais clara.

A resposta foi: «Não tem medo de fantasmas lá?»

Perguntei: «Por que pergunta isso?»

A resposta foi: «O doutor (palavra ilegível) homens.»

Pedi: «Responda claramente, por favor. Qual é a palavra do meio?»

«Dissecava. Ele cortou-me. Sou James Nigger.»

«O que quer dizer com Nigger?»

Resposta: «De cor, quero dizer.»

A esta altura, tínhamos passado uma hora e meia, e houve uma batida viva, o que fez a Sra. Hollis perguntar se havia mais espíritos que desejassem comunicar. A resposta foi uma batida negativa única.

SEGUNDA SESSÃO.

Na primeira sessão que descrevi, não havia acessórios discerníveis de todo; mas na sessão de gabinete a caixa de música é ligada no início e não para de tocar até ao fim.

Estive presente com o Sr. Piatt e o Sr. Plimpton numa sessão de gabinete, realizada na casa do Dr. Wolfe, mas noutra sala, que foi arranjada para conveniência da médium e dos visitantes. Fica no segundo andar, numa pequena sala, entre duas outras que estão iluminadas a gás. Num dos lados desta sala, foi erguida uma fina divisória de tábuas, do chão ao teto, a cerca de setenta e cinco centímetros da parede. Examinámo-la e não encontramos nada além de uma cadeira para a Sra. Hollis se sentar. A luz foi baixada, mas não tanto que não pudéssemos ver distintamente os rostos e formas uns dos

outros, e a mobília. As portas que comunicavam com as duas salas das extremidades estavam quase fechadas, para excluir a luz. A palma da mão direita da Sra. Hollis foi marcada com cortiça queimada. Ela entrou no gabinete e fechou-se lá dentro, a porta tendo, a uma altura de um metro e vinte, uma abertura redonda de trinta centímetros de diâmetro, sobre a qual pendia um pedaço de tecido quadrado, do lado de dentro. Não creio que este tecido tenha sido alguma vez levantado, mas dizem-me que o doutor acredita no contrário.

A caixa de música estava a tocar e, em breve, uma mão e pulso apareceram rapidamente na abertura; depois outra, e outra. Todas estas mãos eram de aparência feminina e moviam-se livremente, para cima e para baixo, para a frente e para trás; mas sempre, quando uma desaparecia, mostrava a palma por último, e nela não havia marca. As mãos eram todas direitas e cada uma retirava-se antes de outra aparecer. Pareciam naturais, e pedi, várias vezes, para as tocar ou ser tocado por elas; mas o doutor, que estava sempre presente, não consentiu, embora dissesse que ele próprio o fizera e que podia ser feito.

Uma mão pegou no pedacinho de lápis que estava na lousa, colocada numa prateleira mesmo debaixo da abertura, e escreveu: «Juiz Burnet» — isso, e nada mais. Perguntámos se o Juiz Burnet comunicaria, mas houve uma resposta negativa por batidas. O Dr. Wolfe fazia geralmente as perguntas durante a sessão, embora todos se sentissem à vontade para conversar e pedir explicações aos espíritos.

Uma mão saiu da abertura, à vista de todos, e escreveu uma mensagem na lousa, pegando no lápis e segurando-o exatamente como qualquer pessoa faria. A mensagem era: «Major Ben, ainda consigo vencê-los!»

Alguém perguntou: «Quem é você?»

A mão saiu novamente e escreveu a monosílaba «Barr».

O Sr. Piatt pensou que compreendera a pergunta e que era para ele, mas perguntou: «Essa mensagem era dirigida a mim?»

A mão saiu novamente e escreveu: «Sam B. Keys saberá.»

O Sr. Piatt pediu ao espírito que fosse mais específico.

A mão saiu novamente e escreveu: «Era seu parente.»

O Sr. Piatt perguntou: «É você Sam B. Keys?»

A mão escreveu então: «Major Barr.»

Pensei que a mensagem provavelmente não era para o Sr. Piatt, mas poderia ser para mim; por isso, relatei que, entre outras qualidades viris do Major Barr, nos seus primeiros dias, estava uma propensão para lutar; e que, numa ocasião, houvera uma grande batalha entre ele, um comerciante, e o meu avô, Thomas Fleming, um agricultor do Condado de Butler, no Mercado Inferior, por causa de um quarto de vaca, na qual ambos saíram mal. Enquanto eu contava a história, houve uma batida vigorosa dentro do gabinete, que, pelo que entendo, indicava aprovação.

James Buchanan, ex-Presidente, apareceu a seguir e foi reconhecido por mim e pelos restantes. Ele é um hóspede constante na casa do Dr. Wolfe. A cabeça bem conhecida, a gravata branca e o cabelo branco avançaram. O Dr. Wolfe saudou-o com: «Boa noite, Sr. Buchanan!», o que foi reconhecido com um aceno, e em um ou dois minutos retirou-se, tendo avançado até à abertura e recuado várias vezes. A aparência era precisamente a de um grande retrato litográfico. Seguiu-se uma mão na lousa, que escreveu: «Corry passou três dias em Wheatland.» O Sr. Buchanan veio novamente várias vezes. Stephen A. Douglas também fez a mesma aparição e pantomima, a ação das duas cabeças, a única parte visível, sendo em cada caso perfeitamente característica.

A seguir, vi distintamente uma cabeça feminina, que reconheci como a da falecida Sra. Donn Piatt. O cabelo estava arranjado ao seu gosto, e a expressão era exatamente como a dela. Ela veio várias vezes, mas muito timidamente e debilmente. Era o seu perfil.

Seguiu-se Lizzie Odell, que era parente do doutor e geralmente vem às sessões de gabinete. Foi reconhecida pelo Sr. Plimpton, bem como pelo doutor. O cabelo estava preso da testa por uma fita cor de cereja.

Mary Plimpton, a irmã falecida do Sr. Plimpton, veio a seguir e foi saudada e reconhecida por ele. Demorou-se e respondeu, pela sua ação, como se adorasse estar ali.

Então a mão saiu e escreveu na lousa. Era simplesmente: «Donn Piatt.»

O Sr. Piatt, atribuindo esta mensagem à esposa, perguntou oralmente se ela tinha algo a dizer?

A mão escreveu: «Fenton Lawson», um cidadão bem conhecido, morto há muito tempo. Depois: «Mary Piatt.»

«Tem algo que deseje dizer-me?», repetiu o Sr. Piatt, oralmente.

A resposta foi: «Estou feliz; não deve ter medo de vir.»

Ele acrescentou: «Tem mais algo a dizer?»

«Não!» foi imediatamente escrito pela mão na lousa.

O Sr. Piatt perguntou oralmente: «Há alguém mais que deseje comunicar comigo?»

A resposta foi pela mão, escrita como habitual: «Você vem» — mas o resto era ilegível; e quando o Sr. Piatt pediu uma explicação, a mão escreveu novamente: «Venha amanhã, Donn.»

Outra mão escreveu agora uma mensagem. Era simplesmente: «William Corry.»

Perguntei oralmente: «Tem mais algo a dizer-me?»

A mão apareceu de imediato e escreveu na lousa esta mensagem: «William, deixe o Commoner; já perdeu o suficiente!»

Perguntei novamente: «Que outro conselho tem para dar?»

A mão escreveu novamente: «Continue com os tijolos.»

Perguntei: «Será isso lucrativo?»

A mão escreveu novamente: «Fará dinheiro com a máquina.»

Outra mão escreveu: «Morgan Neville.»

Perguntámos se ele tinha alguma mensagem. Houve batidas afirmativas — várias delas — e depois a mão escreveu: «Não dei dinheiro aos meus filhos, porque pensei que era melhor.»

Com esta comunicação, terminou aquela sessão de gabinete, às nove e meia da noite.

TERCEIRA SESSÃO.

O SR. PIATT e eu, com o Dr. Wolfe, tivemos uma sessão escura para conversa com os espíritos. Era às dez da manhã; mas a câmara onde ocorreu foi tornada perfeitamente escura, tapando as portas e janelas com enchimento. Não entrava um raio de luz, embora depois de algum tempo se dissesse que luzes flutuavam. Nunca vi o fenómeno senão uma vez, e debilmente.

Após três minutos, ouviram-se batidas, e o corno de lata, que estava no chão, foi movido. Todos falávamos livremente; a Sra. Hollis tanto como os outros. A caixa de música estava a tocar. A Sra. Hollis descreveu várias pessoas — espíritos — que estavam na sala. Um era um homem grande, de porte jovial, que se inclinava para o Sr. Piatt e examinava o seu braço, que fora recentemente magoado num acidente. A Sra. Hollis deu diretamente o nome dele como «Jesse Judkins». O Sr. Piatt perguntou o que ele estava a fazer; ao que ela respondeu que parecia ser sobre a lesão dele, que ele examinava atentamente, mas sorrindo todo o tempo.

Nesse preciso momento, ouviu-se uma expressão débil, como uma voz feminina, tão baixa que era necessário ter ouvidos muito apurados para detetar o que era dito. Distingui finalmente as palavras: «Ella está melhor; ela vai recuperar.»

Pensou-se que a mensagem vinha da antiga Sra. Piatt para a atual.

Depois, a voz disse debilmente: «Não reconheces...» O resto foi inaudível.

O Sr. Piatt disse: «Não consigo ouvir-te. Fala mais alto, por favor!»

Outro esforço, mas infrutífero.

O Sr. Piatt disse: «Tenta novamente.»

A voz disse: «Mary Meeker.»

O Sr. Piatt respondeu que se lembrava muito bem dela; e comentou comigo que ela fora uma menina na sua família anos antes e que era médium.

As minhas notas foram tomadas na escuridão total, com as linhas a cruzarem-se e outras dificuldades, o que as torna imperfeitas:

«Diz a Ella que a amo; e que, de todos os chapéus que ela usou no último inverno em Washington, o que eu mais gostei foi o cor-de-rosa com a pluma branca. A pluma branca custou vinte dólares. Adeus!»

James Nolan, familiarmente chamado Jimmy, pareceu agora agarrar o corno e começou a falar. Deu-nos a sua história: que nascera no Condado de Harrison, Indiana, e aos dezanove anos entrara na guerra com os primeiros voluntários, como soldado raso na Companhia K do Quinquagésimo Nono Regimento, comandado pelo Coronel Courcy, ou De Courcy. O nome do capitão, creio que o deu como M'Bride. Serviu quatro anos; esteve no cerco de Vicksburg; e, finalmente, na marcha para o mar, sob o General Sherman, foi atacado por febre tifoide e enviado para o hospital em Nashville, agora o Maxwell House, onde, após uma curta doença, morreu.

Disse que permaneceu junto dos seus restos mortais enquanto estes estavam quentes e viu-se a si próprio preparado e vestido para o túmulo pelos camaradas. Foi exatamente como despindo uma velha veste. Surpreendeu-se com a facilidade da mudança e mal conseguia acreditar que estava morto. Disse que exclamara: «Será que estou mesmo morto?»

Numa conversa futura, na qual o Sr. Plimpton e o Sr. Pittman, o célebre fonógrafo, assistiram, Jimmy explicou estes assuntos e a sua carreira subsequente na terra dos espíritos, com grande pormenor. Tomou-se nota de tudo, que espero ver impressa. É interessante. Posso afirmar que a impressão que me causou não foi a de um jovem soldado leve e comum, mas a de um homem de verdade e sinceridade de propósito.

Disse que tinha o desejo mais forte de persuadir os homens do estado futuro; que dedicava a maior parte do seu tempo e energias a essa obra; que isso só podia ser feito por um processo de materialização, que explicou; e que fora atraído para a casa e para a própria Sra. Hollis porque servira com o marido dela e se afeiçoara a ele no exército. Só é possível comunicar com as pessoas do mundo através da instrumentalidade de um médium, à esfera do qual tinha de se confinar para ser ouvido. Aparecia em todos os círculos escuros, como são chamados, onde os espíritos mantêm as suas comunicações orais; e estava sempre bem-humorado e tornava-se popular, se é que a palavra

pode ser aplicada assim. Deixo-o aqui por agora; pois eu estava ansiosíssimo por falar com a minha mãe, se possível, e com o meu amigo Elwood Fisher, pelo qual sempre sentira um apego tão ardente que a muitos parecia romântico; mas, como não vira nenhum homem então ou desde então que considerasse igual a ele, provavelmente nunca mudarei.

A médium, Sra. Hollis, disse que via uma senhora alta vestida de preto, usando uma touca, que parecia ter perdido os dentes, de pé ao meu lado e a olhar para mim. Mas era incapaz de falar. A Sra. Hollis disse que via outra senhora ali, que era alta, esbelta e mais jovem do que a minha mãe.

Perguntei quem era, mas ela não conseguia falar. Uma voz, porém, muito baixa, disse: «Essa é a minha esposa!»

Pensei que era o meu amigo Fisher quem falava; e perguntei-lhe por que razão a minha mãe não me falava.

Ele respondeu que só o podia fazer com grande dificuldade e após os seus melhores esforços; que falar era uma coisa nova para eles e tinha de ser aprendida. «Não tens ideia», disse o meu amigo, «da extrema dificuldade de articulação por parte dos espíritos!»

«Lembras-te de Elizabeth Fisher?», perguntou ele.

Eu disse: «Sim: a tua mãe.»

«Lembras-te da pequena loja na Fifth Street, onde me viste pela primeira vez, sentado no balcão? Lembras-te de me levares ao escritório do teu pai na Main Street, depois de algum tempo?»

Eu disse que me lembrava destas coisas e que o meu pai tivera dele uma opinião tão elevada como a minha; e, a partir desse momento, o Sr. Fisher foi sempre acarinhado na nossa família e tratado como em casa. Era o nosso maior favorito; e eu considerava-o superior aos rapazes da universidade com quem estudava latim e grego. Foi no meu passeio diário através do Fifth Street Market Space, de e para a universidade, que descobri o meu amigo de toda a vida.

Devo observar que ele era também amigo do Sr. Piatt; e que, nesta sessão, lhe falou várias vezes; e que se despediu dele quando partiu.

Perguntou-me se me lembrava do «Juiz Bassett», de quem não pensara uma única vez há trinta anos.

Respondi que sim.

«Lembras-te, então, das roupas castanhas dele e da camisa de folhos?»

Novamente, disse: «Lembras-te do Brimstone Corner?» (Fourth e Plum), que era uma igreja metodista de anos anteriores. Respondi que sim; e então ele disse: «A casa de reuniões dos Amigos na Fifth Street foi transformada num salão de lager-beer!» Depois, subitamente, perguntou: «Lembras-te das luvas brancas de pele?»

Perguntei: «Que luvas?»

Ele acrescentou: «As que Joseph Benham usava quando proferiu o discurso a Lafayette?»

«Lembro-me delas», disse eu; e o espírito do meu amigo, se era ele, pareceu satisfeito com a resposta. O tom da voz dele denotava esse sentimento.

Continuou: «Lembras-te da velha alemã que Lafayette reconheceu na multidão como a pessoa que lhe levara leite quando estava preso em Olmutz?»

Eu disse que não e perguntei-lhe se ele se lembrava.

Ele respondeu que «a mãe lhe contara o incidente, que parece ser uma das minhas próprias recordações».

«Lembras-te de Harriet Benham — Sra. Prentice?»

«Sim», disse eu, «conheci-a toda a vida.»

Ele limitou-se a dizer: «Que mulher singular! Amelia Nolan, conhece-la?»

Respondi: «Sim: muito bem. É tua cunhada.»

Ele disse então que «ela era uma excelente mulher», acrescentando: «Mas sabes a minha opinião sobre ela, e também sobre o marido dela.»

O Sr. Piatt, tal como eu, ficou profundamente impressionado com a natureza inexplicável disto, sem, porém, o compreender. O espírito

disse, muito audivelmente, «Adeus» a ele e depois despediu-se de mim com estas palavras impressionantíssimas: «Adeus. Estarei ao teu lado enquanto o tempo durar para ti; e quando vieres para este lado, serei o primeiro a saudar-te.»

Houve uma pausa após esta estranha entrevista.

QUARTA SESSÃO.

22 de setembro. — O Sr. Plimpton, o Dr. Wolfe, o Sr. Piatt, a Sra. Jordan e eu entrámos na sala do gabinete às oito horas da noite. Apareceu uma mão grande na abertura — depois uma mão e braço, a mão com um véu de gaze por cima. Depois novamente, com um lírio de grande tamanho e perfeitamente branco. Depois, uma mão apareceu e fechou-se e abriu-se; e depois, novamente, outra foi projetada para dentro da sala, agitando um lenço. Depois uma mão tentou, várias vezes, agarrar o lápis, mas não conseguiu. Por fim, foi escrita uma mensagem na lousa, de Joseph Gest. Era:

«William, diz a Erasmus Canby; ele compreender-te-á.

JOSEPH GEST.»

Depois outra: «Sabes, William, que factos são factos.»

Novamente: «Diz a Erasmus que o tio dele, James Canby Moore, está aqui.»

E, finalmente, escreveu na lousa: «Quero que o tires do seu paganismo.»

Em explicação desta mensagem, posso dizer que, após a primeira entrevista com o pai dele, conversara com o Sr. E. Gest e ele declarara a sua parcialidade por Buda e Confúcio.

A aparição seguinte foi a cabeça e o rosto de um menino pequeno. «É o Charley?», perguntou a senhora, que pensava ser o seu filhinho. Houve batidas de afirmação.

Depois o meu amigo Fisher apresentou a testa e os olhos, como habitual. Pedi-lhe que me mostrasse todo o rosto.

A mão escreveu: «William, vês o meu rosto.»

Respondi: «Não, não distintamente — apenas uma parte dele. Vamos ver todo o teu semblante.»

A mão escreveu novamente: «A alma é demasiado longa.»

Em explicação disto, posso dizer que o Sr. Fisher costumava afirmar, em tom brincalhão, que acreditava que o queixo era a residência da alma. Era a característica distintiva do homem; nenhum animal o tinha exceto o cavalo, dizia ele, e ele e o homem eram sempre amigos; e os Centauros eram na realidade homem e cavalo — metade e metade.

Apareceu o rosto de uma senhora, que não foi reconhecido; mas pedimos-lhe que escrevesse o nome. Não houve resposta. Apareceu um par de mãos de bebé muito pequenas, que pareceram tremer na abertura durante mais de dois minutos; depois desvaneceram-se.

O Sr. Fisher mostrou novamente a testa e os olhos.

Eu disse: «Fizeste melhor antes; tenta mostrar todo o teu rosto.»

A mão escreveu na lousa: «William, não consigo fazer melhor.»

A mãe do Dr. Wolfe veio então à abertura, e o doutor desejou-lhe «boa noite», e ela acenou com a cabeça e retirou-se.

Depois Lizzie Odell, usando a fita cor de cereja no cabelo.

Houve uma batida vigorosa na caixa, que o doutor disse ser um pedido de mais música. De facto, ele fez a pergunta e foi respondido afirmativamente. A caixa de música, porém, parou. As batidas tornaram-se violentas, e o doutor propôs cantar. Começou a melodia africana do «Swanee River», e, quando essa foi cantada pela companhia, seguiu-se «Bonny Doon». Mão após mão veio à abertura, num total de cinco ou seis, e algumas delas tentaram usar o lápis, mas sem sucesso. Isto foi atribuído à cessação da música.

Por fim, uma mão escreveu uma mensagem, que era para o Sr. Piatt, e nestas palavras: «Querido, põe a mão na lousa.» Isso foi feito de imediato, e em breve a lousa saiu novamente com: «P. Grandin, John H. Piatt, Louise Kirby Piatt, Mackie, o teu querido.»

Pedimos mais manifestações, mas fomos respondidos com «Não», por batidas que o doutor interpretou; e na lousa estava escrito: «O tempo foi tão longo», e também: «É demasiado tarde.»

Uma mão supostamente do amigo Fisher escreveu: «William, a tua mãe teria mostrado o rosto», significando, se nada tivesse acontecido para retardar as manifestações. Esse rosto era precisamente o que eu queria ver, pois seria prova positiva da veracidade dos retratos; mas nunca o consegui, nem todo o rosto do meu amigo Fisher.

O Sr. Piatt recebeu esta mensagem: «Meu querido, cuida de ti e de Ella. Escreverei-te muitas vezes testes.» A última palavra mal era legível, e o Sr. Piatt pediu que fosse mais clara, ao que foi escrita como acima — testes — em caracteres muito claros.

Assim terminou a sessão. A falha acidental da música tê-la-á perturbado do princípio ao fim, como o doutor nos informou. Diz-se que o efeito da música é decisivamente sobre os espetadores, para concentrar as suas mentes e excluir pensamentos vagantes. Os espíritos parecem gostar muito dela; mas não tem outra consequência para eles além de predispor a audiência a receber e apreciar as suas comunicações.

QUINTA SESSÃO.

3 de outubro, de manhã. — Fui com o Dr. Curtis; e o Dr. Wolfe sugeriu que a escrita na lousa viesse primeiro, e depois as cenas do gabinete. Assim que nos sentámos, com a Sra. Hollis a segurar a lousa debaixo da mesa, foi escrito nela o nome de «Mary Curtis», a mãe do doutor, cujo nome completo era Mary Ann.

Ele perguntou: «Tem algum outro nome?»

«Ó sim: há outros aqui», foi a resposta na lousa.

A Sra. Hollis disse então: «Alguém presente conhece o Dr. Atlee? Recebo esse nome, mas nada mais.»

Ambos respondemos que conhecíamos bem o Dr. Atlee. Ele fora residente nesta cidade durante vários anos.

Outra mensagem foi escrita na lousa:

«Bem, Dr. Curtis, aguentas-te bem!

WILLIAM JUDKINS.»

Ele era o pai de Jesse e David Judkins, e um bom médico aqui durante muitos anos.

A Sra. Hollis observou que via um homem alto e esguio na sala, perto do doutor, usando um sobretudo castanho e calvo; mas disse que ele não dava o nome.

A lousa mostrou então o nome «Elizabeth Curtis», o da atual esposa dele. O doutor disse: «Refere algum incidente só entre nós, que ninguém conhece exceto nós próprios.» «Estou perto de ti — Mary Ann.» Depois: «Estou, todos os dias.» O nome seguinte foi «Harriet Ann Curtis, a tua própria querida esposa.» Logo depois, uma mensagem: «Esta é uma manhã muito feliz!»

O doutor perguntou então qual o benefício destas comunicações. A resposta foi: «Poupei-te anos de dúvida com elas.»

Depois: «Elizabeth pode ser uma boa médium.» Pouco depois: «Adeus!»

Creio que não houve música durante a parte da escrita desta entrevista.

Passámos agora para o gabinete. A Sra. Hollis caminhou connosco e falou de coisas comuns ao Dr. Curtis, ao Dr. Wolfe, que se nos juntou, e a mim. Sentou-se diretamente no recanto escuro, completamente fora de vista, e houve batidas fortes a pedir música. A caixa foi ligada. Uma mão apareceu através da abertura segurando uma flor. Pedi permissão ao Dr. Wolfe para a tocar. Ele disse que os espíritos não o permitiam. Tocariam na mão dele — às vezes davam-lhe palmadinhas — mas era tudo. Ofendê-los-ia se eu tentasse agarrá-la, e não teríamos mais manifestações. Pedi-lhe que colocasse a pergunta aos espíritos, o que ele fez, mas as batidas responderam: «Não!» Depois uma mão apareceu e pegou no lápis e escreveu estas palavras: «Lamentamos que não possas tocá-la.» Uma mão escreveu então na lousa: «Olha se consegues ver cor?»

Perguntei ao espírito do Sr. Fisher se a minha irmã Alice estava aqui. A resposta veio: «Alice está aqui.» Depois tivemos o rosto de uma senhora, que não foi reconhecida por ninguém do grupo. Depois, o rosto e a cabeça de uma senhora idosa, com touca, dita pelo Dr. Wolfe ser a mãe dele. Depois Lizzie Odell, com o cabelo preso por uma fita cor

de cereja, que era claramente visível e distinguível. Depois Sr.ta P. Depois o rosto e a cabeça de uma bela rapariga. A mão veio através da abertura e escreveu na lousa: «Harriet, minha querida, como espírito.» O Dr. Curtis pensou que era a sua esposa falecida materializada. Houve então um rosto que se mostrou obscuramente e poderia ser tomado pela minha irmã Alice; mas ela não respondeu à minha pergunta.

Pedi agora ao Sr. Elwood Fisher que me mostrasse, se possível, todo o seu rosto. A resposta foi: «William, sabes que farei um grande esforço!»

Mostrou a testa, como fizera antes, mas com os olhos abertos, e não fechados. Eu conseguia ver toda a cabeça, e até abaixo dos olhos.

A mão escreveu na lousa: «William, foste o companheiro da minha infância e o amigo firme da minha maturidade. Quando todos os outros desertaram, permaneceste firme. Honro-te por isso acima de todos os homens.»

Novamente escreveu: «Segui-te através de tudo. Mantém-te firme ao P!»

«Que P?», perguntou o Dr. Wolfe. «É Palmetto?»

Houve uma afirmação por batidas; e a mão apareceu novamente e escreveu: «William, tu sabes.»

Presumo que a alusão era à Carolina do Sul e à sua doutrina, sendo ela chamada o Estado Palmetto. O Sr. Fisher dera à sua quinta em Indiana, perto de Patriot — à qual era devotadamente apegado — o nome «Palmetto».

A mão escreveu novamente: «Entraste num novo campo de pensamento. Ele levar-te-á para fora dos espinhos e cardos, e tornará o teu caminho agradável nos teus anos de declínio.»

A lousa foi levada para dentro do gabinete e em breve saiu com uma longa mensagem como se segue, supostamente vinda do meu amigo Fisher:

«Se todos os desejos do teu amigo pudessem ser realizados, a tua vida seria de grande agradabilidade. Fui teu amigo enquanto o tempo durou para mim, e quando os teus passos ecoarem pelo céu, então

apertarei a tua mão. Agora para a eternidade — não temas atravessar o rio. Eu, o teu amigo, estarei lá primeiro para te saudar. Adeus! A paz esteja contigo!

ELWOOD, o teu devotado amigo espiritual.»

E então a sessão concluiu-se, e a Sra. Hollis saiu do gabinete, parecendo fatigada; mas desceu as escadas connosco e conversou tão livremente como os restantes.

O Sr. Corry termina abruptamente; não faz um resumo da sua opinião; descarrega todo o assunto sem uma palavra de comentário; e isso quando o leitor consideraria as suas opiniões de ouro. Os pensamentos do Sr. Corry pertencem-lhe a ele próprio, e a sua discrição em não os impor ao público é digna de aprovação. Fez um relatório fiel dos factos tal como eles se lhe apresentaram, e era tudo o que dele se esperava; não prometeu fazer mais.

Os casuístas têm todo o campo da especulação para si. Pode elevar-se a explicar tanto quanto lhe convier, «sem impedimento ou obstáculo». O Sr. Corry concede plena permissão e repousa sobre os factos. Não há evasivas no seu testemunho. Declara apenas o que viu e ouviu, e o leitor deve julgar se o fez bem ou não. Falou sem medo e em sentido nenhum incerto, aquilo que sabe ser verdade. Não hesita em declarar a sua convicção de que conversou com o seu velho amigo Elwood Fisher; que a identificação dele foi completa. Esta admissão constituirá uma nova época na vida mental de W. M. Corry. «Tempora mutantur, et nos mutamur in illis.»

CAPÍTULO XXIII

ESPÍRITOS ESCREVENDO EM ALEMÃO E FRANCÊS — VICKERS CONVENCIDO DE QUE AS MANIFESTAÇÕES NÃO ERAM FRAUDULENTAS — A SRA. HOLLIS NÃO PODIA FAZER A ESCRITA — O TESTE DE A. P. C. — UMA FÁBULA ALEMÃ — ELWOOD FISHER — MÃO ESPIRITUAL MAIOR DO QUE A DA SRA. HOLLIS — NÃO CONSEGUE DESCOBRIR FRAUDE — UM ALUNO DE HEIDELBERGA FALA COM A SRA. VICKERS EM ALEMÃO

O REV. THOMAS VICKERS foi o quarto, e último, dos homens representativos a examinar e relatar os fenómenos ocorridos na presença da Sra. Hollis. Começou as suas investigações depois de os outros terem concluído as deles e numa altura em que a condição mental da médium — na véspera da partida — era desfavorável para boas manifestações; ainda assim, os fenómenos que testemunhou foram de caráter tão espantoso que convenceram o investigador de que não eram resultado de truques ou fraude praticados quer pela Sra. Hollis quer por mim, e de que noutra hipótese deve fundar-se uma explicação racional.

O Sr. Vickers admite a insuficiência do tempo que teve para um exame minucioso dos princípios subjacentes aos fenómenos e, por isso, continua aberto à convicção. Cada homem tem, evidentemente, a sua própria discrição; mas submeto respeitosamente se factos adicionais não produzirão perplexidade mental adicional. O suficiente é tão bom como um banquete.

«A Sra. Vickers», diz ele, «foi interpelada por uma voz em alemão, chamando-a pelo seu nome próprio. À pergunta sobre onde a pessoa que falava a conhecera, a resposta veio: "Em Heidelberg." O nome dado era o de um antigo aluno.» A isto pode acrescentar-se o comentário do Sr. Vickers: «Que ele estava moralmente certo de que não havia engano.»

MANIFESTAÇÕES ESPIRITUAIS

TAL COMO VISTAS PELO REV. THOMAS VICKERS.

DR. N. B. WOLFE:

CARO SENHOR — Foi bastante amável, na última parte de 1872, ao proporcionar-me a oportunidade de testemunhar algumas das «manifestações» que ocorriam na sua casa, «na presença da Sra. Mary J. Hollis». Em retribuição por esta gentileza, cumpro com prazer o seu pedido de fazer algum relatório do que vi e ouvi. Recordar-se-á de que, infelizmente para a prossecução de qualquer investigação prolongada, só tomei conhecimento da presença da Sra. Hollis na cidade muito perto da sua partida; por isso, as sessões em que pude participar foram poucas. Não é, portanto, surpreendente que o resultado não tenha sido, no conjunto, tão satisfatório para mim como eu desejaria. Ainda assim, há algumas coisas importantes às quais posso testemunhar.

Estive presente em cinco sessões no total. Duas delas foram dedicadas à escrita na lousa, duas ao círculo escuro e uma às manifestações do gabinete. Não preciso descrever os acessórios destas sessões; isso foi feito de forma tão minuciosa e precisa pelo meu amigo Sr. F. B. Plimpton, no Cincinnati Commercial e no Washington Capital, que é desnecessário percorrer novamente o mesmo terreno.

Por alguma razão, as comunicações que recebi através da escrita na lousa foram, no que respeita ao seu conteúdo, muito insatisfatórias. Na primeira sessão, que ocorreu na manhã de 28 de setembro, houve considerável escrita, mas com pouco propósito. A primeira comunicação que veio consistiu, aparentemente, em oito palavras; apenas as primeiras quatro eram legíveis. Estas eram as seguintes:

«Bin gern so hier.» G.

Sugeriu-se que as palavras restantes fossem escritas novamente, quando, após uma ligeira pausa, foi escrito o seguinte:

«Vous vous portez bien j'espère.»

Perguntei então se estas eram as palavras que anteriormente haviam sido ilegíveis, e recebi a resposta: «Não: a primeira era alemã.» Ao perguntar se eu lera corretamente a primeira comunicação, respondeu-se: «Sim.» Perguntei então se interpretara corretamente a assinatura

(G) que estava anexada às palavras alemãs; e a resposta foi: «Sim, G.» Ao pedir que o nome representado por esta inicial fosse escrito por extenso, recebi o seguinte:

«Thomas Vickers.»

P. «É esse o nome da pessoa que comunica?»

R. «Sim: e o seu nome.»

P. «Que relação é ele comigo?»

R. «William Vickers.»

P. «A pessoa que assinou a primeira comunicação (alemã) dará o seu nome por extenso?»

R. «Elizabeth Vickers.»

P. «Der Schreiber der ersten Mittheilung machte seinen vollen Namen geben.»

R. «Yes.»

P. «Ele fá-lo-á?»

O nome que foi escrito em resposta a esta pergunta era ilegível; parecia ser «Minna Genlis». Pediu-se que fosse escrito novamente, mas da segunda vez era menos distinto do que antes.

P. «Não pode dar este nome mais distintamente?»

R. (O que parecia ser) «Gustav. Yes.»

P. «Dê o apelido.»

R. «Conrad.» (Com um apelido indistinto.)

Fez-se outra tentativa de escrever o nome, mas sem melhor resultado. O nome parecia ser «Richer». Ao perguntar se esse era o nome, respondeu-se afirmativamente. Fizeram-se dois esforços adicionais para o escrever, resultando, cada vez, num rabisco ilegível. Sugeriu então a Sra. Hollis que eu escrevesse algo na lousa, dirigido a um amigo, sem permitir que ela visse. Escrevi o seguinte:

«Wenn irgend einer meiner Freunde da ist, so machte er so gut sein, seinen Namen anzugeben.»

A lousa foi então segurada debaixo da mesa pela Sra. Hollis durante um espaço de tempo considerável, mas não veio resposta. Escrevi depois o mesmo pedido, em inglês, como se segue:

«If there is any one of my friends here, let him be good enough to give me his name.»

A isto não houve, durante algum tempo, resposta; finalmente, veio uma linha ilegível de três palavras, com a assinatura «Thomas Vickers». Escrevi então na lousa, sem permitir que a Sra. Hollis visse, o seguinte:

«Is A. P. C. here?»

A isto veio, após uma pausa, a resposta:

«P. C. is here.»

Isso induziu-me a colocar a pergunta de forma mais clara, escrevendo o apelido por extenso. Em cada caso, virei a lousa de cabeça para baixo antes de a dar à médium, e ela colocava-a debaixo da mesa na mesma posição.

As perguntas e respostas foram as seguintes:

P. «Is A. P. C—y here?»

R. «Yes: A. P. C—y is here.»

P. «Não tem algo a dizer-me?»

R. «Can't write.»

Isso encerrou a sessão. Dei-lhe aqui um relatório exato de toda a escrita que foi feita. A intervalos durante a sessão, a Sra. Hollis descreveu algumas pessoas que via à minha volta, mas nenhuma de forma que eu as pudesse reconhecer. No início, perguntou-me se eu era alemão, dizendo, ao mesmo tempo, que via muitos alemães à minha volta. Respondi que não era alemão, mas compreendia a língua. O comentário, então, de que ela recebia muitas vezes comunicações em alemão, levou-me a fazer algumas perguntas nessa língua.

Pela natureza do relatório acima, verá que, se os espíritos tivessem empreendido jogar aos propósitos cruzados comigo, não o poderiam ter feito com mais sucesso do que o fizeram.

Certamente estava numa posição para apreciar o comentário que fez perto do fim da sessão: «Uma das peculiaridades desta coisa é que aquilo que queremos não obtemos.»

Não obstante, sou livre de confessar que o facto de alguma escrita ter sido produzida, nas circunstâncias, era suficientemente espantoso. Observei a Sra. Hollis muito atentamente durante a sessão e fiquei moralmente convencido de que foi feita sem fraude da parte dela. Acho impossível que ela pudesse ter feito a escrita ela própria sem que eu o descobrisse. A mão esquerda dela estava à vista todo o tempo; segurava a lousa com a direita, sem nada onde a apoiar. A sala estava bem iluminada; nenhum cúmplice poderia estar presente. O que, então, produziu a escrita? Não sei; e não tenho teoria a oferecer.

A sessão seguinte foi a 30 de setembro, no círculo escuro. Havia, se bem me recordo, sete pessoas presentes no total, incluindo a Sra. Hollis e o senhor. Não tentarei dar um relatório completo desta ocasião, pela razão de que quase todas as comunicações vieram para outros membros do círculo. Houve considerável canto, que, tanto quanto pude julgar, não provinha de ninguém no círculo. Ouvi muito distintamente uma voz a falar em alemão, num sussurro alto, com o Rev. Dr. Max Lillienthal, que estava sentado a alguma distância de mim.

A voz que pretendia vir de James Nolan era, embora algo rouca, perfeitamente natural; tanto que era difícil perceber que o orador não estava na carne. Uma utterance singular dele merece ser particularizada. Vários de nós estávamos a tomar notas, embora a sala estivesse em escuridão total. De repente, a voz disse: «Cuidado com o modo como cruzam as linhas!» Quando vim a rever as minhas notas depois, descobri que, ao traçar linhas entre as frases, antes do aviso, riscara algumas das palavras. As vozes que tentaram comunicar comigo eram muito fracas; e fui incapaz de identificar, para além de qualquer dúvida, aquelas de quem pretendiam vir. Pedi o nome completo do meio do «A. P. C.» que escrevera na lousa, mas não consegui obtê-lo.

A sessão seguinte ocorreu a 2 de outubro. A Sra. Vickers e eu éramos as únicas pessoas presentes, exceto a médium e o senhor. Pretendia-se dedicar a sessão inteiramente a «materializações», mas aconteceu, de forma bastante inesperada, que foi feita considerável escrita. Antes de a Sra. Hollis entrar no gabinete, examinei cuidadosamente a forma e o

tamanho da mão dela; a palma estava enegrecida. A sala estava suficientemente iluminada para podermos ver todos os objetos nela distintamente.

Propôs-se inicialmente dispensar a música; muito em breve, porém, uma mão apareceu na abertura e escreveu na lousa: «Queremos a música!» A caixa de música foi ligada, e diretamente depois foi escrito o seguinte:

«Lembram-se do velho e do filho dele e do burro?»

Não nos lembrávamos. A escrita continuou:

«Eles iam montados os dois — primeiro —, e foram avisados pelas pessoas de que era cruel.»

Após lermos isto, a lousa e o lápis foram levados para dentro na abertura. Quando postos para fora novamente, encontrámos o seguinte:

«O rapaz desmontou. Disseram ao velho que era um bruto por deixar o pobre rapaz ir a pé, e assim por diante, até que levaram o burro para agradar às pessoas. Assim podeis fazer, se escutardes toda a gente.»

Seguiu-se isto com as palavras:

«É uma fábula alemã. Lembra-se dela, Sra. Vickers?»

Depois disto, apareceu um rosto na abertura, mas não claramente definido, e mantendo-se muito ao fundo, para o lado. Havia alguma semelhança com um amigo muito querido meu. Mas ainda assim o rosto mantinha-se tanto na sombra que eu não podia ter certeza quanto a isso. O uso de um óculo de ópera não ajudou o assunto. Aparentemente, o rosto fez vários esforços para se aproximar, com o propósito de se mostrar mais distintamente, mas sem sucesso. Recorreu-se então novamente à lousa, e foi escrito o seguinte:

«Ó Thomas! Sou eu. A. P. C.»

Depois disto, apareceu um rosto, que foi anunciado como sendo o de «Elwood Fisher». Depois foram mostradas várias mãos de bebé, os dedos foram abertos e fechados, e as mãos movidas em várias direções. Depois apareceram em sucessão bastantes rostos, oito ou dez no total. Nenhum deles, porém, foi reconhecido quer pela Sra. Vickers quer por

mim. Alguns eram muito distintos e cheios de vida. Foram também mostrados braços, que se moviam. Quanto a estes últimos, deve dizer-se que eram masculinos e musculosos; e eu não os podia conceber como sendo os da Sra. Hollis.

O mesmo quanto à mão que fez a escrita. Era muito maior do que a da Sra. Hollis e de forma inteiramente diferente. A menos que toda a evidência do sentido da vista seja ilusória, não poderia possivelmente ter sido a dela. Evidentemente, teria sido uma satisfação adicional se o pedido que fiz, para me permitirem segurá-la, tivesse sido concedido. Ainda assim, sou obrigado a dizer que, após exame cuidadoso tanto do gabinete como da sala onde ocorreu o círculo escuro, não descobri indicações de probabilidade de fraude. Não creio que houvesse alguma.

As últimas duas sessões ocorreram a 5 de outubro, de manhã. A primeira delas foi dedicada à escrita na lousa. A primeira pergunta que fiz foi escrita na lousa da mesma maneira que na primeira sessão: «Está aqui algum amigo meu ou da Sra. Vickers?» Após o lapso de trinta minutos, veio esta resposta: «Espíritos estão aqui.» Perguntei então: «Pode dar os nomes de algum?» Em cerca de mais meia hora, recebemos o seguinte:

«Thomas e Lena Vickers, bom dia.» A Sra. Vickers escreveu então, sem permitir que a Sra. Hollis visse, uma pergunta em alemão. Quando a resposta veio, após longa espera, era completamente ao acaso. Estas foram todas as comunicações diretas que recebemos, durante duas horas. A Sra. Hollis descreveu várias pessoas como estando presentes, mas fomos incapazes de reconhecer alguma delas. Disse também que via escrito, em caracteres brilhantes, por cima da minha cabeça:

«O meu foi um amor que não morreu com a minha respiração, mas através de toda a eternidade crescerá mais e mais brilhante.»

Fiquei algo espantado com isto, pela razão de que estas palavras idênticas haviam sido proferidas, por uma das vozes espirituais, a outra pessoa na primeira das sessões de círculo escuro em que estive presente. Ouvi-as distintamente.

Concluiu-se, depois disto, tentar o círculo escuro. Dirigimo-nos à sala usada para esse propósito. Após alguma música preliminar, a Sra. Vickers foi interpelada por uma voz, em alemão, chamando-a pelo seu

nome próprio. À pergunta sobre onde a pessoa que falava a conhecera, a resposta veio: «Em Heidelberg.» O nome dado era o de um antigo aluno. Fui novamente interpelado por uma voz que pretendia vir de «A. P. C.».

Ao pedir o nome completo, o primeiro e o último foram repetidos, com grande distinção, dez ou doze vezes; e, finalmente, como me pareceu, também o nome do meio. Fui muito persistente em tentar obter o nome, pela razão de que eu tinha certeza de que ninguém em Cincinnati, exceto eu próprio, sabia o que a inicial do meio representava. O resto do que foi dito por estas vozes consistiu em expressões de interesse e afeição. Novamente, vários espíritos foram descritos pela Sra. Hollis; mas não foram reconhecidos.

Em conclusão, só posso dizer que testemunhei na sua casa fenómenos que sou incapaz de explicar. Estou moralmente certo de que não houve engano na sua produção; ainda assim, não estou completamente convencido de que foram produzidos através da agência de espíritos desencarnados. O que o futuro possa fazer para me convencer disto, não sei. Só posso esperar por revelações adicionais. Agradecendo-lhe a sua gentileza,

Sou, com muita consideração, seu,

CINCINNATI, 17 de junho de 1873.

THOMAS VICKERS.

Com este documento encerram-se os relatórios dos quatro homens representativos que aceitaram o meu convite para investigar a origem dos fenómenos ocorridos na presença da Sra. Hollis. Era condição de aceitação que os seus relatórios fossem tornados públicos. Quão bem ou quão mal desempenharam o seu dever, o leitor tem liberdade para julgar.

É justo para todos os envolvidos dizer que, quando estes homens vieram à minha casa para iniciar as suas investigações, eu não tinha qualquer conhecimento pessoal com nenhum deles, não obstante, como homens públicos, serem tão conhecidos pelo povo de Cincinnati como quaisquer quatro homens dentro dos limites do Estado. Para compreender a posição da Sra. Hollis, a minha e os fenómenos a investigar, é apropriado dizer que os homens aceites para nos julgar não

eram favoráveis aos acusados, pois uma imprensa licenciosa acusara-nos abertamente de fraude, e não podíamos esperar favores das suas mãos. Felizmente, para bem da verdade, não precisávamos deles. Se o facto do intercâmbio espiritual tivesse sido submetido a voto popular, para aceitação ou rejeição, uma grande maioria teria votado contra a verdade. Estes juízes austeros tinham não só a simpatia popular consigo, mas também fortes convicções intelectuais que os impeliam a rejeitar a própria existência do mundo espiritual e da vida após a morte. Embora não tão francos como o Sr. Charles Reemelin, estavam em completo acordo com ele quando dizia: «Para que falar de espíritos quando não há espíritos!»

Antes de investigar os fenómenos para os quais fora convidado, sabia-se que o Sr. Corry tinha fortes convicções contra a admissibilidade da vida após a morte. O Sr. Plimpton deixara a sua marca na mesma linha de pensamento, como os seus escritos atestam claramente. O Sr. Piatt declara-se culpado da mesma acusação no seu relatório publicado dos resultados da sua investigação sobre a origem dos fenómenos, e o Sr. Vickers, embora ocupando o púlpito de uma Igreja Unitária, ensinara mais da filosofia alemã de Reemelin do que das platitudes de Paulo.

A esperança de receber um veredito de acordo com o testemunho destes homens provinha do facto de nenhum deles pertencer a uma Igreja. Pela formação intelectual, eram todos homens eruditos e livres, e seguiriam a verdade para onde quer que ela os levasse. As convicções de tais homens eram profundas e sólidas, e não podiam ser facilmente alteradas. Nenhuma declamação verbosa o conseguiria. Nenhum homem ou grupo de homens alguma vez formulou um credo eclesial que leve uma convicção positiva a tais homens de que vivemos após a morte, de que há um mundo espiritual, e de que os habitantes desse mundo foram outrora os habitantes deste, e de que podem agora comunicar de maneira inteligente com aqueles que ainda habitam na terra.

Deus e as suas leis eternas tornaram as almas de tais homens demasiado grandes para serem acorrentadas por credos. As baleias não nadam em lagoas de moinho. Devem ser livres para explorar o grande oceano da verdade, embora afundem na onda devoradora antes que as brancas praias da Terra do Verão surjam à sua vista.

Quando estes homens cultos se confrontaram com os factos do espiritualismo, ficaram mudos na sua presença. Quando o Sr. Piatt viu o rosto de um ente querido que há muito depositara na sepultura, escreve: «Fiquei tão chocado que, por um segundo, o meu coração pareceu parar de bater. Fiquei atordoado, e o meu primeiro sentimento foi de indignação pelo que me pareceu uma ultrajante falta de respeito. Era um assunto demasiado sagrado para ser tratado com leviandade, e decidi investigar o caso de perto e, se descobrisse alguma fraude no negócio, fazer um exemplo de pelo menos uma médium.»

Os factos do espiritualismo vieram até nós não revestidos da panóplia de um desfile intelectual, nem com qualquer exibição ostentosa de retórica ou palavras finas; mas em trajes e aparência simples nos visitam, e trazem-nos flores frescas, puras, belas e doces, como se acabadas de colher no jardim do Paraíso.

Quando o pequeno toque espiritual caiu pela primeira vez no nosso ouvido, veio como o primeiro cacarejo do bebé ao coração da mãe. Começando numa mesa humilde, estes pequenos toques, sob métodos melhorados, aumentaram em volume e importância, até que agora ressoam pela terra e abalam velhas instituições falsas num amontoado de ruínas.

CAPÍTULO XXIV

MANIFESTAÇÕES EM MEMPHIS — NO THOMPSON DEAN — EM NOVA ORLEÃES — AO LONGO DA LINHA FÉRREA — REGRESSO DA SRA. HOLLIS A CINCINNATI — UMA ENTREVISTA NOTÁVEL COM FANNY WRIGHT

AS manifestações que ocorreram durante o quinto compromisso com a Sra. Hollis não variaram muito em caráter das que já foram registadas. Seria, portanto, monótono repetir, em pormenor, aquilo com que o leitor já está familiarizado. O compromisso foi um sucesso ao proporcionar a um grande número de senhoras e cavalheiros a oportunidade de testemunhar os fenómenos espantosos que excitaram tanto interesse entre pessoas pensativas.

As sessões foram dadas maioritariamente a pessoas que, com propriedade, poderiam ser chamadas homens e mulheres representativos. O meu objetivo era fazer o melhor uso do tempo

estipulado, apresentando os factos do intercâmbio espiritual à mente cética — não incluindo nestes nem fanáticos, nem extremistas, nem tolos. Há duas classes de céticos que requerem ser inteligentemente discriminadas, para que não se cometa injustiça a ambas; e posso muito bem designar as suas características principais neste lugar, para evitar toda a obscuridade sobre o assunto.

Em termos gerais, podem distinguir-se — o cético com cérebro e o cético sem cérebro. O primeiro é governado pela razão e faz uma análise pensativa das condições e coisas, chegando a conclusões após exercer os legítimos poderes da mente sobre o assunto considerado. O segundo limita-se a dizer: «Sou muito cético! Não acredito em tudo o que vejo! Os teus olhos podem enganar-te!», etc. Estes últimos são poodles sagazes que, segundo a teoria de Darwin, se desenvolveram em formas humanas.

Sempre que prático, excluo sempre esta última classe de bípedes dos círculos; não que tenha algo contra eles — pois são bastante bons no seu lugar —, mas é uma perda de tempo encorajar tais pessoas a investigar fenómenos espirituais pelos seus peculiares processos mentais. A minha experiência na formação de círculos convence-me de que boas manifestações só podem ser obtidas na presença de pessoas esclarecidas e de pensamento livre; e de que os espíritos mais inteligentes são sufocados por imbecis vestidos à moda.

À visão de um clarividente, vê-se que todo o homem e mulher emite expressão exata das suas condições espirituais pelo caráter da aura magnética que os rodeia. Esta atmosfera espiritual tem cor e densidade, e por estas qualidades o caráter do desenvolvimento do espírito pode ser imediatamente determinado. Um indivíduo em condição não desenvolvida está rodeado por uma aura escura, graduada em cor para representar o grau de ignorância que ainda mantém as faculdades da alma em escravidão.

Espíritos e mortais igualmente não recolhem inspiração na presença de tais pessoas insalubres. É melhor evitá-las; pois nem transmitem nem recebem benefício ao associar-se com aqueles diferentes delas. Não se faz um bom serviço a um homem colocando-o em relações erradas com os seus semelhantes. É por isso que excluo um grande número de pessoas dos círculos.

Uma mulher bem vestida — ou seja, uma que tinha uma superabundância de tecidos de seda caros festonados em volta do seu pobre esqueleto magro, no estilo mais mortífero — veio à minha porta e perguntou se «a adivinha» estava em casa! Evidentemente, tive de informar esta criatura quase idiota — este manequim da moda — que ela estava ligeiramente em erro quanto ao caráter da mediunidade da Sra. Hollis.

Ela queria saber se Sam Snigglefritz não estava apaixonado por ela. Disse-lhe que perguntasse ao padre de Sam, que ele seria o mais provável a confessar a sua tolice a um tolo ou a um patife. É de esperar que o espiritualismo nunca se torne moda; e quando começar a construir igrejas e a cristalizar dogmas estúpidos em credos, então já não será espiritualismo, mas sectarismo, e merecerá a execração de todos os homens bons.

Por uma discriminação judiciosa na formação de círculos, permitindo apenas a entrada daqueles que podiam compreender a importância do intercâmbio espiritual para o mundo, tenho razões para saber que muitas pessoas mudaram as suas opiniões durante o mês de novembro, que agora se regozijam na posse de conhecimento que o tempo não pode corromper nem a traça destruir. Estas sessões poderiam ter continuado durante todo o inverno; pois o interesse nelas crescia mais intenso quanto mais eram compreendidas. A Sra. Hollis aceitara, porém, compromissos para o inverno no Sul, principalmente nas cidades de Nashville e Memphis, Tennessee.

Estes compromissos foram feitos por sugestão dos espíritos, para um propósito que posteriormente explicaram; o objetivo era remover alguns erros da mente da médium, que operavam contra a pureza do controlo deles. Insistem em que os melhores médiuns são aqueles que se desenvolveram a partir de condições mentais erradas. A tolice que os espíritos procuravam deter nesta médium era o hábito que ela tinha de pensar e falar dos sulistas como se fossem superiores aos seus concidadãos noutras secções do nosso país comum. O facto era, simplesmente, que toda a sua estrutura mental estava tão deformada pela política e envenenada pelo preconceito, que se tornava inadequada para o alto propósito deles e falhava em realizar o trabalho de forma aceitável.

Após uma curta estadia em Nashville, começou um compromisso de dois meses em Memphis, sob os auspícios do Capitão James Holmes e da sua accomplished e talentosa esposa, Mary J. Holmes, na cuja família se tornou uma hóspede honrada.

Aqui, ocorreram as mesmas, ou semelhantes, manifestações às que eu testemunhara em Cincinnati, na presença de algumas das pessoas mais inteligentes daquela cidade. Os principais jornais do lugar, o Appeal e o Avalanche, abriram diariamente as suas colunas à discussão dos maravilhosos fenómenos, até que o tema do intercâmbio espiritual foi falado, como nunca antes, por todas as classes de pessoas, em todas as situações da vida.

No meio da excitação, precipitei uma visita a Memphis, para comparar as manifestações que ali ocorriam com as que testemunhara na Cidade Rainha, e, se possível, descobrir alguma agência humana que pudesse ser empregada na sua produção.

A «escrita na lousa» e os «círculos escuros» eram dados na residência do CAPITÃO HOLMES; mas as sessões de gabinete realizavam-se na residência do SR. M. H. BALDWIN, um conhecido arquiteto e cidadão altamente estimado, que se convencera da veracidade do intercâmbio espiritual na presença da Sra. Hollis. O gabinete era simplesmente um roupeiro rebocado, um anexo a uma câmara bem iluminada no segundo andar, cuja porta fora removida e substituída por uma temporária, com um buraco cortado no centro, a cerca de um metro e vinte do chão.

Diante desta abertura, dezenas de homens e mulheres inteligentes reuniam-se para olhar, com sentidos surpreendidos, as formas, rostos, braços e mãos dos seus entes queridos, que vinham para reconhecimento, acenando boas-vindas com lenços e apresentando para inspeção flores que haviam florescido em jardins acima.

A excitação sobre estas manifestações tornou-se selvagem e desconcertante. Essa foi a circunstância mais desfavorável que notei. Se alguma vez há uma situação que requer uma cabeça clara e julgamento deliberado, é exatamente uma como esta. As alegações apresentadas são de que os perdidos estão vivos, de que nunca morreram, de que regressam para demonstrar a verdade da vida imortal: em resumo, de

que não há morte, sob a sua velha definição; de que não há diabo senão aquele que criamos nas nossas imaginações perturbadas.

Encontrei todas estas sessões largamente frequentadas pelas pessoas mais capazes de Memphis, a maioria das quais se convencera da ingenuidade das manifestações. O Sr. William L. Vance e esposa eram proeminentes entre os amigos dedicados da Sra. Hollis, tornados tais através da sua maravilhosa mediunidade.

No final do compromisso da Sra. Hollis em Memphis, um número de senhoras e cavalheiros ofereceram-lhe uma passagem complementar para Nova Orleães e regresso, num dos palácios flutuantes do Mississippi, propondo torná-lo um agradável piquenique espiritual. Fui convidado a juntar-me ao grupo na sua boa viagem, e aceitei o convite, pensando que algo poderia «surgir», num momento descuidado, pelo qual uma pista para as manifestações pudesse ser obtida. Queria ver esta coisa de diferentes pontos de vista, custasse o que custasse em tempo, dinheiro ou conforto pessoal.

A distância de Memphis a Nova Orleães é de oitocentos milhas pelo rio, e de Nova Orleães a Louisville, por caminho de ferro, é de mil e quatrocentas milhas. Toda esta distância — duas mil e duzentas milhas — viajei com a médium e os seus amigos, com o único propósito de descobrir, se possível, fraude nas manifestações.

No barco, quase uma semana — manhã, meio-dia e noite —, as manifestações de presença espiritual foram semelhantes às que testemunhara na minha própria casa, e novamente em Memphis. Ocorreram no salão principal, em camarotes privados, no «texas», lá em cima na presença dos pilotos ao leme, Wallace Lamb e Sobeski Jollie.

Informação da sua vinda precedera a chegada da Sra. Hollis a Nova Orleães; e quando o vapor foi amarrado ao cais, veículos para ela e o seu grupo aguardavam-nos. Uma suíte de salas fora reservada para manifestações, mas estas ela recusou, pois era a hóspede convidada da Sra. LIZZIE SAXON, na cuja residência deu, durante o curto tempo que permaneceu, manifestações do mesmo caráter espantoso que testemunhara no barco, em Memphis e em Cincinnati. A maravilha e o mistério eram os mesmos.

A maior parte do nosso grupo regressou para norte com a médium, através dos Estados do Algodão, por caminho de ferro. Enquanto corríamos ao longo de mil e quatrocentas milhas, os espíritos escreviam matéria interessante sobre os lugares que passávamos e as pessoas que encontrávamos.

Ver-se-á assim que nem o tempo, nem o lugar, nem a circunstância impediam a ocorrência destas manifestações na presença desta mulher estranhamente constituída.

Enquanto em rota para casa, a Sra. Hollis informou-me de que os espíritos haviam aceitado convites de pessoas distintas no estrangeiro para visitar a Europa, e de que ela partiria na sua viagem por volta do primeiro de junho.

Arrnjei então a sua visita final a Cincinnati por volta de meados de março, para permanecer até ao primeiro de maio. Fiz isto principalmente para levar avante uma linha de experiências à mesa de escrita, que começava a interessar a minha mente, embora soubesse bem que o público seria exigente nas suas demandas por sessões privadas.

Para que nenhum tempo fosse perdido antes da sua vinda, empreguei o Sr. Brown para remover a divisória na sala do meio, pois pretendia todo o espaço para um gabinete de materialização. Para o adequar a este propósito, as minhas instruções a ele foram para remover os dois painéis superiores da porta que abria para a sala oeste, e pendurá-los em dobradiças, e cortar um buraco no do sul semelhante ao da porta da divisória.

Concluída esta obra, a sala oeste constituiria a câmara do público para testemunhar os fenómenos. Quando o painel da porta era aberto, havia uma abertura de cento e dois centímetros de comprimento e vinte e cinco centímetros de largura. Isso permitiria aos espíritos mostrar mais das suas formas e, se necessário, acomodar um maior número a exibir-se ao mesmo tempo.

A questão agora era: poderiam os espíritos materializar-se numa abertura tão grande? Quando a porta era aberta, o interior da sala ficava inundado de luz. Era quase equivalente a convidá-los a sair para onde estávamos. Não destruiria a luz intensa, fluindo através desta

abertura para a câmara escura, as condições, ou modificá-las-ia de tal modo que tornaria a materialização impraticável? Não havia tecido para cobrir a abertura. Quando o painel se abria para trás, o canal para a entrada de luz estava desimpedido. O público podia ver claramente uma grande parte do interior da sala do gabinete. As objeções de espantalho levantadas contra a médium estar encerrada num gabinete, ou ocultada atrás de uma divisória, estavam agora na maior parte superadas. Se a médium aparecesse numa abertura da porta suficientemente grande para revelar toda a sua pessoa, seria, sob uma luz forte, reconhecida de imediato por homens e mulheres perspicazes. O mesmo se aplicaria aos espíritos.

A Sra. Hollis chegou no sábado, 15. Na manhã de domingo, durante o tilintar dos sinos das igrejas, ela entrou na sala do meio e sentou-se ao sul da porta que abria para a sala oeste. Pendurei então um suporte do lado de fora, para colocar a lousa, como fizera antes, e fechei-a lá dentro.

Iniciei imediatamente uma conversa com ela e, em poucos minutos, enquanto falávamos, o painel norte da porta abriu-se amplamente, e um braço grande, musculoso, de aparência carnal e sanguínea, estendeu-se da sala do meio e escreveu na lousa:

«Napoleão teve muitas existências, estendendo-se por milhares de anos atrás. Foi um Imperador Romano durante o tempo em que Jesus viveu na terra; e o próprio Jesus foi a reencarnação de Moisés. Estes factos só foram comunicados a Josephine e a mim, nos últimos dois meses, por Richelieu. Napoleão nasceu da última vez para brilhar como um meteoro através do caminho do povo francês e marcá-lo com sangue. É este caminho sangrento que forma a cadeia magnética que o liga a França e que o fará reaparecer, como seu salvador, no início do próximo século. Tenho muito a dizer-lhe sobre este assunto, numa ocasião futura. Deixe a médium descansar hoje. NEY.»

Pensei que esta era uma comunicação bastante singular para me escrever. A reencarnação de Napoleão não me preocupava muito, ou, como diria Toots, «é de nenhuma consequência» para mim se Napoleão reencarna ou não. É exclusivamente assunto dele. Se ele tem predileção por reencarnar, não estragarei o seu prazer, a menos que cruze o meu

caminho. Napoleão é bem-vindo a todo o gozo que as reencarnações lhe tragam.

Mas por que informar-me disso? Se o objetivo era registar a predição, isso já fora feito. Josephine fizera-o, em francês, algum tempo antes; e não duvido de que o povo francês aguardará a chegada do novo século e do reencarnado «pequeno cabo» com grande impaciência piedosa. A insinuação é de que Napoleão existira anteriormente como Júlio César. Lamento isso! O cesarismo está em baixa neste país. A minha alma profética! Agora compreendo por que Louis Napoleon escreveu a Vida de Júlio César. Admitindo o relato de Ney sobre a sua génese, eram os instintos do filho a traçar a sua linhagem ao longo da árvore genealógica. Mas Josephine diz que Louis não foi um sucesso! Isso é um pouco duro para o neto dela. Queria ela dizer como historiador? Não sei!

A 17 de março, sendo o dia de São Patrício à noite, a minha família e o Sr. Plimpton aguardaram os espíritos num círculo escuro. Assim que a luz foi apagada, a mãe do Sr. Plimpton pediu-lhe que cantasse um velho hino favorito; ao fazê-lo, ela acompanhou-o. Ele esquecera algumas das palavras, que ela prontamente forneceu. Após o canto, a mãe espiritual e o filho vivo mantiveram uma conversa bastante longa sobre os diferentes membros da família deles e os assuntos relacionados; e depois a irmã Mary conversou com ele cerca de dez minutos.

Jim Nolan obteve agora o controlo e saudou todos os presentes do seu modo habitual; depois disto, falou do progresso que o espiritualismo estava a fazer entre os pensadores do mundo e das condições melhoradas que lhes permitiam manifestar-se. Disse: «Há aqueles agora vivos que verão espíritos plenamente materializados à luz, de pé na plataforma, dirigindo-se a milhares de pessoas em tons audíveis. Os espíritos estão a fazer prosélitos, através dos seus médiuns, em toda a parte entre os principais intelectuais do mundo.»

Descreveu então a relação que sustentava com a médium e a existência de um cordão eletro-simpático, através do qual era tornado consciente de todos os desejos dela, não importa onde ela estivesse. Falou a seguir do livro do Rev. Samuel Watson, «The Clock Strikes One», e disse: «Watson está numa condição de transição; só pode proferir tais verdades que harmonizem com a sua educação teológica.

Gradualmente absorverá novas ideias e então será suficientemente corajoso para as expressar.»

Após Nolan concluir, «Old Ski» anunciou-se e teve uma conversa com o Sr. Plimpton.

Parece que ele visitara a casa do Sr. Plimpton e tomara notas de tudo o que vira, que descreveu com total exatidão, não esquecendo a sua «squaw», que, disse ele, precisava de algum medicamento, que prescreveu.

Ski mal se retirara, quando fui interpelado por Lizzie Daly, que vivera em Baily's Court, perto da minha residência. Lizzie era uma rapariga irlandesa católica e objeto de sincera compaixão para todos os que conheciam a sua aflição corporal. Veio agradecer-me por ajudar o irmão Pat a regressar à Irlanda e por alguns pequenos favores que recebera da minha casa. Depois dela, David Wolfe e Sarah Powers dirigiram-se a parentes no círculo, quando Jim Nolan nos desejou boa noite.

A 18 de março, a Sra. Hollis recebeu uma nota da Sra. G. W. Coffin, que vivia na Broadway, dizendo que estava acamada devido aos efeitos de um doloroso acidente e pedindo uma visita. A Sra. Hollis decidiu visitar a amiga à noite do mesmo dia e convidou-me a acompanhá-la. Encontrou então, pela primeira vez, a venerável mãe da Sra. Coffin, SRA. NANCY MARTIN, viúva do SR. JONAS MARTIN, que fora um homem público em Cincinnati durante muitos anos.

Esta venerável senhora, no octogésimo primeiro ano da sua idade, estava profundamente interessada em fenómenos espirituais e lera a maior parte das obras padrão sobre a sua filosofia. Pela primeira vez, tinha agora a oportunidade de conhecer uma médium e expressou o desejo de ter um círculo escuro. Eu nunca, até então, conhecera nem a Sra. Martin nem a filha inválida; por isso, a Sra. Hollis e eu éramos igualmente estranhos à Sra. Martin, e à Sra. Coffin eu era pessoalmente desconhecido.

As janelas foram fechadas e a sala tornada escura. Quase assim que a luz foi apagada, uma criança, dando o nome de «Olive», falou, dizendo que era bisneta de «Mussy», que «Harriet» estava aqui, «e os meus dois avôs — Avô Misener e Avô Martin». Disse também: «Os meus dois tios, ambos chamados Charles Coffin, estão aqui»; acrescentando que um

deles mudara o nome para Martin Coffin desde que chegara ao mundo espiritual. Era tudo o que a criança podia dizer; depois disto, Jim Nolan começou:

«Sra. Martin, há um espírito aqui que diz que foi oficial no exército prussiano — sobrinho da Duquesa Amelia — e diz que foi seu marido.»

«Qual é o nome dele?»

«Dá o nome de Coronel Misener. Está também presente uma mulher que dá o nome de Frances Wright D'Arusmont, autora de 'Altore' e 'A Few Days in Athens', que lhe envia o seu amor e os seus cumprimentos à Sra. Juiz Gholson. Falar-lhe-á esta noite. Há um espírito que dá o nome de George Neff. Diz que a filha dele vive perto de si e não tem comunicação a enviar. Há outra senhora perto de si, que dá o nome de Febbiger e deseja que seja anunciado sem comentário. Outra bisneta dá o nome de Jennie. Diz que é irmã de Olive.»

Todos estes nomes foram reconhecidos pela Sra. Martin, que expressou a sua grande gratificação pelo privilégio de viver para ver o auspicioso amanhecer da comunicação espiritual com o povo da terra.

Jim Nolan disse então: «Sra. Martin, os espíritos em breve poderão materializar-se à luz e dirigir-se a audiências em salas públicas e igrejas, tal como os conferencistas e pregadores agora fazem.» Disse depois: «Boa noite» e retirou-se.

Foram apenas alguns segundos depois de ele o fazer, quando uma voz estranhamente determinada disse:

«Minha querida amiga, este momento é o mais feliz da minha vida e é uma compensação por toda a miséria e sofrimento que suportei enquanto na carne. Foi você, minha amiga inabalável, que permaneceu ao meu lado depois de a minha própria carne e sangue me desertar, e fechou os meus olhos depois de eu ter deixado a forma. Ó, como a minha alma se expande em gratidão para agradecer o seu amor inabalável!

Disse-me verdadeiramente que havia vida individual para além da sepultura; mas eu não o podia compreender. Era o meu pensamento, e assim o expressei muitas vezes a si, que tudo o que havia de vida estava nas obras; que a recompensa da melhoria humana era aqui, não no além

— pois a morte significava aniquilação por absorção, ou aniquilamento, no grande centro da vida. Mas, minha querida amiga, esta noite cumpro a promessa do meu pacto consigo, feito há vinte anos, e regresso para lhe dizer que eu, FRANCES WRIGHT PHIQUEPAL D'ARUSMONT, ainda vivo, tão individual como quando me conheceu como sua amiga na terra. Vim dizer-lhe que o mundo espiritual é tanto uma realidade como aquele em que vive, e dizer que estou sempre perto de si e o estarei até ao fim da sua existência terrena. Quando vier para as nossas brilhantes moradas, estarei entre as primeiras a encontrá-la e a dar-lhe as boas-vindas, minha amiga inabalável!»

Estas observações foram proferidas com uma ênfase calma e deliberada que eu nunca ouvira antes senão uma vez. Lembro-me de ter ouvido esta mulher notável falar, enquanto na forma, em 1835, em Chiquis, perto de Columbia, Condado de Lancaster, Pensilvânia; e esta entrega era no mesmo estilo enfático. Ouvi-a então defender «a educação universal da juventude, com base em que a humanidade pertencia a uma comum família».

A Sra. Martin informou-me posteriormente de que ela própria e a Sra. Juiz Gholson foram as únicas pessoas presentes quando esta mulher histórica encerrou a sua carreira terrena. Disse que o pacto a que ela aludira fora realmente feito entre elas e que ela fechara os olhos dela após a morte. Narrou a seguinte anedota da ilustre mulher: Poucos minutos antes de morrer, pedira à Sra. Martin que lhe passasse um espelho de mão da lareira. Após observar os seus traços durante alguns minutos, prendeu o cabelo atrás das orelhas e devolveu o espelho à Sra. Martin, dizendo ao fazê-lo: «Obrigada, minha querida amiga!» Em poucos minutos, o seu espírito deixou o corpo, e o ouvido de Fanny Wright já não podia ser magoado pelas duras críticas de um púlpito não cristão, ou pela calúnia de uma imprensa venal.

Pouco depois de o espírito de Fanny Wright ter falado, ouviu-se outra voz, num sussurro audível, dizer: «Minha querida esposa, estou aqui e tão feliz por encontrar-te! Os meus filhos estão todos aqui, e vimos visitar-te muitas vezes. Foste uma boa esposa para mim e em breve estarás comigo. Preparei uma bela casa para ti. É muito difícil falar. Adeus! Abençoo-te, minha querida esposa!»

Isso encerrou a sessão.

A 20 de março, formou-se um círculo escuro pelo Sr. William Ringgold, Sr. Perry O. Ringgold, Sr.ta Emma Ringgold, Sra. Edward Webster e Sr. Geo. M. Finch. Jim Nolan queixou-se de que os cavalheiros neste círculo estavam saturados com o odor desagradável do tabaco e recusou-se a falar. Vários espíritos dirigiram-se aos seus amigos no círculo, dando um número de nomes, que foram reconhecidos. Seguiu-se um longo silêncio, e o círculo foi autorizado a adjournar sem o habitual «Boa noite» ser dado. A Sra. Hollis queixou-se da maneira como as coisas correram neste círculo, quando Jim veio prontamente para a frente e escreveu:

«Tenham fé em nós! Sabemos o que é melhor. Estas pessoas vieram por diversão; e o nosso silêncio será uma repreensão para elas. Boas manifestações teriam sido desperdiçadas esta noite. Elas obtiveram o suficiente — e exatamente o que era necessário, embora não o que queriam. Terão melhores manifestações da próxima vez.»

CAPÍTULO XXV

FENÓMENOS MARAVILHOSOS — MATERIALIZAÇÃO À LUZ — UMA VISÃO SINGULAR — COWEN, O ASSASSINO, LIBERTADO — OS ASSASSINOS DE HUGHES EM MÁ COMPANHIA — BEBÉS

FORMOU-SE um círculo escuro, a 22 de março,

Pela Sra. Clark Williams, de Mount Auburn; Sra. W. P. Neff, de Clifton; e Sra. Rufus Slocomb, desta cidade.

Jim Nolan abriu a sessão e falou durante vinte minutos, anunciando os nomes de um grande número de espíritos presentes, que ditaram mensagens de amor aos amigos no círculo; depois disto, retirou-se. Celia Slocomb conversou então com a mãe, durante vinte minutos, sobre assuntos familiares; depois, «Eliza», filha da Sra. Williams, falou com ela, da maneira mais filial, durante quinze minutos.

Disse que se ajoelhava ao lado da sua querida mãe, em oração, manhã e noite, e tentava fazer com que ela sentisse a sua presença; que colocava flores, todos os dias, no pequeno quarto que fora reservado, na casa, para comunhão espiritual, quando a mãe se retirava para lá. Falou depois inteligentemente de assuntos familiares e expressou a sua satisfação com o que a mãe fizera em referência a certas transações

comerciais. Ao longo de tudo, o espírito evidenciou uma elegância de linguagem e pureza de estilo invulgares. Falava muito distintamente.

O filho da Sra. Neff, Frank, falou então com a mãe sobre alguns artigos que prezava, dando instruções sobre como deveriam ser cuidados ou distribuídos entre os irmãos e irmãs, aos quais também enviou mensagens de amor. Clark Williams conversou então com a esposa, em termos dos mais afetuosos; depois disto, o círculo terminou.

Na noite de 22 de março, o Sr. Plimpton e a minha família reuniram-se na sala oeste, e a Sra. Hollis entrou na do centro. Doze minutos depois, foi exibido um lírio branco na abertura do painel norte. Tinha quinze centímetros de diâmetro. Aproximei-me a cerca de um metro e meio dele e, na luz forte, podia distinguir as fibras mais delicadas da planta. Poucos minutos depois, foi mostrada várias vezes uma rosa cor-de-rosa; depois disto, duas flores foram exibidas, em boa luz, durante um minuto, todas as quais inspecionei de perto.

Estas foram em breve seguidas por um braço nu, visível até ao cotovelo, projetado para dentro da sala. Em poucos minutos, retirou-se e reapareceu coberto por um tecido delicado, algo como ilusão. Em mais alguns minutos, o braço estava vestido com uma manga de cetim cor-de-rosa, modelada segundo o padrão bispo. O brilho do cetim era brilhante. A borda desta manga era guarnecido com renda branca estreita, presa em pregas. O Sr. Plimpton tocou o melodeon enquanto este braço era exibido e, para nossa surpresa, ele marcava o tempo exato da música.

Anna Hancock apresentou então a sua boneca espiritual bebé, que chamava «Neppy», e isto foi imediatamente seguido por uma bela materialização da Sra. Sarah Powers, que acenou com a cabeça à filha na sala. Mal ela se retirara, quando uma forma e rosto familiares, mas não reconhecidos, de uma bela jovem quase preenchiam a abertura do painel norte.

Ela estava a cerca de sessenta centímetros da abertura, mas em linha direta com ela. A luz era boa, de modo que o espírito podia ser visto distintamente. O cabelo estava arranjado com gosto e preso com o que parecia um *'penteado lagarta'* branca e vermelha. Este espírito permaneceu perfeitamente materializado durante quatro minutos,

tempo durante o qual o escrutinei atentamente. Não se retirou, mas começou a desvanecer-se, tornando-se gradualmente indistinto, até se perder no mais ténue contorno da sua forma original. Neste momento, um ténue brilho de luz começou a refletir-se sobre ele, que se tornou mais e mais claro, até parecer uma chuva de spray prateado. O espírito começou a reassumir a sua forma e figura novamente, quando subitamente uma banda de espíritos, todos invisíveis exceto as mãos e braços, rodearam a figura central e começaram a abaná-la rapidamente com uma luz flamejante, sob cuja operação em breve recuperou o seu perdido brilho e aparência viva.

Estes fluxos de luz pareciam emanar das pontas dos dedos deles e não eram diferentes dos raios lúridos vistos no céu ártico. Observei agora que o rosto espiritual estava coberto por um véu de gaze branca. Este foi posto de lado por uma mão espiritual, quando todo o aspeto do rosto e da cabeça se tornou tão vivo que mal conseguia perceber que a presença não era humana. Este processo de materialização foi repetido seis vezes no espaço de vinte minutos. Foi uma manifestação espantosa e uma que, talvez, nunca antes fora testemunhada por homem ou mulher, enquanto na forma. Foi uma ocasião interessante.

Posteriormente, foi dito pelos espíritos que este fora o esforço mais bem-sucedido que alguma vez fizeram para materializar à luz. Estavam bem satisfeitos e expressaram a esperança de poder dar uma materialização com a porta inteira completamente aberta ou, pelo menos, com «as portas entreabertas». O espírito assim trazido tão proeminente à atenção era uma fêmea madura e bela, parecendo ter cerca de vinte anos. Foi dito que eu a vira antes, numa visão, altura em que ela prometera encontrar-me novamente. Como já referido, o rosto dela parecia-me familiar; mas fiquei tão atordoado com a novidade da operação que falhei completamente em reconhecê-la. Mal ela desaparecera finalmente, porém, recordei a sua imagem como ligada a uma estranha experiência na minha vida; e, como é algo de caráter espiritual, relatá-la-ei ao leitor, esperando que a lição que ensinou seja tão proveitosa para outros como o foi para mim.

Há muitos anos, em sono, tive uma visão de um vale isolado, que estava cheio de flores da beleza mais desconcertante e do perfume mais rico. As encostas das colinas circundantes estavam cobertas de

árvores floridas e vides trepadeiras. Aqui, numa sombra profunda, sentei-me, escutando o zumbido das abelhas e o tilintar prateado das águas gotejantes. O ar estava carregado de odores deliciosos, que alimentavam os sentidos com mil deleites. Aves de plumagem formosa despontavam entre as árvores, perseguindo-se com alegria e cantando docemente as suas canções de amor. Era um retiro de beleza silvestre, e tudo o que estragava o meu gozo era a minha condição de solidão.

Como não havia ninguém para partilhar o meu prazer, tornei-me silencioso e triste, com uma grande fome de coração por companhia. Então, uma visitante brilhante aproximou-se e, enquanto olhava mudamente para o meu rosto, ajoelhou-se ao meu lado. A luz de amor dos olhos dela e o seu toque estremeceram-me com um deleite estranho. Mas por que razão a sua forma impecável estava disfarçada em farrapos? Por que o seu belo cabelo tão desordenadamente penteado? Por que usava aquele tom de triste reprovação na testa?

Antes que eu pudesse perguntar-lhe porquê, ela desvanecera-se da minha vista.

A minha situação tornou-se agora mais insuportável do que nunca. A solidão era duplamente irritante desde que olhara nos olhos da minha amiga desconhecida. Fui tomado por um sentimento de inquietação e pensei no vestido repulsivo e sujo da minha companheira estranhamente bela. Enquanto ocupado na contemplação deste assunto, uma sombra caiu no relvado ao meu lado e, virando-me, vi aproximar-se novamente a minha encantadora visitante. Mas que transformação! Os seus farrapos rasgados e sujos tinham desaparecido, e ela estava vestida com hábitos graciosos e bem ajustados em volta da sua forma incomparável.

«A graça estava no seu passo, o céu no seu olho,

Em todas as suas ações dignidade e amor.»

Não conseguia proferir palavra na sua encantadora presença; vendo o que, ela falou: «Em qual traje me amas mais?» As palavras dela estremeceram-me com uma felicidade estranha; e eu disse: «Como estás agora!» Ela respondeu: «Então purifica os teus pensamentos, eleva os teus gostos, castiga os teus desejos e torna-me bela para sempre. Estou agora vestida como desejarias que estivesse; mas como

me viste primeiro, assim me tornaste. Os meus farrapos sujos são apenas o reflexo dos teus desejos impuros, das tuas paixões não governadas e da tua natureza espiritual não refinada. Vigia-te, meu querido companheiro, e pensa no que te digo. Ver-me-ás novamente!» Com isto, despertei e encontrei

«A voz no meu ouvido sonhador

Dissolvera-se!»

Não preciso que me digam que isto foi um sonho sentimental. Sei tudo sobre isso. Foi um sonho agradável; e penso que tem sido proveitoso para mim. Introduzo-o agora apenas para dizer que o espírito, tão singularmente materializado no gabinete, tinha uma semelhança impressionante com o que vi na visão. Não deu nome; limitou-se a anunciar que eu a vira antes, numa visão. Se há algo nisso ou não, é um pequeno episódio agradável na vida de um homem; e como não compreendemos tudo o que está ligado ao nosso dormir e acordar, pode haver algo mais do que fantasia caprichosa nisso. Quem sabe?

Em breve após o espírito que vimos materializado se ter retirado, apareceu uma cabeça vestida de maneira muito singular. A testa era muito baixa e recuava a partir de um ponto apenas de dois centímetros e meio acima das sobrancelhas. Havia inteligência nos olhos; e, pelos ricos ornamentos usados nas orelhas e no pescoço, e também pelo toucado peculiar, julguei que uma pessoa de patente viera à abertura.

As manifestações foram muito boas nesta sessão; mas a materialização do espírito que eu vira na visão foi a mais bela testemunhada por mim na presença da Sra. Hollis.

Na manhã de 23, o Marechal Ney escreveu:

«A sala é encantadora! Estamos a preparar baterias e não desejamos que o público seja admitido até que tudo esteja em prontidão. Aconselhá-lo-emos na altura apropriada.»

Na noite de 23 de março, foi dada uma sessão escura a W. H. Lindsey e George Johnson, de Louisville, Ky.; WILLIAM RINGGOLD, WILLIAM DE FORD, F. B. PLIMPTON, SR.TA LIZZIE COUDEN e quatro membros da minha família.

Um grande número de espíritos assistiu a este círculo, entre os quais «Nelly Butler» e um homem negro, antigo escravo da mãe do Sr. Lindsey, falaram com ele. John Lindsey, Mary Graham, Alice, John W. M'Allister, Thomas Carse e John W. Keats foram anunciados e reconhecidos por ele.

Os espíritos de A. B. Whiting, George Johnson e um chefe índio chamado «War Eagle» anunciaram-se ao Sr. Johnson, o último fazendo bastante exibição do seu poder, reclamando o Sr. Johnson como seu médium.

O Sr. Plimpton foi interpelado pela irmã Mary, pela mãe e por M. D. Potter.

A Sr.ta Couden foi falada pelos espíritos de Edith Couden e Alice Clymer; depois disto, foi anunciada e reconhecida a presença de Eliza A. Couden, Henry Chace Couden, George V. Couden, Emma Couden e Thomas Craig.

O espírito de John Ringgold manteve então uma conversa confidencial com o irmão, quando a Sra. Hollis assustou o círculo ao anunciar a presença de um espírito escuro e não desenvolvido, do qual temia maldade. Tornou-se tão excitada e temerosa que exigiu que a luz fosse acesa e o círculo desfeito. Havia um sentimento de terror a impregnar as mentes de todos os presentes, e uma debandada em pânico tornou-se iminente.

Por garantias de que nenhum dano poderia vir a qualquer de nós, a calma foi restaurada, quando se ouviu uma voz abjeta a suplicar piedosamente permissão para falar ao Sr. Ringgold. O Sr. Ringgold disse: «Certamente, fale!» Ainda assim, repetidamente, a voz suplicava e implorava que ele não se ofendesse por falar com ele. O Sr. Ringgold assegurou ao espírito que, onde não havia intenção de ofensa, nenhuma seria recebida, e que deveria falar livremente o que tinha a dizer. A voz começou então tremulamente dizendo:

«Sou John W. Cowan, que, há muitos anos, foi enforcado nesta cidade por assassinar a minha esposa e filhos. É o único na sala que viu as vítimas da minha raiva ciumenta e crueldade, embora talvez todos tenham ouvido falar do caso. Lembra-se do golpe horrendo feito pelo machado, que eu afiara previamente para a terrível obra. Estava insano

de ciúmes quando cometi o ato antinatural e tomei dois drams *(unidade de peso equivalente a 1,700gr)* de uísque para me enervar para a ocasião. A minha esposa estava a descascar uma maçã quando a atingi. Ó, ela era inocente, e matei-a sem causa!»

Esta confissão, proferida suficientemente alto para ser ouvida distintamente por todos os presentes, naquela sala escura, produziu um efeito espantoso. Perguntou-se ao espírito se a esposa e os filhos estavam com ele.

Ele respondeu: «Não: estão numa esfera diferente, mais alta! Nunca deixei a terra e não podia, até ter proclamado a inocência da minha esposa.»

«Esta confissão foi de algum serviço para ti, suponho?», disse o Sr. Ringgold.

«Ó sim! Agora posso ascender a condições mais altas. Esta noite deixarei a terra e passarei para a segunda esfera!»

Após dizer quão grato estava pela permissão de confessar a sua culpa e proclamar a inocência da esposa a alguém que vira as suas vítimas, despediu-se de nós.

O Sr. Ringgold confirmou o que o espírito disse quanto a ele ter visto a esposa e os filhos de Cowan após terem sido assassinados. Era na altura apenas um rapaz e, como centenas de outros, visitara a cena da tragédia.

Após Cowan ter partido, Annie Hancock cantou uma das suas pequenas canções sozinha; e depois a minha amiga Lizzie Daly dirigiu-se novamente a mim. Jim Nolan anunciou então, pelo nome, a presença da minha mãe e pai. John Jordan, Charles Odell, Hannah Odell, Nathaniel Odell, Lizzie Odell, Betsy Lockard, Peggy Lockard («que vivia além da colina»), John Lockard, «Grace», Isabella Jordan, Emma Frances Jordan e Thomas Ewing (creio que era Thomas Eller que se pretendia): todos os quais, exceto o último nomeado, reconheci como parentes.

Depois disto, Emma De Ford falou com o irmão e anunciou a presença do pai dela, Washington De Ford, e George De Ford, Mary Barns e Capitão Air, o último enviando uma mensagem ao filho Edward.

O pai, mãe e avô de um membro da minha família, e também Nelson Atchison, anunciaram a sua presença. Foram dados um número de nomes a outros da minha família, entre os quais David Wolfe, Avô Reigel, Thomas Eller e Willie De Huff foram reconhecidos.

No total, foram dados sessenta e seis nomes neste círculo; mas o principal interesse centra-se na confissão do nosso contrito irmão, Cowan.

Na manhã de 24 de março, enquanto sentado à mesa do pequeno-almoço, pedi à Sra. Hollis que entrasse na sala do gabinete. Após ela o ter feito, fui informado, por uma escrita espiritual, de que uma manifestação invulgar seria dada na abertura. Esperei pacientemente vinte minutos, dedilhando as teclas do melodeon, quando o painel norte foi aberto de par em par, e a pequena Anna Hancock veio para a frente, de modo a ser vista claramente da cintura para cima. Estava belamente vestida com cores. O rosto estava em repouso, nenhum músculo se via mexer. Poucos segundos após a sua aparição, e enquanto ainda permanecia, outro espírito ergueu-se atrás dela, olhando por cima da cabeça dela.

O rosto era mais maduro, mas ainda infantil — uma rapariga de doze ou catorze anos. O cabelo era loiro, enquanto o de Anna era preto; ambos eram ondulados, o da loira chegando aos ombros. Ela deu posteriormente o nome de «Grace». Enquanto estes dois espíritos estavam à vista, um terceiro apareceu muito distintamente, de pé atrás de Grace, mais alta e mais feminina. O cabelo estava arranjado com esmero e muito escuro, exibindo uma cabeça, pescoço e ombros belíssimos. Reconheci de imediato «Nackie Haynes», uma jovem de grandes encantos pessoais, que era bem conhecida e amada por um grande círculo de amigos nesta cidade e em Mount Auburn.

As três figuras estavam belamente materializadas, de pé uma atrás da outra, e permaneceram distintamente à vista durante dez minutos. Começaram então a desvanecer-se; mas muito em breve fluxos de luz magnética foram derramados sobre elas, quando reviveram novamente. Este processo de materialização foi repetido várias vezes antes de finalmente se dissolverem da vista.

Na noite do mesmo dia, a minha família estava na sala oeste e a Sra. Hollis na do centro. Novamente o painel norte foi aberto de par em par e, após testemunharmos uma exibição de luz elétrica, que parecia iluminar o interior da sala, três cabeças vieram à abertura, bem materializadas, quase na mesma posição das que haviam aparecido de manhã. Anna Hancock e Grace eram duas delas, mas a terceira não era Nackie Haynes. Era um estilo de rosto diferente, a cabeça de forma diferente, e o cabelo escuro estava preso por uma banda de ouro.

Notei que estes espíritos pareciam estar mais juntos do que antes, deixando metade da abertura desocupada; e enquanto eu conjeturava a causa disso, três outros espíritos apareceram e ocuparam o espaço vago. Aqui estava um quadro de seis espíritos, finamente materializados, todos à vista ao mesmo instante; e, para dar interesse adicional à ocasião, a bela criança «Grace» mudou de posição e virou o rosto de um lado para o outro várias vezes.

Este grupo continuou à vista durante cinco minutos, quando um de cada vez se retirou, até restar apenas um. Era aquela que usava a banda de ouro na cabeça. Permaneceu e falou. Era Josephine Bonaparte.

Disse, em resposta ao meu comentário de que parecia diferente dos restantes: «A minha é carne e sangue; a deles, rostos iluminados!» Permaneceu na abertura sozinha durante doze minutos, estendendo os braços, mandando beijos com a mão aos presentes e mudando frequentemente a posição do corpo. Foi a materialização mais satisfatória que testemunhara.

Na noite seguinte, 25 de março, formou-se um círculo escuro por Adam Fox, Sra. Charlotte F. Miller, George P. Miller, Belle A. Miller, Sra. Anna Standish, Emma Smith e Belle Wilson.

Trinta e cinco espíritos foram anunciados pelo nome, a maior parte dos quais ou falou ou enviou mensagens aos seus amigos no círculo. As comunicações eram de caráter privado e bastante satisfatórias para aqueles a quem eram dirigidas.

As mesmas pessoas tiveram outra sessão no dia seguinte, à qual se juntaram Edward Miller e esposa, Sra. Jabez Miller, Ida, Maud e Thomas Miller, e George Fox. Quarenta e um espíritos foram anunciados ou falaram na ocasião.

A 27 de março, o Sr. Plimpton, o Sr. Melville Bonham, o conhecido leitor público, a Sra. Charlotte F. Miller e quatro membros da minha família tiveram uma sessão de gabinete. Houve quinze boas materializações, entre as quais Letitia E. Landon, a talentosa autora, apareceu e falou ao Sr. Bonham; e Anna Williams, que foi reconhecida pela Sra. Miller. Mary Plimpton, Lizzie Odell e Josephine Bonaparte estavam entre aquelas que vieram à abertura.

Na noite de 27 de março, formou-se um círculo escuro por J. W. RYLAN e esposa, HENRY NUNOS e esposa, C. L. Dunbar e esposa, e duas outras pessoas desconhecidas.

Após a luz ser apagada, um espírito fez o pedido de que todos saíssem da sala exceto a médium e o Sr. Rylan, pois tinha uma comunicação privada a dar-lhe. Era a irmã dele «LOUISA». A Sra. Hollis pediu que eu pudesse ficar; mas isso foi negado: por isso, todos saímos. Estivemos ausentes cerca de meia hora, quando fomos novamente admitidos; e, durante o resto da noite, dez espíritos falaram e deram alguns testes espantosos.

O círculo escuro, a 30 de março, era composto pelo Dr. J. D. Buck e esposa, George W. Skaats e esposa, W. W. Ward e esposa, W. T. Winchester e quatro membros da minha família.

As luzes tinham sido apagadas há pouco tempo quando a Sra. Hollis se excitou com a presença de três «espíritos escuros», que estavam à porta, tentando entrar na sala. Foram anunciados como os três homens que haviam sido executados por assassinar Hughes; e o seu objetivo era fazer uma confissão completa da sua culpa, como Cowan fizera, para que pudessem melhorar a sua condição. Soava tanto como uma transação comercial justa que defendi a causa deles; mas a médium e Nolan vetaram-na. Se estes espíritos infelizes realmente desejam confessar a sua falta para que possam ser perdoados, por que razão não lhes deveria ser permitido fazê-lo? Doutores de monstros morais dizem-nos:

«Enquanto a lâmpada durar a arder

O mais vil pecador pode regressar.»

Estes irmãos ignorantes querem sair do «mau lugar»; e penso que este desejo surge tanto de um instinto de bondade na natureza deles

como de um desejo de escapar às torturas de um purgatório eclesial. Mas seja qual for o motivo, ajudemo-los, em nome da grande humanidade.

Quando o círculo se acalmou, foi dado algum canto muito belo pelos espíritos; depois disto, Nolan falou e conversou com diferentes membros do círculo durante meia hora. Foi seguido pelo Dr. Bigler, que deu uma mensagem, para a esposa, ao Dr. Buck; e depois o Padre Baker, o guardião espiritual da Sra. Ward, falou eloquentemente da grande missão da Sra. Hollis e da sua próxima tournée pela Europa. Vários outros espíritos falaram, mas eram interessantes apenas para aqueles a quem se dirigiam.

A 31, de manhã, diante do gabinete, apareceu uma freira usando uma touca branca, que cantou «Excelsis Deo» belamente. No mesmo lugar, ao meio-dia, estando presente a Sr.ta Maggie Baker, apareceu o sobrinho dela, Harry Willett; também um bebé, gordo e rechonchudo, de cerca de três meses, que tinha de ser sustentado pelo spray de materialização. Foi depois embrulhado num tecido espiritual, que parecia crepe branco fino.

O Sr. John Whaley teve uma sessão escura a 31 de março, na qual a esposa dele falou e vinte e cinco outros espíritos foram anunciados pelo nome.

O primeiro de abril foi reservado para o Hon. Frederick Hassaurek, Rev. Henry D. Moore, Sra. Nancy Martin e F. B. Plimpton formarem um círculo escuro. Havia uma forte tempestade com trovões a decorrer na altura em que estas pessoas entraram na sala, que continuou durante a sessão. Jim Nolan disse que a agitação dos elementos impediria um número de espíritos presentes de falar. Destes, deu sete nomes ao Sr. Moore, que ele reconheceu; à Sra. Martin deu os nomes de dez espíritos, todos reconhecidos; ao Sr. Plimpton, dez nomes; e ao Sr. Hassaurek, dois. Como nenhum além de Nolan conseguia falar, a sessão foi em breve encerrada.

Após a tempestade ter acalmado, o Sr. Plimpton, a Sra. Martin e a minha família entraram na sala oeste, e a Sra. Hollis na do centro. Ela mal fechara a porta, quando um braço e mão foram projetados através do painel aberto, segurando o ramo de um arbusto contendo folhas e

flores, tão frescas e de aparência natural como se acabadas de arrancar do tronco-mãe. Após dois minutos, foi retirado por alguns segundos e reapareceu com a mão envolta num véu de gaze. Este foi novamente removido, e a mão nua, segurando as flores, apareceu, com um lenço agarrado ao mesmo tempo.

Luz magnética iluminou então quase o interior do gabinete, quando um bebé nu foi plenamente apresentado na abertura do painel. Foi depois coberto com um véu semelhante a gaze; e novamente, nu, deitado num almofadão fofo, dentro de um dossel arqueado formado pela gaze. Apareceu a seguir na abertura aos ombros de um rapaz de cabelo loiro. Um número de espíritos foi apresentado depois disto, em boa luz, quando a bela filha da Sra. Martin «Harriet» veio plenamente à vista. Permaneceu seis minutos, plenamente materializada, e repetiu as palavras: «Mãe! Mãe! Mãe!»

Usava um toucado de ilusão cor-de-rosa, dobrado como um véu, através do qual o seu cabelo escuro podia ser distintamente discernido. Após vários outros espíritos se terem mostrado, uma jovem, usando um véu de noiva, esteve na abertura alguns minutos e depois ergueu o véu ao comprimento do braço, formando uma vista através da qual se tinha de espreitar para ver o rosto dela. Virou então o véu para o lado, e este pendia até onde se podia ver. O seu rosto claro e brilhante estava agora perfeitamente revelado, e ergueu as mãos aos lábios e lançou beijos a cada membro do círculo. O espírito não foi reconhecido. O véu desceu novamente sobre o rosto dela, e ela retirou-se da vista.

Após várias manifestações de mãos, lenços e flores terem sido dadas, o mesmo bebé foi novamente trazido para a frente, sustentado nos braços de uma ama. Parecia gostar muito dele, beijando-o frequentemente e brincando ternamente com ele, jogando às escondidas com brinquedos, tocando no nariz, lábios e bochechas dele, da maneira como as mães geralmente fazem com os seus queridos indefesos. Toda a cena era tão viva que mal conseguia pensar nela como uma manifestação espiritual.

No final, a Sra. Hollis saiu, sentindo-se lânguida e exausta.

CAPÍTULO XXVI

SESSÕES PRIVADAS — MUITAS TESTEMUNHAS — NOLAN — SKIWAUKEE — QUATRO CARTAS DE JOSEPHINE, ETC.

O DIA 2 de abril foi reservado para o Sr. Alfred Gaither, Joseph Rodes e L. C. Weir entrevistarem os espíritos — primeiro à mesa de escrita, de manhã, e no círculo escuro à noite. A escrita não vi, mas estive presente no círculo da noite.

As instalações foram cuidadosamente examinadas e encontradas em ordem. O Sr. Rhodes propôs trancar a porta, proposta que emendei sugerindo que ele a vigiasse do lado de fora. A porta foi assegurada e a luz apagada. Jim Nolan começou a falar, em poucos minutos, e muito em breve tinha o Sr. Rhodes «num espírito» sobre maçonaria. Estes irmãos do «laço místico» satisfizeram-se de que ambos estavam «em ordem no ganso», quando, primeiro a um e depois ao outro, Jim se dirigiu a Weir e Gaither.

Os amigos espirituais destes cavalheiros começaram agora a falar e foram questionados de perto por eles, para terem certeza da sua identidade. Por exemplo: quando o espírito do tio do Sr. Gaither se anunciou, o Sr. G. pediu-lhe que declarasse, em termos exatos, onde nascera, onde morrera e quando; todas as perguntas foram respondidas corretamente. Este espírito anunciou a presença da tia dele (do Sr. G.), Maria, declarando que ela morrera de cancro no estômago, e quando, e em que circunstâncias.

O Sr. Rhodes foi então falado pelo filho de quatro anos, que perguntou pelo seu cavalo de pau e pelo chicote que o pa lhe comprara, também por um número dos seus brinquedos que a ma guardara.

O Sr. Weir tinha consigo um pequeno instrumento telegráfico, que levava no bolso; com este fez uma chamada peculiar, pessoal a Frank Ste- O espírito assim solicitado respondeu de imediato; mas declarou que era incapaz de manipular a chave, na sua condição presente.

Bastantes outros espíritos foram anunciados, e um falou ao Sr. Gaither, de maneira algo ameaçadora, em referência ao método da sua súbita partida. Era Sim Reno, o assaltante de expresso, que fora enforcado na Cadeia de New Albany, Ind., por um comité de vigilância. Porque o Sr. G. era um oficial de uma das companhias assaltadas, Reno

imaginava que os detetives dele tinham tido uma mão no assunto, e assim se expressou.

Os mesmos cavalheiros, com as esposas, e a Sr.ta Gaither, tiveram outra sessão a 6 de abril e receberam alguns testes muito bons da presença dos seus amigos no mundo espiritual. Eram de natureza privada.

A 3 de abril, o Sr. William L. Vance, de Memphis, e o Sr. James B. Speed, de Louisville, Ky., tiveram uma sessão escura com os espíritos. Havia mais de quarenta presentes, cujos nomes foram anunciados ao Sr. Vance e reconhecidos como entre os seus parentes e amigos familiares, alguns dos quais, afirmou ele, não eram mencionados há trinta anos.

Dezoito espíritos deram os seus nomes ao Sr. Speed, recordando indivíduos que há muito haviam passado para a «terra dos leais».

A mim, James Collins, um antigo residente de Columbia, Penn., o meu lugar natal, e a Sra. Margaret M. Scott, do mesmo lugar, falaram. Esta última pediu-me que escrevesse ao marido dela, Thomas A. Scott, o distinto gerente ferroviário, e o informasse de que desejava falar com ele na presença desta médium. Escrevi ao Coronel Scott, declarando os desejos dela, mas imagino que ele considere o meu serviço como de sanidade questionável.

Formou-se um círculo escuro a 6 de abril, composto por Rees Price, Jr., e esposa, Sra. Sallie Price, Sr.ta Clara Matson, Sra. Mary M'Duffie, John Price, Rees M'Duffie e George M'Duffie.

A pedido, a Sr.ta Matson cantou «You'll remember me» e foi acompanhada pela mãe espiritual. Jim Nolan falou então durante meia hora sobre as realidades do mundo espiritual e a herança universal do homem — a felicidade. Terminou com uma apóstrofe à Morte, declarando que era o portal florido através do qual a humanidade passava de condições baixas para mais altas de ser. Partiu, após pronunciar uma bênção.

A Avó M'Duffie falou então à nora. Thomas M'Duffie deu admonição e conselho aos dois filhos. James Price conversou com a mãe, e a Sra. Matson com a filha. Sallie Price falou com o irmão John; e Rees Price e esposa receberam uma bela comunicação da filha espiritual. No final da

sessão, Anna Hancock cantou duas canções de embalar muito docemente.

Na noite seguinte a esta sessão, formou-se um círculo escuro pelo Sr. Plimpton, Benjamin E. Hopkins, Sra. Lucy Chandler, Henry Mosler e esposa, Sra. Charlotte Miller, Sr.ta Emma Ringgold e Sr. William Ringgold. A noite estava muito abafada, e a manifestação fraca e insatisfatória. Tornou-se-me claro que, para ajudar os espíritos a comunicar, os círculos deveriam ser formados por famílias. Quando assim constituídos, uma dúzia de indivíduos receberá cada um testemunho mais satisfatório da presença dos amigos do que dois que sejam completamente estranhos um ao outro. Diz-se que isso surge da fusão da esfera familiar numa condição homogénea, que os espíritos podem penetrar mais facilmente.

Os espíritos muitas vezes me repreendiam por não observar mais discrição na formação de círculos escuros. Numa ocasião, tiveram tanta dificuldade para falar que Josephine escreveu, na manhã seguinte, os seguintes comentários sobre a sessão:

CARTAS DE JOSEPHINE, N.° XIII

«MEU QUERIDO AMIGO, O círculo de ontem à noite foi de pouco valor, tanto para os espíritos como para os mortais. Tais círculos improfícuos desencorajam-nos e chocam as nossas naturezas sensíveis mais do que podeis compreender.

«E no entanto o nosso trabalho deve continuar, mesmo entre tais pessoas não desenvolvidas. A terra está cheia delas. Mas quão insignificantes parecem e quão indignas dos esforços que fazemos para as elevar! Sem a nossa assistência, chegam ao mundo espiritual numa condição quase idiota; e aqui têm de ser cuidadas como crianças indefesas.

«Algumas destas pessoas desgostam-nos e sentimos vontade de as deixar entregues à sua grosseira ignorância e impureza. Mas isso não podemos fazer. Os porcos precisam de ser alimentados, mesmo que tenhamos de trabalhar na lama para o fazer.

«Quando olhamos para os nossos médiuns, o seu número e condições, sentimos que a obra de elevar a humanidade exigirá o decurso de eras. Entrai nos vossos grandes e esplêndidos

estabelecimentos comerciais e escutai os pensamentos dos vossos grandes homens. Em breve traem o material falso das suas mentes; a conversa deles é pueril e repugnante; não entretêm uma ideia acima das suas necessidades sensuais, ou que os seus instintos brutais não originem.

«Lembrai-vos, meu querido amigo, de que só estais a alcançar alguns destes indivíduos, e talvez os melhores deles. Mas estes servirão como propaganda para incendiar os restantes, até que as suas instituições de lixo sejam varridas da vista; e quanto mais depressa, melhor. A tempestade está a formar-se e tem de rebentar, quando estas reputações de palha serão consumidas pela flamejante onda de uma inteligência mais esclarecida. Os homens deixarão de ser fanáticos, e a verdade purificará a atmosfera que agora paira ameaçadoramente sobre a condição mental do mundo. Onde agora florescem igrejas como centros de miasma, envenenando as mentes dos homens, flores de pensamento livre e progresso brotarão para embelezar a terra e alegrar o coração.

«Vereis viver muito desta grande transformação. A tempestade que efetuará esta mudança está tão próxima que o relâmpago pode ser visto, e os resmungos dos trovões do descontentamento distintamente ouvidos.

JOSEPHINE BONAPARTE.»

Com todo o cuidado que pude exercer para selecionar pessoas para os círculos na sala escura, não satisfiz inteiramente as exigências de Josephine. Muitos que se consideram de grande importância para o mundo não se sentiriam muito lisonjeados ao saber as opiniões que os espíritos entretêm sobre eles, após uma hora de entrevista na sala escura. De um número de homens representativos influentes, que constituíram um círculo a 8 de abril, foi escrito na manhã seguinte o seguinte:

(CARTAS DE JOSEFINA, N° XIV)

"Meu caro amigo, — Ontem à noite, enquanto ouvia a conversa prolixa daqueles homens e mulheres *eruditos*, o *sympanthum (NT: Tímpano?)* do meu ouvido mostrou-se *penoso*, já que as costas do escravo estão sob as lacerações do chicote do mestre; e, do fundo de minha alma, emergiu o clamor: 'Ah, Senhor, quanto tempo isso deverá continuar?' Senti que as lindas mensagens que havíamos trazido, com tanto esmero e tanto trabalho, do mundo espiritual, para melhorar a condição dessas pessoas, eram "o Trabalho do Amor Perdido"; e que as flores da verdade murchariam e pereceriam nas suas almas estéreis.

"Muitas vezes nos questionamos uns aos outros: 'O que será melhor para essas pessoas? O que será que lhes fará maior bem?' Mas a resposta é sempre dada em termos de perplexidade e dúvida. Não importa o quanto desenvolvidos os espíritos possam estar — até que ponto eles se terão elevado do plano sensual da vida terrena — quando vêm comunicar com tais pessoas, eles precisam confinar-se às condições espirituais e mentais daqueles a quem se dirigem; os poderes de comunicação são limitados pelas capacidades de inspiração daqueles com quem estamos. Somos como as chapas sensíveis do fotógrafo, sobre as quais a condição mental do círculo é refletida. Essas pessoas disputam como crianças com as fotos que são tiradas delas próprias; e em verdade, estimamos essa insatisfação como um vislumbre de um mérito nelas.

"Não será lamentável que espíritos de elevado grau de desenvolvimento sejam obrigados, para poderem fazer o bem, a assumir o nível mental de homens e mulheres que mal passaram da condição de existência animal? Isso devemos nós fazer, senão não podemos cumprir os propósitos de nossa missão beneficente, embora, às vezes, nos sintamos rebaixados por nós próprios e desgostosos com o trabalho que ensaiamos.

"Você próprio já passou por algumas sensações dessas, quando tentou beneficiar as pessoas, mas as descobriu rodeadas por tais condições que lhe paralisaram os esforços que dirigiu e lhe frustrou os propósitos que tinha em vista. Você sente que o tempo foi mal empregado; e ainda assim, que se há de fazer?

"Somos compelidos pelas leis do progresso a ajudar as pessoas subdesenvolvidas da Terra (a elevar-se das condições mais baixas para as mais altas, antes de nós próprios avançarmos para as esferas mais elevadas." Qual será a recompensa pelos sacrifícios que fazemos? O mundo espiritual está cheio de pessoas ignorantes, que são objeto de piedade e que clamam pela nossas compaixão e ajuda para instruir e avançar.

"Ah, se os habitantes da Terra pudessem tão só perceber o quanto é importante fazer o melhor uso do seu tempo para melhorar a sua vida rudimentar, enquanto têm uma oportunidade; haveria menos culto e mais trabalho entre eles! Promover esse fim é o objetivo principal do estabelecimento de uma relação entre os dois mundos. Quando os homens souberem aproveitar ao máximo o seu tempo, tanto para a vida presente como para a futura, deixarão de fazer o mal e aprenderão a fazer o que é certo.

"Meu amável amigo, essas baixas condições da família humana são de deplorar, mas só podem ser melhoradas se fizermos sacrifícios e nos envolvermos ativa e persistentemente nos severos deveres da vida. Trabalhemos juntos, e quanto mais realizarmos, quanto mais cedo herdaremos a recompensa da paz.

Josefina."

Foram dadas várias sessões privadas, nas quais não surgiu matéria de interesse público. A maior parte das pessoas procura entrevistas com o mundo espiritual para obter informações sobre o bem-estar dos seus amigos pessoais, na maioria dos casos da própria família. Desta forma, a informação mais importante relativa às condições reais, leis e usos da vida espiritual é não solicitada e retida.

É verdade que conversar novamente com os nossos amigos, após terem ultrapassado a fronteira da vida humana, é uma gratificação e privilégio que não pode ser estimado em demasia; ainda assim, o conhecimento das leis relativas à vida espiritual é um poder que origina e mantém perpetuamente um prazer para a alma, desconhecido para aqueles que preferem entrevistar amigos pessoais em vez de filósofos progredidos. De facto, estas são as características distintivas dos investigadores do espiritualismo. Um procura estabelecer as suas

verdades ou falsidades pelo testemunho dos seus amigos pessoais; outro recolhe a verdade, através dos processos da razão e da intuição, pelo testemunho de testemunhas esclarecidas.

Uma sessão privada, na qual foram dados muitos excelentes testes pessoais, foi formada por John G. Brotherton, Sra. S. Ryder, John French, Sra. H. French e James T. French, todos os quais foram interpelados pelos seus amigos espirituais.

Outro círculo foi formado por Joseph Kinsey e família, Thomas Kinsey e família, Samuel R. Bates e esposa, e Benjamin E. Hopkins e família, no qual foram dados um número de bons testes pessoais.

A 7 de abril, formou-se um círculo pelo Dr. J. D. Buck e esposa, Sr. Robertson e esposa, Sr.ta Cluff, Dr. W. e Dr. H. As vozes foram bastante baixas — por vezes indistintas — neste círculo; e os espíritos pronunciavam os seus nomes com dificuldade. Ainda assim, foram dados um número de bons testes; e, não fosse a estranha conduta do Dr. W., que parecia ignorar as conveniências de um círculo espiritual, as manifestações teriam sido muito melhores. A seguinte nota foi escrita na lousa na manhã seguinte:

"Oh, a escassez que não se verifica de pessoas espirituais! Quando mais o grande mundo precisa dessa luz! E, no entanto, quando nos encontramos um círculo parcialmente composto como o da noite passada, sentimos que o trabalho que nos comprometemos em realizar é quase incompreensivelmente grande. O vosso círculo na noite passada foi extremamente inútil para nós.

Josefina."

No dia 9 de Abril, Elias L. Lewis, John M'Kinney, Ephraim Holland e Edward Henderson tiveram uma entrevista com os espíritos. Todos esses cavalheiros, eu tinha sido informado, eram declarados crentes materialistas. Eles eram todos banqueiros em boa posição, creio bem, que jamais tinham desonrado um cheque de sua própria emissão, na medida em que era do conhecimento público. O Sr. Henderson não é banqueiro, mas um editor do Jornal Comercial da cidade. Um desses banqueiros comprometeu-se com o público, numa certa ocasião, a vestir e a alimentar, às suas próprias custas, um certo número de emigrantes que haviam chegado à nossa cidade em meio ao inverno,

quase nus e famintos. Ele fez isso sem conferenciar com os funcionários municipais, o Diácono Smith, nem a Associação Cristã dos Rapazes. Numa outra ocasião, de sua livre e espontânea vontade, remeteu mais dólares do que todas as igrejas da cidade juntas ao presidente do Orfanato, com o pedido de que elas fossem gastas por ele de modo que deixasse os pequeno felizes no dia da celebração do nascimento de Jesus Cristo. Ele teve a audácia de assinar o nome de "Pai Natal" na nota não legal. Fui informado de outros estratagemas semelhantes por parte dos restantes.

Os espíritos gostam de conversar com homens desses; e quando o Sr. Lewis, foi solicitado a cantar um hino, uma voz de espírito juntou-se a ele. No final do cântico, Jim Nolan desafiou Lewis e Henderson, de uma maneira misteriosa, e achou-os bons como irmãos Maçons. Lewis cometeu vários erros, que "Jim" apontou de imediato, mostrando-se "brilhante" e eles bastante "enferrujados." Esses membros da "irmandade" ficaram um pouco confusos com o exame que Jim lhes fez e confessaram que nem a Srª Hollis nem nenhuma outra mulher poderia fazer tal serviço. Esses quatro homens interrogaram Jim, primeiro um e depois o outro, da maneira mais embaraçosa; foram mordazes e astutos; mas Nolan foi claro na compreensão e pronto na resposta. Foi uma "luta justa" pela sustentação ou rendição de velhas opiniões.

"Este é o evento mais surpreendente da minha vida!" disse Lewis. "Essa voz fala dos meus amigos, e trata-os pelo nome, com tanta familiaridade quanto eu poderia ter. Descreve, com toda exatidão, a forma e a presença de um há muito desde colocado no caixão, e fornece uma mensagem característica. O que significa tudo isto... "Será possível que vivamos depois da morte, e terá ficado claro que os mortos podem voltar e falar com os seus amigos de novo?"

Jim Nolan anunciou de seguida os nomes de todos os membros do círculo, que haviam sido propositadamente retidos até serem divulgados. Uma voz então disse ao Sr. M'Kinney: "Irmão John, fico tão feliz por vê-lo! Estou tão feliz, tão contente! Oh, estou tão feliz em vê-lo! Eu agora não sou cego! Oh, estou muito feliz!"

"Bem, por que chora, se está tão feliz?" disse o irmão, quase sufocado pela emoção.

"O, querido irmão, estamos todos aqui! Pai e mãe, e irmã e irmão, estão todos aqui e estão tão felizes! Abençoado seja, querido irmão, por ter vindo aqui esta noite!"

Depois que o entusiasmo diminuiu, o Sr. M'Kinney teve uma longa conversa com o que supostamente era o espírito de uma irmã cega. A conversa esteve relacionada com diferentes membros da família, vivos e mortos, e foi de caráter tão particular a ponto de tornar a sua publicação indesculpável.

"Quem estava a falar consigo?" Disse eu ao Sr. M'Kinney.

"Foi a minha irmã cega," respondeu ele.

"Então, ela não está morta," disse eu, "mas viva."

"Assim parece!" foi a resposta ponderada que me deu.

Uma voz feminina de seguida falou com o sr. Lewis, dirigindo-se a ele de uma maneira peculiar para uma jovem cuja memória ainda era carinhosamente apreciada.

"Quem me chama pelo nome?" disse o homem interessado.

Ela deu o nome da jovem em questão e começou a identificar-se da maneira mais inconfundível. Seguiu-se uma longa conversa em voz baixa, que resultou na crença de que ele estivera realmente a falar com os seus "amados" que perdera. Eu disse: "O que acha disso, senhor?"

"Estou aturdido, não sei o que pensar! Isto é maravilhoso - isto é maravilhoso! Essa voz foi silenciada há muitos anos, e eu nunca esperei ouvi-la de novo! E, no entanto, aqui está ela, a despertar-me estranhos ecos na alma, que eu julgara adormecida para sempre!"

"Não acha que a Sra. Hollis, poderia ter falado consigo da maneira que você ouviu por métodos de ventriloquismo?"

"O ventriloquismo não divulga os segredos do coração. Nenhum mortal me poderia revelar o que os meus ouvidos acabaram de escutar."

Outro espírito falou de seguida numa voz peculiar de velho, um pouco estridente. Dirigiu-se ao Sr. Holland, e pretendeu ser o antigo chefe da família dos Hollands. Depois de dar o nome, ele foi

reconhecido por seu filho, de um modo que deixou o facto fora de dúvida.

"Ele fala exatamente como o velho costumava falar!" disse o Holand. "Ele é o velho, certamente! Eu poderia identificá-lo entre mil e apostar que era ele!"

Seguiu-se uma longa conversa, na qual foram fornecidos factos atrás de factos, até que Holland "levantou a mão" ante a completa identidade do *pater-familias*.

Com a força do médium exaurida, os amigos espirituais de Henderson não conseguiram dar nenhuma manifestação audível - pelo menos, o que foi dito foi dito em voz baixa.

O círculo foi terminado às dez e meia da noite, e os banqueiros saíam da presença dos seus amigos espirituais mais sábios do que quando entraram.

Na manhã seguinte, a carta anexa foi escrita na mesa:

(CARTAS DE JOSEFINA, N° XV)

Meu caro amigo, — escutei ontem à noite todas as palavras que foram ditas, e pesei cuidadosamente cada uma. Havia mais do verdadeiro anel de metal puro naquele círculo do que em qualquer outro que vocês tiveram no espaço de uma semana.

“No fundo do coração desses homens, há um anseio pelo testemunho do pós-vida, que a Igreja não apresenta. A voz de um ente querido, a falar-lhes das fronteiras do Paraíso, *(Summerland)* tem o poder de os mover de uma maneira indescritível. Toda a sua natureza é permeada de amor, como flores com fragrância. Quando a voz do que foi perdido é escutada de novo, e os sentimentos santos e puros da infância voltam, e correm sobre as suas almas, como uma imensa enchente de água sobre suas barreiras entravadas.

"É mais agradável conversar com esses homens duas horas do que com um fanático religioso por dois minutos. Os frequentadores da Igreja podem se pronunciar contra essa classe de pessoas; mas eles não se esforçaram para se tornar tão bons quanto eles? Na sua falta de caridade, tornam-se cegos para com as boas qualidades dos seus semelhantes e estabelecem-se como padrões de conformidade; mas eu

digo-lhe, meu amigo, havia mais verdade divina nas almas daqueles cinco homens do que às vezes se encontra em toda uma congregação de cristãos de bom gosto. Eu senti vontade de lhes dar a mão para

os ajudar a alçar-se a uma posição mais elevada na escala do progresso espiritual.

"O que foi dito ontem à noite fez-lhes muito bem. Foi como semente deitada em solo rico e preparado. As cordas das suas almas foram tocadas, e a música irá emocionar o seu ser para sempre. A porta da sua vida interior foi aberta e a luz de um novo dia entrará. Sinta-se grato por ter ajudado a elevar esses homens das trevas para a luz. Eu estou consigo em todo bom trabalho.

Josefina."

A 10 de abril, Milton Miller e esposa, Joseph Smith e esposa, Sra. Anna Standish e Adam Fox formaram um círculo e entrevistaram os espíritos. Nolan começou e falou durante três quartos de hora. A irmã do Sr. Miller, Belle, conversou com ele alguns minutos; depois disto, a mãe do Sr. Fox e o irmão Robert conversaram com ele sobre assuntos familiares. O pai da Sra. Standish dirigiu-se a ela, e o filho da Sra. Miller, George, alegrou o coração da mãe com a sua presença. Foi um bom círculo de testes; mas não foram discutidos princípios.

A 12 de abril, Benjamin Hopkins, esposa e filho, John French, esposa e filho, e Sr.ta Mary Sackett tiveram um círculo escuro, e bom. Hopkins e French apresentaram algumas excelentes perguntas de liderança em filosofia espiritual, que deliciaram Jim ao responder longamente.

A 13 de abril, A. J. De Ford e a mãe dele, Charles Graham, Sr. Plimpton, John Price e os membros da minha família realizaram um círculo escuro. A irmã do Sr. Plimpton falou com ele vários minutos sobre assuntos familiares e disse que lhe escreveria uma carta na quarta-feira seguinte, o que fez. Foi-lhe então pedido que cantasse vários hinos favoritos, nos quais a mãe e a irmã espirituais se juntaram. Jim Nolan falou então durante uma hora, primeiro em resposta a perguntas colocadas pelo círculo e depois para anunciar os nomes de quarenta espíritos presentes, todos os quais foram reconhecidos. Foi dado o novo nome de Letitia B. Wolfe, como habitante no mundo espiritual, que nunca nascera na vida neste, mas como embrião.

Jim comentou: «Nunca mencionei este facto antes, mas é apropriado que o saibais: que quando pessoas com mais de setenta anos passam para o mundo espiritual, raramente regressam à terra; e se o fazem, ainda mais raramente se interessam pelos assuntos locais dos homens. Mas quando pessoas passam para o mundo espiritual antes de atingirem essa idade madura, continuam a sentir interesse pelos assuntos humanos e envolvem-se ativamente nas empresas dos homens. O seu zelo abranda à medida que se aproximam dos três vinténs e dez, quando viram o rosto do mundo natural e começam a sua jornada pelas alturas estelares da terra espiritual.»

A razão que deu para isto era que o magnetismo do espírito se tornava refinado em caráter, perdendo a sua grosseria terrena. Os sonhos e visões da juventude e da velhice são explicados numa hipótese magnética. Através de mudanças magnéticas, a lei do progresso desdobrava o seu poder e dava expressão aos fenómenos que tanto haviam mistificado as mentes dos homens. A sabedoria da idade era apenas o simples crescimento das condições magnéticas precoces do espírito. A vida física só podia ser mantida enquanto o magnetismo do espírito era grosseiro. À medida que se tornava eterealizado, os apegos à terra enfraqueciam — as atrações para a vida superior fortaleciam-se e intensificavam-se.

Após Jim ter concluído o seu arrazoado, «old Ski» anunciou-se com um prolongado halloo-oo! Sendo saudado por todos os presentes com um caloroso bem-vindo, o velho chefe falou em voz entristecida do massacre do General Canby pelos índios Modoc. Deprecou o ato como «mau» e que Jack e os seus homens seriam desalojados dos Lava-beds, capturados e mortos. Disse que a palavra Modoc significava «muitos grandes índios»; ou seja, uma grande tribo.

Nackie Haynes lembrou-me então do facto de que, enquanto inválida, não me permitira falar de espiritualismo com ela. Aludiu aos agradáveis passeios que fizemos por Clifton, Avondale e Walnut Hills, e falou caracteristicamente rápido. Disse que estava feliz e agora realizava a verdade do que eu dissera sobre a vida espiritual.

James M'Cammon falou a John Price e enviou uma mensagem ao pai e à mãe, a quem ambos falara e escrevera na presença da Sra. Hollis. A irmã do Sr. Price também lhe falou.

Um filho falou ao Sr. Graham. Lizzie Daly disse que o pai dela era médium para materializar flores. O Sr. Plimpton foi interpelado pelo Coronel Robert Lachlan, falecido de Mount Auburn; e a minha família também foi interpelada.

A sessão encerrou-se, e aqueles que compunham o círculo ficaram deliciados com as comunicações que receberam. Na noite seguinte, Josephine tinha algo a dizer, e aqui está:

(CARTAS DE JOSEFINA, N° XVI)

"Meu caro amigo, — A sessão no domingo foi boa, e ficamos realmente felizes. Houve tanta discórdia ao longo da semana, que um pouco de harmonia no domingo nos recompensa pelos problemas e sofrimentos vividos. Há tanta coisa para contrariar os esforços que empreendemos, que é com grande dificuldade que conseguimos transmitir as nossas mensagens corretamente.

As nossas formas espirituais são tão sensíveis e tão semelhantes a películas, que o som áspero de uma voz humana nos repele e às vezes nos torna incapazes de apresentar qualquer evidência de nossa presença. No círculo, por vezes ouvimos vozes que nos golpeiam tanto o *sympamthum* dos nossos ouvidos quanto a agitação e o chocalho de o apito de caldeira golpeia o vosso. Nós afundamo-nos sob esse ruído barulhento; e é com a maior dificuldade que manifestamos a nossa presença. Quão poucos entendem isso!

"Num dos vossos círculos recentes, uma criança sensível chamou pelo nome do pai, que exclamou, em tons terríveis: 'Quem é? O que é que queres? Se tens algo a dizer, *prossegue!*' Bem, a criança não pôde prosseguir! Ela cambaleou sob aquela dureza de expressão, como se tivesse sido atingida no rosto! Considerem que somos como plantas sensíveis e sofremos da mesma maneira.

"Uma vez mais eu digo que o vosso círculo foi bom, pois tudo esteve em harmonia.

O seu cordial acolhimento sustentou-nos. O Sr. Plimpton estava em simpatia. O Sr. Graham tem uma voz firme e honesta. Madame De Ford

exibiu no seu tom a natureza afetuosa de seu coração materno; enquanto a voz masculina do seu filho era disso eco apropriado.

Josefina."

CAPÍTULO XXVII

Ao crepúsculo da noite do 14 de Abril, depois de ter voltado de uma viagem pelas colinas de Clifton, pedi à sra. Hollis que segurasse a lousa para receber as comunicações. Enquanto aguardava a escrita, observei mãos espirituais a brincar com as franjas do pano que cobria a mesa, que ficava a meio caminho do chão. Essa descoberta sugeriu primeiro uma coisa e depois outra, até que os fenómenos daqui em diante registrados fossem todos exibidos da maneira e forma declaradas.

Eu segurei uma nota de banco nova e nítida a cinco ou seis polegadas de distância das mãos espirituais e disse: "Consegue alcançá-la?" Uma mão estendeu-se e carregou-a para debaixo da mesa. A minha mão foi tocada pelo do espírito quando ele agarrou a nota. A transferência da nota para debaixo da mesa pode ser ouvida distintamente, pelo ruído que fez. Depois de alguns minutos, a mão saiu e soltou a nota, impecavelmente dobrada, sobre o chão.

A mesma nota foi-me novamente retirada da mão quando a segurei a uns centímetros da mesa; expondo assim a mão espírito e o antebraço, bem distintos.

Depois disso, coloquei o meu *porte-monnaie* sobre a mesa, e disse: "Você consegue chegar à carteira?" A mão do espírito empurrou o pano fora e para cima, até que repousar sobre o oco do braço fletido. O *porte-monnaie* foi alcançado junto com diversos outros artigos, da mesma forma, foram tirados do tampo da mesa, o que me proporcionou a oportunidade de examinar o braço e a mão, não mais do que a uns vinte e cinco centímetros do meu rosto. Elas pareciam semitransparentes, como louças de porcelana, quando as colocamos entre os seus olhos e a luz.

Os espíritos pediram, escrevendo na lousa, um lenço. Foi-lhes dado um, e rejeitado, porque tinha sido perfumado. Foi substituído por um sem perfume, e levado sob a mesa, onde o amarraram firmemente com nós, e de seguida jogado para o chão, a vários centímetros da mesa.

Tudo isso foi feito enquanto a Srª Hollis se encontrava sentada ao lado da mesa, sem nenhuma parte da sua pessoa debaixo dela, exceto a mão direita, na qual ela segurava a lousa. De costas voltadas para mim, e sua posição era tal que seria fisicamente impossível ela ter usado uma mão para produzir o fenómeno que anunciei; e ainda assim foi produzido.

Foi-me dado a entender que era a mão de Josephine Bonaparte que eu vira e que ela desejava dizer-me alguma coisa na sala escura. Fui ao quarto escuro e, em poucos minutos, uma voz começou a cantar, com muita comiseração, uma estrofe francesa. Foi-me posteriormente dito que era uma música favorita de Napoleão e que a voz que eu ouvira lha havia cantado uma centena de vezes. A voz era mais clara do que qualquer outra que eu já tivesse ouvido. Seu toque assemelhava-se ao tilintar de metal fino e podia ser ouvido em qualquer parte do maior salão de Cincinatti. Josefina disse em seguida (pois foi ela que cantou) que o público nunca tinha sido informado das verdadeiras relações existentes entre ela e Napoleão. Sendo médium, ela fora guiada por espíritos para Napoleão e tornou-se sua esposa sob as instruções deles, para o ajudar a levar por diante a sua grandiosa missão na Terra.

Isto ela fez revelando-lhe, enquanto numa condição de transe, as medidas que ele deveria adotar para o aperfeiçoamento da raça humana, de que a França era simplesmente o campo de batalha para o êxito dos princípios grandiosos que exerciam a sua influência sobre os destinos da raça humana. Todas as nações e até as vidas de todos os povos. As ditas inteligências espirituais organizaram as campanhas do Imperador, e a maioria das suas batalhas por meio da sua mediunidade; e esses planos foram tão bem-sucedidos que Napoleão achou que estava a levar uma vida encantada e intitulou-se si mesmo de "O Homem do Destino".

Falando da sua própria vida, ela disse, antes de deixar a ilha de Martinica, previu que se tornaria a Imperatriz da França; e que, quando aprisionada por Robespierre, e informada de que ela deveria morrer no dia seguinte, em transe profundo, viu o tirano derrotado e a sua liberação final e triunfo. Ela falou da mudança que caiu sobre os assuntos de Napoleão quando ele se atirou nos braços da Igreja, e se permitiu ser guiado pelos seus conselhos. Foi isso que selou o seu

destino e trouxe a desgraça à causa que era missão dele defender. Para terminar o trabalho que ele começara, disse ela, o seu querido Napoleão devia surgir de novo na carne, e tornar-se de novo na figura central na família da raça. Então, declarou que a sua reencarnação começara - que dentro de trinta anos ele teria aparecido na França, na sua grande missão de mediador, e que diante do brilho das suas novas conquistas e de todos os seus atos anteriores empalideceriam as suas paixões ineficazes. Com a promessa de tomar conta do meu sono, ela despediu-me comum "boa noite".

No crepúsculo da noite de 15 de abril, pedi novamente à sra. Hollis que segurasse a lousa sob a mesa. Eu tinha-a agora envolta numa cortina de chita preta que chegava até ao chão, como um substituto para o xale. No final da mesa junto às costas da Sra. Hollis, fiz uma abertura na aba da musselina, de cerca de seis centímetros quadrados, que servia como a abertura do gabinete. Estava uma câmara verdadeiramente escura, com parte nenhuma da pessoa da Sra Hollis nela, senão a sua mão direita, mão em que a ela segurava a ardósia.

Eu agora coloquei uma cadeira contra o cortinado, sob a abertura, para servir um propósito semelhante ao do suporte. Nessa cadeira, coloquei uma lousa e pedi que o espírito escrevesse, enquanto eu me sentava, inclinado sobre a mesa, com o rosto a menos de vinte centímetros de distância. Em poucos segundos, certamente não mais de um minuto, a mão direita de um homem, com um anel de ouro pesado no dedo ao lado do pequeno, saiu e escreveu:

"Este é o melhor arranjo que você fez; nós dar-lhe-emos bons testes nesta mesa. Nolan."

Enquanto a escrita estava a ter lugar, eu soltei o fôlego na parte de trás da mão do espírito, quando parou, e voltei a palma em direção à qual eu estava a soprar. Considerando isso como um protesto, e não soprei mais, quando a mão terminou de escrever a frase, e se retirou. Esta mão não era a mesma que exibira a destreza na remoção de artigos do topo da mesa, na noite anterior. Esta era a mão de Nolan, a outra era de Josefina.

De seguida colocara uma grande escova de cabelo com cabo de marfim na cadeira, mais com o objetivo de testar a sua força de a erguer

do que qualquer outro propósito definido. Foi rapidamente levado para debaixo da mesa e sacudido por vários minutos. Em seguida, ele foi projetado através da abertura, segurado pela mão de Nolan, e foi feito um movimento, que eu interpretei como um desejo de escovar meu cabelo. Eu removi a cadeira, e coloquei-me numa posição favorável ante a abertura, sentado num banquinho, e inclinei a minha cabeça para a frente na abertura.

A mão e a escova começaram a passar-me pela cabeça, primeiro escovando o cabelo para um lado, depois para o outro e de seguida para trás, até que cada cabelo ficasse resolutamente erguido, como as dobras do porco-espinho. A pressão da escova era desagradável e demasiada para o couro cabeludo, pelo que observei que talvez o trabalho pudesse ser mais bem feito se a escovagem fosse executada com menos ênfase. A observação teve um bom efeito; por a massagem, depois disso, ter sido agradável.

Enquanto essa operação prosseguia, o braço situava-se sobre a minha cabeça, pelo que tive a oportunidade de olhar para a câmara escura da qual ele saíra; mas, além da borda da mesa, não pude ver qualquer braço. A materialização deve terminar num ponto uns cinco centímetros acima do cotovelo. Não pude ver a mão da sra. Hollis em baixo da mesa, nem a lousa, mas o pulso, o antebraço e o cotovelo dela estavam todos expostos na sala agora iluminada a gás.

Jim Nolan, o cabeleireiro de espírito de improviso, tinha sido o homem principal do tambor no regimento em que ele servira. Esse facto sugeriu o próximo experimento seguinte, que constou em colocar uma lata de tinta na cadeira ante a abertura e completá-la com um par de pequenas baquetas. Eu mal havia completado o arranjo e retomara o meu assento, quando, como que a antecipar o meu propósito, duas mãos agarraram as baquetas e começaram a tocar na lata, com tanta alegria quanto a exibição de um catraio de quatro anos de idade diante do seu primeiro tambor. Não era propriamente uma música de tambor de primeira classe, de modo que informei o baterista, que não se coibiu de responder que "não podia fazer um bom apito da cauda de um cachorro, nem uma carteira de pele da orelha de uma porca!" Foi o melhor que ele pôde fazer; que mais poderia eu fazer?

"Isso é um facto, Jim", disse eu; “Você fez muito bem, consideradas as coisas; além das múltiplas desvantagens em que você trabalha, que, receio bem, não ponderei. Como consegue compor as suas mãos e braços, e usá-los em tudo, sem ter um corpo discernível, peito nem cabeça, até me faz suspirar só de pensar! Mas eu não estou tão interessado nos seus assuntos como na Sra. Hollis. Estou mais ansioso por saber como ela poderia formar essas duas mãos, e usar os dois paus, do que em qualquer outra coisa. Se nem você nem a Sra. Hollis podem explicar como a coisa é feita, talvez outra pessoa possa, e, é claro, reproduzir o fenómeno. Eu gostaria que fizessem isso em minha casa. Eu prometo uma boa recompensa pelo serviço, se for bem feito!

Havia uma grande maçã vermelha em cima da mesa, que eu coloquei na cadeira, e perguntei a Jim se ele estaria impedido de a provar, a fim de que ele distinguisse o bom do mau. Ele escreveu em resposta: "Onde a ignorância é uma bênção, é loucura ser sábio!" Ainda assim ele agarrou a maçã e levou-a para longe da vista. Foi um truque engraçado o que o Jim fez, sair-se com aquela citação que me tirou de guarda e acalmou todas as suspeitas da intenção dele de cometer aquele *pequeno* furto. O valor italiano da maçã era de cinco centavos e seu peso era de cerca de duzentas e vinte gramas. Eu não apresentei qualquer objeção ao ato de a "tirar", crente de que seria devolvida na forma de "torta de maçã", quando eu deixasse de entreter o espírito culpado. Eu estava parcialmente certo; ainda assim não inteiramente.

Em cinco minutos depois de ter sido levada para debaixo da mesa, metade da maçã foi colocada na cadeira, mas sem a outra metade. Procurei a parte que faltava debaixo da mesa, na manga da Sra. Hollis, e em todo lugar em que pensava que pudesse estar escondida; mas "*nix cum 'raus*!" *(NT: Frase que tem origem no Alemão: “Desejara nunca ter saído da casa de um Holandês” no sentido de que, tanta coisa terrível tinha acontecido ao Holandês, que ele desejaria nunca ter saído de casa.)* Metade da maçã havia sido consumida, deixando uma superfície irregular ou assimétrica, como se tivesse sido sugada - não era áspera, como se estivesse mordida ou esborrachada. A polpa da maçã mostrava-se firme e suculenta, e notavelmente bem preservada para uma maçã de inverno.

Claro que me senti mistificado, e perguntei ao Jim o que ele fez às 110 gramas em falta.

"Eu dissolvi-a por um processo químico!" ele disse; e continuou: "Encontra-se agora na atmosfera desta sala, exceto pelo facto de ter escapado pelo cano da chaminé, pelo chão ou ter sido inspirado pelos seus pulmões."

O Jim sabe; e eu baseio o caso no que ele afirmou! Não sei que propósito útil poderá ser abonado pela observação desse facto; Ainda assim, conquanto o leitor possa achar que é desprovido de interesse, outro poderá encontrar nele algo que pensar.

Uma hora depois dos experimentos precedentes, John R. Whaley e a Srª Elias L. Lewis, com a Srª Hollis e eu, formamos um círculo no escuro e, depois de entoarmos um cântico ou dois, os espíritos começaram a falar. A esposa do Sr. Whaley falou-lhe sobre questões familiares; depois disso, trinta espíritos — amigos de Kentucky — foram anunciados pelo nome, alguns dos quais entraram em colóquio como Elwood Fisher tinha feito com William M. Corry. Uma centena de circunstâncias meio esquecidas foi novamente revivida, e muitos incidentes aludidos e mencionados, o que impediu a possibilidade de fraude na questão.

Enquanto o Sr. Whaley e a Srª Hollis estavam a conversar, e a Srª Lewis e eu estávamos a trocar impressões, uma quinta voz dirigiu-se a Whaley, com respeito a algum acto esquecido há muito tempo, que o tranquilizou na opinião que tinha sobre a questão do ventriloquismo. Um dos espíritos disse que o seu nome do meio era "Alabama," que não era um nome comum. A Sra. Lewis foi alvo da atenção de vários dos seus amigos, mas em questões puramente pessoais e privadas. No dia seguinte, foram feitos os seguintes comentários com respeito a essa sessão:

(CARTAS DE JOSEFINA, N° XVII)

"Meu caro amigo, - Achamos o círculo da noite passada foi agradável. Eles apreciaram o que receberam. Tanta vez vemos o que dizemos rebatido, que o poder senos é destruído. Não podemos falar com certas pessoas, por elas não nos deixarem.

"A Sra. Lewis tem uma organização espiritual muito bem desenvolvida; toda a sua natureza responde à nossa abordagem, como

a harpa eólica ao menor movimento do ar. Ela tem uma apreciação pronta da verdade espiritual. Realmente, ela vive mais com os espíritos do que com os mortais. Os espíritos podem ficar perto dela, colocar as suas cabeças no peito dela, olhá-la nos olhos e encontrar amor e simpatia na sua alma. Oh, que felicidade conhecer naturezas dessas! É a luz do sol para nós e suscita os atributos mais subtis do nosso ser.

"O coração do Sr. Whaley está repleto de impulsos generosos. Isso atrai os seus velhos amigos à sua presença. Eles conseguem aproximar-se e entrar na sua esfera generosa. Todas as naturezas generosas podem obter a aproximação dos espíritos, mas o egoísmo as mantém à distância.

"Não consigo escrever-lhe uma carta longa esta manhã. Eu dir-lhe-ei porquê em algum outro momento.

Josefina."

Dissipar 110 gramas de uma maçã suculenta em baixo da mesa, de modo que nenhuma partícula da substância pudesse ser descoberta a olho nu, induziu-me a repetir o experimento, com uma fatia de 450 gramas de bolo, na noite do dia 16. Eu segurei-a no topo da mesa e pedi aos espíritos para a tirarem da minha mão, o que eles fizeram. Evidentemente, foi levado para debaixo da mesa e, após um intervalo de cinco minutos, todo o bolo foi substituído, exceto "uma grande mordida", talvez um quarto dele. Esse fragmento em falta, foi alegado, fora reduzido ao ar, tal como a maçã havia sido; embora tenha sido dito que ovos, manteiga, farinha e açúcar e cozidos, eram um pouco mais difíceis de dissolver do que suco de maçã. Essa observação sugeriu que os fluidos poderiam ser mais facilmente evaporados do que as substâncias. Então coloquei um copo de vinho, dois terços cheio de doce vinho "Martha" branco, na cadeira, e disse: "Está com sede?"

A resposta veio prontamente, de debaixo da mesa, na forma da mão de Jim Nolan, que pegou o copo cuidadosamente ao redor da borda, e o passou para fora da vista. Eu vira muitas vezes homens que tinham feito desaparecer um copo de vinho da vista, mas jamais antes eu tinha visto uma mesa fazer isso. No presente caso, o copo foi engolido com o vinho. Isso, no entanto, foi devolvido em três minutos, seco, sem sintomas de "alguma vez ter havia tido uma gota sequer," sem a menor

dúvida. A sala estava cheia do odor a vinho, o que era bastante agradável, mas quando a mesa foi erguida sobre um lado, e o exame feito, nenhuma evidência encontramos de que tivesse sido "derramado."

O experimento que fizemos a seguir, à mesa, foi com um prato de farinha. Coloquei-o na cadeira e pedi a Jim que deixasse nela a marca da mão direita. Em dois ou três minutos, uma mão esbelta e delicada, diferente da que Jim podia ter, saiu e, depois de pairar sobre a farinha por alguns segundos, retirou-se de novo. Em cinco minutos, reapareceu e acomodou-se profundamente na farinha, deixando uma impressão perfeita de si mesma na cama macia e coberta de neve. A farinha caiu da mão; mas não se dissolveu, como eu tinha visto na cabine. Depois, solicitei outro prato de farinha; e, desta vez, Jim "colocou a mão nele" como um velho ator.

A marca deixada era metade do tamanho da primeira vez; mas esta experiência fechou o palco de entretenimento. Depois de inspecionar de perto a mão da Sra. Hollis, a ver se descobria se poderia conter pó de farinha, porém em vão, pedi-lhe que colocasse a mão nas impressões, o que ela fez, e que no primeiro tinha espaço suficiente para receber duas mãos do tamanho das dela; e no segundo, suficiente e de sobra. A impressão que ela subsequentemente fez da sua mão, na farinha, foi menor, e totalmente diferente na estrutura.

No dia 17 de abril, o capitão Edward Air e o juiz Berry, de Newport, Kentucky, tiveram uma sessão à mesa, quando as mãos saíram e pegaram em cadernetas de bolso, facas, uma caixa da fósforos, amarraram e desamarraram lenços, e fizeram uma série de outras coisas estranhas, literalmente debaixo do seu nariz. Esses senhores ficaram um pouco perplexos com o que viram.

Outra meia hora foi passada à mesa, no crepúsculo da noite de 17 de Abril. Arranjei uma carteira de excelentes agulhas, que continha um total de vinte e cinco, "No 5, Royal Grooveless Sharps", e coloquei-o, com uma bobina de algodão número 14 intacta na cadeira. E disse: "Conseguem ver o suficiente para enfiarem uma agulha no escuro, debaixo da mesa?"

A mão espiritual pegou a carteira das agulhas e o novelo de algodão e retirou-se com eles para debaixo mesa; e em cinco minutos voltou a colocá-los na cadeira. O carretel fora desenrolado em dez voltas e, ao contar as agulhas, verifiquei que faltavam quatro. Eu disse: "O que foi que vocês fizeram com as agulhas e o fio que falta?" Uma mão espiritual projetou-se, segurando as pontas de um fio duplo entre o polegar e o indicador; e na parte inferior do fio havia quatro agulhas, o fio tinha sido passado pelos buracos. Eu agarrei as agulhas, quando, com um movimento destro, bem conhecido das costureiras, as extremidades retidas do fio foram envoltas junto ao dedo indicador, e um certo nó de costureira foi feito. Tudo à plena luz.

O comprimento e a qualidade do fio correspondiam ao que faltava no novelo, e as quatro agulhas eram exatamente do tamanho e da qualidade daquelas que constavam do papel. Se o leitor pensar um minuto sobre este experimento, ele parecerá menos insignificante do que parecerá à primeira vista. Lembrem-se, a sra. Hollis tinha apenas uma mão debaixo da mesa e, com essa mão, estava a segurar numa lousa de 15 por 25 centímetros. Se ela tivesse as duas mãos livres, debaixo da mesa, no escuro, a sua paciência teria sido seriamente posta à prova com tal, mesmo num período de tempo muito mais longo.

Não tenho o ensejo de ampliar essa experiência com uma importância indevida, mas simplesmente de dizer que era absolutamente impossível que uma só mão conseguisse tal coisa; portanto, deve ter havido duas mãos para segurar a agulha e a linha, olhos para ver e cabeça para entender e orientar a operação. Se estas premissas forem admitidas, a presença de um ser que possua todos os atributos pertencentes aos mortais é uma inferência legítima. Se os defensores de uma celebração inconsciente forem capazes de aplicar as suas teorias de forma a satisfazer o caso, eles terão permissão para se apresentar e explicá-lo.

Em seguida, coloquei um caderno de papel na cadeira e um lápis de chumbo, e pedi que fizessem uma comunicação. Várias mãos de tamanhos diferentes tentaram pegar o lápis, mas não o conseguiram muito bem. Por duas vezes foi apanhado, mas de repente deixado cair de novo, como se estivesse quente. Então surgiu aquela bela mão que tantas vezes eu tinha visto e tocado e, pegando o lápis, escreveu

"Josefina." Isso foi logo seguido pelas palavras "Deus é amor." A escrita foi feita de forma apressada e, ao contrário da escrita manual exibida nas suas longas comunicações escritas sob a mesa.

Devo somente dizer que a chama de gás estava a inundar a sala de luz, e foi pedida uma reserva. Apaguei-a, quando a mão de Ney apareceu e escreveu: "Estamos a trabalhar por princípios, não por homens." Em seguida, retirou-se alguns minutos e, quando reapareceu, escreveu: "A verdade vive, o erro morre! Aguentem firme, tudo irá ficar bem.

No dia 18 de Abril, pela manhã, depois do café da manhã, pedi a Josefina, que fora anunciada à mesa, que me explicasse, tão bem quanto pudesse, como a maçã e o bolo tinham sido levados a desaparecer, duas noites atrás. Em resposta, ela escreveu:

(CARTAS DE JOSEFINA, N° XVIII)

"Meu caro amigo, - muito se disse e se escreveu sobre o tema da desintegração; e, no entanto, não creio que as pessoas o entendam melhor pelo que foi dito ou escrito. De facto, a mente finita dificilmente consegue captar um assunto que requer poderes analíticos tão precisos de explicação como o que você sugeriu.

Toda matéria organizada contém um princípio de morte na sua forma. Isso ataca o vínculo da organização e destrói-a. Quando esse vínculo coerente é destroçado, as partículas que compõem a organização são ao mesmo tempo liberadas e desaparecem. Assim, o fogo, enquanto dissolvente, destrói o vínculo da união e liberta os elementos das substâncias organizadas. A química é a serva da morte, e está sempre a mudar as formas, a reduzir as antigas e a criar novas.

A substância da maçã encontrava-se unida pela lei da afinidade eletiva, a mesma que permeia o universo e sustenta toda a matéria organizada. Ela governa o crescimento ou o desenvolvimento, faz com que a seiva suba e corra do tronco para os ramos da árvore. Aqui a mesma lei desperta o botão e fá-lo florescer para a vida, e finalmente desenvolve a fruta deliciosa. Dia a dia, as partículas homogéneas organizam células de crescimento, até que o fruto atinja o seu tamanho maduro; quando ondas de eletricidade aquecida passam pela nova organização e a reveste de fragrância e cor. As ondas de eletricidade

aquecida continuam a excitar a nova organização, até que a lei procriadora seja aperfeiçoada na descendência; (quando o vínculo da união é quebrado e a maçã cai ao chão.) A querida e velha árvore-mãe amadureceu-a no seu seio, até que as condições da vida independente tivessem sido alcançadas, quando ela relutantemente consente na separação.

"A maçã assim gradualmente desenvolvida a partir de elementos encontrados na atmosfera, foi mantida em conjunto por leis eletivas. Nós passamos pela organização um produto químico dissolvente tão potente que a substância original foi instantaneamente resolvida e absorvida pelo grande reservatório de elementos. A química de uma lei natural teria alcançado o mesmo resultado, mas desejávamos exibir, num sentido especial, o poder dos espíritos por esta maneira miraculosa.

"O mesmo poder pode ser exercido na destruição dos corpos humanos; mas temos cuidado, em todas as relações que mantemos com os mortais, de não os prejudicarmos por forma nenhuma.

"Eu apenas representei este assunto de forma imperfeita para que compreendesse; ainda assim espero que o meu desejo de lhe agradar faça algumas correções em face de qualquer falta de conhecimento que eu possa ter exibido.

Josefina."

Os experimentos feitos à pequena mesa aumentaram de interesse em cada círculo subsequente, mais do que no anterior. No crepúsculo da noite de 18 de Abril, depois que a sra. Hollis se sentou à mesa, parei o meu relógio pela primeira vez e, em seguida, virei a haste e justei-a com a cremalheira que regulava a posição dos ponteiros na placa do mostrador, várias vezes. Fiz isso com o estojo fechado, de modo que era impossível saber exatamente a posição dos ponteiros, depois de ter deixado de girar a haste sem abrir o estojo. Sem fazer isso, coloquei o meu relógio na cadeira, da qual foi logo removido pela mão espiritual para a lousa debaixo da mesa. Então, eu disse: "Veja qual é a posição que os ponteiros no mostrador indicam e escreva a hora na lousa."

Em poucos segundos, o relógio foi colocado na cadeira e eu pedi à sra. Hollis para colocar a lousa na cadeira também. Isso tentou ela fazer;

mas, segurando a lousa na mão direita, e sentada com o lado direito de encontro à mesa, ela não pôde apresentar a lousa na abertura situada nas suas costas sem se levantar e passar para o outro lado da mesa, e depois somente inclinando-se sobre a mesa. Que qualquer um tente tal feito e veja a figura de pateta que não fará.

A lousa foi usada e nela foi escrito: "Dezanove minutos para as doze!" Passei a abrir o relógio e encontrei os ponteiros a indicar para as horas indicadas. O experimento foi repetido várias vezes e sempre com uma precisão total.

Assim, se poderá ver que a mão que recebera e devolvera o relógio pertencia a uma estrutura organizada dotada de inteligência suficiente para abrir e fechar as caixas; e de olhos para ver o tempo exato, e educação para a anotar em letras grandes e legíveis. E tudo isso debaixo da mesa e no escuro!

À noite foi feita uma sessão às escuras, assistida por um número de senhoras e senhores de Newport, em que boas apresentadas manifestações. Ainda assim, reinou tal discórdia no círculo que na manhã seguinte foram escritos os seguintes comentários:

(CARTAS DE JOSEFINA, N° XIX)

"Meu caro amigo, - 'Luz do sol e nuvens alternam-se nos círculos que você forma para nós. Para cada um que nos traz prazer, forma dez com os quais não obtemos inspiração. O círculo na noite passada foi tão terrivelmente material que o Jimmy se recusou a falar. Ele diz que não se vai intrometer em questões de família e que por isso vai ficar de lado em silêncio, e permitir que os seus próprios amigos lhes digam "a idade que têm" e "quando nasceram!"

"Há alguns mortais que são tão ignorantes que mal sabem mais sobre a existência do que o animal que masca o seu milho. Eles comem quando estão com fome e bebem quando estão com sede. Achamos que falar com tais pessoas é um dano e um prejuízo para nós. E, no entanto, dizem-nos, nós mobilizamos a ajuda uns aos outros! Mas, de que modo nos ajudarão eles? De que modo retribuirão eles o bem com o bem? É impossível nós nos interessarmos pelos seus pequenos assuntos familiares; e quando eles vêm repetindo essas coisas dia após dia, e mês após mês, não será um pouco de impaciência desculpável

ocasionalmente? Além disso, não será aparentemente desperdiçar tempo?

"Vemo-nos compelidos a apresentar manifestações ao mundo, e seria um grande prazer fazer isso, caso recebêssemos sempre boas condições de acolhimento; mas são poucos os que conseguem compreender a importância de nossa missão; ou que entendem a filosofia do intercurso do espírito.

"Não me estou a queixar de nenhum espírito petulante, mas estou simplesmente a declarar os atos tal como eles são. O conhecimento de que os nossos trabalhos suscitarão grandes resultados é o maior pensamento de apoio que temos para nos encorajar. Se daqui a duzentos anos pudermos olhar para trás e dizer: 'Começamos nesta grande obra; preparamos o caminho para o desenvolvimento de espíritos mais elevados e mais exaltados,' isso será recompensa suficiente.

"O espíritos que retornam não são maus, mas a negligência de oportunidades que lhes melhore a condição compelem-nos a voltar para receber lições de instrução. Nós ouvimo-los a falar com os amigos - a repetir as mesmas coisas repetidas vezes. Questiona-se se ficamos cansados, assim como vós, e se não nos sentimos feliz com o seu chocalhar vivo?

"Já reclamei o suficiente esta manhã, e temo que você comece a ter-me na estima de incómoda. Eu imploro-lhe que me perdoe o descontentamento. Eu sinto que posso falar consigo sobre estas coisas, sem que me impute o erro, já que ambos estamos a trabalhar para o mesmo fim beneficente, através das mesmas experiências e instrumentos.

Josefina."

Fora escrito na lousa, na noite do dia 19 de Abril, que Josefina estava na França e que por lá ficara por seis horas. Era a escrita de Nolan; assim, pedi-lhe para mostrar a mão. Isso ele o fez prontamente, estendendo a mão e o braço pelo menos uns trinta centímetros, e agarrando-me a mão enquanto o fazia, com uma força considerável. Eu então segurei um pacote de papel perto da abertura do cortinado, com

um lápis no topo. E disse: "Pode escrever enquanto eu seguro no papel? Nolan pegou no lápis e escreveu:

"Recebe-nos; somos vossos companheiros."

Uma vez mais ele escreveu:

"Eu ainda vivo. Sinceramente,

James Nolan."

Perto da conclusão, o espírito deixou cair o lápis; e, depois de dar uma palmadinha na minha mão, retirou-se.

Pareceu haver uma superabundância de poder espiritual na mesa. Eles fizeram muitas batidas e projetaram as mãos através pelo cortinado diversas vezes. As batidas começaram a rufar como o toque de um tambor e, por fim, o toque de alvorada foi batido, penso eu, sem a omissão ou adição de um só toque. Em seguida, seguiu-se uma batida desordenada, que ele nos informou significar "três vivas!"

Nolan pediu que a caixa de música fosse trazida para a sala e fosse colocada sobre a mesa. Ele estava disposto a tocar, e Nolan tocou um acompanhamento para cada uma das peças, ao estilo de um baterista talentoso. Esse desempenho deixou-me surpreendido. Eu sabia que não havia paus debaixo da mesa e os sons eram demasiado fortes para serem produzidos com os dedos; aí eu disse:

"Com que é que está a tocar?"

“Com baquetas de tambor!” Escreveu ele na lousa.

"Mas, não tem nenhuma!" Disse eu.

"Eu materializei um par," disse ele.

"Você pode mostrar-mas?"

Bateu em resposta: "Posso!"

"Mostra-mas?"

"Sim!" por batidas.

Em poucos segundos, um par de baquetas, cerca de um quarto do tamanho normal, foram projetadas dez centímetros através da

abertura. Pedi-lhe para mas mostrar todas; mas ele escreveu: "Não posso fazer isso!"

Eu então obtive um anel da Sra. Hollis, com um conjunto de diamantes, e coloquei-o no meu dedo. Segurando-o na frente da abertura de cerca de dez centímetros, eu disse: "Você consegue tirá-lo?" A mão do espírito segurou o anel com o polegar e dois dedos e, por força de contorcer e puxar, conseguiu tirá-lo. Em poucos segundos a mão espiritual apareceu com o anel colocado no indicador. Foi mostrado várias vezes e, de seguida, apareceu nos dedos; diante do que, eu estendi a minha mão, quando o espírito o colocou de novo no meu dedo, com considerável esforço. Eu quis remover o anel do dedo do espírito e perguntei se poderia fazê-lo. Ele escreveu:

"Eu não posso explicar a lei que proíbe isso, mas dar-lhe permissão para o que me pediu daria cabo do meu poder para o resto da noite!"

Ele então agarrou a cadeira em frente à abertura e de início puxou-a para perto da mesa; depois, com um empurrão repentino, forçou-a até o meio do chão, a vários metros de distância. Isso encerrou as manifestações da noite.

Na manhã seguinte, domingo, 20 de Abril, enquanto as ruas estavam apinhadas de gente frequentadora de Igrejas, foi recebida a seguinte carta:

(CARTAS DE JOSEFINA, N° XX)

"Meu caro amigo, — Eu passei a maior parte das últimas trinta e seis horas na França; daí que não lhe tenha escrito ontem. Mas estou aqui novamente para lhe dar uma carta esta manhã, embora receie trazer-lhe uma pobre oferta em recompensa pela bondade e diligência que teve para connosco, mas é uma felicidade para mim fazer isso.

"Enquanto olhava sobre a Terra, nesta linda manhã de Primavera, não pude deixar de pensar no aspeto de loja de penhores que toda a cidade tem. Mulheres a penhorar os sensíveis germes das suas almas, independentemente do preço, simplesmente pelo amor da exibição.

Por diamantes e ricos bordados, sacrificam elas todo bom e grandioso impulso. Encontram-se tão mergulhadas em tudo quanto é artificial, que elas não conseguem elevar-se acima do trivial. Daí a sua

miséria e descontentamento. O vestido tornou-se o seu mestre; e quando percebem a degradação que estão a sofrer, dissimulam humildade e penhoram as suas pobres almas famintas a favor da Igreja. Mas a Igreja não oferece alívio; antes pelo contrário, sua própria existência depende da manutenção dessa paixão extravagante pelo vestuário. A moda governa a Igreja, além de tiranizar a alma.

"Contudo, há um germe da divindade na alma, que nem a Igreja nem a moda consegue destruir. Pode ser necessário enterrar o corpo no chão antes que ele se desenvolva, como você faz o grão de semente antes que ela possa revelar a sua centelha de vitalidade envolta na sua organização Quando isso for feito, brotará do velho corpo com alegria, com regozijo por ser libertado da escravidão da Igreja e do Estado.

"A morte do grão-semente desenvolve a vida que ele contém no grão vivo. Assim, a morte, para o corpo e para o exterior, libertará as faculdades da alma amarrada e dar-lhe-á uma alegria indescritível.

"Mas quão totalmente inútil é dizer a essa gente que elas virão para o mundo espiritual, tão despidas como quando entrarem na Terra! Despertem, dorminhocos! O que quererá saber o grande Poder Criativo das vossas bagatelas e da vossa fama! Para esse poder, vocês parecem ácaros - pontos microscópicos na página mutável do tempo. Aprendam, enquanto puderem, verdades como as que virão a ser um lampião para os vossos pés e uma luz para os vossos olhos quando entrarem no mundo espiritual. Sempre sua verdadeira amiga,

Josefina."

CAPÍTULO XXVIII

TESTES À MESA REPETIDOS — SESSÃO ESCURA — DANDO — DECLARAÇÃO NOTÁVEL DE «OLD SKI», COM UMA MORAL — JOSEPHINE FELIZ — EXPERIÊNCIA COM ÁGUA — CHEIROS DO INFERNO — COMERCIANTE DE CARVÃO — LEITE ESPECIADO — SABOR ESTRANHO — UM CÍRCULO ESCURO — OS ESPÍRITOS RECUSAM-SE A MANIFESTAR — CAUSA, UÍSQUE — JOSEPHINE SOBRE A SITUAÇÃO — UMA BEBIDA DUVIDOSA — ODORES ESTRANHOS — UM MILAGRE — TESTE DE LIVRO EXTRAORDINÁRIO — CÍRCULO ESCURO — JOSEPHINE NOVAMENTE — TESTE DE LIVRO REPETIDO — UM CÍRCULO DE HOMENS E MULHERES PROSCRITOS — JOSEPHINE SATISFEITA.

O CARÁTER notável dos fenómenos ocorridos à mesa sugeriu a conveniência de ter alguém além de mim a testemunhá-los, pois a minha declaração não apoiada dos factos poderia ser confrontada com uma massa de incredulidade que lançaria descrédito sobre todo o relatório. Disse, portanto, a Nolan:

«Não pode dar estas manifestações na presença de outra testemunha?»

«Isso depende de quem for a testemunha», foi a resposta dele. «Se conseguir uma que não perturbe as condições que estabelecemos, podemos dar-lhe testes ainda melhores do que os que recebeu até agora.»

«Que tal o Sr. Plimpton?», disse eu.

«Eu tê-lo-ia sugerido, se não o tivesse feito», disse Jim.

«Muito bem! Tê-lo-ei aqui esta noite, se ele se sentir inclinado.»

No meu passeio da tarde com a Sra. Hollis, encontrámos o Sr. Plimpton e informámo-lo da sua seleção para o cargo de inspetor analítico de fenómenos que eu considerava o testemunho mais conclusivo de presença espiritual que fora meu privilégio ver. Ele veio cedo, e a meia hora de sessão antes do chá foi consumida em reproduzir o «teste da linha e agulha» e o «teste do relógio», descritos no último capítulo. O Sr. Plimpton fará o seu relatório do que viu à mesa, um pouco mais adiante.

Após o chá, decidimos realizar um círculo escuro e, juntando-se a nós a Sra. Miller e quatro membros da minha família, fomos para a sala escura. Quase coincidente com o apagamento da luz, uma voz espiritual pediu que cantássemos. Enquanto falávamos sobre o que deveríamos cantar, uma voz espiritual começou a cantar ou entoar sozinha. No final deste voluntário, o filho da Sra. Miller, George, dirigiu-se a ela e falou de assuntos familiares. Depois a mãe do Sr. Plimpton falou, perguntando se ele se lembrava de certas pessoas na aldeia onde haviam vivido, que nomeou, entre elas o médico que a assistira na sua última doença, e um grande número de parentes e amigos.

Todos os membros da minha família foram interpelados por espíritos; e a Tia Betsy Lockard não deixou de dizer uma boa palavra a mim. Jim Nolan falou então durante meia hora, numa veia de eloquência fervorosa, sobre a missão da «nova revelação»; depois disto, «old Ski» teve a sua intervenção em testes pessoais. Surpreendeu-me um pouco ao declarar que «fora passear com em old chief e mejum, e ouvir em tudo em disseram!»

«Ora, ora, Ski! Acho que não ouviste tudo o que dissemos!»

«So! em ouviu!», respondeu ele.

«Bem, diz-nos o caminho que fizemos e o que ouviste?»

«Foram em na Gest Street — subiram em grande colina até portagem. Disseram em old gate chief em ir a Warsaw em voltar; em pagar em old gate chief dez cents — cinco para em ir, cinco para em voltar. Old chief não parar em Warsaw — parar em Gazlem's! Enganar em gate chief dois cents! So!»

É necessário levantar-me e fazer uma explicação a esta acusação invisível de fraude ao «em gate chief!» Faço-o, porém, sem intenção de alterar o caráter da acusação, mas para declarar as circunstâncias em mitigação da pena anexada à culpa confessada. As circunstâncias que o velho índio apresentou tão fielmente foram provocadas desta maneira: Ao pagar a portagem, a Sra. Hollis disse: «Vamos virar em Warsaw.» Paguei em conformidade, exatamente como «Ski» representou; mas, após chegarmos a Warsaw, concluímos driving mais uma milha até Gazlay's Corners, pois a estrada era boa, a noite agradável e o tema da conversa entretido. Mais verdadeiramente, o cavalo levou-nos aos

«Corners» por força do hábito, e a matéria dos dois cents adicionais de portagem foi completamente esquecida.

O leitor perceberá que o interesse anexado a esta divulgação de «Old Ski» centra-se no facto de que não podemos fazer nada, nem dizer nada, sem que seja conhecido pelos nossos guias ou guardiões invisíveis. A culpa não tem proteção na presença de um médium, se o mundo espiritual determinar trazer o ofensor à justiça. Na ocasião em questão, o «velho índio» apresentou um relatório quase verbatim da conversa entre a Sra. Hollis e eu. Quando os homens compreenderem que a deteção segue o crime, como a sombra a substância, deixarão de fazer o mal e aprenderão a fazer o bem. Este é um bom lugar para «fixar um alfinete», em resposta à pergunta que ouvimos tantas vezes os piegas perguntarem: «Que bem pode sair de Nazaré?»

Na manhã seguinte, 21 de abril, esta carta foi recebida pela carteira espiritual à mesa:

(CARTAS DE JOSEFINA. N° XXI)

Meu caro amigo, — estou grata por você não ter enchido o vosso círculo ontem à noite com céticos, para perturbar a harmonia da ocasião. A mãe e a irmã do Sr. Plimpton aproximaram-se dele mais do que nunca antes da noite passada. Após falar com ele com todo o amor do coração de uma mãe, chorou de alegria, e ficou sobre ele a chorar, como se tivesse acabado de encontrar um filho há muito perdido. Toda a alma dela transbordava de amor e gratidão pelo Poder que lhe permitiu voltar ao seu filho uma vez mais. Uma e outra vez pode vir contar a história do seu amor, que se tornou mais brilhante e santo na terra do espírito! Mais uma vez pode ela dizer: "Eu não estou morta, mas viva! O interesse que tenho por ti meu querido filho é o mesmo. A morte põe de lado a forma física, mas a mãe permanece na minha alma." Muito mais poderia eu escrever esta manhã; mas o assunto não tem fim! Nada toca meu coração tão prontamente quanto a devoção que uma mãe tem pelo seu filho.

"E além disso, a Sra. Miller, quanto amor ela não retém pelos seus queridos na vida espiritual! Nós encontramos uma amiga firme nela. Toda a atmosfera da mulher é uma oração não proferida de ação de

graças para que os seus amigos possam voltar a sentir amor e simpatia por ela.

"Fanny e Tom e Lida, foram todos lembrados pelos seus amigos espirituais - a voz da mãe a abençoar o filho, a quem ela deixou há anos atrás para lutar com um mundo frio, a assegurar-lhe o amor e o carinho que lhe é lançado no caminho pelos seus amigos espirituais.

"Tudo isso apenas acrescenta um outro elo à cadeia de evidências que mostra a proximidade da Terra-Espiritual, e estabelece o facto de que o amor nunca fenece, mas torna-se mais forte e mais puro à medida que nos tornamos mais sábios e melhores no mundo espiritual.

"Eu ouvi as vozes ontem à noite, com alegria no coração e paz na alma; e surgiu-me uma oração nos lábios com as seguintes palavras: 'Graças ao poder criativo por esta vida!

E, Ah, que estas verdades permeiem as almas de todos os homens e mulheres, e lhes ensinem que não há morte - que eles não podem morrer! e assim ficou a minha alma estava envolta em pensamento santificado. Ajoelhei-me ao lado da médium durante toda a sessão. A tia Betsy primeiro chamou-o a si pelo nome por que eu adorava tratar o meu marido, o que me comoveu completamente, e me trouxe de volta tanto da vida que vivi em França, que eu quase pude ouvir de novo a voz do meu querido, como em dias passados, quando ele me dirigia palavras de carinho.

"Quão grata está a minha alma, esta manhã esplendorosa, por toda a bondade que teve em proporcionar-nos condições tão boas! Receio ter esgotado demais a médium, pelo que agora preciso terminar; mas não antes de o tranquilizar de novo, sua sempre amiga dedicada,

Josefina."

No dia 21 de Abril, tendo acabado de voltar de uma viagem por Walnut Hills, a sra. Hollis sentou-se à mesa em busca de manifestações, segurando a lousa na sua mão direita. O desaparecimento do bolo, do vinho e da maçã induziu-me a perguntar se eles teriam o poder de restaurar esses artigos de novo, prometendo acreditar que seria que fosse um milagre se o fizessem. Eles não podiam fazer isso. Eu finalmente encontrara o limite de possibilidade deles. Mas Jim Nolan disse que me daria uma taça de vinho, se eu lhe desse um copo de água.

"Você diz que converte a água em vinho?" disse eu.

"Arranje-me a água!" foi a ordem que recebi.

"Certamente; você vai tê-la. Mas eu aviso-o para ter cuidado com a forma como vai mexer com as coisas sagradas."

"Arranje a água!" disse ele novamente.

“Estou já de volta!” E fui pegar a água - um jarro cheio, da cisterna; claro como cristal e cintilante como diamantes. Poderá ter interesse que o leitor saiba que, tendo em vista o que se segue, a água foi tirada da cisterna quando o rio Ohio se encontrava baixo, portanto não havia mistura de solo, etc., que lhe conturbasse a pureza. Bem, o Jim queria apenas um copo cheio de água e eu dei-lho. Ele levou-o para baixo da mesa e, em cerca de dez minutos, sentiu-se o cheiro mais forte de aromas procedentes de baixo daquela mesinha, que eu já tinha sentido.

O odor encheu a sala e quase deixou a atmosfera imprópria para respirar. Porém, não apresentava o menor vestígio de enxofre; e isso foi um consolo por eu poder suportar tudo exceto o cheiro de um carvoeiro. Tal, eu sempre receio, queimará para sempre com uma chama azul, ou expiará por combustão espontânea; por isso sempre tenho uma sensação de insegurança sempre que me encontro na sua presença. Mas não houve nenhuns pequenos jatos de "chama azul" ao redor da mesa sob a qual a água se encontrava escondida - nada, apenas o cheiro de especiarias.

Em dez minutos, Jim entregou o copo de vinho, cheio de um leite apimentado, segundo me pareceu. Era um fluido limpo e branco. Cheirei-o com cautela, como se fosse sais amoniacais fortes (tenham sempre cautela com o cheiro dos sais amoniacais, ou poderão pensar ter sido atingidos por uma fisgada); mas era agradável! Eu gostei bastante dela; isto é, o odor que exalava não era desagradável. "Suponha que eu o prove", disse eu, dirigindo-me à sra. Hollis, que ficou surpresa com o suco.

"Não, pode ser veneno!"

"Em tão pequena quantidade? Nunca! Eu provarei isto, ainda que possa perder a minha língua com isso!" E assim provei-o, e o gosto que apresentava era muito estranho. Era um gosto estranho. Foi diferente

de um beijo; e ainda assim lembrava algo do tipo: por ter começado, de imediato, a fazer explosões invertidas sucessivas com os lábios, algo como beijos extravagantes. Como uma gota de hortelã, transmitia uma calidez difusa e pungente à língua e ao palato. Foi um estimulante excitante que fez com que as glândulas salivares segregassem copiosamente. Em poucos minutos, a boca ficou novamente confortável e eu estava preparado para dar uma opinião.

Como vinho, a julgar pela cor e qualidade dos vinhos padrão, aquela bebida espiritual era um fracasso, pelo que eu informei Jim. Ele deveria ser mais capaz que isso, se desejasse competir com o "Casamento de Ouro" de Longworth, ou com o "Muscat" de Werk. Mas já não era água! Era um fluido transformado, uma coisa entre a água e o vinho, que nenhum homem confundiria, a menos que fosse tolo do juízo e destituído de sentido. O Jim sentiu-se bastante envergonhado com aquela experiência e prometeu renová-la na noite seguinte. Como me cabe simplesmente registar factos, eu não vou fazer comentários sobre o experimento anterior; ainda assim não sou insensível ao interesse que as mentes ponderadas lhe associam.

(CARTAS DE JOSEFINA, N° XXII)

"Meu caro amigo, - Há gente que vem aos nossos círculos saturada de uísque e de tabaco. Essas gentes gera um magnetismo ruim e um odor tão desagradável que os eflúvios mais desagradáveis da Terra dificilmente se poderiam mostrar mais ofensivos aos nossos sentidos. Tentamos aproximar-nos deles, mas o seu fedor faz com que nos retiremos, enjoados e enojados. Que os homens pensem que devam brutalizar-se dessa maneira antes de poderem ouvir "as vozes daqueles que lhes foram queridos na vida, é uma pena, e um entusiasmo humilhante. Tais pessoas certamente vivem na cova de Ashur, onde o verme não morre.

"Ó homens! Farão de vós próprios demónios? Nós temos muitos assim no mundo espiritual; não nos enviem mais. Despertem dessa condição antinatural e aspirem a uma vida melhor e mais elevada. Não insultem nem lamentem os vossos amigos que deixaram as suas moradas agradáveis, e que tentam tornar claro à vossa compreensão a realidade do pós-vida. Todos vós necessitais da garantia que lhes trazemos de uma vida superior. Assim, para o bem de todos os

envolvidos, não se rebaixem mais. Se pudessem ver as hostes de espíritos que se acham acorrentados à Terra pelos seus vícios degradantes, a vagar, ano após ano, pelas assombrações das suas impurezas, vocês prefeririam, em vez disso, implorar pela aniquilação.

"O vosso círculo de ontem à noite foi desagradável e doloroso para nós.

Nós não nos chegaremos — nem podemos — àqueles que estejam sob a influência de bebidas intoxicantes. Nós não podemos fazer nada de bom por eles, e fazem-nos muito mal. Quando virem encontrar dessas pessoas no círculo, suspendam-no imediatamente. Eles ofendem nossas melhores naturezas e sufocam a inspiração. Se tais pessoas não se incapacitam propositadamente à nossa presença, elas precisam sofrer as consequências e o remorso que virão mais tarde.

"Mas que elas nos procurem através das condições adequadas, e de bom grado as asseguraremos de uma vida após a morte. Os seus amigos espirituais estabelecerão a sua identidade e lhes transmitirão mensagens de amor e encorajamento. Implorem aos que vierem para se reunirem como seres puros, prontos a envolver-se carinhosamente nos nossos braços, se nos permitirem que o façamos. Você fez bem em rejeitar o dinheiro deles; e pudesse você ter escutado o aplauso dado pelos espíritos-anfitriões que os rodeiam, quando você repreendeu estes poltrões, e teria percebido o quanto nós apreciamos o seu mérito.

Josefina"

Jim Nolan não ficou satisfeito com o seu esforço miraculoso de transformar água em vinho; pelo que pediu que o experimento fosse repetido. Assim, no crepúsculo da noite de 22 de Abril, um outro copo de vinho, dois terços cheio com a mesma poção de cristal da cisterna, foi colocado diante dele, e logo foi levado através da abertura, para debaixo da mesa.

Em pouco tempo, digamos, cinco minutos, a Sra. Hollis queixou-se de tonturas e expressou desejo de adiar o experimento de momento. Implorei-lhe que ficasse quieta, que o pior já passara e, disse-lhe que se ela desmaiasse, prometia jogar-lhe um jarro cheio de água no rosto, indiferente ao sacrifício de tanto vinho em perspetiva. Mais uma vez, um odor começou a emanar por debaixo da mesa, que foi-se tornando

mais forte a cada momento, até que a atmosfera ficou carregada, como que numa destilaria de altos vinhos. A Sra. Hollis foi ficando melhor sob a inalação daquele vapor espirituoso; mas u comecei a sentir uma sensação de dilatação das veias e artérias da cabeça, indicando a aproximação da asfixia. Abri a porta para admitir ar fresco, o que pude fazer sem sair da cadeira ou tirar os olhos, nem por um só instante, da médium. Em dez minutos, o experimento foi concluído e o copo de água - ou vinho, como preferirem - foi colocado pela abertura, na cadeira. O fluido apresentava-se límpido e incolor como quando foi levado para debaixo da mesa, mas exalava um cheiro vínico forte, e o Jim escreveu:

"Não lhe toque, ainda não terminamos."

Foi novamente levado pela abertura e, em quatro minutos, reproduzido; mas desta vez, um vinho claro, transparente e de cor âmbar! A transformação estava completa! Eu provei-a; apresentava uma mistura agradável ácida e doce e espirituosa; acreditei que, se fosse usada em quantidades iguais com vinhos intoxicantes, teria um efeito no sistema vascular precisamente análogo.

Eu engarrafei esse vinho, e agora encontra-se nas mãos do professor Wayne, o conhecido químico, para análise. Se a sua fórmula de ingredientes for recebida antes de este capítulo ser impresso, vou inseri-la aqui; se não, então o experimento deverá ser considerado apenas como uma curiosa transmutação de água, que

"Olhou para o rosto do seu Criador e corou."

A prosa simples desta experiência está em que Jim Nolan usou de um processo químico na água e fez dela um vinho. Se eu não soubesse disso, eu diria que era um milagre; a informação é péssima para o milagreiro.

O valor deste experimento não tem sido uma questão importante na minha mente. Eu ouvi em algum lugar que a água fora convertida em vinho, e só queria averiguá-lo por mim próprio, conquanto eu tivesse a oportunidade, se a coisa era prática ou não.

O experimento seguinte feito à mesa foi com um livro. Eu tinha comprado, ao final do dia, um pequeno volume de "Ensaio do Papa sobre o Homem," e tinha-o no meu bolso. Não fora aberto; então

coloquei-o na cadeira, e Nolan colocou-o debaixo da mesa. Depois que ele fez isso, eu disse:

"Você consegue ler esse livro em baixo da mesa no escuro?"

As pancadas deram a indicação de uma resposta afirmativa. Eu disse novamente:

"Por favor, leia uma passagem, escreva-a na lousa e indique a página do livro onde a passagem pode ser encontrada."

Em poucos minutos, não excedendo dez, o livro foi colocado de novo na cadeira, e a lousa voltou a sofrer batida, para o retirar. Eu peguei a lousa e li:

"Pág 46:

“O felicidade! o fim e o objectivo do nosso ser."

"Pág. 48:

"A ordem é a primeira lei do céu."

Abri então o livro nas páginas acima descritas e encontrei as palavras citadas em cada página, exatamente como havia sido representado que devia.

Não desejo qualquer testemunho mais convincente que me prove a presença de uma mente instruída debaixo da mesa - uma mente que tinha olhos para ver, mãos para servir e cérebro para compreender - do que é fornecido pelos experimentos com o livro e o relógio. Não é objetivo para a minha escrita que chamem a esse espírito mente. Mas chamem-lhe de algo; Dêm-lhe um nome que não se irão envergonhar. Não tenho argumento a contrapor, com o qual todo homem ou mulher ponderado já não esteja familiarizado. O veredicto do leitor deve repousar sobre os factos do caso. A retórica é estúpida com a impressão da sua presença e todo discurso elaborado é desprezível. Deixem de lado o preconceito e vejam esses factos diretamente de frente. Não nos afastemos da verdade.

“Uma visão de seus pés nevados

Vale o trabalho de uma vida."

Com toda a cautela que pude exercitar, não consegui formar bons círculos para os espíritos. Um bom homem vinha a fim de organizar uma sessão e ele representava os seus amigos pessoais como adequados; acreditava que o fossem; mas quando entravam no círculo escuro, os espíritos descobririam que essas pessoas, com frequência, estavam todas equivocadas. Felicitando-me a mim próprio por ter arranjado um bom círculo para os espíritos, na noite de 22 de Abril, — se eu tivesse alguma dúvida — sobre o assunto durante a noite, a dúvida foi posta de lado pela recepção da carta seguinte, na manhã seguinte:

(CARTAS DE JOSEFINA. N° XXIII)

"Meu caro amigo — A minha carta esta manhã será curta, já que a nossa médium está muito exausta. Quando ela esgota o seu magnetismo, ela só consegue dispensar um pouco; vou ter que adiar a muita escrita até que ela se sinta completamente restaurada. Segunda e terça-feira foram dias muito exaustivos para ela, e essa é a razão para eu escrever tão brevemente a pouco hoje.

"Na noite passada, pouco bem foi realizado no círculo. Os presentes eram simplesmente egocêntricos e egoístas, numa medida incomum. São as ervas daninhas e as silvas que encontramos a crescer pelos caminhos da vida; e objeto de pena só de ver. E, no entanto, são no mínimo dois terços da raça humana.

"Ó sabedoria! como tu deves ser cobiçada! O que será a riqueza sem ti? O conhecimento é o salvador do mundo, a ignorância é a sua maldição e o diabo! Ajude-me, meu amigo, a despertar nas almas dessas pessoas uma perceção da sua fraqueza. Arranque as ervas daninhas e os cardos da ignorância pela raiz, que crescem nas suas almas; então a luz e o calor espirituais irão acelerar as suas naturezas subtis para a vida.

"Você fez muito por nós, meu bom amigo. Estamos-lhe gratos.

Josefina"

Reconhecendo os homens pelo seu valor, não discriminei uma classe de pessoas a quem os ricos e as borboletas da moda da vida chamam párias mas concedi uma sessão a nove deles, na noite de 23 de Abril. Se o Espiritualismo não conseguir erguer os caídos e confortá-los ao seu

coração, não será melhor do que as igrejas, e merecerá ter a sua vida como a de Cristo esmagada, como foi por parte dos corações empedernidos do paganismo moderno.

Esta gente falava inteligentemente; e foi questão de espanto vê-los tão capazes de acolher as sublimes verdades da doutrina espiritual. Foram entoados dois cânticos que foram acompanhados por parte dos espíritos, a seguir ao que tiveram início as conversas, que se prolongaram por duas horas e meia. Durante esse tempo, doze espíritos falaram à vez aos diferentes membros do círculo e deram os seus nomes, ou então se identificaram a si mesmos. As conversas foram puramente pessoais e de carácter privado; mas produziram o melhor dos efeitos. Na manhã seguinte mereceu os seguintes comentários:

«Os fantasmas dos nossos anos mortos, uma turba piedosa,

Agacham-se em encostas invernais; e, tremendo ali,

Misturam os seus rebanhos com fantasmas arrastados —

Poderes, esplendores, vitórias, divinamente belos,

Que poderiam ter sido, mas não são! Falham os nossos fogos!

Em cada um, não nascido, alguma esperança celestial expira.»

Esta foi uma citação literal da página 224 de um livro no qual nem a Sra. Hollis nem eu tínhamos olhado. A citação era estranha e singularmente concebida. O Sr. Plimpton entrou quando o teste foi concluído.

Reconhecendo homens e mulheres pelo seu valor nominal, não discriminei contra uma classe de pessoas a quem as borboletas ricas e elegantes da vida chamam proscritos, mas concedi uma sessão a nove deles, na noite de 23 de abril. Se o espiritualismo não pode elevar os caídos e falar conforto aos seus corações, não é melhor do que as Igrejas e merece ter a sua vida cristã esmagada, como tem sido das credos de coração de pedra do paganismo moderno.

Estas pessoas falaram inteligentemente; e foi motivo de espanto encontrá-las tão capazes de receber as verdades mais elevadas dos ensinamentos espirituais. Foram cantadas duas canções, acompanhadas pelos espíritos; depois disto, as conversas começaram e continuaram

durante duas horas e meia. Durante este tempo, doze espíritos falaram por turnos aos diferentes membros do círculo e deram os seus nomes, identificando-se de outras formas. As conversas eram puramente pessoais e privadas; mas tiveram o melhor efeito «para tudo isso». Na manhã seguinte, os comentários à mesa foram os seguintes:

(CARTAS DE JOSEFINA. N° XXIV)

"Meu caro amigo, — O vosso círculo na noite passada foi composto por gente que está bastante desenvolvida espiritualmente, apesar de não possuir o que é moda dizer uma educação religiosa. Quando os amigos deles vieram assegurar-lhes a sua presença, foram recebidos com o feliz espírito do amor confiante. Foi isso que abriu a avenida para as suas esferas e permitiu que a luz brilhasse nos seus corações.

"Todos os que vieram ontem à noite foram embora mais felizes e melhores. Eles souberam que os anjos se encontram no seu seio. Fico sempre feliz por ajudar os voluntários, não importa em que estágio na vida elas ocupem, ou onde o mundo as coloque. Havia luz do sol nos seus corações e alegria nas suas almas, tanto os espíritos como os mortais sentiram isso.

"Para um grande círculo promíscuo, foi o melhor que vocês tiveram. Essa gente sente, esta manhã, que a tampa do caixão foi erguida da face dos seus amigos; e que esses seus amigos estão com eles, a amá-los com um amor mais forte e uma afeição mais purificada. Ó, como me sinto muito feliz por ter trazido a luz do sol a essa gente e lhe dar lições que as conduzirão a planos mais elevados do pensamento e as prepararão para condições de vida mais afortunadas! Poucos estão tão peculiarmente situados quanto eu. Todo o amor do coração de mulher precisa ser mobilizado enquanto eu conduzo esta gente para fora do deserto do erro e da agitação.

"Você está a ajudar-nos mais do que qualquer outro mortal em nos proporcionar boas condições. Ficamos felizes quando temos um círculo harmonioso.

"O círculo da noite de segunda-feira fez-nos muito mal — mais do que as palavras podem traduzir. Depois disso, evite toda essa gente. Isso causou muita dor, já que envolveu muitos outros espíritos. Ó homens! Quando aprenderão que a vida tem um propósito maior do

que a satisfação das vossas paixões? Deixem que nos aproximemos de vós e lhes contemos sobre nossos lares. Nós lhes traremos boas notícias, mas não arruinemos o trabalho que estamos a tentar realizar.

Josefina"

Josefina fala de um círculo de parias com elogio; ainda assim, em contraste queixa-se de outro que admiti na noite de segunda, que era composto de cavalheiros (?) dois dos quais são membros zelosos de uma Igreja que está em moda na Rua Nove. Foi um desses membros da Igreja que se distinguiu ao cantar os cânticos no círculo com um hálito a whisky que nem os espíritos nem os mortais conseguiram suportar. Mas a mulher da calçada devia ser avaliada como mais espiritualmente desenvolvida do que os membros da Igreja de boa posição na sociedade, conforme se denotou da parte mais estranha da comunicação de Josefina.

Tendo tido início a 24 de Abril e prosseguindo todas as noites daí em diante até ao 1º de Maio, os fenómenos registados nos dois últimos capítulos foram reproduzidos na presença do Sr. Plimpton. Alguns deles, e outros, ele reportará num capítulo subsequente, em que especial referência será feita à medida que eu redigir as ninhas anotações.

Os testes com livros foram repetidos em condições mais rigorosas do que aquelas que detalhei, conforme será visto pelo relatório do Sr. Plimpton.

No dia 25 de Abril, um círculo às escuras foi formado por Isaac F. Smith e a esposa, o Mestre Walter Smith, Robert Leslie, George W. Newman, e dois outros cavalheiros.

Na presença dessa gente, as vozes dos espíritos ajudaram no canto de diversos hinos, após o que se dirigiram pessoalmente a cada um dos presentes, e deram um testemunho indubitável da sua identidade. O Sr. Smith e a família foram peculiarmente favorecidos pela presença de uma data de amigos, que falaram livre e inteligentemente sobre os seus assuntos familiares e a relação que tinham com ele. Um espírito disse que o Walter era um médium, e que se sentasse a uma mesa em casa, e tivesse uma lousa ao pé, ele obteria escrita.

Eu tenho desde então recebido mensagens de espíritos por intermédio da mediunidade desse rapaz, e o teste do relógio e da contagem do dinheiro foram dados prontamente como tinham sido na presença da Srª Hollis. Previ uma carreira extraordinária para esse rapaz como médium espiritual. Os espíritos foram principalmente entrevistados, durante a noite, sobre questões que tocavam a sua personalidade, e deram um testemunho notável que lhes favoreceu a identidade.

CAPÍTULO XXIX

UM CÍRCULO ESCURO — UM JOVEM MÉDIUM — FLOR ESPIRITUAL À MESA — UM CÍRCULO DE SUJIDADE — JOSEPHINE FALA SOBRE ELE — UM ALEMÃO ALARMADO — OSTRACISMO — UM CONTRASTE — LUZES ESPIRITUAIS — PREDIÇÃO — CONTAGEM DE DINHEIRO — PÉROLAS, PÉROLAS — LEVANTAÇÃO DA MESA — SESSÃO FINAL — CARTA DE DESPEDIDA.

COMEÇANDO a 24 de abril, e continuando todas as noites daí em diante até 1 de maio, a maior parte dos fenómenos registados nos últimos dois capítulos foram reproduzidos na presença do Sr. Plimpton. Alguns destes, e outros, ele relatará num capítulo seguinte, ao qual será feita referência especial à medida que eu redijo as minhas notas.

Os testes de livro foram repetidos em condições mais rigorosas do que as que detalhei, como se verá pelo relatório do Sr. Plimpton.

A 25 de abril, formou-se um círculo escuro por Isaac F. Smith e esposa, Mestre Walter Smith, Robert Leslie, George W. Newman e dois outros cavalheiros.

Na presença destas pessoas, vozes espirituais auxiliaram no canto de vários hinos; depois disto, dirigiram-se a cada pessoa no círculo e deram testemunho indubitável da sua identidade. O Sr. Smith e a família foram particularmente favorecidos pela presença de um número de amigos, que falaram livre e inteligentemente dos seus assuntos familiares e da relação que sustentavam com ele. Um espírito disse que «Walter» era médium e que, se ele se sentasse a uma mesa em casa e segurasse uma lousa debaixo dela, obteria escrita. Recebi desde então mensagens dos espíritos através da mediunidade deste rapaz, e o «teste do relógio» e o

«teste de contagem de dinheiro» foram dados tão prontamente como na presença da Sra. Hollis. Predigo para este rapaz uma carreira extraordinária como médium espiritual.

Os espíritos, sendo entrevistados durante a noite sobre questões tocantes à sua personalidade, deram testemunho notável que estabelecia a sua identidade.

Na manhã seguinte, a sessão foi brevemente comentada como se segue:

(CARTAS DE JOSEPHINE, N.° XXV.)

«MEU QUERIDO AMIGO — O círculo da noite passada foi bom, embora os membros dele quisessem mais testes pessoais. Mal os teria satisfeito se os amigos deles tivessem dado toda a história das suas vidas. Um teste de caráter indisputável deveria ser suficiente para convencer uma mente razoável; mas uma vintena não bastará.

«A nossa médium está demasiado exausta para escrever mais esta manhã. A pobre criança tem uma pesada tarefa a fazer hoje, e temo que mal tenha forças para a realizar. JOSEPHINE.»

A 26, na presença do Sr. Plimpton, a experiência de tambor foi repetida; depois disto, ocorreu o seguinte: O tecido na abertura foi agitado e posto de lado, como por uma rajada de vento. Debaixo da mesa podia agora ver-se uma luz espiritual, que gradualmente se tornou mais luminosa e condensada, até uma bela flor ser perfeitamente materializada. Quando isto foi concluído, foi projetada para dentro da sala o suficiente para expor à vista toda a mão na qual a flor era segurada. Permaneceu, para inspeção mais próxima, meio minuto, antes de ser retirada; mas foi em breve apresentada novamente. No espaço de quinze minutos, a flor foi apresentada nove vezes, com uma média de meio minuto em cada exposição. Os nossos rostos não estavam a mais de trinta centímetros da flor. Ao torcer ligeiramente a posição, a Sra. Hollis conseguiu ver esta materialização, a primeira que alguma vez testemunhara. O tamanho, forma e cor desta flor assemelhavam-se à «rosa de cem folhas». A mão foi dita ser de Mary Plimpton.

Depois disto, duas mãos espirituais brincaram com as baquetas, deram um nó num lenço, tocaram uma campainha na sala — não

debaixo da mesa — e deixaram duas impressões, uma de uma mão grande e outra de uma mão mais pequena, em duas tigelas de farinha.

Seguiu-se um círculo escuro às manifestações à mesa, composto por seis homens, que vieram sujos de suor, fumo de carvão, óleo, alcatrão e outras abominações, fazendo uma combinação de odores tão ofensiva que os espíritos rapidamente ordenaram que se reacendesse o gás e se dispersasse a «boa companhia». A moral deste fracasso é que as pessoas devem estar imaculadas nos seus hábitos antes de entrar numa sala espiritual. E por que não? Tais homens teriam vergonha de entrar numa igreja elegante com as suas roupas sujas; de facto, não seriam tolerados na Igreja «de Cristo» (?), ou na de São Paulo, nem por um único domingo, se fosse um bom dia para vestuário.

Falando de vestuário e outras matérias, a seguinte carta foi escrita à mesa, na manhã seguinte ao círculo de sujidade.

(CARTAS DE JOSEPHINE, N.° XXVI.)

«MEU QUERIDO AMIGO — O sábado dobrou o seu manto de escuridão sobre uma semana cheia de ansiedade e cuidado para espíritos e mortais igualmente. Luzes e sombras alternaram ao longo da semana; mas as sombras caíram mais pesadas no nosso caminho.

«Outro dia brilhante abriu os olhos na manhã de uma nova semana. Que seja um de proveito e prazer para todos é o meu sincero desejo. Que venha a luz pela qual tanto fervorosamente oramos!

«Quantos há que não compreendem a verdadeira relação que o mundo espiritual e o natural sustentam um com o outro! Nem compreendem as condições que melhor estabelecem o intercâmbio dos dois mundos. Temo que tudo o que eu possa dizer sobre o assunto faça pouco bem; pois poucos realizam a nossa presença real, e ainda menos quão arduamente trabalhamos para vos dar evidência da nossa personalidade.

«À vista de todas as circunstâncias ligadas ao intercâmbio espiritual, surpreende-me que obtenhais tantas comunicações espirituais como obtendes. Há tanto fanatismo, preconceito e ignorância no mundo que a nossa tarefa de os superar é maior do que podeis imaginar.

«Se as manifestações que damos aos cristãos fossem dadas a selvagens pagãos, a sua verdade nunca seria questionada. Aqui, porém, as nossas mensagens são vilipendiadas e a nossa presença negada, porque conflituam com os vossos sistemas de teologia, que não têm fundamento na verdade ou nos princípios eternos de direito e justiça. Examinai os frutos desta teologia. Quais têm sido os seus efeitos sobre o mundo? — sobre a sociedade? É uma contemplação temerosa. Em toda a parte prevalecem suspeita, falsidade e crime. Os laços de irmandade destruídos, cada membro da sociedade é feito presa e vítima do outro. A alma de um pagão recuaria de fazer ao vizinho o mal que estes iluminados (?) indivíduos infligem diariamente aos seus vizinhos. Não envieis os vossos missionários ao estrangeiro para fazer civilizados dos selvagens. Eles têm tanta humanidade nos corações como os homens e mulheres cristãos, e são mais felizes. Em toda a parte há descontentamento entre o vosso povo. Educação falsa desenvolveu relações falsas na vida. Examinai os princípios sobre os quais a sociedade está sobrestruída. Dinheiro e Vestuário são as vossas divindades gémeas; Avareza e Egotismo, as suas criadas. O que acontece à irmandade universal sob tal ensino?

«Mas a que conduz todo este prelúdio? MISÉRIA! Em breve ouvireis de crashes financeiros que atingirão terror na alma sórdida da nação. Fanatismo e intolerância religiosa preparam-se para um terrível conflito com o espírito liberal da era. Guerra — guerra de mãos vermelhas — é iminente! Os pobres revoltar-se-ão contra os ricos e exigirão uma divisão dos seus espólios mal adquiridos. O descontentamento no vosso meio é uma evidência de erro; e todo o erro é corrigido mais cedo ou mais tarde. A luz despontará nas inteligências escurecidas dos homens, e então o erro perece. O véu será rasgado, e a luz brilhará resplandecente das ameias do mundo espiritual.

«Sede firme! O espiritualismo revelou a podridão e inutilidade dos credos. Têm sido uma maldição em vez de uma bênção para a humanidade. A nova dispensação causará uma upheavala da terra, que abalará os fundamentos das coisas. Fanatismo e superstição morrerão! Verdade, honra e justiça viverão para sempre! JOSEPHINE.»

Foi realizado um círculo escuro na noite de 27, domingo, frequentado por um número de senhoras e cavalheiros, que eu convidara como

meus hóspedes. Estas pessoas eram de diferentes posições sociais, mas encontravam-se no plano do desenvolvimento espiritual. As manifestações foram excelentes, sendo todos os membros do círculo interpelados por um, dois ou três dos seus amigos espirituais. Além disto, Jim Nolan foi particularmente feliz no seu discurso. Reiterou as declarações feitas por «Ski»; nomeadamente, que os espíritos sabiam não só tudo o que fazemos, mas que aqueles que estão em profunda simpatia connosco conhecem os nossos próprios pensamentos.

«Gott in himmel!», disse um teutão presente. «Eu não daria mil dólares para que 'Lizabet' soubesse no que eu estava a pensar ontem à noite!»

Havia no círculo um filho de um elder presidente na Igreja Metodista; e um distinto banqueiro da cidade. Estes dois encontraram-se pela primeira vez, mas não eram amigos. O rebento do elder ergueu o queixo e olhou de cima para o banqueiro. Ora, o banqueiro nunca suspendera pagamentos; por isso, era honrado. Nunca cumpria as suas obrigações com cheques certificados. Isto deveria ter-lhe assegurado a boa opinião até do próprio elder presidente; mas não a do filho. Assim, na manhã após o círculo, foi dada a seguinte carta, na qual este assunto de «Sou mais santo do que tu!» foi discutido em

(CARTAS DE JOSEPHINE, N.° XXVII.)

«MEU QUERIDO AMIGO — Quando falamos de ostracismo social, atacamos um dos fortes suportes que sustenta a sociedade, e a própria pedra angular da Igreja militante. Aqueles que sustentam a Igreja, e que pela Igreja são sustentados, puxam as suas vestes à volta deles e dizem aos seus concidadãos pecadores: «Sou mais santo do que tu! Sai do meu caminho! É verdade que tens a mesma herança de luz e vida; mas não me posso dar ao luxo de te dar a mão de fellowship. Os meus amigos ver-me-iam fazê-lo!»

«Mas vejamos este assunto de ostracismo social de um ponto de vista diferente e vejamos quão carregado de malefícios ele é.

«Aqui está uma mulher de refinamento, de impulsos nobres e puros, e natureza muito sensível. Valoriza a sua reputação além de todo o preço; e, pela sua benevolência, caráter imaculado e vida irrepreensível, é amada por todos os que partilham a sua amizade e estima. Não

poderia convidar reprovação sobre si ou os amigos por um ato ou pensamento indecoroso.

«A ela foi dito: 'A tua boa amiga e vizinha é médium espiritual; se buscares a sua presença, ouvirás novamente as vozes dos teus queridos e perdidos entes — aqueles cujos olhos fechaste quando a morte os roubou do teu abraço. Irás até eles?'

«O amor dela é forte, e a tentação é grande. Talvez esteja a pensar no rosto da mãe, cuja voz sonha, com os olhos semicerrados, como a donzela sonha com os beijos do amante. Ou, pode ser, a memória de uma criança querida foi despertada, cuja respiração suave quase sente no coração. Deseja ouvir novamente os seus acentos de amor? Ó sim! sim! sim! Até ao fim do mundo viajaria para ouvir as suas vozes encantadoras e assegurar-se de que ainda vivem. Cede ao impulso humano e busca a presença dos seus queridos. Ó êxtase! Ouve-os falar novamente! Que felicidade inexpressível é esta! Mas agora informam-na de que, se se sentar numa sala escura em casa, os seus amados podem e falarão com ela ali, e trarão mensagens de alegria da Terra do Verão.

«Não concebendo engano, conforma-se às instruções e, por fim, os sussurros baixos dos seus queridos são ouvidos. Ó, que prazer! Ó, que felicidade desenterrar os perdidos e ouvi-los falar do belo mundo além! Fala desta verdade maravilhosa aos seus associados e amigos, esperando que partilhem o êxtase da sua própria alegria. Mas, ai! Descobre que os amigos se esfriam e, um a um, se ausentam, até que a dolorosa convicção é forçada na sua mente de que é evitada. Tornam-se reticentes e selam os lábios em silêncio, até que os corações se tornam amargos. É posta de lado, vítima do ostracismo social!

«É em vão que pergunta: 'O que fiz para ofender os meus amigos, que me tratam assim? Fui infiel a eles em ato, palavra ou deed?' Murcha como se atingida por uma praga; e, após o ferro entrar na sua alma, reage à verdadeira dignidade do caráter feminino e vive uma vida livre de tal intolerância.

«No vosso círculo da noite passada tínheis um filho de pregador e um jogador. O primeiro expressou o seu preconceito contra o último, por causa da profissão dele. Vejamos este assunto de um ponto de vista mais alto. Nenhum homem é compelido a jogar; mas se consente em

correr os seus riscos obtendo dinheiro no virar de uma carta, ou perdendo, é uma questão justa squarely feita. Se perde, simplesmente parte ou todo o seu dinheiro se vai; tem de lutar por mais e aprender sabedoria. Não fica incapacitado. A avareza é o seu pecado dominante, se não for divertimento.

«Mas como está com o pregador? Ele plantou erros na minha alma, que exigirão eras para desenraizar; trameou-me com dogmas e crestou-me com credos, que se agarrarão a mim por muitos anos, até que finalmente os desaprenda.

«Governar-vos em todas as coisas pela razão. Não permitais que o preconceito envenene a fonte do pensamento puro. A profissão de um homem pode fazer mais mal aos seus semelhantes do que a profissão de outro; mas qual é a pior? Tende cuidado como decidis! Os professores de erro não são isentos de culpa; e quanto ao jogo, quem entre os vossos santos convencionais está inteiramente isento dele? 'Correr os riscos' é um maxim comum nos negócios. Apólices de seguro sobre vida e propriedade são apenas baralhar e partir de jogadores mercenários.

«Não serve condenar apressadamente. Embora não deseje oferecer desculpa para o malfeito, ainda assim é apenas justiça dizer que o jogador frequentemente não é pior do que aqueles que o condenam ao ostracismo social. JOSEPHINE.»

A 28 de abril, o Sr. Plimpton, após fazer um exame cuidadoso da mesa para que pudesse assegurar ao público que não negligenciara meios para descobrir fraude, que fosse apropriado empregar na ocasião, procedeu com o «teste da caixa», cujos pormenores ele relatou no capítulo seguinte. Ao referir-se a este teste da caixa, Jim Nolan disse que exigira os esforços unidos de «Ski» e dele próprio para o tornar um sucesso.

As manifestações seguintes à mesa foram luzes espirituais. A luz na sala foi ligeiramente sombreada, e o tecido cobrindo a abertura erguido, dando uma vista ininterrupta para a abertura negra. Pensei em melhorar as minhas facilidades para ver e propus mudar de posição. Fui de imediato informado de que fazê-lo mudaria as baterias deles e derrotaria o propósito.

CAPÍTULO XXIX

UM CÍRCULO ESCURO — UM JOVEM MÉDIUM — FLOR ESPIRITUAL À MESA — UM CÍRCULO DE SUJIDADE — JOSEPHINE FALA SOBRE ELE — UM ALEMÃO ALARMADO — OSTRACISMO — UM CONTRASTE — LUZES ESPIRITUAIS — PREDIÇÃO — CONTAGEM DE DINHEIRO — PÉROLAS, PÉROLAS — LEVANTAÇÃO DA MESA — SESSÃO FINAL — CARTA DE DESPEDIDA.

COMEÇANDO a 24 de abril e continuando todas as noites daí em diante até 1 de maio, a maior parte dos fenómenos registados nos últimos dois capítulos foram reproduzidos na presença do Sr. Plimpton. Alguns destes, e outros, ele relatará num capítulo seguinte, ao qual será feita referência especial à medida que eu redijo as minhas notas.

Os testes de livro foram repetidos em condições mais rigorosas do que as que detalhei, como se verá pelo relatório do Sr. Plimpton.

A 25 de abril, formou-se um círculo escuro por Isaac F. Smith e esposa, Mestre Walter Smith, Robert Leslie, George W. Newman e dois outros cavalheiros.

Na presença destas pessoas, vozes espirituais auxiliaram no canto de vários hinos; depois disto, dirigiram-se a cada pessoa no círculo e deram testemunho indubitável da sua identidade. O Sr. Smith e a família foram particularmente favorecidos pela presença de um número de amigos, que falaram livre e inteligentemente dos seus assuntos familiares e da relação que sustentavam com ele. Um espírito disse que «Walter» era médium e que, se ele se sentasse a uma mesa em casa e segurasse uma lousa debaixo dela, obteria escrita. Recebi desde então mensagens dos espíritos através da mediunidade deste rapaz, e o «teste do relógio» e o «teste de contagem de dinheiro» foram dados tão prontamente como na presença da Sra. Hollis. Predigo para este rapaz uma carreira extraordinária como médium espiritual.

Os espíritos, sendo entrevistados durante a noite sobre questões tocantes à sua personalidade, deram testemunho notável que estabelecia a sua identidade.

Na manhã seguinte, a sessão foi brevemente comentada como se segue:

(CARTAS DE JOSEFINA, Nº XXV)

"Meu caro amigo, — O círculo da noite passada foi bom, embora os membros dele tenham exigido mais testes pessoais. Dificilmente os teria deixado mais satisfeitos se os seus amigos tivessem dado toda a história das suas vidas. Um teste de carácter indiscutível deveria ser suficiente para convencer uma mente razoável, mas uma data não se revelará suficiente.

"A nossa médium está muito esgotada para escrever mais esta manhã. A pobre criança tem um trabalho pesado a fazer hoje, e receio que ela dificilmente venha a ter forças para o fazer.

Josefina"

No dia 26, na presença do Sr. Plimton, o experimento do tambor foi repetido; após o qual ocorreu o seguinte: O pano da abertura a foi sacudido e gradualmente empurrado como se por uma baforada de vento. Sob o pano pode divisar-se uma luz espiritual, que gradualmente se foi tornando mais luminosa e condensada, até se materializar uma bela flor. Quando se completou, foi projetado longo o suficiente na sala a fim de expor à vista a mão completa em que a flor era segura. Aí permaneceu para uma inspeção mais detalhada meio minuto, antes de se retirar; mas em breve voltou a apresentar-se. No espaço de quinze minutos, a flor foi apresentada nove vezes, a uma média de meio minuto cada. Não tínhamos a face a mais do que trinta centímetros da flor.

Torcendo um pouco a sua posição, a Srª Hollis foi capaz de ver essa materialização, a primeira que alguma vez testemunhara. O tamanho, a forma e a cor dessa flor parecia-se com os da Roza Vermelha Holandesa (Hundred-leaf). Foi dito que a mão era da Srª Mary Plimpton.

Subsequentemente, duas mãos de espíritos tocaram tambor com baquetas, fizeram um nó num lenço de mão, fizeram soar uma campainha na sala — não debaixo da mesa, note-se — e a seguir deixaram duas impressões, uma de uma mão grande e a outra de uma mão pequena, em dois pratos de farinha.

Um círculo às escuras foi feito a seguiras manifestações da mesa, composto por seis homens que vieram enegrecidos pelo suor, odor a carvão, petróleo, alcatrão e outras abominações que tais que

respondiam por uma combinação de odores tão ofensiva que os espíritos rapidamente ordenaram que voltássemos a acender os lampiões e dispersássemos a 'companhia'. A moral desse fracasso está em que as pessoas não deviam ter hábitos puros, antes de entrarem numa sala de sessões. E porque não? Tais indivíduos teriam vergonha de entrar numa igreja nos seus trajes imundos; de facto não seriam tolerados na Igreja de Cristo ou de São Paulo um só Domingo, nem que fosse um bom dia para se vestirem. Por falar em vestir, e outras questões que tais, a seguinte carta foi redigida à mesa, na manhã a seguir ao círculo dos imundos:

(CARTAS DE JOSEFINA, N° XXVI)

"Meu caro amigo, — o sábado envolveu o seu manto de escuridão ao longo de uma semana cheia de ansiedade e cuidado para espíritos e mortais. Luzes e sombras alternaram-se durante a semana; mas as sombras caíram duramente no nosso caminho.

"Outro dia brilhante abriu os olhos para o despertar de uma nova semana. Que possa ser uma semana de proveito e de prazer para todos, é o meu desejo sincero. Que a luz pela qual nós tão sinceramente oramos, venha!

"Quantos há que não entendem a verdadeira relação que o espírito e o mundo natural mantêm uns para os outros! tampouco compreendem as condições que melhor estabelecem o intercurso desses dois mundos. Receio que tudo o que possa dizer sobre o assunto não traga qualquer proveito, pois poucos percebem a nossa presença real, e menos ainda como nós trabalhamos para lhes dar provas de nossa personalidade.

"Em vista de todas as circunstâncias relacionadas com o intercurso espiritual, fico surpreendida que você receba tantas comunicações espirituais quanto recebe. Reina tanta intolerância e preconceito e ignorância no mundo, que a nossa tarefa de superar isso é maior do que pode imaginar.

"Se as manifestações que damos aos cristãos fossem dadas a selvagens pagãos, a sua verdade jamais seria questionada. Aqui, no entanto, nossas mensagens são injuriadas e a nossa presença negada, por elas entrarem em conflito com os vossos sistemas de teologia, que não têm fundamento de verdade ou princípios eternos de direito e

justiça. Examine os frutos dessa teologia. Que efeitos tiveram sobre o mundo? — sobre a sociedade? É uma contemplação temível. Por toda a parte prevalece a suspeita, a falsidade e o crime.

Os laços da irmandade são destruídos, e cada membro da sociedade é tornado presa e vítima do outro. A alma de um pagão se esquivaria a fazer com que seu vizinho cometesse o erro que essas pessoas esclarecidas estão infligindo diariamente aos seus semelhantes. Não enviem os vossos missionários para o exterior para fazer dos selvagens civilizados. Eles têm tanta humanidade nos seus corações quanto os homens e mulheres cristãos e são bem mais felizes. Existe por toda a parte descontentamento entre o vosso povo. A educação falsa desenvolveu falsas relações de vida. Examinem os princípios sobre os quais a sociedade é super estruturada. Dinheiro e vestuário são as vossas divindades gêmeas; a avareza e o egotismo, as suas criadas. O que acontece com a fraternidade universal sob tal doutrina?

"Mas o que pressagiará tudo isso? Infelicidade! Logo irão ouvir falar de acidentes financeiros que irão deixar a alma sórdida da nação aterrorizada. Fanatismo e intolerância religiosa está a preparar-se para um terrível conflito com o espírito liberal da época. Guerra - guerra flagrante - está iminente! Os pobres se revoltarão contra os ricos e exigirão uma divisão dos seus despojos ilícitos. O descontentamento que existe no vosso seio é uma evidência erro; e todo erro é corrigido mais cedo ou mais tarde. A luz surgirá sobre os entendimentos obscurecidos dos homens, e então o mal perecerá. O véu será rasgado e a luz brilhará resplandecente das ameias do mundo espiritual.

"Permaneçam firmes! O espiritualismo revelou a podridão e a inutilidade dos credos. Eles têm sido uma maldição em vez de uma bênção para a humanidade. O novo governo do mundo causará uma reviravolta na Terra, que abalará os alicerces das coisas. O fanatismo e a superstição fenecerão! A verdade, a honra e a justiça viverão para sempre!

Josefina"

Foi realizado um círculo escuro na noite de 27, domingo, frequentado por um número de senhoras e cavalheiros, que eu convidara como meus hóspedes. Estas pessoas eram de diferentes posições sociais, mas

encontravam-se no plano do desenvolvimento espiritual. As manifestações foram excelentes, sendo todos os membros do círculo interpelados por um, dois ou três dos seus amigos espirituais. Além disto, Jim Nolan foi particularmente feliz no seu discurso. Reiterou as declarações feitas por «Ski»; nomeadamente, que os espíritos sabiam não só tudo o que fazemos, mas que aqueles que estão em profunda simpatia connosco conhecem os nossos próprios pensamentos.

«Gott in himmel!», disse um teutão presente. «Eu não daria mil dólares para que a 'Lizabet' soubesse no que eu estava a pensar ontem à noite!»

Havia no círculo um filho de um ancião presidente na Igreja Metodista; e um distinto banqueiro da cidade. Estes dois encontraram-se pela primeira vez, mas não eram amigos. O rebento do presidente ergueu o queixo e olhou de cima para o banqueiro. Ora, o banqueiro nunca suspendera pagamentos; por isso, era honrado. Nunca cumpria as suas obrigações com cheques certificados. Isto deveria ter-lhe assegurado a boa opinião até do próprio ancião presidente; mas não a do filho. Assim, na manhã após o círculo, foi dada a seguinte carta, na qual este assunto de «Sou mais santo do que tu!» foi discutido em:

(CARTAS DE JOSEFINA N° XXVII)

"Meu caro amigo - Quando falamos sobre o ostracismo social, atacamos um dos fortes suportes que sustentam a sociedade, e a própria pedra angular da Igreja militante. Aqueles que apoiam a Igreja e que, pela Igreja, são sustentados, atraem os seus mantos sobre eles, e dizem aos seus companheiros pecadores: 'Sou mais santo do que tu! Sai do meu caminho! É verdade que partilhamos da mesma herança de luz e de vida, mas não me posso permitir estender-te a mão do companheirismo. Meus amigos haveriam de me ver a fazer isso!

"Mas vejamos esta questão do ostracismo social de um ponto de vista diferente, e vejamos como está cheia de malícia.

"Aqui está uma mulher refinada, de impulsos nobres e puros e da natureza mais sensível. Ela valoriza a sua reputação para além de todo o preço; e, pela sua benevolência e carácter imaculado e vida irrepreensível que leva, ela é amada por todos os que partilham da sua

amizade e estima. Ela não podia convidar a censura sobre si própria ou os amigos com um ato ou pensamento incomum.

"A ela foi dito: A sua boa amiga e vizinha é uma médium-espiritual; se você procurar a sua presença, você irá novamente ouvir as vozes dos seus entes queridos perdidos - aqueles cujos olhos fechou quando a morte lhos furtou ao seu abraço. Vai até eles?

"O seu amor é forte e grande a tentação. Talvez esteja a pensar no rosto da sua mãe, com cuja voz sonha, com os olhos meio fechados, enquanto a donzela sonha com os beijos do seu amante. Ou, pode ser que a memória de uma criança querida tenha sido despertada, cuja respiração suave ela quase sinta no seu coração. Quererá ela ouvir o seu acento de voz carinhoso novamente? Sim! sim! sim! Até o fim do mundo ela seria capaz de viajar para ouvir as suas encantadoras vozes e ter a certeza de que ainda vivem. Ela cede ao impulso humano e busca a presença dos seus queridos. Ó arrebatamento! ela ouve-os falar de novo! Que felicidade inexprimível essa! Mas agora ela é informada se ela se sentar num quarto escuro em casa, o seu amado poderá vir e conversar com ela, e trazer-lhe as mensagens de amor da terra do verão.

"Sem qualquer conceção de malícia, ela conforma-se às instruções, e finalmente os sussurros baixos dos seus queridos são ouvidos. Oh, que prazer! Oh, que felicidade de reverter a sua perda e ouvi-los falar do mundo maravilhoso além! Ela fala dessa maravilhosa verdade aos seus associados e amigos, esperando que eles partilhem do arrebatamento da sua própria alegria. Mas, ai! ela encontra seus amigos desinteressados e a ausentar-se um a um, até que na sua mente é forçada a dolorosa convicção de que ela é evitada. Eles tornam-se reticentes e selam os lábios em silêncio, até que os seus corações se tornam amargos. Ela é posta de lado, vítima do *ostracismo social!*

"É em vão que ela pergunta: 'O que foi que eu fiz para ofender os meus amigos, para que eles me tratem assim? Tenho-lhes sido infiel em atos, palavras ou ações? Ela inclina-se como se estivesse acometida pela peste; e depois que o ferro ter entrado na sua alma, ela é animada da verdadeira dignidade do carácter feminino e leva uma vida livre de tal intolerância.

“No vosso círculo na noite passada vocês tiveram um filho de pregador e um apostador. O primeiro expressou o preconceito que sente contra o último, por causa da sua profissão. Vamos olhar este assunto de um ponto de vista mais elevado. Nenhum homem é obrigado a jogar; mas se ele consentir em correr riscos pela obtenção de dinheiro pelo virar de uma carta, ou perder, é uma questão justa. Se ele perde, simplesmente uma parte ou todo o seu dinheiro esvai-se; ele deverá lutar por mais e cultivar a sabedoria. Ele não está incapacitado. A avareza é o pecado que o assedia, se não for o entretenimento.

“Mas, e em relação ao pregador? Ele incutiu-me erros na minha alma, o que requererá eras a arrancar; ele trespassou-me com dogmas e arruinou-me com credos, que se colarão a mim por muitos anos, até que eu finalmente os desaprenda.

"Deixem-se reger em todas as coisas pela razão. Não permitam que o preconceito lhes envenene a fonte do pensamento puro. A profissão de um homem pode fazer mais mal aos seus companheiros do que profissão de outro; mas qual será a pior? Tenham cuidado com o que decidem! Os instrutores do erro não são inocentes; e quanto ao jogo, quem dentre os vossos santos convencionais está inteiramente isento dele? "Correr riscos" é uma máxima comum nos negócios. Apólices de seguro de vida e propriedade são apenas as baralhadas e os lances dos jogadores mercenários. Não serve para condenar precipitadamente. Embora eu não deseje estender qualquer pedido de desculpas pelo erro, ainda assim é justo dizer que o jogador frequentemente não é pior do que aqueles que os condenam ao ostracismo social.

Josefina.”

A 28 de abril, o Sr. Plimpton, após fazer um exame cuidadoso da mesa para que pudesse assegurar ao público que não negligenciara meios para descobrir fraude, que fosse apropriado empregar na ocasião, procedeu com o «teste da caixa», cujos pormenores ele relatou no capítulo seguinte. Ao referir-se a este teste da caixa, Jim Nolan disse que exigira os esforços unidos de «Ski» e dele próprio para o tornar um sucesso.

As manifestações seguintes à mesa foram luzes espirituais. A luz na sala foi ligeiramente sombreada, e o tecido cobrindo a abertura

erguido, dando uma vista ininterrupta para a abertura negra. Pensei em melhorar as minhas facilidades para ver e propus mudar de posição. Fui de imediato informado de que fazê-lo mudaria as baterias deles e derrotaria o propósito.

Permanecei quieto; e foram apenas alguns minutos depois, quando o buraco escuro, para o qual espreitávamos, se tornou iluminado por pontos flutuantes de luz. Julgaria que havia vinte deles visíveis ao mesmo tempo. Aqueles mais remotos da abertura eram os mais brilhantes, pois essa parte da câmara era a mais escura. Tinham cerca do tamanho de moscas-domésticas; e se imaginardes estes insetos luminosos, voando num quarto escuro, tereis uma ideia justa destes misteriosos fogos de artifício.

Por uma inspeção próxima, estas luzes eram vistas a repousar nas pontas dos dedos. Em alguns casos, toda a mão podia ser vista, embora muito obscuramente. À medida que estas luzes saíam bastante da abertura, coloquei a minha mão favoravelmente para ser tocada por elas. Fizeram-no várias vezes e extinguiam-se instantaneamente, como uma faísca quando cai na água. Após várias repetições deste tipo, as luzes apagaram-se; a minha mão atuando, suponho, como uma «manta molhada» no seu poder iluminante.

Depois disto, os espíritos novamente me penteararam o cabelo, para que o Sr. Plimpton pudesse ver a operação, e os meus «veneráveis caracóis» ficaram melhores por isso. Jim apertou-me então cordialmente a mão, na sala iluminada, e depois deu palmadinhas carinhosas no dorso da mão do Sr. Plimpton; depois disto, ainda à luz, escreveu:

«JAMES.»

Isso concluiu a sessão da noite.

Na manhã seguinte, perguntei se haveria uma carta para mim; quando isto foi escrito:

(CARTAS DE JOSEFINA N° XXVIII)

"Meu caro amigo, — Fico sempre sempre feliz por lhe escreve, e antecipar a lição da manhã (como você gosta de lhe chamar) com prazer.

"Há vários dias atrás, na minha carta, fiz alusão ao conflito que se aproximava. O mundo espiritual está a produzir isso. A verdade do intercurso do espírito em breve será entendida no geral; e como as pessoas obtêm um conhecimento dos factos da vida do espírito, elas deixarão de ser influenciadas pelos romantismos dos sacerdotes. A fé deixará de as conduzir, quando elas tiverem um conhecimento positivo a guiá-las. Será então feita a tentativa de sustentar as Igrejas, recorrendo à invocando da ação legislativa para coagir o povo a adotar o seu sistema espúrio de moralidade. Isso produzirá o conflito.

Os golpes da revolta estender-se-ão a todos os lares. A questão irá revelar-se sangrenta e duvidosa por um tempo; mas as hostes espirituais, dispostas ao lado da direita, opor-se-ão ao amargo fim e no final triunfarão. Eu contemplo essa luta com tristeza; Ainda assim, quando olho para os grandiosos resultados, sinto que é certo que deva ocorrer.

"Os experimentos da noite passada foram bem-sucedidos; outros seguirão um carácter tão interessante quanto antes da médium ir para casa. Eu tenho procurado o manuscrito do seu livro. Eu gosto do seu método direto de dizer as coisas. Muito tem sido escrito sobre o assunto do espiritualismo; mas factos simples contam a melhor história. A verdade deve ser contada com o mínimo de adorno de palavras possível. Apresente-a à visão da mente tão nua quanto puder.

Josefina"

A Srª. Hollis sentou-se à mesa das manifestações, ao crepúsculo da noite de 29 de Abril; quando, após alguma conversa desconexa, eu coloquei um maço de notas de banco na cadeira, e pedi aos espíritos para me dizerem o exato montante que comportava. O maço foi em breve levado para debaixo da mesa, e, após alguns minutos, foi de novo colocado na cadeira. A lousa foi ao mesmo tempo batida e levada, na qual foi escrito:

Cinco notas de vinte dólares,	$100 00
Quinze notas de dez dólares,	150 00
Vinte e duas notas de cinco dólares,	110 00
Quatro notas de dois dólares,	8 00
Três notas de um dólar,	3 00
	$371 00

A declaração estava inteiramente correta, embora eu não tivesse conhecimento da quantia de dinheiro que o maço tinha até que mo fosse revelado. Foi feito o comentário de que os espíritos tinham tido uma oportunidade favorável de o ignorarem se sentissem estar a fazer uma operação bancária. Ao que Jim rapidamente respondeu na lousa:

"O dinheiro não tem valor aqui. As distinções que a riqueza cria entre os homens fenecem com a morte. No mundo do espírito não têm existência."

“Pois,” disse eu; "Suponho que ricos e pobres se encontram num terreno comum."

"Nem por isso," disse o Jim, "a sabedoria cria distinções; mas os vossos homens ricos não têm o monopólio da riqueza do espírito. A razão disso está em que, o dinheiro não a pode comprar. O mais humilde na vida pode gozar da maior abundância, e desse modo tornar-se no mais exaltado nos conclaves dos grandes e posses e dos grandiosamente bons.

É uma joia rara, para ser abrangida apenas pelas provações, pelo sofrimento, e pela morte. Não presta qualquer tributo à riqueza, nem homenagem no santuário do erro."

Após o que for a escrito, nenhuma manifestação se deu durante um quarto de hora. Nem sequer uma batida, a anunciar a presença de um espírito. Por fim, a abertura do cortinado começou a mover-se como se fosse soprado por alguém que se encontrasse debaixo da mesa. Após alguns feitiços do género, eu ergui o pano, o que me proporcionou uma vista ininterrupta do interior da câmara escura. Mal tinha prendido o

pano no topo da mesa quando uma substância sombria apareceu, e pareceu encher toda a abertura. Não consegui distinguir o que era. Retirou-se da abertura, e num minuto ou dois reapareceu; só que desta vez definido mais claramente. Podia agora ver tratar-se de uma mão de espírito, com a palma da mão voltada para cima; os dedos mostravam-se adornados com cordéis de pérolas de vários centímetros de comprimento. Na mão repousava o que se parecia com o medalhão de Napoleão. Era o ornamento que eu tinha vito no gabinete, uma dúzia de vezes, no pescoço de Josefina.

A mão movimentou-se para trás e para a frente diversas vezes, o que induziu um movimento correspondente no colar de pérolas. Eu coloquei a palma da minha mão na cadeira, onde esses fios me passaram uma ou duas vezes pelas costas da mão. De seguida voltei-a e formei uma taça com a palma, onde a massa de pérolas foi pousada, por um instante, e de seguida retiradas para debaixo da mesa. Pedi que fossem colocadas na mão do Sr. Plimpton; mas o experimento estava no fim.

Essas joias apresentavam um peso considerável; pelo menos foi o que eu pensei na altura; mas desde então quase me tenho persuadido a mim próprio de que foi o toque consciente que me deu a impressão. Se não estivesses à espera do toque na altura, tê-lo-ia eu reconhecido como reconheci? Quanto à questão do peso e do toque, não estou certo, mas a sensação de ver com precisão é confirmado pelo testemunho atual da Srª Hollis e do Sr. Plimpton.

As pérolas apresentavam vários tamanhos, e pareciam a esse respeito estar selecionadas — as maiores no fim dos cordões e as mais pequenas no topo. Notei isso mais de forma particular quando foram usadas no pescoço de Josefina. No conjunto havia o suficiente para encher dois terços de uma chávena comum de chá; a taça da minha mão ficou bem cheia. Após essa extraordinária manifestação, o Nolan projetou a sua mão e antebraço através da abertura e colheu um par de tesouras e uma folha de papel branco da cadeira e levou-as para debaixo da mesa. Num minuto as tesouras foram postas no sítio e o papel foi entregue. Fora cortado no formato de um coração, e nas pregas do papel havia outros quatro formados. Esse simples feito requeria nada mais do que duas mãos.

De seguida coloquei a pesada caixa de música na mesa e comecei a dar-lhe corda. Enquanto fazia isso a mesa e o peso que lhe fora acrescentado ao anterior, inclusive a caixa, que pesava mais do que 9 quilos, foram levantados diversas vezes, trinta centímetros ou mais, do tampo. Isso encerrou o entretenimento.

O Sr. Plimpton e eu subsequentemente colocamo-nos na posição da Srª Hollis à mesa, e tentámos levantá-lo, como ela teria sido compelida a fazê-lo caso o tenha feito; mas nenhum de nós estivemos à altura da ocasião. Eu sofri uma distensão nos tendões do meu braço, com o esforço, tão grave que durante uma semana não consegui recuperar.

Na noite de 30 de Abril o Sr. Plimpton e eu fizemos uma última vez uma sessão à mesa das manifestações com a Srª Hollis. Tínhamos retomado as nossas respetivas posições mas passados alguns minutos, foi projetada uma mão espiritual a acenar com um lenço espiritual por diversas vezes a alguns centímetros das nossas caras. Ele curvou-se, o que nos deu tempo suficiente para examinarmos a mão e a delicada textura do tecido, antes de se retirar. Essa materialização surgiu por uma segunda vez, quando, a pedido, o material diáfano me foi posto na mão por duas vezes, após o que se retirou. Já tinha visto esse lenço espiritual exibido no gabinete diversas vezes, mas nunca antes tinha eu estado suficientemente próximo para o inspecionar de tão perto.

A mão e o braço foram uma vez mais apresentados; mas desta vez o braço e o ombro estavam revestidos com uma manga de musselina branca. O braço fletiu e estendeu-se por diversas vezes, e depois desapareceu.

Uma mão e um braço mais pequenos foram de seguida apresentados, adornados de uma luva branca completa com uma floração ilusória. Foi dito que pertencia à irmã do Sr. Plimpton, Mary. A mão projetou-se ao encontro do Sr. Plimpton que, entendendo a sua, a viu ser acariciado durante meio minuto. Ele então apresentou um conjunto de flores de maçã ao espírito, que foram recebidas com uma demonstração de prazer, e levadas para debaixo da mesa. A essa altura foi escrito na lousa:

"A beleza e fragrância das minhas flores favoritas não me dão menos prazer agora do que quando pude desfrutar em vida.

Mary."

As flores foram então distribuídas entre o Sr. Plimpton, a Srª Hollis e eu, cada um recebendo o nosso pequeno *bouquet* da mão do espírito. De seguida a mão esboçou-nos um adeus; *e enquanto o fazia, a lousa foi projectada por uma outra mão, na qual vinham escritas, na letra do Jim Nolan, as palavras "Adeus!"*

Isso encerrou a série de sessões de manifestação de mesa onde se tinham manifestado os mais interessantes fenómenos que tive o privilégio de testemunhar. Não é necessário fazer comentários especiais em relação a essas manifestações. O leitor, sem dúvida terá escrutinado o registo que deles fiz, atentamente. Atei a minha filosofia e os factos juntos na narrativa que agora encerro.

Na manhã seguinte, 1 de Maio, a Josefina escreveu uma carta de despedida. Aqui está:

(CARTAS DE JOSEFINA N° XXIX)

"Meu caro amigo, - Mais uma vez o canal da comunicação que temos consigo vai ser interrompido. Sinto muito por isso! Foi um prazer e um proveito para nós vir aqui. Sentimo-nos gratos pelas condições favoráveis que você nos proporcionou, pelo que lhe devo um muito obrigado.

"Esta questão das condições precisa ser melhor compreendido por aqueles que desejam ter comunicações fiáveis com o mundo espiritual. Pessoas de mentes delicadas ficam "inseguras" sempre que lhes falam de condições, e ficam muito desconfiadas de que algum mecanismo astutamente inventado se ache oculto no seu significado. Se não se assustam, tornam-se incivilizados e tratam-nos como se fôssemos inimigos pessoais de nossos companheiros mortais, em vez de sermos os mensageiros das "boas novas" da raça.

Quando uma mãe vem falar com seu filho com um acento de carinho, ela é rudemente repelida ou tratada com tanta descortesia que se retira confusa e humilhada. Escutei o que as pessoas disseram, que, pela grosseria injustificada que demonstraram, insensivelmente mistificaram os seus amigos do espírito, até eles se retirarem em confusão. Mais uma vez, vi a alegria feliz e sincera daqueles que tinham certeza de que suas recordações ainda eram apreciadas pelos seus amigos na Terra, que

ouviam as suas pequenas batidas ou os débeis murmúrios com amor e respeito.

"Ó amigos! entendam a importância das "condições." Não zombem da palavra; é o melhor que podemos empregar para expressar o que queremos dizer. Antes de nos pedirem para substituirmos uma outra palavra, procurem entender e esclarecer o significado desta. Dêem-nos melhores condições, e então aproximar-nos-emos de vocês e contar-lhes-emos sobre as vidas e lares que temos no mundo espiritual. Certamente vocês precisam de informações deste carácter, e devem submeter-se a certos trabalhos para as obterem.

"Ontem à noite fomos capazes de lhes dar algumas manifestações agradáveis na mesa. Elas irão despertar um profundo interesse na mente do público. O seu livro teria ficado incompleto se não contivesse um anúncio deles. As pessoas estão famintas deste tipo de testemunho, o que demonstra aos seus sentidos a realidade do mundo espiritual.

"E agora, meu querido amigo, só posso dizer que tenho a alma repleta de gratidão pelo serviço que nos prestou. Adeus.

Josefina"

CAPÍTULO XXX

SEGUNDO RELATÓRIO DO SR. PLIMPTON — O MÉDIUM — OBJETO EM VISTA — O TESTE DA AGULHA — O TESTE DO RELÓGIO — O TESTE DO LIVRO — DUAS MÃOS NA FARINHA — O TESTE DA CAIXA — A MÃO — DIVERSOS.

QUANDO o Sr. Plimpton apresentou o seu primeiro relatório das suas experiências com fenómenos espíritas, ainda não tinha visto o suficiente para formar convicções sólidas de que as manifestações eram realmente aquilo que pretendiam ser. Desde então, tem sido um visitante bem-vindo na minha casa e tem usufruído do privilégio de vir e ir à vontade, para poder melhor satisfazer a sua mente quanto ao carácter genuíno destes «factos surpreendentes no espiritualismo moderno».

Após dispor de tais facilidades durante vários meses, julgou conveniente complementar o seu primeiro relatório com um segundo, que foi publicado no jornal do coronel Donn Piatt, The Capital, editado

em Washington, do qual o transcrevo para estas páginas. O artigo está cuidadosamente redigido e será lido com respeitosa atenção por todos os leitores pensantes. O coronel Piatt prefaciou editorialmente o artigo dizendo:

«Publicamos hoje um artigo interessante da autoria do Sr. F. B. Plimpton, editor associado do Cincinnati Commercial. O Sr. Plimpton é um dos jornalistas mais capazes dos Estados Unidos, e podemos garantir — tal como um vasto círculo de amigos entre as melhores pessoas pode garantir — a sua sinceridade e veracidade. Os nossos leitores acharão as suas investigações notáveis e merecedoras de estudo.»

ESPIRITUALISMO MODERNO.

MEIA-HORAS COM ESPÍRITOS.

UMA SÉRIE DE EXPERIÊNCIAS DE TESTE. POR F. B. PLIMPTON. CINCINNATI, 8 de maio de 1873. Meu caro Coronel,

Numa carta sua, há algum tempo sem resposta, pergunta-me incidentalmente que progressos fiz na investigação das chamadas manifestações espíritas. Estou agora em condições de responder.

No final das sessões realizadas no outono de 1872, através da mediunidade da Sra. Mary J. Hollis, de Louisville, na casa do Dr. N. B. Wolfe, nesta cidade — várias das quais tive o prazer de assistir juntamente consigo e com o Honorável William M. Corry —, suspendi as investigações, decidido, porém, a retomá-las caso surgisse oportunidade.

Tinha visto o suficiente para convencer uma mente razoável de que as manifestações não eram resultado de truque ou impostura. Foram produzidas em condições não tão satisfatórias quanto se poderia desejar, mas suficientemente boas para as colocar para além da possibilidade de mero artifício mecânico e destreza física.

Ninguém poderia acusar a médium de impostura, após ter visto e ouvido tais coisas, sem pôr em causa a evidência dos próprios sentidos ou sem condenar a própria consciência por prestar falso testemunho contra o próximo. Os factos eram indiscutíveis: lá estavam as escritas nas lousas, as vozes no círculo escuro, as materializações no gabinete,

ouvidas e vistas por todos os presentes e igualmente testemunhadas pelas suas faculdades. Não poderia ter havido fraude, nem conluio; teria havido ilusão ou delírio?

Não estava totalmente convencido de que os fenómenos observados não pudessem ser explicados por alguma outra hipótese que não a da sua origem espírita; e, embora prestasse testemunho alegre das coisas vistas e ouvidas, consciente de que tinham ocorrido e de que as descrevia com maior escrupulosidade do que qualquer relatório que alguma vez fizera de um evento público, não estava preparado para emitir uma opinião que investigações posteriores pudessem tornar necessário modificar.

A fé no oculto e no misterioso tem sido, em mim, uma planta de crescimento lento; mas falta-me a confiança do Sr. Herbert Spencer para presumir resolver tais questões com base em princípios a priori, ou para declarar uma coisa impossível apenas porque não entrou no âmbito da minha própria experiência. E depois há o ditado de que o impossível está sempre a acontecer, o que deveria moderar a nossa certeza.

A teoria do Professor Faraday sobre a ação muscular involuntária pode ter-lhe explicado satisfatoriamente os chamados fenómenos espíritas que observou; mas aqui estava uma classe de factos ou manifestações tão além daquelas que ele vira como os seus experimentos em eletricidade estavam além da mais ousada conceção do Frei Bacon. A teoria do Professor Carpenter sobre a cerebração inconsciente parecia oferecer uma melhor solução dos problemas. Se ao funcionamento inconsciente do cérebro se pudesse acrescentar o poder da visão clara como faculdade mental desenvolvida em naturezas peculiarmente organizadas, como no caso bem documentado de Zschokke, o eminente escritor e historiador alemão, parecia-me que um grande número das manifestações poderia ser explicado sem recorrer a uma quantidade desconhecida.

Como o senhor, no seu estilo feliz, já descreveu os três modos de manifestação através da Sra. Hollis — escrita, fala e materialização de formas —, não cansarei os seus leitores com repetição de descrições. Por mais maravilhosas que sejam, têm sido tão frequentemente

descritas e testemunhadas por milhares de pessoas que tenho a certeza de que me perdoará se passar a outros assuntos.

Durante os meses de inverno, dediquei algum esforço a informar-me sobre o carácter e a reputação da Sra. Hollis na cidade onde reside; e, salvo a sua fama como médium, ainda não ouvi nada de prejudicial à senhora, nem aquilo a que mesmo os «muito virtuosos» pudessem objetar. Mãe de família, a sua vida tem sido dedicada aos deveres domésticos. O marido é um cavalheiro bem conhecido entre os homens de negócios. Ambos são tão sensíveis à sua própria reputação e à da família como as pessoas mais refinadas da sociedade em qualquer outro lugar. Sempre encontrei a Sra. Hollis uma senhora modesta, antes reservada, sem possuir poderes intelectuais notáveis, franca e sincera na fala e na ação, e com absoluta confiança na veracidade das manifestações produzidas através da sua mediunidade.

Aqui está, pois, uma mulher cuja vida inteira é um protesto contra a presunção de fraude e truque, e que está fisicamente organizada de modo a convencer ainda mais da sua incapacidade para realizar truques — se truques fossem — mais maravilhosos do que quaisquer registados de Hermann ou Houdin. Vi muitos prestidigitadores e ilusionistas, tanto no Velho como no Novo Mundo, mas nenhum deles tinha o temperamento fleumático dela nem a quase desajeitada lentidão de movimentos. Durante as suas sessões, ela permanece quieta e aparentemente inteiramente passiva à influência que a controla.

Quanto ao próprio Dr. Wolfe, basta dizer que é um espiritualista muito convicto e entusiasta. Tem investigado o assunto com cuidado ao longo dos últimos vinte anos, viajando milhares de milhas para investigar com médiuns célebres. Nos últimos dois anos, abriu a sua agradável casa durante semanas a todos os que a procuravam em busca de provas da verdade do espiritualismo. Submeteu-se a suspeitas e acusações de fraude da sua parte, certo de que não estava enganado nem enganava os outros, e de que acabaria por ser justificado mesmo na opinião daqueles que tinham duvidado da sua honestidade. Convidou a investigação, preferindo o cético ao crente, e pedindo apenas que lhe fosse reconhecida a mesma honestidade de propósitos que os outros reclamavam para si próprios.

Pareceu-me que, ao realizar uma série de experiências de teste, era sobretudo desejável reduzir as possibilidades de fraude ou impostura e proceder como se estivéssemos convencidos de que a médium e o Dr. Wolfe, na presença de quem elas ocorriam, estavam conluiados para praticar engano. Dois objetos deviam então ser procurados: prova material da existência e presença de uma inteligência separada da nossa, e demonstração da sua capacidade de agir independentemente de quaisquer pensamentos ou impressões nas nossas próprias mentes. Caso fossem impostas condições que tornassem a prova inconclusiva nestes dois pontos, decidi abandonar todas as investigações futuras e, da minha parte, relegar o espiritualismo para o limbo onde vagueiam, sem saudades, os fantasmas de muitas ilusões.

É a estes testes que agora convido a sua atenção. Foram realizados num quarto de dormir, por cima da sala de estar, na casa do Dr. Wolfe. Não poderia ser utilizada qualquer alçapão. O chão estava coberto por um elegante tapete, e mostrava que não tinha sido mexido, com as faixas inteiras a atravessar o quarto. A mobília consistia numa cama, num toucador, num lavatório, em cadeiras e numa pequena mesa de toucador no centro do quarto, sem gavetas, tão leve que uma criança a poderia levantar e transportar com facilidade. Não havia lugar para ocultar um cúmplice, e apenas uma porta pela qual ele pudesse entrar ou sair do quarto. Além disso, a menos que fosse fisicamente tão pequeno como Tom Thumb ou o Comodoro Nutt, não poderia ter-se enfiado debaixo da mesa, supondo que lá chegasse sem ser detetado.

Durante todas estas experiências, o gás estava aceso; e isso, somado ao fogo de carvão que ardia vivamente na lareira, tornava o quarto claro e alegre em todos os cantos. Apenas uma vez nos pediram que baixássemos o gás, como se mencionará mais adiante.

Uma faixa de musselina preta, que chegava a meio caminho do chão, tinha sido fixada à volta da borda da mesa, cujas duas extremidades se encontravam e podiam ser separadas como as cortinas de uma tenda. Por cima dela foi lançado um xale escuro de padrão axadrezado, que caía até ao chão de todos os lados, tornando absoluta a escuridão no pequeno espaço debaixo da mesa. Esta foi a única condição imposta. Um diagrama rudimentar pode ajudar, melhor do que qualquer descrição que eu consiga dar com palavras, a mostrar a disposição e o

arranjo do quarto, a posição da mesa e das pessoas sentadas à sua volta.

A porta que dava para o corredor ficava perto de C, com a minha cadeira a obstruir parcialmente a passagem. A Sra. Hollis sentava-se de costas para a porta e de frente para a lareira. As extremidades da faixa de musselina preta, fixada à volta do topo da mesa, encontravam-se em C, onde ocorriam as materializações. A cadeira vazia era usada para colocar objetos durante as experiências, como se explicará mais adiante.

Observar-se-á que, pela posição da Sra. Hollis, a sua mão direita era a mais próxima da mesa; a esquerda estava colocada sobre ela e, a nosso pedido, nunca a retirou durante uma experiência. Estava sempre à vista e acima da mesa. Tinha, portanto, apenas a mão direita com que realizar os «truques», se fossem da sua autoria. O leitor julgará a probabilidade disso no final. Esta era, pois, a posição das três pessoas no quarto — certamente, absolutamente, as únicas presentes durante os testes. Nenhum movimento poderia ter sido feito sem ser visto.

Um carretel cheio de linha n.º 80 da marca Coates e um pacote de agulhas, n.º 5 de fabrico inglês, contendo vinte e cinco agulhas, foram colocados na cadeira em C. Imediatamente, uma mão bem definida estendeu-se de debaixo da mesa e puxou-os sucessivamente para dentro. Após alguns instantes, o pacote de agulhas foi colocado do lado de fora, seguido do carretel de linha. Constatámos que faltavam quatro agulhas e que tinha sido retirada linha do carretel. Mal tínhamos examinado isto, a linha reapareceu, com as quatro agulhas penduradas nela, cujas extremidades tinham sido atadas com um nó, como uma costureira faria. Comparamos as agulhas com as do pacote; correspondiam no tamanho. A linha em que estavam enfiadas correspondia na qualidade e ocupava exatamente o lugar no carretel. Este feito tinha sido realizado, alegadamente, debaixo da mesa e em escuridão total.

A Sra. Hollis não o poderia ter feito mesmo que ambas as mãos estivessem livres, e duvido que o Dr. Wolfe ou eu próprio o conseguíssemos fazer à luz do dia, pois os homens são proverbialmente desajeitados nesse tipo de trabalho. Ainda assim, este teste não era conclusivo. Poderia ter havido substituição de linha e agulhas, embora

não tivéssemos dúvidas de que o carretel e o pacote eram os mesmos que tinham sido colocados na cadeira. Seguiu-se um teste ainda mais extraordinário.

Pegando num relógio de bolso de corda na coroa, com caixa de caçador, e pressionando a mola perto da coroa, as ponteiras foram rodadas para trás e para a frente indiferentemente. Quem poderia adivinhar as horas? O relógio foi colocado na cadeira e levado para debaixo da mesa; o pedido era que as horas indicadas no mostrador fossem escritas na lousa que a Sra. Hollis segurava. Após alguns minutos, o relógio foi devolvido, fechado como quando fora levado, e ouviu-se o som do lápis a riscar na lousa. Anotei noutro relógio o tempo decorrido desde a devolução do relógio até ao anúncio na lousa, que dizia «vinte minutos para a uma». Abrindo o relógio e descontando o tempo que tinha passado, estava exato até ao segundo.

Não poderia ter havido substituição neste caso, pois o relógio tinha marcas de identificação inconfundíveis. Teria de ser um cúmplice muito esperto para ler as horas no mostrador em escuridão total. Como foi feito, então? Pela cerebração inconsciente da médium? Essa misteriosa emanação ou agência mental tomou a forma de uma mão para tocar, manusear e escrever, e, penetrando através da caixa, leu as horas indicadas pelos ponteiros? Ou haveria alguma ilusão inexplicável pela qual fôssemos levados a ver aquilo que não existia? O leitor é bem-vindo para desvendar o enigma.

Poderia os espíritos copiar de um livro uma palavra ou uma frase, escrevendo-a na lousa que a médium segurava debaixo da mesa? Por leves toques na lousa com o lápis, indicaram que estavam dispostos a tentar. Para garantir que o livro seria desconhecido das pessoas presentes, levei comigo um livro acabado de receber dos editores, cujo invólucro ainda estava intacto. No exterior do invólucro estava endereçado: «Ao Editor do Commercial, Cincinnati, Ohio. A cargo de, e à venda por, George E. Stephens & Co. Com os cumprimentos dos editores. William Wood & Co., Editores, 27 Great Jones Street, Nova Iorque.» Nada indicava o título ou o conteúdo. Este livro, com o invólucro intacto e o cordel ainda atado como viera da editora, coloquei-o na cadeira em C. Logo uma mão estendeu-se por entre a cortina, agarrou-o e, tentando primeiro puxá-lo deitado, mas

verificando que as pernas da mesa estavam demasiado juntas, virou-o de lado. Desapareceu. Depois foram devolvidos o cordel e o invólucro, este último virado do avesso, como se tivesse sido descascado. Observei atentamente o braço direito da Sra. Hollis, estando a sua mão esquerda sobre a mesa, enquanto o invólucro — cujo amachucar ouvíamos distintamente — era retirado. Nenhum músculo se mexeu. Ouvíamos o virar das páginas; e, pouco depois, o riscar do lápis na lousa tornou-se audível. Em seguida, o livro foi colocado do lado de fora e caiu na cadeira em C. Peguei nele sem o abrir. Veio depois a lousa, que foi entregue ao Dr. Wolfe, o qual, aproximando-se da luz do gás, leu: «Página 20. Branches taught.» Abri o livro na página indicada. Na terceira linha a partir do topo estavam as palavras, como subtítulo em versaletes de um parágrafo. O exame da página de rosto mostrou que o livro era «The Educational Year-book for 1873». A lousa em que esta e todas as escritas subsequentes na minha presença foram feitas era uma que eu comprara a caminho da casa do Dr. Wolfe e que marcara secretamente.

Aqui estava um teste que envolvia tanto operações físicas como mentais. Fraude e conluio estavam fora de questão. Virei a mesa ao contrário e levantei-a do chão. Nenhum mecanismo, nenhum cúmplice oculto, nenhum lugar onde a Sra. Hollis pudesse ter apoiado a lousa que segurava e que teria de largar para pegar no livro, caso isso fosse fisicamente possível da sua posição. Mas havia uma mão materializada que pegou no livro. Se os meus olhos viram o livro, também viram a mão que o levantou da cadeira. Não serve dizer que os meus sentidos me garantiram quanto a um facto, mas foram testemunhas incompetentes quanto ao outro. Além disso, mesmo que tivesse sido a mão da médium, como viu ela, na escuridão absoluta debaixo da mesa, as palavras impressas na página 20 e copiadas na lousa? Parece-me que a teoria do Professor Faraday sobre o movimento muscular involuntário fica posta fora de combate por este teste; e não se safa melhor com a teoria do Professor Carpenter sobre a cerebração inconsciente.

Achei esta experiência suficientemente interessante para a repetir. No dia seguinte, passei pela livraria dos Srs. Robert Clarke & Co. e pedi ao Sr. A. W. Whelpley que embrulhasse dois livros, um em inglês, o outro em francês, sem me revelar os títulos nem o conteúdo, e que

escrevesse o seu nome nos invólucros. Assim fez e, ao entregar-me os pacotes, julguei ouvi-lo dizer que o menor continha o livro em inglês.

Chegado à casa do Dr. Wolfe, retomámos os nossos lugares à volta da mesa como antes, com a luz a arder intensamente, a mão esquerda da Sra. Hollis sobre a mesa, a direita segurando a lousa por baixo. Comentei que trazia dois livros, um em francês, o outro em inglês, e que tentaríamos primeiro o inglês. Coloquei-o então na cadeira em C, sem que ninguém o tocasse além de mim. A mão apareceu, puxou-o para dentro, retirou o cordel e o invólucro, dobrou este último cuidadosamente e devolveu-os. Após alguns minutos, veio o livro. Quando o lápis caiu, tilintando ao longo da lousa, a Sra. Hollis retirou-a. Entreguei-a ao Dr. Wolfe, que leu, para grande surpresa minha: «Cometeu um erro. Este é o livro errado; é francês.» Peguei no volume. Com efeito, era uma edição escolar das Fábulas de Esopo em francês. Tinha percebido mal o Sr. Whelpley.

O outro pacote foi então colocado na cadeira. Não preciso repetir a descrição. Ouvíamos, porém, distintamente a operação de desembrulhar, o virar das páginas, etc., e víamos, quando era movimentado, o lugar onde perturbava as pregas da cobertura da mesa. Quando a lousa foi entregue ao Dr. Wolfe, ele leu: «Página 14. Captain Morris's Songs. Alas! poor Morris — writes one.» Abri o livro na página 14 e acompanhei a leitura. Estava copiado literalmente do impresso, embora não a frase completa. «Captain Morris's Songs» era o título do artigo, cuja primeira frase, completa, diz: «"Alas! poor Morris!" writes one who knew him well.» O livro revelou ser «Books and Authors. Curious Facts and Characteristic Sketches. Edinburgh: William P. Nimmo» — um livro e um editor de que nada sei; e duvido que o volume tenha sido reeditado neste país.

Corrige o inconsciente o consciente na cerebração? Se as mentes do Dr. Wolfe, da médium e a minha própria tinham alguma impressão quanto a estes livros, era a de que o primeiro colocado na cadeira estava impresso em inglês, nem essa impressão foi corrigida até ao anúncio do erro feito na lousa. Aqui estava, pois, uma inteligência que possuía pelo menos educação elementar em leitura e escrita, que agia independentemente da nossa e corrigia as impressões das nossas mentes. O que era?

Muitas pessoas que assistiram às sessões de gabinete da Sra. Hollis viram não só rostos, mãos e braços, mas flores de várias formas e cores, mostradas numa abertura da porta. No final dos testes com livros, fomos informados por escrita na lousa que uma flor materializada poderia ser mostrada na extremidade da mesa virada para C. Logo apareceu uma mão segurando uma rosa completamente aberta, de um vermelho profundo e rico, tão grande e bela como as que se poderiam escolher no conservatório do Congresso. O caule da flor e as folhas verdes também eram claramente visíveis. Foi estendida dez a doze centímetros para além da cortina, tão perto de mim que eu a poderia ter tocado. Tal como nas materializações no gabinete, parecia brilhar e desvanecer-se, avançar e recuar, como se sensível à luz e incapaz de permanecer nela por muito tempo. Esta é, de facto, uma característica de todas as manifestações que observei.

Dois leves bastões foram colocados na cadeira e logo foram recolhidos, duas mãos ligeiramente avançadas da cortina pegando neles e tocando uma espécie de rufar militar para nosso entretenimento. Foi executado com a precisão de um tambor-mor.

O Dr. Wolfe trouxe um prato de farinha e perguntou se poderiam deixar uma impressão da mão nela. Responderam afirmativamente com pancadas. Após virar o prato, mas sem conseguir manejá-lo, foi escrito o pedido de que o Doutor o segurasse no canto da mesa mais afastado da Sra. Hollis; ou seja, à direita de C. Assim fez; a mão apareceu e, após um adejar indescritível sobre ele com uma rapidez de movimento que parecia elétrica, repousou nele por um momento e depois, sacudindo as partículas aderentes, retirou-se. Pediu-se à Sra. Hollis que colocasse a própria mão na impressão.

As marcas dos dedos eram cerca de um centímetro e meio mais longas do que os dela. Era a impressão de uma mão de homem, de tamanho natural, com todas as fortes características anatómicas de tal mão. Um anatomista teria declarado que era a mão de um homem adulto. Além disso, se a Sra. Hollis tivesse tentado o feito, teria de mudar de posição e trazer o ombro ao nível do topo da mesa para alcançar tão longe. Mas a sua posição não se alterou, e a impossibilidade física de ela o ter feito foi demonstrada para além da nossa dúvida. Como o Dr. Wolfe estava ocupado a segurar o prato de

farinha e eu observava, creio que não é necessário disclaimar qualquer intervenção da nossa parte.

E como poderia um homem adulto ter-se escondido debaixo da mesa? Virei-a imediatamente ao contrário assim que a impressão na farinha ficou completa. Nada se via além da mão direita da Sra. Hollis, pacientemente segurando a lousa. Foi ilusão? A impressão na farinha foi vista depois por outras pessoas. Se elas a viram, tão certamente eu vi a mão que a fez.

Na noite de 28 de abril, quando estávamos sentados à volta da mesa como antes, pedi uma caixa com fechadura e chave. A ideia deste teste acabara de me ocorrer. A Sr.ª Fanny, sobrinha do doutor, trouxe uma caixa para lenços. Era feita de madeira de carvalho, com encaixes de cauda-de-andorinha nos cantos, e acabada em nogueira. Tinha cerca de quarenta e seis centímetros de comprimento, por quinze de largura e profundidade, e pesava, como depois verificámos, dois quilos e setecentos e cinquenta gramas. Abrindo a caixa, coloquei lá dentro uma tira de papel de jornal branco e um lápis de grafite, e, fechando-a à chave (deixando a chave na fechadura), pus-a no chão junto ao canto da mesa mais próximo da minha cadeira. Quando o Dr. Wolfe levantou a cobertura da mesa, uma mão saiu e, agarrando firmemente a caixa, puxou-a para dentro.

Tive dúvidas, devido ao tamanho da caixa e à estreiteza do espaço debaixo da mesa, se seria possível manipulá-la. Mas, ao vermos que foi levantada e evidentemente mantida na posição horizontal, com as extremidades a empurrar o pano da mesa de ambos os lados, de modo que podíamos seguir todos os movimentos, concluí que tinham força para a manejar. Agora, note-se — pois eu próprio tomei o cuidado de o fazer — que a mão esquerda da Sra. Hollis estava em cima da mesa, a direita segurando a lousa por baixo. O Dr. Wolfe nunca se aproximou da mesa senão uma vez, e só para receber a caixa na extremidade oposta quando ela foi colocada do lado de fora, destrancada e vazia, tendo a chave ficado retida debaixo da mesa. Logo a seguir, pediram a caixa novamente, e ela foi colocada onde estivera inicialmente. Foi puxada para dentro. Ouvimos quando colocaram o papel lá dentro e rodaram a chave. A caixa foi então devolvida no canto oposto. O Dr. Wolfe recebeu-a. Estava fechada à chave. «O que fizeram com a chave?»,

perguntou-se. A chave foi atirada para a cadeira em C, e eu próprio a apanhei. O doutor entregou-me a caixa e, destrancando-a, retirei o lápis e o papel, no qual encontrei escrito, numa letra fluida, estas palavras:

«Sim, Sr. Plimpton, nós conseguimos fazer isto, JIM NOLAN.»

Eu marcara secretamente a folha e poderia jurar em qualquer tribunal que era a mesma que eu colocara, em branco, dentro da caixa.

Jim Nolan, como creio que já explicou aos seus leitores, é o controlo da Sra. Hollis. O seu próprio relato sobre si mesmo é que se alistou no exército a partir do Indiana, adoeceu durante a campanha da Geórgia de Sherman, foi enviado para Nashville e morreu no Maxwell House quando este era usado como hospital. Dizem-me que a sua declaração foi verificada. No «círculo escuro», fala com grande à-vontade e liberdade, numa voz tão alta como a de qualquer pessoa, e com uma inteligência, um engenho natural e uma prontidão de réplica que tornam uma conversa com ele altamente divertida.

Agora, que o leitor aplique a estes testes as teorias de Faraday ou de Carpenter, ou de quaisquer outros físicos que, na sua profunda sabedoria, se tenham encarregado de explicar estes fenómenos. Insisto que deixe de lado todas as banalidades sobre truques, prestidigitação, conluio e cúmplices, e que dê, se for capaz, alguma explicação racional sem admitir agência espírita.

A campainha do chá interrompeu a sessão neste ponto; mas Nolan, por escrita na lousa, informou-nos de que, após o jantar, nos mostrariam «luzes espíritas». Assim, depois do chá, retomámos os nossos lugares. Foi então pedido que a luz do quarto fosse reduzida, a única vez durante as sessões em que tal pedido foi feito. Foi baixada de modo que a sombra da mesa em C ficasse como um crepúsculo no qual se discernem as formas, mas não as cores das coisas. Estas «luzes espíritas» foram vistas, segundo me dizem, a flutuar pelo quarto no círculo escuro, por muitas pessoas. Aqui, seriam mostradas a menos de quarenta e cinco centímetros do meu rosto. Logo apareceu uma mão, debilmente delineada, nas cortinas da mesa, e da ponta de cada dedo, sucessivamente, brilhou uma luz baixa, suave, de tom azulado, mas sem a menor qualidade iluminadora, que lentamente se extinguia. Por vezes, a mão fechava-se, deixando o indicador esticado, com este peculiar

brilho fosforescente na ponta; depois abria-se e mostrava todos os dedos, com a luz preguiçosa visível na frente de cada um. Isto durou cerca de vinte minutos. Uma vez, o Dr. Wolfe pediu à mão que tocasse na sua, e o choque passou da ponta do dedo para o dorso da mão dele, produzindo, como ele descreveu, uma leve sensação de formigueiro como um débil choque de uma bobina de indução. Que fosse elétrico na sua natureza, não duvido.

Eu pedira à médium que colocasse um anel num dos dedos da mão com que segurava a lousa debaixo da mesa. Assim fez. Era um anel largo e maciço de ouro. Quando as luzes foram mostradas, esta mão misteriosa avançou — entretanto a luz tinha sido aumentada — e, estendendo o braço nu acima do pulso, exibiu os dedos um a um, para mostrar que não tinha nenhum anel.

Tocou repetidamente no dorso da minha própria mão, e o toque era indefinidamente suave, fresco e húmido. A recusa em tocar na palma aberta, que eu estendi, foi depois explicada. «Pelo motivo», disse Nolan, «de que a palma é o centro nervoso, e a sua própria corrente magnética é demasiado forte para eu superar.»

A mão pegou então no lápis, que estava na cadeira em C, e escreveu «James», com um movimento natural e rapidez que mostravam que ele fora um escritor expedito. Entregaram-lhe uma campainha, que tocou com uma imitação divertida de um chamamento para o jantar. Entregaram-lhe também uma escova de cabelo, e o doutor, inclinando a cabeça, os seus poucos e escassos cabelos prateados, que rapidamente desapareciam, foram habilmente escovados.

Imediatamente depois, levantei e virei a mesa ao contrário. Lá estava a mão da Sra. Hollis segurando a lousa, o anel maciço no dedo em que eu a vira colocá-lo e que ela não tivera oportunidade de tirar ou repor sem que eu o observasse.

Na noite seguinte — pois estas sessões tinham sido, para minha conveniência, por volta das sete da noite —, pediram-nos que cantássemos; mas, duvidando da nossa capacidade vocal, substituiu-se por uma caixa de música suíça, colocada em cima da mesa, com a Sra. Hollis a pôr a mão esquerda por cima dela, para que ficasse à vista. Passado algum tempo, apareceu uma mão na extremidade da mesa, tão

diferente na forma daquela que tínhamos visto como a de uma mulher delicada o é da de um homem forte. Segurava um lenço de tecido tão fino como se fosse feito de névoa. Na verdade, não conseguia pensar em nada mais a que o comparar. As dobras das bordas, porém, eram como névoa condensada, e muito brancas. As pontas deste lenço foram arrastadas sobre a mão do Dr. Wolfe e caíram sobre ela em pregas tão naturais como se fosse linho de cambraia.

A materialização seguinte foi ainda mais bela. Uma mão apresentou-se, com fios de pérolas pendendo dela. Eram em grande profusão. A mão apresentou-as em várias posições, ora pendendo em laços ou festões, ora caindo para trás sobre ela, e depois reunidas e enroladas à volta dela. Ao toque, estas materializações tinham uma substância quase impalpável, fresca e mais suave do que penugem.

Na altura, não tinha qualquer teste particular em mente; mas, vendo um par de tesouras no toucador, foram trazidas e colocadas na cadeira por cima de um bloco de papel não vidrado, de tamanho carta, cujas bordas tinham sido coladas, como se encontra em qualquer livraria. A mão saiu, pegou nas tesouras e, verificando que o bloco de papel era demasiado grande para caber debaixo da mesa, estendeu-se e rasgou uma das folhas. Logo reapareceu com as tesouras e a folha, que fora dobrada em quarto, e um pedaço em forma de coração recortado dela com tanta perfeição como se feito por um especialista. Deve admitir-se que a Sra. Hollis é extraordinariamente ágil nos dedos, se com uma só mão pudesse segurar a lousa, pegar no papel e nas tesouras, e realizar este feito.

Comentei que nunca vira evidência de grande poder físico por parte dos espíritos, embora histórias da sua manifestação tivessem sido frequentemente publicadas. Poderiam eles levantar a mesa com a caixa de música em cima? A resposta veio imediatamente. Foi erguida lentamente cerca de quinze centímetros do chão e pousada com um estrondo que se ouviu nos quartos de baixo. Sentado numa cadeira, na posição da Sra. Hollis, tentei, usando ambas as mãos, levantar a mesa, mas achei-o impossível. A caixa de música pesa um pouco mais de nove quilos e meio. Nunca foi levantada pela Sra. Hollis.

A última sessão não ocupou mais de vinte minutos. A médium ficara tão exausta pelas sessões durante o dia que Nolan disse que não

convinha exigir-lhe muito mais. Uma mão, que se apresentava como sendo de uma irmã falecida, mostrou-se na extremidade da mesa, exibindo o braço quase até ao cotovelo. Estava vestida com o que parecia ser uma manga fluida de alguma cor escura, forrada com o que se assemelhava a seda branca. Apareceu novamente, com o que parecia ser uma manga interior de tule, e tirou-me da mão um ramo de flores de macieira, apresentando-as depois como um bouquet, segurado na ponta dos dedos virados para cima. A mão era diferente na forma das que eu anteriormente vira, com os dedos longos e delgados.

Agora, meu caro Coronel, todo este tempo tenho procurado fazer-lhe uma exposição simples dos factos, esquecido da terrível sentença pronunciada por Faraday sobre tais testemunhas há oito anos. «Aqueles que dizem ver estas coisas», disse ele, «não são testemunhas competentes de factos.» Tendo iniciado estas investigações como cético, com um sentimento quase de desprezo pelos crentes no espiritualismo; nunca tendo sido perturbado por uma imaginação desordenada, nem por aparições, avisos ou presságios, e habituado não só a aceitar as evidências dos meus próprios sentidos, mas educado pela minha profissão para uma observação razoavelmente fria de eventos e factos; tão pronto a rejeitar as alegações de origem espírita destas manifestações como a aceitá-las, caso a prova fosse inconclusiva; e mesmo então disposto a expor fraude ou impostura, caso algo me levasse a crer que eram praticadas, mas, ao mesmo tempo, decidido a fazer a investigação com honestidade, franqueza e a testemunhar a verdade, independentemente das consequências para mim próprio — a que outra conclusão posso chegar, à medida que uma após outra das minhas dúvidas foram vencidas e a minha descrença superada, senão a de que estas manifestações são precisamente aquilo que professam ser? A convicção impõe-se-me de que inteligências invisíveis para nós, exceto quando se manifestam através do meio de pessoas peculiarmente dotadas, podem e de facto comunicam com os vivos, e que têm uma existência e identidade pessoais tão absolutas como as nossas próprias.

Não só o afirmam, mas asseguram-nos que vivem num mundo racionalmente construído para o desenvolvimento das suas capacidades finitas e para a sua progressão para condições de ser ainda mais elevadas. Ao manifestarem a sua presença ao nosso sentido mais

grosseiro, asseguram-nos que empregam agências naturais; e, à medida que o mundo se torna mais recetivo à verdade, antecipam ainda maior poder para se revelarem e convencerem-nos de que estamos, de facto, rodeados por uma inumerável nuvem de testemunhas, atestando a imortalidade do homem.

Da filosofia das materializações, tal como explicada por estas inteligências nas sessões da Sra. Hollis, abstenho-me de escrever. O meu propósito de fazer uma exposição cuidada dos factos está cumprido; e devo deixar a questão da minha competência e da minha disposição para testemunhar a verdade, e nada mais do que a verdade, àqueles que melhor me conhecem.

ESPIRITUALISMO MODERNO

CAPÍTULO XXXI. Crito, devemos um galo a Esculápio; paga-o, portanto, e não o negligencies. — ÚLTIMAS PALAVRAS DE SÓCRATES. CONCLUSÃO.

SE os fenómenos registados neste livro forem verdadeiros; se aqueles que depositámos na sepultura ou reduzimos a cinzas no crematório ainda vivem e podem vir ter connosco com mensagens de amor e verdade, e contar-nos dos seus lares, dos seus hábitos e das suas ocupações na terra do verão, seguir-se-á, como a luz segue o sol, que grande parte da oratória dos púlpitos relativa à morte, à ressurreição e ao juízo se tornará obsoleta, insípida e inútil.

A questão de maior importância a decidir é: são os fenómenos registados neste livro, e que se alega terem origem no mundo dos espíritos, realmente aquilo que parecem ser?

Se esta questão for respondida pelos factos, afirmativamente, se o testemunho for fiável — se for verdade que a ciência descobriu o caminho e abriu a comunicação entre os chamados mortos e os vivos — , então uma nova fonte de inspiração jorrou para saciar, com as suas águas doces, a sede de conhecimento que, como uma chama devoradora, consome o cérebro e o coração da humanidade. Todos os homens querem saber se o que vemos, sentimos, ouvimos, provamos e cheiramos da vida é tudo o que há, ou se este é um estado de existência preliminar a outro de carácter mais elevado e perfeito que chamamos

vida espírita. Por analogia, a vida que chamamos natural está para a vida espírita na mesma relação que a nossa vida uterina ou de gestação está para a vida natural. Dez meses desenvolvem a célula protoplásmica até à forma e habitação de um espírito humano. Setenta anos de confinamento no corpo desenvolvem o espírito até à forma e habitação de uma alma humana. Quando estes ciclos se completam e a lei do progresso nos leva à «estação para mudar de comboio», assim o fazemos por um segundo nascimento. Só neste sentido a morte deve ser considerada como um segundo nascimento para o espírito, que se desdobra das condições mais baixas às mais altas por graus ou épocas discretas na sua marcha para diante ao longo dos éons da eternidade.

Mas não devemos perder de vista a questão principal a considerar à luz dos fenómenos que registámos neste livro. Sustenta o testemunho a conclusão de que canais de comunicação entre o mundo dos espíritos e o mundo em que vivemos foram estabelecidos ou não? Não se alega que estes canais sejam livres e desobstruídos — em suma, completos em todos os seus aspetos —, mas justificarão os fenómenos apresentados que digamos absolutamente, sem qualificação ou reserva mental, que há uma vida após a morte e que o sabemos como facto.

Um homem que formula um credo de ética e dele extrai uma crença cria um Deus seu e investe a sua divindade com atributos peculiares ao seu próprio modo de pensar. O que o mundo precisa é de verdade, informação de factos que melhorem o seu coração ao ampliar o seu entendimento.

«Ó, quão vã parece a construção de credos A espíritos livres e cultos.»

Têm os fenómenos registados neste livro, que se apresentam como de origem espírita, sido todos uma ilusão e uma armadilha? Não o posso crer! Os sentidos todos prestaram fiel testemunho da sua genuinidade, e não tenho outro meio de discriminar entre o verdadeiro e o falso. Recebo todas as minhas impressões de facto através dos cinco sentidos. Quando estão em acordo, nunca mentem, mas dizem sempre a verdade. Atestando a genuinidade das manifestações dos habitantes do mundo espírita, estão em inteiro acordo.

Mas, para confirmar a convicção da genuinidade destes fenómenos espíritas, pedi a outras pessoas além de mim que dessem o seu

testemunho. Assim fizeram! Veja-se a multidão de testemunhas vivas nomeadas no livro que testemunharam o que ouviram, viram, cheiraram, sentiram e provaram. Terão todas estas pessoas sido iludidas? São sãs em todas as outras questões exceto esta? Não será tempo de aqueles que se sentam em juízo austero sobre a sanidade dos outros começarem a duvidar da condição sã das suas próprias mentes? Num serão de senhoras e cavalheiros num salão, há vários anos, falei dos factos do espiritualismo na presença de um juiz de direito do Kentucky, que, na altura, deu como opinião que eu era ou um patife ou um tolo. Esta opinião não alterou de modo algum os factos, e dois anos depois esse juiz examinou-os e verificou que eram verdadeiros. Teve a coragem e a hombridade de fazer uma pronta e pública retratação do seu juízo erróneo a meu respeito — pois era só isso — e de anunciar-se plenamente convencido do facto de que estamos a ter comunicação livre e familiar com os nossos amigos no mundo espírita.

Pode soar bastante estranho e elevado a muitos que não estão informados sobre o assunto saber que há vários milhões de homens e mulheres inteligentes nos Estados Unidos, alguns dos quais ocupam posições de confiança pública e são considerados entre os homens de negócios mais bem-sucedidos do país, que abertamente professam o seu conhecimento do facto de terem e manterem comunicação com os seus amigos no mundo espírita. Pode não ser geralmente conhecido que milhares de livros foram publicados nos últimos trinta e cinco anos na Europa e na América, constituindo uma literatura tão erudita e refinada como a que o mundo possui sobre qualquer assunto. Há um grande número de periódicos e jornais, editados com grande capacidade, dedicados à disseminação dos seus factos. Abrange todas as classes de pessoas, desde imperadores coroados até aos mais humildes artesãos.

O facto é que a luz desta «grande heresia» está a iluminar os lugares escuros de todas as terras sob o sol. Todos os povos têm os seus médiuns, através dos quais chegam as revelações. O grande oceano da verdade é inesgotável, e todos os que cumprem a lei da mediunidade podem receber tudo o que quiserem e ficar saciados.

Não faz parte do meu objetivo tentar explicar as leis da mediunidade, nem como formar círculos espíritas. Quem quiser tal informação pode

obtê-la lendo um jornal espírita fiável. Quero apenas gravar indelével nos corações dos homens o facto de que, quando morrermos, há um mundo de beleza maravilhosa para o qual iremos imediatamente; e que lá encontraremos os nossos amigos, os nossos companheiros e aqueles que são congeniais à nossa sociedade e condição de desenvolvimento.

Portanto, não há motivo para nos entregarmos à dor e usarmos o sombrio traje de luto quando nos separamos de um ente querido. Na pior das hipóteses, a separação é apenas temporária, e aquele de quem sentimos saudades é sempre o que ganha. Não desejo ser mal interpretado. A morte não deve ser falada como de importância trivial ou em sentido irreverente. É um facto imutável inscrito ou implantado nas leis orgânicas de todas as coisas. É tão bela como a verdade, pois Deus é o seu autor, e Ele não pode fazer uma coisa má. «Amici mortui sed magis amica veritas.» Toda a lei que encontra expressão na vida está fundada na sabedoria e conduz à felicidade do homem.

Tendo escrito tudo isto, e agora o quê? Não sei! Certamente há um propósito divino em revelar esta grande verdade ao mundo. Somos infelizes, discordantes, pobres e miseráveis pecadores. Se o conhecimento do certo e do errado, se um conhecimento familiar das leis do nosso ser, não vai melhorar a nossa condição, então uma mentira supersticiosa não o fará. Não quero magoar os sentimentos dos homens; não quero ser desrespeitoso para com a crença dos homens, mas devo honrar os meus factos e manter-me ao lado da verdade eterna.

Na construção de um edifício, primeiro cavamos a terra e encontramos um leito de rocha para a sua fundação. Depois reunimos os materiais e moldamo-los em partes adequadas para a superestrutura. Quando estes ocupam o terreno, são apenas uma massa informe de material não apropriado, não exprimindo senão desordem e confusão. Mas quando chega o artesão, com o seu olho educado, vê todas as coisas prontas para uso. Com juízo discriminador, junta peça por peça, cada uma adaptada e encaixando no seu lugar, até que uma forma graciosa se ergue da terra com a sua agulha apontando para as estrelas, harmonizada em todas as suas partes e bela para sempre.

Assim se simboliza o Templo da Verdade, moldado pelas veridades eternas de Deus. Homens e mulheres iluminados são trabalhadores em

diferentes partes do edifício eterno. Os materiais estão a sobrecarregar a terra. O arquiteto virá em breve colocar cada parte no seu lugar apropriado. Então crescerá de uma base de granito até uma cúpula imponente, uma coisa de beleza e uma alegria para sempre para o mundo. Neste templo de glória, todos os povos adorarão por todo o tempo, pois na sua ampla fachada, em letras indeléveis, estará inscrito: «A Paternidade de Deus! A Maternidade da Natureza! e a Fraternidade do Homem!»

FIM

APÊNDICE A

FENÓMENOS EXTRAORDINÁRIOS REGISTADOS PELO DR. N. B. WOLFE

Sra. Helen Fairchild, Médium

Espíritos surgem e desaparecem no ar ambiente e mantêm materializações tempo suficiente para caminharem à luz clara pela casa. Falam, bebem vinho, banqueteiam-se, dançam e jogam cartas.

O ESPÍRITO PLIMPTON CAMINHA PELAS RUAS DE CINCINNATI E DESFAZ-SE EM PEDAÇOS DIANTE DA IGREJA DE SÃO PAULO — REIS E RAINHAS EGÍPCIOS COM TRAJES ILUMINADOS! ETC.

«A aurora da liberdade desponta sobre o mundo. As eras libertadoras erguem-se e brilham, E como uma mó lançada ao mar — A opressão rola o seu eixo de bronze Pelo precipício do esquecimento, e não volta a erguer-se!»

Estive ausente de casa durante agosto e setembro. No início de outubro regressei e, pouco depois, retomei as sessões com a Sra. Fairchild, que haviam sido interrompidas pela minha ausência da cidade. Proponho-me agora relatar, tão sucintamente quanto o assunto permitir, os resultados destas últimas sessões, tal como fiz com as realizadas antes da minha partida.

É justo referir que as sessões que agora relato decorreram nas salas da Sra. Fairchild, e não na minha própria casa, como acontecera anteriormente, e que eu tinha tanta liberdade para estabelecer as condições que mais me convinham ali como se estivesse em minha casa.

Mas permitam-me dizer antes de mais que obtenho sempre as melhores manifestações espíritas quando me sento sozinho com o médium. Raramente aceito «juntar-me a um círculo de amigos» para constituir uma sessão, pela simples razão de que procuro sempre evitar as condições inarmónicas dos outros e me sinto mais em paz com «o mundo e o resto da humanidade» quando estou apartado dos demais.

Muito depende do estado de espírito do participante para que se obtenham boas manifestações ou não. Frequentemente o espírito que se deseja contactar não foi educado para responder e, por isso, só consegue manifestar-se por intermédio de outro.

Os espíritos são muito mais sensíveis às influências do que os mortais. Problemas domésticos, ansiedade, desgosto ou uma intenção desonesta ao consultá-los frequentemente frustram ou impedem boas manifestações. Procuro manter total equanimidade de espírito quando me sento para comunicar com os espíritos. Uma vez levei um temperamento irritado para a presença dos espíritos. Estava em conflito com tudo e com todos à minha volta. Pouco depois disseram-me que a minha mente agitada não podia compreender a santidade da verdade, nem apreciar o seu valor e beleza. Fui despedido com um suave «boa noite» e «bons sonhos» para refletir sobre a minha tolice.

As condições físicas também influenciam favorável ou desfavoravelmente as manifestações espíritas. Conheci uma pessoa que entrou num círculo impregnada do fumo, fuligem, pó e emanações fétidas de vários dias de viagem num vagão-palácio Pullman (?), e que quase intimou os espíritos a encontrar-lhe os sapatos roubados e a responder a certas ideias fúteis que tinham encontrado acolhimento no seu cérebro estéril. Claro que tais indivíduos recebem apenas o que merecem e tornam-se testemunhas prontas para declarar perante uma Comissão Seybert que o Espiritualismo é uma grande fraude — tal como qualquer homem que sofra de um grave catarro sentirá o cheiro da doença em tudo o que cheira.

Estas observações destinam-se a ajudar as pessoas bem-intencionadas a investigarem o Espiritualismo da maneira correta e a compreenderem como auxiliar os seus amigos espirituais a mostrarem as suas formas, rostos e a falarem. Os espíritos exigem condições mais delicadas para trabalharem bem do que os mortais. Os perfumes das plantas agradam-

lhes e dão-lhes poder. As emanações fragrantes das árvores de bálsamo deleitam-nos. Comunicam-se mais livremente numa divisão clara e bem ventilada, com uma pessoa limpa, do que num lugar quente e escuro com alguém por lavar. O banho é uma instituição divina na propagação do Espiritualismo. O estado exterior do homem é apenas o reflexo da sua mente. Vou agora registar, da melhor forma que puder, os fenómenos ocorridos nas minhas recentes sessões com a Sra. Fairchild.

A luz nas suas salas era suficiente para permitir ler distintamente as manchetes de um jornal. Na sala dos fundos encontrava-se o esqueleto de um gabinete. Parecia, e serviria perfeitamente como, um «cavalo de madeira para roupa»! Sobre esta armação de madeira pendurei cortinas de veludo de algodão preto! Estas alcançavam cerca de dois metros do chão, deixando dois pés livres desde o topo até ao teto — um espaço aberto. O topo deste recinto também estava aberto à luz e ao ar. Esta simples disposição é chamada gabinete, mas não sei bem porquê, pois, na melhor das hipóteses, não passa de um recinto — uma tenda de topo aberto. Entre pastores seria chamado «curral». E creio que com propriedade, pois não é mais do que uma vedação protetora para resguardar os espíritos de influências intrusivas enquanto trabalham.

A construção deste «curral» (se assim o quiserem chamar) foi toda a preparação que fiz para receber e acomodar os nossos amigos espirituais. Sentei-me na sala da frente, a cerca de três metros de distância, com o médium. Estávamos ali há apenas dois ou três minutos quando o espírito Plimpton surgiu repentinamente na nossa presença, não vindo do chão, nem do «curral», nem de qualquer ponto da sala onde pudesse estar escondido, mas do ar — do ar circundante! Parecia que materializara a sua forma a partir da nossa respiração e mantivera a sua existência com todas as funções de um homem vivo durante vinte minutos.

Trouxe uma cadeira da parede para o meio da sala e sentou-se à nossa frente. Peguei nas suas duas mãos nas minhas e beijei-o na boca barbada. Ele mostrou-se tão contente por me ver como eu por o ver. Falou com voz clara e disse:

«Então, velho amigo, que novidades? Que sabes tu? Como te vais saindo? Conta lá as novidades!»

Comecei a contar-lhe as notícias do dia que apareciam nos jornais, aquelas que pensei que o interessariam, mas não tinha avançado muito quando ele repetiu exatamente as mesmas perguntas que já fizera. Isto levou-me a observar-lhe atentamente o rosto, no qual notei uma expressão vaga ou distante, como se estivesse em transe.

Lembrei-me de que o meu amigo fora jornalista e pensei que o seu desejo por notícias seria uma paixão que conservava no mundo espiritual tal como no mundo natural, mas esta suposição dissipou-se quando recordei que Josephine e outros espíritos tinham mostrado as mesmas características. Quando o General Grant foi homenageado com um jantar pelos amigos em Cincinnati, sentei-me à sua frente, na mesma mesa, durante três horas.

O meu propósito não era comer, mas estudar o «homem silencioso»! Ele apresentava aquela expressão introspectiva e ausente no rosto e mostrava-se inconsciente da excitação à sua volta, até que o Juiz Taft quebrou o encanto dizendo: «General, chegou a sua vez de falar.» Ele ergueu-se e, sem embaraço nem hesitação, fez uma brilhante e condensada recensão de todos os discursos proferidos durante a noite, usando a linguagem mais forte possível. Depois de terminar, voltou a cair no seu estado de ausência ou suspensão.

Disse a Plimpton, quando ele repetiu a pergunta: «Já me perguntaste isso e eu já respondi. Perdeste a memória ou não fui compreendido?»

«Suponho que sim!», respondeu. «Fico apenas admirado por ainda me restar alguma coisa dentro de mim, vindo como venho! Mas, velho amigo, que novidades? Que sabes tu? Como te vais saindo? Conta lá as novidades!»

Esta confusão mental é apenas temporária. Este espírito recupera depressa a lucidez e entra numa conversa coerente. As suas faculdades mentais brilham de inteligência e surpreendem com declamações brilhantes. Ouvi Plimpton, como espírito, falar durante meia hora com uma eloquência e uma lógica nunca igualadas por qualquer esforço da sua vida terrena ou por quaisquer lábios mortais que tenha ouvido.

Plimpton e eu tínhamos o hábito de nos encontrarmos em minha casa várias vezes por semana; depois do jantar, passávamos para o escritório

a discutir as notícias do dia enquanto jogávamos às cartas e petiscávamos.

Plimpton usava tabaco — eu não — e por isso tinha a cabeça mais clara. Ambos usávamos palavras fortes quando o jogo nos corria mal. Ele conseguia enfatizar um pouco mais e era mais clássico do que eu. Quando gradualmente percebeu onde estava e o que era, falou de modo natural e racional. Aludiu aos nossos antigos encontros na «146» e falou dos nossos desafios com evidente prazer. Num tom de brincadeira e provocação, disse-lhe:

«Pensei que gostarias de esquecer os jogos que costumávamos fazer, já que as vitórias eram quase sempre de um lado — e as derrotas do outro.»

«Isso era porque tu tinhas sorte, velho amigo!», respondeu com humor.

«Sim, sim!», repliquei. «Sempre chamaste a isso sorte, lembro-me bem, mas espero que agora já saibas melhor!»

«Nem um pouco! Era tudo sorte quando tu ganhavas! Ciência quando eu ganhava», ripostou Plimpton.

«O que não acontecia muito frequentemente!», disse eu.

«Poupai-me, velho amigo!», exclamou Plimpton. «Tu nasceste debaixo de uma estrela da sorte! Vai ser assim até ao fim. Quando vieres outra vez traz um baralho e eu ensino-te a jogar cassino progressivo!»

Desta maneira Plimpton conversou connosco durante vinte minutos, a uma luz suficiente para ler, com todas as suas faculdades alertas e em plena atividade. Entreguei-lhe o cartão de uma firma de Cincinnati sem qualquer comentário. Ele aproximou-o muito dos olhos para ler e seguiu-se o seguinte diálogo:

Plimpton — Que é isto? Para que me deste isto? Wolfe — Para leres! Plimpton — Pois li! É o cartão da Downs & Alexander, mas não me interesso por isolamentos de tubos de vapor e caldeiras.

Wolfe — Não só queria testar a tua capacidade de ler, como satisfazer-me de que os teus olhos estavam materializados com a mesma exatidão que o resto do teu corpo. O olho é uma estrutura delicada e as suas

lentes e humores têm de estar perfeitamente ajustados para transmitir a luz ao sensorium. Reparo que continuas míope.

Plimpton — Só quando assumo os elementos.

Sem dar qualquer indicação da sua intenção de partir, soltou as minhas mãos e desapareceu tão subitamente como surgira, sem deixar qualquer vestígio visível da sua visita. Com isto terminou a sessão.

No dia seguinte voltei às salas da Sra. Fairchild. As condições do local estavam exatamente como as deixara no dia anterior. Mandei trazer uma mesa para a sala da frente e sobre ela coloquei um lanche com um baralho de cartas. O meu objetivo era tornar o momento alegre e o mais semelhante possível aos nossos encontros de outrora. Queria também observar o efeito daquela disposição sobre Plimpton.

O médium e eu posicionámo-nos a cerca de dois metros da mesa, sob a luz do gás, com um bico a meia chama. Estávamos a falar de ranchos, gado, etc., quando num «piscar de olhos» Plimpton surgiu do ar e ficou ao lado da mesa. Foi realmente «de repente»! Usava um casaco de escritório e uma touca preta justa. Os seus óculos de ouro brilhavam à luz do gás. Ao princípio não pareceu notar a nossa presença e começou a examinar os artigos que eu colocara na mesa para o lanche. Pegou num após outro e, depois de se certificar de que tudo estava bem, olhou para nós e disse:

«Sentem-se, Doutor. Vamos almoçar!»

Sentei-me ao lado da mesa, de frente para o gabinete a norte; a Sra. Fairchild à minha esquerda; Plimpton à minha direita, na cabeceira da mesa. Plimpton pegou na garrafa de vinho e, após examinar os selos e rótulos, disse: «É o melhor Mumm; um excelente vinho!» Usou o saca-rolhas para retirar a cápsula, quebrar os arames e extrair a cortiça.

Fazer isto como ele fez exigiu habilidade e força. Encheu depois os copos e passou um à Sra. Fairchild e outro a mim. Erguemo-nos e eu disse:

«Bebo à tua saúde, Sr. Plimpton!»

Ele respondeu prontamente: «Não à minha saúde, velho amigo. A nossa saúde não nos preocupa. Está sempre boa; bebe a outra coisa! Não te apanhei desta vez, hein?» E riu-se com gosto da sua própria tirada.

Admiti que sim e substituí o brinde por: «Luz e progresso para todos nós!»

A este brinde todos provámos o vinho. Plimpton bebeu metade do conteúdo do seu copo tão naturalmente como eu. Passou depois fruta, bolos e rebuçados, um prato de cada vez, com a devida atenção aos intervalos e às boas maneiras à mesa. Após encher novamente os copos e enquanto eu o olhava diretamente ao rosto, os meus olhos pareceram ficar turvos e, antes que pudesse limpá-los, Plimpton desapareceu da vista mortal. Tínhamos conversado tanto tempo e a nossa interação fora tão pessoal e natural que eu esquecera que ele era um espírito — até ele desaparecer tão discretamente. Só então tomei consciência do quão extraordinário era beber vinho e lanchar com um espírito.

O seu desaparecimento, porém, foi apenas temporário. Após alguns minutos de silenciosa perplexidade, Plimpton voltou à sua posição anterior. A sua reaparição foi tão rápida como um relâmpago — o piscar de um olho. Não fez qualquer alusão ao seu súbito «sumiço» nem ao seu regresso. Creio que nem se apercebeu do que acontecera, pois pegou nas cartas e disse:

«Que jogo, velho amigo? Dizias cassino progressivo?»

«Sim! Serve. Dá cartas», respondi.

Embaralhou as cartas nervosamente, como eu já o vira fazer mil vezes, e distribuiu até completar a mão de cada um. Sobre a mesa ficaram dois dez e dois ases. Eu tinha um valete, que vale onze. Era a minha vez de jogar e, claro, fiz a vaza e fiquei com os dois ases, avisando três no jogo — o que era demais para Plimpton. Exclamou: «Aí está a tua velha sorte outra vez», e deitou as cartas fora. Ao fazer isto, inclinou a cabeça para mim e disse num tom respeitoso e baixo:

«O IMPERADOR»

Olhando diretamente à minha frente, do outro lado da mesa, estava, de cabeça descoberta, em boa luz:

NAPOLEÃO BONAPARTE!

Já o tinha visto antes nas minhas salas na rua Smith, com Josephine, sua esposa, escoltado por uma guarda de soldados franceses. Agora, em melhor luz, examinei o rosto e a figura deste homem notável. Estendi-lhe a mão e ofereci-lhe um copo de vinho. Ele disse algo ao receber o vinho que não compreendi. Reconheci a palavra «França». Provou o vinho, pousou o copo, fez uma vénia e saiu.

Como e porquê partiu, não consigo explicar melhor do que consigo explicar como e porquê veio. Mas deixou uma memória indelével. Esteve três minutos em boa luz. Um homem pequeno, esguio, de aspeto jovem, com cabelo castanho ondulado. Em uniforme simples. Era diferente de qualquer retrato feito dele depois de se ter tornado obeso. O seu perfil ficará para sempre na memória, pois era tão característico como o de Washington ou Lincoln.

O Imperador saíra havia apenas um ou dois minutos quando um homem alto e elegante, de uniforme, ocupou o seu lugar. Usava barba de queixo e bigode. Também ele surgiu do ar. Plimpton inclinou novamente a cabeça para mim e sussurrou:

«PRIMEIRO OFICIAL DE NAPOLEÃO!»

seja lá o que isso signifique. Significava algo, pois Plimpton parecia impressionado ao dizê-lo. Quanto a mim, mantive-me firme e não senti o terramoto! Regra geral, não admiro «homens de farda» mais do que o General Grant admirava «homens de letras»! Os nossos sentimentos eram mais ou menos «metade e metade» — admiração e o seu oposto! Mas ali estava o homem! Ofereci-lhe um copo de vinho, que ele ergueu acima da cabeça, dizendo algo sobre a França, como o Imperador dissera, que se perdeu para a minha compreensão, se não para o meu ouvido. Proferir aquele brinde e beber o vinho pareceu ser tudo o que o «primeiro oficial» tinha a fazer, pois desapareceu no instante em que pousou o copo vazio. Virei-me para falar com Plimpton, mas ele também desaparecera.

Queria perguntar a Plimpton, antes de partir, o que acontecia ao vinho que bebia e ao lanche que comia — se eram digeridos e assimilados no seu estômago espiritual da mesma forma que no nosso, ou como — pois não descobri quaisquer vestígios no tapete depois de partirem.

Perdi a oportunidade nessa altura, mas quando ele voltou, explicou-me que a digestão e assimilação, para eles, significava a redução das substâncias a condições elementares, nas quais primeiro eram desfrutadas e depois difundidas na matéria desorganizada. Não sei se esta explicação metafísica me tornou mais sábio do que era antes, mas talvez o leitor a compreenda melhor do que eu.

Quando Plimpton se retirou da mesa do lanche, encheu os bolsos de rebuçados e bolo. Levou também o meu canivete de bolso, um velho artigo de quatro lâminas que eu trazia há vários anos, mas que não tinha qualquer valor comercial real. Saiu tão subitamente que não teve tempo de explicar o motivo. Uma oportunidade surgiu pouco depois, quando fez a seguinte declaração curiosa:

«A minha intenção era levar o canivete até tua casa e colocá-lo perto do teu prato, para que o encontrasses na manhã seguinte quando te sentasses à mesa do pequeno-almoço. Ao fazer isto, queria surpreender-te e mostrar-te o poder que eu tinha de manter a materialização. Depois de conseguir força suficiente, como supus, desci a Seventh Street até à Smith, levando o canivete comigo. Na esquina da Smith, encontrava-se um grupo da irmandade de São Paulo, de pé à frente da igreja que acabara de terminar a cerimónia, quase bloqueando o passeio. Tentei contorná-los, mas não consegui, e então forcei a passagem pelo meio deles; mal me envolvi na atmosfera deles, na sua aura, esta envenenou-me até eu me dissolver, e o canivete caiu no chão. Um velho de cabelo grisalho apanhou-o, e receio que nunca mais o recuperes.»

Esta é, o mais fielmente possível, a história de Plimpton. Contém vários pontos dignos de reflexão séria. Mas o leitor inteligente reconhecerá esses pontos sem a minha ajuda. O morto Hamlet caminhou pelas ruas de Wittenberg à meia-noite! Por que não poderia Plimpton caminhar pelas ruas de Cincinnati, sob a mesma lei eterna da materialização, que hoje é muito melhor compreendida do que naquela época? Digam-nos por que não!

Após Napoleão, o seu primeiro oficial e Plimpton terem banqueteado e desaparecido, o médium e eu afastámos a mesa e voltámos a posicionar-nos no centro da sala da frente, sob a luz do gás. Ali estivemos cerca de cinco minutos quando uma jovem saiu do «curral» e

avançou rapidamente até nós. Fez uma vénia, beijou a mão e pareceu satisfeita. Usava um vestido de tecido fino e escuro, suficientemente comprido para cobrir os joelhos, com mangas curtas e decote baixo. Poderá ter usado meias-calças, mas os pés e as pernas bem torneadas pareciam-me nus. O cabelo escuro caía-lhe em abundância pelas costas. Os olhos eram grandes, castanhos e brilhantes. Segurava entre os dedos longos e finos uma única fiada de contas grandes iridescentes. Formando uma taça com a mão esquerda, mergulhava repetidamente as contas nessa taça, até que, em poucos segundos, à fiada inicial se juntou outra.

Continuou esta espécie de tarefa durante seis ou oito minutos; o número de fiadas e o volume de contas aumentaram tanto que já não conseguia manejar mais. Então pendurou-as, deslumbrantes, ao pescoço e recuou quase até ao gabinete. Ali posou uns segundos, como se fosse iniciar uma dança. Levantou ligeiramente a saia, revelando uma profusão de saiotes brancos, e depois saltou para a frente com um movimento gracioso, descrevendo uma linha de beleza com a curva do braço e da mão esquerdos, enquanto a cabeça e o pescoço régios ondulavam com graça de cisne.

Qualquer tentativa sistemática de descrever a agilidade e a graça desta mulher encantadora ficaria aquém da realidade. Vi Celeste, Blister, Moriscea, Bella e outras célebres primeiras bailarinas no palco, mas nenhuma me impressionou com a admiração e o assombro que esta mulher despertou. A sua exibição era completamente nova — movimento, expressão e pose. Por vezes, os pés e o corpo rodopiavam (em pirueta) tão rapidamente que era impossível distinguir a sua forma de uma massa nebulosa de luz pulsante. Depois, subitamente, daquela vertigem de movimento, daquela fantasmagoria palpitante, emergia novamente a forma régia de uma mulher bela.

Enquanto esta dança e transfiguração decorriam, «Skiwaukee» e «Black Hawk», dois grandes e antigos espíritos indígenas, trajados à maneira aborígene, percorriam a sala, examinando curiosamente tudo o que viam. «Ski» trouxe-me um cachimbo partido e pediu-me que o consertasse. «Hawk» abriu a porta da frente e manteve-a entreaberta, enquanto ambos espreitavam para as pessoas que passavam no passeio iluminado pelo sol. Estes dois índios são poderosos auxiliares na

materialização de espíritos e pertencem à «irmandade» da Sra. Fairchild. «Ski» afastou-se da porta e dançou uma ronda com a prima donna, com uma graça, acabamento e dignidade de passos que me surpreenderam. Todos se divertiram e disseram que «tinham passado muito bem», tal como os mortais tolos costumam dizer. As manifestações terminaram abruptamente quando o médium anunciou: «Eles usaram toda a força!» Quis perguntar «Que força?», mas contive-me.

Na manhã do dia 5 de outubro, encontrava-me sozinho sob a luz do gás na sala da frente do médium. Ela estava na outra extremidade da sala, ocupada com uma caixa de música avariada. Num instante, tão rápido como a luz, Solon Robinson surgiu e ficou ao meu lado. Pareceu sair da minha própria bota. Não sei de onde veio, mas veio na mesma. É humilhante ser tão ignorante! Mas «Eu sou assim, nasci assim!», como dizia Topsy. O espírito usava uma bata de escritório desbotada e uma touca. O longo cabelo branco, a barba e a figura esguia dão a este espírito uma individualidade física muito marcada. Pegou-me no braço e caminhámos lentamente para cima e para baixo nas salas meia dúzia de vezes, durante as quais ele disse:

«Folgo com a oportunidade de voltar a falar contigo. O tempo está a aproximar-se rapidamente em que influenciaremos mais as ações dos homens do que a fé cega que fere e sufoca as suas mais nobres aspirações. Os homens viverão mais livres à luz da ciência, da razão e do bom senso do que agora! A superstição, mãe da intolerância, assim como a ignorância é da intransigência, desaparecerá sob os raios esclarecedores da verdade.»

Robinson fala com ponderada deliberação, e tudo o que diz parece ser convicção sólida da sua cabeça e do seu coração. A sua dicção é diferente da de Plimpton, que exprime os seus pensamentos num jorro rápido e agressivo de palavras vivas, que brotam como uma lava ardente e explosiva da cratera de um vulcão ativo. Robinson segurava-me o braço quando começou a afundar-se no chão, mas perdeu a força e dissolveu-se em intangibilidade.

Pouco depois de ele desaparecer, a minha filha Anna, um espírito adorável, saiu do recinto para me encontrar. Deu meia dúzia de passos e parou. Fui ao seu encontro e ela envolveu-me o pescoço com os braços e beijou-me repetidamente! Estava feliz por me ver e enviou mensagens

de amor à irmã. Não tinha força suficiente para suportar tanta luz e regressou ao gabinete, desvanecendo-se no limiar. Em seguida saiu do curral, com passo silencioso e graça feminina,

JOSEPHINE BONAPARTE

Caminhou até ao lugar onde estávamos sentados sob a luz do gás na sala da frente; estava vestida de renda, drapejando a sua forma régia da cabeça aos pés. Usava joias no braço bem torneado e no pescoço. Fez uma graciosa vénia, depois passeou-se de um lado para o outro nas salas várias vezes. A cauda de renda varria o tapete em dobras belas e ondulações encantadoras. Não compreendo o propósito desta apresentação tão cuidada. Espiritualmente, o vestuário é considerado uma bela arte com uma missão semelhante à das flores. O amor do belo é um atributo da economia divina e abrange a arquitetura, a pintura e a escultura.

Depois desta exibição de indumentária, Josephine colocou-se perto de mim e falou da sua adorada França. Disse que ela e Napoleão ergueriam ainda o seu povo da degradação da intolerância e da superstição para a pura luz da razão e da liberdade.

Em seguida retirou-se para o recinto e, quando entrou, «Redrose», o espírito dançarino, saiu e dançou novamente como no dia anterior. Os movimentos eram diferentes, mas igualmente desconcertantes. Enquanto dançava, Skiwaukee trouxe-me um copo de água e, pouco depois, entregou-me um copo de xerez, que disse ter feito a partir da atmosfera. Provei o vinho e achei-o «de boa qualidade».

FIGURAS ILUMINADAS

As portas de separação entre a sala da frente e a dos fundos foram agora fechadas por ordem de uma voz independente vinda do gabinete. Depois de apagarem o gás e fecharem a porta, a sala dos fundos ficou completamente às escuras. O médium sentou-se de um lado do gabinete, eu do outro. Poucos minutos depois de as portas serem fechadas, a sala tornou-se «clara como um lírio em flor», com o aparecimento de uma mulher de traços belíssimos e pele de tom oliva. Estava vestida com um traje luminoso. Não sei como descrever esta vestimenta. Cada fio emitia luz e parecia feito de raios de sol. Pulsava com brilho — oh, quão intenso! Cobria toda a forma daquela bela

morena como um véu nupcial e pendia em graciosas dobras, desde a cabeça até ao chão. Na frente do vestido, ornamentos de encantamento indescritível cintilavam com brilho. Usava uma coroa de pedras preciosas na testa e os braços morenos e arredondados estavam cobertos de adornos. Não pronunciou palavra e apenas uma ou duas vezes fez um movimento de cabeça ou do corpo em resposta a algo que eu disse.

Após ficar sozinha durante quatro ou cinco minutos, um homem alto, de tez semelhante, saiu do gabinete e colocou-se ao seu lado. Usava roupa justa, como um arlequim, mas sobre ela um manto de trama e urdume luminosos. A roupa interior era escura, mas incrustada com placas brilhantes de ouro. Ela pousou a cabeça no peito dele e olhou-lhe para o rosto. Parecia feliz no seu amor.

Enquanto olhava e admirava estes estranhos visitantes, chegaram mais dois e juntaram-se ao grupo. Os meus olhos nunca haviam repousado num quarteto tão estranho. A luz que emanava das suas roupas deixou-me atordoado. Oh, quão impotentes são as palavras para descrever esta hoste celestial! Pela primeira vez senti-me dominado pelos pensamentos e desejei não ver mais. Eram representantes do antigo Egito, os Ptolomeus e os Faraós, e faziam parte do grupo que controlava as manifestações que acabo de registar.

146 Smith Street, Cincinnati, Ohio.